

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo  
PUC-SP

Raul Andreucci

**A produção de São Paulo como cidade-sede da Copa do Mundo de 2014**  
Um estudo do contraste entre as imagens criadas pela candidatura e o noticiário  
no período anterior à oficialização como um dos palcos do megaevento

Mestrado em Ciências Sociais

São Paulo  
2016

Raul Andreucci

**A produção de São Paulo como cidade-sede da Copa do Mundo de 2014**

Um estudo do contraste entre as imagens criadas pela candidatura e o noticiário no período anterior à oficialização como um dos palcos do megaevento

Mestrado em Ciências Sociais

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Mônica Muniz Pinto de Carvalho

São Paulo

2016

Banca Examinadora

---

---

---

À minha mãe, Cristina, pelo cuidado de sempre, com todo o seu entusiasmo, otimismo e apoio a qualquer hora.

À minha orientadora, Mônica, pelo carinho em todas as etapas desse aprendizado, das cobranças às ideias geniais.

E, principalmente, à minha esposa, Marcela, pelo companheirismo ao longo de toda a jornada, com ajudas de todo tipo e tamanho, muito amor e, principalmente, paciência.

Agradeço ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, o CNPq, pela Bolsa de Estudos que me foi concedida por 24 meses, entre janeiro de 2014 e dezembro de 2015. O apoio financeiro da instituição ao estudo e à pesquisa foi fundamental para possibilitar a concretização desta dissertação de Mestrado.

## Agradecimentos

A primeira vez que escrevi uma seção como esta, no Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do curso de Comunicação Social com especialização em Jornalismo, também na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), quis contemplar a todos que me cercavam com a alegria daquela conquista, o passo crucial para a formação e oficialização como profissional da área em que até hoje atuo. Por isso, oito anos depois, entendo o exagero de que alguns me alertaram. Integrei pessoas próximas, mas não necessariamente íntimas; queridas, mas à parte daquela jornada.

Desta vez, nesta dissertação de Mestrado, mais maduro (e provavelmente menos do que quando fiz o mesmo para o Doutorado), sem diminuir o carinho por muitos ou esquecer a importância que tiveram em minha vida em determinado episódio ou com quem compartilhei algum momento delicado e/ou delicioso, permito-me agradecer àqueles que, de fato, estiveram comigo nos últimos anos ouvindo sobre este processo, contribuindo cada um à sua maneira.

Para além de minha mãe, Cristina, minha orientadora, Mônica, e minha esposa, Marcela, as três a quem mais devo a realização deste trabalho — ao lado do apoio financeiro do CNPq —, gostaria de agradecer à minha família, aquela que está sempre em casa esperando, apoiando-me silenciosamente nas exaustivas horas de escrita, os incríveis Dolores, Mandela e Yoda.

Agradeço de coração aos meus irmãos de sangue, João Gabriel, por ouvir, como sempre, e Caio, com quem dividi os primeiros deslumbramentos e decepções da vida acadêmica e, principalmente, pelo papel decisivo nesta dissertação; aos meus irmãos extraoficiais, bônus desta vida, meu primo Luquinhas, sem quem jamais teria tido esse último semestre, parceiro nos últimos dias, e Rogger, que, mesmo distante, ouviu todas as minhas angústias, contou suas peripécias e soube ser o ombro amigo; e ao meu avô Ricardo, de quem não sou mais tão próximo como anos atrás, mas em quem sempre penso como um dos primeiros a quem gostaria de apresentar qualquer conquista, como esta, e que também ajudou com suas críticas precisas.

Agradeço ainda aos grandes amigos: Cesão, pelas trocas de confidências e pelos momentos de hedonista fatigado; Santini, pela sabedoria prática e pelas cobranças de irmão mais velho; Mello, pelo companheirismo mesmo na hora do aperto; Pulga, primeiro incentivador deste Mestrado; Jorge e Mari, pelas farras e compartilhamentos que só uma amizade verdadeira permite; e Lucão, pela amizade eterna que aprendeu a acomodar as diferenças ideológicas. E, por último, apenas nesta ordem, não por relevância, ao meu psicoterapeuta, Denis, pelo espaço para acolher e por acreditar.

## Resumo

ANDREUCCI, R. **A produção de São Paulo como cidade-sede da Copa do Mundo de 2014:** Um estudo do contraste entre as imagens criadas pela candidatura e o noticiário no período anterior à oficialização como um dos palcos do megaevento. 2016. Tese (Mestrado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP.

Como o conceito de *cidade global* relaciona-se ao de *megaeventos* a ponto de torná-lo um *status* ainda mais cobiçado por cidades do mundo todo. Como São Paulo, postulante a *cidade global*, insere-se no processo de candidatura a cidade-sede da Copa do Mundo de 2014, um *megaevento* organizado pela FIFA. Como funciona a candidatura de uma cidade a cidade-sede de uma Copa e, no caso paulistano, quem são os principais atores e a quais etapas tiveram de se submeter. O estudo do período anterior à oficialização de uma cidade como cidade-sede do Mundial. Quais os documentos, seus momentos, suas funções e, principalmente, como a candidatura paulistana vendeu a imagem de São Paulo. Como os jornais do mesmo período, entre dezembro de 2006 e maio de 2009, retratam a cidade. O contraste entre a imagem oficial de uma candidatura a megaeventos e a análise crítica de um jornal considerado parte da opinião pública.

Palavras-chave: Copa do Mundo de 2014, megaevento, São Paulo, cidade global, cidade-sede

## Abstract

ANDREUCCI, R. **The production of São Paulo as host city of World Cup 2014:** A study on the contrast between the images created by the application and the news on the period previous to the confirmation as one of the megaevent's stages. 2016. Thesis (Master's Program). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP.

How the *global city* concept relates to the *megaevents* concept to a certain point that turns it into a *status* even more desired by cities all over the world. How São Paulo, a *global city* candidate, participates in the host city bidding process for the 2014 World Cup, a FIFA's *megaevent*. How does a World Cup host city bidding process work and, in São Paulo's case, who are the main actors and which steps should the city undertake. A study of the period before the formalization as World Cup host city. Which documents, its moments, its functions and, mainly, how São Paulo's bidding promoted São Paulo's image. How the newspapers from the same period, between December 2006 and May 2009, portray the city. The contrast between a *megaevents* bidding official image and the critical analysis of a newspaper considered part of the public opinion.

Keywords: World Cup 2014, megaevent, São Paulo, global city, host city



## Sumário

|                                                                  |     |
|------------------------------------------------------------------|-----|
| INTRODUÇÃO.....                                                  | 10  |
| CAPÍTULO 1 .....                                                 | 18  |
| 1.1 O que São Paulo quer?.....                                   | 18  |
| 1.2 O que a FIFA quer? .....                                     | 24  |
| 1.3 Um processo em comum .....                                   | 30  |
| 1.3.1 A candidatura brasileira.....                              | 32  |
| 1.3.2 A candidatura de São Paulo.....                            | 54  |
| CAPÍTULO 2 .....                                                 | 87  |
| 2.1 Candidata coadjuvante.....                                   | 88  |
| 2.1.1 Produzindo a imagem da cidade para os avaliadores .....    | 88  |
| 2.1.2 Avaliando a imagem da cidade na visão dos avaliadores..... | 116 |
| 2.2 Candidata protagonista .....                                 | 122 |
| CAPÍTULO 3 .....                                                 | 128 |
| 3.1 Considerações iniciais .....                                 | 128 |
| 3.2 Se espremer, sai sangue.....                                 | 132 |
| 3.3 A cidade como ela é (vista) .....                            | 164 |
| 3.4 Esporte em Sampa .....                                       | 254 |
| 3.5 As nossas Copas .....                                        | 297 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS .....                                       | 337 |
| BIBLIOGRAFIA .....                                               | 342 |
| ANEXO 1 - BÚSSOLA.....                                           | 345 |
| Principais siglas, significados e sinônimos da dissertação ..... |     |
| ANEXO 2 - BÚSSOLA.....                                           | 347 |
| Principais atores.....                                           |     |
| ANEXO 3 - DOCUMENTOS .....                                       | 350 |
| Breve explicação dos principais documentos.....                  |     |
| ANEXO 4 - JORNAIS .....                                          | 356 |
| Regras para a pesquisa, seleção e catalogação de notícias .....  |     |
| ANEXO 5 - JORNAIS .....                                          | 366 |
| Exemplo de pesquisa em jornais .....                             |     |
| ANEXO 6 – JORNAIS.....                                           | 369 |
| Os tipos de destaques na capa dos jornais .....                  |     |
| ANEXO 7 – JORNAIS.....                                           | 375 |
| Gráficos: resultados dos levantamentos em jornais.....           |     |

## INTRODUÇÃO

O anúncio da sede da Copa do Mundo<sup>1</sup> de 2014, na casa da FIFA<sup>2</sup>, em Zurique, na Suíça, no dia 30 de outubro de 2007, não teve qualquer suspense, ar de mistério ou mesmo surpresa, como costuma acontecer em cerimônias do próprio Mundial, naquelas equivalentes das Olimpíadas, ou em premiações culturais, a do Oscar, por exemplo, famoso por homenagear os melhores filmes de cada ano com pompa e holofotes. Não havia motivo para tanto. O Brasil, candidato único, teve apenas a confirmação de que estava, sim, apto a ser o anfitrião do torneio de futebol.

Começava ali, naquela data histórica, a verdadeira concorrência: entre as cidades brasileiras. Por 19 meses, as 18 capitais<sup>3</sup> de estado indicadas pela CBF<sup>4</sup> como habilitadas para receber jogos da Copa do Mundo lutariam para ser oficializadas como cidades-sede. Na Europa, num dia de festa e muita “patriotada”<sup>5</sup> por parte do então presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva e sua comitiva<sup>6</sup>, ainda não estava definido o número de cidades-sede — que

---

<sup>1</sup> O torneio de futebol profissional organizado pela FIFA que reúne seleções nacionais a cada quatro anos em um país diferente para uma disputa esportiva será, aqui nesta dissertação, por sua recorrência, chamado, além de “Copa do Mundo”, também por “Copa”, “Mundial” ou “torneio”, podendo ou não estar acompanhado do ano/edição.

<sup>2</sup> FIFA é a sigla para *Fédération Internationale de Football Association*, geralmente traduzida no Brasil para Federação Internacional de Futebol, órgão máximo do futebol e responsável, entre outras atribuições, pela escolha das sedes e da organização, junto a governos locais, de cada edição da Copa do Mundo. O resumo das siglas será explicado em nota de rodapé em sua primeira aparição, mas as principais, aquelas mais usadas, estão disponíveis para consulta no **ANEXO 1**.

<sup>3</sup> As 18 candidatas a cidade-sede da Copa de 2014: Belém (PA), Belo Horizonte (MG), Brasília (DF), Campo Grande (MS), Cuiabá (MT), Curitiba (PR), Fortaleza (CE), Florianópolis (SC), Goiânia (GO), Maceió (AL), Manaus (AM), Natal (RN), Porto Alegre (RS), Recife (PE), Rio Branco (AC), Rio de Janeiro (RJ), Salvador (BA) e São Paulo (SP).

<sup>4</sup> CBF é a sigla para Confederação Brasileira de Futebol, responsável pela organização do futebol brasileiro e, no caso de candidaturas a eventos continentais ou mundiais deste esporte, como foi para a Copa de 2014, a representante do País e, portanto, única aceita pela FIFA para manifestar o desejo de receber esses torneios e submeter uma candidatura.

<sup>5</sup> Segundo relato do “enviado especial a Zurique” do jornal *Folha de S.Paulo*, Marcelo Ninio, nas primeiras linhas da reportagem de capa do caderno de Esporte, página D1, de 31 de outubro de 2007, dia seguinte à oficialização do Brasil como país-sede, sob o título “Nacionalismo marca volta da Copa ao país após 57 anos”, “O que marcou foi a exaltação nacionalista de políticos, cartolas e membros do estafe da CBF durante a cerimônia na FIFA, em Zurique. Essa postura descambou para a reação irritada do presidente da CBF, Ricardo Teixeira, quando um jornalista estrangeiro questionou problemas de segurança no país. O presidente da FIFA, Joseph Blatter, repreendeu a repórter. Já o técnico Dunga cobrava ‘patriotismo’ da imprensa nacional. O tom nacionalista da delegação brasileira perdurou desde o discurso de abertura de Teixeira até o agradecimento final do presidente Lula. Sobraram promessas de que a Copa será boa para o país e de que o mundo se surpreenderá positivamente com a competição. O ministro do Esporte, Orlando Silva Jr., em seu discurso, resumiu ao dizer que o Brasil é ‘uma pátria de chuteiras’, citando Nelson Rodrigues.”

<sup>6</sup> Na mesma reportagem da nota anterior, Marcelo Ninio descreve resumidamente a comitiva: “No auditório [da sede da FIFA, em Zurique, na Suíça] lotado, em que se destacava a grande comitiva brasileira, com 12

acabaria ficando em 12<sup>7</sup>. A única certeza era de que a Fifa não aceitaria 18, como sonhavam os brasileiros.

Os favoritos já eram de conhecimento geral. Afinal, como excluir Rio de Janeiro, cartão-postal do Brasil, ou São Paulo, o centro cultural e financeiro do país? As duas cidades pareciam mais do que certas como cidades-sede do Mundial, assim como outras capitais importantes na economia, na história e/ou no turismo do país. A imprensa não se incomodava em repetir essa constatação ao longo da cobertura, nem mesmo na hora do anúncio oficial<sup>8</sup>. Motivados, supõe-se, também pelo único parecer da FIFA antes da oficialização das cidades-sede, o *Bid Inspection Report*, o *relatório dos inspetores*<sup>9</sup>, decisivo para coroar a candidatura brasileira. No documento, São Paulo é considerada “one of the great cities of the world” [“uma das grandes cidades do mundo” - tradução minha] e como candidata a palco de abertura, deixando o encerramento para o Rio<sup>10</sup>.

---

governadores, três ministros (...) e ao menos duas dezenas de acompanhantes, predominou o clima de celebração (...).”

<sup>7</sup> As 12 cidades-sede da Copa de 2014: Brasília (DF), Belo Horizonte (MG), Cuiabá (MT), Curitiba (PR), Fortaleza (CE), Manaus (AM), Natal (RN), Porto Alegre (RS), Recife (PE), Rio de Janeiro (RJ), Salvador (BA) e São Paulo (SP).

<sup>8</sup> Na edição do dia 1 de junho de 2009 do programa “SPTV 1ª edição”, noticiário local da Grande São Paulo, transmitido de segunda a sábado pela Rede Globo, maior emissora do Brasil, o narrador de esportes Cléber Machado entrou no ar para uma participação especial, a fim de contar sobre o anúncio das cidades-sede da Copa do Mundo de 2014, ocorrido no dia anterior, em Nassau, nas Bahamas. Começou dizendo, sem dedos, que: “A cidade de São Paulo, naturalmente, foi uma das escolhidas. Agora resta saber o que será feito no Morumbi, se o Morumbi será mesmo o estádio”. Após a reportagem, de volta ao estúdio, Machado reforçou essa ideia: “Bom, que a cidade de São Paulo seria uma das cidades não havia dúvida nenhuma. Em 1950, o Brasil foi sede da Copa e tivemos jogos aqui no Pacaembu. Claro, maior cidade do Brasil, a sexta cidade do mundo, naturalmente teria jogo da Copa do Mundo. A questão agora é essa, da abertura da Copa. Belo Horizonte quer também ser palco do jogo de abertura, Brasília corre por fora, mas São Paulo tem todas as condições.” [vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=k66oYZebSRo>]

<sup>9</sup> Os principais documentos analisados nesta dissertação e, portanto, mencionados com frequência, atendem tanto pelos nomes oficiais com que foram produzidos e/ou divulgados como por sinônimos, por mim estabelecido para evitar tantas repetições e por melhor sintetizar o que cada um significa; para, enfim, facilitar a leitura. Um resumo desses principais documentos e, ao mesmo tempo, um guia para sua rápida compreensão antes das seções em que são abordados ou mesmo para consulta em qualquer instante de dúvida, estão no **ANEXO 3**, no fim desta dissertação.

<sup>10</sup> O trecho do *Bid Inspection Report* [*Relatório de Inspeção de Candidatura*] que revela isso está na página 29 do documento: “Various representations were made to the inspection team during their stay in Brazil concerning the award of the opening match to Sao Paulo and the final to Rio de Janeiro should the 2014 FIFA World Cup™ be awarded to Brazil. If FIFA were to assign the opening match to Sao Paulo, then in all probability, the Congress would take place in Sao Paulo. Sao Paulo is one of the great cities of the world and as such, it has all the necessary function space, transport and accommodation infrastructure to accommodate the FIFA Congress.” [“Várias recomendações foram feitas para o time de inspetores durante nossa estadia no Brasil de que se deveria conceder a honra do jogo de abertura a São Paulo e, da final, ao Rio de Janeiro, caso o Brasil seja escolhido para sede da Copa do Mundo de 2014. Se a FIFA decidisse pelo jogo de abertura em São Paulo, então, provavelmente, o Congresso também seria na cidade. São Paulo é uma das grandes cidades do mundo e, como uma, tem todo o espaço funcional necessário, transporte e infraestrutura de acomodação para receber o Congresso da FIFA” - grifo nosso]

Disponível em: [http://www.fifa.com/mm/document/affederation/mission/62/24/78/inspectionreport\\_e\\_24841.pdf](http://www.fifa.com/mm/document/affederation/mission/62/24/78/inspectionreport_e_24841.pdf)

Parecia impossível a maior cidade do país ficar fora da Copa do Mundo de 2014. Os números reforçavam essa ideia: líder em termos populacionais, com estimativa em 11,8 milhões de habitantes<sup>11</sup>, e também na participação no Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro, com cerca de 11,4% do total<sup>12</sup>. No entanto, não podemos nos deixar levar por uma suposta naturalidade dos acontecimentos. Por mais facilitada que possa ter sido a candidatura paulistana por esses predicativos e pelo notório reconhecimento nos cenários interno e externo, foi preciso entrar no jogo da candidatura para conseguir a vitória. Assim como as outras 11 cidades-sede<sup>13</sup>, São Paulo teve de participar, primeiro, do processo de candidatura nacional e, em seguida, tratar da sua própria candidatura. Mais do que os 19 meses em seguida à oficialização do Brasil como país-sede do torneio, compreendendo o período de novembro de 2007 a maio de 2009, contavam — e muito, como veremos a seguir — também os 11 meses anteriores a essa oficialização, entre dezembro de 2006 e outubro de 2007.

Os estudos acadêmicos ainda não deram conta desse escopo. Não existe, até o momento de conclusão desta dissertação, bibliografia que, de fato, analise como se dá a candidatura de uma cidade a cidade-sede de Copa do Mundo, buscando entender o processo da FIFA, o que exige, como atua e avalia; e da cidade, como é a organização e participação de cada etapa. E não há ainda conhecimento de algum outro trabalho que, para além de pesquisar, detalhar, didatizar e interpretar esse processo, compare as imagens criadas pela candidatura em torno de sua cidade àquelas provavelmente estabelecidas pela imprensa local durante o mesmo período, evidenciando o contraste entre a declaração oficial, submetida a um avaliador, e a visão do crítico, rotineira e contumaz.

O processo de candidatura, como pude apreender por me debruçar sobre o tema e a pesquisa para esta dissertação, é como um ritual que se repete para cada nova cidade, ainda que consideradas as particularidades de contexto histórico, peculiaridades da região e peso político

---

<sup>11</sup> Mais precisamente: 11.895.893 milhões de habitantes. O número é uma estimativa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), divulgado no segundo semestre de 2014, com data de referência o dia 1º de julho. Para efeito de comparação, a população paulistana é maior do que a de 22 Estados e do Distrito Federal. O Estado paulista, aliás, também é o mais populoso, com 44.035.304 milhões de habitantes, o equivalente a mais de 21% do total da população brasileira, calculada em 202.768.562 milhões de pessoas. Disponível em pesquisa populacional dos municípios brasileiros: [ftp://ftp.ibge.gov.br/Estimativas\\_de\\_Populacao/Estimativas\\_2014/estimativa\\_dou\\_2014.pdf](ftp://ftp.ibge.gov.br/Estimativas_de_Populacao/Estimativas_2014/estimativa_dou_2014.pdf)

<sup>12</sup> Informação também do IBGE, mas do fim de 2014, referente ao ano de 2012. O montante paulistano corresponde a R\$ 499,3 bilhões, mais do que o dobro do segundo colocado, o Rio de Janeiro, com R\$ 220,9 bilhões. O montante total está no próprio IBGE [<http://brasilemsintese.ibge.gov.br/contas-nacionais/pib-valores-correntes>], números separados na *Exame*: <http://exame.abril.com.br/economia/noticias/as-20-cidades-com-mais-peso-no-pib-e-sua-evolucao#13>

<sup>13</sup> As 12 cidades-sede da Copa de 2014: Brasília (DF), Belo Horizonte (MG), Cuiabá (MT), Curitiba (PR), Fortaleza (CE), Manaus (AM), Natal (RN), Porto Alegre (RS), Recife (PE), Rio de Janeiro (RJ), Salvador (BA) e São Paulo (SP).

de cada uma — pensando no caso brasileiro. Dessa forma, baseado na candidatura das cidades a cidade-sede do Mundial de 2014, identifiquei cinco etapas, por mim assim tipificadas:

- *candidata coadjuvante*: do momento em que a cidade adere ao projeto de candidatura do país a país-sede, como uma das inscritas no projeto nacional habilitadas a receber jogos e capazes, portanto, de vir a ser cidades-sede, até a data de oficialização do seu país como país-sede;
- *candidata protagonista*: do momento seguinte àquele em que se oficializa o país como país-sede até a data de definição, também oficial, da cidade como uma das cidades-sede;
- *futura sede*: do momento subsequente à oficialização da cidade como cidade-sede, quando passa a empreender esforços para atender às exigências e determinações da FIFA, previstas em contrato ou requeridas durante esse período para que tudo saia como acertado, até a cerimônia de abertura;
- *sede oficial*: da cerimônia de abertura, quando se inicia o torneio, até a cerimônia de encerramento, que coroará uma seleção como campeã do mundo, geralmente ao longo de um mês, quando tem de se preocupar para que tudo corra bem;
- *sede*: a partir do encerramento, quando, de imediato, terá de lidar de alguma forma com o legado (não importa se positivo ou negativo) e enquanto a cidade mantiver viva em sua história esse momento histórico e/ou mostrar-se interessada em exibir o *status* de anfitriã do torneio.

Entre os estudos acadêmicos, o foco está nesses três últimos momentos. As duas principais obras produzidas sobre o assunto, motivadas pelo que de mais próximo tivemos de megaevento esportivo antes da Copa de 2014 e das Olimpíadas de 2016, os Pan de 2007<sup>14</sup>, mostram o seguinte:

---

<sup>14</sup> Entre as obras que abordam o tema “megaeventos”, também com foco nesses três momentos, mas estas publicadas anteriormente ao Pan de 2007: 1) *XIX Olimpíada México 1968 - Aspectos Técnicos Evolutivos*, organizado por Lamartine DaCosta, com “observações sobre caracterização de infra-estrutura e funcionamento dos Jogos Olímpicos de 1968, somadas a observações sobre nove modalidades esportivas e medicina do esporte

- (i) *Legados de Megaeventos Esportivos*, publicação de 2008 do Ministério do Esporte em parceria com o Conselho Federal de Educação Física (CONFEF) e com os Conselhos Regionais de Educação Física (CREFs)<sup>15</sup>, fruto do “Seminário de Gestão de Legados de Megaeventos Esportivos”, realizado em maio daquele ano, no Rio de Janeiro, em cuja introdução Lamartine DaCosta, um dos organizadores, confirma ter sido “estipulado *como objetivo do presente texto* o levantamento de origens, pressupostos e perspectivas dos estudos e pesquisas sobre megaeventos esportivos produzidos e em produção no exterior e no Brasil, de modo a se ter uma avaliação do estado do conhecimento desta área de saber e ***sobretudo de seu resultado mais proeminente: o legado***<sup>16</sup>” [grifo nosso];
- (ii) *Megaeventos esportivos, legado e responsabilidade social*, publicação de 2007 da editora Casa do Psicólogo, “produto do II Seminário de Estudos Olímpicos, promovido em 2007 pela USP”, em que a organizadora Katia Rubio, também no

---

obtidas durante o evento in loco”; 2) *O Legado dos Jogos Olímpicos, 1984-2000*, editado por Miquel de Moragas, “com a pretensão de levantar o estado da arte dos conhecimentos produzidos sobre megaeventos e legados no exterior e no Brasil”.

<sup>15</sup> Contou com o apoio de SESI DN, SESC Rio e Universidade Gama Filho - RJ.

<sup>16</sup> O texto sobre o “Seminário ‘Gestão de Legados de Megaeventos Esportivos’: Pontos de Convergência”, propõe, sucintamente, formas de avaliar o legado: “a) Legados do evento em si: construções esportivas: estádios, arenas e outros equipamentos; construções de infra-estrutura da cidade, como obras de transporte (metrô e etc.), alojamento de atletas; compras de equipamentos esportivos, de segurança, telecomunicações, informática, etc.; ocupações de empregos temporários e/ou permanentes; abertura de novas possibilidades e oportunidades de trabalho especializado; promoção e realização de outros eventos; aumento da procura de práticas de atividades físicas por parte de população. b) Legados da candidatura do evento: aprendizado do processo de candidatura como, projetos, o processo em si e a organização prévia do evento; planejamento urbanístico da cidade-candidata que poderá ser utilizado pelo Poder Público, independente da realização do evento. c) Legados da Imagem do Brasil: projeção da imagem do país; projeção da imagem da cidade-sede dentro e fora do país, considerada como cultura urbana; projeção de oportunidades econômicas e de serviços que o país poderá oferecer; nacionalismo e confiança cívica, bem como o orgulho regional e nacional. d) Legados de Governança: planejamento participativo; cooperação de diferentes órgãos administrativos; parceria público-privada; liderança do poder público local. e) Legados de Conhecimento: treinamento e capacitação do pessoal envolvido na gestão do megaevento, desde gerente até voluntários. (know-how); ecos do voluntário que sugere a transmissão dos conhecimentos adquiridos por eles para sua comunidade, podendo se estender até na família e comunidade; transferência de conhecimento adquirido na gestão do evento (antes, durante e após) para futuros eventos similares; geração de informações e conhecimentos das instituições organizadoras do evento como, banco de dados, relatórios e outros, que poderão dar origem à produção de pesquisas científicas tanto nas universidades como em outros órgãos públicos e privados de fomento à pesquisa, inclusive, para possíveis publicações; desenvolvimento de estratégias para a contextualização do megaevento; referencial longitudinal para planejamento, execução e avaliação de intervenções, visando o desenvolvimento de legados e o estabelecimento de suas diretrizes; construção de estruturas adequadas, visando o aproveitamento futuro pela população.”

Disponível em: <http://www.listasconfef.org.br/arquivos/legados/Livro.Legados.de.Megaeventos.pdf>

texto de introdução, propõe pensar “os custos sociais e materiais do processo de candidatura e realização de megaevento na atualidade” com 19 autores.

Já são encontradas algumas obras, principalmente artigos e ensaios<sup>17</sup>, que reconhecem, inclusive, a produção limitada em torno do tema (TAVARES, 2011). Com a realização da Copa do Mundo de 2014 e as Olimpíadas de 2016, é de se esperar que surjam novos estudos sobre megaeventos esportivos, partindo das mais diferentes áreas do conhecimento. A maioria deve se concentrar em modelos próximos dos dois supracitados e provavelmente com o recorte variando entre os momentos como *futura sede*, *sede oficial* e *sede*.

Os dois primeiros momentos do processo de candidatura de uma cidade a cidade-sede do Mundial, como *candidata coadjuvante* e como *candidata protagonista*, revelaram-se, portanto, carentes de análise. Na minha dissertação, optei enveredar justamente por esse escopo, pois, além de contribuir para um campo pouco explorado, este estudo ajudará a detalhar episódios cruciais que, embora esquecidos ou menosprezados, não considero menos importantes para a compreensão de uma cidade enquanto candidata a cidade-sede, representada pelo caso de São Paulo para a Copa do Mundo de 2014. Vou me concentrar, portanto, nesses dois momentos da capital paulista:

- (i) como *candidata coadjuvante*, dos 11 meses anteriores à confirmação do Brasil como país-sede do Mundial, mais precisamente a partir de 13 de dezembro de 2006, quando da inscrição da candidatura brasileira pela CBF junto à FIFA, até o anúncio oficial, em Zurique, na Suíça, em 30 de outubro de 2007;
- (ii) como *candidata protagonista*, durante 19 meses, a contar, imediatamente em seguida à confirmação do Brasil como país-sede do Mundial, em 30 de outubro de 2007, quando passa, efetivamente, a se considerar candidata a cidade-sede, até a oficialização da sua condição de sede, em 31 de maio de 2009.

---

<sup>17</sup> Dois textos que ajudam a analisar a produção literária a respeito dos megaeventos no Brasil: 1) TAVARES, Otavio. Megaeventos esportivos. **Movimento**, Porto Alegre, v. 17, n. 3, p. 11-35, 2011. [[http://www.fee.rs.gov.br/wp-content/uploads/2015/05/20150529td-megaeventos-esportivos\\_-aspectos-economicos-urbanisticos-e-simbolicos.pdf](http://www.fee.rs.gov.br/wp-content/uploads/2015/05/20150529td-megaeventos-esportivos_-aspectos-economicos-urbanisticos-e-simbolicos.pdf)]; 2) Ricardo César Gadelha de Oliveira Júnior. Megaeventos esportivos: aspectos econômicos, urbanísticos e simbólicos. **Textos para discussão FEE**, Porto Alegre, texto nº 132, maio de 2015. [[http://www.fee.rs.gov.br/wp-content/uploads/2015/05/20150529td-megaeventos-esportivos\\_-aspectos-economicos-urbanisticos-e-simbolicos.pdf](http://www.fee.rs.gov.br/wp-content/uploads/2015/05/20150529td-megaeventos-esportivos_-aspectos-economicos-urbanisticos-e-simbolicos.pdf)]

Antes de chegar à análise desses dois momentos, precisamos entender por que São Paulo decidiu participar dessa candidatura. No **Capítulo 1**, discutiremos brevemente o conceito de *cidade global*, o suficiente para assimilar de que forma relaciona-se com o de *megaeventos*, a ponto de torná-lo um *status* ainda mais cobiçado por cidades do mundo todo. Em seguida, cientes das intenções dos paulistanos, debruçar-nos-emos sobre a FIFA, mais precisamente as etapas do processo de candidatura da entidade, amparadas principalmente na análise da documentação exigida — das divulgadas às confidenciais. E, por fim, retornaremos à candidatura paulistana dentro dos dois momentos tipificados e definidos como o escopo desta dissertação. Com a ajuda de atores fundamentais no processo, entrevistados especialmente para este trabalho, e de um levantamento exaustivo em edições diárias do jornal *Folha de S.Paulo*, entre dezembro de 2006 e maio de 2009, teremos um melhor panorama do contexto, da cronologia dos acontecimentos e dos papéis dos principais envolvidos — buscando esclarecer ao máximo pontos que, à época de seu acontecimento, talvez tenham passado despercebidos, esquecidos ou negligenciados pela opinião pública.

No **Capítulo 2**, serão explorados os documentos diretamente relacionados à candidatura da capital paulista, aqueles produzidos nos dois momentos, enquanto *candidata coadjuvante* e enquanto *candidata protagonista*. Entram nessa análise tanto os documentos produzidos pela candidatura de São Paulo, aqueles emitidos por representantes do poder público, confidenciais e exclusivos, garimpados para esta dissertação, exatamente em busca da aprovação da FIFA como digna da condição de cidade-sede, como aqueles documentos produzidos pela própria FIFA, alguns divulgados em seu site oficial, outros escondidos a sete chaves, referentes às avaliações que fizeram dos documentos das candidaturas e, logo, decisivos para o sucesso ou o fracasso de cada cidade. O objetivo foi procurar entender como se deu a produção, com que olhares, conceitos e, principalmente, com quais imagens buscou-se vender a cidade e de que forma, no limite do que se pode aferir nos documentos encontrados, esses olhares, conceitos e imagens foram assimilados.

Para entender melhor alguns documentos antes que se fale deles de maneira mais profunda, preparei uma ficha técnica com informações e um resumo sobre cada um no **ANEXO 3**, no fim da dissertação. Antes de prosseguir para o **Capítulo 1**, recomendo uma leitura rápida desse anexo que, de qualquer maneira, ficará à disposição para consulta em momentos que o leitor entender necessários.

No **Capítulo 3**, o material de análise são as edições diárias do jornal *Folha de S.Paulo* também durante esses dois momentos, de São Paulo enquanto *candidata coadjuvante* e enquanto *candidata protagonista*. Vasculhei o acervo digital da publicação entre dezembro de



2006 e maio de 2009, contemplando todos os 913 dias ao longo dos 30 meses de escopo desta dissertação, sempre em busca de notícias relacionadas à capital paulista capazes, de alguma forma e sob qualquer aspecto, de contribuir para a criação de imagens e para o estabelecimento de símbolos para se entender a cidade. Mais do que vasculhar, criei um sistema de pesquisa, catalogação e, por fim, de tabulação e comparação crucial para descobrir quais os principais temas abordados na cobertura jornalística. A análise torna-se, portanto, um longo e interessante descritivo de São Paulo no olhar, neste caso, de um representante da imprensa, aquele potencializador do imaginário popular.

Explicação fundamental para o terceiro capítulo é a de como organizei a pesquisa, a seleção e a catalogação de notícias, processo descrito em detalhes no **ANEXO 4**. Separei um exemplo dessa organização e registrei uma curta descrição de como utilizei todo esse levantamento no **ANEXO 5**.

# CAPÍTULO 1

## 1.1 O que São Paulo quer?

A era dourada da economia americana, iniciada em 1945 com o fim da Segunda Guerra Mundial, acabou na década de 1970, com a recessão das indústrias de manufatura e de base de produção. O governo federal diminuiu a ajuda financeira que vinha sendo dada às cidades. Cada uma teve de buscar sua nova fonte de renda, dependendo inicialmente das taxas locais. Centros urbanos como Chicago e Los Angeles adotaram uma política de desenvolvimento econômico baseado no consumo e em serviços. Nova Iorque e São Francisco edificaram complexos de arte e entretenimento, centros de convenções, museus e shoppings, bem como dispuseram espaços para revendas, escritórios corporativos e governamentais. Outras, como Miami e Orlando, criaram um mundo particular, tornando-se “cidades-fantasia”, focando-se em atrações para visitantes, eventos de prestígio e festivais temáticos, numa construção desenhada para se conformar mais às imagens e expectativas do visitante do que às necessidades de quem lá vive (POYNTER, 2008).

Esse mesmo conceito, direcionado a Miami e Orlando, encontra um paralelo na produção de uma cidade para a recepção de um megaevento esportivo. A diferença é que, nas cidades americanas, a experiência procurada pelo turista é a realidade cotidiana dos moradores, e sua dinâmica urbana persiste mesmo depois de seu adeus - exatamente para continuar atraindo pessoas interessadas num determinado lazer que lhes é oferecido. Cidades anfitriãs de um megaevento esportivo vivenciam, por assim dizer, uma realidade alternativa, com uma atmosfera e características especialmente preparadas para aquela competição, geralmente por um mês. Como um circo itinerante, a competição passa, às vezes, causando desconfiança, revolta, para, em seguida à familiarização, despertar apreensão, alegria e festa - seguidas, na despedida, claro, da saudade e da depressão. As cidades-sede recebem, analogamente, esse circo itinerante, tendo, assim, um momento pontual de “cidades-fantasia”.

Segundo Poynter, as Olimpíadas conferem um prêmio atraente para cidades empreendedoras que procuram um pouco dessa fantasia em um futuro não muito distante. Tanto é assim que, cita, o número de candidatas para sediar este megaevento não para de crescer: “em 1992 envolveu mais de 20 cidades; aumentou para 40 cidades na competição em 2004 e, em 2008, mais de 50 cidades entraram na disputa” (POYNTER, 2008, p. 127). O que, afinal, há de

tão interessante nessa honraria - não apenas esportiva - para atrair tanta gente? Segundo POYNTER (2008, p.126-127),

**As Olimpíadas assumiram um crescente significado para cidades empreendedoras que procuram estimular a abordagem norteamericana para regeneração urbana e desenvolvimento, através do que os economistas têm denominado de desenvolvimento econômico com base no consumo (consumption led). O apelo desta abordagem para renovação urbana tem sido corroborado não somente pela elevada demanda decorrente de reestruturação econômica doméstica e de mudanças de modelos de consumo, mas também pelas correspondentes mudanças na economia internacional e, em particular, em setores como indústrias de mídia, telecomunicações, lazer, viagens e turismo. Estes setores têm assumido dimensões globais através de um complexo modelo de convergência tecnológica e de um desenvolvimento associado de mercado de massa (mass market) com base na televisão digital por satélite, produções de mídia global, viagens de longa distância a baixo custo e pacotes de férias. Enquanto os organizadores do evento olímpico podem estar recebendo algum benefício imediato proveniente da venda de direitos de cobertura da mídia, a cidade que recebe as Olimpíadas procura enaltecer sua imagem como uma metrópole adiantada, uma cidade ‘global’ e um centro internacional para comércio e negócios.**

Cidade global. São essas as palavras-chave, no final do excerto acima, que tanto justificam as cidades toparem se tornar “cidades-fantasia” em período marcado, curto, como cidades-sede, parte de um megaevento esportivo. Podem até se emocionar com a cerimônia de abertura, preocupar-se em estimular a atividade física ou encher o peito de orgulho por ter recebido um dos principais acontecimentos do mundo moderno. Tudo isso e muito mais pode estar no pacote do que leva uma cidade a entrar no pleito por um megaevento, mas o principal objetivo de quem entra na disputa é, sem dúvida, alcançar ou reforçar o seu *status* como cidade global e, assim, manter-se atraente para o capital financeiro, alvo de investimentos, caixa cheio.

Com o livro *As Cidades na Economia Mundial*, Saskia Sassen procurou desmistificar a ideia utópica e etérea vigente em torno das cidades de que a globalização (ou a globalização da atividade econômica) nas duas últimas décadas acabava com a importância das cidades, já que os fluxos de capital e informação prescindiriam, digamos, de um chão e um teto. Mostrou, então, que, apesar de se desindustrializarem, as cidades adquiriam, na verdade, outra centralidade, por exemplo, para empresas e instituições econômicas ou do setor terciário:

[...] as transformações ocorridas durante as duas últimas décadas na composição da economia mundial, acompanhando a mudança de direção na direção de prestação de serviços e das finanças, suscita **a renovada importância das grandes cidades como locais destinados a certos tipos de atividades e funções. [...] é precisamente a combinação da dispersão global das atividades econômicas e da integração global, mediante uma**

**concentração contínua do controle econômico da propriedade, que tem contribuído para o papel estratégico desempenhado por certas grandes cidades, que denomino cidades globais.** (SASSEN, 1991, p.16 – grifo nosso)

A diferença é que, hoje, qualquer companhia, de qualquer país, pode ter sua sede em qualquer lugar do mundo e ainda executar, a distância, operações diversas. Pode ter origem alemã, digamos, sede em território russo e, de lá, coordenar a exploração de um minério na China e vender para a África do Sul. Ou seja, a territorialização existe, ainda é preciso um lugar concreto, de verdade, onde é possível trabalhar de alguma forma, mas, assim como o capital, essa territorialização é uma territorialização flutuante. Procuram-se as condições mais interessantes de localização e, quando estas deixam de ser vantajosas, mudam de localização. Nos megaeventos, em particular, nem é preciso ter um motivo em especial, esperar que as condições da localização deixem de ser vantajosas. A “cidade-fantasia”, chamada de cidade-sede, tem hora marcada para acabar, uma verdadeira *territorialização fugaz*.

As cidades postulantes a esse circuito de cidades globais aceitam a tese de que, primeiro, é preciso “conquistar” um megaevento e, para isso, buscam atender ao receituário que melhor atingiu esse objetivo, o do *planejamento estratégico*, construído com base no sucesso de Barcelona como sede das Olimpíadas de 1992. O conceito ampara-se principalmente na ideia de vender a cidade como uma mercadoria, como se fosse possível uma fórmula mágica para lugares do mundo todo, cada um com suas realidades, especificidades, contextos, tradições e questões, em que se deve:

[...] promover a cidade para o exterior, **desenvolvendo uma imagem forte e positiva** apoiada numa oferta de infraestruturas e de serviços (comunicações, serviços econômicos, oferta cultural, segurança etc.) **que exerçam a atração de investidores, visitantes e usuários solventes à cidade e que facilitem suas ‘exportações’** (de bens e serviços, de seus profissionais etc.). (BORJA & CASTELLS, M. 1996, p.160 – grifo nosso)

O que me leva a concordar com a reflexão crítica de José Sette Whitaker Ferreira<sup>18</sup>:

[...] **as abordagens de autores como Sassen ou Castells** podem até ser razoavelmente coerentes com a realidade dos países desenvolvidos - embora duvidemos -, mas que **se transformam em um instrumento de ideologia quando são ‘generalizadas’ para cidades periféricas, como por exemplo São Paulo.** (FERREIRA, 2003, p.155 - grifo nosso)

---

<sup>18</sup> Por “catalães” o próprio Vainer destaca, em suas palavras, “Manuel de Forn e, sobretudo, Jordi Borja, seja no exercício de consultoria, seja na produção de textos em que se difundem, junto com a experiência de Barcelona [como sede da Olimpíada de 1992], as virtudes do novo modelo” (VAINER, 2000, p. 75).

Para serem *ciudades globais*, as cidades procuram, portanto, entre outras frentes, tornar-se cidades-sede de um *megaevento*, recorrendo ao que preconiza o *planejamento estratégico* e aceitando, conseqüentemente, o papel de uma “cidade-fantasia” pontual.

[...] as teorias da cidade-global e do marketing urbano que tratam as transformações urbanas como ‘consequências naturais’ de um novo paradigma econômico, são perigosas no sentido que revestem de certa naturalidade causal as ‘novas’ dinâmicas urbanas das cidades-globais, ignorando as manobras dessas elites endógenas à produção do espaço da cidade, e como se alinhar a esse paradigma urbano fosse quase que uma obrigação sensata de quem queira ver sua cidades sobreviver no mundo da competição global (FERREIRA, 2003, p.155 - grifo nosso)

Como muitas cidades ao redor do mundo, São Paulo também pleiteia seu lugar no circuito de cidades globais. A conceituação precisa do termo pode variar<sup>19</sup>, mas, de alguma forma, independente de ideologias, partidos ou prefeitos, seja lá quem estiver dentro da máquina municipal, participando da administração da capital paulista, ela tem entre seus objetivos: ser uma cidade global.

Na gestão de 2001 a 2005, a então prefeita Marta Suplicy criou com a Lei municipal nº 13.165, em 5 de julho de 2001, a Secretaria Municipal de Relações Internacionais (SMRI), para, como o texto da legislação explica, “coordenar convênios e projetos de cooperação internacional que envolvam a Cidade de São Paulo, **inserindo-a de forma ativa no cenário mundial, em razão de sua dimensão econômica, social e cultural**” [grifo nosso].

É por meio do que Otília Arantes chama de *culturalismo de mercado* que as cidades buscam sua inserção no disputado mercado internacional de investimentos:

De tal forma que a cultura [...] ao tornar-se imagem, quer dizer, representação e sua respectiva interpretação [...], acabou moldando, de um lado, indivíduos (ou coletividades ‘imaginadas’) que se autoidentificam pelo consumo ostensivo de estilos e lealdade a todo tipo de marca; de outro, o sistema altamente concentrado nos provedores desses produtos tão intangíveis quanto fabulosamente lucrativos. Trocado em miúdos, esse o verdadeiro “poder da identidade”. Daí a âncora identitária da nova urbanística. E como o planejamento estratégico é antes de tudo um empreendimento de comunicação e promoção, compreende-se que tal âncora identitária recaia de preferência na grande quermesse da chamada animação cultural. [...] **o que está aqui em promoção não é um produto inédito, a saber, a própria cidade, que não se vende, como se disse, se não se fizer acompanhar por uma adequada política de image-making.** (ARANTES, 2000, p.17 - grifo nosso)

<sup>19</sup> Literatura recomendada sobre cidades globais: Sassen, S. (1998); Ferreira, J. S. W. (2007); Arantes, O., Vainer, C. & Maricato, E. (2012).

Assim é que, tanto na gestão de Marta Suplicy como na de seus sucessores, houve esforço para atrair em quantidade e qualidade eventos nacionais e principalmente internacionais de reconhecida notoriedade, inclusive, se assim pode se dizer, grifes, com uma Secretaria da Prefeitura destacada especialmente pra esse fim. A cidade de São Paulo, inclusive, não se faz de rogada. Aceita todos os tipos de eventos. Em site sobre o turismo paulistano é definida como “capital sul-americana das feiras de negócios”, e calcula-se uma média de 90 mil eventos por ano, o que daria um número paradoxal de um evento a cada seis minutos no território paulistano<sup>20</sup>. Como uma forma de comprovar as palavras de Arantes, o mesmo site lista os principais eventos que São Paulo recebe, atualizado em fevereiro de 2016: 1) Virada Cultural – 4 milhões; 2) Parada Gay – 3 milhões; 3) Marcha para Jesus - 1,5 milhão; 4) Réveillon na Paulista – 2 milhões; 5) Salão do Automóvel – 756 mil; 6) Bienal do Livro – 720 mil; 7) Bienal Internacional de Arte - 535 mil; 8) Salão Duas Rodas – 260 mil; 9) Mostra Internacional de Cinema – 200 mil; 10) Grande Prêmio Brasil de Fórmula 1 – 150 mil; 11) Carnaval – 110 mil; 12) São Paulo Fashion Week - 100 mil.

Esses eventos ainda não são o suficiente para fazer de São Paulo uma *cidade global* aos olhos de uma das partes que mais conta, a das consultorias financeiras internacionais, responsáveis por sinalizar e direcionar o capital dos investidores estrangeiros. Para uma das mais importantes do segmento, a A.T. Kearney<sup>21</sup>, a capital paulista não está entre as cidades consideradas *ciudades globais*. Destaque mesmo só na “Perspectiva das Cidades Emergentes”<sup>22</sup>, em quarto lugar, atrás de Jacarta (Indonésia), Manila (Filipinas) e Addis Ababa (Etiópia), na lista referente àquelas que, em uma ou duas décadas, devem subir no *ranking* de *ciudades globais*<sup>23</sup>.

---

<sup>20</sup> Informação fornecida pela “São Paulo Convention & Visitors Bureau” em seu site oficial, o “visitesaopaulo”, no item “Eventos e Feiras de Negócios”, parte da página “Dados da Cidade”, na aba “São Paulo”, mais precisamente no seguinte link: <http://visitesaopaulo.com/dados-da-cidade.asp>.

<sup>21</sup> Como a própria se define (em <http://www.atkearney.com/gbpc/about>): “For 20 years, A.T. Kearney's Global Business Policy Council (GBPC) has been dedicated to helping business and government leaders worldwide anticipate and plan for the future. It's about powerfully imagining what may come, and in an ever-more turbulent world, our mission is more important than ever.” [grifo nosso]

<sup>22</sup> Tradução minha do título original: “Emerging Cities Outlook”.

<sup>23</sup> A avaliação é parte do estudo “Global Cities, Present and Future”, publicado em 2014 pela A.T.Kearney. A consultoria avaliou 84 cidades, cobrindo todos os continentes, com base em cinco áreas: as atividades de negócio, o capital humano, a troca de informações, as experiências culturais e o engajamento político. A pontuação de São Paulo, em relação ao levantamento anterior, de 2008, subiu de 22,1 para 23,4, sem alterar sua colocação (34°). As três primeiras do *ranking* são, nesta ordem, Nova York, Londres e Paris. Mais detalhes: <http://www.atkearney.com/documents/10192/4461492/Global+Cities+Present+and+Future-GCI+2014.pdf/3628fd7d-70be-41bf-99d6-4c8eaf984cd5>

Na avaliação, a consultoria diz que São Paulo é forte na área de negócios e, se continuar crescendo, tem tudo para alcançar os líderes. Contudo, por causa da segurança, talvez leve mais tempo<sup>24</sup>. Interessa destacar um dos critérios do *ranking*, o da “experiência cultural”<sup>25</sup>, explicado a seguir nas palavras da própria A.T. Kearney:

**Experiências culturais: avalia diversas atrações, incluindo o número de grandes eventos esportivos como cidade-sede;** número de museus, performances de arte e diversos estabelecimentos gastronômicos; número de turistas estrangeiros; e número de relações com cidades parceiras.<sup>26</sup> [grifo nosso]

Os “grandes eventos esportivos” são uma alusão clara às Olimpíadas e à Copa do Mundo. O que só reforça, mais uma vez, a necessidade de São Paulo (e outras cidades interessadas em se tornarem cidades globais) de concorrer, nas palavras de John Rennie Short, “por funções e espetáculos globais” para, ao menos e, antes de tudo, estar entre as “que-querem-ser-cidades-mundiais”:

[...] jogos olímpicos não são apenas uma oportunidade de ser a sede de um espetáculo global e, conseqüentemente, de reconhecimento internacional; eles também proporcionam uma oportunidade para negócios, transações imobiliárias. (SHORT, 1999, p.45)

Ferreira, que cita Short, lembra que a teoria do colega estadunidense assemelha-se com as teorias de cidades globais, mas sublinha a diferença:

[...] é que agora percebe-se, na ótica da “máquina de crescimento”, que **a verdadeira influência do novo cenário econômico sobre as cidades se dá não na sua conformação, mas sim sobre as dinâmicas de sua produção.** (FERREIRA, 2003, p.156 - grifo nosso)

A cidade é, cada vez mais, produzida com olhar empresarial, tratada como mercadoria. Nas palavras de Carlos Vainer sobre o tema:

<sup>24</sup> Baseado em trecho do estudo “Global Cities, Present and Future” que segue: “São Paulo is already very strong in business activity on the GCI, and if it were to continue to improve at the present rate, it would catch up with the leaders relatively quickly. However, in the leading human capital indicators - particularly stability and security - it will take a long time for São Paulo to bridge the gap.”

<sup>25</sup> Para mais detalhes dos critérios avaliados pela consultoria A.T. Kearney no estudo “Global Cities, Present and Future”, ver nota 8.

<sup>26</sup> Traduzido do original: “**Cultural experience: measures diverse attractions, including number of major sporting events a city hosts; number of museums, performing-arts venues, and diverse culinary establishments; number of international travelers; and number of sister-city relationships**”

Isto explicaria que o chamado marketing urbano se imponha cada vez mais como uma esfera específica e determinante do processo de planejamento e gestão de cidades. Ao mesmo tempo, **aí encontraríamos as bases para entender o comportamento de muitos prefeitos, que mais parecem vendedores ambulantes que dirigentes políticos.** (VAINER, 2000, p. 78 - grifo nosso)

A dúvida é: que cidade pretende-se vender para atingir todos esses objetivos tão sonhados. Para isso, no caso de São Paulo, melhor conhecer os compradores: a FIFA.

## 1.2 O que a FIFA quer?

Apesar de o jornalista Andrew Jennings ter algumas poucas e boas respostas para essa pergunta<sup>27</sup> e a entidade, de forma cândida, valer-se de outra, completamente oposta<sup>28</sup>, essa é uma questão impossível de responder. Não por falta de especulação ou criatividade. Exatamente pela ausência de afirmações diretas (e não vagas), evidenciadas nos documentos da FIFA, tanto naqueles amplamente divulgados, quanto nos que é quase impossível obter.

Certo é apenas que a FIFA deseja ver o país candidato a sede da Copa do Mundo cumprindo todas as etapas e atendendo às mais variadas demandas do processo de candidatura. E, sobretudo, empenhado. Após decidir, em 2000, pela rotação de sedes, dando oportunidade a todos os continentes, e, três anos depois, que a América do Sul seria o palco da Copa do Mundo de 2014, provavelmente com o Brasil, a despeito de um breve interesse da Colômbia, a entidade

---

<sup>27</sup> Convidado pelo Senado brasileiro para falar sobre suas investigações de mais de uma década sobre a FIFA, que já resultaram em dois livros, “FOUL! The Secret World of FIFA: Bribes, Vote-Rigging and Ticket Scandals” (2006) e “Omertà - Sepp Blatter’s FIFA Organized Crime Family” (2014), ambas com denúncias de corrupção dentro da entidade, Andrew Jennings não mediu palavras: “It’s time the government said to FIFA, you stink, you smell, we don’t want our president to be photographed with these crooks [É hora de o governo dizer à FIFA, você fede, você cheira mal, nós não queremos nosso presidente sendo fotografado com esses bandidos]”. A fala do repórter inglês é de outubro de 2011 e pode ser lida no link: <http://www.bbc.com/sport/0/football/15480890>

<sup>28</sup> Em seu site oficial, no item “Mission”, dentro do escopo “Organisation”, está definido o objetivo da FIFA, exaustivamente repetido em diversos eventos: “OUR MISSION - Developing football everywhere and for all. FIFA’s primary objective is ‘to improve the game of football constantly and promote it globally in the light of its unifying, educational, cultural and humanitarian values, particularly through youth and development programmes’ [NOSSA MISSÃO: Desenvolver o futebol em todos os lugares e para todos. O primeiro objetivo da FIFA é ‘melhorar o jogo de futebol constantemente e promovê-lo globalmente à luz de seus valores de união, educação, cultura e humanitarismo, particularmente entre os jovens e em programas de desenvolvimento’]”. Para mais detalhes, ver: <http://www.fifa.com/aboutfifa/organisation/mission.html>



já queria ver a CBF<sup>29</sup> tomando providências – e acreditou nisso, como diz trecho do *relatório dos inspetores*<sup>30</sup>:

A organização da Copa do Mundo FIFA™ é um desafio formidável para qualquer país. **O Brasil iniciou sua preparação em 2003 - assim que o Comitê Executivo da FIFA confirmou que a América do Sul organizaria a Copa do Mundo FIFA™ de 2014. Depois de ganhar os corações do Comitê Executivo da Conmebol<sup>31</sup>, o Brasil sabia que dependia de si mesmo para concorrer à sede da Copa do Mundo FIFA™.**<sup>32</sup>  
(2007 - grifo nosso)

Conforme foi possível extrair da pesquisa em jornais nos meses que antecederam a oficialização do Brasil como país sede da Copa do Mundo de 2014, uma candidatura se constitui, em primeiro lugar, no momento em que se formaliza junto à FIFA, por meio de declaração oficial da federação ou confederação de futebol do país candidato, no caso a CBF, seguida da entrega dos documentos exigidos pela entidade (*Hosting Agreement [Contrato de Sede]* e o *Host City Agreements [Contratos de Cidade-Sede]*), com a manifestação de apoio oficial dos respectivos governantes (*Government Support [Apoio do Governo]*) e a apresentação detalhada do país (*Bid Book [Dossiê de Candidatura]*, o livro). Em segundo lugar, após a análise do material, há a inspeção *in loco* para confirmar as informações, o que resulta no *relatório de inspetores*.

Essas etapas podem também ser inferidas pelo documento *Bidding Agreement - regarding the submission of bids for the right to host and stage the 2018 FIFA World Cup or 2022 FIFA World Cup [Contrato de Candidatura - relativo à apresentação de candidaturas pelo direito de sediar e organizar a Copa do Mundo FIFA de 2018 ou a Copa do Mundo Fifa de 2022]*. De autoria da própria FIFA, o texto é confidencial e não deveria vir a público<sup>33</sup>, mas

<sup>29</sup> CBF é a sigla para Confederação Brasileira de Futebol, entidade responsável pela organização do futebol brasileiro.

<sup>30</sup> O relatório dos inspetores, membros da FIFA, sobre o Brasil, de 30 de outubro de 2007, que aprovava o país como sede, no link: [http://pt.fifa.com/mm/document/affederation/mission/62/24/78/inspectionreport\\_e\\_24841.pdf](http://pt.fifa.com/mm/document/affederation/mission/62/24/78/inspectionreport_e_24841.pdf)

<sup>31</sup> Conmebol é a sigla para *Confederación Sudamericana de Fútbol*, geralmente traduzida no Brasil como Confederação Sul-Americana de Futebol, entidade responsável pela organização do futebol da América do Sul.

<sup>32</sup> Traduzido do original: “*The staging of the FIFA World Cup™ is a formidable challenge for any country. Brazil started its preparations in 2003 – as soon as FIFA’s Executive Committee confirmed that South America would organise the 2014 FIFA World Cup™. After winning the hearts of CONMEBOL’s executive committee, Brazil knew that it would be depending on itself in its bid to host the FIFA World Cup™.*”

<sup>33</sup> De acordo com o primeiro item do “6.4 Confidentiality”, do próprio documento: “**The Bid Committee agrees to keep confidential, and agree to ensure that its professional advisors and other individuals involved in the preparation of the Bid on behalf of the Bid Committee also keep confidential, all content of this Bidding Agreement and all verbal and written correspondence and communications between FIFA and the Bid Committee and Member Association during the course of the Bidding Process.**” [grifo nosso]

Jennings fez questão de disponibilizá-lo na Internet depois de obtê-lo durante suas investigações<sup>34</sup>. Era parte do processo de candidatura da Inglaterra, que perdeu a disputa dessas edições para Rússia e Catar.

O *Bidding Agreement [Contrato de Candidatura]* é uma espécie de manual do candidato. Detalha tudo o que as candidaturas devem entregar (quais documentos e quais informações e dados) e como entregar (de que modo elaborar cada item, um por um). Serviria, portanto, para ajudar a Inglaterra e outros países a entender o que a FIFA quer para, digamos, aceitar a candidatura e, então, aprová-la. No caso brasileiro, como veremos adiante, se esse documento existiu, não chegou às mãos da agência (MPM) contratada pela CBF para a produção da candidatura - receberam apenas orientações e exemplos. Ainda assim, independentemente desse ponto nebuloso, o *Bidding Agreement* nos ajuda a ter uma medida do que a FIFA espera nos processos de candidatura e do que teria cobrado também do Brasil. O item “1.4 Purpose of Bidding Agreement” [Propósitos do Contrato de Candidatura] do próprio documento resume o seu propósito:

**[...] prover os Membros Associados e o Comitê de Candidatura de informações para a criação do Dossiê de Candidatura, incluindo uma descrição detalhada da estrutura do Dossiê de Candidatura, o conteúdo que é preciso estar no Dossiê de Candidatura e os modelos a serem usados pelo Comitê de Candidatura** para que a FIFA tenha esse tipo de informação dentro do Dossiê de Candidatura.<sup>35</sup> (sem data - grifo nosso)

O Bid Book é o que, na imprensa brasileira, se convencionou, equivocadamente, chamar de “caderno de encargos” e não está disponível para consulta nem no site oficial da FIFA nem por meio de solicitação formal<sup>36</sup>. Está muito mais para um dossiê, que reuniria informações das

<sup>34</sup> A íntegra do documento está no link: [http://www.transparencyinsport.org/The\\_documents\\_that\\_FIFA\\_does\\_not\\_want\\_fans\\_to\\_read/PDF-documents/\(11\)FIFA-Bidding-agreement.pdf](http://www.transparencyinsport.org/The_documents_that_FIFA_does_not_want_fans_to_read/PDF-documents/(11)FIFA-Bidding-agreement.pdf)

<sup>35</sup> Tradução do original: “**provide the Member Association and the Bid Committee with information for the creation of the Bid Book, including a detailed description of the structure of the Bid Book, the content required to be within the Bid Book and the templates to be used by the Bid Committee to provide such information to FIFA within the Bid Book**”

<sup>36</sup> Solicitei à FIFA, por e-mail, em 27 de março de 2014, os documentos da candidatura brasileira (“Hosting Agreement for the 2014 FIFA World Cup”; “Bidding Agreement for the 2014 FIFA World Cup”; “Bid Book, Brazil's CBF Bid Document”, listados, entre endereços virtuais, como únicos documentos das fontes consultadas pelos inspetores da FIFA para a produção do “BRAZIL BID INSPECTION REPORT FOR THE 2014 FIFA WORLD CUP”). Expliquei que os nomes em inglês desses documentos, na imprensa brasileira, vinham sendo chamados todos, como se fossem um, de “caderno de encargos”. Inclusive para, de alguma forma, me fazer entender, deixar claro de quais documentos precisava e o teor que me interessava. Em resposta, recebi a seguinte frase: “Estes são documentos internos”. Não consegui, portanto, nenhum documento que serviria à pesquisa, mas sim, o esclarecimento de que “cadernos de encargos” são, como o nome indica, cadernos com orientações e instruções. Isso porque, na resposta, como consolo, Carol Almirón, do Departamento de Imprensa da FIFA,

18 cidades candidatas à cidade-sede da Copa do Mundo e dos respectivos Estados, produzido por cada uma dessas cidades; informações gerais do Brasil e propostas de ação da candidatura. Tudo reunido num “calhamaço de 900 páginas”<sup>37</sup>, como parte da formalização da candidatura brasileira e entregue pela CBF à FIFA até a data-limite estipulada, de 31 de julho de 2007. Recorrendo ao glossário do Bidding Agreement, temos a definição do que seja o Bid Book:

significa um documento a ser apresentado à FIFA pelo Comitê de Candidatura em conjunto com o Membro Associado de acordo com os termos do Contrato de Candidatura e o Registro de Candidatura, (i) contendo no corpo principal informações como as exigidas e descritas na Cláusula 4; e (ii) incorporando os Documentos de Sede como seus anexos, como descrito na Cláusula 5.<sup>40</sup> (sem data)

Ainda segundo o mesmo documento, tratam as Cláusulas 4 e 5:

#### 4 CONTEÚDO DO CORPO PRINCIPAL DO DOSSIÊ DE CANDIDATURA

(i) O corpo principal do Dossiê de Candidatura deve consistir nos capítulos a seguir e conter nesses capítulos as informações como descritas na Cláusula 4 abaixo.

(ii) Mais detalhes sobre essas informações e os requisitos da FIFA estão previstas na respectiva seção do Contrato de Sede. Logo, recomenda-se que o Comitê de Candidatura use o Contrato de Sede como uma fonte de referência para cada um dos capítulos abaixo, para entender completamente o alcance e o conteúdo de tais requisitos. (...)

5 CONTEÚDO DOS ANEXOS DO DOSSIÊ DE CANDIDATURA  
O Dossiê de Candidatura deve incorporar unilateralmente, rubricados, os seguintes Documentos de Sede como anexos do Dossiê de Candidatura<sup>41</sup>. (sem data)<sup>42</sup>

---

ofereceu o “caderno de encargos para os estádios”, que, como pode se ver no link a seguir, nada tem a ver com o processo de candidatura e, na verdade, reúne, orientações e instruções para depois da oficialização do país como sede: <http://www.fifa.com/aboutfifa/footballdevelopment/stadiumbook2011/index.html>

<sup>37</sup> Como noticiado na edição de 1º de agosto de 2007 do jornal “Folha de S.Paulo”, na página D1 do caderno “Esportes”, em reportagem intitulada “Copa-14 ainda não é do Brasil, diz Fifa” e no link: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/fk0108200702.htm>

<sup>40</sup> Tradução do original: “means a document to be submitted to FIFA by a Bid Committee together with a Member Association pursuant to the terms of this Bidding Agreement and the Bid Registration, (i) containing in its main body such information as required and described in Clause 4; and (ii) incorporating the Hosting Documents as its annexes as described in Clause 5.”

<sup>41</sup> Tradução do original: ““4 CONTENT OF MAIN BODY OF BID BOOK. (i) The main body of the Bid Book shall consist of the following chapters and contain in such chapters such information as described in this Clause 4 below. (ii) Further details on such information and FIFA’s requirements are set forth in the relevant sections of the Hosting Agreement. It is therefore recommended that the Bid Committee uses the Hosting Agreement as a source of reference for each of the chapters below, to fully understand the scope and content of such requirements. (...)” “5 CONTENT OF ANNEXES OF BID BOOK. The Bid Book must incorporate the following unilaterally executed and initialed Hosting Documents as an annex to the Bid Book:”

<sup>42</sup> São capítulos e anexos exigidos pela FIFA conforme o Bidding Agreement: Chapter 1: Introduction to Bidding Country and Host Cities; Chapter 2: Hosting Concept; Chapter 3: Football Development; Chapter 4: Sustainable Social and Human Development; Chapter 5: Environmental Protection; Chapter 6: Stadiums; Chapter 7: Venue-

Note-se um último trecho do documento que ilustra como a FIFA procura cercar todos os campos de exigências ao candidato, o que se expressa, inclusive, na quantidade considerável de detalhes:

Capítulo 1: Introdução para o País Candidato e as Cidades-Sede  
O Comitê de Candidatura deve apresentar o País Candidato com uma forte ênfase em suas características locais únicas, mostrando a força e os méritos do País Candidato, incluindo:

- (i) Uma visão geral do País Candidato (ex.: população, língua, mapa indicando as principais cidades, etc.). (...)
  - (ii) Uma visão geral das potenciais Cidades-Sede (ex.: número de habitantes; detalhes da localização; altitude; médias de temperatura; etc.) (...)
  - (iii) Uma descrição do futebol no País Candidato (ex.: popularidade, nível de profissionalismo dos clubes de futebol, história do futebol e o apoio e envolvimento da comunidade do futebol em níveis nacionais e regionais)
  - (iv) Uma descrição dos principais feriados no País Candidato. (...)
  - (v) Uma visão geral do turismo e de grandes eventos no País Candidato. (...)
- O COL [Comitê Organizador Local] deve prover:
- (i) um mapa com visão geral do país (...), indicando as principais cidades, a estrutura geomorfológica e os fusos horários; e
  - (ii) mapas das Cidades-Sede propostas (...), indicando os principais pontos de transporte público, o Estádio, Locais de Treino e principais hotéis<sup>43</sup> (sem data)

Considerando que a FIFA, por meio do *Bid Agreement*, uma espécie de manual, como fica nítido, orienta todas as candidaturas e que, por meio desse mesmo documento, a FIFA requisita a entrega do *Bid Book* e diversos outros documentos como etapa inicial de todo o processo de candidatura (a formalização da candidatura, por assim dizer); que o *Bid Book* é, enfim, um grande panorama do país em diversas áreas, assim como das cidades-sede e seus

---

Specific Team Hotels and Venue-Specific Training Sites; Chapter 8: Team Base Camps and Team Base Camp Training Sites; Chapter 9: Accommodation; Chapter 10: FIFA Headquarters; Chapter 11: Transportation; Chapter 12: Information Technology and Communication Network; Chapter 13: Safety and Security; Chapter 14: Health and Medical Services; Chapter 15: Competition-related Events; Chapter 16: Media Facilities, Communication and Public Relations; Chapter 17: Media and Marketing Rights; Chapter 18: Finance and Insurance; Chapter 19: Political System; Chapter 20: Existing Contracts; Annexe 1: Hosting Agreement; Annexe 2: Confirmation Agreement for Hosting Agreement; Annexe 3: Government Support; Annexe 4: Host City Agreements; Annexe 5: Stadium Agreement Covers; Annexe 6: Training Site Agreement Covers; Annexe 7: Hotel Agreements; Annexe 8: Legal Opinion.

<sup>43</sup> Tradução do original: “Chapter 1: Introduction to Bidding Country and Host Cities. The Bid Committee shall introduce the Bidding Country with a strong emphasis on unique local characteristics, showcasing the unique strength and merits of the Bidding Country, including: (i) An overview of the Bidding Country (e.g. population, languages, map indicating major cities, etc.).(...) (ii) An overview of potential Host Cities (e.g. number of inhabitants; details of location; altitude; average temperatures, etc.). (...) (iii) A description of football in the Bidding Country (e.g. popularity, level of professional club football, football history and the support and involvement of the football community at a national and regional level). (iv) A description of the main holidays in the Bidding Country. (...) (v) An overview of tourism and major events in the Bidding Country. (...) The LOC shall provide a: (i) country overview map (...), indicating the major cities, geomorphologic structure and the time zones; and (ii) maps of the proposed Host Cities (...), indicating main transport hubs, the Stadium, Training Sites and main hotels.”

respectivos estados e que, portanto, é fonte e ponto de partida para os inspetores da FIFA analisarem o país e produzirem o *Bid Inspection Report*; e que, somados, *Bid Book* e *Bid Inspection Report* são os documentos que decidem o sucesso (ou não) de uma candidatura (a avaliação da candidatura, portanto), podemos, baseados em outros documentos, que não somente o próprio *Bid Book*, afirmar que o principal documento de um candidato à sede de Copa do Mundo é o *Bid Book*.

Ainda não é possível indicar desde quando o *Bid Book* é uma exigência da FIFA como parte de seu processo de candidatura; tampouco qual o grau de refinamento adquirido ao longo dos anos, lembrando que sequer o acesso aos *Bid Books* é autorizado. Mas é, sem dúvida, o documento que se esmera por “vender” não só o país, mas também as cidades que abrigarão jogos, como passíveis de abrigarem um campeonato de futebol, conforme as exigências da sua entidade maior.

Portanto, torna-se cada vez mais relevante conhecer as formas por meio das quais esse documento é elaborado, e quem são os atores que se posicionam de modo a produzir a imagem desejada pela FIFA e que será transmitida mundialmente quando a bola estiver em campo. Igualmente, importa saber como governantes, técnicos e consultorias atuam no sentido de promover as cidades e o país de que fazem parte, para garantir o sucesso do empreendimento. Mesmo que o documento seja de acesso restrito, é preciso encontrar maneiras de a ele ter acesso de forma a compreender como se operam os processos que visam a chamar a atenção dos clientes (FIFA) interessados em concretizar a compra das cidades (para a Copa) (VAINER, 2000, p. 83).

Na fundação da FIFA, em 21 de maio de 1904, estiveram presentes representantes de diferentes nacionalidades, como a francesa, belga, holandesa, dinamarquesa, espanhola, sueca e suíça. Uma entidade que nasceu, portanto, sob o signo da internacionalidade. Atualmente, são 209 federações afiliadas, provenientes de todos os continentes. Segundo o próprio site da entidade, é reconhecida como a “ONU do futebol”. Em relação às Copas do Mundo, já foram realizadas 20 edições, a primeira em 1930. Portanto, seria ingênuo estabelecer uma relação de causalidade entre o modelo de *cidade global*, próprio à desindustrialização das metrópoles, como diagnosticada por Saskia Sassen (1991) para a década de 1990, e o megaevento esportivo promovido pela FIFA. O que está, de fato, ocorrendo é o que Weber chamaria – e antes dele Goethe – de *afinidade eletiva* (WEBER, 2004, p. 83) entre os interesses daqueles que pretendem impor seu modelo de cidade às metrópoles e a oportunidade que a FIFA oferece a cada quatro anos de serem promovidas intervenções urbanas relevantes às cidades que se oferecem como sede da Copa do Mundo. Cada postulante a cidade-sede do Mundial responde à sua maneira.

### 1.3 Um processo em comum

Tratamos da importância dos megaeventos esportivos para que cidades postulantes a *ciudades globais* aproximem-se desse *status* e apresentamos brevemente o que São Paulo fez, num momento anterior à sua candidatura à Copa do Mundo de 2014, para trabalhar sua imagem na perseguição desse objetivo. Em seguida, como os megaeventos esportivos têm criado seu processo de concorrência e, nesse contexto, a quais etapas, exigências e documentos requeridos pela FIFA em seu processo, especificamente, tem de se ater.

Esta terceira parte do capítulo, enfim, tenta mostrar como se deu a inserção da capital paulista no processo de candidatura promovido pela entidade. Primeiro, uma contextualização: de como o Brasil alcançou a condição de candidato único, da breve concorrência colombiana, da resistência à interferência de políticos fora da esfera esportiva, do perfil da agência encarregada da candidatura brasileira e de como comportaram-se, inicialmente, as capitais nessa disputa. Por último, como foi a participação de São Paulo enquanto *candidata coadjuvante* (entre dezembro de 2006 e outubro de 2007) e *candidata protagonista* (novembro de 2007 a maio de 2009), esclarecendo essa inserção paulistana, com suas particularidades e questões específicas.

Para orientar a leitura, segue uma linha do tempo do processo de candidatura:

#### PRÉ-CANDIDATURA

##### 2000

Agosto - A FIFA decide promover um rodízio de continentes para que, a cada edição da Copa do Mundo, a concorrência fique restrita e garanta o torneio numa região e em todas as partes do globo.

##### 2003

Março - A FIFA define a América do Sul como sede da Copa do Mundo de 2014.

#### CANDIDATURA COMO COADJUVANTE

##### 2006

Dezembro

13 - O Brasil oficializa seu interesse em sediar a Copa do Mundo de 2014 e faz a inscrição da candidatura brasileira junto à FIFA em Tóquio, no Japão, onde acontecia o Mundial de Clubes.

18 - A Colômbia também confirma interesse, inscrevendo sua candidatura cinco dias depois, e torna-se concorrente dos brasileiros no processo para receber a Copa do Mundo de 2014.

## 2007

Fevereiro - A FIFA envia o *Bidding Agreement* e o *Hosting Agreement* para Brasil e Colômbia.

Abril

11 - A Colômbia anuncia sua desistência do processo de candidatura à Copa do Mundo de 2014.

13 - O Brasil oficializa sua candidatura entregando os primeiros documentos relacionados ao processo da FIFA, baseados no *Bidding Agreement* e no *Hosting Agreement*.

Julho

31 - O Brasil entrega o material de sua candidatura, com o *Bid Book* brasileiro como o mais importante e representativo documento da candidatura brasileira (o *Bid Book de São Paulo* aí incluso).

23 de Agosto a 1º de Setembro - Membros da FIFA fazem uma visita de inspeção ao Brasil.

Outubro

29 - O Brasil apresenta oficialmente sua candidatura à FIFA em Zurique, na Suíça.

30 - A FIFA divulga o relatório dos inspetores, o *Bid Inspection Report*, documento em que o Comitê Executivo da entidade baseia-se para decidir a futura sede.

30 - O Brasil é oficializado como país-sede da Copa do Mundo de 2014.

## CANDIDATURA COMO PROTAGONISTA

## 2008

Dezembro - A FIFA oficializa o numero de cidades-sede: 12.

## 2009

Janeiro

15 - São Paulo entrega o relatório da cidade, o último documento de sua candidatura, para a FIFA.

30 - Membros da FIFA fazem uma visita de inspeção a São Paulo.

Março

12 - A FIFA adia o anúncio oficial das 12 cidades-sede e transfere a cerimônia de Zurique, na Suíça, local de sua sede, para Nassau, nas Bahamas.

Maio

31 - A FIFA oficializa São Paulo como uma das 12 cidades-sede da Copa do Mundo de 2014.

### 1.3.1 A candidatura brasileira

#### *Uma candidatura pré-histórica*

A vitoriosa candidatura do Brasil a sede da Copa do Mundo de 2014 começou antes mesmo de o país, representado pela CBF, colocar-se como candidato. O primeiro passo foi dado em 2000, quando a FIFA, como queria há dez anos<sup>44</sup>, mudou as regras do jogo. Em vez de permitir a qualquer um concorrer a anfitrião do Mundial, adotou um rodízio de continentes e restringiu a disputa aos países de uma mesma região<sup>45</sup> após um episódio controverso de seu Comitê Executivo.

Em 6 de julho de 2000, o grupo se reuniu em Zurique, na Suíça, como tornou-se praxe<sup>46</sup>, para escolher a sede da edição de 2006. A Alemanha foi a preferida dos membros presentes, vencendo a África do Sul por apenas um voto. Contrariando acordo prévio e informal, o

<sup>44</sup> Segundo a reportagem “FIFA aprova a idéia de rotatividade da Copa”, publicada na edição de 4 de agosto de 2000 do jornal *Folha de S.Paulo*, na página D8 do caderno de Esporte: “Há quase dez anos a FIFA estuda a implantação de um sistema rotativo na organização das Copas, mas a idéia ganhou força após a polêmica votação de julho que apontou a Alemanha como o país-sede da Copa de 2006.”

<sup>45</sup> O rodízio duraria para quatros sedes: 2010 (África do Sul), Brasil (2014), Rússia (2018) e Catar (2022). Decisões sacramentadas, respectivamente, em 2004, 2007 e, as duas últimas, 2010. A FIFA e seu Comitê Executivo anunciaram que a medida acabaria com a definição, em 2010, de 2018 e 2022. Anúncio feito, curiosamente, em 29 de outubro de 2007, dia anterior à oficialização do Brasil como sede da Copa. Segundo a notícia “Rotation ends in 2018” [Rodízio acaba em 2018], a FIFA entendia que o rodízio cumprira seu objetivo. Nas palavras do presidente Joseph Blatter: “The rotation principle has served its purpose and has enabled us to award our most prestigious competition to Africa for the first time and, depending on tomorrow's decision, to South America for the first time in many years” [O princípio do rodízio serviu ao seu propósito e nos permitiu premiar como nossa mais prestigiada competição a África, pela primeira vez, e, dependendo da decisão de amanhã, a América do Sul pela primeira vez em muitos anos]. <http://www.fifa.com/worldcup/news/y=2007/m=10/news=rotation-ends-2018-625122.html>

<sup>46</sup> A Colômbia desistiu de receber a Copa do Mundo de 1986 no ano de 1982. A decisão da nova sede foi tomada em 1983, em Zurique, na sede da FIFA - o México ficaria com a honra. O mesmo local seria palco da escolha das próximas edições. Mais: [http://www.fifa.com/mm/document/fifafacts/mencompwc/51/97/81/ip-201\\_13a\\_fw-host.pdf](http://www.fifa.com/mm/document/fifafacts/mencompwc/51/97/81/ip-201_13a_fw-host.pdf)



presidente da Confederação de Futebol da Oceania, o neozelandês Charles Dempsey, alegou “pressões insuportáveis”<sup>47</sup>, absteve-se e deixou de empatar a disputa<sup>48</sup>. A igualdade colocaria a decisão nas mãos do presidente, Joseph Blatter, dono do voto de desempate e inclinado aos africanos<sup>49</sup>.

A polêmica motivou a aprovação, quase um mês depois, em encontro de 3 de agosto de 2000, do rodízio, para que todos os continentes, ao menos no discurso, tivessem a chance de receber o torneio<sup>50</sup>. Como Japão e Coreia do Sul estavam garantidos para 2002, e os alemães, para 2006, tudo levava a crer que 2010 seria dos sul-africanos, e 2014, de algum país da América do Sul<sup>51</sup>.

Um salto de três anos, até 7 de março de 2003, nos leva a essa confirmação e à manchete do dia seguinte da *Folha de S. Paulo*: “Brasil deve ter a Copa em 2014”. Quatro anos antes da oficialização, o jornal, representante e parte da formação da opinião pública, já dava a concorrência como ganha. O texto da primeira página do caderno “Esporte”, “Brasil só não vai abrigar a Copa de 2014 se não quiser”, não podia ter sido escrito em tom mais otimista:

**O Comitê Executivo da Fifa praticamente selou que a Copa-2014 será no Brasil ao anunciar ontem que o Mundial daquele ano acontecerá na América do Sul.** A Folha apurou que o desejo da maioria dos integrantes do Comitê Executivo é dar ao país pentacampeão do mundo a chance de abrigar

---

<sup>47</sup> Segundo a reportagem “Dirigente que definiu Copa-2006 fez denúncia de ameaças de morte”, publicada na edição de 8 de julho de 2000 do jornal *Folha de S. Paulo*, na página D4 do caderno de Esporte, “Ele justificou sua decisão de se abster ‘por causa das pressões intoleráveis a que foi submetido por todo mundo, não de gente vinculada às candidaturas, mas gente de fora, por meio de chamadas telefônicas incessantes que recebia em meu quarto e tentativas de me subornar’.”

<sup>48</sup> Segundo a reportagem a reportagem “Alemanha desbanca África-06 e Brasil-10”, publicada na edição de 7 de julho de 2000 do jornal *Folha de S. Paulo*, na página D1 do caderno de Esporte, a disputa acabou com 12 votos para a Alemanha e 11 para a África do Sul, “nos turnos preliminares, Marrocos e Inglaterra, nessa ordem, foram eliminados”.

<sup>49</sup> Segundo a reportagem “Com pior ‘decepção’, Blatter pede mudança”, publicada na edição de 12 de julho de 2000 do jornal *Folha de S. Paulo*, na página D3 do caderno de Esporte, “O presidente da FIFA, o suíço Joseph Blatter, admitiu ontem ter passado pela pior decepção de sua carreira como dirigente com a escolha da Alemanha para abrigar a Copa de 2006, superando a África do Sul por apenas um voto. ‘Podíamos mudar a história. Mas não o fizemos. A Europa podia ter um grande gesto com a África. Mas não o teve. Isso também é a democracia’, lamentou Blatter, principal articulador da candidatura sul-africana.

<sup>50</sup> Segundo a reportagem “FIFA aprova a idéia de rotatividade da Copa”, publicada na edição de 4 de agosto de 2000 do jornal *Folha de S. Paulo*, na página D8 do caderno de Esporte: “‘O comitê respaldou unanimemente a proposta do presidente da FIFA para garantir que todos os continentes tenham as mesmas oportunidades de organizar a Copa do Mundo’, disse Michel Zen-Ruffinen, secretário-geral da FIFA.”

<sup>51</sup> Segundo a reportagem a reportagem “Alemanha desbanca África-06 e Brasil-10”, publicada na edição de 7 de julho de 2000 do jornal *Folha de S. Paulo*, na página D1 do caderno de Esporte, o Brasil desistiu de sua candidatura à Copa de 2006 “alegando um acordo com a África do Sul. Pelo acerto, Ricardo Teixeira, presidente da entidade [CBF], e os outros dois sul-americanos do Comitê [Executivo da FIFA] votariam no país africano para 2006. Em troca, para 2010 seria a vez de os sul-africanos apoiarem o projeto do Brasil. Tão logo terminou a cerimônia do anúncio, no Messe Zurich, centro de convenções da cidade, Teixeira se levantou do lugar em que estava e, irritado, caminhou apressadamente para a saída.” Era, portanto, apenas uma questão de adiar o acordo em quatro anos.

a competição pela segunda vez - a primeira foi em 1950. Os três sul-americanos que integram o comitê - o brasileiro Ricardo Teixeira, o argentino Julio Grondona e o paraguaio Nicolás Leoz - acham que é hora de o Brasil voltar a ser sede do torneio. Grondona lembrou que o país é o único pré-candidato da América do Sul a receber a Copa e o mais credenciado a fazê-lo. O último Mundial no continente aconteceu na Argentina, em 1978. Joseph Blatter, presidente da Fifa, que teve nos sul-americanos seus maiores aliados ao se defender de uma série de acusações de corrupção antes da Copa de 2002, também defende o Brasil. (...)”<sup>52</sup> [grifo nosso]

Graças, então, ao rodízio entre os continentes para sediar a Copa do Mundo adotado em 2000 e, nesse contexto, à definição da América do Sul como sede de 2014, em 2003, estava estabelecido o favoritismo brasileiro. Argentina e Chile propuseram candidatura conjunta<sup>53</sup>, mas a Conmebol<sup>54</sup> ratificou a indicação do Brasil duas semanas depois<sup>55</sup>.

O país seguiu como o principal candidato até a véspera da primeira etapa do processo de candidatura da FIFA, em novembro de 2006, quando Blatter deu um susto em todos e calculou três ou quatro concorrentes à condição de sede da Copa do Mundo de 2014<sup>56</sup>. A notícia contradizia o que o próprio dirigente dissera, em setembro daquele ano, em audiência no Palácio do Planalto com o então presidente da república, Luiz Inácio Lula da Silva. Blatter até fez críticas, apontando a necessidade de melhorias em infraestrutura e exigindo a construção de estádios, mas avisou da simpatia dos estrangeiros pelo projeto<sup>57</sup> e que a bola estava no campo

---

<sup>52</sup> A reportagem “Brasil só não vai abrigar a Copa de 2014 se não quiser” foi publicada na edição de 8 de março de 2003 do jornal *Folha de S.Paulo*, na página D2 do caderno de Esporte.

<sup>53</sup> De acordo com a reportagem “Chile e Argentina na briga para sediar Copa de 2014”, publicado no dia 7 de março de 2003 no *Terra*: <http://esportes.terra.com.br/mundial2006/interna/0,,OI168618-EI1767,00-Chile+e+Argentina+na+briga+para+sediar+Copa+de.html>

<sup>54</sup> Conmebol é a sigla para Confederación Sudamericana de Fútbol, geralmente traduzida no Brasil para Confederação Sul-Americana de Futebol, órgão máximo do futebol na América do Sul e responsável, entre outras atribuições, pela escolha das sedes e da organização, junto a governos locais, de cada edição da Copa América, o equivalente da Copa do Mundo, mas entre seleções nacionais do continente e convidados - geralmente da América Central e do Norte.

<sup>55</sup> Como registrado na reportagem “Conmebol ratifica candidatura do Brasil para a Copa-2014”, publicado na internet no dia 17 de março de 2003 na *Folha de S.Paulo*: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/esporte/ult92u57024.shtml>

<sup>56</sup> Segundo a reportagem “Blatter diz que Brasil terá concorrentes”, publicada na edição de 3 de novembro de 2006 do jornal *Folha de S.Paulo*, na página D1 do caderno de Esporte: “O presidente da FIFA afirmou que o Brasil terá ‘três ou quatro’ rivais para 2014, mas não informou o nome dos países postulantes. Dirigentes brasileiros acreditam não ter adversários na América do Sul.”

<sup>57</sup> Segundo a nota “Dinheiro Luso”, da coluna “Painel FC”, publicada na edição de 29 de setembro de 2006 do jornal *Folha de S.Paulo*, na página D2 do caderno de Esporte: “O encontro de Joseph Blatter com o presidente Lula, que citou ontem a simpatia de estrangeiros pelo projeto (...)”

brasileiro<sup>58</sup>. A China, que já tinha se animado em 2003<sup>59</sup>, reapareceu<sup>60</sup>. E lá foi Blatter, como numa crise esquizofrênica, esfriar a pretensão da futura sede da Olimpíada de 2008: “O Mundial de 2014 irá para a América do Sul. E o grande aspirante naquela região, mesmo sem uma decisão final, é naturalmente o Brasil”<sup>61</sup>.

O Brasil colocou-se efetivamente como candidato em **13 de dezembro de 2006**, em Tóquio, no Japão, onde acontecia o Mundial de Clubes. Teixeira reuniu-se com Blatter e realizou **a inscrição da candidatura brasileira**, “uma oportunidade única para o povo brasileiro, merecedor do torneio”<sup>62</sup>. Jim Brown, diretor da entidade, avisou que em seis ou sete semanas avisaria quais as exigências. O dirigente esbanjou confiança: “Temos o apoio do governo e responderemos rápido”<sup>63</sup>.

### *A concorrência*

Cinco dias. Foi esse o tempo que durou a candidatura solitária do Brasil a sede da Copa do Mundo de 2014. No dia da inscrição da candidatura brasileira, Ricardo Teixeira, presidente da CBF, chegou ao encontro com o presidente da FIFA, Joseph Blatter, acompanhado do presidente da Conmebol, Nicolas Leóz, para mostrar força política<sup>64</sup> - “era o ponto máximo de uma articulação para ser candidato único”<sup>65</sup>. Em 18 de dezembro de 2006, prazo final de

---

<sup>58</sup> Da mesma reportagem citada na nota 27, intitulada “FIFA cobra, e Lula repete apoio à Copa” (29/9/2006 - jornal *Folha de S.Paulo*), em que o periódico registra assim a audiência: “O encontro de Lula com Blatter durou uma hora e meia. O presidente da CBF, Ricardo Teixeira, e o ministro do Esporte, Orlando Silva Jr., também participaram. Em entrevista, após a conversa com o petista, o presidente da FIFA citou o favoritismo do Brasil para abrigar o evento, mas deixou claro que o país deve cumprir algumas etapas antes disso, como a construção de novas arenas, investimento nacional em infra-estrutura - como transportes - e a capacidade de atrair capital privado e estrangeiro. ‘A bola está no campo do Brasil’, comentou o suíço.”

<sup>59</sup> Informação da reportagem “China pretende apresentar candidatura para a Copa do Mundo-2014”, publicada no dia 29 de outubro de 2003, na *Folha de S.Paulo*: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/esporte/ult92u67213.shtml>

<sup>60</sup> De acordo na reportagem “Depois das Olimpíadas de 2008, a China quer a Copa de 2014”, publicada no dia 1 de dezembro de 2006, no *UOL*: <http://noticias.uol.com.br/ultnot/esporte/2006/12/01/ult33u60031.jhtm>

<sup>61</sup> Como registrado na reportagem “Blatter descarta candidatura chinesa para a Copa de 2014”, publicada no dia 1 de dezembro de 2006, no *UOL*: <http://noticias.uol.com.br/ultnot/afp/2006/12/01/ult33u60036.jhtm>

<sup>62</sup> Segundo a reportagem “Brazil submit 2014 bid”, publicada no dia 13 de dezembro de 2006, no *World Soccer*: <http://www.worldsoccer.com/news/brazil-submits-2014-bid-103302>

<sup>63</sup> Segundo a reportagem “Prazo: FIFA dá as exigências em sete semanas”, publicada na edição do dia 14 de dezembro de 2006 da *Folha de S.Paulo*, na página D3 do caderno de Esporte.

<sup>64</sup> Segundo a reportagem “Conta da Copa já começa com R\$ 35 mi”, publicada na edição de 13 de dezembro de 2006 do jornal *Folha de S.Paulo*, na página D4 do caderno de Esporte: “A articulação do brasileiro é para que o Brasil seja candidato único. Por isso, junto com ele, iria à reunião o presidente da Conmebol (Confederação Sul-Americana), Nicolas Leóz. Assim, garante que nenhum outro país do continente concorrerá com os brasileiros. Isso porque só países da América do Sul podem ser candidatos, pelos critérios da FIFA.”

<sup>65</sup> Conforme registrado na reportagem “Colômbia busca 2014 e irrita cartolas”, publicada na edição de 19 de dezembro de 2006 do jornal *Folha de S.Paulo*, na página D3 do caderno de Esporte.

inscrição, a Colômbia enviou carta à entidade, quebrando o acordo extraoficial entre as federações sul-americanas<sup>66</sup>.

A ameaça havia sido feita no dia anterior<sup>67</sup> e, uma semana antes, colaboradores de Teixeira desdenhavam dessa possibilidade, como se os colombianos pudessem até alavancar a candidatura brasileira<sup>68</sup>. Diante do fato consumado, do desdém<sup>69</sup>, da invocação do cacife de Teixeira<sup>70</sup> e do reforço da Conmebol, que, fiel ao combinado, reiterou seu apoio ao Brasil<sup>71</sup>, o problema sobrou para Luis Bedoya, presidente da Federação Colombiana de Futebol, responsável por entregar a carta e falar sobre a candidatura de seu país. Nem ele parecia, desde

---

<sup>66</sup> Segundo a reportagem “Colômbia busca 2014 e irrita cartolas”, publicada na edição de 19 de dezembro de 2006 do jornal *Folha de S.Paulo*, na página D3 do caderno de Esporte: “A Colômbia oficializou sua intenção de abrigar o Mundial, no último dia de inscrição. Assim, a federação de futebol colombiana descumpriu documento em que apoiava os brasileiros, assinado em março por representantes do futebol de países sul-americanos.”

<sup>67</sup> Segundo a reportagem “Colômbia lança hoje candidatura a 2014”, publicada na edição de 18 de dezembro de 2006 do jornal *Folha de S.Paulo*, na página D5 do caderno de Esporte: “O presidente da federação colombiana, Luis Bedoya, afirmou ontem que enviará carta de intenção à FIFA.”

<sup>68</sup> Segundo a nota “Vem a calhar”, da coluna “Painel FC”, publicada na edição de 16 de dezembro de 2006 do jornal *Folha de S.Paulo*, na página D2 do caderno de Esporte: “Colaboradores de Ricardo Teixeira na campanha pela Copa-14 dizem que não estão preocupados com o interesse da Colômbia em disputar o direito de receber o Mundial. Afirmam pensar como o cartola. Pelo raciocínio, é melhor ter um concorrente. Isso obriga o governo federal a se empenhar mais no projeto. A concorrência é ainda um argumento contra a tese de opositores de que R\$ 35 milhões é um valor alto para a campanha de candidatura. Com outro país, aumenta a necessidade de investimento durante a seleção.”

<sup>69</sup> Segundo a nota “Salto Alto”, da coluna “Painel FC”, publicada na edição de 20 de dezembro de 2006 do jornal *Folha de S.Paulo*, na página D2 do caderno de Esporte: “Cartolas envolvidos no projeto da Copa-14 no Brasil dizem que a Colômbia não consegue nem cumprir o caderno de encargos.”

<sup>70</sup> Segundo a nota “Privilégio”, da coluna “Painel FC”, publicada na edição de 2 de janeiro de 2007 do jornal *Folha de S.Paulo*, na página D2 do caderno de Esporte: “Um dos motivos que levam membros do governo federal a crer em fácil vitória sobre a Colômbia pela Copa-14 é a quantidade de informações que já chegou sobre as exigências da FIFA. Os colombianos não têm alguém com a mesma influência de Ricardo Teixeira na entidade.”

<sup>71</sup> Segundo a reportagem “Brasil é único candidato para 2014, diz Conmebol”, publicada na edição de 21 de dezembro de 2006 do jornal *Folha de S.Paulo*, na página D2 do caderno de Esporte: “Para a Conmebol, só existe uma candidatura para a Copa de 2014, que será realizada na América do Sul pelo rodízio de continentes na organização do torneio determinado pela FIFA. ‘A Conmebol ratificou hoje [ontem] que o Brasil é o candidato a sede da Copa-2014. Foram oito votos das federações filiadas à Conmebol. Só o Brasil, para não votar em si mesmo, e a Colômbia não votaram na reunião do Comitê Executivo’, afirmou à Folha Nestor Benítez, porta-voz da Conmebol, ontem, antes do sorteio dos grupos para a Libertadores-2007.”

o começo, convicto<sup>72</sup>, e quando Blatter declarou se tratar mais de “relações públicas”<sup>73</sup> do que qualquer coisa, parecia o fim<sup>74</sup>.

Dito e feito. Antes de completar quatro meses de candidatura, em 11 de abril de 2007, a Colômbia anunciou sua desistência<sup>75</sup>. Em carta para oficializar a saída do pleito, Bedoya justificou a decisão pela “análise dos temas inerentes à organização”, sem esclarecer o que seria isso, disse que foi uma ideia do governo federal e declarou “total apoio” aos brasileiros<sup>76</sup>.

Pela primeira vez desde que o Brasil tornara-se candidato oficial a sede do Mundial, em dezembro de 2006, a *Folha* estampava o assunto na capa: “Colômbia desiste e só Brasil quer sediar a Copa-2014”. Nas páginas internas, retomava o assunto dizendo que “o Brasil tem a **maior moleza** das últimas décadas na luta para sediar um dos dois maiores eventos do esporte”<sup>77</sup> [grifo nosso].

Outros dois países ensaiaram participar do processo de candidatura. Os EUA se ofereceram como salvaguarda em caso de problemas dos sul-americanos<sup>78</sup>, em fevereiro de

<sup>72</sup> Segundo a reportagem “Colômbia busca 2014 e irrita cartolas”, publicada na edição de 19 de dezembro de 2006 do jornal *Folha de S.Paulo*, na página D3 do caderno de Esporte: “A idéia é que a América do Sul não apresente só um candidato. O ideal é que sejam dois ou três países. Serão Brasil e Colômbia”, disse o cartola [Luis Bedoya] à rádio Caracol. Bedoya admitiu que o Brasil é favorito. E afirmou que seu país tem chances mínimas de vencer. Após entregar sua carta à FIFA, reunião de cartolas colombianos ratificou a decisão.”

<sup>73</sup> Segundo a reportagem “Tim Vickery: Como o Brasil não se preparou para a Copa em 11 anos”, publicada no dia 30 de janeiro de 2014, na BBC Brasil, também falava em certa disputa particular da Colômbia com seus vizinhos, a Venezuela, que receberia a Copa América, organizada pela Conmebol, em 2007: “É verdade que a Colômbia rapidamente rompeu com a Confederação e até lançou uma candidatura separada, mas nunca chegou a alimentar sérias esperanças. Ela estava apenas se protegendo contra a vizinha e rival Venezuela, que estava investindo pesado em estádios à época para sediar a Copa América de 2007. O real objetivo da Colômbia – que foi alcançado – era superar a Venezuela na disputa para sediar o Mundial Sub-20 de 2011.” Disponível em: [http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/01/140130\\_coluna\\_tim\\_vickery\\_preparo\\_copa\\_tv](http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/01/140130_coluna_tim_vickery_preparo_copa_tv)

<sup>74</sup> Segundo a reportagem “Colômbia admite abrir mão de Copa”, publicada na edição de 2 de março de 2007 do jornal *Folha de S.Paulo*, na página D1, **capa** do caderno de Esporte: “Blatter disse que a candidatura colombiana era mais “relações públicas” do que qualquer outra coisa. A notícia repercutiu mal na Colômbia, onde o presidente Álvaro Uribe é o grande defensor do projeto. ‘A notícia nos surpreendeu porque estávamos trabalhando com o governo nesse projeto, analisando a viabilidade e os custos. Apareceram essas declarações que nos deixaram frios’, falou Ramón Jessurum, o vice da federação colombiana.”

<sup>75</sup> Segundo a reportagem “Colômbia desiste, e só Brasil quer Copa-2014”, publicada na edição de 12 de abril de 2007 do jornal *Folha de S.Paulo*, na página D2 do caderno de Esporte: “O desejo da Colômbia, aliás, nunca teve o mesmo nível de entusiasmo [dos brasileiros] entre cartolas e políticos.”

<sup>76</sup> Segundo a reportagem “Colômbia desiste, e só Brasil quer Copa-2014”, publicada na edição de 12 de abril de 2007 do jornal *Folha de S.Paulo*, na página D2 do caderno de Esporte: “Em seu site, na nota que explicou ontem sua desistência, a Federação Colombiana de Futebol deixa claro que a idéia de organizar a Copa partiu de [Álvaro] Uribe [presidente da Colômbia na época]. A entidade também afirma que tomou a decisão de deixar a disputa mesmo com o Ministério da Fazenda do país dizendo que a apoiaria na obtenção de recursos para o Mundial. ‘Vimos a situação em que nos encontramos ao falar de infra-estrutura esportiva’, afirmou Luis Bedoya, o presidente da federação colombiana, em um dos trechos da nota. No mesmo comunicado, os cartolas colombianos reiteram agora ‘o total apoio e respaldo da Colômbia à candidatura do Brasil para a Copa de 2014’.”

<sup>77</sup> Conforme registrado na reportagem “Colômbia desiste, e só Brasil quer Copa-2014”, publicada na edição de 12 de abril de 2007 do jornal *Folha de S.Paulo*, na página D2 do caderno de Esporte.

<sup>78</sup> Segundo a reportagem “EUA admite sediar o Mundial de 2014”, publicada na edição de 22 de fevereiro de 2007 do jornal *Folha de S.Paulo*, na página D2 do caderno de Esporte: “A federação norte-americana lançou a candidatura do país para organizar o evento em 2018, mas deixou aberta a possibilidade de ser a sede do

2007. A Venezuela acreditou, em julho daquele ano, que a FIFA abriria uma exceção para participar da concorrência, mas não obteve êxito<sup>79</sup>. Não chegaram, portanto, nem a formalizar a inscrição, como fizeram brasileiros e colombianos, seguindo as regras da entidade. Sem ameaçar, apenas especularam.

### *Resistência e convergência*

O que realmente deu trabalho a Ricardo Teixeira, presidente da CBF, foi a resistência interna e a briga pela centralização das decisões relacionadas à candidatura brasileira. Meses antes de a Confederação inscrever a candidatura, em dezembro de 2006, a discussão em torno da organização da Copa do Mundo de 2014 já tomava forma. Em seguida às eleições de outubro daquele ano, quando ocorreram no Brasil as eleições para presidente, governador, senador e deputados estadual e federal, o torneio era tido como “o principal tema esportivo a ser discutido no Congresso e no Executivo”<sup>80</sup>. O grande opositor de Teixeira no Legislativo, em seu encalço nos últimos anos<sup>81</sup>, atendia pelo nome de Sílvio Torres, deputado federal pelo PSDB<sup>82</sup> paulista. Antes das eleições, no fim de setembro, em razão da audiência do presidente da FIFA, Joseph Blatter, com o presidente da república, Luiz Inácio Lula da Silva, Torres não se furtou a dizer que “[o suíço] deveria ter ficado mais no Brasil para ver a situação do nosso futebol, os estádios em más condições e os clubes quebrados”<sup>83</sup>. Dias depois, reeleito, Torres avisava: “Terei olho clínico para essa questão da Copa do Mundo. Acho que a discussão tem que ser ampla, e a

---

campeonato já em 2014 caso Brasil e Colômbia, os postulantes sul-americanos, não consigam atender às exigências da FIFA. ‘Obviamente a FIFA sabe que nós somos capazes [de organizar um Mundial] e, se algo mudar, nós estaremos abertos para todas as possibilidades’, afirmou Sunil Gulati, o presidente da federação dos Estados Unidos, nação que foi sede da Copa de 1994, vencida pelo Brasil.”

<sup>79</sup> Segundo a reportagem “Venezuela não será sede, afirma FIFA”, publicada na edição de 19 de julho de 2007 do jornal *Folha de S.Paulo*, na página D9 do caderno de Esporte: “A entidade [FIFA] descartou a chance de o país concorrer com o Brasil para ser sede em 2014. A FIFA informou que não haverá reabertura para novas candidaturas. O prazo terminou no dia 16 de abril deste ano.”

<sup>80</sup> Conforme registrado na reportagem “Bancada da bola muda de cara, e oposição cresce”, publicada na edição de 3 de outubro de 2006 do jornal *Folha de S.Paulo*, na página D1, **capa** do caderno de Esporte”.

<sup>81</sup> Sílvio Torres teve participação importante na relatoria da CPI instalada na Câmara dos Deputados em 2000 para investigar a CBF e sua fornecedora de material esportivo, a americana Nike. Concluído em junho de 2001, o documento pedia a prisão de Ricardo Teixeira e de mais 33 pessoas, mas acabou arquivado e sem qualquer efeito prático imediato. Disponível em: <http://www.esporte.gov.br/arquivos/cedime/cpiFutebol/camara/relatorioNike.pdf>

<sup>82</sup> Sigla para Partido da Social Democracia Brasileira.

<sup>83</sup> Conforme registrado na nota “Dividida”, da coluna “Painel FC”, publicada na edição de 1 de outubro de 2006 do jornal *Folha de S.Paulo*, na página D2 do caderno de Esporte.



organização não pode ficar concentrada na CBF”<sup>84</sup>. Sua bandeira, uma comissão que acompanharia tudo “passo a passo”<sup>85</sup>, vingou em março de 2009, mas acabou em um ano<sup>86</sup> — com direito a troca de acusações entre ele e Teixeira<sup>87</sup>.

Numa outra tentativa, Torres idealizou uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) sobre a parceria entre Corinthians e MSI<sup>88</sup>. A Polícia Federal decretara, em julho de 2007, a prisão do presidente da empresa, o iraniano Kia Joorabchian, e do magnata russo Boris Berezovski, apontado como o principal investidor do negócio — acusados de lavagem de dinheiro e formação de quadrilha, ambos, naquele momento, fora do país<sup>89</sup>. Em setembro, a polícia foi à sede do clube apreender documentos<sup>90</sup>. O futebol nacional passava das páginas esportivas às policiais. O deputado federal queria aproveitar para investigar crimes de sonegação fiscal, lavagem de dinheiro e evasão de divisas envolvendo não só os paulistas, mas diversos clubes, dirigentes e jogadores do cenário nacional<sup>91</sup>. Parlamentares e Teixeira contra-

<sup>84</sup> Conforme registrado na reportagem “Bancada da bola muda de cara, e oposição cresce”, publicada na edição de 3 de outubro de 2006 do jornal *Folha de S.Paulo*, na página D1, **capa** do caderno de Esporte”.

<sup>85</sup> Segundo a nota “Tropa de choque”, da coluna “Painel FC”, publicada na edição de 8 de outubro de 2006 do jornal *Folha de S.Paulo*, na página D2 do caderno de Esporte: “Ganha corpo a criação de um grupo para tentar evitar que a CBF centralize as decisões referentes à Copa-14. Como o São Paulo, parlamentares da oposição entre eles, Sílvio Torres (PSDB-SP) e Rodrigo Maia (PFL-RJ), ambos eleitos para um novo mandato na Câmara, defendem a criação de uma comissão que acompanhe passo a passo a organização e as receitas, caso o Brasil seja a sede. (...)”

<sup>86</sup> A comissão, na verdade, acabou sendo a Subcomissão Permanente para Acompanhamento, Fiscalização e Controle dos Recursos Públicos destinados à Copa de 2014 e às Olimpíadas de 2016, criada em 24 de março, dentro da Câmara dos deputados, como parte de outra comissão já existente, a Comissão de Fiscalização Financeira e Controle. Sílvio Torres comandou os trabalhos como presidente da Subcomissão e, no relatório final, de 2010, “Copa 2014 - Desafios e Responsabilidades”, não deixou de cutucar o governo federal e a CBF: “[o estudo em questão] contribuirá, de maneira exponencial, para que os gastos públicos realizem-se com correção, transparência, publicidade. Honestidade, enfim. Evitando-se, assim, os pecados maiores do desperdício, da malversação e da corrupção.”

<sup>87</sup> Segundo a reportagem “Discussão acirrada entre Sílvio Torres e presidente da CBF encerra audiência”, publicada em 26 de maio de 2010, no portal da Câmara dos Deputados, noticiando a audiência pública daquele dia, na Comissão de Turismo e Desporto, “sem citar nomes, o presidente da CBF disse que considerava um ‘desserviço’ ao País algumas autoridades ‘levarem diariamente para o exterior declarações de que o Brasil não tem condições de receber uma Copa do Mundo’.” Ricardo Teixeira referia-se a uma carta enviada por Sílvio Torres à FIFA, dez dias antes, e, por isso, pediu para responder ao cartola. Segundo o relato, “a presidente da Comissão de Turismo e Desporto, deputada Professora Raquel Teixeira (PSDB-GO) tentou concluir a audiência, mas foi interrompida. ‘O senhor não pode sair, vai ter que responder às perguntas’, disse Sílvio Torres a Ricardo Teixeira. O presidente da CBF se recusou a responder. ‘O senhor não está acostumado a ouvir críticas, mas aqui terá de ouvir’, reforçou o deputado, mas Ricardo Teixeira encerrou o debate sem novos comentários. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/camaranoticias/noticias/ESPORTES/148340-DISCUSSAO-ACIRRADA-ENTRE-SILVIO-TORRES-E-PRESIDENTE-DA-CBF-ENCERRA-AUDIENCIA.html>

<sup>88</sup> Sigla para Media Sports Investments.

<sup>89</sup> Conforme registrado na reportagem “Justiça implode Corinthians/MSI”, publicada na edição de 13 de julho de 2007 no jornal *Folha de S.Paulo*, na capa do caderno de Esporte, página D1.

<sup>90</sup> Conforme registrado na reportagem “Corinthians volta a ser caso de polícia”, publicada na edição de 5 de setembro de 2007 no jornal *Folha de S.Paulo*, na capa do caderno de Esporte, página D1.

<sup>91</sup> Conforme registrado na reportagem “Teixeira faz lobby no Senado contra CPI do Corinthians”, publicada na edição de 4 de outubro de 2007 no jornal *Folha de S.Paulo*, na página D4 do caderno de Esporte.

atacaram dizendo que a Comissão afetaria a tentativa de sediar o Mundial<sup>92</sup>. Conseguiram adiá-la para depois do anúncio da sede, em outubro — a despeito de, na véspera da cerimônia, Blatter ter dito que uma coisa nada tinha a ver com a outra<sup>93</sup> — e, uma semana em seguida à oficialização do Brasil, acabou arquivada definitivamente<sup>94</sup>.

No Executivo, empecilho maior poderia ter sido Geraldo Alckmin, do mesmo partido de Silvio Torres, o PSDB, candidato à presidência que nunca demonstrou disposição em estabelecer um relacionamento com a CBF<sup>95</sup>. Tanto foi assim que, durante a campanha do segundo turno, políticos engajados na candidatura da Copa do Mundo ligaram o sinal de alerta. Temiam, com a ascensão do paulista nas pesquisas, a ausência de um ministro do Esporte alinhado, como vinha sendo Orlando Silva Jr.<sup>96</sup>. Impossível dizer como seria em caso de vitória do ex-governador de São Paulo. Certo é que Lula reelegeu-se e, como sinalizara a Blatter em audiência, manteve o caminho aberto para o Mundial — coincidência ou não, seu partido, o

<sup>92</sup> Conforme registrado na nota “Cautela”, da coluna “Painel FC”, publicada na edição de 28 de setembro de 2007 no jornal *Folha de S.Paulo*, na página D2 do caderno de Esporte. E ainda de acordo com a reportagem do mesmo periódico, “Teixeira faz lobby no Senado contra CPI do Corinthians”, publicada na edição de 4 de outubro de 2007, na página D4 do caderno de Esporte.

<sup>93</sup> Segundo a reportagem “Antes da festa, FIFA condena política”, publicada na edição de 30 de outubro de 2007 como destaque do jornal *Folha de S.Paulo*, capa do caderno de Esporte, página D1: “A possível instalação de uma CPMI (Comissão Parlamentar Mista de Inquérito) para investigar lavagem de dinheiro no futebol, em especial a parceria entre Corinthians e MSI, não representa ameaça à realização da Copa-2014 no Brasil, que deve ser aprovada hoje pela FIFA. Quem garante é o presidente da entidade máxima do futebol mundial, Joseph Blatter, que não vê riscos à pretensão do Brasil de sediar o Mundial de 2014. Essa teoria derruba a tese pregada por Ricardo Teixeira, da CBF, que tenta barrar a investigação por conta de supostas represálias da FIFA. **‘Esse caso já foi tratado parcialmente [pela FIFA], mas não de forma completa. O que nós fizemos até agora foi garantir que os jogadores possam jogar. Em nenhuma hipótese esse caso terá influência na organização da Copa de 2014’, declarou Blatter**, ao encerramento do primeiro dia de reuniões do Comitê Executivo da entidade.” [grifo nosso]

<sup>94</sup> Segundo a reportagem “CPI do Corinthians/MSI é arquivada”, publicada em 8 de novembro de 2007 no *Máquina do Esporte*: “O pedido de abertura da Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) que iria investigar o suposto uso de dinheiro ilegal na parceria entre o Corinthians e o fundo de investimento MSI, foi arquivado nesta quinta-feira no Congresso Nacional. Para a CPI ser instalada, faltaram apenas as assinaturas de três deputados. O senador Álvaro Dias (PSDB-PR) aponta a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) como culpa pelo fracasso da tentativa. Segundo ele, a entidade pressionou os parlamentares para que não aprovassem o requerimento. Acusação semelhante foi feita pelo outro idealizador da CPI, o deputado Silvio Torres (PSDB-SP), que voltou a interligar o arquivamento da investigação com a organização da Copa do Mundo de 2014. “Apesar de termos assinaturas mais do que suficientes, a retirada foi em massa. Isso tudo patrocinado pela pressão da CBF. Antes da decisão da FIFA [pela escolha do Brasil como sede da Copa], ele já vinha fazendo pressão para a CPI. Depois de escolhido, passou a pressionar diretamente os governadores que estão disputando quem ficará com as sedes”, atacou o deputado (...).” Disponível em: [http://maquinadoesporte.uol.com.br/artigo/cpi-do-corinthiansmsi-e-arquivada\\_2806.html#ixzz3nSU1i4wp](http://maquinadoesporte.uol.com.br/artigo/cpi-do-corinthiansmsi-e-arquivada_2806.html#ixzz3nSU1i4wp)

<sup>95</sup> Segundo a nota “Chapa-branca”, da coluna “Painel FC”, publicada na edição de 29 de setembro de 2006 do jornal *Folha de S.Paulo*, na página D2 do caderno de Esporte: “A CBF, que mantém estreito relacionamento com Lula, diz que estava disposta a conversar com Geraldo Alckmin a respeito da Copa-14. Alega que não o fez porque faltou o candidato do PSDB à presidência se manifestar sobre o assunto.”

<sup>96</sup> Segundo a nota “Tensão...”, da coluna “Painel FC”, publicada na edição de 3 de outubro de 2006 do jornal *Folha de S.Paulo*, na página D2 do caderno de Esporte: “Os cartolas mais engajados no projeto da Copa de 2014 ligaram o sinal de alerta com o segundo turno das eleições. Após a costura com Lula, temem a vitória de Geraldo Alckmin. A preocupação maior é ter um ministro do Esporte alinhado.”



PT<sup>97</sup>, fora um dos favorecidos com doações da CBF para a campanha eleitoral daquele ano<sup>98</sup>. Três dias depois da confirmação para mais quatro anos no poder, Lula instituiu, por decreto presidencial, um grupo de trabalho interministerial para elaborar o plano estratégico para a candidatura à Copa de 2014<sup>99</sup>. A ideia era evitar o orçamento estourado do Pan-Americano do Rio de Janeiro de 2007, naquele momento em fase final de organização<sup>100</sup>. A CBF ganhou um assento de “convidada permanente” no grupo, o que, verificar-se-ia nos meses seguintes, ajudaria a estreitar os laços com o governo federal.

Teixeira sabia que controlava o jogo da candidatura (e, posteriormente, da organização), afinal as partidas eram disputadas no campo da FIFA e, portanto, apenas a CBF poderia entrar nesse gramado<sup>101</sup>. No entanto, sabia também que sem o apoio do governo federal nada caminharia. Seu principal aliado, Lula, era representado pelo ministro de Esporte, Orlando Silva Jr.<sup>102</sup>.

---

<sup>97</sup> Sigla para Partido dos Trabalhadores.

<sup>98</sup> Segundo a reportagem “Bancada da bola muda de cara, e oposição cresce”, publicada na edição de 3 de outubro de 2006 do jornal *Folha de S.Paulo*, mais precisamente na manchete principal da página D1 do caderno de Esporte, “a confederação doou dinheiro ao PT”. Só que, de acordo com a nota “Rastreamento”, da coluna “Painel FC”, publicada em 9 de outubro de 2006 do mesmo periódico, na página D2 do caderno de Esporte, parlamentares da oposição aguardavam a prestação de contas, em novembro daquele ano, “para tentar descobrir se o partido repassou o dinheiro a políticos engajados na Timemania ou no projeto da Copa-14 no Brasil.”

<sup>99</sup> Segundo o artigo 1º do decreto, Lula instituiu “Grupo de Trabalho Interministerial com o objetivo de elaborar plano estratégico e definir ações, de competência do Governo Federal, visando ao cumprimento das exigências estabelecidas pela Federação Internacional de Futebol - FIFA, para que o Brasil possa candidatar-se como sede da Copa do Mundo de Futebol de 2014.” Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2004-2006/2006/Dnn/Dnn11042.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2006/Dnn/Dnn11042.htm)

<sup>100</sup> Segundo a reportagem “Lula quer evitar que Copa vire Pan”, publicada na edição de 4 de novembro de 2006 do jornal *Folha de S.Paulo*, na página D1 do caderno de Esporte: “A sugestão para a criação do grupo, antes mesmo de o projeto para a Copa-14 ser apresentado à FIFA, partiu de Silva Jr., que, a interlocutores, confidenciou ter aprendido a lição com o Pan. O grupo mapeará onde as verbas serão aplicadas e onde o governo federal participa. O Pan-07 contou com carta de garantias do governo FHC, mas que não detalhava informações sobre gastos federais, pois o projeto de candidatura não teve sua participação ativa. A Secretaria de Acompanhamento do Pan-07, órgão do ministério para sua fiscalização, surgiu na era Lula, já em meio ao processo de organização. A função geral do grupo, criada por meio de decreto administrativo, é coordenar as ações de competência do governo federal, ou seja, definir as tarefas dos ministérios.”

<sup>101</sup> Segundo a nota “Superior”, da coluna “Painel FC”, publicada na edição de 8 de outubro de 2006 do jornal *Folha de S.Paulo*, na página D2 do caderno de Esporte, sobre as primeiras notícias da criação de uma comissão de fiscalização no Congresso: “Aliados de Ricardo Teixeira dizem não se incomodar com o bloco de desafetos da CBF em fase de formação. Alegam que, perante a FIFA, o presidente da entidade será o responsável. E veem isso como um aval para a confederação se manter na dianteira do projeto, mesmo de Lula for derrotado por Geraldo Alckmin no segundo turno.”

<sup>102</sup> Segundo a nota “Sprint”, da coluna “Painel FC”, publicada na edição de 14 de outubro de 2006 do jornal *Folha de S.Paulo*, na página D2 do caderno de Esporte, o sucesso da Copa do Mundo de 2014 poderia ajudar o político do PC do B (Partido Comunista do Brasil): “Dirigentes do futebol apostam que Orlando Silva Jr. vai mostrar serviço em dobro nos próximos meses. Acreditam que ele sente ter poucas chances de continuar no Ministério do Esporte, mesmo se Lula vencer. E que usará a Copa-14 para ganhar espaço. O ministro se recusa a falar sobre sucessão.” O ministro, como indica a nota “Novo endereço”, da mesma publicação, em 256 de janeiro de 2007, corria risco: “Cartolas engajados na Copa-14 avaliam que o presidente Lula pode tirar o projeto das mãos do Ministério do Esporte. Como a parte principal é a infra-estrutura das sedes, acreditam que a pasta de Cidades pode ser a escolhida.”

A frequência de notas envolvendo Teixeira e Silva na coluna “Painel FC”, da *Folha de S.Paulo*, que abriga de informações de bastidor ainda cruas a fofocas e trocas de acusações entre personalidades, dava pistas sobre a convivência dupla nos primeiros meses de 2007<sup>103</sup>. Em certos momentos, em tom de coluna social, emergiam revelações de reuniões particulares entre os dois no Rio de Janeiro para “a criação de uma agenda de ações voltadas para o projeto da Copa-2014”, antes mesmo da oficialização da candidatura brasileira, em dezembro de 2006<sup>104</sup>, e o desapontamento de Silva por não ser o primeiro a receber um telefonema de Teixeira contando a notícia<sup>105</sup>. Teixeira se queixava de muita gente de fora tentando se envolver, “bicões”<sup>106</sup>, conforme noticiado.

Silva só não contava que talvez estivesse “sobrando”. Teixeira, como se verificaria a partir de junho de 2007, queria centralizar as decisões<sup>107</sup>. Era tudo parte de seu plano de alcançar a presidência da FIFA<sup>108</sup>. O ministro do Esporte foi, aos poucos, ficando para trás. Não recebera convite para as viagens e os encontros do presidente da CBF com governadores estaduais<sup>109</sup>,

<sup>103</sup> Segundo a nota “Dono da bola”, da coluna “Painel FC”, publicada na edição de 15 de dezembro de 2006 do jornal *Folha de S.Paulo*, na página D2 do caderno de Esporte, depois de vazada a informação de que a candidatura brasileira custaria cerca de R\$ 35 milhões, “Ricardo Teixeira, que nega já ter uma previsão de gastos, desautoriza dirigentes da CBF a falarem pela entidade sobre o tema. **Quer que o assunto seja centralizado nele, no ministro Orlando Silva Jr. (Esporte) e no presidente Lula.** É o que Silvio Torres planeja evitar.” [grifo nosso] Em outra nota, “Antes da hora”, da mesma publicação, em 31 de janeiro de 2007, Lula indicou em quem confiava a missão: **“O presidente Lula disse esperar que a CBF e Orlando Silva Jr. tragam a Copa-14 para o Brasil.”** [grifo nosso]

<sup>104</sup> Conforme registrado na nota “A vida segue”, da coluna “Painel FC”, publicada na edição de 6 de outubro de 2006 do jornal *Folha de S.Paulo*, na página D2.

<sup>105</sup> Segundo a nota “Liga pra mim”, da coluna “Painel FC”, publicada na edição de 13 de dezembro de 2006 do jornal *Folha de S.Paulo*, na página D2 do caderno de Esporte: “Orlando Silva Jr. ficou chateado ao saber que Ricardo Teixeira havia ligado primeiro para o presidente Lula para informar do registro da candidatura do Brasil à Copa-2014. O ministro do Esporte queria ser o portador da boa notícia.”

<sup>106</sup> Conforme registrado na nota “Bicões”, da coluna “Painel FC”, publicada na edição de 22 de março de 2007 do jornal *Folha de S.Paulo*, na página D2 do caderno de Esporte.

<sup>107</sup> Segundo a nota “Lei do silêncio”, da coluna “Painel FC”, publicada na edição de 6 de junho de 2007 do jornal *Folha de S.Paulo*, na página D2 do caderno de Esporte: “Em tempos de candidatura à Copa de 2014, Ricardo Teixeira não quer altos cartolas da CBF na mídia. Os diretores contam que só podem dar entrevistas com a bênção do chefe.” E, de acordo com a nota “Todo-poderoso”, do mesmo periódico, caderno e página, em 31 de julho de 2007: “De maneira velada, já há protestos no governo federal sobre a maneira como a confederação brasileira tem conduzido a candidatura da Copa de 2014. A queixa é que o governo não participa das decisões.”

<sup>108</sup> Segundo a nota “Salto alto”, da coluna “Painel FC”, publicada na edição de 15 de junho de 2007 do jornal *Folha de S.Paulo*, na página D2 do caderno de Esporte: “Cartolas próximos a Ricardo Teixeira afirmam que, junto com o lobby pela Copa de 2014 no Brasil, ele trabalha a sua candidatura à presidência da FIFA, em 2011. **E já se vê no cargo gerenciando um Mundial no seu país.** Prevê só pequena rejeição na Europa. Apesar do otimismo, seu relacionamento com Joseph Blatter, atual presidente e peça-chave na sucessão, não é dos melhores.” [grifo nosso]

<sup>109</sup> Segundo a nota “Prato frio”, da coluna “Painel FC”, publicada na edição de 19 de junho de 2007 do jornal *Folha de S.Paulo*, na página D2 do caderno de Esporte: “Para cartolas e políticos envolvidos na Copa de 2014, o ministro do Esporte deu o troco em Ricardo Teixeira. Foi na sexta, com a presença do São Paulo no encontro do presidente Lula com o dirigente da CBF. Orlando Silva Jr. ficou descontente ao ver Teixeira reunir-se com governadores sem a sua presença. Agora o cartola teve de engolir Juvenal Juvêncio, como convidado do governo federal, no Palácio do Planalto. Nas entrelinhas, ficou o apoio de Brasília ao Morumbi no mapa do Mundial, apesar da resistência da CBF.”

como veremos adiante, e sequer fora chamado para a cerimônia de entrega do *Bid Book*<sup>110</sup>, chegando ao ponto de não obter nem respostas para dúvidas simples sobre a candidatura brasileira. Ainda assim, resignado, teve paciência para não entrar em confronto e, na hora certa, convergir como possível<sup>111</sup>.

### *A agência*

Como supracitado, a candidatura brasileira à Copa do Mundo de 2014 começou efetivamente em 13 de dezembro de 2006, quando a CBF, em nome do país, registrou oficialmente sua intenção junto à FIFA e inscreveu-se como candidata. Em seis semanas, nos últimos dias de janeiro de 2007, como prometera a entidade, a Confederação recebeu a lista de exigências e uma série de contratos para abrigar o Mundial, segundo noticiado na imprensa à época<sup>112</sup>. Sem adversários, como vinha sendo comum nas disputas anteriores<sup>113</sup>, o Brasil só não

---

<sup>110</sup> Segundo a nota “Na mosca”, da coluna “Painel FC”, publicada na edição de 9 de agosto de 2007 do jornal *Folha de S.Paulo*, na página D2 do caderno de Esporte: “Silvio Torres (PSDB-SP) deixou Alcino Reis, do Ministério do Esporte no projeto da Copa de 2014, numa saia justa em sessão na Câmara. Perguntou por que Orlando Silva Jr. não foi à FIFA levar a proposta brasileira. Reis respondeu que o ministro não foi convidado. E estava ocupado com o Pan.”

<sup>111</sup> Segundo a nota “Espião”, da coluna “Painel FC”, publicada na edição de 25 de agosto de 2007 do jornal *Folha de S.Paulo*, na página D2 do caderno de Esporte: “Parlamentares próximos a Orlando Silva Jr. contam ter ouvido do ministro do Esporte que ele não consegue saber de Ricardo Teixeira tudo o que quer sobre o projeto da Copa de 2014. Mas, em vez do confronto com o cartola, ele optou pela estratégia de colar no presidente da CBF para ganhar intimidade.” Mais adiante, em reportagem do mesmo jornal, “Ministro diz que programa atual já ajuda”, de 29 de outubro de 2007, diante da pergunta de qual a relação do ministério com a CBF, Silva respondeu que “se dá no plano institucional, é uma relação respeitosa”. Indagado, em seguida, se havia mal-estar, foi lacônico: “Não. Zero.”

<sup>112</sup> Não é possível precisar a data exata em que a CBF recebeu todo esse material. Supõe-se que tenha sido nos últimos dias de janeiro por causa da reportagem “FIFA entrega o caderno de encargos à CBF”, publicada na edição de 1 de fevereiro de 2007 no jornal *Folha de S.Paulo*, na página D1 do caderno de Esporte: “Foi enviada para Colômbia e Brasil **a lista de exigências para abrigar a Copa, além de um contrato para os países postulantes.** A CBF tem até 31 de julho para mandar a candidatura detalhada à FIFA.” [grifo nosso] Ainda segundo este texto, a Colômbia também recebeu o material, já que, naquele momento, era candidata. Só em abril do mesmo ano que anunciaria sua desistência.

<sup>113</sup> Das 19 edições anteriores à de 2014, em oito o país escolhido como sede da Copa do Mundo era candidato único, ainda que os rivais tenham desistido do na véspera da decisão. Acontece que estes oito candidatos únicos concentram-se nas 12 primeiras edições do Mundial, o último tendo sido para a definição da Espanha para 1982. Dali em diante, a partir da disputa por 1986, sempre havia mais de um postulante (três para 1986, dois para 1990, três para 1994, três para 1998, dois para 2002, cinco para 2006 e três para 2010), mesmo quando limitada a um continente (caso da Copa africana de 2010). Independentemente do motivo, o Brasil desfrutava mesmo de um privilégio de candidatura única. Mais em: [http://www.fifa.com/mm/document/fifafacts/mencompwc/51/97/81/ip-201\\_13a\\_fw-host.pdf](http://www.fifa.com/mm/document/fifafacts/mencompwc/51/97/81/ip-201_13a_fw-host.pdf)

receberia o torneio se realmente fosse incompetente nos procedimentos técnicos exigidos pela entidade<sup>114</sup>.

A CBF tinha seis meses, mais precisamente até 31 de julho de 2007, prazo final estipulado pela FIFA, para produzir o *Bid Book* brasileiro e assinar a documentação. Aparentemente, tarefa simples. Na prática, era preciso, primeiro, esmiuçar as características do país nos mais diferentes campos e, em seguida, levar cópias da documentação para cada um dos 18 governos estaduais com cidades postulantes a cidades-sede. E prestar uma espécie de consultoria, tirando dúvidas, indicando caminhos, para, por fim, revisar, pedir as últimas alterações e correções, enfim, supervisionar todo o processo até uma versão final que representaria o Brasil perante os avaliadores da entidade. Quem ficou encarregada da tarefa foi uma das agências de publicidade de Nizan Guanaes<sup>115</sup>, a MPM<sup>116</sup>. Sua equipe foi quem tornou minimamente visível a campanha da candidatura brasileira durante seu curso quando, na véspera de um amistoso da seleção brasileira contra a de Gana, em 26 de março de 2007, em Estocolmo, na Suécia, apresentou-se o logo numa camiseta especial<sup>117</sup>. De fundo branco, trazia a inscrição “Brasil 2014 - Bid Nation [País Candidato]”, com Brasil assim mesmo, com “s”, sem o “z” da versão em inglês, todo em azul, e os números de 2014 estilizados, cada um numa cor: o “2” em amarelo; o “0”, no formato de uma bola, em azul, cruzada por uma faixa branca, lembrando o desenho da bandeira nacional; o “1” em verde; e o “4” em vermelho. Os garotos-

---

<sup>114</sup> Segundo a reportagem “Conta da Copa já começa com R\$ 35 mi”, publicada na edição de 13 de dezembro de 2006 do jornal *Folha de S.Paulo*, na página D4 do caderno de Esporte: “Se for candidato único, o Brasil não tem que fazer campanha política pela Copa. Mas **precisará preencher requisitos técnicos da FIFA para ganhar.**” E também de acordo com “Colômbia desiste, e só Brasil quer Copa-2014”, de 12 de abril de 2007 do mesmo jornal, página e caderno: “**O Brasil só não recebe a competição agora se não atender às exigências da FIFA (...).**” [grifo nosso]

<sup>115</sup> Segundo a nota “Boleiro”, da coluna “Painel FC”, publicada na edição de 8 de fevereiro de 2007 do jornal *Folha de S.Paulo*, na página D2 do caderno “Esporte”, Nizan Guanaes iria se focar na campanha de candidatura brasileira: “O publicitário Nizan Guanaes não dará palestras neste semestre. Além de seus clientes, só vai se dedicar ao preenchimento do caderno de encargos da Copa-14, encomendado pela CBF.” E também de acordo com a nota “Estafe”, de 20 de fevereiro de 2007 do mesmo jornal, coluna e página: “Foram mobilizadas as agências do publicitário Nizan Guanaes para a tarefa de preparar a resposta ao caderno de encargos para a Copa-14 no Brasil. O grupo identificará investidores, estádios e sedes que participarão do projeto.”

<sup>116</sup> A MPM faz parte, atualmente, do Grupo ABC, também controlado por Nizan Guanaes, um dos sócio-fundadores, ao lado de Guga Valente, como mostra a página da *holding* (<http://www.grupoabc.com/>). A África, outra agência do grupo, foi responsável pelo logotipo da Copa do Mundo de 2014, aquele considerado oficial da competição.

<sup>117</sup> Segundo a reportagem “Camisas são tema de festa e de irritação”, publicada na edição de 27 de março de 2007 do jornal *Folha de S.Paulo*, na página D1 do caderno de Esporte: “Foi um dia em que camisetas deram o tom. Seja para homenagear Romário, para fazer lobby pela Copa do Mundo de 2014 ou apenas para irritar Dunga. (...) “Depois, foi a vez dos jogadores servirem de garotos-propaganda para a candidatura ao Mundial de 2014. Eles vestiram camisetas com o logotipo da candidatura, desenhado pela agência de publicidade MPM, que coordena a campanha brasileira para sediar uma Copa pela segunda vez na história. Além das cores da bandeira, o logo tem o vermelho.”

propaganda da CBF foram os jogadores Ronaldinho Gaúcho e Kaká, duas das maiores estrelas do time, o técnico Dunga e o auxiliar Jorginho<sup>118</sup>. No mês seguinte, Lula<sup>119</sup>.

Para a outra parte do trabalho, aquela pouco visível, da produção do material da candidatura brasileira, contamos com a ajuda de João Novaes, colaborador da MPM em 2007 e entrevistado para esta dissertação em janeiro de 2016. Ele não soube precisar seu cargo, mas teve papel decisivo nos bastidores: “Ah, acho que colaborador ou subeditor. O meu nome tá lá [no *Bid Book*], com algum cargo ali no *livro*, mas eu não me lembro qual que era. Eu prefiro ‘carregador de piano’”.

Na tentativa de entender o porquê da escolha da MPM, questionei se a agência tinha experiência na candidatura de megaeventos. Novaes disse que não, só que a presidente, Bia Aydar, “sempre foi uma pessoa ligada a eventos”, de uma forma geral. Ela era, de acordo com informações da imprensa, amiga particular de Ricardo Teixeira<sup>120</sup>, presidente da CBF, o contratante do serviço prestado por R\$ 1,2 milhão<sup>121</sup> e de sua esposa<sup>122</sup>. Aydar deixou o cargo,

---

<sup>118</sup> Os quatro eram campeões mundiais. Dunga, como volante, e Jorginho, lateral-direito, venceram a Copa do Mundo de 1994, nos EUA. Kaká e Ronaldinho Gaúcho, ambos meio-campistas, faturaram o torneio em 2002, na edição sediada por Japão e Coreia do Sul. Os dois eram os maiores astros do grupo naquele momento, seguidos, talvez, por Robinho. Pelo Barcelona, da Espanha, Ronaldinho Gaúcho já tinha sido eleito o melhor do mundo por seu desempenho em 2005 e, no ano seguinte, conquistara aquela considerada a mais importante competição de clubes, a UEFA Champions League, entre os principais times europeus. Pelo Milan, da Itália, Kaká alcançaria os mesmos prêmios, em 2007.

<sup>119</sup> Segundo a nota curta, com foto, o título “Promessa”, publicada na edição de 14 de abril de 2007 do jornal *Folha de S.Paulo*, na página D4 do caderno de Esporte, e a legenda: “Ricardo Teixeira apresenta cartaz da candidatura brasileira para a Copa-2014 ao presidente Lula. Irritado, o cartola disse à imprensa que o governo dará todo apoio ao projeto.”

<sup>120</sup> Segundo a reportagem “Patrocínio da CBF tem intermediação de pessoas ligadas a Ricardo Teixeira”, publicada em 10 de dezembro de 2012 no *UOL*: “Aydar, por sua vez, é bem próxima do cartola. O UOL Esporte apurou que ela se aproximou do ex-cartola da CBF ainda antes de o Brasil ser escolhido como sede da Copa-2014, por meio de amigos em comum. Tornou-se bem próxima da mulher do então dirigente, Ana Teixeira. Oferecia a ela aparições em colunas sociais. Por meio da mulher, conseguiu se aproximar da confederação. Tanto que, como presidente da agência MPM, atuou na elaboração do dossiê do Brasil para sediar a Copa-2014. Foram constantes as aparições do cartola ao lado da publicitária em festas. Questionada sobre a amizade, a assessoria de Aydar, no entanto, afirmou que ‘mantém relacionamento institucional com a CBF, exclusivamente no âmbito de suas atribuições’. Há ainda indícios de envolvimento de outro membro da família de Teixeira com as empresas que intermediaram o negócio da Nestlé, embora todas as partes neguem o fato.” Disponível em: <http://copadomundo.uol.com.br/noticias/redacao/2012/12/10/patrocínio-da-cbf-tem-intermediação-de-pessoas-ligadas-a-ricardo-teixeira.htm>

<sup>121</sup> Segundo a reportagem “Teixeira forçou contratação de Valcke na campanha do Brasil para Copa”, publicada em 20 de junho de 2015 no *Estadão*: “Como presidente da CBF, Ricardo Teixeira forçou a contratação de Jérôme Valcke pela agência de publicidade MPM na época em que a firma trabalhava para a entidade na organização da campanha do Brasil para sediar a Copa do Mundo de 2014. A MPM, entre 2007 e 2008, era presidida pela publicitária Bia Aydar, amiga de Teixeira, e tinha como sócio majoritário o grupo ABC, dos publicitários Nizan Guanaes e Guga Valente. No total, a CBF pagou R\$ 1,2 milhão para que a MPM e Valcke produzissem um caderno de encargos, documento que reúne informações do país em campanha para receber o Mundial. O Brasil concorria sozinho e existia um acordo entre as federações de que o Mundial seria no País.” Disponível em: <http://esportes.estadao.com.br/noticias/futebol,teixeira-forcou-contratacao-de-valcke,1710044>

<sup>122</sup> Segundo a nota “Dona da bola”, da coluna “Painel FC”, publicada na edição de 26 de novembro de 2007 do jornal *Folha de S.Paulo*, na página D2 do caderno “Esporte”: “Chamou a atenção de convidados na tribuna da

mas voltaria a ajudar em 2010, intermediando parceria com a Nestlé<sup>123</sup>. Ela negava qualquer irregularidade.

Se não era a especialidade da MPM e havia uma situação que colocava sob suspeita a agência, o que, então, motivaria Nizan Guanaes para além da compensação financeira? Ou por que o publicitário não designou outra de suas empresas para a tarefa? Comentava-se na época, segundo depoimento do próprio Novaes, que o publicitário queria transformar a MPM “numa gigante” e, ao mesmo tempo, evitar que qualquer agência do seu grupo concentrasse negócios com o poder público — e a produção do *Bid Book* implicava contato frequente com governos estaduais e prefeituras municipais. A antiga sede da agência, “duas mansões grandes, improvisadas” na Rua Estados Unidos, na região nobre dos Jardins, em São Paulo, mudou de endereço justamente no começo da conta da CBF, para ficar ao lado da DM9, também de Guanaes, no Itaim Bibi, na Zona Oeste.

Sobre o trabalho em si, João Novaes explicou que a agência fazia “tudo que era relativo à comunicação da Copa”, mas, sem dúvida, “o *Bid Book* [o livro] era o mais importante”. Na

---

CBF no Morumbi o conhecimento sobre o projeto da Copa de 2014 demonstrado pela publicitária Bia Aidar, da MPM. E sua sintonia com Ricardo Teixeira e a mulher do cartola, Ana Teixeira. Não se desgrudaram”.

<sup>123</sup> Segundo a reportagem “Patrocínio da CBF tem intermediação de pessoas ligadas a Ricardo Teixeira”, publicada em 10 de dezembro de 2012 no *UOL*: “O patrocínio entre a CBF e a Nestlé tem a intermediação de duas empresas cujos donos têm ligações com o ex-presidente da entidade Ricardo Teixeira. Os pagamentos da multinacional para a confederação, de cerca de R\$ 8 milhões anuais, são feitos por meio de uma das duas firmas com sede em uma pequena loja nos arredores de Porto Alegre. O acordo para que a Nestlé patrocinasse a seleção brasileira foi anunciado em 10 de maio de 2010. (...) O patrocínio teve participação na negociação de duas empresas: a Sem Parar Comunicações e a DC SET Marketing e Esportes LTDA. A primeira pertence à Bia Aidar, amiga de Ricardo Teixeira e de sua mulher Ana Teixeira. Até participou da elaboração da candidatura do Brasil à Copa-2014. (...) Foi Bia Aidar quem tomou a iniciativa de fechar o negócio entre amigos. ‘No caso específico, foi a Sem Parar quem trouxe à DC SET e a Nestlé a oportunidade de patrocínio à seleção brasileira’, contou a assessoria da empresa de Sirena. Aidar confirmou essa versão: ‘A Sem Parar foi responsável pela apresentação, negociação, gestão do contrato firmado entre a DC SET e a CBF’, explicou a assessoria da publicitária. Pela versão de ambos, a DC SET não atuaria na intermediação do acordo. Na prática, o contrato é feito entre a própria empresa de Sirena e a CBF. Quem recebeu comissão foi Aidar, que não quis dizer quanto recebeu pela atuação na negociação. ‘A Sem Parar recebeu pagamentos pelos serviços prestados, praxe no mercado publicitário’, acrescentou a assessoria de Aidar, quando questionada sobre a remuneração pela intermediação. A questão é que não foi a Nestlé quem pagou a comissão da publicitária. Até porque a empresa afirmou desconhecer qualquer participação da Sem Parar como intermediária do contrato. ‘Em relação a este patrocínio, esclarecemos ainda que a agência Sem Parar Comunicações atuou somente no desenvolvimento da campanha institucional de mídia criada para a companhia na época do anúncio da parceria com a CBF, em 2010’, afirmou a assessoria da Nestlé, quando questionada sobre a intermediação do negócio. A Sem Parar confirmou que também atua como ‘agência de ativação do patrocínio da Nestlé à seleção’. Se não foi a multinacional quem pagou comissão à Aidar, resta a CBF, então presidida por Teixeira, na outra ponta do acordo. Mas a confederação não quis comentar o assunto: a assessoria alegou que contratos ‘são tratados internamente e em assembleias da confederação’. As empresas de Sirena e Aidar foram criadas meses antes da realização do acordo entre a confederação e Nestlé. A Sem Parar surgiu em setembro de 2009, com um capital de R\$ 10 mil. A intenção, declarada pela publicitária em entrevistas, era atuar em negócios da Copa-2014. No dia 14 de maio de 2010, cinco dias após o anúncio do contrato Nestlé e CBF, mudou o objeto social da empresa para ‘agências de publicidade, atividades de intermediação e agenciamento de serviços e negócios em geral’. (...)”. Disponível em: <http://copadomundo.uol.com.br/noticias/redacao/2012/12/10/patrocínio-da-cbf-tem-intermediação-de-pessoas-ligadas-a-ricardo-teixeira.htm>



“maior parte do tempo” os encarregados foram ele e só mais uma pessoa, Flaminio Fantini, também jornalista, com experiência na revista *Veja*, e quem fazia as vezes de editor do documento: “Era muita coisa, mas deu pra fazer, o trabalho foi coordenar”. A dupla respondia diretamente ao vice-presidente da MPM, Rui Rodrigues, já que “tudo passava por ele [Rui Rodrigues] e ele que tratava diretamente com o Ricardo Teixeira essa questão”. Só perto do prazo final é que a MPM contratou *freelancers*. Um desses foi Jérôme Valcke<sup>124</sup>. O ex-secretário geral da FIFA, conhecido por dizer que o Brasil merecia um “chute no traseiro”<sup>125</sup>, aproveitou um afastamento temporário — e nebuloso — da entidade<sup>126</sup>, de fevereiro a julho de 2007, para faturar como consultor<sup>127</sup> — 100 mil euros ou 100 mil dólares<sup>128</sup>. Valcke era notoriamente próximo de Teixeira<sup>129</sup> e, segundo João Novaes, também de Rodrigues. A respeito da contratação polêmica e de qual foi a participação de Valcke na produção da candidatura brasileira, o entrevistado explicou o seguinte:

<sup>124</sup> Segundo a reportagem “Teixeira forçou contratação de Valcke na campanha do Brasil para Copa”, publicada em 20 de junho de 2015 no *Estadão*: “Em 2008, a CBF anunciou que desistiu de contratar a MPM para atuar na Copa do Mundo.” Mais: <http://esportes.estadao.com.br/noticias/futebol,teixeira-forcou-contratacao-de-valcke,1710044>

<sup>125</sup> A exata declaração de Jérôme Valcke, segundo a nota “Valcke: ‘Brasil merece um chute no traseiro’”, publicada em 2 de março de 2012 no *Lance!net*, por conta do atraso das obras brasileiras para a recepção da Copa do Mundo de 2014 foi: “As coisas não estão funcionando. Muitas coisas estão atrasadas. O Brasil merece um chute no traseiro”. Disponível em: <http://www.lancenet.com.br/copa-do-mundo/Valcke-Prioridade-Brasil-Copa-organiza-la-0-656334478.html#ixzz3n4xkKxRo>

<sup>126</sup> Segundo a reportagem “Jérôme Valcke recebeu da FIFA e da CBF ao mesmo tempo”, publicada em 17 de setembro de 2015 no *Estadão*: “Valcke foi afastado da FIFA em dezembro de 2006, depois da disputa entre a MasterCard e a Visa pela condição de patrocinadora da entidade. O francês era o diretor de marketing e uma corte dos Estados Unidos determinou que Valcke havia mentido nas negociações com as empresas. Naquele momento, a FIFA emitiu um comunicado de imprensa duro contra Valcke, dizendo que tal comportamento não teria lugar na entidade.” Disponível em: <http://esportes.estadao.com.br/noticias/futebol,valcke-recebeu-da-fifa-e-da-cbf-ao-mesmo-tempo-,1764259>

<sup>127</sup> Segundo a reportagem “Teixeira forçou contratação de Valcke na campanha do Brasil para Copa”, publicada em 20 de junho de 2015 no *Estadão*: “Por meio da assessoria, Bia [Aydar] falou pela primeira vez sobre a contratação de Valcke ao ser questionada sobre a contratação pelo Estado. **Houve uma determinação, uma ordem do presidente da CBF para que Valcke fosse contratado. O dinheiro era do contratante, não cabia a ela questionar uma determinação**”, disse. No total, a MKM [sic] desembolsou 100 mil euros do contrato com a CBF para bancar a consultoria de Valcke na campanha pela Copa do Mundo. Procurada, a CBF disse que não comentaria assunto relacionado a gestão anterior.” [grifo nosso] Disponível em: <http://esportes.estadao.com.br/noticias/futebol,teixeira-forcou-contratacao-de-valcke,1710044>

<sup>128</sup> A reportagem “Teixeira forçou contratação de Valcke na campanha do Brasil para Copa”, publicada em 20 de junho de 2015 no *Estadão*, fala em “100 mil euros” e outra, também do periódico, “Jérôme Valcke recebeu da FIFA e da CBF ao mesmo tempo”, de 17 de setembro de 2015, usa o mesmo número, mas outra moeda: “US\$ 100 mil”.

<sup>129</sup> Segundo a reportagem “Valcke e suas ligações com Ricardo Teixeira, ex-presidente da CBF”, publicada em 17 de setembro de 2015 no *Estadão*: “**A ligação entre Jerome Valcke, secretário-geral da FIFA, e Ricardo Teixeira, ex-homem forte do futebol brasileiro, não era segredo para ninguém.** Mas em um perfil publicado pelo jornal Le Monde em 2012, a reportagem revela como o francês era levado em um helicóptero até uma mansão de Teixeira para passar fins de semana, inclusive na companhia de Sandro Rossell, ex-presidente do Barcelona e na época representante da Nike.” [grifo nosso] Disponível em: <http://esportes.estadao.com.br/noticias/futebol,valcke-e-suas-ligacoes-com-ricardo-teixeira,1764262>

Na época achei que era uma sugestão da Fifa, depois soube que foi uma exigência da Fifa, que a gente pagasse o Jerome Valcke pra ele zelar o que que a Fifa queria da Copa do Mundo. Ele realmente fez um trabalho que nos esclareceu muitas coisas. **Mas o que a gente poderia ter feito sem que ele cobrasse [como membro da FIFA], a gente teve que pagar pra ele [risos].** Ele ficou em São Paulo uns três, quatro dias, depois eu também não sei o que ele fez, mas qualquer dúvida o Rui também ligava e perguntava pra ele. [grifo nosso]

Segundo João Novaes, a CBF não pressionava em nada, “mandava a gente fazer e tudo bem”. O que não significou satisfação geral. Sobraram reclamações de postulantes a cidades-sede, que sentiam falta de técnicos para tirar dúvidas<sup>130</sup>. Um dos motivos teria sido a postura da MPM.

Entre janeiro e fevereiro, houve uma reunião interna do Grupo YPY, que era holding da qual [sic] a MPM pertencia. **Decidiram que nós iríamos ter uma posição completamente neutra e dar o mínimo de suporte possível por uma determinada cidade por uma questão de concorrência. Só que isso foi um grande erro, na minha opinião, porque, assim, nós dificultamos a nossa comunicação com as cidades. A gente não podia nem chegar e dizer ‘boa sorte’ pra cada um que ligasse ali, entendeu, porque se não a gente estaria, entre aspas, favorecendo uma candidatura. (...) Então, comigo tinha uma certa comunicação, mas eu não podia, na verdade, fazer isso.** [grifo nosso]

Outra decisão equivocada na opinião do entrevistado foi a de se evitar ao máximo a troca de informações com as candidatas a cidades-sede que pudessem vir a ser documentadas. A MPM queria, supostamente, evitar todo tipo de prova de problemas ou dificuldades na execução do seu trabalho. Não se podia sequer responder a dúvidas por e-mail, só por telefone ou pessoalmente. Telefone também viria a ser proibido, com medo de gravações. A “paranoia” era tão grande que, como o próprio entrevistado sublinhou, ele chegou ao cúmulo de viajar ao norte do país para explicar, por exemplo, qual fonte de texto usar para evitar “aquela coisa de vaziar informações”:

Era nesse nível. Viu como dificultava? Tudo o que eu fiz em Belém... Pô, adorei conhecer a região Norte, três cidades, legal, fiz amizade, mas... Pô, **tudo o que eu fiz, podia ter feito por telefone.** A Fifa quer saber quantas orquestras sinfônicas. “A gente pode dar a orquestra sinfônica, mas pode dar também outros grupos musicais de outros estilos?”. “Nada contra, mas vocês têm três, quatro linhas pra falar isso.”. Eu tinha que tirar todo tipo de dúvidas. [grifo nosso]

<sup>130</sup> Segundo a nota “Grego”, da coluna “Painel FC”, publicada na edição de 29 de abril de 2007 do jornal *Folha de S.Paulo*, na página D2 do caderno “Esporte”: “Representantes de Estados que disputam sedes da Copa-14 têm dúvidas sobre o preenchimento do caderno de encargos. E reclamam de a CBF indicar uma agência de publicidade para respondê-los. Sentem falta de técnicos de algumas áreas.”



Embora as cidades, na opinião de João Novaes, não tivessem colaborado como poderiam, ele acredita que outros equívocos decorreram desses dois pontos (neutralidade e paranoia). Percebeu certo menosprezo, a ponto de parecer que as candidatas pensassem poder entregar qualquer coisa. “Você tinha que ligar seis vezes pra mandarem uma coisa de determinada forma e, na hora que revisava, faltava um detalhe ou não estava bem escrito, então causava um puta desgaste”. Por exemplo, ao coletar a assinatura dos governadores estaduais, esqueceram que deveriam ser duas cópias e enviaram apenas uma. Depois, verificaram que todas essas cópias precisavam estar rubricadas. “Então, teve governador assinando o mesmo documento três, quatro vezes”. Perto do prazo final, em julho de 2007, o entrevistado se preocupou com a configuração das imagens que, pela limitação dos canais de comunicação, estavam chegando diferentes de como era necessário — “e aí foi um pouco tarde demais”. A solução foram desenhos estilizados de um cartunista, para não haver discrepância na qualidade, e definir um padrão para a apresentação dos estádios.

Novaes, de forma geral, lamentou o resultado final. “Todas as partes técnicas estavam lá, mas, infelizmente, ficou muito aquém do esperado”. Para se ter uma ideia, mesmo depois de oficializado como país-sede, em outubro de 2007, a candidatura do Brasil, representada pela MPM, teve de corrigir diversos pontos, geralmente burocráticos, principalmente da parte jurídica, o que levou cerca de três meses, com conclusão, segundo o entrevistado, entre novembro e dezembro, por culpa da própria agência e também do conteúdo enviado pelas cidades. “A FIFA reclamou um pouco de várias coisas que ficaram faltando no *Bid Book*, ficaram muito bravos”:

O que me causou espécie foi começar um livro desse só em janeiro, e ainda meio que do nada. As nossas referências eram livros semelhantes das candidaturas da Alemanha e da África do Sul. Eu achei que o trabalho da CBF começou muito em cima da hora, a MPM se complicou na forma de se comunicar com as cidades. As cidades e os estados, por sua vez, estavam muito burocratizados e também demoraram para dar respostas e muitos não tinham também a menor condição de atender às exigências estruturais. Eu vou dizer uma coisa. Se a Colômbia, se qualquer país tivesse concorrido com a gente, teria apresentado um trabalho melhor, viu? Eu fiquei muito pouco satisfeito com o trabalho que a gente apresentou.

Em agosto de 2007, Rui Rodrigues afirmou o contrário, que o *livro* brasileiro ficou melhor do que o dos vencedores das candidaturas anteriores — Alemanha (2006) e África do

Sul (2010)<sup>131</sup>. Depois, em entrevista à *Meio & Mensagem*, publicação voltada para o mercado publicitário, foi apresentado como “o dono da bola” e, na visão de dirigentes da Confederação, teria falado como se qualquer negócio envolvendo a Copa tivesse de passar, primeiro, pela agência. O site oficial da MPM na época ainda anunciava, em letras garrafais, que “a Copa do Mundo é nossa” e capitalizava a empreitada bem-sucedida: “A FIFA aprovou, com unanimidade, o caderno desenvolvido pela agência”. A postura incomodou dirigentes da CBF e, de acordo com a *Folha de S.Paulo*, provocou a “primeira discórdia” do Mundial. Num jantar com figuras do poder público, como o governador paulista José Serra, o prefeito Gilberto Kassab e o ministro Orlando Silva Jr., entre outros, Teixeira avisou que não haveria privilégio nos negócios relacionados ao torneio. O jornal interpretou como um recado para a MPM, ainda que seus sócios, Nizan Guanaes e Bia Aydar, não estivessem presentes<sup>132</sup>.

De qualquer maneira, assim como João Novaes, a Confederação pareceu discordar de Rui Rodrigues, seja quanto à qualidade do trabalho da agência ou quanto à postura de seus representantes. O contrato foi rescindido entre o fim de 2007 e o começo de 2008, sem que se possa precisar a data. A mesma contratante que, estranhamente, não pressionava em nada, não prosseguiu com a agência pelos anos vindouros, segundo o entrevistado por “desentendimentos e algumas críticas que tiveram, se eu não me engano, do trabalho da MPM — eram coisas que eu ouvia de fofoca”.

### *As cidades*

A República Federativa do Brasil, como o próprio nome diz, é formada por 27 unidades federativas (26 estados e um Distrito Federal). Apenas nove, um terço, não se interessaram em concorrer a cidade-sede da Copa do Mundo de 2014. As 18 candidatas passaram a ser assim consideradas, iniciando a disputa, tão logo a CBF oficializou a candidatura junto à FIFA, em 13 de dezembro de 2006.

Inicialmente, as cidades tinham de se preocupar em dar suporte à candidatura brasileira, mas, ao mesmo tempo, aproveitavam para se colocar pela forma como contribuía, valorizando os próprios atributos e disputando outros espaços importantes do Mundial que não só o de cidade-sede (como cidade da partida de abertura do torneio, da final ou do centro de imprensa). Atuavam, portanto, como candidatas, ainda que, naquele momento, como tipificado na

<sup>131</sup> FOLHA DE S.PAULO. “Painel FC - Salto Alto”. São Paulo, 30/10/2007, D2.

<sup>132</sup> FOLHA DE S.PAULO. “Copa-14 tem sua primeira discórdia”. São Paulo, 23/11/2007, p. D1.

Introdução, como candidatas coadjuvantes, dependentes, antes, do sucesso da candidatura nacional.

O período inteiro das cidades enquanto *candidatas coadjuvantes*, entre dezembro de 2006 e outubro de 2007, quando da oficialização do Brasil como país-sede da Copa, transcorreu sem que se soubesse quantas vagas estavam em jogo. A FIFA poderia, quem sabe, pautar-se pelo número de cidades-sede das últimas edições, ou melhor, refinar o escopo, a partir daquela em que se adotou o atual formato, de 32 seleções, em 1998, na França, quando se escolheram dez. Japão e Coreia do Sul, que dividiram a condição de anfitriões em 2002, somaram 20, o maior número da história do torneio. A Alemanha, referência por ter sediado a última Copa, em 2006, 12. A África do Sul, em 2010, viria a ter nove<sup>133</sup>. Uma média de 12 cidades-sede. A entidade jamais disse em que se baseava.

O *Hosting Agreement*, documento que, de alguma forma, falava pela FIFA, previa, também sem justificativa alguma, ainda em 2007, dez cidades-sede. A CBF contava com a flexibilidade da FIFA para aumentar para 12<sup>134</sup> - o que viria a acontecer, como se sabe. Existiu a ideia de concorrência pública, ainda que a questão técnica viesse em primeiro lugar e, a política, em segundo<sup>135</sup>. A proposta, defendida por alguns membros do grupo de trabalho interministerial do governo federal, em que a Confederação tinha um assento como convidada permanente, surgiu ainda em dezembro de 2006, em seguida à oficialização da candidatura brasileira. A probabilidade da exclusão de um ou outro político aliado, porém, minou essa ideia. O plano acabou abandonado com a argumentação oficial de que não havia tempo hábil para preparar essa concorrência<sup>136</sup>. O grupo de trabalho interministerial ainda tentou, em janeiro de 2007, marcar uma reunião para discutir as possíveis sedes, definir critérios e dar uma satisfação aos futuros preteridos, mas nunca obteve êxito<sup>137</sup>. A FIFA até previa, de acordo com o *Hosting*

<sup>133</sup> O número de cidades-sede por Copa do Mundo (e não de estádios, já que algumas cidades tiveram mais de um utilizado), em ordem cronológica: Uruguai-1930 (1); Itália-1934 (8); França-1938 (10); Brasil-1950 (6); Suíça-1954 (6); Suécia-1958 (12); Chile-1962 (4); Inglaterra-1966 (7); México-1970 (5); Alemanha-1974 (9); Argentina-1978 (5); Espanha-1982 (14); México-1986 (11); Itália-1990 (12); EUA-1994 (9); França-1998 (10); Coreia do Sul e Japão (20); Alemanha (12); África do Sul-2010 (9); Brasil-2014 (12).

<sup>134</sup> Segundo a reportagem “Acordo prevê dez sedes, e CBF, até 12”, publicada na edição de 27 de abril de 2007 do jornal *Folha de S.Paulo*, na página D2 do caderno de Esporte: “O ‘Acordo para Sedar’ [*Hosting Agreement*] da FIFA prevê que apenas dez cidades poderão ser sedes da Copa do Mundo. Só que a CBF conta com a flexibilização deste item: há a possibilidade do uso de mais duas sedes. A confederação vai enviar um número maior de cidades candidatas a receber jogos do campeonato. Será a FIFA quem vai determinar quais das selecionadas serão oficializadas na realização do evento. Na Alemanha, foram 12 sedes.”

<sup>135</sup> Conforme registrado na nota “Faz parte”, da coluna Painei FC, publicada na edição de 14 de dezembro de 2006 do jornal *Folha de S.Paulo*, na página D2 do caderno de Esporte.

<sup>136</sup> Conforme registrado na nota “Era uma vez”, da coluna “Painei FC”, publicada na edição de 14 de dezembro de 2006 do jornal *Folha de S.Paulo*, na página D2 do caderno de Esporte.

<sup>137</sup> Conforme as notas “Mapa da Copa” e “Em ovos”, da coluna “Painei FC”, publicadas na edição de 14 de janeiro de 2007 no jornal *Folha de S.Paulo*, na página D2 do caderno de Esporte.

*Agreement*, um processo em que supervisionaria essa “seleção formal, com critérios de seleção e procedimentos transparentes”<sup>138</sup>, mas, como dissemos, esses critérios nunca seriam divulgados, nem mesmo em maio de 2009, quando da oficialização dos 12 locais que receberiam jogos da Copa do Mundo de 2014.

Provavelmente calejados pela dinâmica da política brasileira e, de alguma forma, cientes do pulso firme e da influência de Ricardo Teixeira, não só na CBF, mas na FIFA, onde era membro do Comitê Executivo, os representantes das cidades sabiam que a chave do sucesso seria agradá-lo e, ao mesmo tempo, mostrar serviço. Assim, desde dezembro de 2006, quando da inscrição da candidatura brasileira, já se comportavam como se estivessem em campanha. A Arena da Floresta, em Rio Branco, no Acre, inaugurada quatro dias depois de a Confederação oficializar a candidatura brasileira, comportava 20 mil pessoas, mas um dos engenheiros responsáveis apressou-se em avisar que o projeto previa aumento para 40 mil, o que atenderia às exigências da entidade<sup>139</sup>. Os defensores do Nordeste destacaram as belezas das praias e os vôos diretos para a Europa<sup>140</sup>. O governo federal não escondeu a predileção por Brasília<sup>141</sup>. E rivalidades locais, como entre os gaúchos Grêmio e Internacional, sobre quem teria o estádio dentro da competição, começaram a esquentar<sup>142</sup>.

Em 2007, Ricardo Teixeira começou a rodar o país e, propositadamente ou não, acabou por incentivar essa disputa. Visitando as candidatas para definir possíveis sedes, perscrutava a disposição dos governantes em receber o Mundial, em realizar as obras necessárias<sup>143</sup>, e, segundo João Novaes, pedia à MPM que enviasse a carta de intenções para aderirem à

---

<sup>138</sup> Segundo a reportagem “Acordo prevê dez sedes, e CBF, até 12”, publicada na edição de 27 de abril de 2007 do jornal *Folha de S.Paulo*, na página D2 do caderno de Esporte: “Segundo a entidade máxima do futebol, o comitê organizador do Mundial deverá fazer um processo de ‘seleção formal, com critérios de seleção e procedimentos transparentes’. A estrutura de estádios deve ser o principal item a ser levado em conta, segundo a FIFA, que vai supervisionar todo o processo de escolha.”

<sup>139</sup> Segundo a reportagem “De olho na Copa-14, Acre lança Arena para 20 mil”, publicada na edição de 17 de dezembro de 2006 do jornal *Folha de S.Paulo*, na página D6 do caderno de Esporte: “O governo do Acre inaugura hoje a Arena da Floresta com um jogo entre o Rio Branco e a seleção brasileira sub-20. O estádio terá capacidade para apenas 20 mil torcedores. ‘O projeto foi feito para 40 mil, mas pelas condições aqui fizemos primeiro 20 mil lugares’, afirmou Luiz Volpato, um dos engenheiros que respondem pelo projeto. A ‘primeira arena multieventos do Norte do país’ custou R\$ 20 milhões aos cofres acreanos e seguiu o exemplo da Arena da Baixada e da Arena de Joinville. O estádio fica em um complexo, a Cidade do Esporte, a 5 km do centro de Rio Branco.”

<sup>140</sup> Conforme registrado na nota “Paraíso”, da coluna “Painel FC”, publicada na edição de 29 de dezembro de 2006 do jornal *Folha de S.Paulo*, na página D2 do caderno de Esporte.

<sup>141</sup> Conforme registrado na nota “Doce lar”, da coluna “Painel FC”, publicada na edição de 13 de janeiro de 2007 do jornal *Folha de S.Paulo*, na página D2 do caderno de Esporte.

<sup>142</sup> Segundo a nota “Guerra”, da coluna “Painel FC”, publicada na edição de 27 de março de 2007 do jornal *Folha de S.Paulo*, na página D2 do caderno de Esporte: “Inter e Grêmio estão tensos em relação ao encontro de hoje entre a governadora gaúcha, Yeda Crusius (PSDB), e Ricardo Teixeira. Os dois prometem chiar se ela pender para o projeto de um dos rivais para a Copa-14.”

<sup>143</sup> Conforme registrado na reportagem “Para CBF, nenhum estádio do Brasil tem padrão de Mundial”, publicada na edição de 14 de março de 2007 do jornal *Folha de S.Paulo*, na página D1 do caderno de Esporte.

candidatura. “Para assinar, dizendo que estava querendo se candidatar. Quem tinha essa carta, recebeu em fevereiro [de 2007] o *questionário*”. As viagens eram tantas a ponto de rivalizar com o presidente da república, Luiz Inácio Lula da Silva. Em abril, já tinha se reunido com 14 governadores de estado, contra 16 do “adversário”<sup>144</sup>. Em busca de apoio político, Teixeira não descartava ninguém e jogava nas costas da FIFA a decisão final sobre quem seriam os contemplados<sup>145</sup>. Alguns sabiam que o esforço valia, nem que fosse para se mostrarem dignos às “sobras”, como a indicação para receber times em busca de centros de treinamento<sup>146</sup> ou mesmo para a preparação dos árbitros<sup>147</sup>. No entanto, como frisado, não houve explicações ou esclarecimentos relativos a critérios técnicos para a seleção.

Quase um ano depois da oficialização do Brasil como país-sede, em outubro de 2008, ainda não havia definição quanto ao número de cidades-sede. Jérôme Valcke, secretário-geral da FIFA, declarou naquele mês que pretendia contar com apenas dez, e os brasileiros insistiam em incluir mais duas. “Temos a nossa visão, mas a CBF poderá nos convencer”, declarou à época<sup>148</sup>. Ricardo Teixeira mostrou-se bastante persuasivo e, finalmente, em dezembro daquele ano, o Comitê Executivo da entidade, do qual fazia parte, mais uma vez realizado em Tóquio, selou o aumento do número para 12 e “aumentou também seu poder de barganha com políticos e dirigentes locais”<sup>149</sup>.

Esse suspense deu lugar a outro. O anúncio oficial, previsto para 20 de março de 2009, foi adiado para o último dia de maio, com o argumento de que a escolha de duas cidades-sede a mais exigiria um tempo maior de análise — para a transferência do local do anúncio, de

---

<sup>144</sup> Segundo a reportagem “Agenda de cartola rivaliza com a de Lula neste ano”, publicada na edição de 27 de abril de 2007 do jornal *Folha de S.Paulo*, na página D2 do caderno de Esporte: “A romaria de Ricardo Teixeira por Estados interessados em abrigar a Copa do Mundo faz de sua agenda uma sucessão de encontros similar à enfrentada pelo presidente da República. O dirigente já se encontrou com 14 governadores. De acordo com a agenda oficial do presidente Lula, desde o começo do ano ele teve audiências particulares com 16 governadores. Mas ainda há governantes à espera de Teixeira. Mais seis Estados esperam recebê-lo.”

<sup>145</sup> Segundo a reportagem “Agenda de cartola rivaliza com a de Lula neste ano”, publicada na edição de 27 de abril de 2007 do jornal *Folha de S.Paulo*, na página D2 do caderno de Esporte: “Em busca de apoio político, Teixeira não descarta nenhuma opção. Afirma que a FIFA é quem escolherá as sedes.”

<sup>146</sup> Segundo a reportagem “Agenda de cartola rivaliza com a de Lula neste ano”, publicada na edição de 27 de abril de 2007 do jornal *Folha de S.Paulo*, na página D2 do caderno de Esporte: “Como o cartola trabalha com até 12 estádios no Mundial, os governadores já começam a disputar ‘prêmios de consolação’. Alguns sonham em receber partidas da Copa das Confederações, que acontece em 2013, mesmo sem estarem na relação da Copa, algo que não está programado pela FIFA. Outros, mais realistas, querem reformar estádios só para receber treinos das seleções.”

<sup>147</sup> Conforme registrado na nota “Coadjuvantes: cidades fora da disputa também querem participar”, da coluna “Painel FC”, publicada na edição de 18 de agosto de 2007 do jornal *Folha de S.Paulo*, na página D2 do caderno de Esporte, João Pessoa, capital do estado da Paraíba, “mostrou interesse em se transformar na sede dos árbitros que vão trabalhar na competição.”

<sup>148</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Teixeira quer ‘outra bola’ na Olimpíada”. São Paulo, 02/10/2008, p. D3.

<sup>149</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Com 12 sedes, comitê da Copa-2014 ganha poder”. São Paulo, 27/12/2008, p. D2.

Zurique, na Suíça, sede da FIFA, como era costume, para Nassau, nas Bahamas, nenhuma explicação<sup>150</sup>. Os dois meses extra, de qualquer maneira, fizeram com que as candidatas dessem suas últimas cartadas. A Soccerex, uma espécie de feira e fórum internacional do futebol, em Brasília, teve suas vagas “rapidamente preenchidas”. A *Folha de S.Paulo* entendeu que “o fato de a Fifa ter postergado o anúncio das cidades-sedes da Copa de 2014 acirrou ainda mais a disputa por estandes”<sup>151</sup>. O adiamento, segundo o jornal, teria feito com que diversos comitês locais intensificassem suas campanhas, mesmo que a CBF visse o esforço como inútil, pois nada de novo chegaria à Fifa<sup>152</sup>.

Raquel Verdenacci, ex-membro da SPTuris, criticou o que entendeu como um estímulo à competição entre as cidades, “uma desinformação prejudicial para o processo”:

Cada um cuidou da sua vida. Cada um questionava suas coisas e cada um fez de um jeito. Algumas sedes contrataram consultoria, outras, não. Não teve conversa como: ‘Vamos equiparar as informações’. Não trabalhar em conjunto era muito bom para a FIFA. Começamos a compartilhar informações muito depois [do anúncio oficial das cidades-sede].

Luiz Sales, com quem trabalhou na autarquia, corroborou essa opinião:

Infelizmente, não superamos alguns bairrismos, muitas cidades se viam como concorrentes. A gente falava: ‘Ó, temos de nos juntar. Trabalhando individualmente vai ter muito retrabalho, tem soluções que um pode aproveitar do outro’. Faltou um pouco disso, uma diretriz nacional. As cidades estavam trabalhando só para garantir a sua cidade [sic]. E isso às vezes faz com que o esforço seja muito maior, e o resultado, muito menor.

### 1.3.2 A candidatura de São Paulo

#### *Ponto de partida*

A cidade de São Paulo também fez parte daquele *tour* de visitas de Ricardo Teixeira, presidente da CBF, entre o fim de 2006 e o começo de 2007. Apesar de ter sido a 11ª capital

<sup>150</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Mudança: FIFA adia o anúncio das sedes do Mundial de 2014 para maio”. São Paulo, 12/03/2009, p. D2.

<sup>151</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Feira vira palco de disputa pelo Mundial-2014”. São Paulo, 19/03/2009, p. D4.

<sup>152</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Painel FC - Enxugando gelo”. São Paulo, 20/03/2009, p. D2.

brasileira contemplada, gerando alguma apreensão<sup>153</sup>, a paulista já tinha sido colocada pelo dirigente como uma das sedes da Copa do Mundo de 2014 em uma declaração pública de janeiro de 2007<sup>154</sup>. Teixeira estava, na verdade, reagindo a um mal-entendido. Um dirigente são-paulino defendeu o Morumbi do que seria um comentário do presidente da CBF excluindo o estádio<sup>155</sup> e provocou, indiretamente, essa confirmação extraoficial de que São Paulo seria uma das anfitriãs.

Assim como as concorrentes, São Paulo recebeu a carta de intenções para aderir à candidatura e, entre fevereiro e março, João Novaes não soube precisar exatamente quando, o *questionário*. Esse documento, uma espécie de formulário e, ao mesmo tempo, manual, com perguntas e pedidos de informações a que teriam de se ater para preparar cada um seu *Bid Book*, poderia ser entregue até o último dia de maio de 2007. O item “2 - Estádios”, porém, exigia que se informasse o “estádio selecionado” “no prazo máximo de 10 (dez) dias, a partir do recebimento desta correspondência, esclarecendo a seguinte questão: o estádio selecionado será reformado ou trata-se de um novo?”. O que, de acordo com Novaes, “causou um rebuliço”, pegando “todo mundo de surpresa”. Ninguém imaginava ter de definir o ponto mais importante da candidatura poucos dias após a visita de Teixeira e comprometer-se, automaticamente, com a possibilidade de organização do torneio. “Muitos ligaram reclamando e sei que alguns estados tinham plano de fazer concorrência pelo estádio”. O pedido urgente, segundo o entrevistado, justificava-se pelo pouco tempo para a preparação do *Bid Book* brasileiro, a ser entregue no fim

---

<sup>153</sup> Segundo a nota “Retardatário”, da coluna “Painel FC”, publicada na edição de 24 de janeiro de 2007 do jornal *Folha de S.Paulo*, na página D2 do caderno de Esporte: “Cartolas da FPF [Federação Paulista de Futebol] dizem não se preocupar por ainda não terem recebido Ricardo Teixeira, que na sexta encontra o governo do Rio. Acreditam que ninguém tira o Estado do mapa da Copa-14.”

<sup>154</sup> Segundo a reportagem “São Paulo vai ser uma das sedes da Copa, diz Teixeira”, publicada na edição de 18 de janeiro de 2007 do jornal *Folha de S.Paulo*, na página D1 do caderno de Esporte: “O presidente da Confederação Brasileira de Futebol, Ricardo Teixeira, declarou ontem que São Paulo será com certeza uma das sedes da Copa do Mundo de 2014 se o Brasil vencer a disputa para abrigar o evento. **‘São Paulo, é óbvio, será uma das sedes da Copa do Mundo’**, disse o dirigente da CBF, que reafirmou que nenhum estádio da cidade tem condições de atender às exigências para a Copa, especialmente o Morumbi, e criticou também o Maracanã. A entidade selecionará 18 cidades para a Copa, que depois serão reduzidas para 12. Para Teixeira, ‘nenhum estádio de São Paulo está adequado’ para a Copa, mas **‘a cidade tem pujança e recursos financeiros suficientes’**. (...)” [grifo nosso]

<sup>155</sup> Segundo a reportagem “São Paulo acha exagero tirar Morumbi de 2014”, publicada na edição de 10 de janeiro de 2007 do jornal *Folha de S.Paulo*, na página D1 do caderno de Esporte: “Uma precipitação. Assim o superintendente de futebol do São Paulo, Marco Aurélio Cunha, classificou a atitude do presidente da CBF, Ricardo Teixeira, que praticamente descartou o Morumbi como possível palco dos jogos de um eventual Mundial, o de 2014, a ser realizado no Brasil. ‘Acho uma futurologia precipitada. São Paulo economicamente é muito forte. E uma cidade como essa não pode ficar de fora. O próprio Ricardo Teixeira deixou em aberto a possibilidade de o Morumbi fazer parte’, afirmou Cunha. De acordo com o dirigente são-paulino, muita coisa ainda vai mudar até 2014. ‘O Juvenal Juvêncio [presidente] vai saber como conduzir esse assunto’. Num encontro no Palácio dos Despachos com o governador de Minas, Aécio Neves (PSDB), Teixeira disse que via o Morumbi como um problema, já que não tinha estacionamento no local. Por outro lado, fez elogios à estrutura do Mineirão, que é administrado por órgão do governo estadual.”

de julho. “Era pra gente ir começando, porque além das cidades, tem de pegar dados detalhados dos estádios”.

Só em audiência no Palácio dos Bandeirantes, sede do governo estadual paulista, no fim de março, é que os paulistanos pareceram acreditar, de fato, naquela confirmação extraoficial de São Paulo como uma das cidades-sede do Mundial. No encontro com o governador José Serra, Ricardo Teixeira esfriou as pretensões de dois estádios<sup>156</sup>, mas, por outro lado, colocou São Paulo num patamar acima das demais: como postulante à abertura ou encerramento<sup>157</sup>.

### A organização

O Grupo de Trabalho da candidatura de São Paulo foi instituído no fim de abril de 2007 “com o objetivo de realizar estudos para o desenvolvimento de um projeto que vise à participação paulista na Copa do Mundo de 2014”<sup>158</sup>. Deveriam integrar esse grupo, segundo o decreto que o criou, a Casa Civil e a Secretaria de Esporte, Lazer e Turismo do Governo do estado. Poderiam vir a participar, por parte da Prefeitura, a Secretaria Municipal de Esportes, Lazer e Recreação e a São Paulo Turismo (SPTuris), autarquia municipal ligada a eventos e turismo. Na prática, a coordenação da candidatura paulistana e a produção do *Bid Book de São Paulo* ficaram centralizadas na SPTuris e na figura de seu presidente, Caio de Carvalho, no cargo entre 2005 a 2011. Sobre o livro, classificou assim sua funcionalidade: “É uma maneira de defender a sede com marketing”.

Talvez por essa experiência no ramo, os secretários ligados ao esporte, municipal (Walter Feldman) e estadual (Claury Alves), foram preteridos. Segundo Caio de Carvalho,

<sup>156</sup> Segundo a nota “Aliado”, da coluna “Painel FC”, publicada na edição de 29 de janeiro de 2007 do jornal *Folha de S.Paulo*, na página D2 do caderno de Esporte: “Entusiasta da construção de um estádio em Diadema ou em Guarulhos para a Copa-14, Marco Polo Del Nero fará lobby na CBF também pelo Morumbi. Isso apesar do distanciamento entre São Paulo e federação paulista. Diz querer duas arenas paulistas no projeto do Mundial.” E também de acordo com a reportagem “No papel, SP poderia até ser sede única”, de 28 de março de 2007, no mesmo periódico, caderno e página: “Pela quantidade de planos, o Estado de São Paulo poderia até imaginar abrigar uma Copa do Mundo sozinho. Barueri está construindo um estádio. O Santos projeta uma nova arena, possivelmente em Diadema (Grande São Paulo), com financiamento estrangeiro. Dinheiro do exterior também é o alvo de Palmeiras e Corinthians, que sonha com euros de Boris Bereзовski. Guarulhos também já procurou a FPF para mostrar seu rascunho. A entidade prometeu ajuda a todos, além do Morumbi. No Rio, há o João Havelange, feito para o Pan.”

<sup>157</sup> Segundo a reportagem “Serra obedece à CBF, que satisfaz SP pela metade”, publicada na edição de 29 de março de 2007 do jornal *Folha de S.Paulo*, na página D2 do caderno de Esporte: “**Teixeira acenou com a chance de SP ter a abertura ou a final da Copa** - o Brasil deve ser indicado pela FIFA como sede em novembro deste ano.” [grifo nosso]

<sup>158</sup> Conforme o Decreto nº 51.784, de 27 de abril de 2007, do então governador paulista, José Serra: <http://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/decreto/2007/decreto-51784-27.04.2007.html>



porém, teria sido para não melindrar nenhum dos dois, caso um deles fosse escolhido, e porque as pastas não teriam estrutura suficiente, nem experiência na área para cuidar da concorrência:

O [José] Serra, que à época era governador, resolveu dizer o seguinte: “Não pode ser nem um nem outro”. Aí que eu entrei. Fui ministro do Esporte no [governo] Fernando Henrique [Cardoso] [2002-2003] e a SPTuris tinha uma estrutura que as secretarias não tinham. Realmente as secretarias são frágeis e pobres. “E se eu der pro Walter, o secretário de Estado vai ficar com ciúmes, e vice-versa, e aí o Caio vai ser [o presidente da comissão paulista da Copa].” Nós tínhamos uma equipe muito qualificada na SPTuris de técnicos e profissionais. É uma empresa que tinha recursos, materiais, fins pra fazer.

Claury Alves reconheceu a capacidade da SPTuris e não pareceu incomodar-se com a autarquia encarregar-se da missão, nem com Caio de Carvalho ser o principal coordenador da candidatura paulistana. Destacou a experiência da empresa para que desenvolvesse o material “com muito mais dinamismo e eficiência, porque é o metiê dela”. Além disso, por tratar-se de uma Secretaria, argumentou que, se ficasse em suas mãos, teria de fazer licitação para muitos dos serviços a serem executados, “e isso aí demandaria um tempo enorme”:

E a gente se entendia muito, nunca teve lá um querer aparecer mais que o outro, um querer ser porta-voz, nunca houve isso. Sempre houve, assim, uma ideia muito profissional de fazer a coisa. Tudo isso que foi apresentado tinha o envolvimento de todas as partes.

Segundo André Cintra, que participaria da gestão municipal em seguida à saída de Carvalho, como assessor de imprensa da Prefeitura, de 2011 a 2014, e assessor de comunicação do Comitê Integrado de Gestão Governamental Especial para a Copa do Mundo de Futebol de 2014 (SPCopa), de 2013 a 2014, a explicação enveredaria por outro caminho. Em sua opinião, os grupos do prefeito Gilberto Kassab e do governador José Serra “eram quase que o mesmo, havia uma certa homogeneidade”, sendo que o primeiro era, inclusive, uma “cria” do segundo:

O comitê chamava paulista, no começo, mas a coordenação era da São Paulo Turismo, que é municipal. Como isso é possível? Como o Governo do estado cria um órgão e entrega a cabeça do órgão ao Município? Só entrega porque é do mesmo grupo, tá tudo em casa. Entendeu?

### *O papel central da SPTuris*

O poder público de São Paulo, na figura do governo do estado ou da Prefeitura Municipal, poderia ter instituído um grupo focado na candidatura paulistana em qualquer momento a partir de dezembro de 2006, quando o Brasil, representado pela CBF, oficializou seu interesse de sediar a Copa do Mundo de 2014. A visita de Ricardo Teixeira, presidente da Confederação, ao governador José Serra, no fim de março de 2007, poderia ter sido outro pretexto. O decreto de 27 de abril daquele ano, mencionado acima, poderia parecer que atendia a essa necessidade, sendo instituído um mês depois. Era, na verdade, a resposta a uma demanda urgente: a *carta-convite* de 23 de abril de 2007, assinada por Teixeira e endereçada a Kassab, convidava oficialmente a cidade de São Paulo a participar do processo de candidatura brasileira. Quatro dias antes, portanto, do decreto.

O documento estabelecia 31 de maio de 2007 como data-limite para a entrega de todo o material e dos contratos assinados, o que significava, segundo o próprio texto, compromisso oficial com a candidatura. Atrasos não seriam tolerados em razão do rigor da FIFA nos processos de seleção. No texto, tomava-se cuidado para, em nenhum momento, passar a impressão de que a candidatura brasileira estava garantida, de que seria apenas uma etapa burocrática a cumprir - afinal, a Colômbia tinha acabado de desistir da concorrência e o país já era candidato único. Uma ressalva aparentemente diplomática não se furtava a uma pequena manifestação de otimismo: “caso o Brasil venha a realizar essa importante conquista, como é de nossa firme convicção”. Nada de definição quanto à data final do processo de candidatura (apenas que seria no fim do ano), nem do número de cidades-sede (18 disputariam 10 ou 12 vagas). Convite para seminário no Rio de Janeiro, em 9 de maio, e abertura do “canal de comunicação” com a MPM, João Novaes para o “atendimento”.

Aquele mesmo *questionário*, que pedia a informação de qual o estádio selecionado em dez dias, acompanhava o “pacote” da *carta-convite* ou, só então, foi efetivamente repassado à SPTuris. Luiz Sales, coordenador do *Bid Book de São Paulo* ao lado de Fabíola Bemfeito e ex-assessor de projetos estratégicos da SPTuris, disse ter tido conhecimento do *questionário* poucos dias depois dessa data da *carta-convite*. Tinha cerca de um mês para “preparar toda uma venda da cidade como candidata a um megaevento” e sem uma equipe dedicada apenas a isso. “Adoraria, mas não contratamos ninguém. Foi trabalho dobrado mesmo. Todo mundo participou [‘umas 15 pessoas’], ninguém era exclusivo, ninguém pode se dedicar 100% à Copa do Mundo”. Com tudo “corrido”, a autarquia convocou uma reunião com os órgãos do Governo do estado e da Prefeitura:

Falamos: “Olha, teremos que fazer uma candidatura de São Paulo, do estado e do município, então, tá aqui a sua parte, a sua parte, duas semanas no máximo pra todo mundo responder que temos de entregar isso em maio”. Então, **eles mandaram as informações, a gente compilou, editou e entregou. Demos um tratamento, naturalmente. Você vai perceber no material inicial [rascunho de respostas] que é tudo quase que um monte de colagens, cada um entregava num formato. O que pedíamos era que os órgãos não se preocupassem tanto em formatar uma resposta, passassem a informação que faríamos essa consolidação. As secretarias indicavam qual era o funcionário com quem íamos falar e, se precisasse, pedíamos algum esclarecimento. Se fossem voltar pra suas bases, fazer as pesquisas e elaborar uma resposta para mandar, demoraria muito. Às vezes a gente preferia receber a informação bruta, trabalhava internamente e apresentava. Porque não haveria tempo. Nós coordenamos tudo para, primeiro, não perder o prazo e, segundo, responder com consistência tudo o que era pedido.** A parte de imagens era o mais fácil, porque a São Paulo Turismo já era responsável pela preparação de diversas candidaturas para outros eventos, congressos, convenções e tudo mais, mas nunca uma Copa do Mundo. Um pouco da nossa angústia nesse caso é porque se desse errado a culpa era nossa (risos). [grifo nosso]

Apesar da experiência, Luiz Sales admitiu que participar da concorrência para sediar um Mundial revelou-se algo “totalmente diferente”. Geralmente, as outras candidaturas eram “um pouco mais simples”, “mais curtas” [o tempo entre a concorrência e a realização do evento] e com demandas menores, principalmente por não exigirem o mesmo de uma Copa do Mundo na parte de infraestrutura nem tantas interfaces. E nenhuma era tão “delicada” como aquela:

O grande desafio foi fazer uma candidatura não sabendo qual o tamanho da conta. Você se candidatava a um evento que aconteceria dali a sete anos, em que ia ser feito um investimento vultoso em infraestrutura, sem ideia de quanto. E mesmo assim, assinavam-se documentos de compromisso.

A SPTuris também teve reuniões com a MPM, pois, como João Novaes explicou, só assim era possível sanar dúvidas. Segundo Luiz Sales, não por dificuldade em responder ao *questionário*.

Era mais assim: “Ó, vem cá, o prazo é esse mesmo? Qual o formato que você quer receber? Como que eu tenho que te entregar? Ah, é um CD? Você quer quantas cópias impressas?”. Era mais nesse sentido. E era um material impresso mesmo. A gente também entregou em mídia digital.

A autarquia e a agência tiveram alguns desentendimentos e desencontros. João Novaes disse que a “a SPTuris achou que a gente ia fazer tudo” e atrasou “o trabalho no início, estavam com dificuldade de fazer”. Segundo o colaborador da MPM, “teve uma hora [em] que o Rui

[Rodrigues teve de] ligar e dar uma comida de rabo, dizer que São Paulo podia correr o risco — nunca ia acontecer, mas... — de ficar de fora, porque não mandavam o que a gente pedia”. Ele reconheceu parte da culpa, novamente pela questão da comunicação limitada. Luiz Sales não mencionou problemas a esse respeito, mas fez críticas ao *questionário*, “a grande referência”:

Não conseguíamos avaliar qual a importância de algumas perguntas. ‘Qual é a temperatura média de julho dos últimos dez anos?’. Cara, tá bom, vamos responder, mas puta coisa chata, sabe? A gente entendeu que era uma candidatura meio default pra todos os lugares do mundo, então essas perguntas talvez fossem relevantes. **Era um material muito aberto. O que foi produzido não foi com a qualidade necessária justamente por conta da inexperiência e da encomenda que era feita. Perguntava de uma maneira que não era esclarecedora o suficiente pra que a gente pudesse responder.** Já perto da Copa percebemos que, se tivéssemos focado prioritariamente em dois ou três itens, o esforço e o gasto seriam menores, e o resultado, quem sabe, melhor. [grifo nosso]

João Novaes explicou que a FIFA não tinha um documento preparado exclusivamente para as candidaturas, detalhando quais informações gostaria de saber. O *questionário* elaborado pela MPM foi baseado em Bid Books das candidaturas vitoriosas anteriores (Alemanha, em 2006, e África do Sul, em 2010) e em perguntas solicitadas pela entidade via CBF — assim como a espinha dorsal do *Bid Book* brasileiro. “Mais ou menos copiadinho mesmo pra não dar problema. Não teve muita criatividade aí, não”, reconheceu. “Só a lombada, feita com madeira reciclável, aí é coisa nossa. Feito com um cara especialista em fazer decoração de livros”. Sobre as questões muito específicas cuja importância Luiz Sales não conseguia compreender, respondeu:

Essa é uma das perguntas menos bizarras, essa é uma das perguntas mais importantes, que é pra você definir os horários dos jogos. Está perguntando a temperatura exatamente para saber qual a melhor hora para se marcar um jogo. Tem que ver as questões da televisão, precisa do dado técnico ali. A gente tinha um capítulo inteiro só de temperaturas.

Apesar desses ruídos, Sales, que ainda viria a participar de outras etapas da candidatura de São Paulo, classificou a produção do *Bid Book de São Paulo* como “a parte mais fácil”. Para Novaes, ficou faltando uma foto, justamente a principal da seção do estádio. A MPM aproveitou um *frame* de um vídeo do clube em que apresentava o projeto de reforma: “ficou uma bosta”. Fazia parte de sua função consolidar todos os *Bid books* num mesmo padrão — “tinha de ser assim, todas as cidades tinham de ter o mesmo número de páginas, mesmas informações, na

mesma ordem etc”. Nas palavras de Caio de Carvalho, se o papel central era da SPTuris: “O conteúdo, nós. A apresentação, a agência. A maquiagem que ajudou a embalar e fazer uma apresentação bonita”.

### *O seminário*

Nem todos tinham a mesma facilidade da SPTuris em participar de uma candidatura. Para garantir que as cidades enviariam o material nos moldes da FIFA, a MPM promoveu um seminário, em maio de 2007, num hotel de luxo no Rio de Janeiro. A ideia era dar algumas primeiras explicações, inclusive quais funcionários da agência passariam nas capitais para tirar dúvidas e esclarecer como produzir o *Bid Book*. Houve ênfase, segundo o entrevistado, no que tinha de ser aprovado e ajustado legalmente para concorrer, com o ultimato de que era “pegar ou largar”.

Novaes lembra, em tom de anedota, da “fragilidade” de algumas candidatas, evidenciada pelo comportamento de seus representantes nesse seminário, como aconteceu com o Piauí:

Teve uma sessão de perguntas. Olha o que os caras [de Teresina] disseram: “Queremos saber se realmente vamos ter chance de concorrer, porque somos uma cidade muito pobre, não sei que... nós realmente temos alguma chance?”. Eles mandaram isso e, ah, ouviram uma resposta política, de que todos têm chance e tal, aquela coisa. Chegaram ao ponto de dizer que a principal característica [de Teresina] é que era uma cidade com muitos raios e aonde [sic] não funcionava o ditado de que um raio nunca cai no mesmo lugar duas vezes [risos].

O curioso mesmo era a presença da Rede Globo, de que ele disse não se recordar muito bem. Dona dos direitos de transmissão das Copas do Mundo de 2010 e 2014<sup>159</sup> e, por isso, responsável pela Fan Fest assim que se confirmasse o Brasil como sede<sup>160</sup>, emplacou seu executivo de TV, Luiz Fernando Lima, para discursar por meia hora. Luciano Huck, apresentador do canal, teve cerca de 20 minutos. Regina Casé também estava lá. O ministro do Esporte, Orlando Silva Jr., e o presidente da CBF, Ricardo Teixeira, gastaram apenas dez

<sup>159</sup> Conforme registrado na reportagem “Globo paga menos e leva dois Mundiais”, publicada na edição de 7 de dezembro de 2006 do jornal *Folha de S.Paulo*, na página D2 do caderno de Esporte.

<sup>160</sup> Conforme registrado na nota “Fan fest”, da coluna “Painel FC”, publicada na edição de 7 de dezembro de 2006 do jornal *Folha de S.Paulo*, na página D2 do caderno de Esporte.

minutos cada<sup>161</sup>. O que disseram ou tinham a contribuir para o preenchimento técnico do *Bid Book*? Ninguém sabe.

Se houvesse uma avaliação após a “aula”, porém, nem a CBF seria aprovada. Sem transparência alguma, a Confederação já omitira quanto vinha gastando com a candidatura. Em 2000, quando concorreu a sede da Copa do Mundo de 2006, falou-se em R\$ 1 milhão. Em dezembro de 2006, num cálculo que teria sido feito em conjunto com o grupo de trabalho interministerial, do governo federal, em cima da candidatura anterior, a da África do Sul<sup>162</sup>, passaria para exorbitantes R\$ 35 milhões<sup>163</sup> — valor desmentido poucos dias depois<sup>164</sup>, ainda que fosse gasto com recursos próprios<sup>165</sup>. Em julho de 2007, o *Bid Book* brasileiro também estaria sem números referentes à organização do torneio<sup>166</sup>. O que esperar, então, dos “alunos”?

O *Bid Book* brasileiro, a que nem João Novaes teve acesso, pois configurava-se, a versão final, em documento confidencial, com algo em torno de 20 cópias originais impressas, teve parte de seu conteúdo revelado graças ao esforço jornalístico da *Folha de S.Paulo*. Com o *Bid Book* de algumas cidades, conseguimos entender parcialmente o que foi apresentado no conjunto. A maioria dos candidatos minimizou os custos com infraestrutura, item que demandaria os maiores investimentos, sem sequer apresentar estimativas — Cuiabá (MT), a única a fazer uma estimativa, previu cerca de R\$ 650 milhões —, pois temiam ser cobrados por

<sup>161</sup> Conforme registrado nas notas “Tudo a ver” e “Caldeirão”, as duas da coluna “Painel FC”, publicadas na edição de 11 de maio de 2007 do jornal *Folha de S.Paulo*, na página D2 do caderno de Esporte.

<sup>162</sup> Segundo a reportagem “Molde para 2014, África esbanja em campanha”, publicada na edição de 14 de dezembro de 2006 no jornal *Folha de S.Paulo*, na página D3 do caderno de Esporte: “Usada como exemplo pela CBF e pelo governo federal para a Copa-2014, o comitê de candidatura da África do Sul ao Mundial 2010 estourou o orçamento, premiou e pagou mordomias a cartolas. A CBF estima gastar R\$ 35 milhões com seu comitê. O cálculo é baseado nos gastos africanos em sua postulação, que chegaram a R\$ 30 milhões. (...) As estatais bancaram o comitê na África do Sul. Só que, naquele país, três cartolas do comitê organizador receberam bônus de US\$ 1,2 milhão (R\$ 2,6 milhões) cada um pela vitória da candidatura na FIFA. O comitê africano ainda deu mordomias aos inspetores da FIFA em suas viagens ao país, com um custo total de R\$ 3,7 milhões. Mais R\$ 3,1 milhões foram gastos com um jogo promocional da seleção africana.”

<sup>163</sup> Segundo a reportagem “Conta da Copa já começa com R\$ 35 mi”, publicada na edição de 13 de dezembro de 2006 no jornal *Folha de S.Paulo*, na página D4 do caderno de Esporte: “Apesar de articular para o Brasil ser candidato único, a CBF projeta um alto gasto com a campanha do país para sediar a Copa-2014: R\$ 35 milhões. Essa estimativa foi feita no grupo interministerial do governo federal, com participação decisiva da confederação. O número obtido foi com base nos gastos feitos pela África do Sul em sua candidatura. (...) Em sua candidatura fracassada à Copa de 2006, a CBF gastou R\$ 1 milhão.”

<sup>164</sup> Segundo a nota “Dono da bola”, da coluna “Painel FC”, publicada na edição de 15 de dezembro de 2006 no jornal *Folha de S.Paulo*, na página D2 do caderno de Esporte: “Ricardo Teixeira, que nega já ter uma previsão de gastos, desautoriza dirigentes da CBF a falarem pela entidade sobre o tema. Quer que o assunto seja centralizado nele, no ministro Orlando Silva Jr. (Esporte) e no presidente Lula. É o que Silvio Torres planeja evitar.”

<sup>165</sup> Segundo a nota “Seu bolso”, da coluna “Painel FC”, publicada na edição de 20 de fevereiro de 2007 no jornal *Folha de S.Paulo*, na página D2 do caderno de Esporte: “A CBF diz que, até agora, banca com recursos próprios o projeto da Copa.”

<sup>166</sup> Segundo a reportagem “Sob pressão, CBF entrega à FIFA o projeto de 2014”, publicada na edição de 31 de julho de 2007 no jornal *Folha de S.Paulo*, na página D2 do caderno de Esporte: “**A proposta que será entregue com pompa não indica custos.**” [grifo nosso]

estourar o valor<sup>167</sup>. Valorizaram sua capacidade de organização de grandes eventos, lembrando festas tradicionais da região, como o Círio de Nazaré, em Belém (PA), e o Carnaval, em Salvador (BA). Prometeram expansões, reformas e melhorias de estradas e aeroportos; hotéis flutuantes no mar e em rios; e falaram das belezas naturais<sup>168</sup>.

O *Bid Book de São Paulo*, também sigiloso, mas gentilmente cedido ao pesquisador por Raquel Verdenacci, ex-funcionária da SPTuris, terá seu conteúdo analisado no **Capítulo 2**.

Em maio e junho de 2007, em seguida a esse seminário e a despeito de Ricardo Teixeira já ter colocado São Paulo como postulante à abertura ou encerramento da Copa do Mundo, os principais atores ligados à cidade sentiam-se ficando para trás. Fontes da *Folha* acreditavam que os concorrentes já tinham investidores definidos, projetos prontos para serem executados, e os da cidade eram um mar de dúvidas<sup>169</sup>. Os vizinhos, como Barueri<sup>170</sup>, Jundiaí<sup>171</sup>, Guarulhos<sup>172</sup> e Campinas<sup>173</sup> assanharam-se na reta final — Santos, por outro lado, sempre se

---

<sup>167</sup> Conforme registrado na nota “Pandemônio”, da coluna “Painel FC”, publicada na edição de 25 de maio de 2007 do jornal *Folha de S.Paulo*, na página D2 do caderno de Esporte.

<sup>168</sup> Conforme registrado nas reportagens “Até hotel flutuante é opção para Copa” e “Meio ambiente: estados apostam em suas florestas em Copa ecológica”, publicadas na edição de 26 de agosto de 2007 no jornal *Folha de S.Paulo*, na página D6 do caderno de Esporte.

<sup>169</sup> Conforme registrado na nota “Retardatário”, da coluna “Painel FC”, publicada na edição de 2 de maio de 2007 do jornal *Folha de S.Paulo*, na página D2 do caderno de Esporte.

<sup>170</sup> Segundo a nota “A eleita”, da coluna “Painel FC”, publicada na edição de 2 de junho de 2007 do jornal *Folha de S.Paulo*, na página D2 do caderno de Esporte: “Para Caio de Carvalho, do comitê paulista para Mundial, Barueri tem o segundo melhor projeto do Estado. Perde para o Morumbi.”

<sup>171</sup> Segundo três notas, “Eliminado”, “Fora do mapa” e “Dividida”, todas da coluna “Painel FC”, publicadas em 2007, respectivamente em 19 de maio, 27 de maio e 3 de junho, Jundiaí apresentou seu projeto ao governo estadual, “mas ouviram que não será possível”. Pediram ajuda à FPF, mas acabaram “ignorados”. A irritação fez com que o presidente do Paulista de Jundiaí, clube da cidade, com projeto de estádio especialmente para o Mundial de 2014, declarasse: “Entregamos tudo o que foi pedido, mas a Copa no Brasil está se tornando política.”

<sup>172</sup> Segundo duas notas, “Carrapato” e “Cavalaria”, ambas da coluna “Painel FC”, publicadas na edição de 26 de junho de 2007 no jornal *Folha de S.Paulo*, na página D2 do caderno de Esporte, Guarulhos fez “marcação cerrada na CBF e na FPF para saber por que seu projeto para a Copa de 2014 não está na lista [das possíveis cidades-sede da Copa]. Sem resposta, estudada acionar seus advogados.

<sup>173</sup> Segundo duas notas, “Forcinha” e “Vermelhos”, ambas da coluna “Painel FC”, publicadas na edição de 25 de junho de 2007 no jornal *Folha de S.Paulo*, na página D2 do caderno de Esporte, o ministro do Esporte, Orlando Silva Jr., declarou-se “simpático à candidatura de Campinas à Copa de 2014”. Os concorrentes disseram que estava ligada “ao fato de seu partido, o PC do B, ter a secretaria de esportes da cidade. Ele nega.”

manteve à margem dessa disputa<sup>174</sup> — e cidades de outros estados ensaiavam concorrer para não desapontar o eleitorado<sup>175</sup> — para substituir quem precisasse<sup>176</sup>.

A candidatura paulistana marcou território de maneira inusitada, colocando o logo da campanha da candidatura brasileira — aquele criado pela MPM, divulgado por jogadores da seleção brasileira e por Lula — no pódio de comemoração do título do Campeonato Paulista de 2007, vencido pelo Santos sobre o São Caetano, no Morumbi. Não houve pedido da CBF, a própria FPF tomou a iniciativa<sup>177</sup>; queria fazer bonito para seguir na briga pela abertura ou final do Mundial<sup>178</sup>.

### *A produção do livro*

A SPTuris produziu o *Bid Book de São Paulo* sem qualquer recomendação específica por parte do Governo do estado ou da Prefeitura. “Só pediram que cumpríssemos os prazos e que a cidade deveria se apresentar como candidata realmente. E foi o que foi feito”, explicou Luiz Sales. O coordenador do *livro* entendeu que esse primeiro documento precisava nortear-se por dois pontos: “apresentar as credencias da cidade” e tomar cuidado com a postura “um pouco arrogante”.

Sobre o primeiro, graças à experiência de outras candidaturas, explicou que a capital paulista sabia se apresentar de maneira positiva, como “a melhor cidade do país, com a sua qualificação, rede hospitalar, transporte público, que a gente entende com uma certa limitação na cidade, mas a melhor do país, naturalmente puxando para o que tem de melhor”. Note-se

---

<sup>174</sup> Conforme registrado na reportagem “Por Copa, clube entrega projeto da nova Vila”, publicada na edição de 7 de agosto de 2007 do jornal *Folha de S.Paulo*, na página D4 do caderno de Esporte, o Santos chegou a apresentar para a prefeitura da cidade litorânea um projeto de ampliação da capacidade da Vila Belmiro de 20 para 37 mil lugares. Mas, diferentemente de outras cidades paulistas, o objetivo não era receber jogos da Copa do Mundo de 2014, e sim utilizá-lo para treinos oficiais, como quartel general de alguma seleção que viesse para o torneio. Em outra reportagem, “Projeto da nova Vila Belmiro não sai do papel”, do mesmo periódico e caderno, na edição de 10 de outubro de 2007, página D2, o clube já admitia que o projeto não tinha andado.

<sup>175</sup> Segundo a nota “Olho gordo”, da coluna “Painel FC”, publicada na edição de 21 de junho de 2007 no jornal *Folha de S.Paulo*, na página D2 do caderno de Esporte: “O sentimento entre os envolvidos no projeto paulista para a Copa de 2014 é que alguns governadores colocaram seus estados só para agradar aos eleitores. Não têm esperança de cumprir as exigências. Aí São Paulo pode ter dois estádios.”

<sup>176</sup> Segundo nota “Olho grande”, da coluna “Painel FC”, publicada na edição de 31 de maio de 2007 no jornal *Folha de S.Paulo*, na página D2 do caderno de Esporte: “O governo paulista pedirá a inclusão de uma segunda arena no Estado. E se colocará à disposição da FIFA para receber jogos de outras regiões que não consigam cumprir exigências.”

<sup>177</sup> Conforme registrado na nota “Agrado”, da coluna “Painel FC”, publicada na edição de 7 de maio de 2007 no jornal *Folha de S.Paulo*, na página D2 do caderno de Esporte.

<sup>178</sup> Conforme registrado na reportagem “Novato marca e alivia FPF na final ‘errada’”, publicada na edição de 7 de maio de 2007 no jornal *Folha de S.Paulo*, na página D2 do caderno de Esporte.



que, como o mesmo entrevistado sublinhou, buscava-se, em outras palavras, deixar “nas entrelinhas”. As questões mais sensíveis, como dados de violência, eram, sim, reportadas, afinal, “não vamos mentir”, mas como problemas comuns em outras cidades grandes, que tem de se enfrentar “em menor ou maior grau”, só que sem “carregar muito nessa informação”.

Em relação ao segundo ponto, Sales, que abordara a arrogância no começo da entrevista, deixou escapar, em outro momento, que “não tinha muita lógica São Paulo não participar”. Era, portanto, um embate consigo mesmo e com o próprio trabalho da SPTuris. “A gente tinha essa preocupação de atender ao máximo possível [o que se pedia no *questionário*], não se apresentar como: ‘Ah, vai ser aqui, acabou e vamos entregar qualquer coisa’. Não tínhamos essa soberba”. Por outro lado, para Raquel Verdenacci, não havia como escapar desse lado “superlativo”, “mega”:

São Paulo vendia a sua infraestrutura completa. Pode ter desafios e problemas, por ser muito grande, mas tem condições operacionalmente ou de logística de receber bem. Você percebe isso claramente lá no [Bid] Book quando a gente fica mencionando tudo o que tem para oferecer. Não era uma candidatura de promessas: “Vamos fazer isso para ficar pronto”. Era uma candidatura de apresentação de uma cidade pronta. Gastronomia e hotelaria de padrão internacional, diversidade, acostumada a sediar os grandes eventos. A gente foi nessa linha, atrelou essa habilidade de receber evento e receber turistas com infraestrutura. Era esse o mote. São Paulo sempre se apresentou nua e crua.

À parte a equipe da SPTuris, os responsáveis pelas pastas de Esporte, Walter Feldman e Claury Alves, da Prefeitura e do Governo do estado, respectivamente, também analisaram a candidatura paulistana. Feldman disse que “foi muito fácil”:

Nós tínhamos todas as condições de transporte, não apenas aqueles do que já existia e daquilo que poderia ser concluído. Uma estrutura de saúde com que [os membros da FIFA] se impressionaram muito. A capacidade de dar respostas à área de segurança pública. A questão cultural, da receptividade. Todas as visitas em que eu pude acompanhar o Jérôme Valcke, o Blatter, o Ricardo Teixeira, e os órgãos de governo estadual, municipal, sempre foram elogiados, nunca houve nenhuma dificuldade. A única dificuldade era o estádio.

Claury Alves reforçou o costume da capital paulista com os grandes eventos e a infraestrutura já estabelecida para receber outros eventos e turistas ao longo do ano.

A preocupação sempre foi mostrar São Paulo, que vai muito dentro daquilo do que a SPTuris fazia, que era vender a imagem de São Paulo, por exemplo,

a capital da gastronomia, a capital cultural. São Paulo é o mundo aqui, uma cidade internacionalizada, globalizada. Então, a preocupação, tanto da secretaria de Esporte e Turismo, que nós trabalhávamos muito em conjunto com a SPTuris, como a Prefeitura de São Paulo, sempre foi mostrar essa potência de São Paulo. A preocupação nunca foi de mostrar a “capital do futebol”, não era isso, nunca foi. É uma cidade multiatividades, em que acontece tudo aqui [sic]. Qual o maior interesse que nós tínhamos? Era de colocar isso no mundo, mostrar o que estava acontecendo em São Paulo. Nós apresentamos a cidade de São Paulo como uma cidade estruturada pra receber o evento, a força de São Paulo, a estrutura de São Paulo, a quinta maior cidade do mundo. Mostrou-se o real. Existem os problemas de segurança, assalto, crime organizado, tudo isso aí, mas também uma força policial que ainda tem o controle da situação. A gente mostrava isso. Enquanto outras cidades-sede entraram com projeto falando em financiamento para fazer VLT, para fazer não sei o quê, uma porção de coisa, São Paulo não precisou nada disso. A cidade tem condições de realizar qualquer grande evento de caráter mundial. Parece que não, mas quando você vai organizar, você vê que dá certo. E sem fazer loucura. Claro que poderia ser mais fácil com tudo estruturado.

Por mais engajados que tenham sido na candidatura ou no tempo que tiveram de passar produzindo o *Bid Book de São Paulo*, nenhum dos dois acreditava que esses fatores fossem essenciais para o sucesso da capital paulista na concorrência. Era, para Sales, “uma etapa importante que deveríamos cumprir”, mas que “para tomar uma decisão se seria, por exemplo, em Goiânia ou aqui, era só conhecer as cidades”. Verdenacci nunca teve dúvida da participação, “era evidente que tinha de ser sede”. Em determinado momento da entrevista, como se o pesquisador insistisse em entender eventuais dificuldades da candidatura, ela interrompeu para dizer que nunca tiveram “dor de cabeça”, o “nó” sempre foi o estádio do Morumbi: “A gente não é Campo Grande ou Manaus, entendeu?”. O chefe dos dois na SPTuris, Caio de Carvalho, foi mais longe: “Todo mundo sabia que o Brasil já era o escolhido, aquilo foi um jogo. Não precisou falar muito, porque a FIFA queria São Paulo”. João Novaes, por sua vez, cheio de histórias relacionadas ao despreparo do poder público para apresentar suas cidades, como, por exemplo, de candidatos dizendo que água era própria para o uso mesmo lotada de coliformes fecais, definiu assim seu aprendizado com o processo de candidatura e a produção de seu principal documento, o *livro*: “Papel aceita tudo”.

### *As visitas*

O maior temor do presidente da CBF, Ricardo Teixeira, era o de perder o prazo de entrega do *Bid Book* e dos *Host Agreements* à FIFA, em 31 de julho, data-limite imposta pela entidade para protocolar todas as informações e propostas do país candidato a sede da Copa do

Mundo de 2014<sup>179</sup>. Na véspera, o cartola e seus colaboradores comemoraram ter tudo pronto - ainda que, em outubro, descobrissem erros<sup>180</sup> - e esfregavam as mãos para “o dia D”, quando, como parte da candidatura brasileira, tentariam turbinar aquele momento burocrático com ares de festa<sup>181</sup>. Sem prever os custos da organização, o cartola apostava nas garantias governamentais<sup>182</sup>.

Sem pompa, a CBF inscreveu o país em dezembro de 2006, iniciando ali a candidatura brasileira; oficializou essa condição em abril de 2007<sup>183</sup>, confirmando o que antes era apenas intenção, e agora, em 31 de julho de 2007, no momento de entregar o material que tratava de seus compromissos, sua capacidade e potencial, queria impressionar. Como uma prévia do que o Brasil representava e dos apoiadores do torneio no país, Teixeira conseguiu arrastar dois ícones brasileiros para Zurique, na Suíça, para entregar o “calhamaço de 900 páginas que detalha o projeto”<sup>184</sup>: Romário, campeão mundial em 1994 e com a recente marca do milésimo

---

<sup>179</sup> Conforme registrado na nota “Apito final”, da coluna “Painel FC”, publicada na edição de 30 de julho de 2007 no jornal *Folha de S.Paulo*, na página D2 do caderno de Esporte.

<sup>180</sup> Segundo a nota “Ops”, da coluna “Painel FC”, publicada na edição de 8 de outubro de 2007 no jornal *Folha de S.Paulo*, na página D2 do caderno de Esporte: **“A CBF terá de reenviar o caderno de encargos [Bid Book] da Copa-14 à FIFA por conta de erros cometidos pelas cidades candidatas a sede no preenchimento.** Na Suíça, a entidade percebeu que o documento tinha sido assinado em páginas erradas pelos governadores ou sofrido alterações no seu teor. Em alguns Estados, houve recomendação de mudança por aspectos legais. **O estafe da CBF percorreu Estados em que houve problemas para refazer suas partes no caderno de encargos. Concluído, o trabalho será mandado à FIFA.**” [grifo nosso]

<sup>181</sup> Segundo a reportagem “Sob pressão, CBF entrega à FIFA o projeto de 2014”, publicada na edição de 31 de julho de 2007 no jornal *Folha de S.Paulo*, na página D2 do caderno de Esporte: “A proposta que será entregue com pompa não indica custos. É a resposta ao caderno de encargos distribuído pela FIFA. (...) Por enquanto, a preocupação da CBF é impressionar a FIFA com sua proposta. Tanto é que uma empresa de marketing cuidou da elaboração do projeto, que apresentará os Estados e as cidades interessados no Mundial. Ela falará das garantias governamentais. (...)”

<sup>182</sup> Segundo a reportagem “Apoio: dossiê conta com carta de Lula”, publicada na edição de 1 de agosto de 2007 no jornal *Folha de S.Paulo*, na página D2 do caderno de Esporte: **“O projeto brasileiro para receber a Copa do Mundo de 2014 foi entregue à FIFA com uma carta do presidente Lula avalizando a realização da competição no país. Alguns ministros, segundo a Folha apurou, também enviaram mensagens de apoio à candidatura.** Nos últimos anos, o presidente da CBF, Ricardo Teixeira, aproximou-se do governo federal para fortalecer o projeto da realização do Mundial no país.” [grifo nosso]

<sup>183</sup> Segundo a reportagem “CBF entregada caderno com antecedência”, publicada na edição de 14 de abril de 2007 no jornal *Folha de S.Paulo*, na página D4 do caderno de Esporte: **“Na sede da FIFA, a entidade nacional entregou os documentos necessários para tornar a candidatura brasileira oficial para o Mundial.** O prazo final para a oficialização de candidaturas é segunda-feira.” [grifo nosso]

<sup>184</sup> Conforme registrado na reportagem “Copa-14 ainda não é do Brasil, diz FIFA”, publicada na edição de 1 de agosto de 2007 no jornal *Folha de S.Paulo*, capa do caderno de Esporte, na página D1.

gol atingido <sup>185</sup>, e Paulo Coelho <sup>186</sup>, escritor *best-seller*, famoso no mundo todo <sup>187</sup>.

Joseph Blatter, presidente da FIFA, não se impressionou e tratou de lembrar à candidatura brasileira que “por enquanto o Brasil não recebeu a Copa”. O que teria sido apenas uma forma de mostrar às outras federações que não havia ali nenhum privilégio. “Se algo acontecer com a candidatura brasileira, ainda teremos tempo de recomeçar, já que estamos um ano adiantados em relação a Copas anteriores”, completou o cartola, na mesma oportunidade. Ricardo Teixeira já esperava o alerta como parte do protocolo<sup>188</sup>. De certa forma, vinha fazendo

---

<sup>185</sup> Romário atingiu a marca do milésimo gol em 20 de maio de 2007, com a camisa do Vasco da Gama, marcando, de pênalti, contra o Sport, pelo Campeonato Brasileiro daquele ano. Segundo relato da reportagem do dia, “De pênalti, Romário chega ao milésimo gol”, no *Terra*: “Aos 2min da etapa final, ele [Romário] bateu no canto esquerdo do goleiro Magrão, do Sport, e ampliou a vantagem do Vasco para 3 a 0. O centroavante esteve perto de marcar no primeiro tempo, mas seu arremate foi salvo pelo zagueiro Durval em cima da linha. Após o intervalo, no entanto, o toque de mão do próprio Durval ofereceu nova oportunidade em tiro da marca penal, que não foi desperdiçado. A bola na rede levou Romário às lágrimas, e o jogo foi interrompido por 16 minutos, com direito a volta olímpica e abraço na mãe. Após o reinício, o Sport descontou e definiu o placar: 3 a 1. Substituído aos 40min, o camisa 11 foi aplaudido de pé.” [<http://esportes.terra.com.br/futebol/brasileiro2007/interna/0,,OI1629844-EI8817,00.html>]. A marca, porém, era alvo de contestações já na época, como mostra a reportagem “Romário anota ‘milésimo’ gol e vê status de ‘maior da história’”: “‘Do alto’ dos seus 41 anos, um baixinho de 1,68m ‘atingiu’ uma marca que o consagra de vez como um gigante. Alheio às contagens que mostram 902 gols oficiais marcados pelo atacante como profissional, Romário anotou o ‘milésimo’ em sua lista e agora enxerga o status de maior centroavante da história do futebol mundial. Apesar de Romário contabilizar 98 gols marcados como amador e em partidas festivas para chegar ao ‘milésimo’, para o maior jogador de futebol de todos os tempos, o atacante já atingiu a consagração máxima.”

<sup>186</sup> Segundo o jornal mais famoso do mundo, o americano *The New York Times*, na publicação “Paulo Coelho: Writing in a Global Language”, publicada em 30 de agosto de 2005: “Agora 58, o autor brasileiro vendeu nos últimos 18 anos mais de 65 milhões de cópias de seus livros em 59 línguas, o que o coloca entre um dos mais bem-sucedidos escritores populares do mundo. Cada livro novo, escrito em português, envolve uma extraordinária operação de tradução, impressão, distribuição e marketing. E então, ao que parece, Coelho senta e conta o número de exemplares vendidos. [no original, em inglês: “Now 58, the Brazilian author has over the past 18 years sold more than 65 million copies of his books in 59 languages, ranking him as one of the world's most successful popular writers. Each new book, which he writes in Portuguese, involves an extraordinary operation of translation, printing, distribution and marketing. And then, it seems, Mr. Coelho sits back and counts the sales.”] (...)”. Disponível em: [http://www.nytimes.com/2005/08/30/books/paulo-coelho-writing-in-a-global-language.html?\\_r=0](http://www.nytimes.com/2005/08/30/books/paulo-coelho-writing-in-a-global-language.html?_r=0)

<sup>187</sup> Segundo a reportagem “Sob pressão, CBF entrega à FIFA o projeto de 2014”, publicada na edição de 31 de julho de 2007 no jornal *Folha de S.Paulo*, na página D2 do caderno de Esporte: “**O escritor, que estudou com Teixeira durante a infância, é admirado por Joseph Blatter. A ponto de entrar na sala do presidente da FIFA sem ser anunciado, isso às vésperas da final da Copa de 2006, em Berlim. O cartola suíço fora apresentado a Coelho por Teixeira.** Por sua fama internacional, o escritor está nos planos da CBF para aparecer nos principais momentos, tanto da candidatura como do Mundial. **Já a presença de Romário em Zurique soa para aliados de Ricardo Teixeira como um recado de que a Copa pode acontecer no Brasil sem a participação de Pelé.** O ‘Rei do Futebol’ foi recebido na CBF, em 2006, para discutir a sua presença no Comitê Organizador da Copa. Porém, depois, disse que temia o mau uso do dinheiro público durante a organização do Mundial. O cartola não gostou. **Aliados de Teixeira defendem que ele deixe Pelé de lado, espere para ver como Romário se sairá e, depois, decida se afasta de vez o ex-jogador. O estafe de Pelé diz que ele está em Nova York e não foi procurado pela CBF para participar da cerimônia na Suíça.**” [grifo nosso]

<sup>188</sup> Segundo a reportagem “Copa-14 ainda não é do Brasil, diz FIFA”, publicada na edição de 1 de agosto de 2007 no jornal *Folha de S.Paulo*, capa do caderno de Esporte, na página D1: “Entre os colaboradores do cartola [Ricardo Teixeira, presidente da CBF], há quem avalie que o discurso de Blatter também serve para valorizar o seu esforço, caso o Mundial seja mesmo no Brasil. Pessoas próximas a Teixeira afirmam que o Mundial em solo brasileiro seria uma forma de manter o presidente da CBF longe da disputa pela presidência da FIFA, como deseja o dirigente suíço.”

o mesmo com as candidatas a cidade-sede, para evitar relaxamento em razão da falta de países concorrentes<sup>189</sup>.

Com o material da candidatura entregue, Teixeira precisava entrar em cena para garantir que, novamente, tudo sairia como no *script*. Experiente, tratou, assim como no preenchimento do *Bid Book*, de ensinar às cidades-sedes quais os procedimentos para recepcionar os inspetores da entidade para uma rodada de vistorias. As “lições” foram passadas num novo seminário, em 18 de agosto de 2007, cinco dias antes da chegada dos membros da FIFA ao país, num hotel do Rio de Janeiro. Seriam esses os responsáveis por confrontar as informações do documento com a realidade para, então, produzir o *Bid Inspection Report*, o *relatório dos inspetores*, que poderia tanto afundar a candidatura brasileira como sacramentá-la. “Na verdade, foi um dever de casa sobre o que vai acontecer. Passei tudo que deverão cumprir dentro do projeto aos membros da FIFA”, explicou o presidente da CBF, à época, após o encontro. “[Os inspetores] querem conhecer os estádios, os sistemas de segurança, hospitalar, de aeroportos dessas cidades. Esta Copa vai depender de nós mesmos. Por isso, temos que nos preparar bem”, completou, justificando mais uma “aula”<sup>190</sup>.

Como no seminário anterior, pouco se soube do conteúdo. Entre os que se preocuparam com os hospitais, ouviram que não precisariam ser unidades da rede pública<sup>191</sup>. Representantes de Porto Alegre (RS), por sua vez, alertaram que o estádio do Beira-Rio não ficaria pronto a tempo e souberam que a primeira vistoria nem seria tão rigorosa. Entre 23 de agosto e 2 de setembro, os inspetores seriam tratados como reis, em sua “turnê” particular pelo território nacional, num avião fretado para evitar atrasos provocados pelo caos aéreo<sup>192</sup> e helicópteros na maior parte dos deslocamentos em cada uma das cidades. Em 11 dias, visitariam cinco capitais (Belo Horizonte, Brasília, Porto Alegre, Rio de Janeiro e São Paulo), já tidas como anfitriãs<sup>193</sup> e, no Rio de Janeiro, assistiriam às apresentações das outras 13 (Belém, Campo Grande, Cuiabá,

---

<sup>189</sup> Segundo a reportagem “Copa-14 ainda não é do Brasil, diz FIFA”, publicada na edição de 1 de agosto de 2007 no jornal *Folha de S.Paulo*, capa do caderno de Esporte, na página D1: “Colaboradores do presidente da CBF contam que, desde as primeiras reuniões com as pessoas escolhidas para tocar o projeto, **Teixeira fala que é importante manter sempre viva a chance de o país não ser escolhido. Isso para evitar relaxamento dos governantes e de outros envolvidos em razão da falta de candidatura concorrente.**” [grifo nosso]

<sup>190</sup> Conforme registrado na reportagem “CBF ensina candidatos a tratar a FIFA nas inspeções”, publicada na edição de 18 de agosto de 2007 do jornal *Folha de S.Paulo*, na página D1 do caderno de Esporte.

<sup>191</sup> Conforme registrado na nota “Carteirinha”, da coluna “Painel FC”, publicada na edição de 18 de agosto de 2007 no jornal *Folha de S.Paulo*, na página D2 do caderno de Esporte.

<sup>192</sup> Conforme registrado na reportagem “Comissão da FIFA chega hoje ao país”, publicada na edição de 23 de agosto de 2007 do jornal *Folha de S.Paulo*, na página D2 do caderno de Esporte.

<sup>193</sup> Segundo a nota “Mal ensaiado”, da coluna “Painel FC”, publicada na edição de 27 de agosto de 2007 no jornal *Folha de S.Paulo*, na página D2 do caderno de Esporte: “Representantes das cidades-candidatas à Copa de 2014 zombaram de Jim Brown, da FIFA, dizer que o Brasil ainda tem que conquistar o direito de ser sede. Motivo: **Ricardo Teixeira já trata cinco cidades como anfitriãs do Mundial.**” [grifo nosso]

Curitiba, Florianópolis, Fortaleza, Goiânia, Maceió, Manaus, Natal, Recife/Olinda, Rio Branco e Salvador)<sup>194</sup>.

Em São Paulo, o governador José Serra abandonou as pretensões de receber a decisão do Mundial. “É justo que a final seja no Maracanã. O torcedor tem engasgado [sic] desde 1950 a final [sic] não ganha. Creio que espera uma final no Maracanã”, afirmou, em referência à derrota para o Uruguai que, na verdade, aconteceu num quadrangular final, não em uma final<sup>195</sup>. Teixeira viu-se na obrigação de retribuir com a abertura em São Paulo, mesmo já tendo declarado que abertura e encerramento da competição ficariam no eixo Rio-São Paulo<sup>196</sup>. “O governador foi muito solícito ao colocar o Maracanã como postulante à final. Por que não fazer a abertura em São Paulo?”, disse já na ocasião<sup>197</sup>. Dias depois, quando os inspetores retornaram ao Rio para encerrar sua “turnê”, Sérgio Cabral, governador do estado, mostrou-se entusiasmado com o paulista e cantou vitória: “Estamos no palco da final da Copa de 2014”<sup>198</sup>. À despeito da prudência de Teixeira em relação ao tema, começava a se confirmar a festa inaugural na capital paulista<sup>199</sup>. Caio de Carvalho revelou que a declaração era fruto de “uma conversa entre os dois da qual eu participei”.

Fora isso, São Paulo teve uma visita protocolar como nas demais capitais. Os membros da candidatura paulistana cortejaram os inspetores, levando os cinco para jantar numa churrascaria, logo na chegada, para mostrar a gastronomia da cidade<sup>200</sup>; ofereceram um almoço

<sup>194</sup> Conforme registrado na nota “Vistas grossas”, da coluna “Painel FC”, publicada na edição de 18 de agosto de 2007 no jornal *Folha de S.Paulo*, na página D2 do caderno de Esporte.

<sup>195</sup> O quadrangular final contou com Brasil, Espanha, Suécia e Uruguai, com todos jogando contra todos. Quem somasse o maior número de pontos seria o campeão. O Brasil estava à frente na tabela, com quatro pontos [na época, vitórias valiam dois pontos, não três como atualmente], duas vitórias em dois jogos. O Uruguai, por sua vez, tinha três, uma vitória e um empate. Coincidentemente, pela tabela, os dois duelariam na última rodada e eram os únicos com chance de título. Ao Brasil, bastava um empate. Ao Uruguai, só a vitória interessava. No confronto, no Maracanã, em 16 de julho de 1950, diante de um público oficial de 173.850 pessoas (há quem diga que teriam cerca de 200 mil pessoa!) a seu favor, os brasileiros até abriram o placar, com um gol de Friaça, aos 2 minutos do segundo tempo. Os então campeões olímpicos viraram para 2 a 1 com Schiaffino e Ghiggia, levando a taça. Para mais: BAGGIO (2013).

<sup>196</sup> Segundo a reportagem “CBF ensina candidatos a tratar a FIFA nas inspeções”, publicada na edição de 18 de agosto de 2007 no jornal *Folha de S.Paulo*, na página D1 do caderno de Esporte: **“Teixeira não quis dar detalhes da candidatura brasileira, mas disse que as cerimônias de abertura e encerramento da competição serão realizadas no eixo Rio-São Paulo”**. [grifo nosso]

<sup>197</sup> Conforme informações registradas na nota “Xequemate”, da coluna “Painel FC”, publicada na edição de 2 de setembro de 2007 no jornal *Folha de S.Paulo*, na página D2 do caderno de Esporte, e na reportagem “Serra desiste de final para ter abertura”, publicada no mesmo periódico e caderno, na página D5 de 30 de agosto de 2007.

<sup>198</sup> Conforme registrado na reportagem “Copa-14 terá jeito brasileiro, diz CBF”, publicada na edição de 1 de setembro de 2007 no jornal *Folha de S.Paulo*, na página D6 do caderno de Esporte.

<sup>199</sup> Segundo a nota “Gincana”, da coluna “Painel FC”, publicada na edição de 2 de setembro de 2007 no jornal *Folha de S.Paulo*, na página D2 do caderno de Esporte: **“A tendência já era a abertura em São Paulo, mas Belo Horizonte e Brasília têm feito forte pressão na CBF para conseguir a festa inaugural.”** [grifo nosso]

<sup>200</sup> Conforme registrado na nota “Sal grosso”, da coluna “Painel FC”, publicada na edição de 29 de agosto de 2007 no jornal *Folha de S.Paulo*, na página D2 do caderno de Esporte.

no Palácio dos Bandeirantes, sede do governo estadual, com pratos como pato com batatas e salada de camarão<sup>201</sup>; e proporcionaram duas apresentações musicais, uma da escola de samba Vai-Vai e outra de música clássica<sup>202</sup>. No Morumbi por pouco mais de uma hora, não visitaram os setores reservados aos torcedores, questionaram a respeito da estrutura para dirigentes, jogadores, imprensa e o calendário de reformas - e, como virou costume, ficaram sem saber quanto custaria a reforma<sup>203</sup>. Ainda conheceram o hospital particular Albert Einstein e o aeroporto de Congonhas<sup>204</sup>.

Os membros da FIFA foram ao estádio de helicóptero e, por falta de condições climáticas, cancelaram a visita à estação de metrô Alto do Ipiranga. Por pouco não conheceram um pouco da realidade paulistana, já que, à noite do mesmo dia, registrou-se um assalto na região<sup>205</sup>. Ação que, pelo visto, faltou de tarde, na apresentação do vídeo sobre o projeto da cidade, no Palácio do Planalto. Jaime Yarza e Walter Gagg, dois dos membros da FIFA, segundo relatos da imprensa, bocejavam, olhavam seus relógios e chegaram a fechar os olhos algumas vezes<sup>206</sup>.

A SPTuris também participava dessa parte da candidatura. Colocava-se à disposição dos inspetores da FIFA, elaborando o itinerário e viabilizando a logística de deslocamento, atendendo, principalmente, aos pedidos da equipe. “O que fosse necessário. A gente fazia o meio-de-campo no sentido de organizar. Nada absurdo com relação a isso, mas naturalmente que sempre tinha alguém a dar palpite”, contou Luiz Sales. Caio de Carvalho não gostou de como se deram as visitas:

Foram patéticas. Desciam do helicóptero, iam até o vestiário, viam o vestiário — que, aliás, é muito bom — do Morumbi, e aí o Juvenal [Juvêncio, presidente do São Paulo] falava: ‘Ah, vamos ver as instalações’. “Não, não precisa, nós conhecemos”. Pegavam o helicóptero e iam embora. As duas visitas que teve [sic] [incluindo a do segundo momento da candidatura, enquanto protagonista] foram assim.

<sup>201</sup> Segundo a nota “Fora do ninho”, da coluna “Painel FC”, publicada na edição de 30 de agosto de 2007 no jornal *Folha de S.Paulo*, na página D2 do caderno de Esporte: “O palmeirense Affonso della Monica errou de porta no Palácio dos Bandeirantes. Apareceu na área da imprensa. ‘Vim para o almoço’, dizia. No clube, elogiou o pato com batatas e a salada de camarão.”

<sup>202</sup> Conforme registrado na reportagem “Morumbi ganha força para Mundial”, publicada na edição de 30 de agosto de 2007 no jornal *Folha de S.Paulo*, na página D5 do caderno de Esporte.

<sup>203</sup> Conforme registrado na nota “Quanto?”, da coluna “Painel FC”, publicada na edição de 30 de agosto de 2007 no jornal *Folha de S.Paulo*, na página D2 do caderno de Esporte.

<sup>204</sup> Conforme registrado na reportagem “Morumbi ganha força para Mundial”, publicada na edição de 30 de agosto de 2007 no jornal *Folha de S.Paulo*, na página D5 do caderno de Esporte.

<sup>205</sup> Conforme registrado na nota “Na real”, da coluna “Painel FC”, publicada na edição de 30 de agosto de 2007 no jornal *Folha de S.Paulo*, na página D2 do caderno de Esporte.

<sup>206</sup> Conforme registrado na nota “Cochilo”, da coluna “Painel FC”, publicada na edição de 30 de agosto de 2007 no jornal *Folha de S.Paulo*, na página D2 do caderno de Esporte.

Na avaliação de colaboradores de Ricardo Teixeira, os inspetores aprovavam praticamente tudo nas cinco cidades vistoriadas. O importante era notarem boa vontade dos governantes com a Copa. Não podiam reclamar, pois foram recebidos até pelo presidente Lula. Aliados da CBF comentam também que o grupo não tinha influência como o dirigente brasileiro. Nenhum dos cinco integrava o Comitê Executivo, como o brasileiro<sup>207</sup>. Enquanto o presidente da Confederação vibrava, dizendo que teríamos “uma Copa que ‘não será alemã, nem sul-africana ou coreana, mas com o nosso jeito, com muito samba, no bom sentido’”, Hugo Salcedo, chefe da comitiva, deixou claro que o mais importante em sua visita foi mesmo certificar-se desse apoio das autoridades brasileiras. “É muito importante que o presidente [da República, Luiz Inácio Lula da Silva] se interesse pelo futebol”, disse ele, que também já ressaltara o fato dos maiores opositores e possíveis futuros candidatos ao cargo, José Serra e Aécio Neves, também apoiarem o torneio<sup>208</sup>. Salcedo, que se disse “os olhos e ouvidos” da FIFA, realizou, no entanto, apenas vistorias superficiais, na avaliação da imprensa<sup>209</sup>, e deixou o país sem esclarecer critérios de avaliação<sup>210</sup>.

O Comitê Executivo da FIFA decidiria a sede da Copa do Mundo de 2014 baseando-se no *relatório dos inspetores*, a “prova final”. O vídeo da véspera do anúncio oficial, produzido pela MPM e indisponível para assistir, segundo João Novaes, não ignorava os estereótipos, mas tentava mostrar que o Brasil era um lugar em que se podia aliar trabalho e diversão.

---

<sup>207</sup> Conforme registrado na nota “Nota dez”, da coluna “Painel FC”, publicada na edição de 30 de agosto de 2007 no jornal *Folha de S.Paulo*, na página D2 do caderno de Esporte.

<sup>208</sup> Segundo a reportagem “Aécio e Serra viram trunfo para Copa-14”, publicada na edição de 29 de agosto de 2007 no jornal *Folha de S.Paulo*, na página D2 do caderno de Esporte: “Como possíveis futuros candidatos a presidente da República, os governadores Aécio Neves (PSDB-MG) e José Serra (PSDB-SP) tiveram seus apoios à Copa-2014 exaltados pela FIFA. Inspectores da entidade viram no fato a garantia de continuidade do compromisso do presidente Lula com o Mundial, mesmo após a eleição de 2010. ‘Isso é muito importante, porque significa uma continuação [da garantia de apoio ao evento dado pelo governo]’, disse o chefe da comissão da FIFA, Hugo Salcedo, à Folha. Ele referia-se à hipótese de um dos opositores a Lula ser o presidente durante o Mundial, em 2014.”

<sup>209</sup> Conforme registrado na reportagem “Copa-14 terá jeito brasileiro, diz CBF”, publicada na edição de 1 de setembro de 2007 no jornal *Folha de S.Paulo*, na página D6 do caderno de Esporte.

<sup>210</sup> Segundo a reportagem “Escuro: governos especulam sobre critérios de escolhas das sedes”, publicada na edição de 26 de agosto de 2007 do jornal *Folha de S.Paulo*, na página D6 do caderno de Esporte: “Responsáveis pelas candidaturas ao Mundial-2014, os secretários de esportes dos Estados sabem pouco sobre o que decidirá as sedes brasileiras, que serão definidas pela FIFA em 2008. (...) Empolgação da torcida, potencial turístico e localização são apontados como trunfo. Os Estados dizem que a disputa será regionalizada. Porto Alegre, Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte e Brasília estão pré-selecionados.”



## A oficialização

“Aparecer na foto pode não trazer muitos dividendos, mas ficar fora é prejuízo eleitoral certo”. Assim resumiu um assessor do governador paulista, José Serra, a importância dada por políticos brasileiros à cerimônia do anúncio oficial do Brasil como sede da Copa do Mundo de 2014, em 30 de outubro de 2007<sup>211</sup>. O primeiro da comitiva, como não poderia deixar de ser, provavelmente o mais ciente do potencial de um Mundial para catapultar a popularidade de um político<sup>212</sup>, era Ricardo Teixeira, presidente da CBF. O texto lembrava a saída do fundo do poço, das duas CPIs, em 2001, que devassaram sua vida e pediram seu indiciamento até aquela data:

**De lá para cá, no entanto, a reabilitação política do cartola, coroada com a escolha do Brasil para sediar a Copa de 2014, foi de tal maneira bem-sucedida que hoje seus adversários não formariam um time de futebol nas “peladas” que a CBF patrocinava até 2001 em Brasília.**

A reação começou em 2002, quando Lula venceu Serra no segundo turno da eleição presidencial. O primeiro canal de inserção do cartola no PT, até então hostil à CBF, entidade historicamente ligada aos partidos descendentes da ditadura militar (1964-1985), foi o senador Delcídio Amaral (MS).

**Teixeira também não gostava do PT, mas tinha declarado o PSDB inimigo porque a sigla do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso turbinara as CPIs. O cartola sabia que os únicos adversários dos tucanos com chances de chegar ao poder eram os petistas. Seu instinto de sobrevivência política e um assessor com trânsito no PT o levaram até Delcídio.**

Assim, iniciou-se um namoro entre a entidade e o partido, que se transformaria em noivado quando Teixeira abriu mão de US\$ 1 milhão para enviar a seleção para o “amistoso da paz” no Haiti, em 2004, a pedido de Lula. O Brasil receberia os dólares para jogar contra a Itália.

<sup>211</sup> Conforme registrado na reportagem “Suíça coroa reabilitação de cartola”, publicada na edição de 28 de outubro de 2007 no jornal *Folha de S.Paulo*, na página D3 do caderno de Esporte.

<sup>212</sup> Em termos internacionais, recomenda-se a leitura da reportagem “Copa redesenha política dos países que a recebem”, publicada na edição de 28 de outubro de 2007 no jornal *Folha de S.Paulo*, na página D2 do caderno de Esporte, em que registramos aqui apenas um trecho: “(...) **receber o evento é troféu político antes mesmo de o jogo começar.** Os 77 anos de história do evento que mais galvaniza atenção no planeta demonstram como o frenesi do Mundial não deixa à margem o jogo local do poder político. Mong-joon, o bilionário coreano, é exemplo extremo da série. Em 2002, após peitar a poderosa candidatura do Japão e transformar seu país em coanfitrião, surfou o orgulho dos milhões vestidos de vermelho que inundaram as ruas”. [grifo nosso] Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/fk2810200703.htm>

Em termos nacionais, por sua vez, a reportagem “No Brasil, anfitriões viveram extremos”, publicada na mesma edição, caderno e página do jornal, em que destacamos o seguinte excerto: “**Levar a Copa do Mundo para sua cidade ou Estado. Investir em arenas e estrutura. Há mais de 50 anos, como vai acontecer para 2014, políticos brasileiros fizeram isso, e o resultado nas urnas após a competição não foi uniforme. Longe disso.** Alguns fizeram do Mundial de 1950 no Brasil um trunfo para se tornarem imbatíveis nas eleições. Outros perderam popularidade nos pleitos seguintes ao evento. Poucos partiram para o ostracismo.” [grifo nosso] Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/fk2810200704.htm>

Ao contrário de FHC, Lula é fã de futebol. De cara, o pragmatismo dele, do PT e do ex-ministro José Dirceu fizeram [sic] com que o governo acreditasse na empreitada da Copa.

O ministro do Esporte escolhido por Lula no primeiro mandato, Agnelo Queiroz (PC do B-DF), também foi do agrado do cartola, que viu nele um político ‘sensível’ aos interesses da entidade. **Se no Planalto as coisas iam bem para a CBF, faltava melhorar o ambiente no Parlamento, e Teixeira, com a ajuda de Lula, lançou o projeto da Timemania, a loteria para salvar os clubes endividados.**

**Como muitos parlamentares possuem algum vínculo com as associações desportivas, o cenário começou a mudar, e o céu de Brasília virou de brigadeiro para a CBF após a entrada dos governadores em cena.**

(...)

**Uma prova do poder de Ricardo Teixeira em Brasília é a dificuldade do deputado Silvio Torres (PSDB-SP), ex-relator da CPI da CBF/Nike, para recolher assinaturas de instalação de uma nova investigação contrária aos interesses da CBF.**<sup>213</sup> [grifo nosso]

Era como se Ricardo Teixeira tivesse se transformado num “Midas da política”, que ao seu toque transformaria, primeiro, o Brasil em sede da Copa e, em seguida, capitais e seus estados em palcos dos jogos, eventos capazes de melhorar a imagem de qualquer figura pública. A decisão ou, mesmo que não o reconhecesse, um tremendo poder de influenciar a decisão da FIFA, e, conseqüentemente, o poder, estavam nas mãos do presidente da confederação<sup>214</sup>. Como mostra o excerto, o cartola virou o jogo; era quem, naquela vez, dava as cartas - e as sedes<sup>215</sup>.

Finalizada a candidatura brasileira, as cidades deixavam o posto de coadjuvantes para assumir o de protagonistas: hora de uma verdadeira guerra civil<sup>216</sup>.

### *Relatório da cidade*

Imediatamente após a oficialização do Brasil como país-sede, “já no *day after*”, como brincou Luiz Sales, as empresas de consultoria começaram a procurar governos do estado e

<sup>213</sup> Conforme registrado na reportagem “Suíça coroa reabilitação de cartola”, publicada na edição de 28 de outubro de 2007 no jornal *Folha de S.Paulo*, na página D3 do caderno de Esporte.

<sup>214</sup> Conforme registrado na reportagem “Copa-2014 transforma CBF em midas da política”, publicada na edição de 28 de outubro de 2007 como destaque do jornal *Folha de S.Paulo*, na capa do caderno de Esporte, na página D1.

<sup>215</sup> Segundo a nota “Bajulação”, da coluna “Painel FC”, publicada na edição de 28 de outubro de 2007 no jornal *Folha de S.Paulo*, na página D2 do caderno de Esporte: **“Parlamentar com trânsito na CBF diz ter ouvido na entidade, no início da candidatura à Copa de 2014, que não teria nada para seu Estado se não convencesse Ricardo Teixeira. Isso porque todas as decisões sobre o Mundial seriam dele.”** [grifo nosso]

<sup>216</sup> Como se referiu à disputa a reportagem “Começa ‘guerra civil’ pela Copa-2014”, publicada na edição de 29 de outubro de 2007 do jornal *Folha de S.Paulo*, na página D6 do caderno de Esporte.

prefeituras para oferecer seus serviços. A SPTuris reuniu-se com algumas e ouviu propostas de R\$ 400 a 600 mil, segundo Sales, por dois meses de trabalho, para ajudar a preparar toda a candidatura. “O Caio [de Carvalho, presidente da SPTuris] gostava de contar que gastamos R\$ 5 mil, assim, basicamente porque tinha que imprimir muita coisa. Não foi o custo de elaboração, né?, o custo intelectual não houve”. Assim como no momento de São Paulo enquanto *candidata coadjuvante*, agora, como *candidata protagonista*, manteve-se a autarquia como ponto central da candidatura. Outro motivo, fora o custo, foram as complicações de uma contratação por inexigibilidade.

Porque quando tem contratação desse tipo é o poder público que está assumindo para si o risco. Alguém vai falar: “Por que que você contratou essa e não essa”. “Ah, porque essa tem *expertise*”. “Mas aquela também tem, então você deveria ter licitado”. Então, a gente optou por não fazer, fizemos tudo internamente e mesmo depois que foi entregue o livro, o *Bid [Book de São Paulo]* durante algum tempo as consultorias ainda fizeram reuniões com a gente, tudo mais, querendo que a gente contratasse pra estruturar um comitê local ou trouxessem ferramentas que já tinham sido utilizadas em outros eventos pra que a cidade pudesse utilizar, e a decisão foi sempre pela não contratação, a gente fez tudo internamente.

Com a fase do *Bid Book* encerrada, as candidatas tinham, agora, de se preocupar com a produção do *relatório da cidade*. De acordo com Luiz Sales, foram vários, a ponto de não saber dizer quantos. Inclusive porque, além desses da FIFA, havia relatórios requisitados por órgãos de todas as esferas do poder, dos governos Federal e Estadual ao Municipal — geralmente de prestação de contas, para que se pudesse entender o que a SPTuris vinha fazendo e como vinha fazendo, e mesmo para apreender o andamento da candidatura paulistana.

Toda a parte filosófica de uma candidatura, da projeção de São Paulo no exterior, da captação de turistas, do posicionamento como uma cidade global, tudo isso é muito bonito, mas é palavra, né? Na prática, como é que se traduz isso em obras de infraestrutura, por exemplo? A partir daí mudou tudo, as demandas passaram a ser muito mais específicas.

Entre essas demandas mais específicas, a principal era o palco do espetáculo: o estádio. Ao entregar documentos da época da candidatura de São Paulo ao pesquisador, Luiz Sales avisou que o *relatório da cidade* era “basicamente sobre estádio” e “informações relacionadas ao local dos jogos”. Antes da versão final desse documento, a SPTuris e a FIFA trocaram diversas mensagens, geralmente com a entidade solicitando novas informações e dados, esclarecendo pontos ou mesmo exigindo alterações e acréscimos. Era um novo tipo de relação.

Em vez de um avaliador distante, aguardando que se submetesse um trabalho, como fora enquanto *coadjuvante*, nesse segundo momento, como *protagonista*, lembrava um contratante que, com manias e preferências, queria o melhor de seu prestador de serviço. “Eles [a FIFA] mandavam, nós respondíamos. Era algo mais específico e concreto”, explicou. Será que a entidade baseou suas decisões nesses relatórios e, no final, no *relatório da cidade*, assim como fora com o *livro*? “Provavelmente, sim”.

Prova de que esse relacionamento enquanto *candidata protagonista* era mais próximo ao que se tinha com uma sede do que com uma postulante — o que é impossível dizer se ocorria apenas no caso de São Paulo ou no de todas as capitais concorrentes — era sua semelhança exatamente no momento de relacionamento em seguida à oficialização. Segundo Raquel Verdenacci, havia uma troca de informações constante entre a cidade e a FIFA para falar dos problemas, de quais ainda estavam pendentes e de quais tinham sido resolvidos.

As áreas técnicas da FIFA se organizavam lá e comentavam [os relatórios]. Recebíamos os documentos com comentários sobre cada tipo de projeto, páginas e páginas que tínhamos produzido para saber se tal item tinha sido aprovado ou se precisava ser revisto. Era um trabalho bem sério, ia ponto a ponto. E existiam reuniões pra tratar desses pontos. Não era simplesmente uma troca de documentos.

A confirmação oficial de São Paulo como cidade-sede da Copa do Mundo de 2014 viria em 31 de maio de 2009, de certa forma, carimbando na candidatura paulista o rótulo de bem-sucedida. O *relatório da cidade* em si, o seu conteúdo e o de outros documentos, será analisado no **Capítulo 2**. Assim, poderemos discutir, no fim desta dissertação, se esse sucesso corresponde à qualidade da produção da SPTuris e seus pares e/ou se apenas às exigências do avaliador, a FIFA. Nesse momento, enquanto *candidata protagonista*, a cidade ainda recebeu visitas de membros da entidade, uma delas com um caráter de inspeção mais parecido com o de *coadjuvante*. Esses episódios serão melhor explorados no **Capítulo 3**, justamente por terem peso e cobertura menores na *Folha de S.Paulo*, servindo ao propósito de entender a abordagem do jornal em relação ao assunto.

### *O grande problema: o Morumbi*

O Estádio Cícero Pompeu de Toledo, mais conhecido como Morumbi, parecia uma escolha óbvia, fácil até. Pertencia a um dos clubes mais famosos<sup>217</sup> e populares<sup>218</sup> da cidade, do estado, do país e do mundo. Em 2005, o time sagrara-se campeão da Copa Libertadores da América<sup>219</sup> e do Mundial de Clubes pela terceira vez na história. Em 2006, além de vice do torneio continental, no meio do ano, poucos dias antes da oficialização da candidatura brasileira, em dezembro, voltava a levantar a taça do Campeonato Brasileiro, o que não acontecia há 15 anos, e sagrar-se-ia, acumulando 2007 e 2008, tricampeão brasileiro legítimo, uma verdadeira façanha. Era visto como um modelo de gestão financeira, um dos poucos a registrar *superávit* na época<sup>220</sup>. E o Morumbi em si por muitos anos fora considerado o maior - em termos de capacidade de público - estádio particular do mundo<sup>221</sup> e mesmo um dos maiores do mundo. Era com frequência, alugado por Corinthians, Palmeiras e Santos.

Nenhum desses predicativos, porém, convencia Teixeira, o único cuja opinião realmente contava. Nem o fato de os concorrentes supracitados, à época, carecerem de um estádio (caso corintiano<sup>222</sup>) ou de um estádio com a capacidade mínima exigida pela FIFA, de 30 mil

<sup>217</sup> Para ficar num exemplo recente, de acordo com pesquisa realizada pela agência Euromerics Sport Marketing entre outubro e novembro de 2014, após a Copa do Mundo no Brasil, portanto, e de toda a repercussão da abertura do torneio no estádio do Corinthians, o São Paulo aparecia entre os mais populares do continente americano entre asiáticos, mais precisamente no décimo lugar. Corinthians, Santos e Internacional, que viriam a ganhar títulos da Copa Libertadores depois do Tricolor paulista, respectivamente, em 2012, 2011 e 2006 e 2010, estavam na frente. Disponível em: [http://www.lancenet.com.br/minuto/Corinthians-desbanca-popular-Americas-Asia\\_0\\_1251475005.html](http://www.lancenet.com.br/minuto/Corinthians-desbanca-popular-Americas-Asia_0_1251475005.html)

<sup>218</sup> O São Paulo aparece como o terceiro time mais popular do Brasil em ao menos duas pesquisas de opinião, sempre atrás de Flamengo e Corinthians. Segundo a Pluri Consultoria, o Tricolor paulista tem 8,1% da preferência do torcedor brasileiro em todo o território nacional. O levantamento foi feito entre novembro de 2012 e fevereiro de 2013. [disponível em: <http://www.pluriconsultoria.com.br/uploads/relatorios/REPORT%20PLURI%20STOCHOS%20-%20TAMANHO%20DE%20TORCIDAS.pdf>]. De acordo com a 5ª pesquisa Lance!-Ibope, do jornal *Lance!*, divulgada em agosto de 2014, a estimativa é de 13,6 milhões de são-paulinos em todo o País. [Disponível em: [http://www.lancenet.com.br/minuto/Pesquisa-LANCE-Ibope-Flamengo-Brasil\\_0\\_1200480135.html](http://www.lancenet.com.br/minuto/Pesquisa-LANCE-Ibope-Flamengo-Brasil_0_1200480135.html)]

<sup>219</sup> A Copa Libertadores da América, também chamada apenas de Copa Libertadores ou Libertadores, é a principal competição entre clubes da América do Sul - ainda que conte, desde 1998, com a participação de clubes do México, país da América do Norte. Criada em 1960, vem sendo disputada ininterruptamente desde então.

<sup>220</sup> Segundo a nota “Sem cometer loucuras, São Paulo é modelo de gestão financeira no Brasil”, de 20 de julho de 2008 no *globoesporte.com*: [http://globoesporte.globo.com/Espportes/Noticias/Times/Sao\\_Paulo/0,,MUL652496-9875,00.html](http://globoesporte.globo.com/Espportes/Noticias/Times/Sao_Paulo/0,,MUL652496-9875,00.html)

<sup>221</sup> Levantamento do Lance!net, do jornal *Lance!*, em dezembro de 2014, mostra que o Morumbi, apesar de não ser mais o maior, ainda estava entre os maiores, mais precisamente no sétimo lugar, com capacidade para 72 mil pessoas [http://www.lancenet.com.br/minuto/CONFIRA-maiores-estadios-particulares-mundo\_0\_1261074054.html]. O CNEF - Cadastro Nacional de Estádios de Futebol de 2015, relatório da CBF sobre os estádios brasileiros, diz que o Morumbi tem capacidade para 67.428 pessoas, o suficiente para, nesse ranking, mantê-lo na mesma posição [http://cdn.cbf.com.br/content/201410/20141024155740\_0.pdf].

<sup>222</sup> O estádio corintiano tornou-se, ao longo de sua história, uma verdadeira obsessão. O clube tinha, desde 1928, o estádio Alfredo Schürig, mais conhecido como Parque São Jorge ou Fazendinha, mas era como se, nas últimas

lugares<sup>223</sup> (caso palmeirense<sup>224</sup> e santista<sup>225</sup>) — o Pacaembu, sede da Copa do Mundo de 1950, jamais apareceu como uma das principais apostas, apenas de forma tímida<sup>226</sup>.

Teixeira incomodava-se sempre que questionado sobre o Morumbi<sup>227</sup>, que teria os dias contados, excluído do Mundial em junho de 2010<sup>228</sup>. O que nos interessa nessa parte da dissertação é perceber como, proposital ou acidentalmente, ao mesmo tempo, os principais atores dessa decisão oscilavam entre descartar o estádio, de tanto falar em outras opções e

---

décadas, não tivesse estádio algum. O local tornou-se, antes da inauguração do atual centro de treinamento, em 2010, no Parque Ecológico do Tietê, local de treinamento. O Pacaembu era seu estádio preferido e o Morumbi, como os próprios torcedores brincavam, seu “salão de festas”, utilizado para decisões de campeonato. Até a concretização da Arena Corinthians, que popularmente vem sendo chamada de Itaquerão, pelo bairro em que fica, Itaquera, na zona leste de São Paulo, em 2014, foram ao menos sete projetos de estádio e uma da ampliação do Parque São Jorge, como relembra reportagem de 18 de maio de 2014 do jornal *Folha de S.Paulo*: <http://www1.folha.uol.com.br/esporte/folhanacopa/2014/05/1456181-relembre-projetos-de-estadios-do-corinthians-que-nao-sairam-do-papel.shtml>

<sup>223</sup> Segundo o portal 2014: <http://www.portal2014.org.br/noticias/1125/CONHECA+AS+EXIGENCIAS+DA+FIFA+PARA+OS+ESTADIOS+DA+COPA.html>

<sup>224</sup> O Palmeiras tinha, em 2007, o Palestra Itália que, demolido em 2011, deu lugar ao atual Allianz Parque. O estádio tinha capacidade abaixo da exigida pela FIFA, para 27.650 pessoas: <http://www.palmeiras.com.br/historia/estadio>

<sup>225</sup> Segundo o relatório da CBF sobre os estádios brasileiros, o CNEF - Cadastro Nacional de Estádios de Futebol, a Vila Belmiro, oficialmente estádio Urbano Caldeira, localizado em Santos, no litoral do estado de São Paulo, tem capacidade para 21.732 pessoas: [http://cdn.cbf.com.br/content/201410/20141024155740\\_0.pdf](http://cdn.cbf.com.br/content/201410/20141024155740_0.pdf)

<sup>226</sup> O secretário municipal de Esportes, Lazer e Recreação de São Paulo de 2007 a 2010, Walter Feldman, responsável por administrar à época o Pacaembu, estádio de propriedade da Prefeitura de São Paulo, jogou a toalha ao primeiro sinal de como Ricardo Teixeira, presidente da CBF, queria as coisas. Segundo a reportagem “Serra obedece à CBF, que satisfaz SP pela metade”, publicada em 29 de março de 2007 no jornal *Folha de S.Paulo*, na página D2 do Caderno de Esporte: “Os paulistas apresentarão dois projetos de estádio para a CBF, um só como reserva. Se a entidade aprovar, repassará à FIFA, entidade da qual Teixeira é um dos mais influentes membros do Comitê Executivo. A FIFA dará a palavra final. Pela orientação de Teixeira, a arena sairá com dinheiro privado. O Estado e a prefeitura entram com o terreno e a infra-estrutura do terreno. **O primeiro resultado da reunião foi a desistência do município de emplacar o Pacaembu. ‘Se só um estádio pode entrar, não há como ser o Pacaembu’, afirmou Feldman.** Mesmo assim, ele diz que será tocado nele um projeto de revitalização.” [grifo nosso] Dias antes, segundo a nota “Pacaembu na Copa”, da coluna “Painel FC”, do mesmo periódico e página, em 23 de março, tentou apressar esse projeto de remodelação para encaixá-lo no torneio: **“A Secretaria Municipal de Esportes desenvolve um projeto para tentar incluir o Pacaembu nos planos da Copa-14. O secretário Walter Feldman deu até a semana que vem para a direção do estádio apresentar propostas de remodelação.** Ele crê que com 5.000 lugares a mais e novas áreas de estacionamento, entre outras reformas, poderá modernizá-lo. Assegura serem possíveis tais alterações, apesar do tombamento do Pacaembu. A idéia é entregar o estudo a José Serra antes de ele se encontrar com Ricardo Teixeira.” O político ignorou os sinais de que seria impossível, de acordo com outra nota da coluna naquele dia, intitulada “Azarão”: “Aliados de Ricardo Teixeira acreditam ser impossível o Pacaembu emplacar na Copa-14. Avaliam que é mais fácil a construção de uma nova arena. Idéia que Feldman não descarta.”

<sup>227</sup> Segundo a nota “Porta da Esperança”, da coluna “Painel FC” publicada na edição de 29 de março de 2007 no jornal *Folha de S.Paulo*, na página D2 do caderno de Esporte: **“Na visita a José Serra, Teixeira mostrou-se cauteloso ao falar do Morumbi. Mas, mesmo sem citar o nome do estádio, mostrou por que acha inviável colocá-lo no mapa da Copa.”** [grifo nosso] E ainda de acordo com trecho de reportagem do mesmo periódico, dia e página, intitulada “Serra obedece à CBF, que satisfaz SP pela metade”: “Vou repetir o que sempre digo. Hoje, nenhum estádio do Brasil tem condições de receber um jogo de Copa do Mundo”, afirmou o cartola [Ricardo Teixeira, presidente] da CBF, **que vive às turras com os do São Paulo, ao ser perguntado sobre o Morumbi.”**

<sup>228</sup> Conforme a reportagem “Morumbi está fora da Copa 2014”, em 16 de junho de 2010, no [globoesporte.com](http://globoesporte.globo.com/futebol/copa-do-mundo/noticia/2010/06/morumbi-esta-fora-da-copa-2014.html): <http://globoesporte.globo.com/futebol/copa-do-mundo/noticia/2010/06/morumbi-esta-fora-da-copa-2014.html>

projetos, e defendê-lo ostensivamente, como se fosse o mesmo que proteger a candidatura paulistana. A impressão era a de que, entre os principais atores, o Morumbi não fosse a escolha preferida como palco da Copa, mas, cautelosamente, aguardava-se para saber se haveria ou não outra opção.

Os recados se espalhavam, como se quisessem minar pouco a pouco o Morumbi e seus protetores, personificados na figura do então presidente do São Paulo, Juvenal Juvêncio. Pipocavam notícias de que seria precisa uma reforma gigantesca no estádio<sup>229</sup> (e o BNDES poderia até ajudar se o único objetivo fosse reformar e não necessariamente ter a honra de receber o Mundial<sup>230</sup>); de que a Copa teria apenas novas arenas<sup>231</sup>; de que existiam, sim, outras opções surgindo, a primeira comentada em Barueri<sup>232</sup>; até de que o clube seria malvisto por reclamar demais<sup>233</sup>, um parceiro que encrencaria com muitas das demandas delicadas da FIFA<sup>234</sup>.

O folclórico cartola são-paulino não colaborava. Dava declarações contra a CBF, parecidas com a do congressista Sílvio Torres, de que o torneio não poderia ficar centralizado na Confederação<sup>235</sup>. Os avisos de que a postura poderia custar caro vieram quando, como supracitado, o Morumbi sequer apareceu na lista dos possíveis locais de jogo da seleção

<sup>229</sup> Conforme registrado na nota “Vire-se”, da coluna “Painel FC”, publicada na edição de 2 de outubro de 2006 no jornal *Folha de S.Paulo*, na página D2 do caderno de Esporte.

<sup>230</sup> Segundo a nota “Porta da Esperança”, da coluna “Painel FC” publicada na edição de 18 de outubro de 2006 no jornal *Folha de S.Paulo*, na página D2 do caderno de Esporte: “O Ministério do Esporte encontrou uma fórmula para agradar aos clubes que querem reformar seus estádios mas não estão no projeto inicial da Copa-14. Em sua negociação com o BNDES por uma nova linha de crédito para as arenas, desvinculará a liberação da verba à inclusão no plano para o Mundial. Nessa estratégia, Orlando Silva Jr. vai encaixar o Morumbi, que o São Paulo insiste ter na Copa.”

<sup>231</sup> Conforme registrado na nota “Saia justa”, da coluna “Painel FC”, publicada na edição de 17 de outubro de 2006 no jornal *Folha de S.Paulo*, na página D2 do caderno de Esporte.

<sup>232</sup> Segundo a nota “Lar”, da coluna “Painel FC” publicada na edição de 22 de dezembro de 2006 no jornal *Folha de S.Paulo*, na página D2 do caderno de Esporte: “A palavra de Ricardo Teixeira será a senha para o governo e a FPF decidirem se apostam num novo estádio ou na reforma do Morumbi para o Mundial. Del Nero tem acompanhado de perto o projeto da arena do Barueri, que está de olho na Copa de 2014.”

<sup>233</sup> Segundo a nota “Antipatia”, da coluna “Painel FC”, publicada na edição de 8 de outubro de 2006 no jornal *Folha de S.Paulo*, na página D2 do caderno de Esporte: “Funcionários e cartolas de diferentes escalões da CBF torcem o nariz para o São Paulo. Aham que o clube reclama demais. Citam as queixas contra a arbitragem e as convocações de Dunga, além da oposição ao projeto da CBF para a Copa-14.”

<sup>234</sup> Segundo a nota “Nariz empinado”, da coluna “Painel FC”, publicada na edição de 18 de fevereiro de 2007 no jornal *Folha de S.Paulo*, na página D2 do caderno de Esporte: “Na lista de defeitos que cartolas da Federação Paulista de Futebol e da CBF enxergam no Morumbi para a Copa-14 figura o que é chamado de antipatia dos dirigentes são-paulinos. Entre outras coisas, **os detratores do estádio avaliam que seus donos criariam problemas para assinar um termo no qual a FIFA exige autonomia nas arenas. O clube não pode ter nenhuma sala e nenhum funcionário no estádio, além de ser obrigado a liberar os camarotes e as cativas. Na confederação brasileira, a exclusão é tida como irreversível.**” [grifo nosso]

<sup>235</sup> Conforme registrado em pelo menos três notas da coluna “Painel FC”, do jornal *Folha de S.Paulo*, todas em 2006: “Esfera pública”, de 25 de outubro; “Torneira”, de 4 de novembro; e “Dividida”, de 5 de novembro.

brasileira pelas Eliminatórias - e o classificatório já ganhava ares de “teste” para a Copa<sup>236</sup>. Os diretores do clube, porém, faziam o mesmo. Para João Novaes, “o Morumbi, sem querer, foi se prejudicando”:

Uma vez, no meio [da candidatura], em maio, junho, julho, realmente as datas eu não me lembro, um cara da CBF me ligou da Suíça exigindo, pelo menos aproximadamente, o orçamento de quanto vai ser cada reforma de estádio para a Copa. Eu liguei para o São Paulo, falei com o responsável de infraestrutura na época. Não me lembro o nome. E com o clima muito ruim entre Ricardo Teixeira e São Paulo, ele estava, acho que do lado de outros diretores importantes do lado, por acaso: ‘Meu, os caras estão pedindo, agora, quanto a gente quer gastar. Hahahaha! Porra!’ . Dava para ouvir os caras loucos da vida no fundo.

Os poderosos do momento, Marco Polo Del Nero, presidente da FPF<sup>237</sup>, Gilberto Kassab, prefeito de São Paulo, e José Serra, governador paulista, publicamente demonstravam apoio ao Morumbi. O primeiro e o terceiro, porém, palmeirenses, não escondiam o desejo de ver o estádio do clube na Copa<sup>238</sup>. E ainda sonhavam com um estádio da própria federação<sup>239</sup> e

---

<sup>236</sup> Segundo a nota “Excluído”, da coluna “Painel FC” publicada na edição de 25 de outubro de 2006 no jornal *Folha de S.Paulo*, na página D2 do caderno de Esporte: **“No momento, o Morumbi está fora dos planos da CBF para os jogos das eliminatórias da Copa de 2010. A competição será um teste para o Mundial de 2014, para o qual o Brasil é candidato a sede. A cúpula da entidade alega que o Morumbi não passou por melhorias recentes e diz que será mais fácil adaptar o Pacaembu às exigências da FIFA. A decisão, que não é definitiva, ocorre logo após presidente do São Paulo, Juvenal Juvêncio, pregar que a organização da Copa não poderia ficar concentrada nas mãos da condeferação.”** [grifo nosso]

<sup>237</sup> Sigla para Federação Paulista de Futebol, entidade responsável pelo futebol paulista, filiada à CBF.

<sup>238</sup> Segundo a nota “Missão impossível”, da coluna “Painel FC” publicada na edição de 5 de abril de 2007 no jornal *Folha de S.Paulo*, na página D2 do caderno de Esporte: **“A diretoria do Palmeiras está certa de ajuda do governador José Serra, torcedor do clube, para incluir o Parque Antarctica na Copa-14. Isso apesar da rejeição de Ricardo Teixeira a estádios antigos.** Os diretores afirmam que o tucano dará a eles cópia do caderno da FIFA com as instruções sobre as arenas. Seguirão o que está lá para planejar a reforma. Serra tem ido aos principais jogos do time e conversado com os dirigentes. A CBF diz que os governadores indicam os locais. Mas Serra declarou que Ricardo Teixeira é quem decide.” [grifo nosso] Mais tarde, segundo as nota “Verde...” e “...da esperança”, da coluna “Painel FC”, publicada na edição de 2 de setembro de 2007 do jornal *Folha de S.Paulo*, na página D2 do caderno de Esporte, mesmo com o *Bid Book* já entregue à FIFA, o presidente palmeirense, Affonso della Monica, ainda alimentava a presença de um estádio do clube na Copa, dividindo os jogos na cidade com o Morumbi, do São Paulo. Acreditava que localizar-se numa região central, próxima do metrô, era um ótimo argumento.

<sup>239</sup> Segundo a nota “Salada russa”, da coluna “Painel FC” publicada na edição de 29 de março de 2007 no jornal *Folha de S.Paulo*, na página D2 do caderno de Esporte: **“Oficialmente, a FPF indica o Morumbi como primeira opção para a Copa-14. Mas uma arena da entidade, a ser usada pelos clubes, está entre o que Marco Polo Del Nero chama de plano B.** É um modo de reduzir o excesso de ofertas. Uma só arena reuniria vários investidores. Mas pode enterrar o sonho corintiano de ter a sua casa bancada por Boris Berezovsky. Dois vezes da federação conversaram com o magnata, o que Del Nero diz desconhecer. Afirma que não atrairá o russo, se o Corinthians for mesmo construir o estádio.” [grifo nosso]



mesmo do estado<sup>240</sup>. O trio, porém, mostrar-se-ia fiel apenas ao objetivo de tornar-se cidade-sede<sup>241</sup>, nem que significasse sujeitar-se a Teixeira, trair o São Paulo, Juvenal Juvêncio e ignorar qualquer critério técnico<sup>242</sup> - o cartola são-paulino revelaria, anos mais tarde, se sentir isolado<sup>243</sup>. Os são-paulinos e Juvenal, obcecado pela ideia de receber o Mundial<sup>244</sup>, tentaram

<sup>240</sup> Segundo a nota “Copa-14: Estado busca local para erguer arena”, publicada na edição de 5 de fevereiro de 2007 no jornal *Folha de S.Paulo*, na página D5 do caderno de Esporte: **“Em meio à polêmica da falta ou não de condições do Morumbi para abrigar jogos do Mundial, o Estado já iniciou levantamento para verificar a existência de locais em SP onde possa ser erguido um estádio que reúna plenas condições para receber partidas da Copa.** Caso a Secretaria de Transportes localize praça a até uma distância de 20 ou 30 quilômetros da cidade de São Paulo, repassará a informação ao governador José Serra.” [grifo nosso]

<sup>241</sup> Um exemplo disso está no retrato da reportagem “Serra obedece à CBF, que satisfaz SP pela metade”, publicada em 29 de março de 2007 no jornal *Folha de S.Paulo*, na página D2 do caderno de Esporte, quando do encontro do governador paulista, José Serra, com o presidente da CBF, Ricardo Teixeira: **“Em sua visita a São Paulo, Ricardo Teixeira ouviu o que queria. Para participar do projeto da Copa de 2014, o governo do estado fará o que o presidente da Confederação Brasileira de Futebol achar melhor. (...) Depois de receber o cartola no Palácio dos Bandeirantes, o governador José Serra deixou claro que seguirá à risca as determinações de Teixeira. Ao ser questionado sobre se o Estado pode investir na construção de um estádio, ele respondeu: ‘A decisão não é nossa, é da CBF, com a FIFA.’”** [grifo nosso]

<sup>242</sup> Segundo a reportagem “Critério político afasta Morumbi da Copa-2014”, publicada na edição de 28 de março de 2006, na página D2 do caderno de Esporte: **“Ao chegar a São Paulo, hoje, a caravana da CBF para escolher sedes da Copa do Mundo de 2014 deixa de lado o Morumbi, maior praça esportiva do Estado. Dados do estádio e atitudes da confederação mostram que a decisão é política. Esse encontro tem como pano de fundo a antiga disputa entre a CBF e o São Paulo, que afeta o Morumbi. A diretoria são-paulina cobra dívida da entidade, referente a salários de jogadores na seleção.** Atletas, por sinal, que a CBF engajou na campanha pela Copa-2014 - Dunga dirigiu o time contra Gana com camisa promocional. **Os são-paulinos foram um dos poucos que não votaram pela reeleição de Teixeira para o cargo. Desde então, há críticas mútuas nos bastidores. Oficialmente, a confederação não vetou estádios para o Mundial. E nem deve fazê-lo agora. Mas são procuradas alternativas no Estado pelas quais a CBF tenha mais poder de interferência. Já o São Paulo quer investir dinheiro próprio e lutar por verbas, da FIFA e do BNDES, para reformar sua praça. (...) Fato é que existem mais do que indícios de que a CBF usa critério político.(...) Levantamento da reportagem mostra que, em uma lista de 39 itens, o Morumbi não atende a seis pontos do caderno de encargos da FIFA para estádios. E outros 13 itens são contemplados só parcialmente. (...)”** [grifo nosso] Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/fk2803200706.htm>

<sup>243</sup> Na reportagem “Não termos sido sede da Copa foi uma vitória enorme, diz Juvenal”, publicada em 14 de abril de 2014 na *Folha de S.Paulo*, Juvenal Juvêncio, prestes a deixar a presidência do São Paulo, faz um balanço do seu período no cargo e ao lembrar o episódio do Morumbi e nega qualquer frustração: **“Não tive grandes frustrações. Nem a Copa do Mundo. A gente não ter sido escolhido como sede foi uma vitória enorme. Eu queria a Copa? Sim. O Morumbi era, por natureza, a melhor casa para receber os jogos. Agora, essa indicação teria de ser feita pelo município, que era o [prefeito Gilberto] Kassab, e pelo governo do estado, que era o [governador José Serra]. O Ricardo Teixeira [então presidente da CBF] queria fazer um estádio em São Paulo. Tanto que o discurso era: “A Copa é particular, não terá governo”. Ele sabia o que estava fazendo, essa falácia. Ele não queria interferência do governo, como não quis nunca receber nada na CBF do governo porque atrás de verbas governamentais, sobretudo do âmbito federal, vêm o Tribunal de Contas da União. Mas ele queria fazer isso aí [estádio] e havia um grande obstáculo chamado Juvenal Juvêncio. Ele aproveitou e nos tirou da Copa. Em determinado instante, eu havia feito um discurso de receber a Copa no Morumbi, mas eu não tinha apoio. De tal sorte que eu dizia ao presidente Lula: “Eu estou só em São Paulo. Eu vou morrer. Nem o prefeito e nem o governador me apoiam. Mas o mais grave é que eles não dizem que não apoiam. Eles dizem que apoiam”.** O Kassab, são-paulino, me abandonou. O Serra dizia: **“Vamos fazer a Copa no Morumbi, mas eu quero que você saiba que o correto é que fosse no Parque Antarctica [do Palmeiras]”.** Então, eu tive uma grande vitória quando o Ricardo Teixeira disse **“O Morumbi está fora da Copa”.** A aqueles que dizem: **“Perdeu a Copa”.** Eu não perdi, eu ganhei.” [grifo nosso] Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/esporte/folhanacopa/2014/04/1440260-nao-termos-sido-sede-da-copa-foi-uma-vitoria-enorme-diz-juvenal.shtml>

<sup>244</sup> Segundo a nota “Questão de honra”, da coluna “Painel FC”, publicada na edição de 6 de março de 2007 no jornal *Folha de S.Paulo*, na página D2 do caderno de Esporte: **“Diretores do São Paulo definem Juvenal Juvêncio**

voltar ao jogo, criaram até um slogan: “O Morumbi é de São Paulo, não do São Paulo”<sup>245</sup>, pediram reforço à FPF<sup>246</sup> e ao governo paulista<sup>247</sup>. Após uma reunião com Teixeira, em abril de 2007, imaginaram-se bem-sucedidos; o cartola da confederação garantiria o Morumbi na lista de estádios do *Bid Book*, a ser entregue em 31 de julho<sup>248</sup>. A piada era que a situação lembrava uma peça, pura encenação, sem beijo no final<sup>249</sup>.

Ainda como *coadjuvante*, em meados de 2007, de acordo com Claury Alves, por causa da resistência da FIFA, que queria um estádio novo na cidade, do Governo do estado, que não se dispunha a investir, e do São Paulo, que insistia no Morumbi sem muitas alterações, diretores da entidade disseram que a capital paulista poderia nem ser aceita como candidata a sede do torneio:

Chegaram a comentar isso. Diretamente. “Olha, dificilmente o estado de São Paulo, ou melhor, São Paulo, vai ser sede, porque sem o estádio, se não tiver o estádio, e o estádio é o palco, nós queremos um palco em condições pra poder receber um evento como esse. E São Paulo é importante pra nós”. Isso ainda em 2007, nas discussões.

Esse “comunicado” gerou apreensão entre os atores por trás da candidatura paulistana, pois, “se não fosse o Morumbi, qual seria, então, a alternativa?” Claury via-se numa “camisa de força”:

---

como obcecado por incluir o Morumbi no projeto da Copa de 2014 no Brasil. O presidente do clube centraliza as ações sobre o tema e repassa poucas informações a seus subordinados.”

<sup>245</sup> Conforme registrado na nota “Adesivo”, da coluna “Painel FC”, publicada na edição de 4 de março de 2007 no jornal *Folha de S.Paulo*, na página D2 do caderno de Esporte.

<sup>246</sup> Segundo a nota “Prefeito”, da coluna “Painel FC”, publicada na edição de 4 de março de 2007 no jornal *Folha de S.Paulo*, na página D2 do caderno de Esporte: “Os são-paulinos asseguram que Marco Polo Del Nero irá levá-los até Ricardo Teixeira. Apostam que a amizade entre os presidentes da FPF e da CBF ajudará a minar a resistência da confederação ao Morumbi.”

<sup>247</sup> Segundo a nota “Aliança”, da coluna “Painel FC”, publicada na edição de 8 de janeiro de 2007 no jornal *Folha de S.Paulo*, na página D2 do caderno de Esporte: “Juvenal Juvêncio reuniu-se com representantes da prefeitura e do governo paulista. Diz ter apoio para a criação de um grande estacionamento no Morumbi. Com a obra, crê que incluirá o estádio no projeto da Copa-14.”

<sup>248</sup> Segundo a reportagem “São Paulo se diz certo de receber jogos”, publicada na edição de 12 de abril de 2007 no jornal *Folha de S.Paulo*, na página D4 do caderno de Esporte: **“Do dia para a noite Juvenal Juvêncio trocou a insatisfação de ver o Morumbi fora do projeto da Copa-14 pela certeza de que o estádio do São Paulo estará na relação de 18 locais enviados para a FIFA. O presidente são-paulino afirmou que Ricardo Teixeira assegurou o Morumbi na lista, durante o almoço entre ambos no Rio de Janeiro. ‘Foi ótimo, o Ricardo garantiu o Morumbi sem depender de nada’, disse. Isso não significa que o estádio estará na Copa.(...)’Tenho minhas dúvidas se teremos concorrência em São Paulo’, afirmou. Juvêncio crê que será difícil outro projeto que ainda esteja no papel cumprir todas as exigências.** Para o Morumbi, ele quer construir um estacionamento, que contaria com dinheiro do governo estadual e da prefeitura, já que serviria para uma futura estação de metrô. Para as reformas internas, fala até em verba da FIFA. O cartola já sonha com a abertura ou a final. ‘Tem que ser no Rio ou em São Paulo. Não adianta o Aécio Neves querer em Minas’.” [grifo nosso]

<sup>249</sup> Segundo a nota “Artes Cênicas”, da coluna “Painel FC”, publicada na edição de 12 de abril de 2007 no jornal *Folha de S.Paulo*, na página D2 do caderno de Esporte: “Cartolas paulistas defensores de outros estádios na Copa-14 apostam que Ricardo Teixeira ainda é contra o Morumbi. Mas deixará o corte para a FIFA. Um deles define a situação como uma peça de teatro, sem beijo no final. E Marco Polo Del Nero como produtor.”

Eu cheguei a procurar uma solução, alguma alternativa para esse impasse. Verifiquei alguns terrenos em que o Governo do estado pudesse fazer uma PPP [parceria público-privada] e construir um estádio. A ideia era ter algumas áreas e apresentar, por exemplo, em caso de uma reunião de pressão. Eu não sou empreendedor imobiliário, mas imagino que você ter uma área em São Paulo bem localizada, com infraestrutura de transporte, de acesso a tudo, é altamente interessante pra quem faz complexos esportivos, que pode agregar hotel, shopping, não sei o quê e um estádio de futebol, né? Abriria isso pra uma consulta pública pra ver empresas que tivessem interessadas em fazer um empreendimento desse porte. Acabou não acontecendo [em área da Vila Leopoldina, na Zona Oeste], até porque o governo do estado já tinha pretensões de fazer um parque naquela região [o atual Parque Leopoldina Orlando Villas Bôas].

A solução inicial está no *Bid Book de São Paulo* — como será melhor analisado no **Capítulo 2** — com a indicação do Morumbi como estádio da capital paulista e a “observação” de que o Pacaembu estaria à disposição em caso de necessidade.

A cidade de São Paulo passou, portanto, da condição de *candidata coadjuvante a protagonista* com o Morumbi como o palco paulistano para a Copa do Mundo. Segundo Raquel Verdenacci, o estádio ficou, inclusive, “numa situação confortável”, mas “essa história foi mudando”. Após a oficialização do Brasil como país-sede do torneio, o foco voltou-se ainda mais para os estádios, com a FIFA requisitando informações e soluções para cada um. Luiz Sales reconheceu que o trabalho para convencer a entidade de manter a casa são-paulina era “muito difícil”, pois, diferentemente de outras cidades, não tinha de submeter projetos, e sim o local já pronto, com as deficiências visíveis. Segundo Raquel Verdenacci, os projetos apresentados pelo clube, num determinado momento, nunca eram suficientes. O arquiteto responsável pelo projeto, Ruy Othake, preocuparia-se “muito mais com acabamento, a solução final” e “os técnicos da FIFA queriam entender as soluções anteriores, ficava um vai-e-volta interminável”. A solução para o problema dos pontos cegos reduziria a capacidade e interferiria no pleito para a cerimônia de abertura. Para resolver a questão contemplando o fim dos pontos cegos e a manutenção da capacidade mínima, sugeriam-se alterações drásticas nos anéis superiores e altura do gramado. “O São Paulo analisou e viu que não fazia sentido no seu modelo de negócio. Quando sinalizaram que não estavam dispostos a fazer, ah, aí todo mundo se aproveitou um pouco da situação, né?”. Para quem pleiteava a cerimônia e a partida de abertura, como comentou Verdenacci, “começou a virar, num determinado momento, uma coisa que você ia perder, antes de definitivamente ganhar”.

Caio de Carvalho insistiu que fazer a abertura “era uma bobagem, não era importante, porque pouca gente se lembra onde foi abertura de uma Copa do Mundo” e fazia parte de uma pressão para que se construísse um novo estádio na capital paulista:

Isso é jogo de marketing para dar dinheiro aos patrocinadores. Só isso. E onde os patrocinadores querem estar? Nos grandes centros. Ninguém é ingênuo. São Paulo é a maior capital da América Latina. Onde a FIFA ia querer fazer a Copa do Mundo? Onde estão os patrocinadores? Por isso que eu tinha minha tese: pagar pra ver. Eles iam fazer aqui de qualquer forma e no Morumbi. Não precisava necessariamente abaixar as calças pra fazer a abertura. Podia fazer a semifinal, pela importância da cidade, e ganharia a mesma coisa, não precisaria ter a festa de abertura, onde tinha que investir dinheiro da Prefeitura, tinha que fazer o entorno pros patrocinadores da Fifa. E para efeito de turismo não ia acrescentar nada, como não acrescentou. Por quê? Porque as pessoas que vieram pra cá eram pessoas jovens, para beber cerveja na Vila Madalena, não era para ocupar os hotéis, para gastar dinheiro, para gerar receita com impostos. Não me ouviram porque havia um medo político das pesquisas. E a própria imprensa esportiva tinha interesse em ser em São Paulo. O Serra apoiou o Morumbi até o fim. E apoiou o Morumbi e apoiou até o Palmeiras. O que ele não queria era um estádio novo. Só que o Serra em 2010 saiu pra ser candidato à presidência e quem ficou foi o Goldman e o Lula. E com o Kassab, os três acabaram cedendo com receio. [De perder a sede?] Não, com o receio de não ter a abertura e isso ter um custo político e ser debitado a eles.

Para Claury Alves da Silva, São Paulo nem precisaria receber a Copa do Mundo:

São Paulo é muito maior do que um evento. O que São Paulo promove é maior do que uma Copa do Mundo. Pode receber o evento e tudo mais, mas você vê, passou, e a cidade continua sendo a mesma, crescendo em termos de eventos, sendo essa capital forte culturalmente. Continua sendo isso, sabe? Ah, teve Copa? Teve Copa, igual outros eventos. Tem a Fórmula 1 aqui? Tem a Fórmula 1, acontece, tal, vai embora e São Paulo continua sendo essa força grande.

Segundo João Novaes, se São Paulo insistisse no Morumbi, a cidade ia ter um papel coadjuvante na Copa do Mundo, “isso é uma coisa importante a se saber”. De qualquer maneira, não cogitava a exclusão da capital paulista. “Eu não sei o quanto Itaquera [refere-se à Arena Corinthians, novo e atual estádio do clube, que viria a sediar os jogos do Mundial no Brasil] já estava nessa desde o início ou não, mas que o Morumbi já estava condenado, ah, já estava”. Ou seja, em 2007, membros da MPM, agência responsável pela candidatura, estavam cientes de que o estádio são-paulino tinha dias contados. Não eram os únicos.

Walter Feldman soube que o Morumbi não seria aceito pela FIFA entre um ou dois anos antes do anúncio oficial. Durante a entrevista, contou a história a respeito dessa informação como se fosse algo do momento de candidatura, o que poderia ter sido em qualquer momento

dentro dos 30 meses do escopo desta dissertação. Quando pedi que indicasse quando aquilo acontecera, pois tratava-se de algo jamais revelado — eram apenas fofocas de bastidores, nenhuma oficial, de que o Morumbi seria excluído do Mundial —, titubeou, talvez por perceber que poderia ser algo mantido em segredo e disse apenas: “Acho que [foi em] 2008, 2009, isso eu não sei localizar”. O episódio, ainda assim, merece ser reproduzido na íntegra, exatamente como foi contado:

Foram momentos muito angustiantes porque [para] tudo o que se apresentava do Morumbi a FIFA tinha posição contrária. **Eu tive várias conversas com o Ricardo Teixeira. Uma vez eu fui ao Rio de Janeiro, ele me pediu pra ir lá, pra dizer o seguinte: “Walter, não será, eu tô dizendo, não será”.**

**Ele me chamou lá e falou: “Olha, eu tô dizendo pra você, eu sei do esforço do São Paulo, quero que você saiba que não tenho nada contra o São Paulo” - porque se achava naquela época que era uma birra do Ricardo com o Juvenal – “Nada contra o Morumbi, eu não faria isso contra o meu País, o São Paulo é um grande time, mas eu estou dizendo, a Fifa não vai aceitar, não vai aceitar”.**

[E qual a razão específica para isso?] Estádio velho. Estádio velho, sem condições de abrigar, com pontos cegos em exagero. Seria totalmente fora daquilo que a FIFA considerava um estádio minimamente adequado para ser o estádio da Copa. Então, se percebia do lado do São Paulo um esforço enorme para adequar a todas as demandas da Fifa e a Fifa dizendo “não adianta, tem que derrubar”. Partia desse princípio. É tudo ou nada. Derruba, faz outro, mas esse estádio não dá pra ser reformulado. Era essa a posição. Então, sempre o Ruy Othake e o Juvenal dizendo, não, vamos tentar, vamos tentar, vamos fazer todas as mudanças, fazer investimentos, e sempre muito difícil. Até que o Ricardo me falou isso, não vai dar. São Paulo corria o risco de perder [sua condição de sede].

A ciência antecipada da exclusão do Morumbi, se informada ao São Paulo e à SPTuris, mais do que um gesto de transparência, poderia poupar esforços e, principalmente, gastos desnecessários — inclusive do dinheiro público. Afinal, se sabia, por que não contar?

**Eu comuniquei nessa época o Serra e o Kassab o que o Ricardo tinha me dito isso. E o Serra e o Kassab disseram: “Olha, a Fifa tem que dizer isso ao Juvenal. [Ele] tem que ser convencido de que tem dificuldades. Nós não vamos trair a nossa cidade, não vamos trair o São Paulo, não seremos nós”.** Havia na época, uma ideia que a imprensa explorava, de que a gente fazia, umas vezes o Juvenal me criticou dizendo: “Ah, o secretário não tá comigo”. Nunca, nunca houve isso. **Olha, o Serra e o Kassab foram absolutamente leais ao São Paulo. Eu diria, no limite possível, com o risco de perder.**

[E não pediram para a FIFA informar o São Paulo?] Não, **isso ficou uma relação no mundo do futebol.** A única coisa que nós dizíamos: São Paulo dará a infraestrutura, governo e município, necessária para que a Copa se realize. **A decisão do estádio é uma decisão do futebol. Da FIFA, da CBF, do Comitê Organizador Local e do São Paulo.** O problema é que havia

naquela época uma ideia de que era a CBF que não queria, e não era justa com o Ricardo. O Ricardo não trabalhou contra, ele queria era decidir logo a cidade-sede, mas tecnicamente a FIFA nunca aprovou.

Pela quantidade de notas do “Painel FC”, coluna diária do caderno “Esporte” da *Folha de S.Paulo*, sobre o Morumbi e eventuais concorrentes, como um termômetro indicando regularmente se o estádio vinha subindo ou caindo de conceito em alguma esfera de poder (Prefeitura, Governo do estado, Governo Federal, FPF e CBF), supõe-se que a informação de sua exclusão, ainda que jamais oficializada antes de junho de 2010, circulava nos bastidores. Por isso, também, verificava-se a extensão da preocupação com o Morumbi para São Paulo, como se o fracasso do estádio significasse o da candidatura. O próprio Feldman considerou que:

São Paulo chegou a correr o risco de não ser sede da Copa, quando estavam se decidindo as cidades-sede. Porque não sendo no Morumbi, qual seria? Naquela época não havia o Allianz [Parque, novo e atual estádio do Palmeiras], não havia o Itaquera [a Arena Corinthians, novo e atual estádio do clube]. Era o Morumbi ou o Morumbi.

Quando confirmada a exclusão do Morumbi, Luis Sales confessou ter sido “um pouco traumático”. Afinal, tinham “feito todo o planejamento durante três anos olhando para uma região e aí você tinha que olhar pra outra, de uma maneira rápida, recomeçar”. Como se consolasse o subalterno, Caio de Carvalho lembro o colega de que a Copa é “um espetáculo para a TV”:

A FIFA é inteligente, sabe disso. Blefa, blefa, blefa, mas o que vale para a FIFA é o que vai para a TV, para os patrocinadores na TV, que são imagens pra bilhões de pessoas em todo o mundo. E é isso que a FIFA vende.

## CAPÍTULO 2

Este capítulo analisará os principais documentos relacionados à candidatura de São Paulo a cidade-sede da Copa do Mundo de 2014: o questionário, o formulário com perguntas e pedidos de informações em que cada cidade candidata, como era o caso da capital paulista, deveria basear-se para produzir material a seu respeito a ser incorporado ao *Bid Book* brasileiro, principal documento da candidatura nacional para sediar o torneio; o rascunho de respostas, um rascunho das respostas organizado de acordo com o questionário e que viria a ser o material de São Paulo incorporado ao *Bid Book* brasileiro; o livro (Bid Book de São Paulo), a apresentação oficial de São Paulo baseada nas demandas do questionário, rascunhada no rascunho de respostas, entregue à MPM, agência contratada pela CBF, como material a ser incorporado ao *Bid Book* brasileiro e, portanto, documento mais importante a respeito da venda institucional da capital paulista perante os avaliadores da FIFA no contexto do processo de candidatura brasileira e da própria cidade enquanto *candidata coadjuvante*; o relatório dos inspetores (Bid Inspection Report), a avaliação da candidatura brasileira pelos inspetores da FIFA que, ainda que baseada no *Bid Book* brasileiro e nas visitas da equipe de inspeção, proporcionando uma análise geral, dá a medida de como foi assimilada a tentativa de venda de São Paulo por meio do conteúdo com que se apresentou no *livro*; e o relatório da cidade (relatório final da candidata a cidade-sede), último documento oficial da candidatura de São Paulo antes da escolha das cidades-sede e, logo, o mais importante, depois da oficialização do Brasil como anfitrião, para o seu sucesso nessa candidatura, e o principal produzido enquanto *candidata protagonista*. Outros detalhes desses documentos estão no **Anexo 3**.

Em cada um dos dois momentos da candidatura, *coadjuvante* ou *protagonista*, existe, como se verá adiante, uma produção e, ao final, uma avaliação. Decidi, por isso, em ambos, começar apresentando e interpretando quais imagens foram construídas pelos atores por trás da candidatura de São Paulo para, em seguida, concluir se conseguiram fazer essas imagens prevalecer no resultado final e, em última instância, se pareceram atender às exigências da FIFA.

## 2.1 Candidata coadjuvante

O documento mais importante da candidatura brasileira é o *Bid Book* brasileiro, que apresenta o Brasil e reúne informações das 18 cidades candidatas a sede da Copa do Mundo de 2014. Para este trabalho, como já se sabe, o documento mais importante da candidatura paulistana é o livro (*Bid Book de São Paulo*), que apresenta a capital paulista, reúne informações específicas da cidade e integra o mesmo *Bid Book* nacional.

Por isso, a interpretação da produção de documentos oficiais da capital paulista enquanto *candidata coadjuvante* tem como eixo central o livro, como o *Bid Book de São Paulo* será de agora em diante também mencionado. Acompanham essa seção dois documentos anteriores à sua produção: o *questionário* e o *rascunho de respostas*. O primeiro, em que se estabelecem as questões a serem abordadas na apresentação da cidade; o segundo, por indicar como devem se organizar as respostas. Ambos no item “3.1.1.1 Produzindo a imagem da cidade para os avaliadores”. Em seguida, no item “3.1.1.2 Avaliando a imagem da cidade na visão dos avaliadores”, teremos o terceiro documento a girar em torno do livro, o quarto do período enquanto *candidata coadjuvante*, o *relatório dos inspetores (Bid Inspection Report)*, que avalia a candidatura brasileira e paulistana.

### 2.1.1 Produzindo a imagem da cidade para os avaliadores

#### *Consideração inicial sobre a organização e editoração do livro*

O *Bid Book de São Paulo* vai direto da capa e da contracapa para os temas solicitados no *questionário*. Não há índice, apenas o expediente, na penúltima página.

As 36 páginas apresentam erros básicos de editoração. A numeração, por exemplo, começa na terceira página; repete-se a de número “19”, a 24<sup>a</sup> e a 25<sup>a</sup> da contagem geral, e também a de número “21”, a 27<sup>a</sup> e a 28<sup>a</sup> da contagem geral; não há números no pé das páginas entre a 30<sup>a</sup> e a 32<sup>a</sup> da contagem geral; e a 33<sup>a</sup> da contagem geral tem o número “20” e a seguinte, a 34<sup>a</sup>, o “26”.

As legendas das imagens pouco acrescentam além da identificação, isso quando efetivamente identificam alguma coisa. A primeira imagem do livro, a cúpula de algum ponto conhecido da capital paulista, não tem legenda ou identificação posterior em canto algum do documento, apenas o crédito, no “expediente” da penúltima página, do autor da foto, Alexandre



Diniz. O prédio de um hospital, na 31ª página, registra “Hospital”, sem dizer qual, assim como a estação de metrô da 29ª página, apenas “Metrô”. A imagem da 24ª resume-se a “Vista do Centro”.

As legendas que identificam o local ou o momento limitam-se a isso. Identificam a “Corrida de São Silvestre” na 4ª página, mas não dizem onde, ainda que seja na Avenida Paulista. Os estádios são apresentados cheios, como na 7ª página, o “Estádio do Morumbi”, sem menção à ocasião, ao jogo. Identificam o “Horto Florestal” na 14ª página, não aquele espaço específico (um lago) ou a região da cidade em que fica (Zona Norte). Na 16ª página, sabemos pela legenda que se trata do “Edifício Matarazzo”, mas perde-se a oportunidade de dizer que é a sede da Prefeitura.

Essa produção inicial da imagem de São Paulo não tem indícios de suas particularidades ou especificidades, parecendo tratar-se, se não indicada textualmente qual a cidade, de qualquer lugar, tratando-se, assim, apesar de um provável destino onde aportará a Copa do Mundo, de um não-lugar. Coincide com o que se espera, de certa maneira, de uma cidade global, desmaterializada, atendendo a um modelo de infraestrutura, serviços e cultura capaz de corresponder aos mesmos interesses e expectativas - como se seus adoradores pudessem saltar num arquipélago de ilhas flutuantes de uma a outra sem traumas.

Nos estádios, em particular, revelam-se os nomes de cada um, mas não a cidade, caso de alguns do interior ou do litoral, nem os jogos de quando há público. Há ainda legendas em inglês, como “Morumbi Stadium” na 9ª página; “Brinco de Ouro Stadium” e “Jaime Cintra Stadium” na 10ª página, com a agravante de que este último aparece com outra grafia no texto, com “Jayme”; e “Pacaembu Stadium” e “Palestra Itália Stadium” na 11ª página.

A diagramação separa os itens e respectivos temas mudando as cores. O primeiro, “Aspectos Gerais”, utiliza a mesma cor vinho presente na capa; “Estádio” e “Condições naturais, meio ambiente e patrimônio histórico”, verde, ainda que o deste último seja mais claro; “Plano de proteção ao meio ambiente” e “Condições Meteorológicas”, azul; “Transporte”, amarelo; “Plano de transporte”, cinza; “Serviços Médicos”, laranja; e “Segurança”, vermelho. As mesmas cores, em cada item, preenchem “buracos” da página deixados por falta de texto.

A divisão de itens e respectivos temas, aliás, utiliza praticamente os mesmos enunciados do *questionário*, com apenas uma pequena variação em “Estádio”, assim escrito no *livro*, sem o plural do outro. Até mesmo os subitens, as perguntas listadas em cada item, costumam ter os mesmos enunciados, descontados os inícios de perguntas e com pequenas adaptações ou alterações. Mesmo uma pergunta gigante do questionário, como “Quais são as áreas culturais e de patrimônio histórico (incluindo monumentos nacionais, regiões históricas e lugares de

significado religioso) que podem ser afetadas pela realização de jogos no estádio e pelo transporte da população?” (3f) acaba reproduzida quase na íntegra, com a exclusão apenas de “Quais são as”.

O item “Estádio” é o único que foge um pouco à regra. Aproveita-se da ausência de diversos subitens ou pedidos de detalhes no *questionário* para organizar-se à sua maneira. Em três subitens, o primeiro pergunta qual o estádio da cidade que receberia partidas da Copa do Mundo; o segundo, se seria reformado ou erguido do zero; e o terceiro informa o que acontecerá em cada um dos casos (reforma ou estádio novo). Assim, os autores do *Bid Book de São Paulo* decidem listar todos os estádios da capital paulista, divididos por “Até 50 Km da Capital” e “De 50 km a 100 km da Capital”, os do interior e litoral do estado; mencionar os centros de treinamento da cidade; e apresentar a “Tradição no futebol em São Paulo” e “Curiosidades sobre o futebol de São Paulo”.

### *Uma prévia*

Não se pode julgar um livro pela capa, é verdade, mas pode-se ter, sim, uma ideia do que vem pela frente. É o caso do *Bid Book de São Paulo*, principalmente em razão do subtítulo de sua capa. Denominado “Dossiê Cidade de São Paulo”, o documento tem como complemento, na faixa de baixo: “Copa do Mundo - São Paulo - Capital de Negócios e Eventos da América Latina”.

A cidade poderia escolher qualquer frase, até alguma expressão popular, como “a locomotiva do Brasil”, em referência, de forma geral, à participação do estado paulista na economia nacional, e originada exatamente na época em que o deslocamento ferroviário em seu território era essencial no escoamento de produtos agrícolas para a exportação, o café em especial, entre o fim do século XIX e meados da década de 1930, até o porto de Santos, e pelo próprio pioneirismo na industrialização nacional<sup>250</sup>; ou “a cidade que nunca para”, uma adaptação de outra frase “a cidade que nunca dorme”, utilizada para se referir a Nova Iorque, por sua velocidade frenética, de frota de veículos sempre em crescimento, de grandes avenidas e, ao mesmo tempo, local de trabalho e sinônimo de atualização rápida em relação às últimas tendências e tecnologias de todo o mundo, mudando, inclusive, seu foco para o setor de serviços

---

<sup>250</sup> Baseado em informações de dois sites:  
[http://www.prefeitura.sp.gov.br/portal/a\\_cidade/historia/index.php?p=4827](http://www.prefeitura.sp.gov.br/portal/a_cidade/historia/index.php?p=4827)  
<http://www1.dnit.gov.br/ferrovias/historico.asp>

a partir da década de 1970. Os autores decidiram pelo que consideraram mais condizente com a publicação e, pelo que parece, com o que o circuito das cidades globais espera de seus integrantes, desobrigada da função de “puxar” o país e descolada de quaisquer outras questões da região, a ponto de entender-se também como desterritorializada o suficiente para receber interessados numa “capital de negócios e eventos”.

O que não parece uma coincidência com o subtítulo do logo da SPTuris: “São Paulo Turismo - eventos-cultura-negócios”. A “cultura”, único conceito que falta no subtítulo do *livro*, está, no entanto, representada pela imagem da capa, a vista da cúpula de algum ponto conhecido da capital paulista, sugerindo um aparelho de cultura - novamente, não há legenda ou identificação, deixando ao leitor a livre associação. Mesmos autores, mesmas ideias e uma prévia das bases em que a empresa pretende construir a imagem da cidade.

A imagem da capa do *Bid Book de São Paulo*, aliás, em círculos concêntricos, sugere um alvo, não deixando margem para dúvidas de que se trata de produzir a cidade de São Paulo como o alvo da Copa do Mundo de 2014.

A dúvida está na curadoria. Será que a escolha dessa nova imagem justificaria preterir outras imagens que, de imediato, remetessem a São Paulo, como as já mais clássicas Avenida Paulista, MASP ou Parque do Ibirapuera? Ou será que essa nova imagem foi a melhor opção exatamente para evitar associação instantânea com a capital paulista?

Como os alvos do *livro* são os avaliadores da FIFA, ou seja, estrangeiros, não cabe discutir o quanto Paulista, MASP e Ibirapuera servem ou não como referência para o público interno, e sim refletir a respeito da visão que busca ser impressa na retina de quem olha de fora, como já comentei acima. A capa parece, sob essa ótica, querer marcar, de antemão, os predicados da cidade, o que se entende como sendo aqueles de uma cidade grande e global, e introduzir o leitor no que será sua linha mestra. Ao mesmo tempo, porém, cai-se num limbo em que, tentando falar de si mesma, a cidade fala de como devem ser as cidades globais a que pretende se assemelhar.

Quanto mais as sociedades tentam recuperar sua identidade além da lógica global do poder não controlado dos fluxos, mais precisam de uma arquitetura que exponha sua realidade sem imitar a beleza de um repertório espacial trans-histórico. Mas, ao mesmo tempo, a arquitetura excessivamente significativa que tenta passar uma mensagem muito definida ou expressar os códigos de uma determinada cultura de maneira direta é uma forma primitiva demais para poder penetrar nosso saturado imaginário visual. O significado de suas mensagens será perdido na cultura do surfing que caracteriza nosso comportamento simbólico. É por isso que, **paradoxalmente, a arquitetura que parece mais repleta de significado nas sociedades moldadas pela lógica do espaço de fluxos é o que eu chamo de “a arquitetura da nudez”.** Ou seja, a arquitetura cujas formas são tão neutras, tão puras, tão diáfanas, que não pretendem dizer nada. E ao nada dizer, elas comparam a experiência com a

**solidude do espaço de fluxos. Sua mensagem é o silêncio.** (CASTELLS, 2008 - p. 508)

A segunda página do *Bid Book de São Paulo*, também chamada de contracapa, apresenta uma espécie de “onda vermelha”, instalada no auditório Tim, dentro do parque Ibirapuera. A obra é de Tomie Ohtake, e o prédio, concretizado em 2005, idealizado cerca de 50 anos antes, projeto de Oscar Niemeyer. Grifes da arquitetura internacional que, neste segundo momento, rapidamente reforçam a tentativa de definição da capital paulista como uma cidade do mundo, digna de um aparelho cultural desenhado por Niemeyer e da obra de arte de Ohtake. Mais do que isso, com base nas imagens que vêm adiante, uma cidade de monumentos históricos e, portanto, com história, que valoriza seu passado (Edifício Matarazzo, Estação Júlio Prestes). Uma cidade com espaço público (Vale do Anhangabaú) e verde (Parque do Ibirapuera e Horto Florestal). Uma cidade que não para, sempre em movimento, com avenidas grandiosas (23 de Maio e Paulista), transporte público a todo vapor (Estação da Sé e imagem do vagão passando na plataforma). Uma cidade luxuosa (Hotel Fasano e o destaque do lustre no prédio do Banespa) e cultural (auditório Tim e MAM). Uma cidade que recebe eventos internacionais (São Paulo Fashion Week e conferência do UNCTAD - United Nations Conference on Trade and Development). E, por fim, uma cidade que recebe eventos esportivos (Corrida de São Silvestre) e muito futebol (o Morumbi lotado).

Entre as imagens de estádios de futebol do estado de São Paulo, percebe-se a baixa qualidade das fotos, tornando alguns locais irreconhecíveis, como o Palestra Itália, minúsculo, borrado com um filtro verde. E em 3 das 8 imagens, estádios vazios, velhos, com evidentes sinais de desgaste do tempo na pintura e mesmo no gramado (Morumbi, Brinco de Ouro e Jaime Cintra). O Morumbi ainda tem outra imagem, do estádio lotado, na página de abertura do item “Estádio”.

### *A venda da cidade*

#### - Papel central

Obrigado a atender às solicitações do *questionário*, muitas, por vezes, duras, expressas em números e tabelas, como as médias de temperatura em determinados meses do ano ou as tarifas de cada modal de transporte, o primeiro item do *livro*, “Aspectos Gerais”, é o que dá maior margem e, logo, maior liberdade, para utilizar o texto como ferramenta de venda da cidade, graças a questões mais generalistas do *questionário*, como “Quais os principais

atributos e características do estado e do município para sediar a realização da Copa do Mundo de 2014?” (1a), cuja maneira de enunciar permite a quem responde valorizar e expor o que considera mais importante, deixando para outro momento informações mais específicas e não necessariamente cruciais.

No subitem mencionado (1a), os autores do *Bid Book de São Paulo* dão continuidade à ideia da capa, amparada no tripé da SPTuris, “eventos-cultura-negócios”, enveredando numa tentativa de criar a imagem da capital paulista como a maior e melhor cidade do país (e também da América do Sul), de forma geral e em diversos aspectos, principalmente naqueles aparentemente mais importantes (porque requeridos via *questionário*) e entendidos como cruciais pela empresa.

O texto começa destacando o papel central de São Paulo na economia nacional (“maior centro econômico do País” - p. 3), com as porcentagens da participação do estado e da cidade no Produto Interno Bruto (PIB), seguido da capacidade hoteleira (“dona do maior e mais qualificado parque hoteleiro do País” - p. 3) e da experiência em receber eventos e feiras de negócios (“principal polo de turismo de negócios e de eventos do Brasil” - p. 3). A capital paulista ainda é exaltada como sede das principais empresas, bancos, corretoras, agências de propaganda e provedores de Internet, amparada por “uma rede de transportes eficiente” (p. 3), dois aeroportos (“os mais movimentados do país” - p. 3), malha rodoviária (“considerada a melhor do país” - p. 3), metrô (“considerado um dos mais modernos e confortáveis do mundo” - p. 3), frota de helicópteros (“considerada a segunda maior do planeta” - p. 3) e jatos particulares (“a segunda maior frota de jatos particulares do mundo” - p. 3).

O quarto parágrafo valoriza o setor de serviços e a capacidade das telecomunicações, “entre as mais bem equipadas do mundo” (p. 3), dando uma ideia, aqui, do papel central da cidade não só no país, como apontamos há pouco, mas também do mundo, conectada e inserida num contexto global.

**Com uma rede de serviços de última geração, um dos pontos mais dinâmicos da cidade está no setor de serviço, em áreas como telecomunicações, transmissão de dados digitais, bancos, sistema financeiro, pesquisa e desenvolvimento, consultoria de negócios e gestão empresarial, bem como em atividades relacionadas à indústria de alta tecnologia. Nas telecomunicações, a cidade de São Paulo está entre as mais bem equipadas do mundo, com uma presença maciça de telefones fixos e celulares e uma vasta rede de transmissão de dados digitais e de conexões online. As tecnologias de voz pela internet (VoIP) também estão em franca difusão, enquanto a conexão sem fio (wi-fi, de *wireless fidelity*) tornou-se realidade em ambientes fechados como hotspots nos aeroportos**

de Congonhas e Guarulhos, hotéis, bares, livrarias, cybercafés e centros empresariais. (“Dossiê Cidade São Paulo.pdf” - p. 3 - grifo nosso)

Fora a educação (“os índices de analfabetismo são os menores do País” - p. 3), o primeiro subitem finaliza sua explanação com informes sobre outras áreas nevrálgicas e que seriam retomadas adiante: saúde (“referência internacional em áreas importantes da medicina como o tratamento de doenças do coração e do câncer, entre outras” - p. 3), qualidade do ar (a Cetesb “reconhecida como a mais importante empresa ambiental da América Latina” - p. 3) e meio ambiente (muitos números sobre o nível dos poluentes e “o Parque do Ibirapuera, projetado pelo arquiteto Oscar Niemeyer, com 1,58 milhão de metros quadrados, é aquele que guarda maior identidade com o paulistano” - p. 3).

Uma breve autodescrição, portanto, que poderia ser interpretada com certo ar de superioridade, tantas as vezes em que São Paulo é descrita como a maior, melhor ou uma das maiores ou melhores em qualquer área. Segundo Luiz Sales, coordenador do *livro*, procurou-se evitar isso:

**São Paulo às vezes se apresenta de uma maneira um pouco arrogante. A gente sempre tomava cuidado com isso.** Porque, assim, a gente falava: “Não, São Paulo não tem como não ser sede. A gente tem tudo”. Então, assim, e a gente durante muito tempo propagandeou muito isso. E **isso às vezes prejudica um pouco a avaliação do que deve ser feito.** “Ah, sim, ah, tem tudo, mas peraí, vocês já fizeram alguma Copa do Mundo?”. Não. Então, vamos, né, pensar rigorosamente o que é necessário pra uma Copa do Mundo pra ver se realmente tem tudo, se realmente não precisa se esforçar pra ganhar, se realmente tá garantido que vai ser aqui, enfim. Então, **a gente tinha essa preocupação inicial de atender ao máximo possível, mas não se apresentar como “Ah, vai ser aqui, acabou e vamos entregar qualquer coisa”. A gente não tinha essa soberba de apresentação.** (Luiz Sales, em entrevista de 17/12/2015 - grifo nosso)

- Eventos, cultura, negócios e turismo

Ainda que divididos em outros nove subitens neste primeiro item do *questionário*, “Aspectos Gerais”, mesmo nome que leva no *livro*, e excluído o primeiro, já comentado (1a), todos podem ser reunidos num mesmo bloco porque reforçam, mais uma vez, o que a SPTuris entende como vocação de São Paulo: o tripé “eventos-cultura-negócios”. Como esses temas não reaparecem nos itens seguintes, não atendem aos outros pedidos de informações provenientes do *questionário*, aproveita-se ao máximo essa oportunidade.

O texto vende a experiência da capital paulista em eventos internacionais de todo o tipo (“Experiência da cidade de São Paulo em sediar eventos internacionais”), inclusive os esportivos (“Tradição esportiva da cidade de São Paulo”), e ofertas turísticas dentro e no entorno de seu perímetro urbano, incluindo cidades vizinhas, do interior e litoral (“Principais atrações turísticas do município e do estado que possam motivar também a presença de visitantes estrangeiros”).

**São Paulo é uma cidade moderna, de vanguarda, centro de conhecimento, excelência e gerador de tendências, que recebe diariamente uma infinidade de eventos**, em uma média de 90 mil por ano - um a cada 6 minutos”. (“Dossiê Cidade São Paulo.pdf” - p. 4 - grifo nosso)

Além de principal destino dentro do Brasil, o *Bid Book de São Paulo* alardeia que a capital paulista está entre os 20 principais destinos do mundo, desbancando outros “já consolidados como Madri, Sidney, Atenas e Vancouver” (p. 4) e é capaz de oferecer “todo suporte necessário à logística de deslocamento interno e segurança” (p. 4-5) de figuras ilustres, como o presidente dos EUA e o papa. Lista uma série de experiências, de finais da Copa Libertadores, a Parada do Orgulho LGBT e a Maratona de São Paulo. Cita, um a um, diversos shows (22 internacionais e um nacional, o retorno aos palcos de Chico Buarque) e produções teatrais no estilo da *Broadway*. Ainda valoriza a São Paulo Fashion Week, a Casa Cor, “as tradicionais bienais de arquitetura, arte e de livros, e a Virada Cultural – 24 horas de arte e cultura em todos os cantos da cidade”, “Anima Mundi, a Mostra Internacional de Cinema, além de promover uma das maiores festas de Carnaval do País” (p. 5).

Entre os esportes, segundo o *livro*, “a cidade possui grande experiência em sediar eventos esportivos, sejam eles regionais, estaduais, nacionais ou internacionais” (p. 4), entre eles, a Fórmula 1 (“a única cidade da América Latina a receber um Grande Prêmio” - p. 4), que aparece repetidas vezes no documento, e a São Silvestre (“uma das mais tradicionais provas do calendário do atletismo sul-americano” - p. 4), com registro em foto de um mar de gente na Avenida Paulista. Dignos de currículo ao longo das décadas: a Copa do Mundo de 1950, o Pan-Americano de 1963, o Mundial de Clubes de 2000 e os Jogos Sul-Americanos de 2002. Outra lista separa por modalidade as competições sediadas na cidade (de atletismo, basquete, ciclismo, ginástica e vôlei), nenhuma, porém, tão importante quanto as citadas anteriormente.

O documento insiste nessa reafirmação da imagem de uma São Paulo cultural, com eventos e “atrações turísticas”. Apresenta o número de turistas internacionais e de desembarques nacionais, algo não requisitado pelo *questionário*; valoriza “a maior e mais

qualificada oferta hoteleira do País, equivalente à de Manhattan, em Nova Iorque” (p. 6), com “grandes cadeias internacionais e nacionais”, como o “Bar do Hotel Fasano”, e “opções locais exclusivas” “conhecidos como hotéis-butique, sofisticados e personalizados”; e conta até a quantidade de salas de cinema, teatros, casas de shows, museus, centros culturais, parques e áreas verdes, proporcionando “uma variada programação durante o ano inteiro” - além de “diversas opções de compra”, com ruas de comércio e shoppings.

Em uma lista, indicam-se opções de programação de acordo com as regiões de São Paulo (entre Centro, Paulista/Jardins, Zona Oeste, Zona Sul, Zona Norte e Zona Leste). Logo depois, o que haveria de melhor no “entorno da capital paulista”: Santos, com “um dos portos mais importantes da América Latina” (p. 5); a vizinha Guarujá, “uma praia bastante frequentada pelos paulistanos”; as praias do litoral norte “que costumam atrair mais turistas” com “grandes áreas de Mata Atlântica, praias de areia fofa e águas límpidas”; o interior do estado, “de cavernas gigantes às antigas fazendas de café, passando por trilhas ecológicas e paisagens de tirar o fôlego” (p. 6); e, com um parágrafo cada, Embu das Artes, Santana de Parnaíba, Vinhedo e Campos do Jordão.

Até no subitem “Resumo da história do município”, aproveita-se para reforçar essa vocação cultural, de papel central nos acontecimentos históricos do país. Em um único parágrafo salta-se da fundação da cidade pelos jesuítas no Pátio do Colégio, em 1554, para a “arrancada da cidade” (p. 6) no século 19 “com a produção do café”, as ferrovias e os imigrantes “que ajudaram no desenvolvimento do comércio e da cultura locais” - “e a cidade não parou mais”. Sobre o século 20, detém-se, além do bonde elétrico e a indústria têxtil, em momentos culturais marcantes: Semana de Arte Moderna de 1922; “festivais da canção onde nasceram grandes nomes da MPB” na década de 1960; e a São Paulo Fashion Week, que desde 1996 “passa a levar a moda brasileira ao mundo”.

**“E a vanguarda, a cultura e as histórias de sucesso tornam-se parte definitiva da maior metrópole do País”.** (“Dossiê Cidade São Paulo.pdf” - p. 6 - grifo nosso)

#### - O futebol

Nos subitens “Tradição do município em relação ao futebol”, presente no item “Aspectos Gerais”, e “Tradição no futebol em São Paulo”, inserido no item “Estádio”, o *Bid Book de São Paulo*, em primeiro lugar, ignora o que era o objetivo da questão feita no *questionário*, sobre as tradições em si, e concentra-se, principalmente, na experiência em



receber eventos esportivos ou futebolísticos. Sobre essa ideia, tenta cristalizar a imagem da capital paulista como cidade central na organização dos mais importantes eventos e torneios do esporte e do futebol brasileiro.

**Futebol é o esporte que mais influencia a cultura paulista.** A tradição aqui tem início no século XIX, quando em 1894 o paulistano Chales Miller<sup>251</sup>, após longos anos vivendo na Inglaterra, voltou à cidade de São Paulo trazendo um esporte até então inédito no País, o futebol. **O primeiro jogo de futebol no Brasil aconteceu em São Paulo em 1895** entre funcionários de empresas inglesas que atuavam na cidade. **O primeiro time de futebol do País também era paulistano.** Foi o São Paulo Athletic, fundado em 1888 como time de cricket que, após a entrada de Charles Miller, passou a reunir companheiros para a prática do futebol. (“Dossiê Cidade São Paulo.pdf” - p. 10 - grifo nosso)

O texto anuncia que São Paulo “é responsável pelo maior campeonato regional do País” (p. 4) e a Federação Paulista de Futebol (FPF), a organizadora da competição, “a mais representativa do País, já que possui a maior parte dos títulos de campeonatos nacionais e interestaduais” (p. 10). Enumera-se, inclusive, a quantidade de times por série e divisão afiliados, provavelmente para dar mais uma dimensão dessa alardeada grandiosidade do futebol no estado e ressaltar que “não é à toa que o primeiro campeonato de futebol do País foi realizado na cidade em 1902” (p. 4).

O sucesso dos três grandes clubes paulistanos (Corinthians, Palmeiras e São Paulo) é contabilizado e comparado ao de outros estados: “das 36 edições do Campeonato Brasileiro Série A, os times da cidade de São Paulo foram campeões em 12, obtiveram cinco títulos da Copa do Brasil, iniciada em 1989” (p. 4). Quando se trata de paulistas, incluindo o Santos, “tem ainda 50% dos títulos mundiais conquistados pelos clubes brasileiros (p. 10). O São Paulo já foi tricampeão (1992, 1993 e 2005), o Santos foi bicampeão (1962 e 1963) e o Corinthians foi campeão mundial (2000)”<sup>252</sup>. A equipe litorânea, aliás, serve como desculpa para trazer à baila o nome de Pelé, o “rei do futebol”, e também a mística de “celeiro de craques”, que “atualmente exporta seus atletas” (p. 10).

<sup>251</sup> O erro de grafia é do próprio documento. O correto seria: “Charles Miller”.

<sup>252</sup> A contagem de títulos vai até o ano de 2006, já que quem produziu o documento não teve tempo para saber os vencedores de 2007, muito menos dos anos seguintes até a finalização desta tese. Os grandes clubes paulistas ainda ganharam quatro Brasileiros (dois do Corinthians, em 2011 e 2015, e dois do São Paulo, em 2007 e 2008), quatro Copas do Brasil (um do Corinthians, em 2009, um do Santos, em 2010, e dois do Palmeiras, em 2012 e 2015), duas Libertadores (uma do Corinthians, em 2012, e uma do Santos, em 2011) e um Mundial (do Corinthians, em 2012).

O futebol amador (Copa Kaiser) e de categorias de base (Taça Cidade de São Paulo) também está presente, mas muito mais como provas do “estímulo” e da “política de apoio” (p. 4) do poder público, que, com prazer, quantifica equipes participantes e jovens inscritos.

O subitem “Curiosidades sobre o futebol de São Paulo”, no item “Estádio”, reúne, por fim, diversas pílulas sobre os três grandes times da capital paulista, relacionadas à origem, histórias de sucesso e até ao carnaval. Algumas poderiam entrar em outros trechos, como informações sobre o Morumbi e o Pacaembu; outras parecem mesmo não ter um local apropriado, se não nesse compêndio. Chama a atenção o tópico sobre o tamanho da torcida do Corinthians (“a maior do Estado de São Paulo, a segunda maior do País” - p. 11), que poderia ter sido frisada, por exemplo, em “Tradição do município em relação ao futebol”, dando ideia da paixão do paulistano pelo futebol, personificada no corintiano. Até o recurso da imagem, que poderia ilustrar isso, do estádio do Pacaembu, palco dos jogos do clube até a inauguração da Arena Corinthians, acabou subutilizado. Não é um registro de jogo com casa cheia e o ângulo da foto é incapaz de transmitir o clima propiciado por seus torcedores. Talvez essa falta de maior dedicação ao Corinthians tenha acontecido por não ser o estádio do clube (naquele momento) o indicado a sediar a Copa do Mundo.

#### - Zona Leste

O *Bid Book de São Paulo* refere-se explicitamente à Zona Leste em texto corrido apenas na página 10, ou seja, perto de completar-se um terço do documento e graças ao item “Estádio”.

No subitem “Centros de Treinamento”, destacam-se os centros de treinamento dos três grandes clubes da capital paulista. Os de São Paulo (então com “a mais moderna instalação do gênero pertencente a um clube esportivo na América do Sul”) e Palmeiras, ambos “localizados no bairro da Barra Funda, na zona oeste de São Paulo”. Separado, por último, em tom que soa a ressalva, o do Corinthians: “Já o CT do Corinthians fica em Itaquera, bairro da zona leste da cidade” (p. 10).

Antes, no texto, as referências à Zona Leste surgem de forma indireta, quando remete ao clube com que mais se identifica, o próprio Corinthians, e a seu Parque São Jorge, presente em lista com outros estádios da cidade; graças também ao estádio da Rua Javari, do Juventus, menos famoso, sede de clube da Mooca, bairro histórico e tradicional, também na lista de estádios da cidade; e, de certa forma, pela Universidade de São Paulo (USP), que desde 2005 tem unidade na Zona Leste.

Mesmo na lista das “principais atrações turísticas da cidade separadas por região”, presente em “Aspectos Gerais”, primeiro item do livro e, portanto, antes de “Estádio”, a Zona

Leste figura como coadjuvante. Em último na lista, atrás de, nessa ordem, “Centro”, “Paulista/Jardins”, “Zona Oeste”, “Zona Sul” e “Zona Norte”, conta com quatro opções de programa, o menor número entre todas as regiões, sendo que dois são parques (Parque Ecológico do Tietê e Parque do Carmo) e uma está dentro de um dos parques (o Planetário do Carmo, no Parque do Carmo).

A Zona Leste entra numa terceira lista, a de “principais intervenções”, dentro de “Obras de melhorias programadas em toda a infra-estrutura mais importante de transporte”, em “Plano de transporte”, com a “construção do sistema viário da avenida Jacu-Pêssego, desde a avenida Raghebi Choffi até a avenida Airton Senna” (p. 29) e a “Interligação entre a Marginal Tietê e Guaianases” (p. 29). Entre os “Hospitais dentro de um raio de 20 quilômetros do Estádio (juntamente com tempos de acesso ou deslocamento)”, primeiro subitem de “Serviços Médicos”, nenhum da região.

As poucas referências à Zona Leste fazem parte de um *livro* construído com os olhares voltados para o vetor sudoeste de São Paulo e, em segundo plano, o Centro e os arredores da Avenida Paulista e do bairro nobre dos Jardins. Em levantamento de quais eventos, locais e vias foram os mais citados (e sua respectiva localização pelo mesmo critério de divisão da cidade por regiões) em texto corrido e imagens, excluindo-se da conta três listas (de “principais atrações turísticas”, “principais intervenções” e hospitais), a Zona Sul é aquela com mais citações: 69. Mesmo se descontadas as 27 menções ao estádio do Morumbi, ainda sobram 42, mais do que o dobro da segunda colocada, a Zona Oeste, com 19. Paulista/Jardins e Centro vêm em seguida, com 14 e 12, respectivamente. A Zona Norte soma dez e a Zona Leste, na lanterna, cinco. Dessas cinco, como acabei de sublinhar, três dizem respeito ao centro de treinamento do Corinthians (Parque São Jorge), uma à Rua Javari, estádio do Juventus, e outra à USP, que engloba a unidade leste da universidade - todas em texto corrido, nenhuma destacada em alguma das imagens do documento.

Quem mais carrega o nome da Zona Leste no *livro*, por associação quase que imediata, é o Corinthians. O clube é mencionado onze vezes, três a mais do que o Palmeiras, seu arquirrival, e seis menos que o São Paulo, este alavancado pelos itens e áreas que têm de estabelecer alguma conexão com seu estádio e, àquele momento, indicado para palco da Copa do Mundo de 2014, o Morumbi. O alvinegro é colocado como um dos “quatro grandes times do Estado” (p. 4), “campeão do mundo” (p. 4), com “a segunda maior [torcida] do país” (p. 11), a Gaviões da Fiel e sua escola de samba, proprietário do Parque São Jorge, também seu centro de treinamento na época, e dono de algumas curiosidades (registradas no quadro de

“Curiosidades sobre o futebol de São Paulo”, como a maior goleada da história do Campeonato Brasileiro e o nome inspirado em inglês homônimo).

Essa Zona Leste, caracterizada muito mais pelo futebol, pelo clube grande ao qual se associa a região, o Corinthians, sua torcida, seus feitos, história e estádio/centro de treinamento e, em segundo plano, pelo clube tradicional do bairro da Mooca, o Juventus, é também, pelas poucas (ou ausência de) aparições no *Bid Book de São Paulo*, a parte da cidade que, assim como as demais, tem transporte público e precisa de intervenções urbanas, mas nenhuma via tão famosa ou apelativa, nem hospitais qualificados a ponto de serem indicados e/ou destacados no documento, nem eventos de um porte significativo para serem mencionados ou atrações turísticas capazes de empolgar os avaliadores da FIFA, com apenas quatro menções, dois parques e o Memorial do Imigrante.

Uma região que, se não excluída, é com certeza marginalizada, deixada de lado, em último plano no *livro*, quando ainda não se antevia que seria exatamente aí que se constituiria o centro de recepção da Copa de 2014, em São Paulo, no estádio do Corinthians localizado no distrito de Itaquera. A São Paulo que se pretende retratar é, vide as imagens, a de uma grande cidade, dos prédios históricos (caso de Matarazzo e Banespa), das avenidas movimentadas (23 de Maio, Paulista e Centro principalmente), dos parques (como Ibirapuera e Horto), do futebol (de estádios como Morumbi e Pacaembu, de tradições e títulos); e também, segundo o texto, dos predicados de uma aspirante a cidade global, conectada com o mundo, via aeroportos (Congonhas e Gaurulhos, ainda que este na área metropolitana), via Internet (“em franca difusão” e de wi-fi tornando-se “realidade” - p. 3), digna de hospitais de alto nível (São Luiz e Albert Einstein) e de uma infraestrutura adequada para eventos internacionais, sejam os anuais e regulares (como Fórmula 1, São Paulo Fashion Week e Corrida de São Silvestre), ou os pontuais e marcantes (como a Copa do Mundo de 1950, o Mundial de Clubes de 2000, o UNCTAD 2004 e as visitas do papa e do presidente dos EUA). Nessa São Paulo, ou melhor, nessa imagem de São Paulo construída para a candidatura da cidade a sede da Copa, a Zona Leste parecia descartável e, no mínimo, irrelevante naquele momento.

Walter Feldman, secretário municipal de Esportes de São Paulo e membro do comitê de candidatura entre 2007 e 2010, explicou, ao comentar o porquê de se levar a equipe de inspeção a bairros nobres, como os Jardins, e não a bairros pobres, da periferia, como Itaquera, na Zona Leste, que “não havia na época necessidade”. Talvez esse pensamento também norteasse o *livro*:

Quer dizer, **todo mundo sabe que as cidades têm os seus problemas, as suas periferias, as suas pobreza, é muito comum nas grandes cidades do mundo. (...) Então, não tem isso de botar por debaixo do tapete, não. Há uma consciência de que essa parte também é um problema que pode ser mostrado, não havia na época necessidade de mostrar.** Mas quando foi pra Itaquera mostrou isso e não alterou absolutamente nada. (Walter Feldman, em entrevista de 14/11/2015 - grifo nosso)

### *Adequações, mágicas e promessas*

Em alguns itens do *Bid Book de São Paulo*, o texto procura, de certa forma, amenizar aspectos em que a cidade parece não corresponder aos padrões e/ou níveis mínimos esperados pelos avaliadores da FIFA (e na interpretação dos autores do documento, no caso, da SPTuris). Em outros, em vez de amenizar, ou além de amenizar, prometem-se melhorias e/ou a solução definitiva para os próximos anos, geralmente com a Copa do Mundo de 2014 como prazo final.

Nota-se esse procedimento, por exemplo, no item “Condições naturais, meio ambiente e patrimônio histórico”, que reúne informações sobre a qualidade do ar e a qualidade da água da capital paulista. No *rascunho de respostas* organizado pela SPTuris, um profissional da Cetesb responde às perguntas de maneira técnica e, logo, bastante sincera. Joaquim Pereira das Neves, destacado como o autor da resposta para a pergunta 3c (“A qualidade do ar está sujeita a mudanças durante a temporada da realização das Competições?”) do questionário, diz que:

**De maneira geral, no Estado de São Paulo e, particularmente na Região Metropolitana de São Paulo (RMSP), nela incluída a Cidade de São Paulo, o período de junho e julho, no qual está previsto a realização da Copa 2014, é caracterizado como a época do ano em que ocorrem altas concentrações dos poluentes, chegando a ultrapassar o padrão de qualidade do ar conforme consta de legislação específica, dos chamados poluentes primários emitidos pelas fontes veiculares e industriais,** conforme segue: partículas inaláveis (MP10), monóxido de carbono (CO) e dióxido de nitrogênio (NO<sub>2</sub>). O CO ocorre em níveis acima do padrão, notadamente à noite e madrugada. A ocorrência de eventos de altas concentrações de poluentes atmosféricos neste período do ano, é devida às condições climatológicas, a saber: pouca precipitação pluviométrica, várias horas de ventos fracos e calmarias e de inversões térmicas, na maior parte do tempo, abaixo de 200 metros. Durante o dia as condições meteorológicas, em geral, são bastante favoráveis à dispersão de poluentes que, por causa do aquecimento diurno, provoca o aumento na velocidade dos ventos e a dissipação das inversões térmicas. Saliente-se que para o poluente dióxido de enxofre (SO<sub>2</sub>) pode-se afirmar que o mesmo encontra-se controlado em todo o Estado de São Paulo. (“RESPOSTAS QUESTIONARIO - Copa 2014\_1.doc” (e “2”) - p. 14 - grifo nosso)

No *livro*, num passe de mágica, essa informação negativa de que a capital paulista ultrapassa “o padrão de qualidade do ar conforme consta de legislação específica” desaparece, e surge, ainda que para um poluente específico, o monóxido de carbono, a informação positiva, de que o CO “conta com índices deste poluente abaixo dos padrões legais” (p. 12). O texto ainda busca eximir o poder público de sua responsabilidade quanto ao controle da poluição - o que, em última instância, seria o controle da qualidade do ar - relacionando a questão a um dos males típicos de metrópoles (“assim como ocorre em outros grandes conglomerados urbanos do mundo, a qualidade do ar na cidade de São Paulo é afetada pela emissão de gases e partículas provenientes, principalmente, de veículos leves e pesados” - p. 12) e diz fazer o que pode, com mais automóveis a álcool, projetos de neutrocarbonização e até contando com o fato de ficar entre dois parques estaduais de mata nativa.

Nos gráficos do subitem “Evolução da qualidade do ar nos últimos cinco anos”, um dos quatro poluentes, o ozônio, precisou de uma intervenção do texto para amenizar a situação dos números. Ainda que reconheça de imediato o poluente como “o parâmetro que atualmente requer mais atenção por ultrapassar o padrão nos locais monitorados”, amenizam-se os resultados, dizendo que “concentrações acima do padrão (qualidades ‘INADEQUADA’ e ‘MÁ’) representam apenas de 1% a 7% do tempo nos últimos anos e esse índice vem caindo” (p. 13).

O mais interessante é que no subitem “Qualidade do ar durante a temporada da realização das Competições”, para falar justamente sobre os meses com previsão de realização da Copa do Mundo, junho e julho, inverno em São Paulo, esta é a “época do ano em que ocorrem algumas concentrações de poluentes em função da baixa umidade da estação”. Ou seja, a qualidade do ar piora nessa época do ano. O *livro* tenta sair pela tangente, indicando soluções para o futuro e que “autoridades municipais responsáveis pelo meio ambiente já discutem inúmeros projetos sobre novas formas de atuação, visando [a] diminuir drasticamente a emissão de poluentes, principalmente veicular, especificamente neste período do ano”, mas não se apresenta nenhuma. Menciona-se o que parece já ser um esforço nesse sentido, o rodízio de veículos - esquecendo-se que este, em julho, época de férias escolares, costuma ficar suspenso - e a expansão do metrô até local próximo ao estádio.

Comparativamente ao do ar, o subitem “Qualidade da água potável” tem menos ressalvas, mas uma promessa ousada. De início, afirma que “A qualidade da água em São Paulo é considerada uma das melhores do mundo” (p. 13) e “100% da população é abastecida diariamente com água potável de qualidade e padrões sanitários internacionais”. No fim, um número pouco animador, o do índice do tratamento de esgoto (em 68%), se não ignorado, é

usado como promessa de melhora: “com vistas a 100% até 2014”, sem qualquer detalhamento. No item seguinte do *livro*, “Plano de Proteção ao meio ambiente”, quando se entra novamente no assunto, a tentativa é tranquilizar o leitor quanto a problemas perto do palco dos jogos: “Vale destacar que a área onde está o Estádio do Morumbi e seu entorno já possuem completo sistema de recolhimento e tratamento de esgoto” (p. 16).

O quarto item do *Bid Book de São Paulo*, “Plano de Proteção ao meio ambiente”, aliás, alinha-se com os dois últimos subitens do terceiro item, “Áreas ambientais que podem ser afetadas pela realização de jogos no Estádio e pelo transporte da população” e “Áreas culturais e de patrimônio histórico (incluindo monumentos nacionais, regiões históricas e lugares de significado religioso) que podem ser afetadas pela realização de jogos no Estádio e pelo transporte da população”. Evita-sedeixar transparecer qualquer risco de impacto ao meio ambiente ou ao patrimônio histórico. Com o argumento de que o Morumbi “recepciona, rotineiramente, eventos esportivos” (p. 14), diz já ter “procedimentos utilizados rotineiramente para absorver os impactos de eventos de grande porte em seu entorno imediato” (p. 14). Menciona parques próximos, mesmo alguns mais distantes, como forma de, provavelmente, indicar que está cercado de verde; e que a linha do metrô, ao ficar pronta, “aliviará substancialmente os impactos” (p. 14), com menos carros. Em vez de dizer que não há com o que se preocupar, diz-se que “não há pontos de patrimônio histórico, áreas culturais muito relevantes” (p. 14), ou seja, há com o que se preocupar, apenas não tanto.

Mais especificamente no quarto item, explica-se logo no primeiro parágrafo, de forma geral, que São Paulo “tem como prioridade minimizar e prevenir possíveis danos causados ao meio ambiente” (p. 15) e, por isso, “vem desenvolvendo programas de combate à poluição do ar, águas e solo, além de projetos de conscientização à população” (p. 15). Em uma das medidas, de acordo com uma projeção, “a Prefeitura e o Estado comprometem-se a plantar 54 mil mudas de árvores nativas para compensar a emissão desses poluentes até a realização dos jogos da Copa de 2014” (p. 15). Em outro subitem, “Esquemas de minimização da poluição do ar e sonora”, comentam-se outras medidas, a que chama a atenção, principalmente por sua recorrência no mesmo período nos jornais, é “a nova Lei Cidade Limpa, que regulou a mídia exterior no município e já é referência para outras cidades do País e do mundo, visa [a] combater todos os tipos de poluição (da atmosfera, da água, sonora e visual), melhorando as condições de vida dos habitantes e turistas” (p. 16).

O item “Condições meteorológicas”, por sua vez, recheado de tabelas e gráficos relativos a temperatura, umidade, precipitação e velocidade do vento, procura criar a imagem de uma cidade com condições amenas, estáveis, o que favoreceria “a prática de competições

esportivas ao ar livre, tanto para atletas, quanto para o público” (p. 18). Descarta-se qualquer “histórico de catástrofes naturais”. E, provavelmente pela limitação das próprias aferições de índices da cidade, ignora-se solenemente os pedidos do *questionário*, por exemplo, de temperaturas nos horários de “meio-dia, 14 horas, 16 horas, 18 horas, 20 horas e 22 horas”. Apresentam-se as temperaturas às “3h, 9h, 18h e 21h, pois se tratam de horários-padrões para informe meteorológico” (p. 18). Reconhece-se que o período da Copa é um dos “mais secos em São Paulo”, mas com a ressalva de que o índice desses meses “ainda tem umidade acima da média de muitas outras metrópoles do mundo” (p. 18).

Em um ponto nevrálgico da candidatura, o de mobilidade e deslocamento dentro e no entorno da cidade, no *questionário* e no *livro* tópicos como “Transporte” e “Plano de Transporte” repetem e aprofundam dados apresentados em “Aspectos Gerais”, repletos de adjetivos e superlativos (“Desde a sua fundação, em 1968, o Metrô presta um serviço público à população com qualidade diferenciada” - p. 23; “uma das maiores demandas do mundo proporcionalmente ao tamanho da rede” - p. 23; “As linhas de metrô e trem urbano e as linhas de ônibus urbanos e intermunicipais, atualmente em operação, são interconectadas, permitindo ampla acessibilidade a todas as regiões da metrópole” - p. 26). A primeira frase, presente no subitem “Infra-estrutura de transporte existente (público e privado)”, da abertura do tema, indica que o poder público entende mesmo que a oferta de transporte disponível na região metropolitana de São Paulo é realmente incrível:

**São Paulo é uma cidade 100% atendida pelo sistema de transporte público coletivo. Por meio de integração da rede de Metrô, uma das mais modernas do mundo, ao sistema ferroviário e às centenas de linhas de ônibus urbanos, a cidade se vê hoje completamente coberta, em todos os seus extremos.** Além disso, a capital paulista é servida por 11 rodovias que se articulam com o sistema rodoviário de todo o País. Atualmente já está em uso na cidade o Bilhete Único, que possibilita o trânsito por toda São Paulo utilizando todos os sistemas envolvidos com o pagamento de apenas uma tarifa. São Paulo possui ainda a maior frota de táxis da América, com 32 mil veículos, e o segundo maior contingente de helicópteros e jatos particulares do mundo. (“Dossiê Cidade São Paulo.pdf” - P. 21 - grifo nosso)

Curioso é que parte do enunciado acaba desmentida pelo próprio documento, páginas adiante, quando, sobre as possibilidades permitidas pelo Bilhete Único (“que possibilita o trânsito por toda São Paulo utilizando todos os sistemas envolvidos com o pagamento de apenas uma tarifa” - p. 21), reconhece-se que: “A integração tarifária com o sistema da CPTM abrange 6% das linhas” (p. 24). Mais à frente ainda: “Encontra-se em desenvolvimento, também, o



projeto de um sistema metropolitano de bilhetagem eletrônica, com uso de cartão inteligente que propiciará a integração de todos os modos de transporte da Região Metropolitana de São Paulo” (p. 29).

Os dois itens, de forma geral, procuram, primeiro em “Transporte”, explicar do que é composto e como opera cada tipo de transporte (“Sistema Metroviário”, “Rede de Transportes por Ônibus”, “Trens Metropolitanos”, “Táxis”, “Locação de veículos”) e “Aeroportos (para vôos nacionais e internacionais) dentro ou próximos do município”, detendo-se principalmente no metrô e na sua expansão nos próximos anos, e depois parte para detalhamentos em dados por extenso, tabelas e mapas. “Plano de Transporte” aprofunda o anterior, buscando detalhar especificidades operacionais/logísticas e de capacidades/potenciais futuros (pós-obras, melhorias ou esquemas especiais) que viriam a dar conta de toda a mobilidade e deslocamentos necessários para uma Copa. Em “Planos de coordenação entre o Comitê de Organização da Copa 2014 e todos os órgãos e autoridades mais relevantes de transporte”, indica-se apenas a intenção de integração e trabalho em conjunto dos três níveis de poder e “forte interferência do Comitê Organizador da Copa, que dará diretrizes e estabelecerá normas e padrões a serem seguidos” (p. 28). É como se, de alguma maneira, fosse dito que sim, vamos fazer algo, ainda não temos um plano.

O item “Transporte”, sozinho, é o maior de todo o *Bid Book de São Paulo*, pelo número de páginas (sete), e o mais longo, pela difícil leitura das descrições, em sua maioria disponibilizada por recursos gráficos. Somado ao “Plano de Transporte”, fazendo desses dois itens uma seção, por assim dizer, da mobilidade urbana de São Paulo como principal tema, chegamos a nove páginas, um quarto de todo o *livro*, à frente do item com maior margem para venda da cidade, os “Aspectos Gerais” (quatro), e do item com maior peso para a recepção de uma Copa do Mundo, o “Estádio” (cinco). Como para quem vem de fora o que interessa é o deslocamento de um ponto ao outro e não o sentido de cada lugar em si (CASTELLS, 2008, p. 517-518), ignorando-se assim sua história, as experiências criadas e estabelecidas pelos moradores locais, pensando sob a lógica do *espaço de fluxos* proposto por Castells, de que “o que importa é a versatilidade de suas redes”, fazendo da cidade global, posto a que a capital paulista se candidata, não um lugar, mas um processo (CASTELLS, 2008, p. 476), a escolha, inclusive quantitativa, neste caso, parece ir de encontro à imagem que pretendem criar e àquela a que devem atentar os “de fora”, os avaliadores da FIFA.

A postura descritiva de “Transporte” e “Plano de Transporte” repete-se nos dois próximos e últimos itens, “Serviços Médicos” e “Segurança”. Em “Serviços Médicos”, além da tabela que lista diversos hospitais, com a indicação de qual a distância aproximada e o tempo

previsto de chegada em relação ao estádio do Morumbi, valoriza-se a infraestrutura já estabelecida (“capacidade para os mais variados tipos de atendimento, sendo um centro de excelência e referência hospitalar na América Latina” - p. 30; “modernos complexos hospitalares, equipados com o que há de mais avançado em tecnologia e atendimento para realizar cirurgias de alta complexidade e, em muitos casos, com serviços de hotelaria cinco estrelas para os pacientes e acompanhantes” - p. 30), principalmente a dos hospitais mais próximos: Albert Einstein e São Luiz (“capazes de atender a emergências médicas de qualquer natureza com toda a excelência” - p. 30), com destaque para os “atendimentos ultra-rápidos em todas as especialidades, 24 horas por dia” (p. 30) do primeiro e a “expertise para atender todas as emergências médicas em eventos esportivos, sendo, desde 2001, o hospital oficial do Grande Prêmio Brasil de Fórmula 1” (p. 30) do segundo; e Hospital das Clínicas (“é um centro de referência em tecnologia hospitalar, com capacidade para atendimentos de emergência simultâneos em larga escala” - p. 30).

Afasta-se o risco de doenças de forma taxativa (“A cidade de São Paulo não apresenta riscos de saúde para visitantes estrangeiros” - p. 30; “Como se trata de uma metrópole, males como malária ou acidentes com animais peçonhentos estão descartados” - p. 30), com a ressalva de que em algumas regiões do estado “há baixo risco de contrair dengue e leptospirose” (p. 30). Afinal, há, sim, ainda que baixo, risco de saúde. Com a mesma tática diz-se que “Nenhuma epidemia recente tem sido registrada” (p. 31) e, depois, que “Casos de caxumba, rubéola e dengue foram recentemente registrados, mas a situação encontra-se totalmente sob controle, sem registro de surtos ou epidemias dessas doenças” (p. 31).

Chama a atenção, por último, no subitem “Métodos com os quais os visitantes estrangeiros podem contar para cobrir despesas médicas”, além de convênios e cartões “aceitos na quase totalidade dos hospitais privados de São Paulo” (p. 31), dos hospitais elogiados e lembrados no texto, só o Hospital das Clínicas é ligado ao poder público. Ainda assim, no último parágrafo do item, faz-se questão de engrandecer seu sistema: “É importante lembrar que o visitante ainda pode contar com a rede pública de saúde, a maior do País, que não gera qualquer custo ao paciente” (p. 31).

O item “Segurança” surpreende pelo grau de sinceridade com que abre sua explanação. Reconhece a possibilidade de confusão de todos os tipos, mas alivia com o consolo de que a cidade tem experiência em eventos do porte da Copa; de que as chances de tumulto diminuem com a maioria da torcida apoiando a seleção nacional e todos mostram-se neutros em jogos de outras seleções. Esquecem-se apenas de levar em conta eventuais motins populares ou mesmo rivalidades que ultrapassam fronteiras e repetem-se quando num duelo futebolístico.

**Em qualquer evento de grande porte pode haver alguns contratemplos provocados pela quantidade de público reunido em um só lugar.** Do ponto de vista criminal, da mesma forma, trabalha-se com temas comuns aos locais onde ocorre grande movimentação de pessoas. **Em geral são ocorrências menos graves, como uso de entorpecentes, furtos e crimes contra o patrimônio. Em menor grau de probabilidade podem ocorrer infrações como porte ilegal de armas e, ainda menos comuns, delitos contra a pessoa.**

De qualquer forma, outros eventos esportivos mundiais realizados na cidade de São Paulo demonstraram tranquilidade do público participante, sem quaisquer danos à integridade física das pessoas.

**Vale ressaltar que durante os jogos da Copa 2014 contra a seleção brasileira, a grande maioria do público provavelmente torcerá pelo time nacional, o que indica menos rivalidade e poucas chances de ocorrência de tumultos.**

**Nos jogos entre times de outros países, a maior parte do público ainda será brasileira, o que indica neutralidade ou a formação de torcidas menos radicais que também não devem apresentar problemas.** (“Dossiê Cidade São Paulo.pdf” - p. 32 - grifo nosso)

As maiores pérolas estão nos dois últimos subitens. Em “Detalhes da escolta policial para os times, equipes de arbitragem, presidente da FIFA e membros VIP da delegação da FIFA”, diferentemente do que parece ser o pedido, o texto relata experiências da Polícia Militar, que “tem sistematizado todo procedimento padrão de escoltas de delegações, arbitragem e dignitários” (p. 34). Usa como exemplo os campeonatos locais, “considerados os maiores do mundo” (p. 34), o que não é, por critério algum, seja por quantidade de times, quantidade de astros, longevidade ou qualquer outro, verdadeiro, “sem ocorrência de incidentes ou riscos às pessoas escoltadas” (p. 34), o que, da mesma forma, revela-se um equívoco, dado o histórico de brigas entre torcidas na cidade e os registros dos jornais.

O subitem seguinte, que pede detalhes de incidentes em eventos esportivos nos últimos dez anos, ignora brigas de torcidas no período (“não há registro de ocorrência de incidentes de segurança” - p. 34). Até se admite a ocorrência de incidentes, mas numa ressalva, caracterizando-os como “exceções pontuais que não correm mais o risco de acontecer graças à nova legislação e os novos esquemas de segurança dos estádios” (p. 34). Como se todos os riscos de novos incidentes estivessem cobertos por essas alterações, afinal dizem ter tomado “medidas contundentes” (p. 34) contra as torcidas organizadas, agora totalmente sob controle e apostam, por ser uma Copa, que essas não devem “aparecer” para tumultuar. Fecham lembrando o êxito da visita do Papa e de Bush.

*Estádio: a indicação sem convicção*

- Morumbi

O item “Estádio” do *livro* abre com uma imagem aérea ocupando pouco mais da metade da página: Morumbi lotado, dia de jogo (ainda que não identificado em legenda), com sinalizadores vermelhos em determinados pontos da arquibancada, dando uma dimensão do tamanho desse palco e da festa que costuma receber. Das quatro colunas de texto abaixo da imagem, praticamente três e meia são dedicadas a oficializar e justificar o estádio de propriedade do São Paulo Futebol Clube como local das partidas da Copa do Mundo de 2014 e, quem sabe, da abertura e da final.

Assim como no primeiro item do *Bid Book de São Paulo*, “Aspectos Gerais”, este segundo aproveita-se da margem, ou melhor, do espaço para vender o palco principal da cidade, “o maior do gênero na cidade”, como sublinhado logo na primeira sentença. No *questionário*, pede-se para que a cidade informe qual estádio será usado na Copa (2a), se “será reformado ou trata-se de um novo” (2b). A preocupação parece ser garantir que estejam dentro dos parâmetros de qualidade da FIFA, pois o último item (2c) é mais um aviso do que pedido de informação. Alerta-se que a entidade entrará em contato em caso de reforma de estádio “para oferecer as indicações técnicas necessárias para que as modificações sejam compatíveis com as exigências da FIFA”. E reforça que, para novos estádios, “o projeto deve respeitar fielmente as especificações contidas no “Caderno de Encargos””.

A primeira sentença da resposta oficial, no *livro*, reitera a indicação do Morumbi por parte do Governo do estado e da Prefeitura de São Paulo (“O estádio paulista indicado pelo Governo do estado de São Paulo e pela Prefeitura Municipal de São Paulo para sediar os jogos da Copa 2014 é o Cícero Pompeu de Toledo, popularmente conhecido como Estádio do Morumbi” - p. 7), respondendo ao questionário (2a). O segundo parágrafo assegura que “será totalmente reformado, seguindo as exigências e especificações da FIFA” (p. 7), com dinheiro “de origem privada” (p. 7) e o clube “assumindo a responsabilidade de executar toda e qualquer adequação, reforma ou ampliação” (p. 7), atendendo à pergunta seguinte (2b). Como não há o que comentar em relação ao subitem (2c), o documento aproveita para acrescentar o que bem entender, desenvolvendo a argumentação com os pontos positivos que entende como eficazes.

O terceiro parágrafo reconhece a necessidade de adequações, indica superficialmente algumas e oferece o anexo para mais detalhes. É a única ressalva. O quarto, o quinto e o sexto parágrafos tratam de relacionar o que chamam de “localização privilegiada” (p. 7), mencionando o acesso e transporte para a região; a infraestrutura de “um bairro nobre da

cidade” (p. 7) para receber delegações e turistas, registro que pode ter sido considerado relevante para a equipe da SPTuris no convencimento da FIFA; os hospitais, em que fazem questão de ressaltar o “São Luiz (cuja equipe médica atende o Grande Prêmio Brasil de F1” (p. 7) e a oferta hoteleira, mais uma vez puxando para os “14 hotéis de categoria luxo” (p. 7), reforçando e antecipando informações consideradas cruciais para uma candidata a cidade-sede da Copa do Mundo. A defesa termina apontando a proximidade “de centros de compras, culturais e museus, além de parques e museus” (p. 7).

Além da apresentação do item “Estádio” dedicada especialmente ao Morumbi, outro subitem e mesmo outros itens acabam por reforçar a imagem do estádio. Afinal, a organização, a infraestrutura e a logística giram em torno do local dos jogos. O subitem “Curiosidades sobre o futebol de São Paulo”, em meio a tantos dados e informações reunidos em apenas um quadro, separados em tópicos, lembra que é um projeto arquitetônico do “renomado e saudoso arquiteto Vilanova Artigas, um dos principais representantes da escola paulista de arquitetura moderna” (p. 11). Antes, no subitem “Tradição do município em relação ao futebol”, dentro de “Aspectos Gerais”, valoriza-se a realização do Mundial de Clubes de 2000 na capital paulista e no estádio (“palcos de momentos importantes na história de futebol” - p. 4). Depois, em “Serviços Médicos”, assinala-se a proximidade com os hospitais Albert Einstein e São Luiz, “capazes de atender a emergências médicas de qualquer natureza com toda a excelência” (p. 30). Mais exemplos dessa conexão foram sinalizados em outros momentos desta análise, mas mesmo assim vale apontar uma específica.

No subitem “Projetos de construção de rede de rodovias antes e durante 2013 e 2014, que poderão ter impacto positivo ou negativo sobre as competições ou sobre a preparação delas”, dentro do item “Transporte”, destaca-se como a futura Linha 4 do metrô será importante para a mobilidade da população, por exemplo, para chegar ao centro e a outros bairros, e mesmo para os dias de jogo, para “preencher todos os lugares do Estádio Morumbi em aproximadamente uma hora, bem como esvaziá-lo com a mesma rapidez” (p. 26). Ainda que aparente uma defesa em nome da linha do metrô, é, na verdade, uma defesa em nome do estádio e de sua localização, como mostra o trecho:

**O percurso da estação do metrô ao Estádio do Morumbi poderá ser feito a pé em aproximadamente 12 minutos, facilitado pela topografia plana da região ou por transporte coletivo integrado na referida estação. A Linha 4 cumprirá, dentro da rede de transportes urbanos, função altamente estratégica e estruturadora, de fundamental importância para o sistema de transporte coletivo atual. A nova linha promoverá a conexão de grandes pólos de concentração de empregos, tais como o centro**

**histórico da cidade e o centro novo (Avenida Paulista), e realizará ainda a interligação com importantes pólos regionais, como Pinheiros/Faria Lima e Morumbi, na região Oeste, e Brás, Pari/Oriente na direção Leste. Integrada à Linha C, da CPTM e à Linha 5 (Lilás) do Metrô, propiciará o acesso da população proveniente da Zona Sul, região do Brooklin, Moema, além dos municípios situados a Oeste de São Paulo, como Osasco, Carapicuíba, Barueri e Jandira, através de transferências gratuitas.**

Importante ressaltar que a operação da referida linha do Metrô e a estação São Paulo-Morumbi **permitirão, em um evento, preencher todos os lugares do Estádio Morumbi em aproximadamente uma hora, bem como esvaziá-lo com a mesma rapidez.** (“Dossiê Cidade São Paulo.pdf” - p. 26 - grifo nosso)

- Pacaembu (e companhia)

Depois de tanto apoiar o Morumbi como palco para a Copa do Mundo de 2014 ao longo da primeira página do item “Estádio”, de uma forma que se pode dizer estranha e até mesmo inadequada - ao menos diante do que era solicitado pelo *questionário* -, o *Bid Book de São Paulo* registra uma enorme ressalva. Nessa mesma página, acima comentada, com uma imagem do estádio lotado e em festa, perto da metade final da quarta de quatro colunas, há um intertítulo, uma “Observação”:

**O Governo do estado e a Prefeitura de São Paulo se comprometem a apresentar, caso esse compromisso não possa ser cumprido pelo São Paulo Futebol Clube, ou surja a oportunidade de se apresentar uma segunda sede, alternativas que atendam plenamente todas as exigências apresentadas pela FIFA para sediar jogos da COPA 2014. Essas alternativas supõem investimentos privados. A Comissão Organizadora recebeu outras propostas preliminares, por intermédio da Federação Paulista de Futebol.** (“Dossiê Cidade São Paulo.pdf” - p. 7 - grifo nosso)

De uma só vez, o *livro* menospreza a própria argumentação que acabara de construir, na mesma página, e a de outros trechos, como também apontamos, de momentos em que o tema pede explicações quanto à sua conexão com o estádio (como transporte e saúde); ainda atesta que o poder público (Governo do estado e Prefeitura de São Paulo), que oficializa uma indicação de palco para a Copa do Mundo - a que se candidatam como cidade-sede, vale lembrar -, não tem certeza dos compromissos assumidos pelo proprietário (o clube, o São Paulo Futebol Clube); e, por fim, avisa que tem “propostas preliminares” (p. 7), não só tirando a credibilidade do Morumbi, como boicotando de vez o próprio documento, centralizado na questão de qual estádio receberia o torneio, e assumindo que, bem, ainda não sabe dizer qual seria o plano B.

Essa “Observação” continua, no segundo parágrafo, lembrando que “São Paulo é, sem dúvida, a cidade brasileira melhor preparada para receber os jogos de abertura e encerramento

da Copa 2014” (p. 8). Ou seja, linhas após defender o Morumbi, o texto cria um ponto de interrogação sobre o estádio e, mesmo assim, defende a cidade como capaz de abrigar as partidas do torneio com mais holofotes. Como se não fosse o suficiente, recorda-se que, além do Morumbi, a capital paulista “conta ainda com outros seis estádios, com capacidade de público entre 10 mil e 40 mil lugares, com total qualificação para recepcionar atletas para treinos e jogos de menor porte” (p. 8). Por esse final de sentença, parece uma tentativa de, já no *livro*, ainda que fora de hora, deixar a capital e cidades vizinhas à disposição como sedes de treinamento para seleções (“recepcionar atletas para treinos” - p. 8) e, de forma sutil, como possível cidade-sede com dois estádios ou estado com duas cidades-sede (“jogos de menor porte” - p. 8). Sem dizer explicitamente que está indicando outros estádios e com essa confusão de qual o propósito aí embutido, lista sete opções, todas na cidade de São Paulo: o Morumbi, em primeiro lugar, Pacaembu, Palestra Itália (do Palmeiras), Canindé (da Portuguesa), Fazendinha (do Corinthians), Nicolau Alayon (do Nacional) e Rua Javari (do Juventus) - curioso é que a página apresenta imagens de dois estádios que nada têm a ver com essa argumentação, a Vila Belmiro (do Santos, em Santos), no alto, e o Moisés Lucarelli (da Ponte Preta, em Campinas).

Além de primeiro da lista pós-Morumbi, o Pacaembu ganha atenção especial no texto:

**A 10 km do Morumbi, cerca de 20 minutos, está o Estádio Paulo Machado de Carvalho, o Pacaembu**, situado na zona oeste da capital, no bairro de mesmo nome. De propriedade da Prefeitura Municipal de São Paulo, conta com 40 mil lugares e infra-estrutura adequada para ser centro de treinamento dos jogadores.” (“Dossiê Cidade São Paulo.pdf” - p. 7 - grifo nosso)

O estádio municipal aparece novamente no mesmo item “Estádio”, no subitem “Tradição no futebol em São Paulo”. Pela história do “paulistano” Charles Miller, que trouxe o futebol ao Brasil, chega-se ao nome da praça em frente ao Pacaembu - de mesmo nome - e, a partir daí, o texto recorda a construção (em 1940, na gestão do prefeito Francisco Prestes Maia) e talvez o momento mais grandioso (palco para jogos da Copa do Mundo de 1950). Em termos de capacidade de público, assinala, era, até a inauguração do Maracanã, o maior do território nacional e, até a abertura do Morumbi, o maior em solo paulista. Anuncia-se o vindouro Museu do Futebol, a ser inaugurado dentro do estádio, “o primeiro do mundo a não pertencer a nenhum clube” (p. 10), em que “a proposta é colocar tecnologia de ponta a serviço da interatividade e provocar a emoção dos visitantes, retratando a influência do esporte na cultura do País” (p. 10). O novo museu, a ser inaugurado em 2008, ainda é citado no subitem “Tradição do município em relação ao futebol”, como um “espaço dedicado à memória e à história do futebol brasileiro

e mundial” e que “vai ocupar uma área de 5,6 mil m<sup>2</sup> dividida em espaços temáticos e interativos em três andares” (p. 4). E, por fim, no último subitem de “Estádio”, “Curiosidades sobre o futebol de São Paulo”, lembra que “é tombado pelo patrimônio histórico e sua arquitetura é em estilo Art Déco” (p. 11), para, talvez, assinalar sua importância artística.

Se interessado em oferecer uma alternativa ao Morumbi, um segundo estádio, uma segunda sede dentro do estado ou apenas estádios que poderiam vir a ser centros de treinamento, o trecho tenta convencer, de qualquer maneira, das diversas opções na região: “a capacidade de São Paulo não se limita aos equipamentos esportivos situados dentro de seus limites municipais. As cidades limítrofes e distantes em menos de 100 km oferecem outras opções interessantes para as equipes” (p. 9). Antes da lista, valorizam-se a Arena Barueri, “que até 2014, com todas as obras concluídas, possuirá 40 mil lugares” (p. 9); o Brinco de Ouro, em Campinas, de propriedade do Guarani, estranhamente sublinhado numa página em seguida à foto de outro estádio da cidade, justamente da rival Ponte Preta, o Moisés Lucarelli; e a Vila Belmiro, de “fama mundial” “graças a um dos atletas mais famosos do mundo, Pelé, cuja carreira teve início em seu gramado” (p. 9). A lista divide-se em dois tipos de distância: de “Até 50 km da Capital”, com Arena Barueri/Barueri, Jayme Cintra/Jundiaí, Bruno José Daniel/Santo André e Anacleto Campanella/São Caetano; e “De 50 km a 100 km da Capital”, com Brinco de Ouro/Campinas, Marcelo Stefani/Bragança Paulista, Vila Belmiro/Santos, Walter Ribeiro/Sorocaba, Novelli Júnior/Itu, Moisés Lucarelli/Campinas.

O item “2 - Estádios” do *questionário* pede a indicação de qual estádio será usado, e se este será reformado ou erguido do zero, mas em nenhum momento solicita alternativas, plano B ou segunda opção. E nem chega perto de pedir qualquer coisa relacionada a centros de treinamento. O que revela, de certa forma, em documento oficial, o receio dos autores do livro, da SPTuris, e, por extensão, dos responsáveis por trás da publicação (Governo do estado, Prefeitura de São Paulo, FPF, CBF e até MPM) quanto ao Morumbi. Em última instância, demonstra a irresponsabilidade e o equívoco em fazer sugestões e insinuações desse tipo em um momento não de organização de evento, mas sim de candidatura, diante de um avaliador tido como rígido e atento a padrões internacionais.

#### - Bom Retiro

O documento de *rascunho de respostas*, ainda que sem data e, portanto, impossível de localizar na trajetória de produção do *Bid Book de São Paulo*, se próximo ao começo, mais para o meio ou perto do fim, mostra de qualquer maneira que, entre 23 de abril e 31 de maio de 2007,



em algum momento nesse período de 39 dias, cogitou-se fortemente a indicação de um novo estádio.

Apesar de evidente o peso do estádio; de o item “2 - Estádios” do *questionário* interrogar sobre qual será o estádio, se reformado ou erguido do zero, ou seja, exigindo respostas aparentemente diretas e simples; e de o *rascunho de respostas* já registrar a maioria dos campos preenchidos, totalizando 46 páginas, esse mesmo *rascunho de respostas* não apresenta resposta alguma.

Como esse suposto novo estádio aparece em diversas respostas do *rascunho*, indicando que podia estar sendo cogitado, embora desaparecendo por completo no *livro*, não podemos precisar se a ausência de resposta no *rascunho* é porque ainda não se havia decidido por um ou outro estádio ou se o novo estádio seria uma alternativa ao Morumbi que, ao final, terminou por ser descartada, sem que saibamos o motivo.

A dúvida seria da própria SPTuris, autora do Bid Book de São Paulo; uma hesitação do poder público; ou, quem sabe, uma demora do clube e proprietário do Morumbi, o São Paulo Futebol Clube, em confirmar e/ou repassar garantias e informações? Todas as alternativas poderiam ser motivo para a ausência de resposta no item sobre o estádio.

Talvez o receio fosse tão grande, que nem “Morumbi”, “Novo estádio” ou “Morumbi e novo estádio” acalmassem os ânimos dos autores do *livro* e do poder público. Tanto é assim que o *rascunho* - e é só por isso que sabemos dessa possibilidade - relaciona, ao lado do Morumbi, em quatro oportunidades, uma “nova Praça de Esportes”, no Bom Retiro. Essa aparição em algumas respostas mais técnicas não é sem importância, demanda pesquisa e estudo e, portanto, só chegou ao *rascunho* porque algum órgão recebeu o pedido de ao menos considerar certos aspectos relativos a um estádio que não fosse o Morumbi.

Para a pergunta do *questionário* “Quais são as áreas ambientais (incluindo reservas naturais e outras áreas protegidas) que podem ser afetadas pela realização de jogos no estádio e pelo transporte da população?” (3e), o *rascunho de respostas* registra o seguinte:

O Estádio do Morumbi recepciona, rotineiramente, eventos futebolísticos com público presente próximo às cem mil pessoas, portanto já há procedimentos para absorver os impactos no entorno imediato para eventos desse porte. Considerando o ano de realização da Copa do Mundo, 2014, o acesso ao estádio já deverá contar com o concurso da linha 4 do Metrô, o que aliviará substancialmente os impactos no trânsito nas vias de acesso ao Estádio do Morumbi.

Junto às vias de acesso ao estádio há o Parque Alfredo Volpi, o Parque Burle Marx, o Parque da Previdência, o próprio parque do Ibirapuera, ainda que mais distante, mas junto a uma das principais vias de acesso.

Com relação ao Bom Retiro, a área já é servida pelas linhas norte-sul e leste-oeste do Metrô. No miolo de bairro do Bom Retiro, portanto no entorno imediato, há o Parque da Luz, o mais antigo da cidade. Junto às vias de acesso a esse bairro há, junto à Marginal Tietê, a Apa do Tietê e o Parque Piqueri. Mais distante, e junto à Avenida Francisco Matarazzo, também via de acesso, há o Parque Estadual Fernando Costa. (“RESPOSTAS QUESTIONÁRIO - Copa 2014\_1.doc” (e “2”) - p. 16 - grifo nosso)

Mais adiante, recebemos mais detalhes da localização do estádio, graças à resposta no *rascunho* da pergunta do *questionário* referente a “Quais são as facilidades de estacionamento público dentro de um raio de 2 quilômetros a partir do estádio? Dar detalhes” (p. 6l):

A região para o novo estádio no bairro do **Bom Retiro**, junto a Avenida Pres. Castelo Branco (Marginal do Tietê), apresenta uso misto entre residências e comércio local, contudo a tipologia de suas residências são antigas e muitas não apresentam garagens, com frente de ½ lote, ou seja, aproximadamente 5 metros com grande demanda de estacionamento na via..

O terreno tem lateral junto aos Rios Tietê e Tamanduateí, o que diminui a região/área de estacionamento próximo ao local. Hoje por estimativa de vagas, temos cerca de 2000 vagas disponíveis na região considerando a oferta do viário existente.

Para atender a demanda é necessária a construção de área para estacionamento anexo com 18.000 vagas.

(...)

Para ambas as Praças de Esporte, implantação de monotrilho, ligando a Estação de Metrô Armênia à Praça de Esportes (Bom Retiro), seguindo até a Estação Júlio Prestes e futura Estação Morumbi da linha 4 do Metrô ao Terminal João Dias, com a interligação para embarque e desembarque no Estádio do Morumbi.

(“RESPOSTAS QUESTIONÁRIO - Copa 2014\_1.doc” (e “2”) - p. 33 - grifo nosso)

O pedido do *questionário* em “Sistemas de gerenciamento de tráfego ao redor do estádio e centro da cidade em dias de jogos” (7b) dá uma noção de intervenções urbanas que teriam de ser colocadas em prática para atender às exigências da FIFA.

Com a construção da **nova Praça de Esportes, proposta no bairro do Bom Retiro**, a malha viária existente não comporta o impacto gerado pelo acréscimo de fluxo veicular, necessitando adequações, tais como:

- Construção de novos acessos (Viaduto/passagem em nível) e adequações de geometria na Marginal Tietê (sentido Castelo Branco/Ayrton Senna), com o deslocamento das pistas expressa e local para o eixo do Rio Tiete, através da construção de obra de arte, agregando a área da Praça de Esportes ao bairro do Bom Retiro, bem como construção de acessos diretos e indiretos da região do entorno à Praça de Esportes.

- Construção de alça de acesso da Avenida Estado (Sentido Ipiranga/Santana) à Marginal Tietê (sentido Ayrton Senna/Castelo Branco).

Ampliação da rede de semáforos inteligentes e câmeras para monitoramentos do trânsito na região do Bom Retiro. (“RESPOSTAS QUESTIONARIO - Copa 2014\_1.doc” (e “2”) - P. 34 - grifo nosso)

O *rascunho de respostas* encerra a parte de textos e fecha com quatro imagens: a primeira, de um “Quadro Tarifário”, dos preços das tarifas nos transportes paulistas, acompanhada do “Mapa da Rede Metropolitana de Transporte”, com linhas, estações e conexões; e as três restantes, fotos aéreas de regiões da cidade, localizando o Morumbi em duas e o estádio do Bom Retiro, ou melhor, o lugar onde seria esse estádio, na última. O título da imagem do novo estádio [“Localização do campo de Basebol<sup>253</sup> (área junto à Avenida do Estado)”] e o círculo amarelo que o localiza na foto (“Campo de Basebol”) revelam o que pretendiam desapropriar para a construção, o estádio municipal de beisebol Mie Nishi, próximo à Linha Azul do metrô.

O grau de detalhamento leva a crer, como dito inicialmente, que um novo estádio, a ser erguido do zero, localizado no Bom Retiro, foi fortemente cogitado como palco paulistano da Copa do Mundo. Só não sabemos se como alternativa ou concomitantemente ao Morumbi.

A indicação indireta do Pacaembu e a cotação dessa “nova praça de esportes” no Bom Retiro revelavam, por fim, a disputa que se desenhava em torno do estádio. Inicialmente, pode-se pensar na disputa por qual localidade receberia investimentos do poder público, justificados pelos jogos da Copa do Mundo, e por quem ficaria com os louros das melhorias implementadas. Uma disputa, portanto, no âmbito da política tradicional, o campo político-partidário. Cláudio Gonçalves Couto verificou, porém, que “foi um jogo disputado no campo político-desportivo o que determinou a definição sobre a localização do estádio” (p. 58). Já se direcionavam esforços e incentivos para a Zona Leste, onde se encontra o estádio que viria a sediar a competição, a Arena Corinthians, em Itaquera, como frisou Couto, tanto por gestões do PT, com Marta Suplicy, em 2004, como do PSDB e DEM, com José Serra e Gilberto Kassab, em 2007. A chave da disputa esteve no então presidente do Corinthians, Andrés Sanchez, que, com toda a sua *virtú e fortuna*, aproveitou o desinteresse de FIFA e CBF pela reforma do estádio do Morumbi e as diversas contendas entre o São Paulo e essas duas entidades por motivos diferentes, entre outras ramificações dessa “teia de relações políticas muito favorável ao estádio corintiano e hostil às pretensões são-paulinas”, para fazer da Zona Leste a única alternativa que traria ganhos políticos a todos - com exceção dos tricolores.

---

<sup>253</sup> A grafia está assim mesmo no documento. O correto seria: “beisebol”.

### 2.1.2 Avaliando a imagem da cidade na visão dos avaliadores

#### *Trabalho duro*

O *Bid Inspection Report* abre com uma carta do presidente da equipe de inspeção, Hugo Salcedo, elogiando, antes de tudo, seus colegas inspetores e a si mesmo:

Deixe-me começar escrevendo sobre **a honra e o prazer de comandar uma equipe de inspeção para a Copa do Mundo FIFA de 2014 extraordinária**. Posso garantir, com absoluta certeza, que **os indivíduos dessa equipe fizeram todo o esforço para prover você e seus colegas do Comitê Executivo da FIFA das informações mais compreensíveis e confiáveis em que possam basear sua decisão** a respeito da sede da Copa do Mundo FIFA de 2014<sup>254</sup>. (“inspectionreport\_e\_24841.pdf” - P. 4 - grifo nosso)

Ainda no mesmo item, “1 Carta do Presidente”<sup>255</sup>, perto do fim, reforça esse elogio:

Eu quero concluir com **um agradecimento ao mesmo tempo profissional e sincero aos membros da nossa equipe de inspeção. Por seu trabalho duro, observações cuidadosas, sugestões e boa vontade para contribuir com a equipe produzindo um relatório excepcional**<sup>256</sup>. (“inspectionreport\_e\_24841.pdf” - P. 4 - grifo nosso)

Um comportamento que pode ser considerado recorrente no mundo corporativo e institucional, como forma, talvez até protocolar, de valorizar o empenho e a importância da função desempenhada pelos autores do documento - ou o responsável e sua equipe -, mas contrastante, primeiro, com o próprio documento, com a superficialidade das informações contidas e a lista reduzida das fontes de pesquisa; segundo, com o que sabemos da produção do *Bid Book* brasileiro, um calhamaço de mais de 800 páginas, reduzido a 52 páginas, com o nível de detalhamento conforme percebido pela análise do *Bid Book de São Paulo*; e, por último, com o que a imprensa contou das poucas e rápidas inspeções.

<sup>254</sup> Tradução livre do trecho: “Let me begin by writing that it has been an honour and pleasure to chair an extraordinary 2014 FIFA World Cup™ inspection team. I can confirm to you with absolute certainty that the individuals on this team have made every effort to provide you and your colleagues from the FIFA Executive Committee with the most comprehensive and reliable information on which to base your decision regarding the hosting of the 2014 FIFA World Cup™. Having carried out a balanced review with great diligence, we present this report”. Todas as traduções desta tese são do autor da dissertação.

<sup>255</sup> Tradução livre de “Letter from the chairman”.

<sup>256</sup> Tradução livre do trecho: “I will close with both a professional and heartfelt thank you to the members of our inspection team. Their hard work, careful observations, suggestions and willingness to contribute to the team have produced an exceptional report.”

No que diz respeito especificamente a esse *relatório dos inspetores*, a superficialidade das informações poderia ser apenas uma primeira impressão, resultado da leitura do quarto item do documento, “Sumário Executivo do Brasil”, em que se resume a situação de determinadas áreas ou a de temas específicos com comentários vagos ou elogiosos, sem quaisquer dados, com exceção de quando se trata dos números dos estádios.

Os dois primeiros quadros apresentados no *relatório dos inspetores* são só elogios. Em “Comprometimento do país” registra-se, no tópico “Governo”, que estaria “totalmente comprometido”, e em “Público”, um sentimento de “enorme entusiasmo” (p. 10); no segundo quadro, “Futebol”, segundo o tópico “Centros de treinamento”, os locais são “excelentes” e, quanto ao “Padrão do futebol”, “o melhor futebol da história” (p. 10). No terceiro quadro, “Infraestrutura geral do país”, sente-se falta de mais precisão, como no tópico “Transportes”, em que “infraestrutura de transporte urbano e aéreo irão confortavelmente atender às demandas” (p. 10); ou no tópico “Centros médicos”, capacitados com “uma rede adequada” (p. 10). O quarto quadro, por fim, “Finanças”, que pressuporia a exposição de dados numéricos, no tópico “Orçamento para a Copa do Mundo FIFA 2014” tem um simples “bem preparado” (p. 11).

O mesmo tom raso repete-se ao longo de boa parte do *relatório dos inspetores*. Descontados os quatro primeiros itens, a carta do presidente, as datas-chave da candidatura, o sumário executivo geral e o sumário executivo do Brasil, concentram-se no quinto, “Análises do país-candidato”, o que se poderia chamar de principais detalhes da candidatura brasileira, divididos em 16 itens: informações gerais sobre a candidatura e visitas de inspeção, informações sobre o país, padrão geral do futebol no Brasil, comprometimento do país, orçamento para sediar o torneio, ingresso, marketing da candidatura, estádios, centros de treinamento, imprensa, congresso e eventos, proteção e segurança no país, telecomunicações, transporte, acomodação e serviços médicos.

Das 26 páginas, 16 são reservadas a sete itens. Os “campeões” são ingresso e acomodação, cada um com três páginas, indicando as preocupações da FIFA: a garantia de lucro na ocupação dos assentos nos estádios e leitos suficientes e à altura da comitiva da entidade. Em determinado momento, ao comentar a projeção de receita, baseada em ingressos esgotados a preços mais altos do que os praticados no Brasil, avisa que “os torcedores brasileiros terão de abraçar a oportunidade e responder ao apelo que um jogo de Copa do Mundo oferece, à chance de uma vida de assistir a um jogo de Copa do Mundo” (p. 22). Sobre os hotéis, mesmo dizendo que o país tem capacidade de atender à necessidade, reforça pedido para se chegar ao mínimo de 55 mil quartos.

Entre os cinco vice-campeões, cada um com duas páginas, dois chamam a atenção por apresentarem informações dignas de enciclopédia, de tão básicas, fáceis de consultar, copiar e reproduzir, mesmo àquela época, em 2007, em qualquer site de buscas da Internet: sobre o país, como nome, religião e moeda oficiais, história, território, clima e economia; e padrão geral do futebol no Brasil, com títulos da seleção brasileira e dos clubes nacionais - algo que também se verifica no primeiro item, o de informações gerais sobre a candidatura e visitas de inspeção. Fenômeno explicado, se não pela disposição de trabalhar dos inspetores, aparentemente distante do “trabalho duro” assinalado na carta do presidente, pela lista de fontes no fim do documento.

Esse trecho final do *relatório dos inspetores* oficializa em quais documentos a equipe se baseou para construir o *Bid Inspection Report*: Hosting Agreement, Bidding Agreement e Bid Book. Como o primeiro é, na verdade, um acordo em que se oferecem garantias e se assumem responsabilidades, e o segundo, diretrizes e exigências relativas à organização e realização da Copa, o terceiro é, na verdade, o único e, ao mesmo tempo, o principal documento a fornecer informações sobre a candidatura brasileira. Fora, então, o *livro*, restam os *sites* oficiais: de partes interessadas (FIFA, Conmebol, CBF e Governo Federal), de dados brasileiros (IBGE, BNDES) e de dados reconhecidos internacionalmente (Banco Mundial, Departamento de Estado dos EUA, União Europeia, Organização Internacional do Trabalho) e, aparentemente, um site de notícias britânico sobre o futebol brasileiro (Samba Foot), fora do ar todas as vezes em que tentei acessá-lo durante a produção desta dissertação. Ainda que seja um relatório com proposta de resumir documentos, observações e pesquisa, parece pouco o recurso às fontes citadas quando se trata de produzir um relatório de inspeção sobre uma cidade que se candidata a recepcionar uma Copa do Mundo, com tudo o que isso implica.

### *São Paulo*

Nenhuma cidade recebe atenção especial do *relatório dos inspetores*. Os avaliadores da FIFA fazem observações generalistas do país e, quando necessário, elogiam ou criticam algumas capitais por determinados aspectos - comentários separados somente nos anexos do fim do documento. Ainda assim, São Paulo e Rio de Janeiro são recorrentemente citados, para o bem e para o mal.

Diante das “várias representações” (p. 29) que teriam sido feitas à equipe de inspeção para que São Paulo recebesse a abertura dos jogos, e o Rio de Janeiro, o encerramento da Copa, o que acabou registrado pelos próprios autores, as duas cidades foram, oficialmente, as

principais candidatas a esses postos. Belo Horizonte e Brasília, que chegaram a manifestar o mesmo desejo, sequer foram lembradas. Como receber a abertura significaria abrigar também o Congresso da FIFA, evento importante da entidade, define-se, em momento único de elogio a uma cidade, que:

**São Paulo é uma das grandes cidades do mundo** e, como tal, tem toda a infraestrutura espacial necessária para transporte e acomodação para receber o Congresso da FIFA.<sup>257</sup> (“inspectionreport\_e\_24841.pdf” - p. 16 - grifo nosso)

Ao lado do Rio de Janeiro, mais uma vez, e, agora, de Brasília, a capital paulista também é, oficialmente, candidata (“potencial local”) a sede do Centro Internacional de Mídia.

E, sozinha, sem dividir os louros, vê o *relatório* “chamar a atenção especial para o Hospital Albert Einstein, em São Paulo, por causa de sua importância na América Latina e no mundo”:

**Esse hospital combina as características de grandes hospitais gerais com institutos altamente especializados.** Foi o primeiro hospital fora dos Estados Unidos a ser aprovado pela Joint Commission of International Accreditation, uma organização com sua sede principal em Chicago e presente em mais de 60 países.<sup>258</sup> (“inspectionreport\_e\_24841.pdf” - P. 20 - grifo nosso)

Das quatro críticas diretas a São Paulo, três referem-se ao Morumbi. O estádio não estaria adequado para receber os VIPs da FIFA, já que, ao lado do Maracanã, no Rio de Janeiro, é apontado como um dos com menor quantidade de lugares para esses convidados especiais (500 e 565, respectivamente, à época); demandaria um estudo detalhado “para determinar qual a melhor forma de conciliar os estádios [Morumbi e Maracanã] com as demandas do programa de hospitalidade de 2014”; e, por fim, o espaço reservado para imprensa precisaria “ser revisto”, pois o Morumbi nem teria especificado o tamanho da área, diferentemente dos demais (p. 22-23). Como consolo, reconhece-se a estrutura adequada para imprensa e bom número de cabines de rádio (241).

O quarto e último incômodo dos inspetores foi com a acomodação. Apesar de cientes da disparidade da oferta de quartos de hotéis entre São Paulo e Rio de Janeiro com outras

<sup>257</sup> Tradução livre do trecho: “Sao Paulo is one of the great cities of the world and as such, it has all the necessary function space, transport and accommodation infrastructure to accommodate the FIFA Congress.”

<sup>258</sup> Tradução livre do trecho: “This hospital combines the features of a large general hospital with those of a highly specialised institute. It was the first hospital outside the United States to be approved by the Joint Commission of International Accreditation, an organisation with headquarters in Chicago (USA) that is currently active in more than 60 countries.”

cidades do país, como Campo Grande; de colocar as cidades como prováveis acomodações de grupos especiais da trupe da Copa do Mundo (como o quartel-general e a delegação da FIFA, o quartel-general dos árbitros, o Centro Internacional de Transmissão e o Centro Internacional de Mídia); critica-se, num primeiro trecho, o fato de que o “número de quartos contratados no Hotel Agreement não é suficiente” e que, por isso, essa é “uma preocupação especial no caso de São Paulo” (p. 35) e, mais adiante, que “deve-se resolver o pequeno número de quartos contratados” (“números significativamente abaixo do número requisitado” - p. 35). Estranha, de qualquer maneira, a diferença entre os números do *relatório dos inspetores* e os do *livro*. A SPTuris diz que a cidade tem 410 hotéis e 46.047 quartos, mas os inspetores da FIFA assinalaram “mais de 200 hotéis” e “mais de 30.000 quartos” (p. 29).

São Paulo é citada em mais passagens, só que não necessariamente de forma positiva ou negativa, antes como uma menção ou informação curta, quase de forma neutra: como uma das cidades visitadas pela equipe de inspeção, por seu clima e variação de temperatura (entre 15 e 30 graus); dona da maior quantidade de jornais do país (51); uma das poucas com estádio de propriedade privada, pertencente a um clube; sede de clubes brasileiros vencedores de torneios internacionais (Mundial e Libertadores); e dados técnicos do estádio e aeroportos. O curioso é a controvérsia quanto ao trem-bala, que ligaria a capital paulista ao Rio de Janeiro em menos de duas horas. No subitem “5.14 Transporte”, “a equipe de inspeção não acredita que desempenharia um papel principal na Copa do Mundo de 2014 no Brasil”. Mais à frente, no subitem “Dados gerais sobre o transporte urbano”, a construção é tida como um “desenvolvimento significativo” (p. 45).

### *Saldo final*

O *Bid Book de São Paulo* não conseguiu emplacar no *Bid Inspection Report* a maior parte dos predicados relativos ao tripé “eventos-cultura-negócios” que, de maneira insistente, defendeu no documento, tão caros à SPTuris. Reconhece-se no *relatório dos inspetores* que o “Brasil tem experiência relativamente significativa em megaeventos” sem que se reconhecesse nenhuma cidade em particular. Sequer entraram no mérito de aparelhos culturais, opções de entretenimento ou atrações turísticas. Nem o fato de se apresentar como “dona do maior e mais qualificado parque hoteleiro do país”, logo na abertura do *livro*, foi suficiente. O *relatório dos inspetores* fala em “uma preocupação especial”, em relação a esse tema.



Por outro lado, duas imagens a respeito da capital paulista ganham destaque: a de seu papel central no país e a de cidade grande e global. Como salientamos acima, ao lado do Rio de Janeiro, São Paulo é a única capital entre as 18 concorrentes a cidade-sede da Copa do Mundo de 2014 a ser mencionada frequentemente, não apenas em quadros explicativos, mas também nos anexos. O que indica, a meu ver, mera reiteração de uma imagem propalada anteriormente e/ou a aceitação em seguida ao *livro* e às visitas *in loco* desse papel central. A validação como “uma das grandes cidades do mundo”, aliás, reforça essa opinião - assim como o registro de que estaria cotada para receber a abertura do torneio e o Congresso da FIFA. Até as críticas ao Morumbi, dando indícios da preocupação com o que poderia vir a ser o palco do primeiro jogo, podem ser consideradas como uma forma de entender o estádio e a cidade como cruciais para sucesso da realização do evento e, por isso, merecedores de pedidos de atenção.

No restante do *relatório dos inspetores*, o que se percebe, e até se questiona, é a falta de correspondência com temas e informações apresentados no *livro*, supostamente porque exigidos pelos avaliadores da FIFA, mediante *questionário* preparado pela MPM, contratada da CBF, especialmente para esse fim. Além de não entrar no mérito de eventos, cultura e turismo, como acabei de registrar, não há qualquer linha sobre os “Planos de proteção ao meio ambiente”, relativos à sustentabilidade da cidade e ao comportamento da cidade nessa área durante a Copa, ou sobre as “Condições naturais, meio ambiente e patrimônio histórico”, com foco na qualidade do ar e da água potável. Pouco se lê sobre as “Condições meteorológicas”, apenas sobre as temperaturas médias, mas nada próximo do grau de detalhamento, por horários e meses nos últimos cinco anos, como exigido no questionário. E, mesmo quando se trata do futebol, a despeito do Morumbi, nenhum outro estádio entra no radar. Transporte (“Transporte” e “Plano de transporte”), saúde (“Serviços Médicos”) e segurança (“Segurança”) são os únicos contemplados no *relatório dos inspetores* e, por isso, talvez indiquem ser as principais e verdadeiras preocupações da FIFA.

O saldo final, portanto, é de que a cidade de São Paulo, por meio do *Bid Book de São Paulo*, organizado e produzido pela SPTuris, empresa da Prefeitura Municipal, conseguiu, de forma parcial, incutir as imagens que acreditava serem ou que pretendeu vender como as verdadeiras imagens da capital paulista nos avaliadores da FIFA, baseando-se, exclusivamente, no documento oficial que reúne e resume informações sobre a candidatura brasileira e, logo, também da cidade, o *Bid Inspection Report*. Como frisei, São Paulo emplacou a imagem de cidade global, ainda que não se possa definir o *livro* como único ou o grande responsável por isso, mas, por outro lado, não obteve o mesmo êxito nos predicados entendidos como parte de sua personalidade e/ou vocação como grande centro urbano, do tripé “eventos-cultura-

negócios” - sendo que, nesse caso, também pode se argumentar pela ausência de análise a respeito desses temas de modo geral e para qualquer das outras cidades concorrentes a sede. Discutindo a origem histórica e as diferentes formas de apropriação do conceito de cidade global, Mônica Carvalho comenta que “há casos [referindo-se a estudos acadêmicos] em que importa mais demonstrar que determinadas metrópoles possuem os atributos necessários a alçar à condição de cidade global do que analisar suas especificidades históricas que poderiam até a ela se contrapor” (Carvalho, 2000, p.72). O livro paulistano, de forma semelhante, e tratando-se de um documento oficial, trabalha em cima do mesmo raciocínio. Como profissionais de diversas áreas, inclusive sociólogos, que “reduzem a compreensão do espaço urbano a suas representações” (Carvalho, 2000, p.75) para assim atender ao receituário do *planejamento estratégico* de Jordi Borja, de construir uma “buena imagen” a respeito da cidade, abdicando dessas especificidades diante do olhar “de fora”, transformou-se São Paulo num “não-lugar” disponível à apropriação do capital internacional (Carvalho, 2000, p. 81), no caso, da FIFA.

De qualquer maneira, com suas falhas, contradições e escolhas ideológicas, conscientes ou não, é inegável tratar-se o *Bid Book de São Paulo* de uma apresentação vitoriosa, já que, como parte da candidatura nacional, capitaneada pela CBF, a cidade de São Paulo também saiu vitoriosa, com o Brasil sacramentado como país-sede da Copa do Mundo de 2014 em 30 de outubro de 2007. O que nos faz entender, por fim, não só o tipo de apresentação documental que a FIFA espera, como as informações que quer ter em mãos, ainda que guardadas para uso e estudo internos.

## 2.2 Candidata protagonista

### *Menos venda, mais técnica*

Ainda que sem o acesso ou mesmo a ciência da existência de qualquer documento equivalente ao *questionário* - em que se amparou a produção do *Bid Book de São Paulo*, por meio do qual foi possível saber quais itens eram exigidos pela FIFA - ou ao *relatório dos inspetores* - para entender, também, de que forma os avaliadores da FIFA assimilaram o que lhes foi proposto - para este segundo momento da candidatura da capital paulista, como *candidata protagonista*, o *relatório da cidade*, diferentemente do livro, oferece margem

pequena para a promoção da cidade, prezando-se pelas garantias do poder público e de investidores e informações técnicas sobre estádios.

As 97 páginas do documento podem ser divididas em quatro partes:

- 8 páginas de apresentação e encerramento, entre capas, contracapas e índice;
- 43 páginas de informações técnicas, principalmente na seção “Notas e informações adicionais sobre o projeto básico de engenharia e arquitetura”, com “Projeto básico de engenharia e arquitetura”, “Infraestrutura de TI [tecnologia da informação] do estádio”, “Memorial descritivo de instalações elétricas, hidráulicas, combate a incêndio, ar-condicionado, sistema de ventilação e exaustão, segurança, e energia de emergência”, “Custo estimado das obras”, “Avaliação de impacto ambiental da adequação do estádio do Morumbi” e “Sustentabilidade ecológica do estádio do Morumbi”, mas também, no final, em “Informações adicionais, relativas aos itens presentes no documento “2.014 FIFA CUPTM LOC, Host City Stadium Requirements”;
- 39 páginas de garantias do Governo do estado e da Prefeitura, em documentos oficiais, devidamente timbrados, com a assinatura de seus representantes à época (governador José Serra e prefeito Gilberto Kassab), quanto à isenção fiscal para a FIFA e sua equipe, anexando, inclusive, a lei municipal sancionada para esse fim; e garantias de investimento e apoio à reforma do Morumbi, com cartas de intenção de empresas privadas (Camargo Corrêa, Visa, ISG e Rede Globo) e publicação do poder público oficializando a captação de recursos via lei de incentivo (junto ao Ministério do Esporte) endereçadas ao proprietário, o São Paulo Futebol Clube;
- e 7 páginas de informações a respeito do Morumbi em si, em “Diagnóstico das áreas externas adjacentes ao estádio do Morumbi”, e do acesso ao estádio, em “Acesso via transporte público”, sendo duas páginas de tabelas, duas de fotos, uma de mapa e apenas duas realmente de texto.

Como os responsáveis pela produção do *relatório da cidade* continuaram sendo os funcionários da SPTuris, autores do *livro*, notam-se similaridades, trechos e até fotos repetidas, mas o tom propagandista diminui, talvez por tratar-se, como percebemos na divisão acima, de um documento dominado pelas informações técnicas e garantias do poder público e de investidores. Coincidência ou não, o *relatório da cidade* encerra com os logos, de cima para baixo, nesta ordem, da Prefeitura de São Paulo e do Governo do estado, excluindo-se, em comparação ao *livro*, o da SPTuris, que estava acima em relação aos outros dois, e sem qualquer expediente ou colaboradores. A capa procura vender a imagem de uma São Paulo ao mesmo

tempo cultural e futebolística, com foto do Museu do Futebol, inaugurado após o *livro*, em setembro de 2008; de uma cidade grande e global, com a Ponte Estaiada, na Zona Sul, outra novidade da capital paulista desde maio de 2008; e verde, com o tronco de uma árvore e copas de outras, provavelmente de um parque que, baseando-se no *livro*, deve corresponder ao Ibirapuera ou ao Horto Florestal. As inscrições de título, “Copa do Mundo FIFA Brasil 2014”, e subtítulo, “São Paulo - Cidade candidata à Copa do Mundo da FIFA”, porém, lembram esse novo momento do processo de candidatura, como *candidata*, com todas as letras, não mais como *coadjuvante*, e sim como *protagonista*. Exige-se, portanto, em vez de dados superficiais, impressões e frases de efeito, mais sobriedade, detalhes realmente técnicos, precisos, que deem conta da situação da cidade e, principalmente, da situação do estádio e de seu entorno.

Entre as 7 páginas de informações a respeito do Morumbi, como apontei acima, seis estão no item “Diagnóstico das áreas externas adjacentes ao estádio do Morumbi”, em que se apresenta, de forma resumida, a história do estádio, recordando a pedra fundamental (1952), a primeira festa de inauguração, com metade da construção (1960), e a festa de inauguração definitiva, com tudo pronto (1970), quando “720 metros de arquibancada e o gigante tornava-se o maior do mundo, levantando-se<sup>259</sup> da terra com 50 mil metros cúbicos de concreto e seis mil toneladas de ferro” -informação que não estava no *livro*. E, mais uma vez, reitera-se o papel como “palco de grandes manifestações artísticas e esportivas, tais como Mega-Shows com grupos musicais internacionais (Queen, Madonna, Michael Jackson, U2, Aerosmith, Roger Waters e outros), eventos musicais com artistas nacionais e internacionais (Hollywood Rock), além de outros eventos culturais e religiosos, com destaque para a missa rezada pelo Papa João Paulo II, em 3 de julho de 1980”.

Em seguida, também rapidamente, a história do “bairro que se confunde com o ‘apelido’ do estádio”, indicando localização (Zona Oeste, Subprefeitura do Butantã, distante entre 8 e 14 km do Centro), significado do nome (“colina verde”, em tupi), origem (de área pantanosa e erma, de fazenda de chá à rápida verticalização), os “vizinhos ilustres” (Palácio dos Bandeirantes, Hospital Albert Einstein, “um dos mais importantes hospitais privados da cidade”, Escola Americana, TV Bandeirantes, Clube Paineiras), as ruas (“bem pavimentadas, arborizadas e seguras” com “o mais alto índice de cobertura vegetal por habitante, com a menor taxa de desmatamento dos distritos administrados pela SubPrefeitura do Butantã, o que confere ao bairro qualidade ambiental excelente”) e “cuja população possui um dos mais altos poderes aquisitivos da cidade de São Paulo, dispondo de farta infraestrutura de comércio, serviços

---

<sup>259</sup> A grafia está assim mesmo no documento. O correto seria: “levantando-se”.

públicos e outras comodidades, inclusive uma nova linha do Metrô Paulistano, em fase final de implantação, cuja principal estação dista do Estádio do Morumbi cerca de 1.180 metros”. A valorização do hospital estava no *livro*, os “vizinhos ilustres”, não. O “bairro nobre” virou aquele com “um dos mais altos poderes aquisitivos”.

Ainda no mesmo item, há tabelas com dados de desmatamento dos distritos da Subprefeitura do Butantã, com o Morumbi incluído, comprovando que é aquele com menor desmatamento e maior cobertura vegetal; e duas bastante específicas, a “Tabela de Empregos Formais no Bairro do Morumbi”, com dados divididos por raça, escolaridade, renda e idade, e a “Área e Densidade Populacional do Morumbi”. O “relatório fotográfico” tem imagens da área externa, duas da Praça Roberto Gomes Pedrosa, em frente ao estádio, assinalando o ponto de onde a futura estação de metrô ficaria distante 1,2 km; uma da Avenida Giovanni Gronchi e das duas rampas de acesso; imagem aérea mostrando o Morumbi, área social do clube e o bairro; e, por último, imagem e legenda igual à do *livro*, com o Morumbi lotado, em festa. E encerra-se com um “Mapa de equipamentos sociais da região, fornecidos pela Prefeitura Municipal de São Paulo”, com recorte do bairro do Morumbi e, abaixo, menor, imagem de todo o território, localizando-se a sua posição.

O outro trecho que entra na conta das 7 páginas, com apenas uma delas, é o do item “Acesso via transporte público”, em que se descreve o transporte paulistano de forma geral e por modalidade (ônibus, metrô, trem e táxi), utilizando praticamente o mesmo texto do *livro* (excluindo os jatos particulares). A descrição inicial repete, por exemplo, os dois primeiros parágrafos do primeiro subitem, “Infra-estrutura de transporte existente (público e privado)”, do item “Transporte” do *livro*, excluindo-se a sentença final, sobre os táxis, devidamente alocada na seção sobre essa modalidade no *relatório da cidade*. Entre os ônibus, decidiu-se trocar a quantidade de ônibus, corredores, a adaptação ao padrão europeu e sistemas de informação do *livro* pela quantidade de linhas (1.300), de pessoas atendidas (5,5 milhões, mais de 229 mil por hora) e de ônibus especiais para o Morumbi. Sobre o metrô e o trem, o texto tem mais alterações, atualizando alguns números como, no caso do metrô, as seis linhas, o número de usuários diários (3,3 milhões) e os planos da construção da Linha 4, valorizando a distância do estádio (1.180 metros) “a ser percorrida em terreno plano em meio a uma agradável avenida arborizada”. A imagem é outra repetição do *Bid Book de São Paulo*, da plataforma de estação do metrô, com pessoas esperando e, aparentemente, um vagão chegando.

Sem acesso a outros *relatórios da cidade*, já que, segundo Luiz Sales, coordenador do *livro* e funcionário da SPTuris, houve uma “série do tipo”, fica impossível dizer o que mudou entre esses vários documentos ao longo do momento em que São Paulo esteve como *candidata*

*protagonista*. Pela palavras do coordenador, imagina-se que o padrão tenha sido o mesmo, com o foco nas questões técnicas, atualizando-se o item “Diagnóstico da situação física do Estádio”, aquele da classificação, item por item, entre “bom”, “regular” e “necessidade de reforma”. Quando do nosso encontro, ao passar-me os documentos, avisou sobre o seu conteúdo:

Aí [no relatório da cidade] **as demandas eram muito mais específicas**. Por exemplo, em Bid Book [de São Paulo] a gente quase não tratou de estádio. Tratou, mas não com a profundidade necessária. A partir da confirmação, aí a gente começou a trabalhar muito em cima de estádio. **As informações eram principalmente relacionadas ao local dos jogos. Teve uma série de relatórios que a gente teve que entregar. Eles mandavam [questões] e a gente tinha que responder. A gente teve que fazer entregas mais concretas. Você vai ver um relatório basicamente sobre estádio.** (Luiz Sales, em entrevista de 17/12/2015 - grifo nosso)

Da fala de Sales apresentada acima, chamo a atenção novamente para o trecho em que fala que foi feita “uma série de relatórios”. Mais adiante em nossa conversa, ele explicou que nessa “série” estavam relatórios demandados por outros grupos, que não apenas o de especialistas da FIFA. A SPTuris teve de preparar relatórios para prestar contas em nome da própria empresa, da Prefeitura e do Governo do estado. Sales, porém, não soube precisar quantos foram feitos, muito menos em particular para a FIFA. De qualquer maneira, pelas datas dos documentos que dão as garantias do poder público presentes no *relatório da cidade*, o do Governo Estadual, em particular, do dia 12 de janeiro de 2009, quatro meses antes, portanto, da oficialização das cidades-sede da Copa do Mundo; pelo simples fato de esses documentos fazerem parte do *relatório da cidade*, indicativo de versão final, o que, provavelmente, não aconteceria em rascunhos ou primeiros relatórios; pelas notícias de jornais vasculhadas por esta dissertação dizendo que o “relatório final” teria sido entregue no dia 15 de janeiro de 2009<sup>260</sup>; e entendendo o tempo para a produção de outro(s) relatório(s) com grande quantidade de informações, e a necessidade de aguardar, segundo Luiz Sales, a avaliação e demandas da FIFA, enviando novas perguntas ou solicitações de informação; tudo isso leva a crer que o *relatório da cidade* que analisamos nesta seção é o último da “série”, digno de ser entendido como

---

<sup>260</sup> Segundo a reportagem “De olho na Copa, cidades abrem cofre”, publicada na edição de 18 de janeiro de 2009 na página D1 da *Folha de S.Paulo*, “Na última quinta, as candidatas [a cidade-sede da Copa do Mundo de 2014] entregaram relatório básico à FIFA”. A última quinta, em relação à data dessa publicação, seria o dia 15 de janeiro de 2009. Outra reportagem, “saiba mais - Dinheiro não pagaria meio Maracanã”, publicada em 23 de janeiro de 2009 na página D3 da mesma publicação, também fala que “O relatório final dos municípios interessados em hospedar partidas do Mundial foi entregue na semana passada à FIFA”, só não precisa em que data. E, por fim, a reportagem “FIFA vem ao Brasil para assistir a vídeos”, capa do caderno “Cotidiano” da *Folha* em 31 de janeiro de 2009, garante que “a base da análise dos inspetores será feita em cima dos projetos enviados pelas cidades sobre sua infraestrutura e os estádios”.

responsável, conseqüentemente, pela última imagem construída a respeito de São Paulo perante seus avaliadores e, portanto, de suma importância naquela que viria a ser a bem-sucedida campanha da capital paulista.

Diante desta constatação, a de que o *relatório da cidade* é o último produzido por São Paulo enquanto esteve como *candidata protagonista*, o único a que tive acesso para esse momento da candidatura, chega-se a duas conclusões iniciais: com páginas dedicadas em sua maior parte às garantias do poder público e de investidores e às informações técnicas sobre estádio, temos um documento de conteúdo focado principalmente nas questões técnicas e burocráticas; com a parte que dá margem à venda de cidade reduzida, repetem-se e atualizam-se informações, com poucas novidades, como mais detalhes da história do Morumbi e do bairro e características da região em que se encontra, vemos aqui um documento incapaz de estabelecer a mesma imagem do *livro*, aprofundar aquela ou ainda trocá-la. Logo, com mais técnica e burocracia e menos venda, a imagem da cidade de São Paulo (ou ainda a imagem que se pretendeu estabelecer e/ou a imagem captada pelos avaliadores da FIFA) parece estar concentrada essencialmente no *Bid Book de São Paulo*. Com a capital paulista sem a mesma margem para vender a cidade, e a FIFA aparentemente contente com o que se apresentou no momento anterior, enquanto *candidata coadjuvante*, restringe-se à construção da imagem enquanto *candidata protagonista*, fazendo do *livro*, assim, o mais importante documento no que diz respeito à venda da cidade no processo de candidatura a sede da Copa.

## CAPÍTULO 3

### 3.1 Considerações iniciais

#### *A respeito do objetivo da análise dos jornais*

Os jornais diários têm como preocupação e objetivo levar ao leitor as notícias que considera as mais importantes e/ou relevantes do dia anterior, não importa se na própria cidade e país em que se situa (no caso da *Folha de S.Paulo*, em São Paulo e no Brasil) ou no mundo. A seleção, a curadoria, a hierarquia, a abordagem, as fontes, os dados, o recorte e o tamanho, enfim, a maneira com que se apresentam as notícias, ainda que, aparentemente, sugiram a filiação a uma tradição jornalística comum a todos os principais veículos de que temos conhecimento, revelam o alinhamento com os princípios editoriais divulgados e estabelecidos (em manuais de redação e frequentemente repetidos em editoriais, onde se registram as opiniões da publicação), preferências “pessoais” (da família que controla o jornal ao perfil dos funcionários contratados) e, em última instância, uma visão de mundo, um posicionamento para cada tema e, sim, uma ideologia.

Ainda que esta pesquisa seja baseada na versão impressa dos jornais diários, estou ciente da importância (cada vez maior) da versão on-line. No período recortado, porém, a versão impressa ainda era o carro-chefe da *Folha de S.Paulo*, assim como de outras publicações. E, ainda hoje, a versão on-line utiliza a impressa como referência, seja para dela se servir e oferecer aos internautas as mesmas notícias, seja para a ela se anteciper e prover ao impresso um primeiro rascunho.

Tendo em vista essas considerações, diferentemente dos documentos produzidos com e para uma meta pontual e definida, a análise dos jornais não terá um antes e depois, de como foram produzidos e como acabaram recebidos. Não há aqui como averiguar de que forma os textos e as mensagens foram assimilados por seus leitores e reprodutores (TV, rádio e diversos outros veículos de comunicação, por mais que produzam suas próprias notícias, também repercutem, aprofundam e dialogam com aquelas dos jornais diários). O que farei, portanto, será discutir que tipo de imagens e quais temas, principalmente por sua frequência e destaque no noticiário, foram, na visão do jornal, os mais importantes e relevantes e, por isso, provavelmente, os maiores potencializadores de uma determinada imagem a respeito da cidade



de São Paulo. Logo, de como a capital paulista é vista por seus produtores, como deve ser comprada por seus leitores e disseminada por seus reprodutores, formando assim o que, costumeiramente, convencionou-se chamar de opinião pública.

### *A respeito da metodologia na análise dos jornais*

Para direcionar a análise dos jornais, levantei minuciosamente as principais “tags” (as palavras-chave que representam um assunto ou tema específicos) abordadas a cada edição da *Folha de S.Paulo* no período recortado para esta dissertação, entre dezembro de 2006 e maio de 2009 (ou seja, por 30 meses, o equivalente a 547 dias). Como resultado, cheguei a números finais capazes de indicar as *tags*, por assim dizer, campeãs em quantidade de aparições no jornal e, logo, entender quais os assuntos mais frequentes e de maior interesse da publicação e/ou de seu público. Esses dados sozinhos, porém, não dão conta da compreensão de como a publicação atuou e participou na construção de uma determinada imagem a respeito da cidade de São Paulo. É preciso ir além.

Os números finais dessas *tags* mais bem ranqueadas serão apresentados e comentados no item que vem logo a seguir [*As tags campeãs de aparições*], mas antes é necessário explicar de que forma utilizei e interpretei esses mesmos dados ao longo do **Capítulo 3.2 Jornais**.

Afinal, apesar de as *tags* campeãs de menções representarem assuntos identificados na capa da *Folha*, em “Cotidiano”, “Esporte” e outros cadernos que só foram vasculhados por, de alguma forma, evidenciarem São Paulo, como está detalhado nos **ANEXOS 4 e 5**, decidi focar a análise a partir daquilo que esteve estampado nas primeiras páginas de cada edição, entendendo serem essas não só o ponto de partida da maioria dos leitores, um guia de referência para a leitura de qualquer um, mas principalmente um documento refletindo diariamente a hierarquia de escolha das notícias, um perfil de decisões e preferências editoriais, a ideologia da publicação. Isso não significa que os números finais do levantamento de *tags*, importantes para se compreender os assuntos abordados com mais frequência, foram abandonados. Pelo contrário. Baseado nesses números finais, ciente dos assuntos mais abordados no período supracitado, é que retornei ao acervo para a análise das capas da publicação. Em outras palavras, os dados indicaram o caminho para as notícias que seria importante detalhar de modo a construir tanto um perfil do jornal, como um indicativo de seu olhar sobre a cidade, construindo uma imagem à vista dos leitores, contribuindo para o imaginário a respeito da capital paulista. Quando percebi ser oportuno, pela frequência na capa em determinado momento, ainda que mal

ranqueados no levantamento final de *tags*, ou fora da capa, e ainda assim recorrentes nas páginas internas, analisei assuntos específicos e, em outros casos, acoplei-os à análise daqueles considerados os mais importantes.

Em razão dessa escolha de priorizar a análise dos destaques das capas, cabe uma segunda explicação metodológica, a de como diferenciei e, de certa forma, hierarquizei esses destaques - ciente de que não será possível reproduzir todas as primeiras páginas ou imaginar que os leitores desse trabalho acessarão o acervo digital da *Folha de S.Paulo*. Esse termo que acabei de usar, destaque, será comum para me referir a todo e qualquer assunto presente na capa, não importando o tamanho do título e/ou subtítulo, se com ou sem subtítulo e se com ou sem foto - basta estar na primeira página do jornal. A diferenciação dos destaques ampara-se no tamanho, na disposição e na localização do título. Aqueles centrais, com fontes maiores e, geralmente, logo abaixo do cabeçalho comum a todas as edições da publicação, são exemplos de uma manchete principal [FIGURA 1 do **ANEXO 6**] — assim rapidamente percebida mesmo pelos leigos, inclusive pelo assunto, o mais relevante e/ou impactante dentre o noticiário apresentado naquela edição. As manchetes que se assemelham a essa principal, mas em fontes menores, relativamente próximas ao centro e com um título geralmente em uma linha - e que até pode ser dividido em duas - são as manchetes secundárias [FIGURA 2 do **ANEXO 6**]. Manchete principal, como diz a própria nomenclatura, é apenas uma por edição. O número de manchetes secundárias varia, de acordo com os fatos e as escolhas editoriais, e elas podem ou não ser complementares à principal. Quando o título acaba por se dividir de três linhas para mais, formando um bloco, geralmente ao lado de outros blocos iguais ou preenchendo uma coluna de cima a baixo, temos uma chamada [FIGURA 3 do **ANEXO 6**]. Manchetes principais, manchetes secundárias ou chamadas podem ou não estar acompanhadas de imagens que ilustram o assunto abordado ou complementam informações. Pode acontecer de o assunto ser abordado apenas no título da imagem e na própria legenda, o que entenderemos como uma chamada com foto [FIGURA 4 e FIGURA 5 do **ANEXO 6**]. Pode ocorrer, ainda, de o tamanho da foto destoar da aparente relevância do destaque, com chamadas em que a foto é gigante e, claramente, a principal da primeira página, por esse tamanho e pela centralidade [FIGURA 6 do **ANEXO 6**]. Quando isso acontece é como se, apesar de haver apenas uma manchete principal por edição, essa foto principal trouxesse para a frente, aos olhos dos leitores, um segundo assunto que rivaliza em importância, superando e/ou equivalendo-se às manchetes secundárias - seja por uma escolha estética do editor, que preferiu a imagem do segundo assunto mais importante do dia, ou como uma forma de conciliar os dois ou três assuntos próximos em importância. A ordem seria: manchete principal, manchetes secundárias e chamadas. Como as

fotos têm papel crucial em qualquer capa, a ordem, em grau de importância, fica (e deve assim ser entendida aqui): manchete principal, chamada com a foto principal/manchete secundária, chamada com foto e chamada.

### *As tags campeãs de aparições*

No período entre dezembro de 2006 e maio de 2009, ou seja, no período recortado por este trabalho, enquanto São Paulo esteve como candidata a cidade-sede da Copa do Mundo de 2014 (enquanto *coadjuvante* e, depois, enquanto *protagonista*), a *tag* mais frequente na *Folha de S.Paulo*, segundo meu levantamento, foi a de violência. Como essa palavra-chave não diz respeito apenas a casos que envolvem o contato ou a disposição ao contato físico, podendo incluir aí preconceito ou ilegalidades, por exemplo, dos bingos, é um indicativo do olhar do jornal, não exclusivo para o tipo de violência a que rapidamente associamos a palavra, de roubos, assaltos, crimes passionais, quadrilhas, gangues, tráfico de drogas, chacinas, brigas, mas também a todo tipo de irregularidade que atente contra a ordem e o suposto bom funcionamento do Estado - o que seria, de certa forma, toda e qualquer violência contra o *status quo*. De um total de 21.515 *tags* registradas nesse recorte, 2.990 foram de violência, o equivalente a aproximadamente 14% do total.

Em seguida, ocupando segundo, terceiro, quarto e quinto lugares desse ranking de *tags* de notícia, numa espécie de Top 5, temos: cidade (1.612 - 7%), esporte em sampa (1.337 - 6%), administração (1.306 - 6%) e acidente (1.273 - 6%). Essas cinco *tags* representam, somadas, 40% do total das *tags* levantadas. Se aumentarmos aquelas consideradas as primeiras ranqueadas para 11, temos ainda: trânsito (1.186 - 6%), corrupção (1.083 - 5%), educação (864 - 4%), tragédia (851 - 4%), saúde (827 - 4%) e transporte (774 - 4%). Como listei 33 *tags*, esse seria, então, o terço de assuntos mais frequentes, representando cerca de 66% das aparições de *tags*, como se dominassem o noticiário, e, por isso, assuntos merecedores de exemplos e análises aprofundadas.

Antes de começar essa análise dos temas identificados como os mais frequentes em todo o período, convém esclarecer que a escolha deveu-se à percepção da manutenção da maioria dos campeões de frequência do Top 11. Desse terço, resultado de um cômputo geral nos 30 meses, apenas dois (educação e saúde) estavam fora no mesmo Top 11 do momento enquanto *candidata coadjuvante* (dezembro de 2006 a outubro de 2007) e três (acidente, tragédia e transporte) do momento enquanto *candidata protagonista* (novembro de 2007 a maio de 2009).

As duas *tags* relacionadas ao tema da Copa do Mundo, aquela que diz respeito ao evento de forma generalizada (copa do mundo) e aquela específica para a capital paulista (copa em sampa), têm, em conjunto, participação de 4% no total de *tags* levantadas no recorte desta dissertação. Como *candidata coadjuvante*, chegou a 6%, mas como *candidata protagonista* caiu para 3%. Para mais detalhes e gráficos dos números acima comentados, veja o **Anexo 7**.

### 3.2 Se espremer, sai sangue

Como é possível perceber nos gráficos do **Anexo 7**, a *tag* de violência é a mais frequente nos dois momentos da candidatura de São Paulo a cidade-sede da Copa do Mundo de 2014, só variando a porcentagem enquanto *candidata coadjuvante* (970 - 11%) e *protagonista* (2.020 - 16%). Esse aumento de 5% deve-se principalmente a um episódio específico, o “caso Isabella”, em que Isabella Nardoni, menina de cinco anos de idade, foi assassinada na noite de 29 de março de 2008 pelo casal Alexandre Nardoni e Anna Carolina Jatobá, pai e madrasta da criança, respectivamente, ao ser empurrada do sexto andar de um prédio no bairro do Carandiru, na Zona Norte da cidade. Esmiuçarei, por isso, a cobertura do crime e comentarei outros padrões captados na análise.

Outras três *tags* do momento enquanto *candidata coadjuvante*, exatamente segunda, terceira e quarta colocadas em aparições entre dezembro de 2006 e outubro de 2007, acidente (808 - 9%), tragédia (692 - 8%) e caos aéreo (611 - 7%), foram utilizadas em conjunto e têm suas posições justificadas por se referirem à “tragédia em Congonhas”, no episódio de 17 de julho de 2007, considerado o “pior” da aviação brasileira, quando o Airbus A320 da TAM atravessou duas pistas da Avenida Washington Luís, na Zona Sul, tentando aterrissar, “explodiu ao se chocar contra um prédio da própria companhia” e culminou na morte de 199 pessoas. Duas dessas *tags*, acidente e tragédia, têm números altos em razão também de outra tragédia, explicando as colocações das *tags* administração (549 - 6%) e transporte (406 - 4%), quinta e nona, respectivamente, ainda no momento enquanto *coadjuvante*, por representarem, também em conjunto, a “cratera do metrô”, aberta na construção da linha 4 do metrô, da então futura estação Pinheiros, em bairro de mesmo nome, na Zona Oeste, em acidente de 12 de janeiro de 2007 que causou sete mortes. Por se tratarem de dois episódios explorados em muitas edições da *Folha de S.Paulo*, em termos de quantidade de dias e sequência de edições, assim como no “caso Isabella”, terão análise mais detalhada.

Se o caso Isabella ocupou as páginas do jornal enquanto São Paulo esteve como *candidata protagonista*, entre novembro de 2007 e maio de 2009, antes disso, enquanto esteve como *candidata coadjuvante*, de dezembro de 2006 a outubro de 2007, das 8.532 *tags* levantadas, 4.036 representaram as seis *tags* responsáveis por retratar a “tragédia em Congonhas” e a “cratera do metrô” (violência, acidente, tragédia, caos aéreo, administração e transporte), fazendo com que quase metade (47%) das *tags* nesse primeiro momento de 11 meses fosse sobre violência e tragédia. Em outra conta, podemos pensar que, com esses três episódios, dentro de 30 meses aqui analisados, é como se a cada dez meses tivéssemos o registro de ao menos uma tragédia. Lembrando o que se dizia de outro jornal, do mesmo grupo que dirige a *Folha de S.Paulo*, o *Notícias Populares*, extinto em 2001, é tanta desgraça junta e em sequência que, “se espremer, sai sangue”.

### *Trinta meses, duas tragédias e o caso Isabella*

Mais do que a quantidade de reportagens sobre a “tragédia em Congonhas”, a “cratera do metrô” e o “caso Isabella”, chama a atenção a quantidade de vezes em que ao menos um deles esteve entre os destaques da capa da *Folha de S.Paulo* durante os 30 meses do recorte: pouco mais de 10% dos dias. Equivale a dizer que, juntos, os três episódios, poderiam, com ao menos um em destaque por edição, garantir a presença de, no mínimo, chamadas na primeira página por mais de três meses. Por se tratar de histórias chocantes, a decisão de mantê-las em evidência indica uma visão de mundo da publicação; uma visão de mundo que passa pela visão de São Paulo e, logo, pela construção da imagem (ou de parte dessa imagem) da cidade, em certa medida, catastrofista.

A “cratera do metrô” variou, por exemplo, entre a manchete principal e a chamada com a foto principal por dez dias, entre 13 de janeiro de 2007, dia seguinte ao desastre, e 22 do mesmo mês. Dez dias seguidos, portanto. No primeiro dia, a manchete principal estampou: “Desastre no metrô abre cratera em SP”<sup>261</sup>. Em cima desse título, que se estendia de uma ponta à outra da primeira página, uma imagem aérea capaz de dar a dimensão do tamanho do buraco aberto, de um caminhão caído, ao centro, e outros, nas bordas do nível da rua, prestes a ter o mesmo destino. Ao lado dessa foto, uma coluna laranja com três depoimentos: o de José Esmeraldino dos Santos, operário que estava no túnel em construção da linha 4 do metrô,

---

<sup>261</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Desastre no metrô abre cratera em SP”. São Paulo, 13/01/2007, p. A1.

passando a sensação de susto e medo de alguém realmente por dentro do acidente (“Nós vimos umas pedrinhas caindo. Aí corremos para sair. Depois de um tempo, o chão começou a tremer e desabou tudo”); o de Simone Rocha, técnica de seguros e moradora da Rua Capri, próxima do local, no bairro de Pinheiros, Zona Oeste da cidade, repercutindo a insegurança e o inconformismo dos moradores dos arredores (“Ninguém explica nada sobre o que aconteceu. Não sabemos nem quando poderemos voltar para casa”); e do prefeito paulistano da época, Gilberto Kassab, com um posicionamento oficial do poder público, explicando a situação e tentando passar calma (“Existe a possibilidade de o deslizamento continuar. Isolamos o local, e equipes farão um monitoramento constante”). Um infográfico abaixo da manchete principal procurava identificar para o leitor a região em que ocorreu o acidente, com pontos de referência próximos, como o prédio da Editora Abril e o Edifício Passarelli, que ficam na marginal Pinheiros, além da própria via expressa e do rio de mesmo nome. Esses aspectos levantados na capa do jornal aprofundam-se no caderno “Cotidiano”, especulando-se sobre as causas<sup>262</sup>; analisando o incidente, com um infográfico de grandes proporções<sup>263</sup>; ouvindo autoridades legais<sup>264</sup>, responsáveis pela obra<sup>265</sup> e pessoas diretamente envolvidas, como moradores<sup>266</sup>, operários<sup>267</sup> e apontando possíveis vítimas<sup>268</sup>.

Como os dias seguintes concentraram-se nas buscas na cratera por sobreviventes e vítimas, como indicava ser a tendência a partir do segundo dia de cobertura, em 14 de janeiro, “Equipes buscam soterrados no metrô”<sup>269</sup>, o noticiário também concentrou-se nesse processo<sup>270</sup>, nas novidades quanto aos corpos que iam sendo encontrados e no drama dos familiares, ao visitarem o local, ao serem informados da morte ou em enterros. Aos poucos, começaram os destaques para as investigações a respeito das causas, de eventuais culpados por

---

<sup>262</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Chuva e solo mole podem ter afetado obra”. São Paulo, 13/01/2007, p. C7.

<sup>263</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Para Metrô, era possível prever acidente”. São Paulo, 13/01/2007, p. C6.

<sup>264</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Governador diz que metrô irá investigar causas de acidente”. São Paulo, 13/01/2007, p. C6.

<sup>265</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Odebrecht é responsável pelas obras”. São Paulo, 13/01/2007, p. C6.

<sup>266</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Moradores já temiam acidente em obra”. São Paulo, 13/01/2007, p. C4.

<sup>267</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “‘O chão tremeu e desabou tudo’ diz operário”. São Paulo, 13/01/2007, p. C3.

<sup>268</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Microônibus some na hora do acidente”. São Paulo, 13/01/2007, p. C3.

<sup>269</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Equipes buscam soterrados no metrô”. São Paulo, 14/01/2007, p. A1.

<sup>270</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Resgate localiza van nos escombros”. São Paulo, 15/01/2007, p. A1.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Dois corpos são achados nas crateras”. São Paulo, 16/01/2007, p. A1.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Bombeiros retiram 2º corpo da cratera”. São Paulo, 17/01/2007, p. A1.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Corpo de motorista é retirado da cratera”. São Paulo, 18/01/2007, p. A1.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Resgate corta van e retira 3 corpos”. São Paulo, 19/01/2007, p. A1.

erros e/ou negligências<sup>271</sup> - o que já vinha sendo abordado no “Cotidiano”. Nesse primeiro momento, a edição de 21 de janeiro ainda permitiu o que no jornalismo chama-se de “matéria de serviço”, trazendo o assunto para o dia a dia, logo na capa, da lição que gostaria de passar: “O que levar quando sua casa está prestes a cair”<sup>272</sup>. Se a ideia de uma publicação com tendência catastrofista parecia exagero por parte do pesquisador, bastava folhear o caderno dominical “Revista” para verificar a importância dada à prevenção contra esse tipo de tragédia - que, convenhamos, é pouco comum e improvável de se repetir em tão pouco tempo. A capa da “Revista” alarmava, em letras gigantes: “5 minutos - Se fosse esse o tempo que resta para tirar algo de casa, que parte da sua história salvaria?”<sup>273</sup>.

De qualquer maneira, depois dos 20 primeiros dias de cobertura, em fevereiro de 2007, a “cratera do metrô” reapareceu na capa com novidades que poderiam mudar o curso das investigações<sup>274</sup>; o vaivém da retomada das obras<sup>275</sup>; os fatos relacionados aos familiares das vítimas, como o nascimento do filho de um dos falecidos<sup>276</sup>; ou sobre moradores que puderam retornar às casas próximas do acidente<sup>277</sup> e os que ainda esperavam, vivendo em hotéis<sup>278</sup>. Em março, iniciou-se o acompanhamento do trabalho da perícia. Os funcionários do IPT (Instituto de Pesquisas Tecnológicas) chegaram ao fundo do buraco só em novembro<sup>279</sup>, mês em que se

---

<sup>271</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Após desastre, Serra anuncia inspeção na linha 4 do metrô”. São Paulo, 20/01/2007, p. A1.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Metrô optou por método mais arriscado”. São Paulo, 21/01/2007, p. A1.

FOLHA DE SÃO PAULO. “‘Somatório de erros’ causou acidente no Metrô, afirma IPT”. São Paulo, 22/01/2007, p. A1.

<sup>272</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Cratera em São Paulo - O que levar quando sua casa está prestes a cair”. São Paulo, 21/01/2007, p. A1.

<sup>273</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “5 minutos”. São Paulo, 21/01/2007, p. - revista da Folha - 1.

<sup>274</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Fiscais citam 46 problemas na linha 4 do metrô de SP”. São Paulo, 08/02/2007, p. A1.

<sup>275</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Governo suspende obra do metrô de SP”. São Paulo, 15/02/2007, p. A1.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Pareceres do IPT não autorizam retomada das obras no metrô”. São Paulo, 30/03/2007, p. A1.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Com inspeção, obra do metrô será retomada”. São Paulo, 03/04/2007, p. A1.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Retomada adiada”. São Paulo, 06/04/2007, p. A1.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Retomada”. São Paulo, 10/04/2007, p. A1.

<sup>276</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “cotidiano - Nasce Kauã, filho de vítima do acidente do metrô”. São Paulo, 23/02/2007, p. A1.

<sup>277</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Laudo libera volta de famílias a área do metrô”. São Paulo, 23/03/2007, p. A1.

<sup>278</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “revista - ‘Despejados’ pela cratera do metrô contam como é morar em hotéis”. São Paulo, 01/07/2007, p. A1.

<sup>279</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Após 10 meses, perícia chega ao fundo da cratera do metrô”. São Paulo, 15/11/2007, p. C7.

falou em transformar o local em praça<sup>280</sup>. Perto do fim do ano, as escavações ainda encontraram “pedaços de ossos, provavelmente um antebraço” que poderiam ser de uma oitava vítima<sup>281</sup>.

Em 11 de janeiro de 2008, praticamente um ano depois do incidente, a *Folha de S. Paulo* voltou a abordar o assunto em sua capa com uma foto atualizada da cratera do metrô e o título “Fratura exposta”<sup>282</sup>, com previsão de divulgação dos trabalhos da perícia para agosto<sup>283</sup>. Esse laudo do IPT, aliás, confirmou o eixo central da cobertura. Em março, a Promotoria já via indícios de que o projeto de construção da estação Pinheiros sofrera alterações<sup>284</sup>. Essa opinião parcial apressou o consórcio responsável pelas obras (Via Amarela) a também divulgar sua versão, uma semana depois, elaborada por uma consultoria contratada, alegando “fatalidade” causada por “uma anomalia geológica”<sup>285</sup>. As duas informações foram chamadas da primeira página do jornal. Em abril, os peritos deixaram a cratera<sup>286</sup>, e um consultor do consórcio negou que uma explosão realizada sete horas antes da tragédia pudesse ter contribuído<sup>287</sup>. Retomaram-se as obras em maio<sup>288</sup>.

Dois meses antes da previsão de divulgação do laudo, estipulada para agosto de 2008, mais precisamente em 7 de junho, numa manchete secundária, a publicação apontou, parecendo querer encerrar as dúvidas, que: “Laudo culpa empreiteiras por cratera no metrô”. O resumo da manchete explicava que se constataram “falhas do Consórcio Via Amarela como principais fatores”. E, ainda, que “o relatório considera ter havido descumprimento do projeto pelo consórcio, que, ante indícios do colapso, teria deixado de adotar medidas para sustentar a obra”<sup>289</sup>. No dia seguinte, com mais detalhes, esclareceu-se ainda, numa chamada sem foto, que “obra em túnel do metrô que ruiu era de qualidade baixa, afirma IPT”, que “o material usado

---

<sup>280</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Área da cratera do metrô vai virar praça”. São Paulo, 18/11/2007, p. C17.

<sup>281</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Escavação encontra ossos em cratera da estação Pinheiros”. São Paulo, 15/12/2007, p. C4.

<sup>282</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Fratura exposta”. São Paulo, 11/01/2008, p. A1.

<sup>283</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Laudo sobre cratera do metrô sai em agosto”. São Paulo, 11/01/2008, p. C3.

<sup>284</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Para Promotoria, projeto do metrô sofreu alteração”. São Paulo, 21/03/2008, p. A1.

<sup>285</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Cratera no metrô foi ‘fatalidade’, segundo laudo”. São Paulo, 28/03/2008, p. A1.

<sup>286</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Peritos deixarão cratera à 0h deste sábado”. São Paulo, 03/04/2008, p. C11.

<sup>287</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Explosão não contribuiu para cratera, diz técnico do consórcio”. São Paulo, 04/04/2008, p. C6.

<sup>288</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Obra do metrô Pinheiros será retomada”. São Paulo, 09/05/2008, p. C3.

<sup>289</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Laudo culpa empreiteiras por cratera no metrô”. São Paulo, 07/06/2008, p. A1.



na sustentação do túnel era deficiente” e “um mês antes de ruir, diz o laudo, o túnel dava sinal de ‘deslocamento contínuo’”<sup>290</sup>.

Foram seis meses de suspense de como o laudo seria usado pelos promotores. O metrô continuou vítima de notícias negativas. Em outubro, moradores do entorno da estação Butantã, outra da Linha 4-Amarela, em construção àquela época, reclamaram que suas casas estavam “com o piso afundando, com paredes rachadas e até escoradas com pedaços de ferro para não cair”. Segundo a reportagem da *Folha*, pelo menos 20 casas foram interditadas e 280 sofreram algum tipo de dano<sup>291</sup>. No mesmo mês, por mais que não dissesse respeito ao consórcio responsável pela construção da estação Pinheiros, e sim a todo o sistema de transporte metropolitano sobre trilhos, uma chamada sem foto relatou que a Justiça suíça acusava a Alstom de gastar US\$ 430 milhões em propina<sup>292</sup>. De acordo com a reportagem, “a principal suspeita” envolvia “o pagamento de US\$ 6,8 milhões a integrantes do governo paulista para ganhar licitação de US\$ 45 milhões do metrô”<sup>293</sup>.

Finalmente, em janeiro de 2009, ainda que sem o mesmo apelo de quando a tragédia aconteceu, quase dois anos antes, chamadas sem foto em dois dias seguidos revelaram que, baseada no laudo do IPT, a promotoria denunciou 13 pessoas (“oito integrantes do consórcio e cinco do metrô”)<sup>294</sup> e a Justiça acatou<sup>295</sup> a denúncia. Do pouco que se encontra a respeito do episódio nos últimos anos, o processo ainda estaria tramitando, principalmente pela dificuldade em ouvir as 112 testemunhas<sup>296</sup>. Certo é apenas que a estação Pinheiros foi inaugurada em maio de 2011, três anos depois do prometido, com o governador Geraldo Alckmin enfrentando na ocasião protesto de familiares das vítimas<sup>297</sup>.

---

<sup>290</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Obra em túnel do metrô que ruiu era de qualidade baixa, afirma IPT”. São Paulo, 08/06/2008, p. A1.

<sup>291</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Obra do metrô danifica e até afunda casas no Butantã”. São Paulo, 07/10/2008, p. C1.

<sup>292</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Alstom gastou US\$ 430 mi em propinas, acusa Justiça da Suíça”. São Paulo, 29/10/2008, p. A1.

<sup>293</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Propina da Alstom chega a US\$ 430 mi, afirma Suíça”. São Paulo, 29/10/2008, p. A4.

<sup>294</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Promotoria de SP denuncia 13 por cratera em obra do metrô”. São Paulo, 06/01/2009, p. A1.

<sup>295</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “cotidiano - Justiça aceita denúncia contra 13 por cratera no metrô paulistano”. São Paulo, 07/01/2009, p. A1.

<sup>296</sup> A reportagem mais recente encontrada é da Rede Brasil Atual, de janeiro de 2014: “Sete anos depois, ninguém foi julgado pelas mortes em cratera do metrô de São Paulo”. Publicada em seu site no dia 12 de janeiro de 2014, pode ser lida no link abaixo:  
<http://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/2014/01/responsabilidades-pelo-acidente-da-estacao-pinheiros-do-metro-caminham-para-prescricao-3866.html>

<sup>297</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Governo afirma que entrega 1ª fase da linha em outubro”. São Paulo, 17/05/2011, p. C3.

A “tragédia em Congonhas”, por sua vez, pelo número de mortes (199), a classificação como o mais letal desastre da aviação brasileira pela *Folha de S.Paulo* e, logo, pela comoção gerada, mereceu maior número de dias presente na primeira página do jornal, caderno quase exclusivo sobre o assunto e até o que se pode chamar de uma identificação especial nas páginas internas. Permaneceu entre os destaques por 20 dias, o dobro do tempo da “cratera do metrô”, e com um *status* diferente. Na edição do dia seguinte ao desastre, em 18 de julho de 2007, a capa inteira noticiava o acontecido, com um título em letras garrafais, em duas linhas: “Airbus da TAM com 176 atravessa via, bate e explode em Congonhas”<sup>298</sup>. Abaixo, a imagem gigante dos bombeiros tentando conter o fogo à frente e no alto, com destroços do avião em evidência, especialmente do leme, na parte de trás, vermelho e com o logo da TAM inscrito em letras brancas. Não havia manchetes ou chamadas de outros assuntos. Uma manchete secundária registrava, entre aspas, um depoimento de quem acompanhou o ocorrido (“‘Surgiu um clarão que parecia fim do mundo’”<sup>299</sup>), uma chamada criticava a localização de Congonhas e relembrava outros problemas recentes ligados à aviação nacional (“Metrópoles não têm aeroporto tão movimentado”<sup>300</sup>) e um infográfico tentava explicar a sequência de acontecimentos que resultaram no acidente. No pé da página, informações como o número de páginas da edição, de exemplares em circulação, resumo das condições climáticas na cidade, título dos editoriais da A2, quais placas estariam no rodízio de carros e um selo em razão dos Jogos Pan-Americanos do Rio de Janeiro.

Essa quase exclusividade da “tragédia em Congonhas” na capa do jornal durou, como já dito, 20 dias. Entre 18 e 26 de julho, esteve como a capa inteira do jornal no primeiro dia (18<sup>301</sup>); ocupando praticamente a capa inteira do jornal, exceto por chamadas minúsculas de outros temas, nos três dias subsequentes (19<sup>302</sup>, 20<sup>303</sup> e 21<sup>304</sup>); preenchendo cerca de 2/3 (22<sup>305</sup>,

---

<sup>298</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Airbus da TAM com 176 atravessa via, bate e explode em Congonhas”. São Paulo, 18/07/2007, p. A1.

<sup>299</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Surgiu um clarão que parecia fim do mundo”. São Paulo, 18/07/2007, p. A1.

<sup>300</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Metrópoles não têm aeroporto tão movimentado”. São Paulo, 18/07/2007, p. A1.

<sup>301</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Airbus da TAM com 176 atravessa via, bate e explode em Congonhas”. São Paulo, 18/07/2007, p. A1.

<sup>302</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Mortes da tragédia chegam a 192; Infraero cogita falha mecânica”. São Paulo, 19/07/2007, p. A1.

<sup>303</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Avião da TAM tinha falha na frenagem”. São Paulo, 20/07/2007, p. A1.

<sup>304</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Governo limita uso de Congonhas”. São Paulo, 21/07/2007, p. A1.

<sup>305</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Paulistano defende Congonhas, mas com mudanças”. São Paulo, 22/07/2007, p. A1.

25<sup>306</sup>) ou metade (23<sup>307</sup>, 24<sup>308</sup> e 26<sup>309</sup>) da capa inteira do jornal. A partir de 27 de julho passou a variar entre as manchetes principal e secundária, no número de chamadas acopladas e se acompanhada ou não de foto. A partir de 7 de agosto, houve chamadas de desdobramentos, alguns que, por si só, começaram a se tornar outro assunto (como as decisões e o destino da cúpula da Agência Nacional de Aviação Civil, a Anac). A primeira ausência da primeira página veio em 11 de agosto. Dali em diante, sumiria por dias subsequentes até voltar, eventualmente, como em 9 de setembro, em razão de detalhes sobre a construção da praça no local do acidente<sup>310</sup>.

O caderno quase exclusivo leva esse “quase” porque, no primeiro dia de cobertura, em 18 de julho, foi mesmo um caderno exclusivo e, em seguida, por vários dias, praticamente o “Cotidiano” inteiro. No primeiro dia, com o título “Tragédia em Congonhas”, esse caderno exclusivo apresentava uma espécie de segunda capa, sem qualquer outra manchete ou chamada. A imagem ocupava cerca de 3/4 da página com o corpo de uma das vítimas embalada num saco amarelo, em primeiro plano, com bombeiros ao fundo tentando apagar o fogo. A cobertura concentrou-se em relatos de sobreviventes<sup>311</sup> e moradores<sup>312</sup>, dando detalhes de quem viveu e viu o que realmente aconteceu na hora do acidente; vítimas relativamente famosas, como um deputado do PSDB<sup>313</sup>; o trabalho dos bombeiros<sup>314</sup>; as primeiras pistas do que ocasionou o acidente<sup>315</sup>; o tamanho, a dimensão dos estragos<sup>316</sup> e as consequências, como a limitação das operações de Congonhas<sup>317</sup>. A partir de 19 de julho, segundo dia de cobertura, o “Cotidiano”, temporariamente, transforma-se em caderno “tragédia em Congonhas”, abrindo com essa segunda capa, tratando do assunto sempre com uma tarja vermelha, no alto de cada página, com

---

<sup>306</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Anac veta venda de bilhetes de Congonhas”. São Paulo, 25/07/2007, p. A1.

<sup>307</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Pista de Congonhas sob suspeita reabre amanhã”. São Paulo, 23/07/2007, p. A1.

<sup>308</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Empresas evitam Congonhas e caos piora”. São Paulo, 24/07/2007, p. A1.

<sup>309</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Congonhas terá vôos para apenas 6 destinos”. São Paulo, 26/07/2007, p. A1.

<sup>310</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “exclusivo - revista - Saiba como será a praça no local do acidente da TAM”. São Paulo, 09/09/2007, p. A1.

<sup>311</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Funcionária salta para fugir do inferno”. São Paulo, 18/07/2007, p. C2.

<sup>312</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Parecia uma bola de fogo, dizem moradores”. São Paulo, 18/07/2007, p. C5.

<sup>313</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Entre as vítimas, deputado do PSDB e empresários”. São Paulo, 18/07/2007, p. C3.

<sup>314</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Bombeiros levam mais de 4h para chegar aos destroços”. São Paulo, 18/07/2007, p. C4.

<sup>315</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Piloto foi alertado, dizem controladores”. São Paulo, 18/07/2007, p. C6.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Controladores dizem ter pedido fechamento da pista”. São Paulo, 18/07/2007, p. C7.

<sup>316</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Não sabemos a extensão dos danos, diz TAM”. São Paulo, 18/07/2007, p. C8.

<sup>317</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Para Infraero, reabertura de Congonhas deve ocorrer logo”. São Paulo, 18/07/2007, p. C10.

a inscrição “tragédia em Congonhas” e, nas últimas páginas, variando de um dia para o outro, sem essa tarja, notícias sobre outros temas rotineiros. Foram cinco dias em que o caderno direcionou-se quase que totalmente para o episódio. O “Cotidiano” continuou preenchido majoritariamente pelo assunto mesmo depois desse momento especial. Em 3 de agosto, perdeu a capa do caderno e, quatro dias mais tarde, a tarja.

Destaco, em particular, a capa do “Cotidiano”, transformado em “tragédia em Congonhas”, de 19 de julho, com uma faixa branca no centro, o texto “Mortos chegam a 192”<sup>318</sup>, e faixas, em cima e em baixo, totalmente preenchidas por nomes em sequência, registrando o nome completo de todas as vítimas. Uma proposta de humanização difícil, há de se comentar, por serem tantas pessoas, tantas histórias e, dado o nosso costume de banalizar tragédias e medi-las em números e não em vidas, que, nas páginas internas, seria corroborada pelo máximo possível de histórias que o jornal conseguiu reunir de cada uma dessas vítimas. Em quatro páginas (C6, C7, C8 e C9), a faixa de cima da página, cerca de 1/3 do total, reservava a seção “Quem são as vítimas”, apresentando, por vezes, apenas nomes; outros, com dados pessoais, como idade, profissão; e alguns, motivo da viagem; famílias inteiras<sup>319</sup>, grávidas e bebês<sup>320</sup>, tripulação<sup>321</sup> e até os pilotos<sup>322</sup> - nem todas com fotos.

Depois daquela notícia sobre como viria a ser a praça no local do acidente, em setembro de 2007, o assunto só voltou a ganhar notoriedade, a ponto de atingir a capa da *Folha* em julho de 2008, em razão da missa de um ano da tragédia celebrada pelos parentes das vítimas no local do acidente. O relatório da Aeronáutica veio à tona, mas não concluía “se ocorreu falha humana ou mecânica”<sup>323</sup> e decifrar de quem era a culpa mostrava-se um “enigma”. Novo intervalo na primeira página do jornal e retomada do assunto agora em novembro de 2008, primeiro com uma chamada para a especulação de quantos seriam os indiciados<sup>324</sup> e, depois, numa manchete secundária oficializando os dez nomes, entre estes, os dos ex-diretores de Anac [Denise Abreu] e TAM [Marco Aurélio Miranda], por atentarem “contra a segurança do transporte aéreo”, já

---

<sup>318</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Mortos chegam a 192”. São Paulo, 19/07/2007, p. C1.

<sup>319</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Avião trazia três famílias inteiras das férias no Sul”. São Paulo, 19/07/2007, p. C7.

<sup>320</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Bebês, idosas e grávidas estão entre vítimas”. São Paulo, 19/07/2007, p. C6.

<sup>321</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Grávida, comissária voltava de visita à mãe em Porto Alegre”. São Paulo, 19/07/2007, p. C9.

<sup>322</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Brincalhão, piloto tinha sido promovido havia apenas um mês”. São Paulo, 19/07/2007, p. C9.

<sup>323</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Oração em Congonhas”. São Paulo, 18/07/2008, p. A1.

<sup>324</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Acidente aéreo que matou 199 em SP deve ter dez indiciados”. São Paulo, 15/11/2008, p. A1.

que, “para a polícia, a liberação da pista de Congonhas não poderia ter ocorrido”<sup>325</sup>. Dentro do meu escopo, não há nada mais de tanta relevância que tenha merecido estar entre os destaques. Segundo a última notícia registrada na publicação sobre o episódio, em 1 de setembro de 2014, a “TAM sabia de risco em Congonhas e poderia ter desviado voo” e, por isso, o Ministério Público Federal pedia até 24 anos de prisão para os acusados. A praça-memorial na Washington Luís saiu em julho de 2012; o julgamento, ainda não<sup>326</sup>. No fim do meu recorte, na noite de 31 de maio para 1 de junho de 2009, outro acidente tomou o posto de pior acidente da história da América do Sul, o do voo Air France 447, quando a aeronave caiu no Oceano Atlântico no trajeto do Rio de Janeiro para Paris, deixando 228 mortos<sup>327</sup>.

A cobertura da “tragédia em Congonhas”, de forma geral, concentrou-se em aspectos que, como na “cratera do metrô”, estavam presentes já na primeira edição e aprofundaram-se, como contam as capas, e que tratam da atualização da tragédia, do número oficial de vítimas<sup>328</sup>, novidades a respeito das causas do acidente<sup>329</sup>, as consequências operacionais, como restrições do funcionamento de Congonhas<sup>330</sup>, e o debate sobre a manutenção de um aeroporto dentro do perímetro urbano. O Datafolha realizou até pesquisa de opinião sob o título de “Os paulistanos e a crise aérea”<sup>331</sup>.

O “caso Isabella”, por fim, teve uma trajetória particular e um tratamento peculiar. Como não se tratava de um desastre como os outros dois, não ganhou imediatamente um destaque maior na capa da *Folha de S.Paulo*, entre as manchetes, e muito menos um caderno especial. Ainda assim, a partir da primeira vez em que apareceu na primeira página, em 31 de março de 2008, permaneceu nesse espaço por 15 dias seguidos, portanto, mais do que a “cratera do metrô” e menos do que a “tragédia em Congonhas”, mas, ao fim do primeiro mês de cobertura, em 30 de abril, contou 27 dias entre os destaques - especificidades que dizem como o jornal entendeu e abordou o episódio.

---

<sup>325</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Polícia indiciou ex-diretores de Infraero e Anac”. São Paulo, 20/11/2008, p. A1.

<sup>326</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “TAM sabia de risco em Congonhas e poderia ter desviado voo, diz Airbus”. São Paulo, 01/09/2014, p. C3.

<sup>327</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Avião com 228 a bordo some no mar no trajeto Rio-Paris”. São Paulo, 02/06/2009, p. A1.

<sup>328</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Mortes da tragédia chegam a 192; Infraero cogita falha mecânica”. São Paulo, 19/07/2007, p. A1.

<sup>329</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Avião da TAM tinha falha na frenagem”. São Paulo, 20/07/2007, p. A1.

<sup>330</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Governo limita uso de Congonhas”. São Paulo, 21/07/2007, p. A1. FOLHA DE SÃO PAULO. “Pista de Congonhas sob suspeita reabre amanhã”. São Paulo, 23/07/2007, p. A1.

<sup>331</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Paulistano defende Congonhas, mas com mudanças”. São Paulo, 22/07/2007, p. A1.

Nessa primeira aparição noticiou-se que a menina de 5 anos morrera “após cair do sexto andar de um prédio de classe média na região do Carandiru (zona norte de SP)”<sup>332</sup>. Naquele momento, até se suspeitava de homicídio, mas o pai e a madrasta não eram considerados suspeitos<sup>333</sup>. A única página do “Cotidiano” dedicada ao episódio estampou fotos da fachada do prédio, assinalando com um círculo vermelho o apartamento dos Nardoni, da menina sorrindo e do pai e da madrasta, de costas, sendo levados para depoimento. Era como se, aos olhos da publicação, não passasse de um acidente mal explicado. No dia seguinte, 1º de abril, uma chamada sem foto na primeira página do jornal dizia que, segundo exames, a menina fora asfixiada<sup>334</sup>. Ainda assim, parecia haver certa resistência ou hesitação em aceitar que poderia se tratar de um homicídio. Agora na capa do “Cotidiano”, destacou-se em um quadro de memória “quatro crianças, quatro tragédias”, em que o de Isabella era descrito por “supostamente” ter caído, e onde se afirmava que “mesmo o fato de ela ter sido atirada do prédio está sob questionamento”. Os outros três eram, de fato, acidentes, de quedas de um “brinquedo que simula a queda de uma torre” e “de um tobogã”, e de criança “atingida por um poste derrubado por um ônibus”<sup>335</sup>. Numa segunda página, detalhou-se em infográficos “o que diz o pai sobre a morte da menina”, numa tentativa de reconstituição resumida dos fatos, “onde foram encontradas manchas de sangue”, com a planta do apartamento e sinalizações em vermelho, e “as marcas no corpo” de Isabella, que tinha hematomas e escoriações, entre outras<sup>336</sup>.

O assunto ganhou outra dimensão em 3 de abril, no quarto dia seguido na capa da *Folha*, quando, apesar de seguir como uma das chamadas, só que agora com uma notícia impactante, de que “Justiça ordena prisão do pai e da madrasta de Isabella”, mereceu a foto principal da edição, com peritos trabalhando na “reconstituição da morte de Isabella, no prédio do pai da menina”<sup>337</sup>. Em 4 de abril, nova chamada com a foto principal, a primeira escancarando os rostos de Alexandre Nardoni, o pai de Isabella, e de Anna Carolina Jatobá, a madrasta<sup>338</sup>. As imagens dos dois algemados, ainda que tenham escondido as correntes por debaixo de blusas, foram reservadas para a capa do “Cotidiano”, abordando o assunto em três páginas inteiras. Em

---

<sup>332</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Menina cai de prédio e morre; polícia vê crime”. São Paulo, 31/03/2008, p. A1.

<sup>333</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Menina morre após cair de prédio de SP”. São Paulo, 31/03/2008, p. C3.

<sup>334</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Menina achada morta em SP foi asfixiada, indicam exames”. São Paulo, 01/04/2008, p. A1.

<sup>335</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Peritos acham indícios de asfixia em Isabella”. São Paulo, 01/04/2008, p. C1.

<sup>336</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “IML encontra hematoma na nuca da criança”. São Paulo, 01/04/2008, p. C3.

<sup>337</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Justiça ordena prisão de pai e da madrasta de Isabella”. São Paulo, 03/04/2008, p. A1.

<sup>338</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Pai e madrasta se entregam e negam culpa”. São Paulo, 04/04/2008, p. A1.

5 de abril, apesar das defesas de pai e madrasta, começam a aumentar as suspeitas, como colocou a primeira manchete secundária com foto, em que “Promotor vê contradições no caso Isabella”<sup>339</sup>, com reportagens sobre como estaria sendo “seguir em frente” para os envolvidos, de como o pai e a madrasta passaram a noite em prisão temporária<sup>340</sup> e da mãe tendo de buscar trabalhos da filha na escola em que estudava<sup>341</sup>.

A *Folha*, então, como nos outros dois episódios, acionou seus colunistas e providenciou reportagens mais elaboradas. Primeiro, na edição dominical de 6 de abril, para apresentar artigos de dois de seus membros da área de saúde, um do psicanalista Francisco Daudet, intitulado “O horror da morte do filho”<sup>342</sup>, e outro da psicóloga Rosely Sayão, chamado de “A sociedade do espetáculo”<sup>343</sup>. Um quadro com cor destacada na capa de 8 de abril, com a tarja preta “histórias de violência”, destacava a história do sequestro do filho do quadrinista Mauricio de Sousa, a colunista vítima de “assaltante de bicicleta” no Rio de Janeiro e a conclusão dos peritos de que “Isabella foi atirada da janela”<sup>344</sup>. Dois dias depois, em 10 de abril, Contardo Calligaris provocou com o texto “Tragédia de Isabella expõe dificuldades da família ‘moderna’”<sup>345</sup>. Em nova edição dominical, a de 13 de abril, a “revista” tratou do “caso isabella” sob a ótica da “Luz no fim do crime”, a respeito do “arsenal tecnológico” usado pela perícia “para desvendar casos”<sup>346</sup> que, na capa do caderno e nas páginas da reportagem, ainda ganhou *status* de “investigação ‘high tech’”<sup>347</sup> e “CSI brasileira”<sup>348</sup>; articulista do “Mais” lembrou que “Demonizar pai de Isabella pode ajudar a exorcizar algo que tememos”<sup>349</sup> e registrou-se que o

---

<sup>339</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Promotor vê contradições no caso Isabella”. São Paulo, 05/04/2008, p. A1.

<sup>340</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Ela chora e fala dos filhos, diz pai de suspeita”. São Paulo, 05/04/2008, p. C3.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Pai de Isabella passou a noite só, no chão da cela”. São Paulo, 05/04/2008, p. C3.

<sup>341</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Mãe de Isabella vai à escola pegar trabalhos feitos pela filha”. São Paulo, 05/04/2008, p. C2.

<sup>342</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “O horror da morte do filho”. São Paulo, 06/04/2008, p. C5.

<sup>343</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “A sociedade do espetáculo”. São Paulo, 06/04/2008, p. C5.

<sup>344</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Peritos concluem que Isabella foi atirada da janela”. São Paulo, 08/04/2008, p. A1.

<sup>345</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Tragédia de Isabella expõe dificuldades da família ‘moderna’”. São Paulo, 10/04/2008, p. A1.

<sup>346</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “caso Isabella [revista] – Luz no fim do crime”. São Paulo, 13/04/2008, p. A1.

<sup>347</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Investigação ‘high tech’”. São Paulo, 13/04/2008, p.1.

<sup>348</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “CSI à brasileira”. São Paulo, 13/04/2008, p. 22 - 29.

<sup>349</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Demonizar pai de Isabella pode ajudar a exorcizar algo que tememos”. São Paulo, 13/04/2008, p. A1.

“Noticiário sobre o assassinato amedronta crianças”<sup>350</sup>. Em 20 de abril, mais um domingo, criminalista renomado analisou que a comoção vinha da “tragédia”<sup>351</sup>.

Sem uma conclusão, ou ao menos uma decisão da Justiça, os fatos e declarações de defesa e acusação faziam do leitor um brinquedo. Em 9 de abril, quando a defesa disse que um vídeo fortalecia a versão do pai, poderia se pensar em sua inocência<sup>352</sup>. Em 11 de abril, pela investigação da roupa da madrasta, que estaria aí a culpada<sup>353</sup>. Ou até, em 12 de abril, em razão da libertação dos dois<sup>354</sup>, em foto principal que aparecem numa penumbra, aos gritos de “assassinos”<sup>355</sup>, fica a sensação de que estariam saindo impunes, apesar da ressalva com uma chamada complementar dizendo que criminalistas aprovavam a medida<sup>356</sup> - ainda que, como esclareceu chamada com foto de 14 de abril, o IML (Instituto Médico Legal) estivesse para concluir o laudo<sup>357</sup>. Depois de 15 dias de presença constante na capa da publicação, a primeira ausência, em 15 de abril, pareceu um respiro antes de retomada para alcançar pela primeira vez a manchete principal, em 16 de abril: “Pai e madrasta serão indiciados no caso Isabella”<sup>358</sup>. Apesar de a defesa tentar desqualificar a conclusão da polícia<sup>359</sup>, a primeira página do “Cotidiano” colava, de certa forma, os rótulos de “culpados” ao casal, com o título: “Para polícia, mulher bateu e pai jogou Isabella”<sup>360</sup>. Sensação também da mãe de Isabella na capa do dia seguinte, 17 de abril, ao dizer à polícia que acreditava na culpa dos dois<sup>361</sup>.

O circo que se formou em volta do episódio, aumentando em até 46% a audiência dos telejornais<sup>362</sup>, ficou claro na capa da *Folha de S.Paulo* de 19 de abril, a primeira com manchete e foto principais, com o título “Pai e madrasta são indiciados no caso da morte de Isabella” e as imagens do casal descendo as escadas da casa do pai de Alexandre de um lado, desolados e,

<sup>350</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Noticiário sobre o assassinato amedronta as crianças”. São Paulo, 13/04/2008, p. A1.

<sup>351</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Para criminalista, caso Isabella atrai povo pela tragédia”. São Paulo, 20/04/2008, p. A1.

<sup>352</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Para defesa, vídeo fortalece versão do pai de Isabella”. São Paulo, 09/04/2008, p. A1.

<sup>353</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Polícia investiga roupa da madastra de Isabella”. São Paulo, 11/04/2008, p. A1.

<sup>354</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Justiça liberta pai e madrasta de Isabella”. São Paulo, 12/04/2008, p. A1.

<sup>355</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Casal é libertado sob gritos de 'assassinos'”. São Paulo, 12/04/2008, p. esp. C1.

<sup>356</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Criminalistas aprovam medida”. São Paulo, 12/04/2008, p. A1.

<sup>357</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Saída de emergência”. São Paulo, 14/04/2008, p. A1.

<sup>358</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Pai e madrasta serão indiciados no caso Isabella”. São Paulo, 16/04/2008, p. A1.

<sup>359</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Defesa diz que conclusão da polícia é precipitada”. São Paulo, 16/04/2008, p. C3.

<sup>360</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Para polícia, mulher bateu e pai jogou Isabella”. São Paulo, 16/04/2008, p. C1.

<sup>361</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Mãe de Isabella crê na culpa de pai e madrasta”. São Paulo, 17/04/2008, p. A1.

<sup>362</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Caso faz audiência dos telejornais crescer até 46%”. São Paulo, 18/04/2008, p. A1.



de outro, a comemoração de manifestantes em frente a um distrito policial com bolo “alusivo ao aniversário de Isabella”<sup>363</sup>. Em 21 de abril, registrou-se a ida do casal à TV para defender que eram inocentes<sup>364</sup>. Com pausas em 25, 29 e 30 de abril, o mês acabou com chamadas de capa informando sobre o pedido de ajuda do irmão de Isabella<sup>365</sup>, o cancelamento do anúncio dos laudos<sup>366</sup>, a pressão de manifestantes na hora do depoimento do avô paterno<sup>367</sup> e a realização da simulação do assassinato<sup>368</sup> que levou a polícia à decisão pelo pedido de prisão do casal<sup>369</sup>. Em maio, os três primeiros dias deram conta desse pedido de prisão<sup>370</sup>, noticiando que, por um lado, o sangue no carro era de Isabella<sup>371</sup> e, por outro, que a polícia omitiu informações de relatório<sup>372</sup>.

Com a denúncia do promotor<sup>373</sup>, o casal retornou à capa espremido na traseira do carro da polícia, pois estava “de volta à prisão”<sup>374</sup>. Em comparação com a primeira foto dos dois, em que a *Folha* preservou os rostos ou, mais tarde, quando poupou a cena das algemas cobertas de sua capa, essa última imagem jogava-os na vala comum dos criminosos. Se inicialmente pareciam marido e mulher de classe média vítimas de um acidente ou de um crime peculiar, dignos de uma certa complacência e/ou direito de defesa por serem do estrato social que são, quando praticamente comprovada sua culpa, mesmo antes do julgamento de fato, ambos já estavam, ao menos no imaginário popular que a *Folha*, como parte da imprensa, ajudou a construir, condenados. O *mea culpa* da publicação em 27 de abril, quando aceitou o alerta de

---

<sup>363</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Pai e madrasta são indiciados no caso da morte de Isabella”. São Paulo, 19/04/2008, p. A1.

<sup>364</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Pai e madrasta de Isabella vão à TV e dizem ser inocentes”. São Paulo, 21/04/2008, p. A1.

<sup>365</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Irmão de Isabella pode ter pedido ajuda”. São Paulo, 22/04/2008, p. A1.

<sup>366</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Polícia recua e cancela anúncio de laudos do caso Isabella”. São Paulo, 23/04/2008, p. A1.

<sup>367</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Sob pressão”. São Paulo, 24/04/2008, p. A1.

<sup>368</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Pai e madrasta de Isabella não vão à simulação do assassinato”. São Paulo, 26/04/2008, p. A1.

<sup>369</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Polícia diz que vai pedir prisão de pai e madrasta”. São Paulo, 28/04/2008, p. A1.

<sup>370</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Polícia pede prisão do pai e da madrasta de Isabella”. São Paulo, 01/05/2008, p. A1.

<sup>371</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Sangue no carro é mesmo de Isabella, afirma polícia”. São Paulo, 02/05/2008, p. A1.

<sup>372</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Polícia omite informações de relatório sobre caso Isabella”. São Paulo, 03/05/2008, p. A1.

<sup>373</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Promotor denuncia casal Nardoni”. São Paulo, 07/05/2008, p. A1.

<sup>374</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “FOTO - De volta à prisão”. São Paulo, 08/05/2008, p. A1.

seu *ombudsman*, de que “se equiparou aos veículos que alguns de seus colunistas condenam”<sup>375</sup>, pareceu tardio. Nas outras chamadas de maio, sem foto, falou-se do protesto das presas<sup>376</sup>, revoltadas com a presença da madrasta, do *habeas corpus* negado pela Justiça<sup>377</sup> e da tentativa da defesa de alegar falha no laudo<sup>378</sup>. Depois de quatro meses sem estampar nada na capa sobre o “caso Isabella”, em 3 de outubro uma chamada discreta noticiou que a Justiça proibiu-os de verem seus dois filhos<sup>379</sup>. A conclusão definitiva do caso só seria em 27 de março de 2010, já fora do meu recorte, quando se noticiou o resultado do julgamento em júri popular. Alexandre Nardoni e Anna Carolina Jatobá foram condenados pela morte da menina a 31 anos e 26 anos e 8 meses, respectivamente, decisão que mereceu “gritos, rojões e fogos de artifício” e manchete principal<sup>380</sup>.

Por mais que as tragédias tenham seu momento, digamos, quente, logo em seguida à sua “estreia”, nos primeiros dias subsequentes, seu impacto nos leitores e potencializadores de notícias e a preocupação desses dois grupos com seus desdobramentos persistem, em maior ou menor grau, dependendo não só do episódio como dos desdobramentos que não necessariamente se relacionam à atuação e à abordagem adotada na cobertura da publicação. Ainda assim, a “cratera do metrô” teve repercussão capaz de “alcançar” a “tragédia em Congonhas” em 10 de agosto de 2007, quando dividiram a capa da *Folha de S.Paulo*. “Pilotos da TAM acertaram manetes no vôo anterior”<sup>381</sup> apareceu na primeira faixa abaixo do cabeçalho, com status de manchete secundária e uma chamada acoplada. “Buraco em obra do metrô interdita rua de SP até terça”<sup>382</sup> mereceu apenas o pé esquerdo da primeira página, numa chamada de três linhas. O foco por tantos dias, tantas páginas, fotos, infográficos, capas, cadernos e selos especiais, por mais que sejam tragédias, incluindo a trama dramática do “caso

---

<sup>375</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Ao cobrir caso de Isabella, Folha não pode cair na vala comum”. São Paulo, 27/04/2008, p. A1.

<sup>376</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Presas protestam contra madrasta de Isabella no local”. São Paulo, 09/05/2008, p. A1.

<sup>377</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Justiça nega habeas corpus a madrasta e pai de Isabella”. São Paulo, 14/05/2008, p. A1.

<sup>378</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Caso Isabella tem laudo falho, alega perito da defesa”. São Paulo, 27/05/2008, p. A1.

<sup>379</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Justiça proíbe Anna Jatobá e Nardoni de ver seus dois filhos”. São Paulo, 03/10/2008, p. A1.

<sup>380</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Casal Nardoni é condenado pela morte de Isabella”. São Paulo, 27/03/2010, p. A1.

<sup>381</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Pilotos da TAM acertaram manetes no vôo anterior”. São Paulo, 10/08/2007, p. A1.

<sup>382</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Buraco em obra do metrô interdita rua de SP até terça”. São Paulo, 10/08/2007, p. A1.

Isabella”, que ocorreram *na cidade*, transformam-nas em tragédias *da cidade* e indicam o olhar do jornal para a cidade e para quando uma tragédia atinge a cidade, ou mesmo o que se espera de prevenção, solução e punição - como se clamasse, em misto de choque e serenidade, em nome de todos os paulistanos, para que tragédias semelhantes nunca mais aconteçam.

### *O cotidiano da violência: rico e famoso*

Na reportagem “Vítimas se dizem abandonadas após a mídia virar a página”, da edição de 1º de outubro de 2007 da *Folha de S.Paulo*<sup>383</sup>, ainda que assinada pelo jornalista Paulo Sampaio, portanto, de sua autoria e responsabilidade, foi publicada após revisão e consentimento da chefia, admitindo-se, então, à certa altura do texto, que “apesar dos índices de criminalidade, apenas alguns episódios de violência recebem atenção extra da mídia - ou por causa do grau inédito de barbaridade, ou pela falta de concorrente à altura no noticiário, ou, ainda, dependendo da classe social dos envolvidos (quanto mais ricos, mais chocante parece ser) e do local em que ocorrem.” Como a *Folha de S.Paulo* é parte da “mídia”, um dos veículos de comunicação dedicados ao “noticiário”, confessa, então, pela simples publicação, sem contestação, já que não registrou ressalva no próprio texto ou em outros secundários próximos a essa reportagem principal, que tende, sim, a atuar conforme esse padrão, dando preferência a crimes: chocantes e/ou sanguinolentos; envolvendo personalidades e/ou ricos; em bairros famosos e/ou nobres da capital paulista.

Poderia até ser um engano por parte dos editores, que deixaram passar esse trecho, ou uma verdadeira intenção de discutir esse *modus operandi* da imprensa, com a própria *Folha* incluída. Uma passada pelos jornais do período, porém, mostra que, de fato, era assim que acontecia. Mereciam destaque na capa da publicação crimes cercados por essas circunstâncias. Recorrendo mais uma vez à reportagem supracitada, Linamara Battistella, diretora executiva da divisão de medicina de reabilitação do Hospital das Clínicas, onde Priscila Aprígio fazia fisioterapia na época, “paraplégica depois de receber uma bala perdida num assalto a banco em Moema (zona sul de SP)”, disse não adiantar informar aos repórteres que “tinha 500 pacientes vítimas de balas perdidas”, pois “só queriam a Priscila, certamente por causa do CEP onde tudo ocorreu”.

---

<sup>383</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Vítimas se dizem abandonadas após a mídia virar a página”. São Paulo, 01/10/2007, p. C4.

A edição daquele dia do jornal, 1º de outubro de 2007, aliás, comprova essa teoria. A reportagem mencionada está nas páginas internas do caderno “Cotidiano”. Na capa, porém, destaca-se: “Vigia é baleado durante assalto a shopping center”<sup>384</sup>, mais precisamente, como descrito no parágrafo da primeira página, na tentativa de conter um assalto a peças de ouro numa loja de joias no Shopping Interlagos. Um crime noticiado em razão, principalmente, da sua localização, na Zona Sul da cidade e dentro de um espaço geralmente considerado mais seguro, um shopping. E não era nem a primeira vez que um episódio do tipo ganhava a capa. Em 4 de junho de 2007 noticiou-se: “Segurança é morto durante assalto a cinema de shopping”<sup>385</sup> - tratava-se do Market Place, na Zona Sul.

Nesses dois casos, o shopping veio à frente, mas ganharam o destaque por estarem em bairros de zonas da cidade consideradas, por assim dizer, mais famosas e nobres. Corrobora essa ideia a quantidade de notícias relacionadas a violência (e relacionadas, principalmente, a furtos e roubos) na capa, que, quando não nomeando prontamente os bairros das Zonas Sul e Oeste no título, o fazem ao menos no resumo do destaque. Relaciono a seguir esses bairros citados textualmente na primeira página durante meu escopo em ordem de frequência: Jardins

---

<sup>384</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Vigia é baleado durante assalto a shopping center”. São Paulo, 01/10/2007, p. A1.

<sup>385</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Segurança é morto durante assalto a cinema de shopping”. São Paulo, 04/06/2007, p. A1.

(6)<sup>386</sup>, Morumbi (5)<sup>387</sup>, Ibirapuera (2)<sup>388</sup>, Moema (2)<sup>389</sup> Aclimação (1)<sup>390</sup>, Campo Belo (1)<sup>391</sup>, Itaim (1)<sup>392</sup>, Pacaembu (1)<sup>393</sup>, Paulista (1)<sup>394</sup>, Pinheiros (1)<sup>395</sup> e Vila Madalena (1)<sup>396</sup>. Quando os mesmos episódios de violência ocorrem nas Zonas Norte e Leste, o tratamento é outro. Dificilmente chegam à capa do jornal e, quando conseguem esse feito, poucas vezes seus bairros são citados nos títulos dos destaques da capa; o mais comum é restringir-se à menção da região. As exceções são bairros mais próximos do Centro, logo, mais conhecidos e de maior poder aquisitivo. Mereceram a citação na primeira página, por exemplo, a região da Serra da Cantareira, na Zona Norte, com o caso de dois irmãos assassinados por um *serial killer*<sup>397</sup>; e o

---

<sup>386</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Área dos Jardins vive onda de assaltos e furtos”. São Paulo, 17/05/2007, p. A1.  
FOLHA DE SÃO PAULO. “Turista francês é assassinado com facadas nos Jardins”. São Paulo, 12/06/2007, p. A1.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Garoto de 19 anos é esfaqueado e morre em bar dos Jardins”. São Paulo, 24/06/2007, p. A1.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Moradores e polícia tentam ‘blindar’ Jardins”. São Paulo, 27/06/2007, p. A1.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Sistema de segurança provoca troca de acusações nos Jardins”. São Paulo, 15/10/2007, p. A1.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Dois edifícios paulistanos são alvo de arrastões”. São Paulo, 12/01/2009, p. A1.

<sup>387</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Quadrilha faz arrastão em condomínio de casas no Morumbi”. São Paulo, 26/07/2007, p. A1.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Quadrilha faz arrastão em condomínios de alto padrão no Morumbi”. São Paulo, 15/06/2007, p. A1.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Casa da família Mansur no Morumbi é invadida; tiro mata empregado”. São Paulo, 09/12/2007, p. A1.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Troca de tiros após roubo no Morumbi deixa um morto”. São Paulo, 11/12/2007, p. A1.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Argentino é morto em assalto à sua casa no Morumbi”. São Paulo, 14/06/2008, p. A1.

<sup>388</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Tiroteio em assalto a banco na Ibirapuera deixa 4 feridos”. São Paulo, 01/03/2007, p. A1.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Grupo rouba joalheria dentro de shopping e assusta clientes”. São Paulo, 26/05/2008, p. A1.

<sup>389</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Mulher é baleada em tentativa de roubo em Moema”. São Paulo, 08/03/2007, p. A1.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Ex-presidiário invade bar, faz sete reféns e se mata em Moema”. São Paulo, 22/01/2008, p. A1.

<sup>390</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Assalto frustrado”. São Paulo, 08/01/2008, p. A1.

<sup>391</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Edifício no Campo Belo sofre arrastão de mais de 5 horas”. São Paulo, 14/10/2007, p. A1.

<sup>392</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Homem é baleado em pista de dança de boate no Itaim”. São Paulo, 12/12/2006, p. A1.

<sup>393</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “FOTO - Tiroteio na feira”. São Paulo, 24/02/2007, p. A1.

<sup>394</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Assalto no metrô na Paulista acaba com dois feridos”. São Paulo, 21/09/2007, p. A1.

<sup>395</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Mulher é morta por assaltante no Alto de Pinheiros”. São Paulo, 25/04/2007, p. A1.

<sup>396</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Grupo faz arrastão em prédio da Vila Madalena, em SP”. São Paulo, 29/03/2007, p. A1.

<sup>397</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Dois jovens são achados mortos”. São Paulo, 26/09/2007, p. A1.

bairro do Tatuapé, na Zona Leste, em razão de tiroteio em assalto a banco<sup>398</sup>. Ambos, ainda assim, nomeados no resumo das chamadas, não no título em si, como ocorre com os bairros das Zonas Sul e Oeste. A Zona Norte ainda aparece na capa por causa de três chacinas<sup>399</sup>, também com a zona citada, não os bairros.

Outro reforço dessa ideia é o furo de reportagem de André Caramante e Evandro Spinelli de 6 de agosto de 2008. A manchete principal da *Folha* destacou o “mapa da violência” da Coordenadoria de Análise e Planejamento, “órgão da Secretaria de Segurança que estuda a violência” e que revelava “dados inéditos” de “como se distribui, distrito por distrito, a criminalidade na cidade”. A conclusão do jornal evidenciava os mesmos contrastes, já que, “segundo os números, do segundo trimestre de 2008, os crimes contra a vida (homicídios e estupros) atingem principalmente as regiões mais pobres. Já os crimes contra o patrimônio (roubos, furtos e latrocínio) se concentram na região central e nos bairros ricos. No primeiro caso, destacam-se as regiões dos distritos policiais de Jardim Herculano, Parque Santo Antônio e Capão Redondo (zona sul), onde 31,5% dos domicílios têm renda de até três [salários] mínimos. O segundo é mais frequente em bairros como Perdizes e Pinheiros”.

O mapa de São Paulo ao lado desse pequeno texto introdutório tentava resumir também o que seria apresentado detalhadamente no “Cotidiano 2”, “o raio-x do crime na cidade”, dividindo a cidade por “Seccional”, já que cada uma “agrupa vários DPs de uma região”, todas sinalizadas em preto: Centro (1ª), Sul (2ª), Oeste (3ª), Norte (4ª), Leste (5ª), Santo Amaro (6ª), Itaquera (7ª) e São Mateus (8ª). Para destacar cinco bairros e ocorrências consideradas mais pertinentes (ao interesse da publicação e/ou do leitor), as cores verde, para Perdizes, na Oeste, com “885 furtos de veículos”; amarelo, para Capão Redondo e Campo Limpo, na Oeste e em Santo Amaro, respectivamente, com “10 estupros”; vermelho, para Jardim Herculano, em Santo Amaro, com “18 homicídios”; azul claro, para Sé, no Centro, com “2.149 furtos”; e azul escuro, em Santo Amaro, para “4 roubos a banco”. Ficaram sem destaque Sul, Norte, Leste, Itaquera e São Mateus<sup>400</sup>. A diferença para o mesmo mapa, ampliado no caderno, foi a sinalização, em

<sup>398</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Tiroteio após assalto a banco deixa 7 feridos na zona leste”. São Paulo, 19/04/2007, p. A1.

<sup>399</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “cotidiano - Seis pessoas são mortas em chacina na zona norte de São Paulo”. São Paulo, 03/02/2007, p. A1.

FOLHA DE SÃO PAULO. “7 pessoas são assassinadas na maior chacina do ano em SP”. São Paulo, 08/05/2007, p. A1.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Seis são mortos em favela de SP na 15ª chacina do ano”. São Paulo, 01/07/2007, p. A1.

<sup>400</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Mapa da violência revela áreas mais perigosas de SP”. São Paulo, 06/08/2008, p. A1.

vermelho, de que os mesmos três bairros do extremo da Zona Sul são “onde mais se mata”, e na Norte, em verde, onde há mais “tráfico de drogas”<sup>401</sup>.

As páginas internas indicavam ainda, por suas escolhas na separação e análise desses dados e principalmente pelos títulos, o que mais preocupava essa “São Paulo em alerta” - chapéu que acompanhou as reportagens nas seis páginas do “*Cotidiano 2*” dedicadas ao assunto, também sintomático - essa São Paulo com um olhar enviesado para algumas zonas (“‘Triângulo da morte’, no extremo sul, tem 14,5% dos homicídios”<sup>402</sup>; “Zona norte registra maior número de casos de tráfico”<sup>403</sup>; “Capão e Campo Limpo lideram em estupros”<sup>404</sup>) e preocupado com os bairros em que supostamente habitavam, circulavam aqueles que deveriam importar mais do que os demais (“Em Perdizes, dez pessoas ficam sem o carro por dia”<sup>405</sup>; “Zona Oeste é recordista em latrocínios”<sup>406</sup>; “Sé e Santa Ifigênia são as regiões campeãs em furtos”<sup>407</sup> - esta última ainda acompanhada de fotos de um “flagrante de roubo de toca-fitas por garotos na Av. Nove de Julho”). No dia seguinte, veio o posicionamento das autoridades quanto a esses dados, obtidos graças a um esforço dos repórteres, e não à transparência do poder público. Numa chamada sem foto, resumiu-se que o sociólogo Tulio Khan, da Secretaria de Segurança Pública de São Paulo, omitiu os dados “para não influenciar o mercado imobiliário, o preço dos seguros e a auto-estima da população”<sup>408</sup>.

A *Folha*, por sua vez, ao menos no período analisado por esta dissertação, pareceu não partilhar da mesma preocupação, como comentei a respeito de sua tendência sensacionalista e catastrofista. Para além do que já foi interpretado acima, convém acrescentar outra característica peculiar quanto a essa cisão entre bairros supostamente conhecidos e zonas aparentemente ignoradas. Nos destaques na capa sobre os bairros, dificilmente encontram-se fotos das casas ou edifícios vítimas de crimes, configurando-se principalmente em chamadas sem foto. Como

---

<sup>401</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Mapa do crime revela as áreas perigosas”. São Paulo, 06/08/2008, p. C1 - especial *Cotidiano 2*.

<sup>402</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “‘Triângulo da morte’, no extremo sul, tem 14,5% dos homicídios”. São Paulo, 06/08/2008, p. C3 - especial *Cotidiano 2*.

<sup>403</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Zona norte registra maior número de casos de tráfico”. São Paulo, 06/08/2008, p. C3 - especial *Cotidiano 2*.

<sup>404</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Capão e Campo Limpo lideram em estupros”. São Paulo, 06/08/2008, p. C5 - especial *Cotidiano 2*.

<sup>405</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Em Perdizes, dez pessoas ficam sem o carro por dia”. São Paulo, 06/08/2008, p. C2 - especial *Cotidiano 2*.

<sup>406</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Zona oeste é recordista em latrocínios”. São Paulo, 06/08/2008, p. C2 - especial *Cotidiano 2*.

<sup>407</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Sé e Santa Ifigênia são as regiões campeãs em furtos”. São Paulo, 06/08/2008, p. C4 - especial *Cotidiano 2*.

<sup>408</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “SP diz omitir mapa do crime para não afetar o mercado”. São Paulo, 07/08/2008, p. A1.

se dar visibilidade a esses locais pudesse chamar ainda mais atenção, ou como se as classes média e alta gozassem do privilégio de maior privacidade também nas primeiras páginas. Nos destaques na capa sobre as zonas, geralmente transformam-se diversos bairros em “favelas” e as motivações aparecem como acontecimentos entendidos como violentos, justificando-se sua evidência por imagens fortes, por exemplo, de policiais em ação por confronto de qualquer ordem, não importando a causa ou quem o iniciou. Como se dar visibilidade a esses episódios nessas zonas provasse o que se pode esperar de quem nelas vive, a maioria de baixo poder aquisitivo, sem direito a reclamações e mesmo aos protestos pedindo, ainda que não explicitamente, a visibilidade como cidadãos.

Essa diferenciação da *Folha de S.Paulo* entre bairros nomeados, supostamente conhecidos, aqueles que interessam, e zonas enormes, supostamente pouco conhecidas, que só interessam quando, de alguma forma, interferem no *status quo*, pode ser mais bem entendida por outro caso presente naquela edição de 1º de outubro de 2007. Abaixo da notícia do vigia baleado, a chamada “Fui assaltado com uma 38 em SP; chamem a ‘Tropa de Elite’”, diferente do que é praxe em reportagens, a não ser em casos especiais, vinha seguida, antes do texto resumindo aquilo de que se tratava, da assinatura do autor: “Luciano Huck, especial para a Folha”<sup>409</sup>. Tratamento restrito a ocasiões especiais, para correspondentes, colunistas, articulistas e personalidades, caso do apresentador da TV Globo. O crime permitiu, mais do que um destaque, um artigo expondo a indignação do “global” na página A3, onde convidados contribuem, em formato de artigo, com suas opiniões.

No seu artigo, Luciano Huck demonstra inconformismo não só com o que se passou com ele, um roubo que lhe custou o relógio Rolex, como com o fato de, na sua opinião, não existirem autoridades capazes de prevenir ou punir o seu crime e outros do mesmo tipo.

Agora, como cidadão paulistano, fico revoltado. **Juro que pago todos os meus impostos, uma fortuna. E, como resultado, depois do cafezinho, em vez de balas de caramelo, quase recebo balas de chumbo na testa.**

Adoro São Paulo. É a minha cidade. Nasci aqui. As minhas raízes estão aqui. Defendo esta cidade. Mas **a situação está ficando indefensável.**

Passei um dia na cidade nesta semana - moro no Rio por motivos profissionais - e três assaltos passaram por mim. Meu irmão, uma funcionária e eu. **Foi-se um relógio que acabara de ganhar da minha esposa em comemoração ao meu aniversário. Todos nos Jardins, com assaltantes armados, de motos e revólveres.**

Onde está a polícia? Onde está a “Elite da Tropa”? Quem sabe até a “Tropa de Elite”? Chamem o comandante Nascimento! Está na hora de discutirmos

---

<sup>409</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Fui assaltado com uma 38 em SP; chamem a ‘Tropa de Elite’”. São Paulo, 01/10/2007, p. A1.



segurança pública de verdade. Tenho certeza de que esse tipo de assalto ao transeunte, ao motorista, não leva mais do que 30 dias para ser extinto. **Dois ladrões a bordo de uma moto, com uma coleção de relógios e pertences alheios na mochila e um par de armas de fogo não se teletransportam da rua Renato Paes de Barros para o infinito.** (HUCK, 2007 - grifo nosso)<sup>410</sup>

O apresentador de TV tentou argumentar que o problema não era o relógio, e sim o caminho por que São Paulo e Brasil estariam enveredando. Comentou sua busca, em vão, por um salvador, alguém que poderia canalizar uma solução. Recebeu, em compensação, uma semana depois, também na *Folha*, uma resposta irônica e bem-humorada de Ferréz, como é conhecido o escritor Reginaldo Ferreira da Silva. Curioso é que, apesar do espaço também na página A3, a chamada na capa do jornal, em vez de ser um título, tentou, de certa forma, esclarecer o leitor a respeito da “polêmica”: “Escritor de periferia rebate texto escrito por Luciano Huck”<sup>411</sup>.

Imaginando como teria sido a preparação antes do assalto, humanizando os participantes de maneira ficcional, Ferréz vai, aos poucos e ao mesmo tempo, atacando as críticas de Huck, como a de que os dois “Provavelmente não tiveram infância e educação, muito menos oportunidades. O que não justifica ficar tentando matar as pessoas em plena luz do dia. O lugar deles é na cadeia”:

Teve educação, a mesma que todos da sua comunidade tiveram, quase nada que sirva pro século 21. A professora passava um monte de coisa na lousa - mas, pra que estudar se, pela nova lei do governo, todo mundo é aprovado? (FERRÉZ, 2007 - grifo nosso)

Ou a alegação de que com seus programas (“Caldeirão do Huck”, da TV Globo) e ONG (“Instituto Criar de TV, Cinema e Novas Mídias”) estaria fazendo a diferença: “passo o dia pensando em como deixar as pessoas mais felizes e como tentar fazer este país mais bacana. TV diverte e a ONG que presido tem um trabalho sério e eficiente em sua missão. Meu prazer passa pelo bem-estar coletivo, não tenho dúvidas disso”:

Era da seguinte opinião: nunca iria num programa de auditório se humilhar perante milhões de brasileiros, se equilibrando numa tábua pra ganhar o suficiente pra cobrir as dívidas, isso nunca faria, um homem de verdade não pode ser medido por isso.  
(...)

<sup>410</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Luciano Huck - Pensamentos quase póstumos”. São Paulo, 01/10/2007, p. A3.

<sup>411</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “polêmica - Escritor da periferia rebate texto escrito por Luciano Huck”. São Paulo, 08/10/2007, p. A1.

No final das contas, todos saíram ganhando, o assaltado ficou com o que tinha de mais valioso, que é sua vida, e o correria ficou com o relógio. Não vejo motivo pra reclamação, afinal, num mundo indefensável, até que o rolo foi justo pra ambas as partes. (FERRÉZ, 2007 - grifo nosso)<sup>412</sup>

Três semanas adiante, foi a vez de Zeca Baleiro, como é chamado o músico José de Ribamar Coelho Santos, publicar o terceiro e último artigo da polêmica na *Folha*, justamente na véspera da oficialização do Brasil como sede da Copa do Mundo de 2014. Em tom mais ponderado do que o de Huck, que, em sua opinião, teria se “escorado em argumentos quase infantis, como ‘sou cidadão, pago meus impostos’”, e o do romance irônico de Ferréz, “acusado de glamourizar o roubo e de fazer apologia do crime”, tentou analisar não só o episódio, como também a disputa de ideias:

Igual direito de expressão foi dado a Huck e Ferréz. Do imbróglio, sobram-me duas parcas conclusões. A exclusão social não justifica a delinquência ou o pendor ao crime, mas ninguém poderá negar que alguém sem direito à escola, que cresce num cenário de miséria e abandono, está mais vulnerável aos apelos da vida bandida. Por seu turno, pessoas públicas não são blindadas (seus carros podem ser) e estão sujeitas a roubos, violências ou à desaprovação de leitores, especialmente se cometem textos fúteis sobre questões tão críticas como essa ora em debate.

“Por fim, devo dizer que sempre pensei a existência como algo muito mais complexo do que um mero embate entre ricos e pobres, esquerda e direita, conservadores e progressistas, excluídos e privilegiados. O tosco debate em torno do desabafo nervoso de Huck pôs novas pulgas na minha orelha. Ao que parece, desde as priscas eras, o problema do mundo é mesmo um só - uma luta de classes cruel e sem fim.

(BALEIRO, 2007 - grifo nosso)<sup>413</sup>

Fica a sensação e o questionamento do porquê da polêmica, de por que o jornal e seus leitores detiveram-se por tanto tempo nessa polêmica. Se pudéssemos arriscar uma resposta, mais do que do episódio, tratou-se, como dito anteriormente, de diferentes visões de mundo, da disputa para saber qual dessas visões vencerá e será usada como justificativa para outras medidas e comportamentos, inclusive o quê reportar, como reportar e para quais localidades direcionar o olhar. O que ajuda a entender a escolha editorial por tantas notícias de outras personalidades. Acabaram na capa o estilista Ronaldo Éssper, preso por furtar cemitério<sup>414</sup>; o

<sup>412</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Ferréz - Pensamentos de um ‘correria’”. São Paulo, 08/10/2007, p. A3.

<sup>413</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Zeca Baleiro - O rolo do rolex”. São Paulo, 29/10/2007, p. A3.

<sup>414</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Estilista Ronaldo Éssper é preso, acusado de furtar cemitério em SP”. São Paulo, 20/01/2007, p. A1.

padre Júlio Lancelotti, vítima de extorsão de ex-detentos com quem trabalhou numa ONG<sup>415</sup>; o ator Fábio Assunção, suspeito de envolvimento com o tráfico de drogas<sup>416</sup>; a dona da Daslu, Eliana Tranchesi, que, ao contrário do casal Nardoni, conseguiu passar pela prisão por sonegação fiscal sem imagens constrangedoras com algemas ou a caminho da delegacia<sup>417</sup>; e até envolvidos em outros crimes de grande repercussão, como a namorada do coronel Ubiratan, suspeita do assassinato do militar, em 2006<sup>418</sup>, e Suzane von Richthofen, envolvida no homicídio de seus pais ao lado dos irmãos Cravinhos, em 2002<sup>419</sup>. Casos sem os tais famosos também ganham as capas do jornal, desde que peculiares, movidos por paixão obsessiva<sup>420</sup>, por exemplo, com requintes de crueldade<sup>421</sup> ou mesmo inexplicáveis<sup>422</sup>.

Também com fama e, logo, bastante repercussão, mas de outro tipo, são os furtos de obras de arte. “O primeiro furto no museu [MASP] em 60 anos”, como descreveu o resumo da capa da *Folha de S.Paulo*, mereceu a manchete e as imagens principais da edição de 21 de dezembro de 2007, destacando a facilidade com que entraram e levaram obras de arte de Picasso e Portinari que, somadas, teriam valor estimado de R\$ 100 milhões à época, pelo título “Com pé-de-cabra, grupo furta MASP”. A primeira página daquele dia ainda apresentou imagens dos quadros, foto do pé-de-cabra utilizado pelos criminosos e um infográfico detalhando a ação criminosa<sup>423</sup>. Nas duas chamadas complementares, explicava-se que não havia segurança armada no local<sup>424</sup> e que, para um dos articulistas da publicação, os diretores do museu

---

<sup>415</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Padre Júlio nega desvio de verbas de ONG e sexo com ex-detento”. São Paulo, 03/11/2007, p. A1.

<sup>416</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Ator é levado à PF para depor sobre suspeito de tráfico”. São Paulo, 26/01/2008, p. A1.

<sup>417</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Dona da Daslu é condenada e presa”. São Paulo, 27/03/2009, p. A1. FOLHA DE SÃO PAULO. “Dona da Daslu sai da prisão após conseguir habeas corpus”. São Paulo, 28/03/2009, p. A1.

<sup>418</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Juiz não vê provas contra acusada de matar Ubiratan”. São Paulo, 02/10/2008, p. A1.

<sup>419</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Justiça autoriza transferência de Suzane Richthofen”. São Paulo, 30/01/2007, p. A1.

FOLHA DE SÃO PAULO. “STJ permite que Suzane peça mais cedo benefícios”. São Paulo, 14/05/2009, p. A1.

<sup>420</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Corretor é acusado de matar namorado da ex-mulher em SP”. São Paulo, 06/01/2007, p. A1.

<sup>421</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Casal é morto e enterrado em sua própria casa”. São Paulo, 31/05/2007, p. A1. FOLHA DE SÃO PAULO. “Casal é morto diante do filho em assalto em SP”. São Paulo, 28/06/2007, p. A1.

<sup>422</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Rapaz é achado morto na piscina de hotel em SP”. São Paulo, 24/05/2008, p. A1. FOLHA DE SÃO PAULO. “Homem achado baleado dentro de porta-malas é morto em UTI”. São Paulo, 03/06/2008, p. A1.

<sup>423</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Com pé-de-cabra, grupo furta MASP”. São Paulo, 21/12/2007, p. A1.

<sup>424</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Acervo inteiro do museu, inclusive obras furtadas, não tem seguro”. São Paulo, 21/12/2007, p. A1.

mereciam um “puxão de orelha”<sup>425</sup>. O assunto também ganhou a primeira página do “*Cotidiano*” e outras cinco dentro do caderno, detalhando o ocorrido<sup>426</sup>, tentando dar ao leitor a noção da importância artística e histórica das obras<sup>427</sup> e repercutindo com opiniões que variavam entre cobranças por mais segurança<sup>428</sup>, já que não havia alarme nem sensor para as obras<sup>429</sup>, a desqualificação dos bandidos (“pés-de-chinelo”)<sup>430</sup> e críticas à gestão do museu<sup>431</sup>. A aparente preocupação ou o choque diante da descoberta, da pior maneira, da precariedade, do descaso ou da irresponsabilidade dos cuidados a esse respeito motivaram nova manchete principal sobre o episódio no dia seguinte: “Segurança do MASP é feita por vigilantes improvisados”<sup>432</sup>. Depois, esparsamente, começou-se a noticiar a respeito da reabertura do museu, adiada por pedidos da polícia para não atrapalhar as investigações<sup>433</sup>.

Os desdobramentos apareceram ocasionalmente no “*Cotidiano*” e só voltaram à capa no ano seguinte, mais precisamente em 9 de janeiro de 2008, pois, como estampou a manchete principal, a polícia recuperou os quadros<sup>434</sup>. A foto principal mostrava funcionários do Deic (Departamento Estadual de Investigações Criminais) carregando os dois quadros, e a chamada complementar registrava a pressão da Prefeitura, que queria absorver a gestão do museu<sup>435</sup>. No dia seguinte, mais uma presença na capa, agora apenas como chamada, com a notícia de que

---

<sup>425</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Barbara Gancia - Diretoria merece puxão de orelha de roxear os lóbulos”. São Paulo, 21/12/2007, p. A1.

<sup>426</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Ladrões invadem MASP e levam obras de Picasso e de Portinari”. São Paulo, 21/12/2007, p. C1.

<sup>427</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “‘Retrato de Suzane Bloch’ - Tela que mostra cantora wagneriana foi a última obra da fase azul de Picasso”. São Paulo, 21/12/2007, p. C4.

FOLHA DE SÃO PAULO. “‘o lavrador de café’ - De temática social, obra deu a Portinari o seu primeiro prêmio no exterior”. São Paulo, 21/12/2007, p. C4.

<sup>428</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Segurança do MASP deve ter equipamento e pessoal qualificados, afirma especialista”. São Paulo, 21/12/2007, p. C5.

<sup>429</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “MASP não dispõe de alarme, sensor e seguro para as obras”. São Paulo, 21/12/2007, p. C2.

<sup>430</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “‘São pé-de-chinelo’, diz ex-diretor da Biblioteca Nacional”. São Paulo, 21/12/2007, p. C6.

<sup>431</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Furto no MASP revela ‘imperfeições’ na gestão, diz Sayad”. São Paulo, 21/12/2007, p. C7.

<sup>432</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Segurança do MASP é feita por vigilantes improvisados”. São Paulo, 22/12/2007, p. A1.

<sup>433</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Reabertura do MASP é adiada para o dia 8 de janeiro”. São Paulo, 25/12/2007, p. A1.

FOLHA DE SÃO PAULO. “MASP recua e adia reabertura para público”. São Paulo, 25/12/2007, p. C3.

<sup>434</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Polícia recupera quadros do MASP”. São Paulo, 09/01/2008, p. A1.

<sup>435</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Prefeitura quer integrar gestão”. São Paulo, 09/01/2008, p. A1.

um show marcaria a devolução de quadros roubados ao MASP<sup>436</sup>, mas o que chama a atenção é a descrição da chegada das obras:

O helicóptero preto da Polícia Civil dá um rasante sobre o MASP. Por um momento, parece que pretende atravessar o enorme vão livre do prédio. É o sinal. São 10h55 e os mais de cem policiais mobilizados para a operação de devolução dos quadros furtados começam a chegar ao museu fincado na avenida Paulista, vindos da sede do Deic (Departamento de Investigações sobre o Crime Organizado). Descem de motocicletas, de camburões (a reportagem contou 20) e até de um caminhão militar - todos com as sirenes ligadas.

Vêm armados com fuzis, metralhadoras e pistolas, aparato que, garantem os policiais, visa a garantir a segurança de um caminhãozinho branco com a preciosa carga: os quadros “Retrato de Suzanne Bloch”, de Pablo Picasso (1881-1973) e “O Lavrador de Café”, de Candido Portinari (1903-1962).

Às 11h em ponto, sob aplausos, a carga sai do caminhão climatizado a 20°C. Decepção geral: vem fechada em pacotões de papelão e entra no museu.

Um clone de Bob Marley, vendedor de artesanato, pede aos gritos para abrir os embrulhos, mas é dissuadido de mais protestos por um armário do GER (Grupo Especial de Resgate da Polícia Civil), vestido com camiseta preta justa e calça verde-militar. O fortão pede silêncio, o magrinho rasta obedece.<sup>437</sup>

No dia 12 de janeiro de 2008, finalmente, em tom de comemoração por parte do jornal, a reabertura do MASP ganhou destaque com uma foto da fila de visitantes enquadrados exatamente no famoso vão do museu, desenhado pela arquiteta Lina Bo Bardi. Segundo a legenda, visitantes tiraram fotos e até tocarem nas obras recuperadas, embora fosse proibido<sup>438</sup>. O assunto se esgotou em 25 de janeiro, quando uma chamada discreta no pé da página anunciou que o terceiro suspeito do furto se entregou<sup>439</sup>. O MASP ainda sofreu com a polêmica levantada por um pesquisador de que o museu tinha “Debret que não é Debret”<sup>440</sup>, um dia antes de se solucionar o crime.

O roubo à Pinacoteca não teve o mesmo destaque do roubo ao MASP. Apesar de merecer uma faixa logo abaixo do cabeçalho da capa da *Folha de S.Paulo* da edição de 13 de junho de 2008, esteve com manchete e foto secundárias, carregando certo inconformismo diante de novas obras de arte sendo levadas, praticamente seis meses depois do furto anterior: “À luz

<sup>436</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Show marca devolução de quadros roubados ao MASP”. São Paulo, 10/01/2008, p. A1.

<sup>437</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Cem policiais, fuzis e helicópteros escoltam quadros até o MASP”. São Paulo, 10/01/2008, p. C4.

<sup>438</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “FOTO - Volta ao MASP em 22 dias”. São Paulo, 12/01/2008, p. A1.

<sup>439</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Terceiro suspeito de furtar telas no MASP se entrega à polícia”. São Paulo, 25/01/2008, p. A1.

<sup>440</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Pesquisador diz que MASP tem Debret que não é Debret”. São Paulo, 08/01/2008, p. A1.

do dia, ladrões roubam 4 obras da Estação Pinacoteca”. A imagem era da fachada do museu com três viaturas estacionadas em frente. O resumo na primeira página esclarecia que “três homens, pelo menos um deles armado” se passaram por visitantes, “renderam três funcionários e saíram com as obras em duas sacolas”. Foram levadas “duas gravuras de Pablo Picasso, uma de Lasar Segall e um quadro de Di Cavalcanti”, estimadas, em conjunto e à época, em R\$ 1 milhão<sup>441</sup>. As três páginas de “Cotidiano” dedicadas ao episódio trataram de, mais uma vez, passar a importância artística e histórica das obras<sup>442</sup>; questionar o sistema de preservação e segurança do local, informando que o assaltante foi visto no local um dia antes<sup>443</sup> e que a fundação mantenedora não fez seguro dos itens<sup>444</sup>; e, por fim, duvidar da capacidade da polícia, que, para entrevistado do Iphan, não sabe investigar crimes contra bens culturais<sup>445</sup>, já que os mandantes do furto do MASP ainda eram desconhecidos<sup>446</sup>. No mesmo dia, uma coincidência interessante, alçada a uma chamada com foto principal. Na legenda com o título “Limites da arte”, descreveu-se que havia ali na imagem “seguranças da Belas Artes em conflito com 2 dos 40 pichadores levados pelo aluno Rafael Augustaititz, cujo trabalho de formatura foi pichar o prédio todo da faculdade; o aluno, que disse querer ‘discutir os limites da arte’, foi detido com outras 6 pessoas”<sup>447</sup>. Dois homens grandes, de terno, seguravam um rapaz pelo casaco, que tentava se desvencilhar, e um segundo parecia gesticular algo. Na única página reservada para o ocorrido - ironicamente na mesma de obituários e ainda dividindo espaço com mais três notas curtas -, se a cena da capa da *Folha* não dava certeza do posicionamento do jornal, aqui estava, no título da reportagem: “Pichadores vandalizam escola para discutir conceito de arte”. O estranhamento com a ação dos pichadores (“Assustaram funcionários da escola enquanto escreviam aquelas letras pontudas e de difícil decifração”), geralmente assim mesmo

---

<sup>441</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “À luz do dia, ladrões roubam 4 obras da Estação Pinacoteca”. São Paulo, 13/06/2008, p. A1.

<sup>442</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Di Cavalcanti - Picasso inspirou ‘Mulheres na Janela’, de 1926”. São Paulo, 13/06/2008, p. C1.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Segall - ‘Casal’ retrata Lituânia após a 1ª Guerra Mundial”. São Paulo, 13/06/2008, p. C1.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Picasso - ‘Minotauro’ e ‘O Pintor’ são de fases distintas”. São Paulo, 13/06/2008, p. C1.

<sup>443</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Assaltante foi visto um dia antes na Estação Pinacoteca”. São Paulo, 13/06/2008, p. C3.

<sup>444</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Pinacoteca: fundação dona de obras roubadas não fez seguro”. São Paulo, 13/06/2008, p. C3.

<sup>445</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Polícia não sabe investigar crime contra bem cultural, diz Iphan”. São Paulo, 13/06/2008, p. C4.

<sup>446</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “saiba mais - Polícia desconhece mandante de furto no MASP”. São Paulo, 13/06/2008, p. C3.

<sup>447</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Limites da arte”. São Paulo, 13/06/2008, p. A1.

reconhecidas como vandalismo, não permitiu muita margem para a proposta de discussão do aluno. Um colega disse que se tratava de “terrorismo”: “Se isso é arte, então o maior artista do mundo é o Osama Bin Laden e o buraco das torres gêmeas é uma obra-prima”. Duas meninas foram à delegacia dizer que aquela gente tinha de “se ferrar” - também porque teriam arranhado o carro novo de uma delas<sup>448</sup>.

O roubo à Pinacoteca voltou à primeira página no dia seguinte, 14 de junho, numa chamada sem foto para contar que o museu “havia pedido ao BNDES verba para segurança”, como se quisesse encontrar um culpado pela negligência - nesse caso, o banco público que não liberou o dinheiro que poderia ter melhorado a segurança e, logo, evitado aquele crime<sup>449</sup>; e, em 17 de junho, numa outra chamada sem foto, com a notícia da colunista Mônica Bergamo de que a “Filha de donos de obras roubadas quer ir à Justiça”. Nos meses seguintes, mais precisamente em chamadas sem foto de 20 de julho e 7 de agosto, registrou-se a recuperação, respectivamente, de uma (Picasso)<sup>450</sup> e de duas (Segall e Di Cavalcanti)<sup>451</sup> das quatro obras. E, por último, talvez por não se tratar de um museu, um último roubo de obras de arte, numa casa da Rua Estados Unidos, nos Jardins, até entrou na capa como chamada sem foto, mas sem o mesmo impacto das demais. De comum com os outros episódios, a tentativa de transmitir a importância artística e histórica das telas de Cândido Portinari, Tarsila do Amaral e Orlando Teruz, avaliadas em R\$ 3 milhões<sup>452</sup>.

É como se a cada cobertura desses crimes, dos bairros ricos e dos famosos, não importando o grau ou a estirpe, a *Folha de S. Paulo* clamasse (em seu favor e dos leitores), nas entrelinhas, por prevenção e patrulhamento, justiça e punição. Como se tanto sangue derramado, estampado e detalhado, como se, no caso das obras de arte, tantos objetos de valor (artístico, histórico e financeiro), tão facilmente surrupiados, diante da negligência, exigisse, ironicamente, por fazer-se desses episódios assuntos, polêmicas e conteúdo que justificam a razão de existir do jornal, mais segurança de forma geral. É como se a cada notícia a publicação questionasse, inconformada, onde estão os responsáveis, quem ousa perturbar a harmonia, a estabilidade e os prazeres. O que ajuda a entender, por fim, a preferência editorial por um

---

<sup>448</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Pichadores vandalizam escola para discutir conceito de arte”. São Paulo, 13/06/2008, p. C7.

<sup>449</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Pinacoteca havia pedido ao BNDES verba para segurança”. São Paulo, 14/06/2008, p. A1.

<sup>450</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Polícia recupera obra de Picasso levada em junho da Pinacoteca”. São Paulo, 20/07/2008, p. A1.

<sup>451</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Polícia paulista recupera duas obras roubadas da Pinacoteca”. São Paulo, 07/08/2008, p. A1.

<sup>452</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Telas de Tarsila e Portinari são roubadas de casa nos Jardins”. São Paulo, 11/05/2009, p. A1.

recorte específico de brutalidades, de certo crimes e, principalmente, da relação da violência com bairros específicos, separando quem tem voz, como Huck, do Jardins, a quem bastou um assalto para merecer um artigo, daqueles sem voz, como os bairros retratados como parte de uma verdadeira zona, nos dois sentidos da palavra, distante, longe, na periferia, como Ferréz, do Capão Redondo, e dos quais nada interessa saber, a não ser se atrapalharem ou tiverem a chance de atrapalhar a cidade - aquela entendida como uma cidade específica, construída com olhos voltados para um cotidiano claramente rico e famoso.

### *A polícia como piada*

A polícia de São Paulo, incluindo Polícia Militar e Polícia Civil e suas divisões internas, até tenta fazer pose de que está no controle. Fornece a maior parte das aspas sobre os episódios noticiados, já que é, por muitas vezes, a única fonte oficial dos casos. Testemunhas podem contar o que viram, ouviram ou souberam, mas entrevistar os criminosos não é algo comum ou acessível. Ainda assim, chegam à imprensa casos absurdos e/ou vergonhosos envolvendo as corporações.

Não parece estar sob controle uma cidade com três ônibus queimados e uma viatura policial baleada no mesmo dia, casos chamados pela *Folha de S.Paulo* de “atentados”, todos na Zona Sul, naquilo que seria um protesto do PCC (Primeiro Comando da Capital) pela transferência de cela de seus membros na prisão de Presidente Venceslau, no interior paulista. A capa da edição de 7 de fevereiro de 2007 estampava um bombeiro apagando o fogo de uma carcaça de ônibus sob os olhares dos moradores do bairro de Parque Bristol<sup>453</sup>. Também não parece estar sob controle uma cidade vítima de seguidos arrastões<sup>454</sup> ou que permite assalto a quatro bancos em menos de sete horas - fora uma quinta tentativa, frustrada -, com destaque na primeira página do jornal de uma porta de vidro com dois buracos de tiro, praticamente estilhaçada, e metade de um policial à vista segurando pistola e coldre com a mão direita<sup>455</sup>.

---

<sup>453</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Polícia entra em alerta após atentados em SP”. São Paulo, 07/02/2007, p. A1.

<sup>454</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Arrastão em SP acaba em tiroteio”. São Paulo, 03/03/2009, p. A1.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Grupo com 25 homens faz arrastão em prédio na zona sul paulistana”. São Paulo, 10/04/2009, p. A1.

<sup>455</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Em SP, quatro bancos são atacados em sete horas”. São Paulo, 21/03/2007, p. A1.



Nem parece estar segura uma cidade que, quando vê seus policiais em ação, ocasionalmente fica sabendo de tiroteios fatais e sem resultado<sup>456</sup>.

Como aceitar que internos da Febem (Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor), atual Fundação Casa (Fundação Centro de Atendimento Socioeducativo ao Adolescente), cavem um túnel de 12 metros e fujam, como sucedeu na unidade da Vila Maria, na Zona Norte<sup>457</sup>, e que o assassino de Liana Friedenbach e Felipe Caffé<sup>458</sup> consiga a a mesma proeza e ainda diga que foi “fácil”<sup>459</sup>? Ou que o comércio e o uso de drogas a céu aberto, em viela a poucos metros do DP de Santa Cecília, vire primeira página<sup>460</sup>? Os policiais tampouco parecem preparados para trabalhar junto à população, alvejando crianças de favela numa guerra de ovos<sup>461</sup> e um vendedor, culpando um guarda-chuva<sup>462</sup>. Demonstrações de força, com megaoperações<sup>463</sup>, algumas até repetidas só para a imprensa filmar<sup>464</sup>, ou milhares de prisões em um só dia<sup>465</sup> - estas, ironicamente, no mesmo dia em que uma quadrilha fez arrastão em condomínios no Morumbi<sup>466</sup> - são insuficientes para envernizar a imagem de controle da situação. Não há como esconder os momentos vergonhosos, como um grupo de elite da polícia roubado em um bar<sup>467</sup>; policial matando policial<sup>468</sup>; traficante sendo solto após confusão com

---

<sup>456</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Tiroteio fere sete e causa pânico na estação da Sé”. São Paulo, 01/12/2007, p. A1.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Tiroteio fere 3 em SP; comerciante é morto”. São Paulo, 02/07/2008, p. A1.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Três morrem em SP em tentativa de assalto a banco”. São Paulo, 19/07/2008, p. A1.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Balas perdidas matam 1 e ferem 4 em São Paulo”. São Paulo, 06/02/2009, p. A1.

<sup>457</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Internos cavam túnel de 12m na Febem Vila Maria”. São Paulo, 13/03/2007, p. A1.

<sup>458</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Assassino de Liana pula muro e foge da Febem”. São Paulo, 03/05/2007, p. A1.

<sup>459</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Fugir da Febem foi “fácil: e “tranquilo”, conta assassino”. São Paulo, 05/05/2007, p. A1.

<sup>460</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Debaixo do nariz”. São Paulo, 17/03/2007, p. A1.

<sup>461</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “PM é acusado de matar jovem em festa em favela”. São Paulo, 22/02/2007, p. A1.

<sup>462</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Polícia atira em vendedor e culpa o guarda-chuva”. São Paulo, 06/03/2009, p. C5.

<sup>463</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Polícia ‘mostra força; com megaoperação em São Paulo”. São Paulo, 24/03/2007, p. A1.

<sup>464</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Por marketing, PM repete invasão em favela”. São Paulo, 13/09/2007, p. C1.

<sup>465</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Ação policial prende mais de 2.500 em SP”. São Paulo, 15/06/2007, p. A1.

<sup>466</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “cotidiano - Quadrilha faz arrastão em condomínios de alto padrão no Morumbi”. São Paulo, 15/06/2007, p. A1.

<sup>467</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Policiais de grupo de elite são assaltados em um bar”. São Paulo, 19/05/2007, p. C6.

<sup>468</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “PM mata PM com tiro em bar do Itaim”. São Paulo, 08/10/2008, p. C5.

fax<sup>469</sup>; fuga da prisão pela porta da frente com escolta falsa<sup>470</sup>; policiais em base na Zona Leste urinando em balde<sup>471</sup>. Como merecer a confiança de quem vive na cidade (ou dos leitores da *Folha*) diante dos registros de abuso sexual<sup>472</sup>, chacinas e esquadrões da morte<sup>473</sup>, corrupção<sup>474</sup>, roubo<sup>475</sup> e extorsão a traficante internacional<sup>476</sup>? Até espanta quando se noticiam episódios bem-sucedidos, detendo um arrastão na Zona Sul<sup>477</sup>, prendendo uma quadrilha que vinha chantageando empresários<sup>478</sup> ou resolvendo o crime na rua do governador José Serra em 3 horas<sup>479</sup>. Só que os dois arrastões à casa vizinha ao Palácio dos Bandeirantes<sup>480</sup>, sede do Governo Estadual, fazem pensar se não existem dois pesos e duas medidas. Entre a insegurança e a desconfiança, o Datafolha “refez sua primeira pesquisa, sobre os maiores medos dos habitantes de São Paulo”, em razão dos 25 anos de existência do instituto e, como manchete principal de 4 de maio de 2008, destacou que a “Violência é o principal medo dos paulistanos”. Segundo o resumo, “a comparação revelava que, de 1983 para cá, o horror da violência substitui a alta do custo de vida no topo do ranking das preocupações do paulistano”<sup>481</sup>. Um ano depois,

---

<sup>469</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Traficante é solto após confusão com fax”. São Paulo, 16/10/2008, p. C1.

<sup>470</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Com escolta falsa, preso foge de prisão pela porta da frente”. São Paulo, 01/03/2008, p. C3.

<sup>471</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “PMs em base na zona leste precisam urinar em balde”. São Paulo, 01/12/2008, p. C7.

<sup>472</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Ministério Público de SP acusa major da PM por abuso sexual”. São Paulo, 12/03/2007, p. C4.

<sup>473</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “cotidiano - Seis pessoas são mortas em chacina na zona norte de São Paulo”. São Paulo, 03/02/2007, p. A1.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Comandante regional da PM é morto com ao menos 6 tiros”. São Paulo, 17/01/2008, p. A1.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Chacina deixa 7 mortos na zona norte paulistana”. São Paulo, 18/01/2008, p. A1.

FOLHA DE SÃO PAULO. “PMs suspeitos de chacina são presos em SP”. São Paulo, 17/02/2008, p. A1.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Polícia aponta novo Esquadrão da Morte em SP”. São Paulo, 09/03/2009, p. A1.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Policiais suspeitos de grupo de extermínio admitem três mortes”. São Paulo, 11/02/2009, p. A1.

<sup>474</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Vinte policiais suspeitos de receber propina são afastados”. São Paulo, 18/06/2007, p. A1.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Máfia do caça-níquel faz 1 ano sem nenhum policial punido”. São Paulo, 24/05/2008, p. C1.

<sup>475</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “PMs são vistos furtando CDs de camelôs”. São Paulo, 02/09/2007, p. C6.

<sup>476</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Polícia extorquiu megatraficante, diz investigação”. São Paulo, 03/10/2007, p. A1.

<sup>477</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Arrastão na zona sul é frustrado com prisão de 8”. São Paulo, 09/03/2009, p. A1.

<sup>478</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Presa quadrilha sob acusação de chantagear empresários”. São Paulo, 24/03/2009, p. A1.

<sup>479</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Crime na rua de Serra é resolvido em três horas”. São Paulo, 07/02/2009, p. C5.

<sup>480</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Casa vizinha à sede do governo é invadida”. São Paulo, 21/11/2007, p. C9.

<sup>481</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Violência é o principal medo dos paulistanos”. São Paulo, 04/05/2008, p. A1.

registrar-se-ia o aumento dos índices de violência, ainda que não apenas na capital paulista, e sim no estado todo<sup>482</sup>.

O retrato da polícia talvez estivesse mais para o registrado em 17 de outubro de 2008, quando a manchete principal destacava que “Policiais civis e PM se enfrentam”, em letras garrafais, com o espaço reservado às imagens dividido ao meio para colocar, de um lado, um membro da Polícia Militar prestes a arremessar uma bomba de gás lacrimogênio e, do outro, um membro da Polícia Civil empunhando uma metralhadora. O grupo deste último estava em greve pedindo reajuste salarial de 15% e se envolveu num conflito com o primeiro, “que deixou ao menos 25 feridos perto do Palácio dos Bandeirantes”<sup>483</sup>. Funcionários de um hotel próximo foram feridos<sup>484</sup>, o hospital Einstein teve de montar um “plano de catástrofe”<sup>485</sup> e, segundo um delegado, o confronto “azedou” a relação entre as polícias<sup>486</sup>. Chamadas nos dias seguintes falavam do comando da PM querendo punição aos civis<sup>487</sup>, em mais uma queda de braço, e o colunista Janio de Freitas analisava que o descaso com as corporações estava cobrando seu preço em São Paulo e no Rio de Janeiro<sup>488</sup>.

O que esperar de uma polícia que tem déficit de quase 6 mil homens<sup>489</sup> e sequer se entende?

Uma piada. Se as análises das duas seções anteriores mostram uma predisposição aos dramas e às cobranças inerentes a uma tragédia e a crimes hediondos, a divisão simbólica da cidade e dos crimes que interessa reportar, percebe-se a construção do perfil da polícia entre dois polos, um do desejo de que seja eficaz, poderosa, capaz de garantir a segurança e a tranquilidade, criando-se até a ilusão de que, por vezes, é assim que se sente ou não deve ter vergonha de querer se sentir; outro do sofrimento com a realidade precária da polícia, de quem se estaria à mercê, sem garantias perante criminosos e a própria corporação. Não só uma piada, portanto, e sim uma piada de mau gosto.

---

<sup>482</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Violência aumenta no Estado de São Paulo”. São Paulo, 01/05/2009, p. A1.

<sup>483</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Policiais civis e PMs se enfrentam”. São Paulo, 17/10/2008, p. A1.

<sup>484</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Até funcionários de hotel se feriram durante protesto”. São Paulo, 17/10/2008, p. C3.

<sup>485</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Vizinho ao confronto, hospital Einstein monta ‘plano de catástrofe’”. São Paulo, 17/10/2008, p. C3.

<sup>486</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Delegado diz que confronto ‘azedou’ relação entre polícias”. São Paulo, 17/10/2008, p. C5.

<sup>487</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Comando da PM pede punição de policiais civis por conflito em SP”. São Paulo, 18/10/2008, p. A1.

<sup>488</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Janio de Freitas - Descaso com as polícias cobra seu preço em SP e Rio”. São Paulo, 19/10/2008, p. A1.

<sup>489</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Polícia Militar de SP tem déficit de 5.900 homens”. São Paulo, 09/05/2009, p. C1.

### 3.3 A cidade como ela é (vista)

#### *Cidade limpa*

Conhecer uma cidade significa conhecer também as pessoas que estão no comando dessa cidade, suas principais ações e, principalmente, como acabam retratadas pelos meios de comunicação. Como o prefeito paulistano enquanto São Paulo esteve como candidata a cidade-sede da Copa do Mundo de 2014 era Gilberto Kassab (no cargo entre março de 2006 e dezembro de 2012), a *Folha de S.Paulo* estampava, variando entre apoio e crítica, velada ou descarada, a cidade que o político construía à sua maneira, com atos administrativos, comportamentos e declarações.

Uma das bandeiras mais conhecidas de Kassab foi a implementação da Lei Cidade Limpa<sup>490</sup>, banindo os *outdoors* e diversos tipos de poluição visual da cidade, assunto que, de tão frequente, principalmente em 2007, recebeu, no meu levantamento, uma *tag* exclusiva (cidade limpa). Opinou-se contra a regulamentação<sup>491</sup>, que não seria o suficiente<sup>492</sup>, anunciou-se a entrada em vigor<sup>493</sup> - inclusive a dificuldade da própria prefeitura em aderir<sup>494</sup> -, acompanhou-se o vai e vem de liminares<sup>495</sup> e notaram-se rapidamente as mudanças nas ruas, como mostrava a capa de 15 de abril de 2007, comparando como era em fevereiro de 2003 e como estava, dias antes daquela publicação, um mesmo trecho da avenida Faria Lima, com a conclusão denunciada pelo título “São Paulo de cara limpa”<sup>496</sup>. Perto de completar um ano, valorizaram-se na capa de 24 de dezembro de 2007, com a foto principal daquela edição, “as árvores iluminadas do parque Trianon” no “primeiro Natal sob a vigência” da lei<sup>497</sup>. Em 2008,

---

<sup>490</sup> A Lei Cidade Limpa, a Lei Municipal Nº 14.223/06, sancionada pelo prefeito Gilberto Kassab em 26 de setembro de 2006 e em vigor desde 1 de janeiro de 2007, como o próprio texto da lei diz, logo no início, “Dispõe sobre a ordenação dos elementos que compõem a paisagem urbana do Município de São Paulo”.

<sup>491</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Cartazes dão humor ao cinza paulistano”. São Paulo, 10/12/2006, p. A1.

<sup>492</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Tirar outdoors não basta, diz especialista de Barcelona”. São Paulo, 21/05/2007, p. A1.

FOLHA DE SÃO PAULO. “É preciso recuperar o que outdoor escondia”. São Paulo, 21/05/2007, p. A14.

<sup>493</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Lei que proíbe publicidade nas ruas de São Paulo entra em vigor hoje”. São Paulo, 01/01/2007, p. A1.

<sup>494</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Duro de tirar”. São Paulo, 03/01/2007, p. A1.

<sup>495</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Justiça de SP suspende lei que proibia os outdoors”. São Paulo, 08/12/2006, p. A1.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Para juiz, liminar pró-outdoor é só para uma empresa”. São Paulo, 10/12/2006, p. A1.

<sup>496</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “São Paulo de cara limpa - fevereiro de 2003 - abril de 2007”. São Paulo, 15/04/2007, p. A1.

<sup>497</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Maquiagem de festa”. São Paulo, 24/12/2007, p. A1.

por outro lado, registraram-se incongruências, como Kassab autorizando “um aliado político [Antônio Goulart] a espalhar faixas com seu nome para divulgar a cerimônia de entrega de uma rua asfaltada na zona sul de São Paulo”<sup>498</sup> e um ano de vigência integral sem que nenhuma das 2.171 empresas multadas tivesse pagado qualquer valor”<sup>499</sup>.

A Lei Cidade Limpa era apenas um expoente da “cidade limpa” por inteiro, sonhada por Kassab na busca por uma São Paulo asséptica, como deixam transparecer seus atos durante os 30 meses do recorte desta dissertação, entre dezembro de 2006 e maio de 2009. O prefeito quis acabar também com a poluição sonora, os gritos nas feiras populares<sup>500</sup>, por exemplo, e tinha o apoio de parte dos moradores da cidade, vide o aumento de reclamações no Psiu (Programa de Silêncio Urbano)<sup>501</sup>. Em reportagem sobre esses dados, em outubro de 2008, apontou-se um bar na Mooca, na Zona Leste, como o segundo em quantidade de reclamações<sup>502</sup> e ouviu-se de um vizinho que era coisa de “ficar louco”<sup>503</sup>, acompanhada de aviso de que “barulho excessivo” poderia “causar ‘ressaca’, ansiedade e estresse”<sup>504</sup>. A boemia era outro ponto inaceitável, ainda mais entre os jovens. Kassab mandou fechar todas as noites os portões da escola que teve baile funk em sua quadra<sup>505</sup> e lacrou casa de festas onde estava programada “uma festa com bebida alcoólica liberada”<sup>506</sup>.

Não que fosse uma cruzada solitária de Kassab - o governador do estado na época, José Serra, de quem fora vice na Prefeitura, seu aliado político naquele momento, vetou bebidas alcoólicas nas escolas estaduais, mesmo nas faculdades técnicas e para os maiores de idade<sup>507</sup>.

---

<sup>498</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Kassab burla a lei e libera faixas de evento político”. São Paulo, 11/02/2008, p. A1.

<sup>499</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Cidade Limpa não teve nenhuma multa paga”. São Paulo, 01/04/2008, p. C9.

<sup>500</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Kassab recua e libera gritos nas feiras”. São Paulo, 14/04/2007, p. - especial Cotidiano 2 - C7.

<sup>501</sup> O Psiu atende ao cumprimento da Lei 11.501, sancionada em 11 de abril de 1994 pelo prefeito Paulo Maluf. A legislação sofreu alterações ao longo dos anos, a última com o prefeito Fernando Haddad, em março de 2016, mas tem, como essência e objetivo principal, como explica o site oficial da prefeitura paulistana, “combater a poluição sonora” e “tornar mais pacífica a convivência entre estabelecimentos e os moradores da vizinhança”: <http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/subprefeituras/zeladoria/psiu/index.php?p=8831>

<sup>502</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Cresce o número de queixas sobre barulho em São Paulo”. São Paulo, 05/10/2008, p. C1.

<sup>503</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “‘É de ficar louco’, diz vizinho de bares”. São Paulo, 05/10/2008, p. C4.

<sup>504</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Barulho excessivo pode causar ‘ressaca’, ansiedade e estresse”. São Paulo, 05/10/2008, p. C4.

<sup>505</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Kassab manda fechar portões de escola usada durante baile funk”. São Paulo, 15/03/2008, p. C3.

<sup>506</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Prefeitura impede festa com bebida para jovens”. São Paulo, 12/04/2008, p. esp. C7.

<sup>507</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Nova lei veta quentão em festa junina nas escolas estaduais”. São Paulo, 22/05/2009, p. C3.

Os camelôs<sup>508</sup>, criativos e persistentes em seus protestos<sup>509</sup>, populares, como na época do lançamento de *Tropa de Elite*<sup>510</sup>, eram tema recorrente, mas recebiam um tratamento de acordo com a situação: quando empreendiam violência física, chutando portas de lojas da Rua 25 de Março<sup>511</sup>, por exemplo, mereciam a capa ou fotos pequenas do “*Cotidiano*” com título e legenda<sup>512</sup>, parecendo ser essa ação mais importante do que qualquer contexto; e quando eram parte de alguma restrição administrativa empreendida por Kassab, havia apenas notas curtas no mesmo caderno<sup>513</sup>, como se a ausência de violência física, nesses casos, diminuísse a relevância do episódio. Em maio de 2009, quando da proibição de que se instalassem na Rua 25 de Março por uma revitalização que seria iniciada na via, decorreram reportagens sobre a insistência dos vendedores<sup>514</sup> que, sob protestos<sup>515</sup>, conseguiram garantir seu retorno<sup>516</sup>, sofrendo redução no número de autorizados a trabalhar pela prefeitura<sup>517</sup>, mas nenhuma mereceu sequer a capa do “*Cotidiano*”, talvez pela falta de violência.

A hipótese quanto à “cidade limpa” idealizada por Kassab parece ainda mais crível quando se notam os incômodos e/ou lembranças da *Folha de S.Paulo* quanto à assepsia, literalmente, das ruas da capital paulista. Em 2008, após um ano de reclamações<sup>518</sup> e suspeitas de ilicitudes<sup>519</sup>, o jornal avisou que as multas por falhas na varrição de ruas haviam quintuplicado<sup>520</sup> e destacou no “*Cotidiano*” quuma praça do centro que virou um “lixão a céu

<sup>508</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Camelôs fazem novo protesto contra expulsão de ilegais”. São Paulo, 31/05/2007, p. C10.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Para associação de lojistas, clima de tensão é um ‘mal necessário’”. São Paulo, 31/05/2007, p. C10.

<sup>509</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “30 camelôs se acorrentam e fazem greve de fome no Brás”. São Paulo, 09/08/2007, p. C9.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Camelôs simulam enterro de Kassab”. São Paulo, 23/08/2007, p. C5.

<sup>510</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “ilustrada - 19% dos paulistanos viram ‘Tropa de Elite’ em cópia ilegal antes da estréia”. São Paulo, 06/10/2007, p. A1.

<sup>511</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “FOTO - Pé na porta”. São Paulo, 14/06/2008, p. A1.

<sup>512</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Camelôs entram em confronto”. São Paulo, 10/06/2008, p. C6.

<sup>513</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Prefeitura proíbe que camelôs se instalem na rua”. São Paulo, 05/05/2009, p. C3.

<sup>514</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Camelôs volta a ocupar a 25 de Março”. São Paulo, 06/05/2009, p. C5.

<sup>515</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Camelôs protestam para voltar à 25 de Março”. São Paulo, 08/05/2009, p. C12.

<sup>516</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Camelôs são autorizados a voltar para a 25 de Março”. São Paulo, 16/05/2009, p. especial Cotidiano 2 - C5.

<sup>517</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Camelôs - Prefeitura reduz autorizados”. São Paulo, 12/05/2009, p. C5.

<sup>518</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Reclamações sobre limpeza triplicam em SP”. São Paulo, 13/12/2006, p. A1.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Secretário cai após crise na limpeza pública”. São Paulo, 15/12/2006, p. A1.

<sup>519</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Empresa acusa fraude em licitação do lixo”. São Paulo, 02/12/2006, p. Cotidiano 2 - C6.

<sup>520</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Multas por falhas na varrição de ruas quintuplicam em SP”. São Paulo, 28/05/2008, p. A1.

aberto”<sup>521</sup>, com foto de uma pilha de entulhos. Em 2009, registrou-se que a prefeitura não tinha prazo para regularizar a varrição<sup>522</sup> e repetiu-se a notícia de lixo acumulado na região central<sup>523</sup>. Na mesma época, iniciou-se a repaginação das principais calçadas da cidade: da Rua Oscar Freire<sup>524</sup>, famosa pelas lojas de grife e consumidores de alto poder aquisitivo<sup>525</sup>, uma das preferidas da alta sociedade paulistana; da Rua Augusta<sup>526</sup>, conhecida pelo agito cultural e boêmio; da Avenida Paulista, a mais famosa da cidade<sup>527</sup>; e, no Centro, em que as pedras portuguesas começavam a ser substituídas por concreto<sup>528</sup>. Além da divulgação, a publicação fiscalizou essa repaginação, apontando pisos soltos<sup>529</sup> ou a destruição de uma calçada de importância histórica em frente ao Sesc Pompeia, na Zona Oeste<sup>530</sup>. A *Folha* chegou a dedicar uma capa da “revista” para o tema, com leitores fazendo um “test-drive” no que se mostrava uma “aventura” pelas calçadas da cidade, passando por locais reformados, como a citada Oscar Freire, e outras ainda em obras, como a Paulista<sup>531</sup>. Segundo o texto, “o resultado mostra que os 260 km refeitos pelo poder público ou em parceria com a iniciativa privada, em três anos, ainda são insuficientes para um caminhar sem acidentes”<sup>532</sup>. Numa outra aferição, seis meses depois, jornalistas testaram as calçadas dos distritos de São Paulo em que “as caminhadas são o meio de locomoção mais frequente” — segundo pesquisa da Datafolha. Sem destaque na

<sup>521</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Praça no centro de São Paulo vira lixão a céu aberto”. São Paulo, 09/08/2008, p. C1 - especial Cotidiano 2.

<sup>522</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Gestão Kassab não tem prazo para regularizar varrição de ruas”. São Paulo, 05/05/2009, p. C3.

<sup>523</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Lixo se acumula em praças da região central”. São Paulo, 11/05/2009, p. C5.

<sup>524</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Calçada da Oscar Freire já tem problemas”. São Paulo, 23/05/2007, p. C5.

<sup>525</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “foco - Oscar Freire encerra época de liquidações com festa de rua e mimos para VIPs”. São Paulo, 27/08/2007, p. C7.  
FOLHA DE SÃO PAULO. “Oscar Freire é eleita a 8ª área mais luxuosa do planeta”. São Paulo, 04/12/2008, p. C6 - especial Cotidiano 2.

<sup>526</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Nova calçada da rua Augusta já tem parte do piso solto e buraco”. São Paulo, 02/06/2007, p. C4 - Esp. Cotidiano 2.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Usuários vêem melhora e problemas”. São Paulo, 02/06/2007, p. C4 - Esp. Cotidiano 2.

<sup>527</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Interdição parcial da Paulista para obras começa amanhã”. São Paulo, 21/07/2007, p. C12.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Prova de obstáculos”. São Paulo, 10/08/2007, p. A1.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Obra na av. Paulista faz CET ampliar bloqueios”. São Paulo, 10/08/2007, p. C9.

<sup>528</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Piso de mosaico português dará lugar a concreto nos calçadões do centro de SP”. São Paulo, 21/04/2009, p. C3.

<sup>529</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Calçada recém-reformada já tem buraco e piso solto”. São Paulo, 01/01/2008, p. C4.

<sup>530</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Prefeitura destrói calçada projetada por Lina Bo Bardi”. São Paulo, 05/01/2008, p. C1.

<sup>531</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “test-drive mostra que calçadas de SP são convite aos acidentes”. São Paulo, 16/03/2008, p. A1.

<sup>532</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Por onde andas?”. São Paulo, 16/03/2008, p. 20-25.

capa, a reportagem do “*Cotidiano*” concluía que “Calçadas são ruins onde mais se anda a pé”, sendo “cadeirantes e pessoas idosas” as que mais sofriam<sup>533</sup>. Reforçaram-se ainda as “*blitze*” contra prédios e estabelecimentos que invadiam calçadas irregularmente<sup>534</sup>.

Uma região em particular, a que convencionou-se chamar de “cracolândia”, teve atenção especial de Kassab, que tratou de sua revitalização, supostamente iniciada em outubro de 2007, com certa obsessão. Segundo a *Folha de S.Paulo*, o plano remetia a 2005, quando declarou-se a área de “utilidade pública para desapropriação”, e o governador José Serra passou a oferecer abatimento em impostos para empresas que por lá se instalassem. Os benefícios eram tantos que “grandes grupos do setor imobiliário”, Odebrecht e Company S.A., disputavam “nos bastidores o direito de explorar comercialmente a área” - só mais tarde essa operação seria reconhecida como uma “terceirização” “para a construção de um novo bairro”<sup>535</sup>. À época, a prefeitura pretendia “concluir os processos de desapropriação para vender, num único lote, toda a área. A empresa que o arrematasse teria a obrigação, segundo a proposta em discussão, de construir novos prédios comerciais e residenciais para revendê-los”. Para além dos planos do poder público e do setor imobiliário, espantou o discurso afinado, em que o jornal, com suas próprias palavras, rotulou a região como “área degradada no centro da cidade”, “conhecida por propiciar a viciados em drogas - principalmente crack, um derivado da cocaína - o consumo a céu aberto e a hospedagem em hotéis pequenos, baratos e decadentes”. Lamentou-se ainda que, “em pleno centro de São Paulo, a crackolândia tinha tudo para ser valorizada”, pois estava “próxima das tradicionais estações [de trem e metrô] Júlio Prestes e Luz e ao lado da avenida Ipiranga, além de como ‘âncora’ comercial da rua Santa Ifigênia, conhecida pelas lojas de produtos de informática e de eletroeletrônicos”; “a presença de traficantes e viciados, porém, acabou degradando a região”<sup>536</sup>. Kassab decretou o fim da crackolândia<sup>537</sup>, mas viu-se contestado pelos flagras de “dezenas de pessoas consumindo drogas”, com comprovações por fotos de uma reportagem dias depois de sua declaração<sup>538</sup>.

---

<sup>533</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Calçadas são ruins onde mais se anda a pé”. São Paulo, 06/10/2008, p. C3.

<sup>534</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Prefeitura faz blitz contra invasão de calçada na Paulista”. São Paulo, 07/01/2009, p. C1.

<sup>535</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “‘Terceirização’ da crackolândia passa em primeiro turno”. São Paulo, 02/04/2009, p. C6.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Câmara aprova terceirização da Nova Luz”. São Paulo, 23/04/2009, p. C5.

<sup>536</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Demolição de imóveis inicia a revitalização da crackolândia”. São Paulo, 27/10/2007, p. C1 - especial *Cotidiano* 2.

<sup>537</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “sabatina folha - ‘Não existe mais crackolândia, o que existe é Nova Luz. O sonho virou realidade - Gilberto Kassab, prefeito de São Paulo’”. São Paulo, 01/06/2007, p. A1.  
FOLHA DE SÃO PAULO. “Docinho”. São Paulo, 14/02/2008, p. A1.

<sup>538</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Para Kassab, crackolândia não existe mais”. São Paulo, 14/02/2008, p. C4.



Em sabatina da *Folha*, repercutida em 1 de junho de 2007, Kassab negou qualquer política higienista e afirmou - com destaque na capa do jornal e uma das principais frases na página de “Cotidiano” - que se mirava em exemplos de cidades reconhecidas como cidades globais: “Barcelona é o modelo para São Paulo. O sonho é a cidade de Nova York”<sup>539</sup>. Em outra reportagem sobre a ideia de reformar e restaurar prédios históricos do centro, o prefeito reconheceu que queria fazer “da revitalização do centro de São Paulo a principal bandeira de seu segundo mandato”, “mais ou menos como o projeto Cidade Limpa”<sup>540</sup>. A cracolândia é um exemplo dessa região central, talvez a que tenha recebido mais holofotes, inclusive com o nome de “Nova Luz”. A disputa pela terra e, principalmente, pelo uso da terra, porém, pôde ser observada em outros momentos. Seja naqueles em que a publicação aparenta pressionar pela transformação de “terrenos baldios inutilizados ou subaproveitados” que, segundo suas contas, seriam de quase 93 km<sup>2</sup> na capital paulista, o equivalente a 62 parques Ibirapueras, em “praças, parques, áreas de lazer, bulevares, centros culturais ou outras soluções para o uso coletivo da população”<sup>541</sup>; seja pelo registro dos resultados do mercado imobiliário, que no fim de 2007 vivia “um momento de ebulição próximo da euforia”, com média de um prédio novo na cidade por dia<sup>542</sup>; seja por outros planos da prefeitura, um deles o de “colocar uma Itu na Vila Leopoldina [Zona Oeste]”<sup>543</sup>. A gestão de Kassab e os vereadores da Câmara Municipal se envolveram em denúncias e suspeitas comprometedoras relacionadas ao setor imobiliário, apresentando também o lado fiscalizador da *Folha*. Suas páginas revelaram que a Gafisa usou a subprefeitura de Santo Amaro, na Zona Sul, para retirar moradores de “favela instalada em área pública ao lado de empreendimento imobiliário”<sup>544</sup>; que a prefeitura autorizou a remoção de 1.560 árvores, num “bosque de quase 150 mil m<sup>2</sup>”, o equivalente a “21 campos de futebol ou a três vezes o parque Trianon”, “para a construção de casas de alto padrão no bairro Alto da Boa Vista, zona nobre de Santo Amaro”<sup>545</sup>; e que um conselheiro licenciado do Secovi-SP, o sindicato do setor imobiliário, ficou incumbido de “fiscalizar a regularidade das obras,

<sup>539</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “sabatina folha - “Não existe mais cracolândia, o que existe é Nova Luz. O sonho virou realidade - Gilberto Kassab, prefeito de São Paulo”. São Paulo, 01/06/2007, p. A1.

<sup>540</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Kassab promete transformar centro no novo Cidade Limpa”. São Paulo, 05/11/2008, p. C5.

<sup>541</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “SP tem 62 Ibirapueras de terrenos baldios”. São Paulo, 25/11/2007, p. C1.

<sup>542</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “São Paulo ganha um prédio por dia, e bairros mudam”. São Paulo, 16/12/2007, p. C13 - especial Cotidiano 2.

<sup>543</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Prefeitura planeja colocar uma Itu na Vila Leopoldina”. São Paulo, 02/08/2008, p. C1 - especial Cotidiano 2.

<sup>544</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Gafisa usa subprefeitura para indenizar favelados”. São Paulo, 20/12/2007, p. A1

<sup>545</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Área verde de 150 mil m<sup>2</sup> dá lugar a casas em SP”. São Paulo, 23/03/2008, p. A1.

estabelecimentos comerciais e industriais e shoppings”, uma “novidade” da época “batizada de Controle Urbano”<sup>546</sup>.

Dos vereadores da gestão de Kassab, sempre segundo a *Folha de S.Paulo*, 43% receberam doações do setor imobiliário na campanha eleitoral<sup>547</sup>, colocando sob suspeita a aprovação, entre outros projetos, do que tiraria o “poder de decisão do Conpresp (conselho municipal do patrimônio histórico) sobre o tombamento de bens”<sup>548</sup>. O conselho passaria a ter caráter meramente consultivo, o que, pressionado pela opinião pública<sup>549</sup>, Kassab vetou<sup>550</sup>. O episódio mais polêmico apareceu na manchete principal de 15 de abril de 2009, ao se descobrir que a Associação Imobiliária Brasileira (AIB) bancava boa parte dos legisladores paulistanos e parecia influenciá-los em suas atuações. Segundo a reportagem, “das 41 propostas para alterar o zoneamento apresentadas desde 2005, 28 (68%) são de parlamentares a que a entidade fez doação em 2008”; “dos sete membros da Comissão de Política Urbana, criada para debater regras de organização da cidade, quatro obtiveram doações da AIB para campanhas”; e, por fim, era o caso de “três dos nove integrantes da Comissão de Constituição e Justiça, que discute a revisão do Plano Diretor”<sup>551</sup>. No dia seguinte, revelou-se que o Partido Verde (PV), aliado da gestão Kassab, sozinho, recebera R\$ 1,35 milhão da AIB para a campanha eleitoral<sup>552</sup>. E, por fim, nos últimos dias de abril de 2009, que 23 dos 42 vereadores que aprovaram o projeto de terceirização da Nova Luz receberam doações da AIB<sup>553</sup>. As reportagens não soavam absurdas para quem acompanhava a publicação, pois no segundo semestre de 2008 fora noticiado que “as principais construtoras do país montaram um plano de 200 obras viárias para a cidade de São Paulo, no valor de R\$ 15,6 bilhões, para ‘servir de orientação’ aos candidatos à prefeitura”. O estudo contratado previa 54 viadutos, 44 avenidas e 18 pontes<sup>554</sup>.

---

<sup>546</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Secretário ligado a setor imobiliário fiscalizará imóveis”. São Paulo, 23/01/2009, p. C3.

<sup>547</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “43% dos vereadores receberam doações do setor imobiliário”. São Paulo, 23/08/2007, p. C10.

<sup>548</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Câmara de SP tira poder de conselho para tombar bens”. São Paulo, 24/08/2007, p. A1.

<sup>549</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Kassab pede que Câmara dê trégua na disputa pelo Conpresp”. São Paulo, 05/09/2007, p. C8.

<sup>550</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Kassab veta projeto que esvaziava o Conpresp”. São Paulo, 13/10/2007, p. C6.

<sup>551</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Imobiliária banca vereador que atua pelo setor em SP”. São Paulo, 15/04/2009, p. A1.

<sup>552</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “PV obteve em SP R\$ 1,35 milhão de imobiliárias”. São Paulo, 16/04/2009, p. A1.

<sup>553</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Maioria que aprovou Nova Luz recebeu doação imobiliária”. São Paulo, 24/04/2009, p. C6.

<sup>554</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Construtoras propõem obras de R\$ 15,6 bi em São Paulo”. São Paulo, 01/09/2008, p. A1.

Importante notar que, a despeito de, neste caso, a *Folha de S.Paulo* tanto aderir a certo ideal de cidade como cobrar idoneidade e responsabilidade ambiental na implementação desse ideal, o tratamento dado para as discussões travadas entre escritórios, por assim dizer, do poder público e das empresas privadas, e a rua, daqueles principais afetados pela transformação da configuração urbana, destoava. Assim como no caso dos camelôs, os moradores de favelas ganhavam notas curtas<sup>555</sup>, por vezes acompanhadas de fotos pequenas<sup>556</sup>, quando de protestos por moradias, praticamente escondidos no “Cotidiano”. Só eram alçados à capa por momentos de violência física, ou como se tornou costume entre os chavões da imprensa, de “conflitos” com a Polícia Militar. É chocante a imagem de 7 de janeiro de 2009 de três crianças chorando “devido às bombas de gás da PM”<sup>557</sup>, o que indica, de certo modo, parecer ser esse o critério para que esse lado da questão mereça a primeira página e mais linhas. Em 14 de maio de 2009, a foto principal da edição mostrava a carcaça de um ônibus incendiado com legenda mais preocupada com a versão oficial: “PM diz que foi reação à prisão de jovem com drogas, mas moradores de favela negam”<sup>558</sup>. A reportagem do “Cotidiano” segue a mesma linha, com os dados do boletim de ocorrência e, só depois, os depoimentos de moradores locais<sup>559</sup>. Há, sim, espaço para vizinhos defenderem os presos, acusados de tráfico de drogas, mas na ordem em que aparecem, na legenda e na reportagem, relegadas à parte final, resumidas e dispostas como contrárias às alegações da PM, essas declarações tendem a perder credibilidade e a determinar a leitura e a visão do leitor sobre os dois lados.

Nessa época, de acordo com a manchete principal de 18 de fevereiro de 2008, as periferias de São Paulo estavam inchando<sup>560</sup> e, de tão “saturadas”<sup>561</sup>, passavam por um processo de “verticalização”<sup>562</sup>, com casas com mais de um pavimento. Nada disso, porém, alterava a forma como se abordavam os episódios nessas regiões. Em dezembro de 2007, apesar de uma foto de um casal em meio a pedras e fumaça, com criança a tiracolo, tentando fugir da confusão, a chamada focava em outro aspecto: “Conflito em SP durante remoção de favela provoca trânsito recorde”. O resumo de dois parágrafos da capa da *Folha* repetia que a remoção

<sup>555</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Moradores protestam após incêndio e morte em abrigo”. São Paulo, 06/05/2009, p. C5.

<sup>556</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Protesto por moradia”. São Paulo, 01/05/2009, p. C4.

<sup>557</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Quantas lágrimas”. São Paulo, 07/01/2009, p. A1.

<sup>558</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Ruas em chamas”. São Paulo, 14/05/2009, p. A1.

<sup>559</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Protesto contra prisões bloqueia marginal”. São Paulo, 14/05/2009, p. C1.

<sup>560</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Área central de SP perde moradores, e periferia incha”. São Paulo, 18/02/2008, p. A1.

<sup>561</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Saturadas, favelas se verticalizam em SP”. São Paulo, 14/07/2008, p. C1.

<sup>562</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Crescimento leva favelas a verticalização”. São Paulo, 14/07/2008, p. A1.

provocara “o maior congestionamento do ano na cidade no período da manhã” e, em seguida, descrevia que “a pista local da marginal foi interditada” e o “trânsito piorou após moradores bloquearem três faixas da via expressa contra a derrubada dos barracos”. Em letras garrafais, escancarava-se o tamanho do congestionamento: “153 km”<sup>563</sup>. Nem no “Cotidiano”, que detalhava ainda mais o trânsito da capital paulista, contestava-se, de alguma maneira, a remoção ou a maneira como foi conduzida pela prefeitura e amparada pela Polícia Militar<sup>564</sup>. Remoções que eram invariavelmente tratadas, como em outro trecho, na marginal Tietê, em que 20 mil famílias foram afetadas, com o argumento de que os locais seriam “urbanizados”<sup>565</sup>. Construtora de shopping e condomínio de luxo na Zona Sul pagando R\$ 40 mil para os moradores abrirem mão de seus barracos era raro<sup>566</sup>. Por isso, qualquer resistência, não importando o contexto ou a motivação, se resultasse em violência e em cenas dignas de guerra, merecia destaque. Os moradores de favelas ainda tinham de conviver com incêndios capazes de destruir centenas de barracos, desalojando e causando pânico em milhares<sup>567</sup>; com a repetição de estereótipos e as restrições que isso implicava de serviços básicos, como luz, negados por se tratar de “região de perigo”<sup>568</sup>, ou a estigmatização pela simples localização<sup>569</sup>.

Ainda no período de recorte desta dissertação, os moradores de rua também aumentaram para 14 mil, segundo dados de março de 2009<sup>570</sup>. O relacionamento da Prefeitura com esse grupo também corroborava a tese da obsessão por uma assepsia em São Paulo. Embaixo do Viaduto Mofarrej, na Vila Leopoldina, na Zona Oeste, construiu-se um “paredão cinzento de tijolo cru, sem portas nem janelas e com cerca de cinco metros de altura” com o objetivo de “remover cerca de 30 moradores de rua que viviam no local havia nove meses”. A prefeitura

---

<sup>563</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Conflito em SP durante remoção de favela provoca trânsito recorde”. São Paulo, 12/12/2007, p. A1.

<sup>564</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Remoção de favela provoca congestionamento recorde”. São Paulo, 12/12/2007, p. C1.

<sup>565</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Kassab pretende retirar 19 favelas das marginais”. São Paulo, 08/09/2007, p. A1.

<sup>566</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Ricos em São Paulo... pagam para afastar pobres”. São Paulo, 17/06/2007, p. A1. FOLHA DE SÃO PAULO. “Shopping dá R\$ 40 mil para morador de favela se mudar”. São Paulo, 17/06/2007, p. C1.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Novos prédios promovem limpeza urbana”. São Paulo, 17/06/2007, p. C3.

<sup>567</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Incêndio deixa 70 famílias desabrigadas na zona sul”. São Paulo, 14/11/2007, p. C7.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Vietnã brasileiro”. São Paulo, 18/01/2008, p. A1.

<sup>568</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “É região de perigo, alega Eletropaulo a morador da Vila Clara”. São Paulo, 28/02/2008, p. C5.

<sup>569</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Moradores de Heliópolis temem preconceito e querem tirar 'favela' de nome de rua”. São Paulo, 05/11/2008, p. C4.

<sup>570</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Crise eleva para 14 mil o número de moradores de rua em SP”. São Paulo, 01/03/2009, p. C6.

alegou risco de incêndio, o que acontecera no local em 2000, mas soube-se que empresários e moradores do bairro pediram que se “tomasse uma providência” quanto aos moradores de rua<sup>571</sup>. Mais do que expulsá-los, para que sequer fossem vistos, uma parcela da população, geralmente das classes média e alta, buscava evitar qualquer contato ou divisão de espaço. No dia seguinte ao aniversário de São Paulo, em 26 de janeiro de 2008, o destaque na capa sobre a comemoração era a de um morador de rua que feriu três pessoas em missa na catedral da Sé. A foto mostrava pelo menos quatro homens, dois deles engravatados, arrastando um negro aos berros<sup>572</sup>. No “*Cotidiano*”, com um infográfico explicando o passo a passo do que chamaram de “ataque na Sé”, detalhava-se em desenho a estrutura da igreja e onde estava, entre outras autoridades públicas, o prefeito Gilberto Kassab. O episódio foi realmente tratado como um “ataque”, vide a preocupação da *Folha de S.Paulo* com tantos figurões presentes. Um dos feridos disse que sabia que seria acertado por perceber Benedito de Oliveira, pois, “perturbado, resmungava a toda hora”. O cardeal d. Odilo Scherer, que cuidava da missa, falou da necessidade de mais “segurança na igreja quando há autoridades”, dando voz ao que a maioria dos leitores do jornal, provavelmente, pensava. No entanto, no fim da reportagem, a própria polícia descartou que Benedito de Oliveira tenha “entrado na igreja com o objetivo de atingir alguma autoridade”. Atribuíam o comportamento ao estado de embriaguez, já que antes do “ataque” ele gritou no meio da missa: “Mata eu, São Paulo! Eu não quero morrer de fome!”<sup>573</sup>.

Entre as medidas administrativas direcionadas aos moradores de rua, Kassab propôs, por exemplo, um “contrato de direitos e deveres” para entrarem nos albergues da Prefeitura. Teriam de “cumprir uma serie de obrigações, sob o risco de não poderem utilizar os serviços”. Entre as obrigatoriedades, “práticas de higiene, como banho e também frequentar cursos de capacitação profissional e de realizar tratamentos de saúde”<sup>574</sup>. Não que fosse fácil encontrar um abrigo. Um adolescente de 16 anos, morador de rua e ameaçado de morte por envolvimento com drogas, procurou o Conselho Tutelar do Jardim São Luiz, na Zona Sul, e só conseguiram um local para que ele ficasse em seis dias. Tampouco parecia um espaço tão querido pelos moradores de rua. A *Folha* estampou em sua capa um “homem-tatu” que, como explicava a legenda da foto principal daquela edição, era “o catador Sérgio F., 31, na fresta do viaduto

---

<sup>571</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Prefeitura faz muro sob viaduto para tirar moradores de rua”. São Paulo, 15/07/2008, p. C9.

<sup>572</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Morador de rua fere 3 em missa na Sé”. São Paulo, 26/01/2008, p. A1

<sup>573</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Morador de rua fere três na missa de São Paulo na Sé”. São Paulo, 26/01/2008, p. C1.

<sup>574</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Kassab quer contrato para morador de rua”. São Paulo, 02/12/2007, p. C18.

Rudge (região central de SP) em que mora há um mês: ‘Os albergues são nojentos, aqui é mais gostoso’<sup>575</sup>. Sérgio ficou horrorizado com a notícia de que uma semana antes um morador de rua havia sido incendiado, mas nem por isso mudava de ideia, só tinha medo das mordidas de rato<sup>576</sup>. Uma reportagem da capa do “*Cotidiano*”, em 31 de maio de 2009, ainda denunciou que a prefeitura promovia uma espécie de rodízio de moradores de rua, contrariando a lei, segundo a qual “teria de oferecer albergue, depois uma moradia provisória, e por fim, uma residência definitiva”<sup>577</sup>. Quando se tratava de famílias, a situação também parecia precária. Um texto relatou o caso de uma família que, como outras 500<sup>578</sup>, vivia em abrigo provisório da prefeitura (junto de “pessoas que perderam seus barracos em incêndios, viviam em área de risco de desabamento ou moravam em local que deveria virar uma rua ou uma área verde”) por muitos anos. A própria Prefeitura fez uma vistoria e avaliou os abrigos como “insalubres” e “emergenciais”<sup>579</sup>.

Esses expoentes da cidade limpa de Kassab indicam uma ideia, ligada à da assepsia, de uma cidade que se desejava construir, também sem a prostituição velada<sup>580</sup>, a jogatina dos bingos<sup>581</sup> e cassinos<sup>582</sup>, e com novos cartões-postais, como, por exemplo, um que estampou a capa do *relatório da cidade*, a ponte estaiada da Zona Sul, batizada de Octávio Frias de Oliveira, em homenagem ao editor da *Folha*, falecido em 29 de abril de 2007 - digno de duas capas na própria publicação<sup>583</sup>. Classificada pelo antecessor, José Serra, em 2005, de “inútil”, mereceu de Kassab novo aporte milionário em setembro de 2007<sup>584</sup>. Da parte do jornal, um acompanhamento interessante para uma ponte prestes a ser inaugurada. Registrou-se sua “pré-estreia”, quando testaram-se pela primeira vez as luzes do viaduto que ligaria a avenida

<sup>575</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Homem-tatu”. São Paulo, 08/12/2007, p. A1.

<sup>576</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “foco - Com menos de 1 metro de largura, fresta de viaduto vira abrigo para catador”. São Paulo, 08/12/2007, p. C8.

<sup>577</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Prefeitura faz rodízio de morador de rua”. São Paulo, 31/05/2009, p. C1.

<sup>578</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Família usa abrigo provisório há 16 anos”. São Paulo, 27/04/2009, p. C1.

<sup>579</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Prefeitura realiza vistoria e diz que há abrigos insalubres”. São Paulo, 27/04/2009, p. C3.

<sup>580</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “foco - Foragido havia 1 semana, dono do Bahamas é preso em flat ainda de pijamas”. São Paulo, 15/08/2007, p. C3.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Após 50 dias, Oscar Marioni, o dono do Bahamas, deixa a prisão”. São Paulo, 03/10/2007, p. C8.

<sup>581</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Polícia fecha cerco a bingos de SP”. São Paulo, 20/04/2007, p. A1.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Azar do jogo”. São Paulo, 21/04/2007, p. A1.

<sup>582</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Polícia descobre cassino ilegal”. São Paulo, 02/09/2007, p. C4.

<sup>583</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Morre Octavio Frias de Oliveira, 94”. São Paulo, 30/04/2007, p. A1.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Missa para Octavio Frias em SP reúne 700 pessoas”. São Paulo, 06/05/2007, p. A1.

<sup>584</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Chamada de inútil por Serra, ponte estaiada custará R\$ 71 mi a mais”. São Paulo, 26/09/2007, p. C7.

Jornalista Roberto Marinho - coincidentemente outro famoso editor/proprietário, este da Globo -, na Zona Sul, à Marginal Pinheiros, na Zona Oeste<sup>585</sup>; anunciou-se o dia em que seria aberta<sup>586</sup> e, no seguinte, 11 de maio de 2008, contou-se como fora a inauguração, com destaque na capa para a “maior obra da gestão de Kassab”, de R\$ 260 milhões<sup>587</sup>. A edição daquele dia relatou como foi a solenidade, com representantes do poder público, desfile de carros antigos e três protestos (de ciclistas, que não poderiam pedalar na ponte; pela despoluição do rio Pinheiros; e contrário à retirada de favelas da região)<sup>588</sup>. Em um quadro comparativo, apresentaram-se outras “pontes do mundo” e destacou-se que aquele “projeto único” colocava a “nova construção em grupo com destaque internacional”, por ser a “única do mundo em que duas plataformas estaiadas se sobrepõem, fazendo com que os cabos se entrelacem” e contar com “o maior ângulo entre estaiadas, de 60°”<sup>589</sup>. Inaugurada, transformou-se, ao menos no período do recorte e do ponto de vista da *Folha*, rapidamente, em cartão-postal. Em junho daquele ano estava de volta à primeira página como foto principal, em razão de trecho da Maratona de São Paulo que passava por lá<sup>590</sup>. No caderno “Esporte”, valeu apenas uma nota curta, também porque brasileiros venceram nas provas masculina e feminina<sup>591</sup>. Em dezembro, assim como acontece a cada ano com o Ibirapuera, virou alvo de atenção a respeito de sua decoração natalina: a expectativa<sup>592</sup>, o aviso da estreia<sup>593</sup> e, finalmente, com “luzes especiais”<sup>594</sup>, o destaque como foto principal<sup>595</sup>.

---

<sup>585</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Pré-estreia”. São Paulo, 25/04/2008, p. A1.

<sup>586</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Nova ponte estaiada abre hoje ao tráfego”. São Paulo, 10/05/2008, p. C6 - especial Cotidiano 2.

<sup>587</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Novo cartão postal”. São Paulo, 11/05/2008, p. A1.

<sup>588</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Com 138 m de altura, ponte estaiada é aberta”. São Paulo, 11/05/2008, p. C8.

<sup>589</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Projeto único coloca nova construção em grupo com destaque internacional”. São Paulo, 11/05/2008, p. C8.

<sup>590</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Brasileiros dominam a 14ª Maratona de São Paulo”. São Paulo, 02/06/2008, p. A1.

<sup>591</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Brasileiros fazem dobradinha na Maratona de São Paulo”. São Paulo, 02/06/2008, p. D6.

<sup>592</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “foco - Ponte Octavio Frias de Oliveira receberá no dia 11 árvore-de-natal luminosa”. São Paulo, 02/12/2008, p. C5 - especial Cotidiano 2.

<sup>593</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Iluminação de Natal da ponte Octavio Frias de Oliveira estréia hoje”. São Paulo, 11/12/2008, p. C9.

<sup>594</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Ponte Octavio Frias de Oliveira ganha luzes especiais para o Natal”. São Paulo, 12/12/2008, p. C7.

<sup>595</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Noite iluminada”. São Paulo, 12/12/2008, p. A1.

### *Cidade suja*

Às vésperas da visita do então presidente dos Estados Unidos, George W. Bush, em março de 2007, a *Folha de S.Paulo* estampou na sua capa a fachada do hotel Hilton Morumbi, na Zona Sul, onde o estadunidense ficaria hospedado, “com vista” para uma favela na Avenida Jornalista Roberto Marinho, de modo que se notava, do lado esquerdo, o prédio espelhado e suntuoso e, do direito, as casas simples e de alvenaria da região próxima<sup>596</sup>. Meses depois, em 23 de outubro, uma semana antes da oficialização do Brasil como sede da Copa do Mundo de 2014, portanto, a publicação colocou na primeira página, logo abaixo de seu cabeçalho, uma foto que lembraria um cartão-postal da Catedral da Sé, no Centro, não fossem dois moradores de rua, com o título de “A praça é nossa”<sup>597</sup>. Essas imagens mostravam uma face de São Paulo que não se podia controlar totalmente - ou mesmo desconstruir -, a dos contrastes. Podia-se tentar, como fez Kassab, em busca de uma imagem de “cidade limpa”, mas a realidade e suas agruras acabavam por vir à tona.

Por isso, soa até irônico que um prefeito com esse desejo de cidade limpa fosse, ao lado de seus pares, de seus antecessores e de seus vereadores, alvo de notícias de suspeitas de práticas consideradas sujas e/ou impróprias para quem ocupa um cargo público. Mais do que um contraste, uma contradição ambulante. O espectro de antigos prefeitos e suas pegadas continuavam a assombrar a capital paulista no período do recorte desta dissertação, de dezembro de 2006 a maio de 2009. Celso Pitta, que ocupou o cargo entre 1997 e 2001, foi preso pela Polícia Federal em julho de 2008 acusado de “formação de quadrilha, evasão e lavagem de dinheiro”<sup>598</sup>. Quando conseguiu *habeas corpus*, quinze dias depois, disse que sua prisão seria um ato planejado para prejudicar Kassab, em campanha eleitoral naquele momento, e seu padrinho político e também ex-prefeito paulistano, Paulo Maluf<sup>599</sup> - que teria seu inquérito arquivado<sup>600</sup>. Os vereadores supracitados por sua relação suspeita com o setor imobiliário também correram o risco de, na eleição de 2008, serem julgados “por abuso de poder e uso irregular da máquina administrativa”, pois transformaram escritórios políticos em comitês e,

<sup>596</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Relatório americano menciona dossiêgate”. São Paulo, 07/03/2007, p. C5.

<sup>597</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “A praça é nossa”. São Paulo, 23/10/2007, p. A1.

<sup>598</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Operação da PF prende Danial Dantas, Naji Nahas e Celso Pitta”. São Paulo, 09/07/2008, p. A1.

<sup>599</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Pitta afirma que sua prisão visa prejudicar Kassab e Maluf”. São Paulo, 23/07/2008, p. A1.

<sup>600</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Supremo manda arquivar inquérito contra Paulo Maluf”. São Paulo, 09/08/2007, p. A1.



“sem constrangimento”, usaram assessores parlamentares em suas campanhas, “conduta proibida por lei e passível de punição”<sup>601</sup>. Antônio Carlos Rodrigues, vereador do Partido da República (PR), candidato à reeleição e, à época, presidente da Câmara, teve sua condenação por atos de improbidade administrativa de quando era diretor-presidente da Empresa Metropolitana de Transportes Urbanos de São Paulo (EMTU), em 1992, mantida pelo Superior Tribunal de Justiça (STJ)<sup>602</sup>. E, em um balanço sobre a produção dos vereadores, a *Folha* apontou em setembro de 2008 que, ao custo de R\$ 310 milhões, apenas 30% dos projetos apresentados eram aprovados, com um a cada cinco vetado por inconstitucionalidade. Dentre os 398 aprovados, 312 eram homenagens. O que levava à conclusão por parte do jornal de que “o custo da campanha cresceu e a renovação vem caindo”<sup>603</sup>. Sem falar na corrupção ou a suspeita de corrupção em outros setores, de servidores públicos<sup>604</sup>, policiais<sup>605</sup> a juízes<sup>606</sup>.

Kassab, sozinho, a despeito das estripulias daqueles que o cercavam, notabilizou-se por conseguir ganhar as manchetes com dois chilikues em menos de duas semanas. A capa de 26 de janeiro de 2007, em outra repercussão do dia seguinte ao aniversário da cidade, estampou Kassab de boca aberta, berrando, com os dois braços para cima, naquilo que teria sido, segundo a legenda, uma “Batalha na Sé”: “Alvo de um protesto dos sem-teto, que gritavam ‘fora Kassab’ na Sé, o prefeito Gilberto Kassab reage aos gritos de ‘São Paulo, São Paulo’, deixando alguns assessores constrangidos”<sup>607</sup>. O político saía da Catedral da Sé quando encontrou cerca de “150 pessoas que pediam moradias populares e protestavam contra o que chamavam de ‘política higienista’”<sup>608</sup>. A primeira página de 6 de fevereiro mostrou episódio ainda mais embaraçoso, em que, de acordo com a chamada, “Kassab, aos gritos, expulsa manifestante”, com foto do prefeito transtornado, novamente boca aberta, urrando e, desta vez, braço direito para cima e dedo indicador em riste. “Com empurrão e gritos de ‘sai daqui’ e ‘vagabundo’, o prefeito

---

<sup>601</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Vereadores usam máquina pública em campanha”. São Paulo, 11/08/2008, p. A1.

<sup>602</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “STJ mantém condenação de vereador de SP”. São Paulo, 04/09/2008, p. A1.

<sup>603</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Câmara de SP custa R\$ 310 mi e é pouco produtiva”. São Paulo, 14/09/2008, p. A1.

<sup>604</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Servidor de SP pediu dinheiro para advogado de caça-níqueis”. São Paulo, 20/06/2007, p. A1.

<sup>605</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Propina pode ter ocorrido em mais de 70% de delegacias de SP”. São Paulo, 14/06/2007, p. A1.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Vinte policiais suspeitos de receber propina são afastados”. São Paulo, 18/06/2007, p. A1.

<sup>606</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Documentos indicam ação criminosa de juízes em SP”. São Paulo, 04/06/2007, p. A1.

<sup>607</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “FOTO - Batalha na Sé”. São Paulo, 26/01/2007, p. A1.

<sup>608</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Alvo de protestos, Kassab enfrenta manifestantes”. São Paulo, 26/01/2007, p. C5.

Gilberto Kassab (PFL) expulsou um morador da inauguração de uma unidade de saúde na zona norte<sup>609</sup>. Percebendo o erro, a repercussão ou aconselhado por sua equipe, o prefeito pediu desculpas “pelo excesso”<sup>610</sup> logo no dia seguinte. Quatro dias mais tarde, emplacou artigo contextualizando o episódio e retratando-se<sup>611</sup>:

Então, fica a pergunta: **como é que duas boas notícias** [a inauguração da unidade AMA de Pirituba no começo de fevereiro e a entrada em vigor da Lei Cidade Limpa desde janeiro de 2007] **para a cidade descambaram no descontrole do prefeito? Não tem explicação, a não ser no âmbito das imperfeições humanas, das minhas, na esteira das vastas emoções e pensamentos imperfeitos.**

Não vou tergiversar, não uso meias-palavras. Errei, me excedi. Perdi a cabeça. Não tenho sangue de barata e reajo, às vezes, como muitos reagiriam. Não tinha o direito de perder a calma, e perdi. Foi um acidente. Mas nada o justifica. Mostrei-me como não sou. No dia seguinte, pedi desculpas. Não tenho problemas em reconhecer um erro. Faço-o novamente agora, por escrito. **Peço desculpas ao senhor Kaiser, à cidade e aos brasileiros. Faço-o de coração aberto (...)**<sup>612</sup>  
(Gilberto Kassab - 2007 - grifo nosso)

Apesar dos destemperos, Kassab mereceu no começo do segundo semestre de 2007, em 22 de julho, um destaque na capa da *Folha* que dizia: “Aprovação de Kassab dobra em 4 meses e chega a 30%”. O título referia-se aos moradores da capital paulista que, segundo o Datafolha, classificaram o período de 1 ano e 4 meses até ali transcorridos dele como prefeito entre “ótimo/bom”<sup>613</sup>. Uma leitura mais atenta do resumo da chamada e, em seguida, das páginas internas do jornal, porém, mostra que sim, os números favoráveis a Kassab melhoraram no período de quatro meses, “seu melhor índice” até então; no entanto, aqueles que desaprovavam sua gestão, entendendo-a como “ruim/péssima”, ainda eram a maior fatia da amostragem (35%) e a fração daqueles, digamos, em cima do muro, que a consideravam “regular”, igualava-se à dos que a aprovavam (30%). Mudando o foco da interpretação, poderíamos dizer que, apesar de leve melhora na aprovação, a gestão continuava tendo como maior grupo o daqueles que a desaprovavam e dos que ainda não haviam sido convencidos nem de sua eficiência nem de sua ineficiência. Algo mais condizente, inclusive, com aferições da pesquisa de 13 de agosto, quando se desaprovavam, principalmente, a saúde e a violência em seu governo<sup>614</sup>. A melhora

<sup>609</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Kassab, aos gritos, expulsa manifestante”. São Paulo, 06/02/2007, p. A1.

<sup>610</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Kassab resolve pedir desculpas ‘pelo excesso’”. São Paulo, 07/02/2007, p. A1.

<sup>611</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Peço desculpas ao sr. Kaiser e aos brasileiros”. São Paulo, 11/02/2007, p. A1.

<sup>612</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Tendências/Debates - Imagens e palavras: a arte da política”. São Paulo, 11/02/2007, p. A3.

<sup>613</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Aprovação a Kassab dobra em 4 meses e chega a 30%”. São Paulo, 22/07/2007, p. A1.

<sup>614</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Em SP, saúde e violência são os principais problemas”. São Paulo, 13/08/2007, p. A1.

nos índices de Kassab talvez se explicasse, a despeito dessas áreas e dos chilikques, pela aprovação da Cidade Limpa entre 63% dos consultados<sup>615</sup>.

Os índices de aprovação de Kassab foram frequentemente destacados ao longo do período recortado para esta dissertação. Depois desses dois supracitados, a reprovação à sua gestão aumentou perto do fim de 2007<sup>616</sup>. Na medição que mais interessava, a das urnas, quando buscou a reeleição em outubro de 2008, a despeito da polêmica com Marta Suplicy, que insinuou que seria homossexual<sup>617</sup>, Kassab saiu vitorioso. Como consequência, fechou aquele ano com 56% de aprovação<sup>618</sup>, mas caiu 11 pontos logo em março de 2009<sup>619</sup>. O prefeito dos cortes no orçamento<sup>620</sup>, esquecido das promessas de campanha<sup>621</sup>, sequer colocadas no plano de metas<sup>622</sup>, afeito ao aumento das verbas com publicidade<sup>623</sup>; o prefeito do risco de ter as contas de campanha impugnadas<sup>624</sup>, que dizia não saber para onde vai cada real, diante de suspeita de corrupção na saúde<sup>625</sup>, e que chegou a estar na lista suja da Associação dos Magistrados Brasileiros (“que respondem a ações penais”)<sup>626</sup>; era, de fato, um prefeito que gostava de

---

<sup>615</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “63% aprovam o programa Cidade Limpa”. São Paulo, 13/08/2007, p. C1.

<sup>616</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Aumenta reprovação à gestão Kassab, diz Datafolha”. São Paulo, 17/12/2007, p. A1.

<sup>617</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Marta questiona vida pessoal de Kassab”. São Paulo, 13/10/2008, p. A1.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Para Marta, é importante saber se Kassab é casado”. São Paulo, 14/10/2008, p. A1.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Muitas mulheres querem casar comigo, diz Kassab”. São Paulo, 15/10/2008, p. A1.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Reta final”. São Paulo, 16/10/2008, p. A1.

<sup>618</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Kassab acaba 1º mandato com 56% de aprovação”. São Paulo, 06/12/2008, p. A1.

<sup>619</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Aprovação de Kassab recua 11 pontos; prefeito é 5º em ranking”. São Paulo, 26/03/2009, p. A1.

<sup>620</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Prefeitura de SP corta R\$ 2,2 bi de seu Orçamento”. São Paulo, 03/12/2008, p. A1.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Orçamento de SP será congelado, diz Kassab”. São Paulo, 27/12/2008, p. A1.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Kassab retém 1/4 do Orçamento e diminui obras”. São Paulo, 08/01/2009, p. A1.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Prefeitura de SP tem R\$ 440 mi para obras na cidade mas não usa”. São Paulo, 28/02/2009, p. A1.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Queda de receita faz Kassab cortar mais o Orçamento”. São Paulo, 21/04/2009, p. C3.

<sup>621</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Kassab não cumpre 54% das promessas da campanha”. São Paulo, 31/12/2008, p. A1.

<sup>622</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Kassab ignora promessas de campanha em plano de metas”. São Paulo, 01/04/2009, p. A1.

<sup>623</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Kassab dobra despesas com propaganda”. São Paulo, 31/01/2008, p. A1.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Kassab aumenta em 134% verba para publicidade”. São Paulo, 26/05/2009, p. A1.

<sup>624</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Para Promotoria, contas da eleição de Kassab podem ser impugnadas”. São Paulo, 08/05/2009, p. A1.

<sup>625</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Não posso saber para onde vai cada real, diz Kassab sobre contrato com ONG de aliado”. São Paulo, 15/01/2008, p. C10.

<sup>626</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Juízes incluem Kassab na 'lista suja' da eleição após 1 semana”. São Paulo, 30/07/2008, p. A1.

arriscar um samba no pé, como fez durante entrega de obra<sup>627</sup>, e que acreditava ter uma gestão, ainda que na metade de 2007, merecedora de nota “10”<sup>628</sup>. Kassab só esquecia que a realidade não é construída apenas com as suas palavras e as imagens que priorizava e buscava imputar. Apesar de estar em sintonia com a imprensa para algumas questões, não necessariamente tinha sua concordância no modo como atuava nessas questões e era constantemente alvo de fiscalização e crítica para o maior número possível de atos administrativos.

Os serviços básicos, seja aqueles de responsabilidade da Prefeitura, do governo do estado, do governo federal ou mesmo compartilhados entre ao menos duas dessas esferas de poder, desde que entendidos como serviços básicos oferecidos em São Paulo, também não contribuíam para a construção de uma imagem asséptica ou próxima do que seus propagadores acreditam como ideal. A água era frequentemente desperdiçada. Levantamento do Instituto Socioambiental (ISA) apresentado na *Folha* explicava que 30,8% da água de São Paulo era perdida “antes de chegar à população”. A Sabesp reconheceu na ocasião que sua infraestrutura era “muito antiga”<sup>629</sup>. Um dos principais problemas era a tubulação, que, como provavam reportagens do jornal, costumava romper em diversos pontos, afetando milhares, por culpa da própria Sabesp<sup>630</sup>, mesmo quando fazia manutenção<sup>631</sup>, ou dos outros, como de um prédio implodido, deixando cinco bairros sem água<sup>632</sup>. A gestão do recurso hídrico, aliada ao consumo exagerado do paulistano<sup>633</sup>, fazia com que estudo de março de 2009 já avaliasse o risco de “colapso” no abastecimento da capital paulista nos próximos anos<sup>634</sup>. Não era o caso de culpar São Pedro. Houve um momento considerado de seca, entre junho e agosto, em que se viveu a

---

<sup>627</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Samba no pé”. São Paulo, 03/03/2008, p. A1.

<sup>628</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “sabatina folha - Kassab dá nota dez à sua gestão e diz que não há cracolândia”. São Paulo, 01/06/2007, p. A1.

<sup>629</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “45% da água se perde antes de chegar às casas”. São Paulo, 17/11/2007, p. A1.

<sup>630</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Rompimento de tubulação de água afeta 70 mil”. São Paulo, 21/12/2007, p. C10.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Pelo cano”. São Paulo, 27/05/2008, p. A1.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Cano vaza e abre cratera em Pinheiros”. São Paulo, 09/10/2008, p. C10.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Adutora rompe e deixa sem água 70 mil pessoas”. São Paulo, 28/01/2009, p. C4.

FOLHA DE SÃO PAULO. “1 milhão de pessoas ficarão sem água hoje nas zonas sul e leste”. São Paulo, 15/04/2009, p. C4.

<sup>631</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Corte de água atinge 8,5 milhões hoje na Grande SP”. São Paulo, 18/08/2007, p. C6.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Manutenção deixa 50 mil sem água em SP”. São Paulo, 29/10/2007, p. C8.

<sup>632</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Entrou água”. São Paulo, 18/02/2008, p. A1.

<sup>633</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Em São Paulo, o consumo é o dobro indicado pela ONU”. São Paulo, 17/11/2007, p. C3.

<sup>634</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Estudo vê risco de crise grave na oferta de água na Grande SP”. São Paulo, 22/03/2009, p. A1.

expectativa de retorno da chuva<sup>635</sup>, com a umidade do ar tão baixa a ponto de comparar-se à do deserto do Saara<sup>636</sup>. A chuva fraca após 47 dias pareceu comemorada, pois mereceu a foto principal de 4 de agosto de 2008<sup>637</sup>.

Por outro lado, os estragos que as chuvas costumavam causar indicavam o eterno despreparo da metrópole, contabilizando-se, com frequência, pontos de alagamento e o tamanho do congestionamento, geralmente acima da média, com recordes de engarrafamento<sup>638</sup>. Em dezembro de 2007, por exemplo, em apenas um dia choveu 30% do previsto para o mês inteiro, causando 47 pontos de alagamento e congestionamento de 180 km, o dobro da média no meio da tarde<sup>639</sup>. Por vezes, era pior, com vítimas<sup>640</sup>, quedas de árvores, granizo<sup>641</sup> e crateras<sup>642</sup>. Rendiam ótimas imagens para as capas, algumas poéticas, outras tenebrosas, de nuvens negras pairando sobre a cidade<sup>643</sup>, e até mesmo desesperadoras, como a de um ônibus ilhado, literalmente cercado por água até quase a altura das janelas, na Zona Sul<sup>644</sup>, ou de carros praticamente submersos numa avenida, na Zona Oeste<sup>645</sup>. A chuva (e mesmo sua ausência) fazia parte do cotidiano paulistano a ponto de, como brincou uma chamada de capa de janeiro de 2008, chamar-se a cidade de “São Paulo submersa” — em reportagem que tentava mostrar que “por trás do trânsito parado e das imagens trágicas, a cidade esconde um lado anfíbio que se movimenta no aguaceiro”<sup>646</sup>.

Outro problema recorrente era o da falta de luz. Para além das falhas menores e pontuais, a *Folha de S. Paulo* registrou na capa, em 2008, dois apagões. O primeiro, em 4 de março, deixou cerca de 2,7 milhões de pessoas, 21 bairros e cinco estações de metrô sem luz por quase

---

<sup>635</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Após 31 dias, São Paulo deve ter chuva hoje”. São Paulo, 24/07/2008, p. A1.

<sup>636</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Sem frescor”. São Paulo, 30/07/2008, p. A1.

<sup>637</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Chuva fraca encerra 47 dias de seca em São Paulo”. São Paulo, 04/08/2008, p. A1.

<sup>638</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Chuva alaga SP, para trens e causa recorde de trânsito”. São Paulo, 18/03/2009, p. A1.

<sup>639</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Chuva provoca alagamento em 47 pontos de SP”. São Paulo, 20/12/2007, p. A1.

<sup>640</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Chuva em SP causa morte de menina de 7 anos e fere três”. São Paulo, 21/01/2008, p. A1.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Chuva derruba muro, arrasta 4 carros e fere 1”. São Paulo, 27/01/2009, p. C3.

<sup>641</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Gota d'água”. São Paulo, 18/11/2008, p. A1.

<sup>642</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Chuva deixa cratera de 3m na Avenida Rudge, em São Paulo”. São Paulo, 24/11/2008, p. C4.

<sup>643</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Sinal dos tempos”. São Paulo, 28/01/2009, p. A1.

<sup>644</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Saída pelo teto”. São Paulo, 23/12/2008, p. A1.

<sup>645</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Chuva em SP causa 1 morte e 55 pontos de alagamento”. São Paulo, 08/02/2009, p. A1.

<sup>646</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “São Paulo submersa”. São Paulo, 20/01/2008, p. A1.

uma hora no período da manhã<sup>647</sup>. Em 6 de março, falou-se em apagão de três horas e meia e 6.766 casas e estabelecimentos comerciais afetados, principalmente nos Jardins e em Moema<sup>648</sup>. O problema parecia superado quando, em pleno Natal, 21 mil imóveis ficaram sem luz novamente<sup>649</sup>.

Os problemas nos serviços básicos não acabavam aí. Na educação, conseguir uma vaga na sala de aula era difícil. Segundo levantamento divulgado em abril de 2009, ao menos 1.027 crianças estavam sem lugar para estudar no Ensino Fundamental<sup>650</sup>. Para se ter uma ideia, cerca de 800 pessoas fizeram uma fila “gigantesca” para matricular seus filhos no Centro Educacional Unificado (CEU) Jardim Paulistano, na Brasilândia, na Zona Norte<sup>651</sup>. As creches sofriam ainda mais. Em novembro de 2007, excluíram-se as crianças acima de três anos<sup>652</sup>. Diante das queixas das mães, que diziam ter direito “ao atendimento em dois períodos”, ofereceram-se “atividades de lazer em clubes municipais”<sup>653</sup>. No mês seguinte, dezembro de 2007, em longa entrevista à *Folha*, Kassab admitiu que, ao lado da saúde, a educação estava entre os maiores problemas da cidade (“não estão tendo o ensino público que a cidade poderia oferecer”)<sup>654</sup>. Ainda assim, cerca de seis meses depois, na metade de 2008, o déficit nas creches tinha aumentado. Cerca de 93 mil aguardavam por uma vaga<sup>655</sup>. Auditoria do Tribunal de Contas do Município (TCM) nas creches conveniadas, que tinham até unidade em cima de loja de construção<sup>656</sup>, criticava-as pelo “baixo desempenho em termos de ensino”<sup>657</sup>. O que não parecia importar para as mães. Para elas, “creche boa é a que tem vaga”<sup>658</sup>. Nos outros níveis de ensino, depois de conquistado um assento, os alunos tinham de conviver com as faltas dos professores. Segundo manchete

---

<sup>647</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Apagão em SP prejudica 2,7 milhões”. São Paulo, 05/03/2008, p. A1

<sup>648</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Novo apagão deixa sem luz trechos de 6 bairros de SP”. São Paulo, 07/03/2008, p. A1.

<sup>649</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “21 mil imóveis ficam sem luz no Natal em SP”. São Paulo, 26/12/2008, p. C2.

<sup>650</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “SP tem mais de mil crianças sem vaga em escolas. São Paulo, 12/04/2009, p. A1

<sup>651</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “800 fazem fila em busca de vaga em CEU da zona norte”. São Paulo, 13/02/2008, p. C6.

<sup>652</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Maiores de 3 anos perdem espaço em creches de SP”. São Paulo, 16/11/2007, p. A1.

<sup>653</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Prefeitura oferece clube a 'sem-creche'”. São Paulo, 22/11/2007, p. C5.

<sup>654</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Educação é o pior problema de SP, afirma prefeito”. São Paulo, 15/12/2007, p. A1.

<sup>655</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Em São Paulo, déficit de vagas nas creches atinge 93 mil crianças”. São Paulo, 23/06/2008, p. A1.

<sup>656</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “SP põe creche em cima de loja de construção”. São Paulo, 18/05/2009, p. C1.

<sup>657</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Kassab investe em creche que não tem professor formado”. São Paulo, 24/07/2008, p. C1

<sup>658</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Importante é conseguir vaga em creche, diz mãe”. São Paulo, 24/07/2008, p. C1.

principal de 11 de novembro de 2007, a cada dia letivo, cerca de 30 mil ausentavam-se<sup>659</sup>. Kassab propôs gratificações maiores aos docentes que faltassem menos<sup>660</sup>. O Governo Estadual limitou as faltas a seis por ano e conseguiu, 12 meses depois, queda de 59% nas ausências das estaduais<sup>661</sup>. Isso quando as aulas começavam dentro do previsto. Em 12 fevereiro de 2009, alunos da rede estadual deram com a “cara na porta” por não terem sido notificados do adiamento do início das aulas - para contratação de professores<sup>662</sup>. Cinco dias mais tarde uma foto mostrava o “ensino fora de lugar”, uma quadra de esportes transformada em sala de aula<sup>663</sup> - o que Serra via apenas como perseguição, um “problema de prioridade jornalística”<sup>664</sup>, como proibir celulares nas salas<sup>665</sup>.

Entre as escolas pior avaliadas de primeira a quarta série e a pior do ensino médio, todas tinham “problemas parecidos: falta d’água, banheiros interditados e falta de professores”, “os alunos são dispensados na hora do recreio” e “há perda de duas a três aulas por dia”<sup>666</sup>. Ou seja, nem estar em sala de aula, não importa com que infraestrutura, parecia garantia de qualidade de ensino. Cerca de 37% dos aprovados na 1ª série ao final de 2007 sequer sabiam ler<sup>667</sup>. Com a realidade da “superlotação de salas”, numa “prova inédita” para testar os conhecimentos dos alunos da 2ª série da rede municipal, verificou-se que “cerca de 29% não conseguem entender uma conta de água ou o contexto de uma história em quadrinhos”<sup>668</sup>. Conforme o critério da Secretária de Educação Estadual, que considerava as médias dos alunos em provas de português e matemática, nenhuma escola da capital paulista que oferecia 6ª série, 8ª série e ensino médio tinha notas adequadas<sup>669</sup>. Uma menina em especial pediu para ser reprovada por não saber “nada” e, em razão da “progressão continuada” de escola municipal da Zona Norte, passou de

---

<sup>659</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Em SP, 13% dos professores faltam a cada dia de aula”. São Paulo, 11/11/2007, p. A1.

<sup>660</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Prefeitura quer premiar professor que falte pouco”. São Paulo, 27/11/2007, p. A1.

<sup>661</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Professores faltam 59% a menos em SP após restrição”. São Paulo, 04/12/2008, p. A1.

<sup>662</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Cara na porta”. São Paulo, 12/02/2009, p. A1.

<sup>663</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Ensino fora do lugar”. São Paulo, 17/02/2009, p. A1.

<sup>664</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Serra critica imprensa e diz que problemas em escolas é residual”. São Paulo, 19/02/2009, p. C6.

<sup>665</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Serra proíbe uso de celular durante a aula”. São Paulo, 13/10/2007, p. A1.

<sup>666</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Em escolas mal avaliadas, faltam água e professores”. São Paulo, 20/03/2009, p. A1.

<sup>667</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “37% dos aprovados na 1ª série não sabem ler”. São Paulo, 12/10/2007, p. C7.

<sup>668</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Alunos da 2ª série em SP não sabem ler conta de água”. São Paulo, 02/02/2008, p. A1.

<sup>669</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Nenhuma escola de nível médio consegue nota adequada em SP”. São Paulo, 14/04/2009, p. A1.

ano mesmo assim, da 8ª série para o colegial. Até a Defensoria Pública foi acionada pelos pais analfabetos para interceder pela garota<sup>670</sup>. Além das falhas no ensino em si, os alunos de Infantil e Fundamental ainda tinham de sofrer com o “turno da fome”<sup>671</sup> em algumas escolas, uniformes de tamanhos errados em outras<sup>672</sup> e a distribuição equivocada de livros - como um de palavras para a 3ª série<sup>673</sup>. No nível médio, com a exigência por lei federal do acréscimo de aulas de Sociologia e o aumento do número de aulas de Filosofia no currículo durante os três anos letivos, a Secretaria Estadual de Educação diminuiu a carga de História, pois o aumento da jornada seria inviável<sup>674</sup>. Serra, mais uma vez, criticou o que chamou de imposição, mas, perante críticas, voltou atrás e ficou de estudar como se adequar<sup>675</sup>.

Em 2009 ocorre o maior escândalo da educação no período desta dissertação. O Ministério Público Estadual revelou a suspeita de fraude nas merendas, num “conluio entre empresas” no pregão de maio de 2007, e o órgão fiscalizador também apontou irregularidades na qualidade dos alimentos<sup>676</sup>. Um dos possíveis envolvidos seria Sergio Ramos Jr., que por dois anos na prefeitura, passando pelas gestões de Serra e Kassab, “requisitou formalmente a abertura de licitação para os serviços terceirizados, acompanhou contratos e também a elaboração do edital para selecionar os fornecedores de comidas aos alunos” e, em fevereiro de 2007, “mudou de lado” e viu sua nova empregadora, a SP Alimentação, vencer o tal pregão de maio daquele ano<sup>677</sup>. A suspeita derrubou a diretora técnica do Departamento de Merenda Escolar daquele momento, Beatriz Aparecida Edmea Tenuta, que havia trabalhado antes para a mesma SP Alimentação<sup>678</sup>. Soube-se ainda que o Conselho de Alimentação Escolar, “principal órgão independente responsável por fiscalizar a merenda, vinha diminuindo o número de

---

<sup>670</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Escola passa aluna que pediu reprovação por não saber 'nada'”. São Paulo, 01/02/2009, p. C5.

<sup>671</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Kassab vai manter “turno da fome” em 66 escolas”. São Paulo, 08/10/2008, p. C4.

<sup>672</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Kassab entrega uniforme de adulto a crianças”. São Paulo, 16/05/2009, p. especial Cotidiano 2 - C5.

<sup>673</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “SP distribui a alunos da 3ª série livro que traz palavras”. São Paulo, 19/05/2009, p. A1.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Alunos de 3ª série em SP recebe livro para adolescente”. São Paulo, 28/05/2009, p. A1.

<sup>674</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “SP corta aulas de história para pôr sociologia no currículo”. São Paulo, 06/12/2008, p. A1.

<sup>675</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “SP volta atrás e mantém aulas de história”. São Paulo, 23/12/2008, p. C6.

<sup>676</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Promotoria investiga fraude na merenda”. São Paulo, 05/02/2009, p. A1.

<sup>677</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Chefe da merenda da capital migrou para fornecedora”. São Paulo, 06/02/2009, p. A1.

<sup>678</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Prefeitura afasta responsável pela merenda em SP”. São Paulo, 07/02/2009, p. A1.



vistórias<sup>679</sup>. O escândalo fez com que Kassab decidisse antecipar parte do contrato dos fornecedores de merenda<sup>680</sup>, e ainda surgiu a notícia de que empresas vendedoras de enlatados, biscoitos e carne às prefeituras brasileiras contratavam advogados para impugnar licitações de merenda<sup>681</sup>. O episódio não está relacionado ao de fevereiro de 2016<sup>682</sup>.

A realidade das escolas públicas era, geralmente, retratada assim, por seus problemas e episódios mais embaraçosos, com alunos confinados para prevenir assaltos<sup>683</sup> ou destruindo escolas - uma no bairro do Belém “sem motivo claro”<sup>684</sup>, e outra na Mooca, ambas na zona leste, em solidariedade a estudantes presos por ordem do diretor<sup>685</sup>, sofrendo com cacetadas e gás de pimenta da PM em ambas. Em relação às escolas particulares, percebia-se a valorização dos seus aspectos positivos. Um caderno especial de abril de 2008 anunciava as “notas das 390 escolas privadas de SP no Enem [Exame Nacional do Ensino Médio]”, como se essas fossem as mais importantes ou, no mínimo, as que mais interessavam a seus leitores - com certeza, não as do ensino público. A capa apresentava duas listas: “as 10 melhores do país” e “as 10 melhores particulares do estado”. Nessa última, oito na capital paulista, das mais tradicionais e conhecidas da cidade, reforçando, como dito, sua excelência e, logo, sua posição no imaginário coletivo<sup>686</sup>. Como estavam disponíveis apenas a quem pudesse pagar, a pais que pudessem investir numa escola privada, o jornal também oferecia um “guia da escola”, para orientar “na hora de escolher os colégios”, baseado no que “50 profissionais de destaque levaram em conta” nessa decisão<sup>687</sup>. Das 16 páginas do caderno, oito são de anúncios de colégios, alguns de página inteira, outros “loteando” o espaço. O que explica também os avisos, por exemplo, dos reajustes

---

<sup>679</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Fiscalização da merenda em SP fez só 3 vistórias no ano passado”. São Paulo, 18/02/2009, p. A1.

<sup>680</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Prefeitura vai antecipar fim de contrato da merenda em SP”. São Paulo, 11/02/2009, p. A1.

<sup>681</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Ação judicial aponta lobby contra merenda”. São Paulo, 30/05/2009, p. A1.

<sup>682</sup> Em fevereiro de 2016, soube-se pela imprensa que a Polícia Civil e o Ministério Público Estadual de São Paulo investigavam “um esquema de fraude na compra de alimentos para merenda de prefeituras e do governo do estado”. O tamanho do desvio ainda não tinha sido identificado, “mas as suspeitas recaem sobre contratos feitos com creches e escolas públicas de ao menos 22 cidades nos últimos dois anos”. Para mais detalhes: <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2016/02/veja-como-funcionava-o-esquema-suspeito-de-fraude-na-merenda-em-sp.html>

<sup>683</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Alunos de escola estadual ficam confinados para evitar assaltos”. São Paulo, 04/09/2007, p. A1.

<sup>684</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Aula de violência”. São Paulo, 13/11/2008, p. A1.

<sup>685</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Rebelião estudantil”. São Paulo, 15/05/2009, p. A1.

<sup>686</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Confira notas das 390 escolas privadas de SP no Enem”. São Paulo, 04/04/2008, p. A1.

<sup>687</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “guia da escola - Saiba o que os pais consideram na hora de escolher os colégios”. São Paulo, 28/09/2008, p. A1.

de mensalidades<sup>688</sup>, algo que só se justificaria para leitores atentos a esse tema, leitores que não eram, em sua maioria, de pais de alunos da rede pública.

O setor da saúde, por sua vez, parecia viver sobretudo de uma dita excelência em suas unidades particulares, daquelas que pretendiam entrar na “rota do turismo internacional de saúde”<sup>689</sup>, dignos de top models como Naomi Campbell, que veio ao Sírio Libanês para a retirada de um cisto<sup>690</sup>, do “maior centro de câncer da América Latina”<sup>691</sup>, daqueles restritos, melhores e mais caros apresentados num caderno especial de 22 páginas pelo jornal<sup>692</sup>. As páginas do “Cotidiano”, porém, registravam casos de pacientes em hospitais públicos esperando para serem atendidos no corredor<sup>693</sup>, dormindo na fila para marcar consulta<sup>694</sup>, já que acumulavam-se pedidos de quatro anos antes<sup>695</sup>, e pessoas que morreram aguardando sua vez<sup>696</sup> - a “superlotação” que se espalhava até os hospitais das “classes A e B”<sup>697</sup>. Mesmo com doenças

---

<sup>688</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Mensalidade escolar deverá ter reajuste médio de 10% em 2009”. São Paulo, 16/09/2008, p. A1.

<sup>689</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Hospitais de ponta querem atrair paciente estrangeiro”. São Paulo, 30/09/2007, p. C9 - esp. Cotidiano 2.

FOLHA DE SÃO PAULO. “SP ganha novo hospital top de linha”. São Paulo, 30/09/2007, p. C18 - esp. Cotidiano 2.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Setor de saúde e governo vão divulgar medicina brasileira em outros países”. São Paulo, 30/09/2007, p. C18 - esp. Cotidiano 2.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Agências captam pacientes interessados em tratamentos mais baratos e turismo”. São Paulo, 30/09/2007, p. C18 - esp. Cotidiano 2.

<sup>690</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Naomi Campbell retira cisto no Sírio-Libanês”. São Paulo, 27/02/2008, p. A1.

<sup>691</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “SP ganha hoje maior centro de câncer da América Latina”. São Paulo, 06/05/2008, p. C6.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Novo hospital de câncer atenderá planos de saúde”. São Paulo, 07/05/2008, p. A1.

<sup>692</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Pesquisa Datafolha mostra os melhores hospitais de SP segundo os médicos”. São Paulo, 26/08/2007, p. A1.

<sup>693</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Hospital municipal acomoda 30 pacientes nos corredores”. São Paulo, 06/07/2007, p. C8.

<sup>694</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Pacientes dormem na fila para agendar consultas em SP”. São Paulo, 16/07/2007, p. C6.

<sup>695</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Fila para exames médicos em SP tem pedidos de 2003”. São Paulo, 30/07/2007, p. C12.

<sup>696</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Idosa morre após esperar 6 horas por atendimento em hospital, diz filha”. São Paulo, 03/12/2007, p. C4.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Homem morre após esperar 120h por UTI”. São Paulo, 21/03/2009, p. C6 - especial Cotidiano 2.

<sup>697</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Hospitais das classes A e B têm superlotação”. São Paulo, 17/10/2008, p. A1.

contagiosas em evidência durante o período recortado, como febre amarela<sup>698</sup> e gripe suína<sup>699</sup>, e a dificuldade em vacinar e imunizar a população em alguns casos<sup>700</sup>, a cidade tinha de conviver com uma gestão que esnobava 220 ambulâncias novas paradas por seis meses<sup>701</sup>; que pagava dez vezes mais por medicamentos<sup>702</sup>; que diagnosticava morte para bebê vivo<sup>703</sup>; que suspeitava de irregularidades em um dos hospitais públicos mais conceituados da cidade, o Hospital das Clínicas<sup>704</sup>, e que tinha parcerias interrompidas<sup>705</sup>. Culpar os quase 3 milhões de pacientes que vinham de cidades vizinhas para se tratar na capital paulista<sup>706</sup> ou os clientes de convênio que utilizavam o Sistema Único de Saúde (SUS), como parecia insinuar a *Folha de S.Paulo*, não remediaria os problemas. A poluição, por exemplo, batia constantemente seus níveis mais altos<sup>707</sup> — isso quando não ocorriam panes na medição<sup>708</sup> — e contribuía para deixar a cidade em estado de alerta pela baixa umidade relativa do ar<sup>709</sup>, arrastando mais pessoas aos hospitais. Exercício físico nessas condições, então, acabava fazendo mal<sup>710</sup>. Segundo estudo da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP), baseado em parâmetros da

---

<sup>698</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Saúde confirma febre amarela em moradora de SP”. São Paulo, 12/01/2008, p. A1.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Vacinação contra febre amarela gera filas de 4 horas”. São Paulo, 13/01/2008, p. A1.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Enfermeira morre após tomar vacina da febre amarela”. São Paulo, 01/02/2008, p. A1.

<sup>699</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “SP confirma mais um caso de gripe suína, o nono do país”. São Paulo, 22/05/2009, p. A1.

<sup>700</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Vacinação cai, e doenças aumentam em São Paulo”. São Paulo, 31/05/2007, p. C5.

<sup>701</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “220 ambulâncias novas estão paradas em SP”. São Paulo, 27/02/2008, p. C4.

<sup>702</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Prefeitura de SP pagou dez vezes mais por medicamento”. São Paulo, 30/03/2009, p. A1.

<sup>703</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Diagnóstico de morte para bebê vivo em SP vai ser investigado”. São Paulo, 06/01/2009, p. A1.

<sup>704</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Ex-diretor relata em livro irregularidades no HC”. São Paulo, 14/10/2007, p. C5.

<sup>705</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Justiça ordena que SP suspenda parcerias do sistema de saúde”. São Paulo, 09/09/2008, p. A1.

<sup>706</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Cidades vizinhas ‘exportam’ a SP quase 3 milhões de pacientes”. São Paulo, 31/05/2008, p. A1.

<sup>707</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Em 4 dias, poluição em 4 regiões já bateu níveis de julho de 2006”. São Paulo, 05/07/2007, p. C4.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Poluição em SP piora pela 1ª vez desde 2002”. São Paulo, 02/03/2008, p. A1.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Cetesb aponta nível severo de poluição em 14 regiões de SP”. São Paulo, 12/06/2008, p. A1.

FOLHA DE SÃO PAULO. “São Paulo teve julho mais poluído dos últimos dois anos”. São Paulo, 01/08/2008, p. C5.

<sup>708</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Pane prejudica medição de qualidade do ar”. São Paulo, 14/11/2007, p. C5.

<sup>709</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Horizonte perdido”. São Paulo, 07/03/2008, p. A1.

<sup>710</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Exercícios em locais poluídos pioram a saúde dos atletas”. São Paulo, 13/04/2008, p. C4.

Organização Mundial da Saúde (OMS), o ar da região metropolitana seria três vezes mais tóxico do que o limite estabelecido pela OMS<sup>711</sup>.

Com tantas questões relacionadas à saúde, a que mais ocupou as capas do jornal durante os 30 meses da dissertação foi a do tabagismo. A escalada começou com Kassab proibindo charutos, cigarrilhas e cachimbos em bares e restaurantes<sup>712</sup>. A nova lei complementava uma anterior, também municipal, de que o fumo só era permitido em espaços separados, também em bares e restaurantes. Segundo levantamento da *Folha*, de 2001 até a edição de 15 de fevereiro de 2008, apenas uma multa tinha sido aplicada<sup>713</sup>. Em maio do mesmo ano foi a vez de Serra, que sancionou lei para proibir, em todo o estado, o fumo em repartições públicas, bancos, hospitais e escolas<sup>714</sup>. As restrições já estavam em lei federal, com a novidade de previsão de multas<sup>715</sup>. O governador se animou e propôs, em agosto, na véspera do Dia Nacional de Combate ao Fumo, banir o cigarro de “ambientes coletivos fechados, públicos ou privados”. Restaria aos fumantes o “ar livre ou dentro de casa”<sup>716</sup>. O projeto foi aprovado pela Assembleia Legislativa de São Paulo - ainda que os próprios deputados desrespeitassem outras legislações a respeito do tema<sup>717</sup> - e entrou em vigor em 6 de agosto de 2009<sup>718</sup>. Pesquisa do Datafolha indicou que 86% dos fumantes pretendia cumprir a nova lei<sup>719</sup>. Antes de começar a valer, a publicação discutiu em diversos artigos o que estava por trás da opção de fumar, com aqueles que defendiam a liberdade<sup>720</sup> e os que a criticavam<sup>721</sup>; contou as experiências de quem

---

<sup>711</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Poluição acelera morte de 20 pessoas por dia em SP”. São Paulo, 05/03/2009, p. A1.

<sup>712</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Kassab proíbe charuto em bares e restaurantes”. São Paulo, 14/02/2008, p. A1.

<sup>713</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Desde 2001, lei antifumo só teve 1 multa aplicada em São Paulo”. São Paulo, 15/02/2008, p. A1.

<sup>714</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “SP sanciona lei antifumo com multa de R\$ 560”. São Paulo, 21/05/2008, p. A1.

<sup>715</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Fumo em área proibida terá multa de R\$ 560”. São Paulo, 21/05/2008, p. C6.

<sup>716</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Serra propõe banir cigarro em SP”. São Paulo, 29/08/2008, p. A1.

<sup>717</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Assembleia de SP desrespeita leis antifumo”. São Paulo, 18/04/2009, p. A1.

<sup>718</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Proibição do fumo começa em São Paulo em 6 de agosto”. São Paulo, 08/05/2009, p. A1.

<sup>719</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Maioria dos fumantes afirma que cumprirá lei”. São Paulo, 11/05/2009, p. A1.

<sup>720</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Por trás da opção de fumar ou não está a liberdade”. São Paulo, 03/09/2008, p. A1.

<sup>721</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Fumantes não têm direito de adoecer quem não fuma”. São Paulo, 14/09/2008, p. A1.

converteu-se de propósito ao cigarro<sup>722</sup> e de quem tentou o serviço público para parar de fumar<sup>723</sup>; e de como poderiam beneficiar-se fumantes e não fumantes<sup>724</sup>.

Entre reflexo e causa de serviços básicos de baixa qualidade costumam estar funcionários descontentes, desmotivados e malremunerados. A quantidade de greves (ou ameaças de greve) que afetaram São Paulo no período, mesmo que de setores ligados ao estado ou ao Governo Federal, reforça essa ideia. Afinal, houve paralisações (ou ameaças de paralisações, que também indicam algum tipo de ruído) de: servidores públicos<sup>725</sup>, professores<sup>726</sup>, da comunidade da USP<sup>727</sup>, dos estudantes da PUC-SP<sup>728</sup>, de policiais<sup>729</sup>, da

---

<sup>722</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Aos 46, me converti de propósito em fumante por um mês. Além de dor de garganta, tosse e vômitos, senti prazer”. São Paulo, 07/09/2008, p. A1.

<sup>723</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Procurei o setor público para parar de fumar. Recomendaram que eu chupasse bala”. São Paulo, 07/09/2008, p. A1.

<sup>724</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Restrição a cigarro beneficia fumantes e não-fumantes”. São Paulo, 30/08/2008, p. A1.

<sup>725</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Servidores protestam na av. Paulista”. São Paulo, 11/05/2007, p. C4. FOLHA DE SÃO PAULO. “Servidores da USP param por R\$ 200 de aumento”. São Paulo, 14/11/2007, p. C9.

<sup>726</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Professores da rede municipal de SP anunciam greve”. São Paulo, 15/09/2007, p. C5.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Professores e funcionários de Fatecs e Etecs iniciam greve”. São Paulo, 01/03/2008, p. C6.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Em cima do trio elétrico”. São Paulo, 14/06/2008, p. A1.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Ultrapassagem proibida”. São Paulo, 21/06/2008, p. A1.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Manifestação semanal”. São Paulo, 28/06/2008, p. A1.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Paralisação suspensa”. São Paulo, 05/07/2008, p. A1.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Manifestação de professores da rede municipal acaba em tumulto no centro de SP”. São Paulo, 01/05/2009, p. C5.

<sup>727</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Greve de alunos agrava crise na USP”. São Paulo, 18/05/2007, p. C4.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Professores encerram greve de 19 dias na USP”. São Paulo, 12/06/2007, p. A1.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Cabeça quente”. São Paulo, 26/05/2009, p. A1.

<sup>728</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Ocupação”. São Paulo, 07/11/2007, p. A1.

<sup>729</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Políciais civis de SP fazem greve a partir de hoje”. São Paulo, 13/08/2008, p. A1.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Políciais civis de SP retomam greve e fazem protesto”. São Paulo, 11/10/2008, p. A1.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Políciais civis de SP mantêm greve”. São Paulo, 23/10/2008, p. A1.

Defensoria Pública<sup>730</sup>, dos perueiros<sup>731</sup>, metroviários<sup>732</sup>, motoristas de ônibus<sup>733</sup>, funcionários dos Correios, da Sabesp<sup>734</sup> e de bancos<sup>735</sup>.

### *Obsessões compartilhadas*

A *Folha de S. Paulo*, seja por convicções próprias, de seus donos, editores e repórteres, pensando a parte ou a totalidade desses grupos que nas dinâmicas diárias disputam, dialogam e, ao final, sempre imprimem em maior ou menor grau suas visões e ideologias, assim automaticamente reconhecidas por terem sido publicadas, aceitas, consentidas e endossadas pela publicação; seja por imaginarem de interesse de seus leitores, tinha (e tem), por assim dizer, suas obsessões. Uma dessas obsessões é, como prova o levantamento de *tags*, o trânsito. Sexto assunto com o maior número de reportagens no período recortado, entre dezembro de 2006 e maio de 2009, nunca saiu do Top 11, figurando em 11º enquanto São Paulo esteve como *candidata coadjuvante* e 4º enquanto como *protagonista*. A quantidade de menções justifica-se por uma espécie de debate, análise e preocupações sem fim com o trânsito, girando ao redor, principalmente, do tamanho do engarrafamento, de suas causas pontuais ou recorrentes, de seus problemas contumazes e de possíveis soluções.

Existe certa obsessão pela sucessiva quebra de recordes de engarrafamento, constantemente alardeados nas capas do jornal de acordo com a marca atingida, variando o

---

<sup>730</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Com paralisação, SP ameaça não ampliar Defensoria”. São Paulo, 14/10/2008, p. C8.

<sup>731</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Perueiros desistem de paralisação”. São Paulo, 13/06/2007, p. C3.

<sup>732</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Máquinas paradas”. São Paulo, 15/06/2007, p. A1.  
FOLHA DE SÃO PAULO. “Greve no metrô - paralisação por participação nos lucros deve prejudicar 3 milhões hoje”. São Paulo, 02/08/2007, p. A1.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Após prejudicar 1,2 milhão, greve no metrô continua hoje”. São Paulo, 03/08/2007, p. A1.

<sup>733</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Acordo cancela greve de motoristas e cobradores em SP”. São Paulo, 17/05/2008, p. C8.

<sup>734</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Funcionários da Sabesp entram no segundo dia de paralisação”. São Paulo, 04/06/2008, p. C3.

<sup>735</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Bancários de SP fazem greve hoje”. São Paulo, 28/09/2007, p. A1.

período (manhã, tarde, noite)<sup>736</sup>, mês<sup>737</sup>, ano<sup>738</sup> e mesmo no contexto de toda a história da medição<sup>739</sup>; ou segundo a ocasião, entre saídas<sup>740</sup> e retornos<sup>741</sup> de feriados, protestos de qualquer tipo<sup>742</sup>, datas específicas, caso do Dia Mundial Sem Carro<sup>743</sup>, enfim, qualquer anormalidade do dia a dia, como uma visita ilustre, como foi a do então presidente dos EUA, George W. Bush<sup>744</sup>, obras<sup>745</sup> ou chuva<sup>746</sup>. Acidentes graves, como um capotamento que matou cinco pessoas na Mooca, na Zona Leste, destacado como “tragédia” na foto principal de edição

---

<sup>736</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Quase parando”. São Paulo, 04/03/2008, p. A1. FOLHA DE SÃO PAULO. “Lentidão no trânsito bate 3º recorde da manhã em 1 semana”. São Paulo, 04/03/2008, p. C1.

<sup>737</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Trânsito em SP às 20h é, na média, pior em janeiro”. São Paulo, 02/01/2007, p. A1.

<sup>738</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “São Paulo tem o 3º pior trânsito do ano na saída para o feriado prolongado”. São Paulo, 12/10/2007, p. A1.

<sup>739</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Engarrafamento recorde”. São Paulo, 10/05/2008, p. A1. FOLHA DE SÃO PAULO. “Acidente na marginal provoca recorde histórico de trânsito”. São Paulo, 10/05/2008, p. C3 - especial Cotidiano 2.

<sup>740</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Caravana para o mar”. São Paulo, 31/12/2006, p. A1. FOLHA DE SÃO PAULO. “Páscoa na praia”. São Paulo, 06/04/2007, p. A1. FOLHA DE SÃO PAULO. “Paulistano encara congestionamento na saída do feriado”. São Paulo, 08/09/2007, p. A1.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Procissão de feriado”. São Paulo, 21/03/2008, p. A1. FOLHA DE SÃO PAULO. “Saída para o Carnaval causa lentidão recorde”. São Paulo, 21/02/2009, p. C5. FOLHA DE SÃO PAULO. “Engarrafamento na saída do feriado é o maior do ano em SP”. São Paulo, 10/04/2009, p. A1.

<sup>741</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Paulistano volta antes, mas não evita lentidão”. São Paulo, 10/09/2007, p. C8. FOLHA DE SÃO PAULO. “Turista enfrenta trânsito intenso no retorno a SP”. São Paulo, 02/01/2008, p. A1.

<sup>742</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Quando as máquinas param”. São Paulo, 13/11/2007, p. A1. FOLHA DE SÃO PAULO. “Conflito em SP durante remoção de favela provoca trânsito recorde”. São Paulo, 12/12/2007, p. A1.

FOLHA DE SÃO PAULO. “De parar o trânsito”. São Paulo, 12/01/2008, p. A1. FOLHA DE SÃO PAULO. “Veloze e furiosos”. São Paulo, 19/01/2008, p. A1.

<sup>743</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Dia Sem Carro bloqueia vias paulistanas amanhã para shows e passeios de bicicleta”. São Paulo, 21/09/2007, p. A1.

FOLHA DE SÃO PAULO. “São Paulo a pé”. São Paulo, 22/09/2007, p. A1.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Não pegou”. São Paulo, 23/09/2007, p. A1.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Ouvidos de mercador”. São Paulo, 23/09/2008, p. A1.

FOLHA DE SÃO PAULO. “No Dia Mundial Sem Carro, SP tem trânsito maior que a média”. São Paulo, 23/09/2008, p. C7.

<sup>744</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Comitiva vai mudar trânsito sem informar a paulistanos”. São Paulo, 08/03/2007, p. A1.

<sup>745</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Tatuzão fará trecho da av. Faria Lima ficar interditado”. São Paulo, 03/03/2007, p. A1.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Obras causam transtornos na Av. paulista”. São Paulo, 24/07/2007, p. C14.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Prova de obstáculos”. São Paulo, 10/08/2007, p. A1.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Obra na av. Paulista faz CET ampliar bloqueios”. São Paulo, 10/08/2007, p. C9.

FOLHA DE SÃO PAULO. “cotidiano - Obras durante o feriadão vão interditar avenidas de São Paulo”. São Paulo, 07/09/2007, p. A1.

<sup>746</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Chuvas voltam a provocar enchentes”. São Paulo, 05/12/2006, p. A1.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Chuva traz problemas a 106 semáforos da capital”. São Paulo, 26/10/2007, p. C8.

de dezembro de 2007, mostrando três corpos em primeiro plano e o carro destruído atrás<sup>747</sup>, e um engavetamento na Rodovia Raposo Tavares com “um caminhão, quatro ônibus e quatro carros” que deixou 35 feridos<sup>748</sup>, também merecem registros. Quando acidentes provocam congestionamento acima da média, parece uma combinação perfeita para os destaques. A carreta que tombou na Avenida 23 de Maio, “onde trafegava ilegalmente”, bloqueou a pista por 5 horas e mereceu a foto principal com o veículo “deitado”<sup>749</sup>.

A *Folha* fez questão de comprovar, primeiro, em 13 de março de 2008, sem destaque, apenas no “*Cotidiano*”, que “o tempo que as vias ficam interrompidas em razão de acidentes é um dos agravantes do aumento dos congestionamentos”. Informou que, pelos cálculos da Companhia de Engenharia de Tráfego (CET), “a cada 15 minutos de bloqueio em uma via, a lentidão atinge 3 km” e “leva meia hora para se dissipar”. Tanto as quebras de veículos e acidentes tinham aumentado, como o tempo para a CET chegar aos locais das ocorrências<sup>750</sup>. Os guinchos para remover veículos estacionados em situação irregular, por exemplo, estavam em falta há três anos e, na semana anterior à publicação da notícia, a licitação para contratar terceirizados que poderiam fazer o serviço foi suspensa<sup>751</sup>. Depois, em 25 de maio, dessa vez como manchete secundária, uma sequência de três fotos, lado a lado, cada uma com uma legenda acompanhada de um relógio marcando a hora, apresentava, de forma bastante didática, como “Quebras param tráfego por 1 hora em SP”: “7h05 - Caminhão quebra na av. Bandeirantes”, com o caminhão de capô aberto e um homem, aparentemente o motorista, tentando consertá-lo; “7h18 - Guincho do CET chega para prestar socorro ao caminhoneiro”, com o tráfego parado, ao fundo, e um funcionário da CET, à frente, mexendo no celular; “8h08 - O caminhão é guinchado pelos agentes da CET”, com a via prestes a ser liberada e o caminhão já acoplado ao guincho amarelo da CET. O resumo da capa ainda explicava que a “demora é agravada por acidentes e pelo atendimento deficiente da CET, que admitia falhas”<sup>752</sup>. O

---

<sup>747</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Tragédia”. São Paulo, 06/12/2007, p. A1.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Cinco jovens morrem em capotamento”. São Paulo, 06/12/2007, p. C6.

<sup>748</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Engavetamento na Raposo Tavares deixa 35 feridos”. São Paulo, 19/04/2008, p. A1.

<sup>749</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Direção perigosa”. São Paulo, 06/06/2008, p. A1. FOLHA DE SÃO PAULO. “Caminhão irregular tomba e bloqueia a 23 de Maio por 5h”. São Paulo, 06/06/2008, p. C1.

<sup>750</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Acidentes de carro bloqueiam por 1h, em média, vias de SP”. São Paulo, 13/03/2008, p. C6.

<sup>751</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Falta de guincho para remover veículos já dura mais de três anos”. São Paulo, 13/03/2008, p. C6.

<sup>752</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Quebras para tráfego por 1 hora em SP”. São Paulo, 25/05/2008, p. A1.



episódio era um exemplo, e o tempo de 1 hora, uma média, mas liberar uma pista podia levar até 7<sup>753</sup>, 14<sup>754</sup> ou até 28 horas<sup>755</sup>, como chegou a ser registrado durante o recorte.

A CET podia até tentar, colocando, por exemplo, mais semáforos e aumentando o tempo de travessia para os pedestres na Avenida Paulista<sup>756</sup> ou radares para coibir conversão proibida à esquerda na Avenida Sumaré<sup>757</sup>, mas, a julgar pela forma como era acusada de falhas<sup>758</sup>, por não ter agentes suficientes<sup>759</sup>, mal-equipados, com rádios novos sem funcionar<sup>760</sup>, tendo de ligar a cobrar para informar ocorrências<sup>761</sup>, por maquiar índices para aliviar o trânsito<sup>762</sup>, ignorar as próprias interdições<sup>763</sup>, atrasar a atualização dos dados de seu serviço on-line<sup>764</sup>, negligenciar a manutenção de placas e pinturas<sup>765</sup> de sinalização<sup>766</sup> e de semáforos<sup>767</sup>, nada disso melhorava uma certa postura, beirando a irritação e a má vontade, da *Folha* com a instituição. Kassab tentou interferir proibindo motos na via expressa das marginais<sup>768</sup>, testando uma faixa específica para o veículo de duas rodas na Avenida 23 de Maio<sup>769</sup>, restringindo também os

---

<sup>753</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “No meio do caminho tinha uma cratera”. São Paulo, 14/11/2008, p. A1.

<sup>754</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “CET leva 14h para liberar pista após acidente”. São Paulo, 31/10/2008, p. C1.

<sup>755</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Caminhão fica 28h ‘enlatado’ em curva em SP”. São Paulo, 04/04/2009, p. esp. C3.

<sup>756</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Av. Paulista terá mais 16 semáforos e tempo maior para atravessar”. São Paulo, 21/11/2007, p. A1.

<sup>757</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Av. Sumaré terá radar para multar conversão proibida à esquerda”. São Paulo, 08/01/2008, p. A1.

<sup>758</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Falhas da CET dificultam melhora do tráfego”. São Paulo, 13/04/2008, p. A1.

<sup>759</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Frota de SP cresce, mas marronzinhos não acompanham”. São Paulo, 13/05/2008, p. A1.

<sup>760</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Rádios novos usados pela CET não funcionam direito”. São Paulo, 16/05/2009, p. especial Cotidiano 2 - C1.

<sup>761</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Marronzinho liga a cobrar para avisar ocorrência”. São Paulo, 06/03/2008, p. A1.

<sup>762</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “CET maquia índices para ‘aliviar’ trânsito”. São Paulo, 11/08/2008, p. A1.

<sup>763</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Serviços da CET ignoram as interdições que ela mesma faz”. São Paulo, 17/11/2008, p. A1.

<sup>764</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “CET passará a informar lentidão por regiões de SP”. São Paulo, 17/07/2007, p. C6.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Serviços on-line de trânsito têm dados atrasados”. São Paulo, 23/03/2009, p. A1.

<sup>765</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “CET também usa pintura inadequada”. São Paulo, 20/04/2009, p. C4.

<sup>766</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Placas criam armadilhas nas ruas de SP”. São Paulo, 30/06/2007, p. C10 - especial Cotidiano 2.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Placa errada causa acidentes em ruas da Vila Madalena”. São Paulo, 21/01/2009, p. C8.

<sup>767</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “SP tem 1 semáforo quebrado a cada km”. São Paulo, 14/03/2009, p. C2 - especial Cotidiano 2.

<sup>768</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Kassab proíbe motocicletas na via expressa das marginais”. São Paulo, 16/01/2008, p. A1.

<sup>769</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Prefeitura testa faixa de motos na av. 23 de Maio”. São Paulo, 21/01/2008, p. A1.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Vou de moto”. São Paulo, 22/01/2008, p. A1.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Kassab admite desistir de faixa só para motos”. São Paulo, 23/01/2008, p. A1.

caminhões<sup>770</sup>, cogitando um pedágio urbano<sup>771</sup>, sugerindo trocar a mão de vias<sup>772</sup>, planejando túneis<sup>773</sup> e preparando um “pacote para o trânsito”<sup>774</sup>. Só que o próprio presidente da CET à época, Roberto Scaringella, em entrevista de março de 2008, admitiu que os congestionamentos na cidade eram inevitáveis e que os paulistanos teriam de “aprender a conviver com um número maior de quilômetros de lentidão”<sup>775</sup>. Havia outras causas, em sua opinião, como o aumento crescente da frota (“O Brasil nunca produziu tanto veículo”), a verticalização da cidade (“que inunda de carros as ruas”) e o “comportamento das pessoas”. Sua sinceridade, porém, não resolveria os problemas, a ponto de o trânsito ser tachado como “calcanhar de Aquiles da gestão Kassab”, e culminaria em sua saída três meses depois<sup>776</sup>. Ainda assim, as informações da publicação mostravam que Scaringella estava certo em alguns pontos. Entre 2002 e 2006, como uma chamada de março de 2007 informou, o número de veículos no estado de São Paulo cresceu quatro vezes mais do que a população<sup>777</sup>. Em fevereiro de 2008, com média de 800 novos veículos por dia, a cidade deveria atingir a marca de 6 milhões<sup>778</sup> - e não só chegou como, um

---

<sup>770</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Kassab restringirá caminhões de mudança”. São Paulo, 04/04/2008, p. A1.  
FOLHA DE SÃO PAULO. “Kassab prevê brecha para uso de caminhão de mudança em SP”. São Paulo, 05/04/2008, p. A1

FOLHA DE SÃO PAULO. “SP adotará rodízio para caminhões pequenos”. São Paulo, 18/06/2008, p. A1.  
FOLHA DE SÃO PAULO. “Caminhoneiros ameaçam parar hoje São Paulo contra nova lei”. São Paulo, 30/06/2008, p. A1.

FOLHA DE SÃO PAULO. “foto – Caminhões param marginal por 2 horas”. São Paulo, 01/07/2008, p. A1.  
FOLHA DE SÃO PAULO. “No 1º dia de rodízio, 476 caminhões levam multa”. São Paulo, 29/07/2008, p. A1.

<sup>771</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Kassab e Serra recuam de pedagiar marginal”. São Paulo, 27/04/2007, p. C9.  
FOLHA DE SÃO PAULO. “Paulistano rejeita pedágio, mas aceita rodízio de 2 dias”. São Paulo, 07/04/2008, p. A1.

FOLHA DE SÃO PAULO. “74% dos paulistanos rejeitam pedágio urbano”. São Paulo, 07/04/2008, p. C1.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Maioria é a favor da ampliação do rodízio”. São Paulo, 07/04/2008, p. C4.

FOLHA DE SÃO PAULO. “cotidiano - Projeto da Prefeitura de SP prevê adoção de pedágio urbano”. São Paulo, 14/08/2008, p. A1.

FOLHA DE SÃO PAULO. “cotidiano - Kassab recua e desiste de proposta de pedágio urbano em São Paulo”. São Paulo, 15/08/2008, p. A1.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Serra volta atrás em projeto sobre pedágio urbano”. São Paulo, 10/02/2009, p. A1.

<sup>772</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Prefeitura de SP sugere rua na contramão como alternativa”. São Paulo, 10/04/2008, p. A1.

<sup>773</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Kassab planeja construir ‘pacote’ de túneis”. São Paulo, 02/04/2009, p. C4.

<sup>774</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Desalento”. São Paulo, 14/03/2008, p. A1.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Kassab recua de restrições ao estacionamento”. São Paulo, 15/03/2008, p. A1.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Prefeitura quer priorizar ônibus em pacote para aliviar trânsito”. São Paulo, 19/03/2008, p. A1.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Kassab anuncia medidas pontuais para o trânsito”. São Paulo, 20/03/2008, p. A1.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Prefeitura irá reduzir área de estacionamento, diz secretário”. São Paulo, 07/07/2008, p. A1.

<sup>775</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Lentidão é inevitável, afirma presidente da CET”. São Paulo, 09/03/2008, p. C3.

<sup>776</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Responsável pelo trânsito de SP deixa cargo”. São Paulo, 13/06/2008, p. A1.

<sup>777</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Frota de SP cresce quatro vezes mais que a população”. São Paulo, 14/03/2007, p. A1.

<sup>778</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “SP deve atingir hoje 6 milhões de veículos”. São Paulo, 21/02/2008, p. A1.

ano e dois meses mais tarde, ganhou mais meio milhão<sup>779</sup>. Os números eram tão absurdos que, entre o tom de brincadeira e de seriedade, uma manchete secundária de março de 2008 falava que os engarrafamentos começavam dentro da garagem de prédios e condomínios<sup>780</sup>. Reproduzo abaixo uma crônica divertida, de tão ranzinza e irônica, que lembra como paulistanos leriam essa notícia:

Você vai hospedar amigos gringos e gostaria de apresentar a cidade. Mas, cruel dilema, não sabe o que mostrar. Onde levá-los em São Paulo? O que temos de verdadeiramente original? Difícil, muito difícil. Afinal, quase todos os nossos objetos de ostentação têm origem externa. Bexiga, Liberdade. Bistrôs, chopinho. Shoppings.

Tudo importado. Tudo. Felizmente, meu caro, somos um povo aguerrido. E, com muita gana, temos conseguido reverter esse quadro. Cada vez mais assumimos nossa identidade cultural, criando manifestações genuínas de paulistanidade em estado puro. Não temos Ipanema? Pffffá. Pelourinho, Torre Eiffel? Pffffpffffpffffá. Forasteiros, morram de inveja. Congestionamento indoor? Só em São Paulo.

É Indoor. Pegar trânsito na Quinta Avenida? Batido, batido. Pegar trânsito na própria garagem? Só aqui. Só aqui. Outro patamar. E o melhor: entrada grátis. Não é bonito? As autoridades democratizando a difusão da cultura local? Eu acho bonito. Um exemplo às demais metrópoles. (Aliás, não posso deixar de elogiar, aqui, o poder público, pelo incansável esforço a fim de impulsionar as performances de congestionamento indoor pelos bairros. Trabalho brilhante. Parabéns.)

Claro, o movimento é ainda incipiente. Mas dá para classificar, sem medo, como tendência. O hype da estação. Afinal, você sabe como as coisas funcionam em São Paulo: começam tímidas, aqui e ali. Um belo dia explodem, espalhando-se pela cidade. Hoje, enquanto você sorri satisfeito por empacar na marginal, um antenado grupo já deu o próximo passo. Gasta até 15 minutos engavetado na própria garagem. Portanto, ouça o que eu digo. Em questão de meses, você também vai entrar nessa. Prepare-se, prepare-se. Ih, está inseguro? Não sabe se vai valer a pena? Relaxe.

Claro que vai. E muito. Leia os depoimentos dos orgulhosos praticantes neste caderno e comprove. Quanto mais vida jogada fora, mais inflado o peito. Eu-perco-mais-tempo-do-que-você. No-meu-é-pior. Etcetera etcetera. (PIQUEIRA, 2008 - Folha de S.Paulo)<sup>781</sup>

Cerca de um ano depois, em março de 2009, a *Folha de S.Paulo* contou como alguns motoristas estavam lidando com a outra ponta da questão, a hora de encontrar uma vaga para estacionar no destino de seu trajeto, geralmente o trabalho. A reportagem reuniu exemplos de quem madrugava, a ponto de chegar duas horas e meia antes do expediente, só para conseguir

<sup>779</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Em 1 ano, frota de SP recebe 500 mil carros”. São Paulo, 10/05/2009, p. C5.

<sup>780</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Engarrafamento em SP começa na garagem”. São Paulo, 16/03/2008, p. A1.

<sup>781</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “crônica - Só em São Paulo”. São Paulo, 16/03/2008, p. C6.

estacionar na rua<sup>782</sup>. Como opinou o presidente da CET, a frota não era a única causa dos congestionamentos, o comportamento das pessoas atrapalhava. Seis shoppings e duas instituições de ensino, oito dos dez principais geradores de tráfego, não tinham o Habite-se<sup>783</sup>. Com apenas 64 impressões digitais, uma quadrilha conseguiu imprimir 1.305 habilitações falsas, indicando haver, no mínimo, esse número de motoristas sem capacidade e/ou autorização para dirigir<sup>784</sup> - os honestos chegavam a levar três meses para conseguir o mesmo documento<sup>785</sup>. Ao pegar ou deixar filhos em colégios privados da cidade, carros param em fila dupla ou sobre calçadas e faixas de pedestre, ignorando até a presença da CET<sup>786</sup>. Em pesquisa feita pelo Metrô, aquelas que seriam uma solução para amenizar o trânsito, as caronas, compartilhando automóveis particulares, foi uma opção rejeitada por um dos bairros de maior congestionamento da cidade, o Itaim Bibi, na zona oeste<sup>787</sup>. A entrada em vigor da chamada “lei seca”<sup>788</sup>, por sua vez, era, para muitos paulistanos, “boa para outros”, recebendo elogios, mas, naquele junho de 2008, ainda com poucos pretendendo aderir - realmente parando de beber antes de dirigir<sup>789</sup>. Ainda que colocada em xeque por algumas liminares<sup>790</sup> e reduzida a fiscalização policial<sup>791</sup>, após os 30 primeiros dias verificou-se a queda de mortalidade no trânsito no estado<sup>792</sup> e, após um ano, a queda ao menor nível desde 2004 na capital paulista<sup>793</sup>.

O sucesso parcial poderia se explicar pelas sanções previstas: multa de R\$ 955, perda do direito de dirigir por um ano e a retenção do veículo. Afinal, a única medida capaz de produzir a mudança de comportamento entre os motoristas parecia ser essa. Não que fosse algo compreendido ou aceito, já que até pela *Folha* as multas costumavam ser abordadas como

---

<sup>782</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Motoristas de SP madrugam para conseguir vaga na Berrini”. São Paulo, 02/03/2009, p. A1.

<sup>783</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “8 dos 10 principais geradores de tráfego em SP não têm Habite-se”. São Paulo, 02/06/2008, p. A1.

<sup>784</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Polícia prende em SP 19 acusados de vender habilitação”. São Paulo, 04/06/2008, p. A1.

<sup>785</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Tirar habilitação em SP leva pelo menos 3 meses”. São Paulo, 20/12/2008, p. A1.

<sup>786</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Motoristas ignoram CET na saída das escolas”. São Paulo, 22/04/2009, p. C3.

<sup>787</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Aversão a dar carona é maior no Itaim Bibi”. São Paulo, 24/05/2009, p. C1.

<sup>788</sup> A “lei seca” é a lei federal nº 11.705, de 19 de junho de 2008, “com a finalidade de estabelecer alcoolemia 0 (zero) e de impor penalidades mais severas para o condutor que dirigir sob a influência do álcool”.

<sup>789</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Para paulistanos, lei seca ao volante é boa para outros”. São Paulo, 29/06/2008, p. A1.

<sup>790</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Liminares da Justiça põe lei seca em xeque”. São Paulo, 11/07/2008, p. A1.

<sup>791</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Polícia reduz fiscalização da lei seca em São Paulo”. São Paulo, 02/11/2008, p. A1.

<sup>792</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Após a lei seca, morte no trânsito cai 57% em SP”. São Paulo, 14/07/2008, p. A1.

<sup>793</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Em ano de lei seca, trânsito matou menos em São Paulo”. São Paulo, 12/03/2009, p. A1.

“vilãs”, e nunca parte da solução para o trânsito. Em 2008, segundo levantamento da *Folha*, a aplicação de multas bateu recorde naquele mês de junho: “418 mil, ou uma a cada 6,2 segundos”<sup>794</sup>. Era um momento em que aumentava o número de radares<sup>795</sup> e agentes de trânsito na rua. O que só endossava a teoria da conspiração popular de “indústria da multa”<sup>796</sup>, nunca provada, mas frequentemente lembrada pelos multados. Ainda mais com uma Câmara Municipal que ampliava e encerrava o rodízio de veículos em uma mesma sessão<sup>797</sup> - ainda que uma medida polêmica, que tirava menos carros da rua em dias com mais trânsito<sup>798</sup>, pois alguns tratavam de ter carros com placas diferentes<sup>799</sup> - e vereadores que davam seu “jeitinho” de burlar a lei<sup>800</sup>. A preocupação com as multas para quem infringia o rodízio ou mesmo com a aplicação efetiva da medida, visando à redução de carros em circulação e a emissão de poluentes, aliás, fazia com que o jornal avisasse, todo começo de ano, quando o sistema voltava a vigorar<sup>801</sup> - além dos avisos diários de quais placas não deveriam circular, na capa, e o perímetro de restrição em um pequeno mapa na segunda página do “*Cotidiano*”. A preocupação maior parecia ser com o bolso dos leitores e eventuais punições, e não em prol da melhor fluidez do tráfego, já que até aumento do valor e de vagas de zona azul merecia destaque nas primeiras páginas<sup>802</sup>.

---

<sup>794</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “SP bate recorde e multa 1 motorista a cada 6 segundos”. São Paulo, 28/07/2008, p. A1.

<sup>795</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Rodoanel terá radar “dedo-duro” de carros irregulares”. São Paulo, 10/01/2008, p. C5.

FOLHA DE SÃO PAULO. “CET põe radar que fotografa a placa dianteira dos veículos”. São Paulo, 03/10/2008, p. C4.

<sup>796</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “CET diminui tolerância de radares; multas dobram em SP”. São Paulo, 23/01/2007, p. A1.

FOLHA DE SÃO PAULO. “CET quer multar moto que circula entre os carros”. São Paulo, 24/04/2007, p. A1.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Novos radares multarão carro na faixa de pedestre”. São Paulo, 25/08/2007, p. C1 - especial Cotidiano 2.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Agosto registra recorde de multas de trânsito em SP”. São Paulo, 24/10/2007, p. A1.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Condutor que não respeitar pedestre será multado”. São Paulo, 10/12/2008, p. C9.

<sup>797</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Câmara amplia e encerra rodízio em SP no mesmo dia”. São Paulo, 08/12/2007, p. A1.

<sup>798</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Rodízio tira menos carro em dia com mais trânsito”. São Paulo, 23/11/2008, p. C1.

<sup>799</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Família tem 5 carros com placa de terça-feira”. São Paulo, 23/11/2008, p. C4.

<sup>800</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Vereadores de SP burlam lei para escapar do rodízio”. São Paulo, 11/12/2007, p. A1.

<sup>801</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Em seu 11º ano, rodízio de carros em São Paulo volta a vigorar hoje”. São Paulo, 14/01/2008, p. A1.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Rodízio volta a vigorar hoje em São Paulo”. São Paulo, 12/01/2009, p. A1.

<sup>802</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “CET quer criar mais 6.000 vagas de zona azul”. São Paulo, 05/06/2007, p. C3.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Jardins e Cidade Jardim testam zona azul eletrônica”. São Paulo, 06/12/2008, p. C4 - especial Cotidiano 2.

Como uma solução parecia longe do horizonte, para amenizar as viagens, seja no perímetro urbano ou rumo às estradas, e as reações diante do congestionamento, evitando não só as irritações como também consequências mais graves, como mortes após discussão nas vias<sup>803</sup>, era comum a *Folha de S.Paulo* oferecer dicas para lidar com o trânsito da melhor maneira possível<sup>804</sup>. As dicas mais frequentes eram dos melhores horários e de quais estradas pegar em dias que antecederiam ou marcavam o fim de feriados<sup>805</sup>. Só que chamavam mais atenção aquelas que, de alguma maneira, buscavam ajudar no combate ao estresse. Em 9 de dezembro de 2007, numa chamada com foto, a atriz Karina Bacchi, uma loira sorridente de bobes no cabelo, acompanhava o título “Dias de fúria” e ilustrava uma das ideias “para aliviar a pressão do trânsito de fim de ano com humor”<sup>806</sup>. Na “revista”, a capa mostrava mais uma vez a moça, com os mesmos bobes na cabeça, só que dessa vez, sob o título “sem neura”, sentada no capô de um conversível rosa, pernas à mostra, assoviando e segurando, com uma mão, uma chapinha e, na outra, uma lixa de unha<sup>807</sup>. A descompatibilidade entre texto e imagem explicar-se-ia com o quadro e as fotos de “13 idéias para salvar o condutor do inferno”<sup>808</sup>. Entre dicas mais sérias, como evitar dirigir depois de “ter um desentendimento”, ligar a música e o ar-condicionado moderadamente, cultivar o ócio criativo, melhorar respiração e postura, as últimas seis, fotos produzidas com leitores convidados, tratavam de “esquetes que exageram a vida real” — a de Bacchi referia-se à “hora do blush”<sup>809</sup>. Mais discreta, a chamada sem foto de 13 de março de 2008 propunha-se a ensinar como “evitar os males que o trânsito pode causar à saúde”<sup>810</sup>. Locada no caderno que circulava apenas uma vez por semana, naquela época às

---

FOLHA DE SÃO PAULO. “Zona azul eletrônica começa hoje nos Jardins”. São Paulo, 08/12/2008, p. C7.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Reajuste fará zona azul em SP custar 67% mais”. São Paulo, 30/05/2009, p. A1.

<sup>803</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Estudante morre baleado depois de briga de trânsito”. São Paulo, 25/05/2008, p. A1.

<sup>804</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Saiba como relaxar no trânsito congestionado”. São Paulo, 28/01/2007, p. A1.

<sup>805</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Quem for viajar no Carnaval deve evitar estrada após as 15h de amanhã”. São Paulo, 15/02/2007, p. A1.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Confira os melhores horários para viajar no feriado e o que abre e fecha em SP”. São Paulo, 06/06/2007, p. A1.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Tarde de hoje está entre os piores horários para viajar de carro”. São Paulo, 14/11/2007, p. A1.

FOLHA DE SÃO PAULO. “melhores horários para viajar hoje”. São Paulo, 25/12/2008, p. A1.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Hoje é o melhor dia para viajar para o litoral e o interior”. São Paulo, 29/12/2008, p. C6.

<sup>806</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “revista - dias de fúria”. São Paulo, 09/12/2007, p. A1.

<sup>807</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “sem neura”. São Paulo, 09/12/2007, p. “revista” 1.

<sup>808</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “psique do asfalto”. São Paulo, 09/12/2007, p. “revista” 37.

<sup>809</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “hora do blush”. São Paulo, 09/12/2007, p. “revista” 44-45.

<sup>810</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Aprenda a evitar os males que o trânsito pode causar à saúde”. São Paulo, 13/03/2008, p. A1.

quintas-feiras, a capa de “Equilíbrio” mostrava “carros em ferro-velho de São Paulo” com o título “Caindo aos pedaços” e o subtítulo “Estresse, varizes, dor na coluna, problemas respiratórios; em época de congestionamentos recordes, veja os males que o trânsito pode causar à sua saúde”<sup>811</sup>. A preocupação, neste caso, era de como “a equação trânsito/estresse pode ser o gatilho de distúrbios variados”, com o desenho do corpo de um motorista localizando “dez pontos críticos”, identificando um a um, e outro com ideias de “alongamento no carro”<sup>812</sup>. Também numa chamada sem foto, quatro dias depois, convidava-se o leitor para conhecer as dicas de um monge zen “para evitar estresse no trânsito”<sup>813</sup>. A menor reportagem dessas três, nem uma página inteira do “Cotidiano”, contava como João Koun “enfrentou o trânsito de São Paulo num desaconselhável início de noite de sexta-feira. Levou buzina e luz alta para sair da frente, assustou-se com um motoqueiro fazendo ultrapassagem em virada de esquina, enfrentou a obstinação de um caminhoneiro que não permitiu a troca de faixa e, naturalmente, viu-se encurralado num engarrafamento daqueles. Mas nem sequer se abalou”. O segredo, segundo o monge zen, estava no controle da respiração<sup>814</sup>.

As dicas eram paliativos e oportunidades para se pensar a relação dos moradores de São Paulo com seus automóveis e o trânsito que os próprios produziam, com o trânsito que lhes incomodava e de que reclamavam como se não fossem culpados. Afinal, o que fazer com um trânsito que “rouba 33 minutos por viagem de carro”<sup>815</sup>, cuja frota cresce numa velocidade em que seria preciso “uma Paulista nova por semana”<sup>816</sup>? Abandonar o carro poderia ser uma solução, como a “revista”, de certa forma, propôs ao apresentar “paulistanos que aposentaram o carro”<sup>817</sup> — os motivos iam do tempo parado, o alto custo para manter um carro, à selvageria do trânsito e à contribuição por menos poluição e mais cidadania<sup>818</sup>. A própria *Folha de S. Paulo* pareceu, em outra oportunidade, conformar-se com a questão, já que outras metrópoles (Londres, Nova Iorque, Caracas e Buenos Aires) ainda buscavam, sem sucesso, soluções para

---

<sup>811</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “caindo aos pedaços”. São Paulo, 13/03/2008, p. 1.

<sup>812</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Trânsito na veia”. São Paulo, 13/03/2008, p. 6-9.

<sup>813</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “cotidiano - Monge zen”. São Paulo, 17/03/2008, p. A1.

<sup>814</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “foco - Em dia de trânsito recorde, monge budista dá dicas de como controlar o estresse”. São Paulo, 17/03/2008, p. C8.

<sup>815</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Trânsito rouba 33 minutos por viagem de carro em SP”. São Paulo, 04/10/2008, p. C1

<sup>816</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Trânsito precisaria de uma Paulista nova por semana”. São Paulo, 25/08/2008, p. C4.

<sup>817</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “revista - Conheça paulistanos que aposentaram o carro”. São Paulo, 21/09/2008, p. A1.

<sup>818</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “solução radical”. São Paulo, 21/09/2008, p. 10-12.

o trânsito”<sup>819</sup>. Ainda mais com o prefeito que via no episódio de um homem furando dois pneus de um ônibus na Zona Sul uma “ação para prejudicar o trânsito” — Kassab voltou atrás, dizendo “que era um caso isolado”<sup>820</sup>.

Mais rápidas do que os carros no horário de pico<sup>821</sup>, as bicicletas, capazes de vencer uma “corrida” contra todos os outros modais<sup>822</sup>, começaram a ganhar “fôlego”. Segundo pesquisa do Metrô, em setembro de 2008, o uso diário tinha dobrado nos últimos dez anos<sup>823</sup>. “Ainda que a passos curtos”, é verdade, com Metrô e CPTM ampliando a circulação de bicicletas nos vagões — para embarcarem de segunda a sexta depois das 20h30, sábado a partir das 14h e livremente nos domingos e feriados —, ou ocupando o lugar dos carros, com cerca de 5 mil na marginal Pinheiros, por conta do aniversário da cidade<sup>824</sup>. Estações do metrô começaram a oferecer bicicletas para aluguel<sup>825</sup>, mas muitos se surpreenderam com a cobrança<sup>826</sup> e, após seis meses, reportagem comentava que o paulistano ainda não tinha descoberto o bicicletário<sup>827</sup>. As ciclovias demoravam a sair do papel<sup>828</sup>, a CET perseguia cicloativistas<sup>829</sup> e a média era de um ciclista morto em acidente a cada cinco dias<sup>830</sup>.

---

<sup>819</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Como São Paulo, metrópoles ainda buscam solução para o trânsito”. São Paulo, 23/03/2008, p. A1.

<sup>820</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Kassab vê ação para prejudicar o trânsito em SP”. São Paulo, 28/03/2008, p. A1.

<sup>821</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “No horário de pico, carro fica mais lento que bicicleta em SP”. São Paulo, 19/12/2006, p. A1.

<sup>822</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Ciclistas vencem ‘corrida’ no trânsito; usuário de ônibus e metrô é o último”. São Paulo, 19/09/2008, p. C10.

<sup>823</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Uso diário de bicicleta dobra em dez anos”. São Paulo, 06/09/2008, p. C2 - especial Cotidiano 2.

<sup>824</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Pedaladas de aniversário”. São Paulo, 26/01/2009, p. A1.

<sup>825</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Metrô vai oferecer bicicletas em estações do centro e da Paulista”. São Paulo, 17/04/2008, p. C6.

FOLHA DE SÃO PAULO. “cotidiano - Oito estações de metrô terão bicicleta à disposição para alugar”. São Paulo, 02/09/2008, p. A1.

FOLHA DE SÃO PAULO. “cotidiano 2 - Metrô inicia hoje locação de bicicletas em São Paulo”. São Paulo, 27/09/2008, p. A1.

<sup>826</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Cobrança prévia por bicicleta do metrô surpreende usuário”. São Paulo, 29/09/2008, p. C4.

<sup>827</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “revista - Após 6 meses, serviço de bicicletas do metrô ainda busca clientes”. São Paulo, 22/03/2009, p. A1.

<sup>828</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Programa das ciclovias não sai do papel”. São Paulo, 15/06/2008, p. C10.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Resistência à bicicleta influi, diz coordenadora”. São Paulo, 15/06/2008, p. C10.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Trecho de ciclovia será inaugurado na Radial Leste”. São Paulo, 26/09/2008, p. A1.

<sup>829</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “foco - CET multa cicloativistas quase um ano depois de manifestação na Paulista”. São Paulo, 28/03/2009, p. C3 - especial Cotidiano 2.

<sup>830</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Ciclista morre atropelada e corpo fica 4 h na Paulista”. São Paulo, 15/01/2009, p. C7.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Um ciclista morre a cada 5 dias em SP”. São Paulo, 16/01/2009, p. C4.



Naquela entrevista de março de 2008, o então presidente da CET, Roberto Scaringella, falara que, entre os remédios para conter a tendência de piora do trânsito, estava o “transporte coletivo”<sup>831</sup>, ainda que a velocidade de corredores de ônibus viesse caindo na mesma época de sua sentença<sup>832</sup>. Antes, em julho de 2007, já inconformada com o tamanho do trânsito, quando “São Paulo viveu dias de caos no trânsito em pleno período de férias”, justamente quando “os índices de lentidão são, historicamente, menores”, a *Folha* reconheceu que o rodízio de veículos “se mostrou inevitável”, depois de interrompido, justamente naquele mês, pela primeira vez em oito anos seguidos<sup>833</sup>, e ouviu especialistas “para discutir quais os caminhos para resolver o problema”. Todos foram “unânicos” em dizer que se deveria “privilegiar o transporte coletivo em detrimento do individual”<sup>834</sup>. Apesar da opinião do presidente da CET e dos especialistas, porém, a imagem transmitida pelo jornal sobre como eram ou seriam as viagens de ônibus ou trem não colaborava para que houvesse adesões ao transporte coletivo, indicando, à sua maneira, que não valia a pena.

Afinal, como atrair alguém se o retrato, entre os ônibus, era o de motoristas descuidados, vide uma colisão que deixou sete feridos<sup>835</sup>, e outra, 22<sup>836</sup>; de veículos em mau estado e/ou sem manutenção, com roda solta colocando vidas em risco mais de uma vez<sup>837</sup>; mudanças nas linhas sem avisar aos usuários<sup>838</sup>; e à mercê de empresas que chegaram a ter a licitação que lhes

---

<sup>831</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Lentidão é inevitável, afirma presidente da CET”. São Paulo, 09/03/2008, p. C3.

<sup>832</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Velocidade cai em 7 dos 9 corredores de ônibus de SP”. São Paulo, 24/03/2008, p. A1.

<sup>833</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Após 8 anos, rodízio de veículos será suspenso em julho”. São Paulo, 26/06/2007, p. A1.

FOLHA DE SÃO PAULO. “São Paulo ficará sem o rodízio de veículos por duas semanas, a partir de hoje”. São Paulo, 02/07/2007, p. A1.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Sem rodízio, lentidão cresce até 70% no horário de pico”. São Paulo, 03/07/2007, p. A1.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Sem rodízio, SP tem 2º pior trânsito do ano”. São Paulo, 05/07/2007, p. C4.

FOLHA DE SÃO PAULO. “SP tem trânsito recorde; volta do rodízio ainda está indefinida”. São Paulo, 07/07/2007, p. A1.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Prefeito recua, e rodízio de veículos volta amanhã a SP”. São Paulo, 11/07/2007, p. A1.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Suspenso por dez dias, rodízio volta hoje a SP”. São Paulo, 12/07/2007, p. A1.

<sup>834</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Transporte coletivo é a solução, afirmam técnicos”. São Paulo, 15/07/2007, p. C5.

<sup>835</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Colisão entre ônibus deixa 7 feridos em SP”. São Paulo, 30/09/2007, p. C5.

<sup>836</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Choque entre 2 ônibus fere 22 em São Paulo”. São Paulo, 17/02/2008, p. C5.

<sup>837</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Roda de ônibus se solta de novo e fere jovem”. São Paulo, 29/09/2007, p. C10 - esp. Cotidiano 2.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Garota foi a 10ª vítima de problemas com ônibus da empresa”. São Paulo, 29/09/2007, p. C10 - esp. Cotidiano 2.

FOLHA DE SÃO PAULO. “‘Pode acontecer de novo’, diz secretário”. São Paulo, 29/09/2007, p. C10 - esp. Cotidiano 2.

<sup>838</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Mudança de linhas provoca protestos em SP”. São Paulo, 06/10/2007, p. C8.

permitia a prestação de serviço suspensa<sup>839</sup> e ameaçaram “piorar o serviço”<sup>840</sup>? A *Folha* questionou o subsídio pago pela prefeitura às empresas de ônibus para congelar a tarifa da passagem, em novembro de 2008, em R\$ 2,30<sup>841</sup>, o que representava um gasto de mais de R\$ 1,2 bilhão aos cofres públicos, e a extensão do tempo de uso do Bilhete Único de duas para três horas pouco antes das eleições municipais<sup>842</sup>. Em uma reportagem sobre o tema, explicou aos leitores que, com essa soma, daria, por exemplo, para construir “um VLT (trem leve) do metrô São Judas até a linha 9-Esmeralda da CPTM, passando pelo aeroporto de Congonhas, conforme projeto do governo do estado”<sup>843</sup> e, em outra, que com a tarifa congelada, Kassab também diminuía incentivos às empresas para renovarem as frotas<sup>844</sup> - ou seja, os usuários sofriam menos no bolso, mas dispunham de uma frota cada vez mais velha.

Em muitos casos, principalmente para bairros mais afastados do centro, o único transporte à disposição era (e é) o ônibus. Muitas regiões de São Paulo não contam com metrô nem trem. Em março de 2008, em protesto contra a lentidão do transporte coletivo perto da Avenida Guarapiranga, na zona sul, “pelo menos oito ônibus foram depredados, e dez pessoas foram presas”. A foto principal mostrava um homem sem camisa correndo com uma criança no colo, segundo a legenda, “fugindo do conflito” que sucedia entre os protestantes e a Polícia Militar<sup>845</sup>. A primeira página do “*Cotidiano*” apresentava duas cenas: a de uma multidão exaltada, em torno de mil pessoas, diante de uma “barricada com paus, pedras e pneus em chamas”; outra de policiais do Choque, com armas e escudos na mão, que, para desbloquear vias paradas por cerca de 6 horas, usaram bombas de efeito moral, deixando feridos e provocando correria no M’Boi Mirim<sup>846</sup>. Um ano depois, inconformadas com a “má qualidade do transporte” na região do Jardim Ângela, também na zona sul, entre 200 e 300 pessoas apedrejaram nove ônibus após um dos veículos, da única linha que parte do Jardim Aracati até

---

<sup>839</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Justiça anula licitação para ônibus municipal”. São Paulo, 12/01/2008, p. C4.

<sup>840</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Empresas de ônibus ameaçam piorar serviço”. São Paulo, 07/04/2009, p. C1.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Kassab afirma que ônibus não vai piorar e que ameaça é 'provocação'”. São Paulo, 08/04/2009, p. C5.

<sup>841</sup> A passagem dentro do recorte ainda sofreria dois aumentos, o último em janeiro de 2009: FOLHA DE SÃO PAULO. “Tarifa do metrô de SP sobe de R\$ 2,40 para R\$ 2,55 no próximo dia 9”. São Paulo, 31/01/2009, p. A1.

<sup>842</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Kassab estende bilhete único a 3 meses da eleição”. São Paulo, 17/07/2008, p. A1.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Bilhete único de 3 horas em SP pode aumentar déficit”. São Paulo, 18/07/2008, p. A1.

<sup>843</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Subsídio a ônibus daria para fazer linha de metrô em SP”. São Paulo, 16/11/2008, p. C1.

<sup>844</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Kassab freia renovação da frota de ônibus em SP”. São Paulo, 13/01/2009, p. A1.

<sup>845</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Fugindo do conflito”. São Paulo, 08/03/2008, p. A1.

<sup>846</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Protesto contra ônibus lento fecha via por 6h”. São Paulo, 08/03/2008, p. C1.

o terminal Santo Amaro, quebrar e atrasar pelo menos meia hora. A reportagem ouviu moradores dizerem que os atrasos vinham tornando-se recorrentes<sup>847</sup>.

As imagens construídas a respeito do metrô não mudavam muito. Falava-se com frequência sobre os transtornos causados pelas greves dos metroviários, como assinalei acima, com a capa estampando, num dia, milhares numa espera agonizante<sup>848</sup> e, noutro, uma senhora passando mal, espremida no “empurra-empurra”<sup>849</sup>; sobre os acidentes na construção de novas estações, o mais grave a cratera em Pinheiros, também abordada no item anterior deste capítulo, sem falar no atraso na conclusão dessas obras<sup>850</sup>; sobre as panes<sup>851</sup>, que chegaram a somar quatro em apenas 18 dias, em janeiro de 2008<sup>852</sup>, em uma afetando 400 mil passageiros<sup>853</sup>, por exemplo, e, noutra, provocando lentidão na Linha 1-Azul por 5 horas<sup>854</sup>, não que isso fosse assim tão incomum<sup>855</sup>, forçando usuários a ocupar suas linhas<sup>856</sup> e deixando feridos com seus curto-circuitos<sup>857</sup>; e, por fim, sobre a lotação cotidiana<sup>858</sup>, das estações mais centrais e tradicionais, como a Sé<sup>859</sup>, àquelas linhas consideradas as mais “nobres”, como a Esmeralda, beirando a marginal Pinheiros<sup>860</sup>, a ponto de ser chamada de “superlotação” e equiparar-se às piores do mundo, de Hong Kong e Tóquio, “com dez milhões de usuários por quilômetro - 50%

---

<sup>847</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Nove ônibus são apedrejados na zona sul de SP”. São Paulo, 26/05/2009, p. A1.

<sup>848</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “FOTO - Fila que não anda”. São Paulo, 24/04/2007, p. A1.  
FOLHA DE SÃO PAULO. “Paralisação política afeta 780 mil pessoas”. São Paulo, 24/04/2007, p. C3.  
FOLHA DE SÃO PAULO. “Emenda proíbe auditor de multar prestadora”. São Paulo, 24/04/2007, p. C3.  
FOLHA DE SÃO PAULO. “Metrô acusa sindicalistas de tentarem impedir a saída de trens; sindicato nega”. São Paulo, 24/04/2007, p. C3.

<sup>849</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Após prejudicar 1,2 milhão, greve no metrô continua hoje”. São Paulo, 03/08/2007, p. A1.

<sup>850</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Estação Alto do Ipiranga do metrô será inaugurada hoje”. São Paulo, 30/06/2007, p. C4 - esp. Cotidiano 2.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Trens da linha 4 do metrô podem chegar somente no final de 2009”. São Paulo, 16/08/2007, p. C9.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Metrô adia entrega de 3 estações da linha 4”. São Paulo, 09/01/2008, p. C8.

<sup>851</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Pane elétrica provoca novos transtornos no metrô de SP”. São Paulo, 16/06/2007, p. A1.

<sup>852</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Pane pára o metrô pela 4ª vez em apenas 18 dias”. São Paulo, 19/01/2008, p. C1.

<sup>853</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Pane de mais de 4h no metrô afeta 400 mil passageiros”. São Paulo, 15/12/2007, p. C1 - especial Cotidiano 2.

<sup>854</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Pane provoca 5h de lentidão na linha 1-azul”. São Paulo, 10/01/2008, p. C7.

<sup>855</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Lotado, metrô paulistano agora anda mais devagar”. São Paulo, 20/04/2007, p. A1.

<sup>856</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Fora da linha”. São Paulo, 22/05/2008, p. A1.

<sup>857</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Curto-circuito faz metrô parar e deixa 2 feridos”. São Paulo, 07/08/2008, p. A1.

<sup>858</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Lotados, metrô e ônibus reduzem seu número de bancos em SP”. São Paulo, 17/09/2007, p. A1.

<sup>859</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Vida real, depois do carnaval”. São Paulo, 26/02/2009, p. A1.

<sup>860</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Linha nobre da CPTM superlota e atrasa”. São Paulo, 26/11/2007, p. C4.

acima do limite de conforto” - enquanto algumas estações eram até consideradas “fantasmas”, como a Sumaré, da Linha 2-Verde<sup>861</sup> -, o que, para a *Folha*, só “compromete a imagem do metrô”<sup>862</sup>, afinal, descrita como um verdadeiro caos:

Os passageiros tentam entrar no vagão, mas não conseguem. É preciso até uma equipe de seguranças para ajudar a encaixar pernas e braços dentro da composição, fechar a porta do trem e permitir que ele prossiga a viagem - com algum atraso. Essas cenas se tornaram corriqueiras.<sup>863</sup>

Importante notar que, apesar dos problemas, o deslocamento sobre trilhos costumava ser visto, se não como a única, como a principal solução para o transporte coletivo e, logo, para o trânsito de São Paulo. Reportagens como a que mereceu a foto principal da edição de 20 de maio de 2008, mostrando os “homens nas cavernas”, operários do consórcio que construía a Linha 4-Amarela, limpando o “megatatução”, a “máquina gigante que escava os túneis do metrô”<sup>864</sup> de “1.800 t, 9,5 m de diâmetro e 75 m de comprimento”<sup>865</sup>, indicavam uma certa admiração pela grandiosidade da obra ou da tuneladora, como é conhecida pelos especialistas. No texto do “Cotidiano”, entendia-se que se tratava apenas de mais uma etapa cumprida do cronograma - sabidamente atrasado - do metrô, alcançando “a área da futura estação Paulista”. Ainda que sem elogios deliberados, comemorava-se o feito registrando, inclusive, que os funcionários da Via Amarela “ergueram bandeira do estado e do Brasil na chegada do megatatução”. Em dezembro de 2008, assim como Serra, o jornal pareceu ainda se empolgar com o dinheiro arrecadado na venda da Nossa Caixa, no mês anterior, e destinado à ampliação da Linha 6-Laranja, a primeira com uma bifurcação, ligando o centro “a dois bairros periféricos do extremo norte: Brasilândia e Vila Nova Cachoeirinha”<sup>866</sup>.

Essa postura contrastava com notícias que denunciavam casos de corrupção nas licitações das obras. O Metrô informou em maio de 2008 que investigaria os “contratos firmados com a empresa francesa Alstom de 1995 a 2003”, como forma de “responder” à

---

<sup>861</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Mesmo superlotado, metrô mantém estação ‘fantasma’”. São Paulo, 05/04/2009, p. C1.

<sup>862</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Superlotação do metrô de SP já se equipara às piores do mundo”. São Paulo, 21/04/2008, p. A1.

<sup>863</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Linha nobre da CPTM superlota e atrasa”. São Paulo, 26/11/2007, p. C4.

<sup>864</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Homens nas cavernas”. São Paulo, 20/05/2008, p. A1.

<sup>865</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “foco - Megatatução do metrô chega à rua da Consolação, área da futura estação Paulista”. São Paulo, 20/05/2008, p. C1.

<sup>866</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “SP fará bifurcação para ampliar linha laranja do Metrô”. São Paulo, 05/12/2008, p. A1.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Metrô anuncia ampliação na zona norte”. São Paulo, 05/12/2008, p. C1.

reportagem do jornal *Valor Econômico*, do mesmo conglomerado da *Folha de S.Paulo*, originalmente publicada no *The Wall Street Journal*, dos Estados Unidos<sup>867</sup>. Segundo o texto, “policiais suíços, em contato com os colegas brasileiros, disseram suspeitar que US\$ 6,8 milhões foram pagos como propina pela Alstom para ganhar um contrato de US\$ 45 milhões com o Metrô”. A Alstom fazia parte, como lembrou a *Folha*, ainda que depois da metade do texto, do consórcio das empreiteiras OAS, Queiroz Galvão e CBPO - que, em 2004, assinou contrato de R\$ 1,8 bilhão com o Metrô para o primeiro trecho da linha 4<sup>868</sup>. No primeiro desdobramento dessa denúncia, nove dias depois, o Tribunal de Contas do Estado (TCE) considerou os contratos “irregulares” pelo fato de o Metrô restaurar “em 2007 um contrato de 1992 para comprar trens por R\$ 500 milhões”. Para o TCE, a operação deu prejuízo de R\$ 70 milhões; para o Metrô, uma economia de R\$ 100 milhões<sup>869</sup>. Em seguida, especulou-se que Robson Marinho, conselheiro do TCE, único a votar pela aprovação de julgamento envolvendo a Alstom em outras obras do Governo do estado, “conhecido como aliado dos tucanos”, pois “sempre que os conselheiros apontam problemas em contratos de administração do PSDB, ele defende a regularidade do negócio”, era um daqueles que a polícia suíça suspeitava serem parte do esquema de corrupção<sup>870</sup>. José Sidnei Martini, ex-diretor da Alstom, “tornou-se presidente da Empresa Paulista de Transmissões de Energia e dois anos depois fechou negócio adicional com a Alstom de R\$ 4,82 milhões, sem licitação”<sup>871</sup>. E Cláudio Mendes, por sua vez, chamado de “suposto pivô do caso Alstom”, negou as acusações de ser o intermediário entre o grupo de corruptos e a empresa francesa, chamando-os de “corsários”<sup>872</sup>. O engenheiro Jean-Pierre Courtadon, ex-diretor da Cegelec, comprada pela Alstom, disse aos promotores que era Mendes o brasileiro quem “vendia facilidade e contatos no governo paulista a empresas de energia”<sup>873</sup>.

---

<sup>867</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Metrô investigará contratos com empresa francesa”. São Paulo, 07/05/2008, p. A1.

<sup>868</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Metrô vai investigar contratos feitos com multinacional Alstom”. São Paulo, 07/05/2008, p. C3.

<sup>869</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “TCE vê problema em contratos de R\$ 556 entre Metrô e Alstom”. São Paulo, 16/05/2008, p. A1.

<sup>870</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Membro do TCE foi o único a aprovar contrato da Alstom”. São Paulo, 04/06/2008, p. A1.  
FOLHA DE SÃO PAULO. “Membro do TCE investigado defendeu contrato da Alstom”. São Paulo, 04/06/2008, p. A4.

<sup>871</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “No governo, ex-diretor da Alstom dispensou licitação”. São Paulo, 13/06/2008, p. A1.

<sup>872</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Suposto pivô do caso Alstom afirma que foi usado por ‘corsários’”. São Paulo, 25/06/2008, p. A1.

<sup>873</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Francês acusa suposto pivô do caso Alstom”. São Paulo, 27/06/2008, p. A1.

A *Folha* ainda revelou, em 29 de agosto de 2008, um documento que indicava acerto prévio do vencedor da licitação para a ampliação das Linha 2-Verde. Para garantir que sabia antecipadamente dessa informação, oito horas antes da abertura dos envelopes dessa licitação, a versão on-line da publicação divulgou esses documentos que, segundo suas próprias palavras, davam a entender que a “concorrência pode ter sido direcionada, de forma a dar a vitória ao consórcio liderado pela Camargo Corrêa”<sup>874</sup>. Perto do fim do meu recorte, em janeiro de 2009, o TCE viria a suspender as obras da Linha 5-Lilás por “suspeita de irregularidade”<sup>875</sup>.

Uma alternativa, o Fura-Fila, sequer se sustentava em pé. Com atrasos<sup>876</sup> e erros de execução na obra<sup>877</sup>, 800 toneladas de um pedaço do viaduto que o sustentava tombaram<sup>878</sup>. A prefeitura decidiu, então, abandonar o projeto original, “após 11 anos, R\$ 950 milhões investidos e só um terço dos 33 km previstos entregues”. Com o nome de Expresso Tiradentes, deixaria de ser corredor exclusivo de ônibus para que fosse implantado um veículo leve sobre trilhos<sup>879</sup>.

Em pesquisa de opinião do Datafolha a respeito dos dois temas, o trânsito e o transporte, a capa de 13 de agosto de 2007 apresentou o resultado com a manchete: “Paulistano rejeita trânsito e quer metrô, não pedágio”. No gráfico da capa, entre as “soluções para o trânsito de SP”: 33% querem “mais metrô”, 21% “mais ônibus” e 16% “mais corredores de ônibus”. Ou seja, 70% querem investimentos em transporte público e coletivo de qualidade, com 28% para “outros” e, destacado, por ser uma discussão da época, 2% de “pedágio urbano”. No “Cotidiano”, mais gráficos mostravam que 51% dos entrevistados avaliavam o transporte coletivo e, 71%, o trânsito, como ruim ou péssimo<sup>880</sup>. Em levantamento parecido, este de setembro de 2008, feito pelo próprio Metrô, detectou-se o crescimento do uso de transporte coletivo pela primeira vez em 40 anos, invertendo a tendência de queda na região metropolitana.

---

<sup>874</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Folha Online antecipa vitória em licitação de obra do metrô”. São Paulo, 29/08/2008, p. A1.

<sup>875</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Licitação de obra da linha lilás no metrô de SP é suspensa”. São Paulo, 17/01/2009, p. A1.

<sup>876</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Antigo Fura-Fila é inaugurado, mas continua em teste hoje”. São Paulo, 09/03/2007, p. C11.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Fura-Fila começa com fila e confusão”. São Paulo, 13/03/2007, p. C5.

<sup>877</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Relatório aponta erros de execução na obra do Fura-Fila”. São Paulo, 03/04/2008, p. C11.

<sup>878</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Viaduto do Fura-Fila tomba em São Paulo”. São Paulo, 02/04/2008, p. A1.

<sup>879</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Prefeitura desiste de ideia original do Fura-Fila em SP”. São Paulo, 29/04/2009, p. A1.

<sup>880</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Paulistano rejeita trânsito e quer metrô, não pedágio”. São Paulo, 13/08/2007, p. A1.

FOLHA DE SÃO PAULO. “71% reprovam trânsito de São Paulo”. São Paulo, 13/08/2007, p. C1.

A descoberta parece ter causado espanto à época, já que, no ano anterior, com 55% das viagens motorizadas de ônibus, contra 45% de carro, moto ou táxi, o fato mereceu a manchete principal<sup>881</sup>. O que não significava necessariamente usuários satisfeitos, pois em dezembro do mesmo ano, segundo estudo da Associação Nacional de Transportes Públicos (ANTP), houve queda na aprovação aos corredores de ônibus, de 64 para 53%<sup>882</sup>.

Entre o trânsito e o transporte coletivo, interligados e, por isso, uma questão a se resolver dentro do escopo do que viria a ser chamado com mais frequência dali a alguns anos de “mobilidade urbana”, nenhum parecia satisfatório. Ambos uma obsessão, ambos uma frustração.

### *Símbolos de grandeza*

As capas da *Folha de S.Paulo* destacaram, com frequência, atrações culturais que são, invariavelmente, valorizadas, não importa por que critérios ou “juízes”, num cenário cultural entre (e, por vezes, ao mesmo tempo) local e global. Atrações culturais que, se realmente em alta, nem a concorrência e a espera para entrar mostram-se um empecilho<sup>883</sup>. Facilitavam a garantia de destaques na primeira página do jornal, vale esclarecer, as chamadas, geralmente com foto, às sextas-feiras, em razão do “guia da folha”, caderno publicado semanalmente com destaques culturais dos próximos sete dias, com reportagens, roteiros, informações e dados de diversas opções para os moradores da capital paulista. No MASP, a mostra do artista plástico Vik Muniz, conhecido mundo afora, foi um dos programas a ficar em evidência, logo abaixo do cabeçalho e ao lado da marca abreviada do caderno, com apenas “guia”<sup>884</sup>. Não que as atrações culturais tivessem de estar sempre alocadas no “guia da folha” ou serem apresentados inicialmente neste caderno. Muitas faziam parte da cobertura da “Ilustrada”. A foto de “Darth Vader” garantiu uma chamada na capa sobre a exposição de naves e figurinos da saga Star Wars

---

<sup>881</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Uso do transporte público cresce em SP após 40 anos”. São Paulo, 06/09/2008, p. A1.

<sup>882</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Cai aprovação aos corredores de ônibus em SP”. São Paulo, 22/12/2008, p. A1.

<sup>883</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Paulistanos enfrentam filas de até 5 horas para ver exposições”. São Paulo, 09/04/2007, p. A1.

<sup>884</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Vik Muniz abre mostra no MASP”. São Paulo, 24/04/2009, p. A1.

em março de 2008<sup>885</sup>. Havia para todos os gostos, de Campus Party<sup>886</sup> a espetáculos circenses<sup>887</sup>, desde que com um apelo no cenário cultural local e/ou global.

Patinho feio, o teatro merecia destaque por receber Wagner Moura, em alta pelos filmes de *Tropa de Elite*, em uma peça shakespeariana, *Hamlet*<sup>888</sup>, por grupos tradicionais de São Paulo, como “Os Satyros”<sup>889</sup>, ou pelas críticas à segurança dos palcos - vide o incêndio no Cultura Artística<sup>890</sup>. Os cinemas, por outro lado, eram figurinha carimbada, seja pelo chamariz dos *blockbusters* - o governo estadual chegou a distribuir 2,5 milhões de ingressos<sup>891</sup> -, seja pelos festivais anuais, consolidados como parte do calendário cultural da capital paulista. Destacaram-se na capa da *Folha*, sempre à época de sua realização, entre outros, a Mostra Internacional de Cinema de São Paulo<sup>892</sup>, o Festival Internacional de Documentários É Tudo Verdade<sup>893</sup>, o Festival Internacional de Curtas-Metragens de São Paulo<sup>894</sup> e o Festival Internacional de Animação Anima Mundi<sup>895</sup>. Sem falar nas avaliações dos cinema da cidade<sup>896</sup> e eleição das melhores salas<sup>897</sup>.

---

<sup>885</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Exposição com naves e figurinos de ‘Star Wars’ chegam a SP”. São Paulo, 05/03/2008, p. A1.

<sup>886</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Confira atrações gratuitas da Campus Party, em SP”. São Paulo, 13/02/2008, p. A1.

<sup>887</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Espetáculo de palhaço russo traz a SP circo para adultos”. São Paulo, 30/05/2007, p. A1.

<sup>888</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Wagner Moura sobe ao palco como Hamlet”. São Paulo, 20/06/2008, p. A1.

<sup>889</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Os Satyros”. São Paulo, 24/05/2009, p. A1.

<sup>890</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Visita a teatros constata falhas em segurança”. São Paulo, 07/09/2008, p. A1.

<sup>891</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. SP vai distribuir 2,5 milhões de ingressos de cinema”. São Paulo, 12/01/2009, p. A1.

<sup>892</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Mostra de cinema de São Paulo terá filmes raros de Bergman”. São Paulo, 15/09/2008, p. A1.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Mostra Internacional de Cinema traz a programação completa da 32ª edição do evento”. São Paulo, 17/10/2008, p. A1.

<sup>893</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “É Tudo Verdade começa amanhã com mais de 140 filmes”. São Paulo, 22/03/2007, p. A1.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Festival de documentário exhibe 137 filmes em sessões gratuitas”. São Paulo, 28/03/2008, p. A1.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Documentário sobre Irã abre festival É Tudo Verdade”. São Paulo, 25/03/2009, p. A1.

FOLHA DE SÃO PAULO. “veja destaques da programação do festival É Tudo Verdade”. São Paulo, 27/03/2009, p. A1.

<sup>894</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Festival de curtas exhibe 381 filmes em sessões gratuitas”. São Paulo, 22/08/2008, p. A1.

<sup>895</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Anima Mundi começa hoje em SP com 441 filmes”. São Paulo, 22/07/2008, p. A1.

<sup>896</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Reportagem avalia 54 cinemas da cidade”. São Paulo, 22/02/2008, p. A1.

<sup>897</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Críticos elegem os melhores cinemas de São Paulo”. São Paulo, 13/02/2009, p. A1.



Só que a música era, de longe, a atração cultural com mais apelo. Entre os shows e festivais de música internacionais que mereceram destaque na capa ou registros com foto no “Cotidiano”, com alguns apenas repercutindo a apresentação, outros fazendo isso e, na véspera, avisando do programa, analisando e passando informações ao leitor, temos nomes como: High School Musical<sup>898</sup>, Roger Waters<sup>899</sup>, Diana Krall<sup>900</sup>, Iron Maiden<sup>901</sup>, Bob Dylan<sup>902</sup>, R.E.M.<sup>903</sup>, Rod Stewart<sup>904</sup>, Lollapalooza<sup>905</sup>, Skol Beats<sup>906</sup>, TIM Festival<sup>907</sup>, Radiohead<sup>908</sup> e Jonas Brothers<sup>909</sup>.

O único brasileiro digno de figurar na primeira página foi o baiano João Gilberto, precursor da bossa nova e reconhecido internacionalmente pela sua arte. Uma chamada sem foto de 14 de agosto de 2008 noticiou o dia da apresentação lembrando que, “no Rio, vizinhos dizem que nunca o viram”,<sup>910</sup> reforçando o mito em torno de sua pessoa, do “fantasma do Leblon”, por sua discrição<sup>911</sup>. No dia seguinte, com a imagem principal da edição, gigante e ao centro, o jornal exibia João Gilberto curvando-se para agradecer os aplausos com o violão na mão. O título não deixou passar despercebida outra de suas características, dizendo que “Após

---

<sup>898</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “High School Musical “enlouquece” pré-adolescentes em show no Morumbi”. São Paulo, 21/05/2007, p. A1.

<sup>899</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Público do Morumbi vibra com Waters e seu apanhado de sucessos do Pink Floyd”. São Paulo, 26/03/2007, p. A1.

<sup>900</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Diana Krall canta de graça no Parque Villa-Lobos”. São Paulo, 30/11/2007, p. A1.

<sup>901</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Iron Maiden faz show de duas horas em São Paulo”. São Paulo, 03/03/2008, p. C6.

<sup>902</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Pontualidade de Bob Dylan surpreende público”. São Paulo, 06/03/2008, p. C5.

<sup>903</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “R.E.M fará ‘shows melhores’ no Brasil, afirma Michael Stipe”. São Paulo, 17/10/2008, p. A1.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Após shows em Porto Alegre e no Rio, o R.E.M. toca hoje e amanhã em São Paulo”. São Paulo, 10/11/2008, p. A1.

<sup>904</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Rod Stewart canta para 15 mil em São Paulo”. São Paulo, 05/04/2008, p. C3.

<sup>905</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Atração do festival de música Lollapalooza vêm ao Brasil”. São Paulo, 11/08/2008, p. A1.

<sup>906</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Skol Beats abre temporada de festivais em São Paulo”. São Paulo, 24/09/2008, p. A1.

FOLHA DE SÃO PAULO. “guia - Skol Beats e About Us”. São Paulo, 26/09/2008, p. A1.

<sup>907</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Tim Festival começa hoje com desfalques de última hora”. São Paulo, 21/10/2008, p. A1.

<sup>908</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Radiohead em SP”. São Paulo, 23/03/2009, p. A1.

<sup>909</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Jonas Brothers fazem shows no Rio e em São Paulo”. São Paulo, 18/05/2009, p. A1.

<sup>910</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “João Gilberto faz show hoje em SP; no Rio, vizinhos dizem que nunca o viram”. São Paulo, 14/08/2008, p. A1.

<sup>911</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Fantasma do Leblon”. São Paulo, 14/08/2008, p. E1.

97 minutos de atraso, músico celebra 50 anos da bossa nova em SP”<sup>912</sup>. No segundo caderno da “Ilustrada” daquela edição, dedicado exclusivamente ao show “impecável”<sup>913</sup>, ainda que tenha se registrado o choque por não ter reclamado<sup>914</sup>, o que era frequente, a capa, indicando um momento marcante e especial, dizia “50 anos após o surgimento da bossa nova / 5 anos depois do último show em SP / 97 min de atraso / Enfim,” e combinava este final com a foto do baiano, numa imagem que cobria a página inteira<sup>915</sup>.

Ninguém superou no período recortado, porém, o apelo causado pelo show de Madonna. Anunciou-se, seis meses antes da apresentação propriamente dita, que o estádio do Morumbi reservara três datas para a cantora americana<sup>916</sup> - e que acabaria tendo uma extra<sup>917</sup>. Reclamou-se, três meses antes, dos problemas para adquirir os ingressos<sup>918</sup>. A expectativa parecia tanta que a exibição em Buenos Aires, na Argentina, aquela que marcava o início de sua turnê na América do Sul, onze dias antes de pisar nos palcos brasileiros, mereceu a foto principal da capa e a crítica de que fez um “show impecável e previsível”<sup>919</sup>. Com o título de “em ponto de bala”<sup>920</sup>, a reportagem analisava sua apresentação, inclusive detalhando como deveria ser a cronologia do espetáculo<sup>921</sup>. Quando finalmente chegou o dia do show, em 17 de dezembro de 2008, a *Folha* ofereceu um caderno especial<sup>922</sup> que, de acordo com a sua primeira página, estampando o nome “Madonna” de uma forma peculiar, continha textos de como seria a apresentação, contava histórias de “fãs que topam tudo” e abria espaço para a opinião de articulistas. Segundo explicação do subtítulo, “em forma aos 50 anos, a cantora mais influente do pop retorna a SP após mais de uma década e encerra a turnê ‘Sticky & Sweet’ no estádio do

---

<sup>912</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Após 97 minutos de atraso, músico celebra 50 anos da bossa nova em SP”. São Paulo, 15/08/2008, p. A1.

<sup>913</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Show impecável tem clássicos e surpresas”. São Paulo, 14/08/2008, p. - especial Ilustrada 2 - E3.

<sup>914</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “João Gilberto faz show sem reclamar”. São Paulo, 15/08/2008, p. E3 - especial Ilustrada 2.

<sup>915</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Enfim,”. São Paulo, 14/08/2008, p. - especial Ilustrada 2 - E1.

<sup>916</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Morumbi reserva 3 datas para shows de Madonna em setembro”. São Paulo, 12/07/2008, p. A1.

<sup>917</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Madonna fará show extra em São Paulo em dezembro”. São Paulo, 10/09/2008, p. A1.

<sup>918</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Venda de ingressos para shows de Madonna é confusa por telefone, pela internet e na própria fila”. São Paulo, 04/09/2008, p. A1.

<sup>919</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Madonna faz show impecável e previsível”. São Paulo, 06/12/2008, p. A1.

<sup>920</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “em ponto de bala”. São Paulo, 06/12/2008, p. E1.

<sup>921</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Cantora divide show em 4 partes”. São Paulo, 06/12/2008, p. E3.

<sup>922</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Madonna - especial mostra como serão as apresentações da cantora em SP”. São Paulo, 17/12/2008, p. A1.

Morumbi”<sup>923</sup>. Curiosamente, depois de tanta “preparação” e espera, a cobertura do show, em 19 de dezembro, até colocava foto de Madonna em ação, dançando, próxima ao cabeçalho, mas do tamanho equivalente ao de uma coluna de texto, menor do que a daquela da análise na capital argentina e do próprio João Gilberto. O título insinuava uma possível decepção: “Vaiada após duas horas de atraso, cantora conquista público em SP”<sup>924</sup>. Relegada à última página do “Cotidiano”, minimizou-se sua atuação dizendo ter sido uma “Madonna mais descontraída”, que “quebrou o roteiro e falou diversas vezes com a platéia, em português”<sup>925</sup>.

Com tratamento parecido ao reservado a Madonna, merecendo notícias anteriores à realização da atração cultural, “esquentando” o clima, cobertura com mais páginas do que o normal, avaliações e saldos após o encerramento, fazendo daquele acontecimento, dessa vez sim, um grande evento, podemos destacar apenas três: Parada do Orgulho LGBT, São Paulo Fashion Week e Virada Cultural.

A Parada do Orgulho LGBT, festa de rua com cara de Carnaval que toma praticamente toda a Avenida Paulista em suas edições anuais, e, ao mesmo tempo, levanta as bandeiras de lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros “para celebrar o orgulho e protestar contra o preconceito”<sup>926</sup>, ganhou tamanha proporção a ponto de se tornar um dos expoentes de grandes eventos de São Paulo. Em 2007, no que marcava um início de cobertura da Parada, quatro dias antes de sua realização, registrou-se que, pela primeira vez, a festa contaria com patrocinadores<sup>927</sup>. Por outro lado, relatou-se, dois dias antes, o conteúdo polêmico de um panfleto que fora distribuído na Feira Cultural LGBT, que antecede a Parada, e seria entregue também no grande evento. O texto orientava como cheirar cocaína, o que, como foi abordado, pareceu chocar a publicação, como se não houvesse usuários de drogas em qualquer tipo de festa popular. O Ministério da Saúde disse que as orientações eram “coerentes com a sua política de redução de danos”<sup>928</sup>, mas, no dia seguinte, os organizadores decidiram suspender a distribuição dos 40 mil panfletos e criticaram, em nota, o texto da *Folha*, que teria tido “caráter preconceituoso, alarmista e pouco informativo”<sup>929</sup>. A partir de então, em 10 de junho, a Parada

---

<sup>923</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Madonna chega à Paulicéia”. São Paulo, 17/12/2008, p. 1.

<sup>924</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Vaiada após duas horas de atraso, cantora conquista público em SP”. São Paulo, 19/12/2008, p. A1.

<sup>925</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “SP recebe Madonna mais descontraída”. São Paulo, 19/12/2008, p. C14.

<sup>926</sup> A informação é da organização do evento: <http://paradasp.org.br/quem-somos/>

<sup>927</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Parada do Orgulho Gay terá patrocinadores pela 1ª vez”. São Paulo, 06/06/2007, p. C8.

<sup>928</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Panfleto para Parada Gay orienta como cheirar cocaína”. São Paulo, 08/06/2007, p. C4.

<sup>929</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Parada Gay suspende entrega de panfleto”. São Paulo, 09/06/2007, p. C9.

esteve entre os destaques por três dias seguidos, a começar por uma chamada sem foto falando sobre como “Gays movimentam mercado de luxo, mas potencial ainda é pouco explorado no Brasil”<sup>930</sup>, explorando uma pesquisa que tentava “traçar o perfil econômico e comportamento do gay masculino”<sup>931</sup>. Dia 11, a festa mereceu a foto principal da edição, enorme, da altura do cabeçalho de cima até praticamente o final da página, e o título informando que teve “público recorde”, segundo seus organizadores, de 3,5 milhões de pessoas<sup>932</sup>. No “Cotidiano”, avaliou-se que a Parada cresceu, “diversão e problemas também”<sup>933</sup>, com a notícia, inclusive, dia 12, de que um turista francês fora assassinado, com suspeita de intolerância<sup>934</sup>. Dia 18, outra parada, a dos heterossexuais, tentou fazer uma contrapartida, mas não tinha bandeiras ou argumentos e não reuniu nem 20 pessoas na Avenida Paulista, com os organizadores pedindo dinheiro para dançarinas<sup>935</sup>. Em 2008, contou-se como a Parada era “pretexto de turista para cinco noites de balada”<sup>936</sup>, a expectativa por mais turistas e as diversas atrações internacionais<sup>937</sup>. A repercussão da Parada contou com a foto principal de 26 de maio, ainda que menor do que a de 2007, novamente de uma multidão, esta tirada de uma posição mais alta do que a de quem estava na rua, dando noção de como ocupava a Avenida Paulista por inteiro. Sem números de público, pareceu, dessa vez, indicar uma Parada menos animada, com “decoração discreta e pouca gente fantasiada”<sup>938</sup>, que “perde em glitter e ganha em diversidade”<sup>939</sup>. Nos dois anos, com alguns dias de antecedência, o “guia da folha” ofereceu dicas de outros programas para o público da Parada e informações sobre o próprio evento. Em 2007, ofereceu-se um “guia da parada” com

---

<sup>930</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Gays movimentam mercado de luxo, mas potencial ainda é pouco explorado no Brasil”. São Paulo, 10/06/2007, p. A1.

<sup>931</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Mercado gay no Brasil é muito pouco explorado, diz InSearch”. São Paulo, 10/06/2007, p. B2.

<sup>932</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Parada Gay em São Paulo tem público recorde”. São Paulo, 11/06/2007, p. A1.

<sup>933</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Parada gay cresce; diversão e problemas também”. São Paulo, 11/06/2007, p. C1.

<sup>934</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Turista francês é assassinado com facadas nos Jardins”. São Paulo, 12/06/2007, p. A1.

<sup>935</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “foco - Na Paulista, Parada Hétero cobra verba para contratar dançarinas”. São Paulo, 18/06/2007, p. C7.

<sup>936</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Parada é pretexto de turista para cinco noites de balada”. São Paulo, 24/05/2008, p. C7.

<sup>937</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Em sua 12ª edição, Parada Gay fica mais globalizada”. São Paulo, 25/05/2008, p. C8.

<sup>938</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Arco-íris na Paulista”. São Paulo, 26/05/2008, p. A1.

<sup>939</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Parada Gay perde em glitter e ganha em diversidade”. São Paulo, 26/05/2008, p. C1.

“roteiro especial”<sup>940</sup> e, em 2008, dentro do “guia”, “70 opções de bares, restaurantes, festas e passeios para entrar no embalo”<sup>941</sup>.

A Virada Cultural, com atrações culturais ao longo de 24 horas em pontos espalhados por São Paulo, apesar de um espaço maior para a música e concentração no Centro, englobava diversas partes e gostos da cidade, rivalizando em evidência com a Parada do Orgulho LGBT. A diferença ao “esquentar” o evento era a de que, em vez de análises pendendo para aspectos econômicos ou de comportamento, focava-se, principalmente, nas atrações culturais. Em 2007, por exemplo, revelou-se que o show dos Racionais MC’s contaria com a participação do “pioneiro do jazz rap”, DJ Premier<sup>942</sup>. A abertura com Alceu Valença na Praça da Sé mereceu foto na primeira página e talvez fosse a principal, mas coincidiu com a missa de sétimo dia da morte de Octavio Frias, *publisher* da *Folha*, dona da maior imagem da edição de 6 de maio<sup>943</sup>. A edição do dia seguinte, com a repercussão de como teria sido o encerramento, estampava a Polícia Militar atirando contra parte do público, segundo o jornal, os fãs do Racionais MC’s, por “saques e depredações de lojas, bancas e veículos no centro da cidade”. O público recorde de 3,5 milhões que acompanhou as 350 atrações culturais<sup>944</sup>, ao menos na hierarquia de notícias da publicação, ficou em segundo plano, ganhando maior relevância o “confronto” entre PMs e público, e não a festa.

A questão da violência se tornou central para a edição seguinte, em 2008, quando, no começo de abril, três semanas antes da Virada, anunciou-se um “palco com jovens cantoras e reforço na segurança”<sup>945</sup>. Não que o interesse pelo evento tivesse ficado abalado. Nos dias que antecederam a realização, comentou-se sobre as apresentações vindouras<sup>946</sup> e os preparativos<sup>947</sup>. Os “primeiros acordes”, dessa vez sem a concorrência do falecimento de um *publisher* da *Folha*, mereceram a foto principal da edição do dia 27, com Luiz Melodia e seu violão fotografados de costas, sentado num banquinho do palco do Teatro Municipal, numa imagem que contemplava o público e detalhes do prédio. Não que fosse tudo perfeito. A própria legenda contava que, no mesmo palco, mais tarde, “parte do público vaiou e deixou a platéia

<sup>940</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Encarte traz roteiro especial para a Parada Gay”. São Paulo, 08/06/2007, p. A1.

<sup>941</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Parada Gay”. São Paulo, 23/05/2008, p. A1.

<sup>942</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Pioneiro do jazz rap toca com os Racionais”. São Paulo, 04/05/2007, p. A1.

<sup>943</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Virada paulistana”. São Paulo, 06/05/2007, p. A1.

<sup>944</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Virada tem público recorde e depredação”. São Paulo, 07/05/2007, p. A1.

<sup>945</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Virada Cultural deste ano terá palco com jovens cantoras e reforço na segurança”. São Paulo, 03/04/2008, p. A1.

<sup>946</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Luiz Melodia abre com 'Pérola Negra' a Virada Cultural no sábado”. São Paulo, 24/04/2008, p. A1.

<sup>947</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Véspera da Virada”. São Paulo, 26/04/2008, p. A1.

ao saber que Egberto Gismondi, doente, não se apresentaria”<sup>948</sup>. O saldo, relatando o encerramento, carregava as marcas do ano anterior: “Concentrada no centro de SP e sem violência, Virada Cultural tem público recorde”. A imagem mostrava a Avenida São João, no Centro, apinhada de gente para ver o músico Jorge Ben Jor<sup>949</sup>.

Em 2009, ano da quinta edição da Virada, com o evento tornando-se cada vez mais consolidado, passou-se a viver a expectativa de quais artistas estariam no *line up*. Com isso, registravam-se as novidades à medida que a prefeitura as divulgava<sup>950</sup> e, mais adiante, analisavam-se as principais, seja pelo status do artista, homenagens ou um formato diferente de apresentação<sup>951</sup>. O anúncio na capa do dia em que se iniciava, com apenas uma chamada sem foto protocolar<sup>952</sup>, e da abertura, com uma foto de apresentação de dança, porém, foi tímido<sup>953</sup>. Em 4 de maio, agora disputando com o título estadual do Corinthians, a Virada teve a pior das repercussões de seu encerramento, com uma foto que pouco dizia, um homem pendurado a uma retroescavadeira - tratava-se do artista francês Philippe Priasso, num “duo coreográfico”. O resumo da chamada contava que o Centro virou uma “‘panela de pressão’ para abrigar 4 milhões de pessoas e 800 atrações em 22 palcos; ruas se tornam lixões a céu aberto”<sup>954</sup>. Em dois dos três anos, ofereceu-se na sexta-feira colada ao fim de semana da Virada um especial dentro do “guia da folha” ou um encarte especial, com a programação e as informações completas<sup>955</sup> e “dicas de onde comer na madrugada”<sup>956</sup>. Não houve chamada em 2009, quando, apesar de presente no “guia da folha”, perdeu a capa do caderno e a chamada na capa para “os bares temáticos para ver a final do Paulista”.

---

<sup>948</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Primeiros acordes”. São Paulo, 27/04/2008, p. A1.

<sup>949</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Concentrada no centro de SP e sem violência, Virada Cultural tem público recorde”. São Paulo, 28/04/2008, p. A1.

<sup>950</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Confira os destaques da Virada Cultural de São Paulo”. São Paulo, 15/04/2009, p. A1.

<sup>951</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Virada terá Novos Baianos e palco em tributo a Raul Seixas”. São Paulo, 15/04/2009, p. C3.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Virada Cultural terá palco para mostrar discos de Raul Seixas”. São Paulo, 29/04/2009, p. A1.

<sup>952</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Música é destaque da Virada Cultural de São Paulo, a partir das 18h”. São Paulo, 02/05/2009, p. A1.

<sup>953</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Dança paulistana”. São Paulo, 03/05/2009, p. A1.

<sup>954</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Virada Cultural”. São Paulo, 04/05/2009, p. A1.

<sup>955</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Encarte traz o serviço completo da Virada Cultural”. São Paulo, 25/04/2008, p. A1.

<sup>956</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Especial traz programação e dicas de onde comer na madrugada”. São Paulo, 04/05/2007, p. A1.

Ao São Paulo Fashion Week, salão de moda já renomado no circuito internacional<sup>957</sup>, era reservado uma cobertura peculiar, principalmente por contar com duas edições anuais - o que era motivo de piada para o colunista José Simão<sup>958</sup>. Talvez por causa dos desfiles, que disponibilizavam milhares de imagens, das próprias modelos e marcas participantes, ou mesmo por representar um evento tão visual, o São Paulo Fashion Week tinha mais destaques com foto do que os outros dois. Seja como foto principal, por um desfile atípico da Cavalaria às margens do rio Tietê, como brincou a *Folha*, com fashionistas enfiando o “pé na lama”<sup>959</sup>; seja por uma chamada com foto para informar da abertura do salão com o “cônsul da Estônia”, o dono da Osklen, a “mais bem-sucedida grife brasileira no exterior”<sup>960</sup>, Oskar Metsavaht<sup>961</sup>. Para além dos desfiles, apresentavam-se notícias corriqueiras envolvendo a organização, como quando se decidiu por uma homenagem ao Japão<sup>962</sup>, e os bastidores, ao analisar a compra de grifes por investidores<sup>963</sup>. As polêmicas também não passavam despercebidas. Na primeira edição de 2008, a Justiça penhorou 48 roupas do estilista Lorenzo Merlini que, por pouco, não ficou sem exibí-las em seu desfile — foram confiscadas logo depois<sup>964</sup> — e, no último dia, soube-se que o Ministério Público Estadual investigaria o racismo nos desfiles, baseado em levantamento da *Folha*<sup>965</sup>. O assunto voltaria em 2009, quando caiu o número de negros<sup>966</sup>, os promotores

---

<sup>957</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “São Paulo Fashion Week começa hoje e não quer ditar tendências”. São Paulo, 13/06/2007, p. A1.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Herchcovitch usa smokings como inspiração na SP Fashion Week”. São Paulo, 14/06/2007, p. A1.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Camila Pitanga empolga platéia do São Paulo Fashion Week”. São Paulo, 16/06/2007, p. A1.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Homens ganham espaço na São Paulo Fashion Week”. São Paulo, 18/06/2007, p. A1.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Érika Ikezili leva romantismo ao último dia do SP Fashion Week”. São Paulo, 20/06/2007, p. A1.

<sup>958</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Devia ser São Paulo Fashion Every Week! Parece que toda semana tem!”. São Paulo, 19/06/2008, p. A1.

<sup>959</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Grife faz desfile às margens do Tietê”. São Paulo, 21/01/2008, p. A1.

<sup>960</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Osklen abre hoje desfiles de verão”. São Paulo, 17/06/2008, p. E4.

<sup>961</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Grife de cônsul da Estônia abre hoje a São Paulo Fashion Week”. São Paulo, 17/06/2008, p. A1.

<sup>962</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Fashion Week faz homenagem ao Japão”. São Paulo, 09/06/2008, p. A1.

<sup>963</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Compra de grifes por investidores marca SP Fashion Week, que começa hoje”. São Paulo, 16/01/2008, p. A1.

<sup>964</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Justiça penhora 48 roupas de estilista e quase impede desfile”. São Paulo, 20/01/2008, p. A1.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Após desfile, Justiça penhora 48 roupas”. São Paulo, 20/01/2008, p. A24.

<sup>965</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Ministério Público investigará suposto racismo nos desfiles do evento”. São Paulo, 22/01/2008, p. A1.

<sup>966</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Cai o número de modelos negros nas passarelas da SPFW”. São Paulo, 24/01/2009, p. C8.

quiseram implementar cotas<sup>967</sup> e, num acordo, acertou-se que a organização do evento incentivaria “o uso” desses modelos nas próximas edições<sup>968</sup>.

Apesar de abraçar, de certa forma, esses três grandes eventos (Parada do Orgulho LGBT, Virada Cultural e São Paulo Fashion Week), colocando-os em evidência, e ainda que não seja o papel da imprensa apoiá-los incondicionalmente, nota-se o quanto se prefere, em detrimento da cobertura da festa em si, por vezes, os problemas e as polêmicas. Na Parada e na Virada, sinais de violência chamaram a atenção e acabaram na capa. Na Fashion Week, foi a vez do escândalo que quase impediu o desfile de um estilista e a participação dos negros nas passarelas.

Outros dois grandes eventos, de um gênero diferente, dois grandes acontecimentos, por assim dizer, que, pela importância que lhes é conferida, pelos veículos de comunicação inclusive, mas dentro de uma sociedade com seus valores, de forma geral, tornaram-se também grandes eventos: as visitas do presidente dos EUA, George W. Bush, e do papa Bento XVI. Ambos mereceram tratamento especial por parte da *Folha de S. Paulo*, com presenças seguidas nas capas.

Bush esteve na primeira página do jornal abraçando o presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, em encontro em Guarulhos, local de uma unidade da Transpetro<sup>969</sup>. No mesmo dia, 10 de março de 2007, duas fotos pequenas mostraram, primeiro, “jovens de ONGs visitada por Bush” passando por detector de metal e, na segunda, a primeira-dama estadunidense, Laura Bush, com Vanessa, de 6 anos e cara de assustada, na sede da mesma ONG, onde assistiu a uma “aula de mentirinha” para ter uma ideia de como é o programa Alfabetização Solidária<sup>970</sup>. No dia anterior, quando desembarcou no país, mais do que o tchauzinho tradicional ao sair do avião presidencial<sup>971</sup>, marcaram as imagens centenas de manifestantes em confronto com a Polícia Militar na Avenida Paulista, com saldo de pelo menos 23 feridos; e das duas mãos da Avenida 23 de Maio, uma engarrafada, a outra, interditada para a passagem da comitiva de Bush sob o título “Fura-fila”<sup>972</sup>.

---

<sup>967</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “cotidiano – Cotas na moda”. São Paulo, 12/04/2009, p. A1.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Promotora quer cota para negros em desfiles”. São Paulo, 12/04/2009, p. C4.

<sup>968</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “SPFW vai ter que incentivar uso de modelos negros”. São Paulo, 21/05/2009, p. C6.

<sup>969</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Lula cobra de Bush mais investimentos em vez de só ajuda”. São Paulo, 10/03/2007, p. A1.

<sup>970</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Primeira-dama assiste a aula de mentirinha em São Paulo”. São Paulo, 10/03/2007, p. A1.

<sup>971</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Bolha de Bush evita o contato com a realidade”. São Paulo, 09/03/2007, p. A1.

<sup>972</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Fura-fila”. São Paulo, 09/03/2007, p. A1.



O papa Bento XVI mereceu mais destaque, mais cobertura e, principalmente, mais capas de jornal. Quatro dias antes da canonização de frei Galvão, o casamento do casal que teria sido agraciado por uma “intercessão miraculosa” do religioso, permitindo o nascimento do filho dos dois, Enzo, a despeito de uma gravidez de alto risco, causada por uma “anamolía interina”<sup>973</sup>, foi capa da *Folha* com o beijo da cerimônia entre Sandra Grossi de Almeida e Cesar Augusto Gallafassi<sup>974</sup>. Era o começo de uma mobilização editorial. Na antevéspera de sua chegada, a capa de 8 de maio de 2007 avisava que distribuiria um “guia da visita do papa”<sup>975</sup>. Na véspera, 9 de maio, mostrava-se a montagem de cabine blindada no monteiro São Bento, de onde o religioso saudaria o público, segundo o infográfico que detalhava sua visita<sup>976</sup>. E, no dia seguinte ao seu desembarque, em 10 de maio, praticamente 2/3 da primeira página mostravam foto do clérigo descendo do avião com o “pé esquerdo”<sup>977</sup>. Novamente, detalhava-se a agenda de Bento XVI - o que ainda se repetiria em 11 de maio<sup>978</sup> -, com destaque para o encontro com jovens no estádio do Pacaembu<sup>979</sup>. O ponto alto, também ocupando cerca de 2/3 da capa, foi a cobertura da canonização do frei Galvão no Campo de Marte, na Zona Norte, em que um retrato do agora santo católico decorava, gigante e ao fundo, maior do que a figura de Jesus Cristo na cruz, a missa rezada em sua homenagem<sup>980</sup>.

Mais do que a cobertura mostrando os passos do papa Bento XVI por São Paulo — e depois Rio de Janeiro e Aparecida —; a preparação de sua recepção, no estádio do Pacaembu e no mosteiro São Bento; o desembarque no aeroporto e os encontros políticos, com os então governador José Serra e presidente Lula e a canonização de frei Galvão, chamaram a atenção as manchetes principais seguidas relatando as opiniões firmes e conservadoras do religioso: “Papa apóia excomunhão dos políticos pró-aborto”<sup>981</sup>; “Papa ataca mídia, ‘seitas’ e divórcio”<sup>982</sup>; “Tráfico deve explicação a Deus, diz papa”<sup>983</sup>; “Papa critica capitalismo e

<sup>973</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Mulher do milagre de Frei Galvão se casa na igreja diante do filho de 7 anos”. São Paulo, 07/05/2007, p. A9.

<sup>974</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Antes de o Papa chegar”. São Paulo, 07/05/2007, p. A1.

<sup>975</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “amanhã >> Receba guia da visita do papa”. São Paulo, 08/05/2007, p. A1.

<sup>976</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Ganhe (e guarde) guia da visita do Papa”. São Paulo, 09/05/2007, p. A1.

<sup>977</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Papa apóia excomunhão dos políticos pró-aborto”. São Paulo, 10/05/2007, p. A1.

<sup>978</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “O que acontece hoje em São Paulo”. São Paulo, 11/05/2007, p. A1.

<sup>979</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “O segundo dia em São Paulo [do Papa]”. São Paulo, 10/05/2007, p. A1.

<sup>980</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Frei Galvão é canonizado, e país ganha seu primeiro santo”. São Paulo, 12/05/2007, p. A1.

<sup>981</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Papa apóia excomunhão dos políticos pró-aborto”. São Paulo, 10/05/2007, p. A1.

<sup>982</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Papa ataca mídia, ‘seitas’ e divórcio”. São Paulo, 12/05/2007, p. A1.

<sup>983</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Tráfico deve explicação a Deus, diz papa”. São Paulo, 13/05/2007, p. A1.

marxismo”<sup>984</sup>. Um espaço que lembrava o de uma tribuna, reservado a poucos, ainda mais de outras religiões. Em 20 de agosto de 2007, em tom jocoso, o título da legenda da foto da capa do jornal usou o termo “Aparição” para registrar Sônia Hernandez, que falava “por telão aos fiéis de sua igreja, a Renascer” - ela e o marido, Estevam, acabavam de ser condenados à prisão nos EUA e se diziam “martirizados”<sup>985</sup>. A igreja mereceu destaque, por outro lado, como foto principal, em 23 de maio de 2008, pela multidão da 16ª Marcha para Jesus, com presença do jogador de futebol, o melhor do mundo de 2007, Kaká, e sua esposa<sup>986</sup>. Algo que também acontecia quando se tratavam de eventos de outra magnitude que não uma simples missa ou um mero culto. A festa dos cem anos da Arquidiocese de São Paulo, num estádio do Pacaembu lotado, também alcançou a primeira página com uma foto da celebração<sup>987</sup>.

Para ganhar uma sequência de destaques na capa, de fato, só em caso de tragédia, como em 19 de janeiro de 2009, com manchete e foto principais da edição contando do desabamento do teto da sede da Igreja Renascer em Cristo, no bairro do Cambuci, no Centro, deixando ao menos sete mortos e 93 feridos, durante o intervalo entre dois cultos. A imagem aérea mostrava o quarteirão do acidente, com o teto da sede realmente destruído, afundado, e, na rua, centenas de pessoas e dezenas de ambulâncias<sup>988</sup>. Nas três páginas do “Cotidiano” dedicadas ao assunto, a reportagem “Fiéis hostilizam jornalistas em local de acidente; bispo se desculpa por agressões” dava uma medida da antipatia dos evangélicos por esses profissionais, indicando um certo ressentimento com a imprensa, de forma geral, não exclusiva da *Folha*, pela cobertura preconceituosa ou parcial, provocando, segundo o texto, ameaças, algumas agressões e até formando “cordões humanos” para evitar a aproximação<sup>989</sup>. A causa do desabamento virou alvo de especulações. Em 20 de janeiro, garantiu o segundo destaque, revelando que a Renascer tinha feito reforma irregular na sua sede<sup>990</sup> e, nos dias seguintes, que contratou empresa “sem capacitação para reforma”<sup>991</sup>. Após afirmar que o sofrimento no episódio era como “a dor que

---

<sup>984</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Papa critica capitalismo e marxismo”. São Paulo, 14/05/2007, p. A1.

<sup>985</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Aparição”. São Paulo, 20/08/2007, p. A1.

<sup>986</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Andar com fé”. São Paulo, 23/05/2008, p. A1.

<sup>987</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Centenário”. São Paulo, 09/06/2008, p. A1.

<sup>988</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Teto de igreja Renascer desaba e mata ao menos 7”. São Paulo, 19/01/2009, p. A1.

<sup>989</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Fiéis hostilizam jornalistas em local de acidente; bispo se desculpa por agressões”. São Paulo, 19/01/2009, p. C4.

<sup>990</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Igreja Renascer fez reforma irregular em templo em SP”. São Paulo, 20/01/2009, p. A1.

<sup>991</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Renascer contratou empresa sem capacitação para reforma”. São Paulo, 21/01/2009, p. C1.

glorifica”<sup>992</sup>, mesmo diante da descoberta de pelo menos mais dez templos em “situação irregular”<sup>993</sup>, o apóstolo Hernandez ignorou o acordo com o Ministério Público, “pelo qual se comprometia a não realizar eventos em locais sem licença de funcionamento expedida pela prefeitura”, e fez culto no salão de um clube na região da Paulista<sup>994</sup>.

### *Retratos*

As histórias contadas a cada edição de jornal, no caso desta dissertação, a cada edição diária da *Folha de S.Paulo*, proporcionam recortes pontuais da realidade de São Paulo e, ao mesmo tempo, retratos da cidade. Retratos de pessoas, famosas ou anônimas, sozinhas ou em grupo, de seus feitos ou peculiaridades; retratos de lugares, zonas e bairros, de símbolos turísticos, históricos, esquecidos, desconhecidos ou renegados; retratos de perfis do morador da capital paulista e do paulistano; retratos de sensações, percepções, comportamentos, modas, gostos e preferências; retratos de episódios marcantes, descobertos ou detalhados. Histórias catalogadas com a *tag cidade*, pois, como explicado no **Anexo 2**, contam, de alguma forma, um pouco de alguém, de algum lugar, de um acontecimento, episódio ou circunstância de São Paulo. Inicialmente podem parecer apenas histórias curiosas ou interessantes. No entanto, como parte de uma construção gradual e contínua por meio da leitura — variando o grau de fidelidade de cada leitor, a complementação ou não com notícias de outros veículos de comunicação —, da própria percepção da realidade, opiniões, ideologias e convicções pessoais, essas histórias mostram-se retratos da cidade e, juntas, formam um mosaico da sua realidade. A *tag* foi a segunda mais mencionada no período da dissertação, entre dezembro de 2006 e maio de 2009, mais precisamente, 1.612 vezes, o que representa cerca de 7% do total, atrás apenas de *violência*, ocupando a 6ª colocação enquanto a capital paulista esteve como *candidata coadjuvante*, e a 2ª no período enquanto *candidata protagonista*. Esta seção apresenta alguns desses retratos e, com isso, contribui para a visualização desse mosaico.

<sup>992</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Apóstolo Hernandez se compara a Jó e diz que a dor glorifica”. São Paulo, 22/01/2009, p. C4.

<sup>993</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Renascer tem pelo menos 10 templos em situação irregular”. São Paulo, 22/01/2009, p. C5.

<sup>994</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “cotidiano - Renascer descumpre acordo e faz culto em salão da av. Paulista”. São Paulo, 26/01/2009, p. A1.

- Lugares

A *Folha de S.Paulo* contou, entre outras histórias referentes a lugares de São Paulo, de tudo um pouco. De quando o mosteiro de São Bento passou a oferecer *brunch* após a missa<sup>995</sup>, transformando-se em “templo da comilança”<sup>996</sup>. Dos animais do Zoológico por ocasião de seus 50 anos<sup>997</sup> e das cobras recém-nascidas do “bercário” do Instituto Butantan<sup>998</sup>. Do que frequentadoras de bailes de terceira idade achavam do filme *Chega de Saudade*, de Laís Bodansky<sup>999</sup>. Dos 50 anos do Teatro Oficina, de Zé Celso<sup>1000</sup>, da desistência do estado de investir no projeto de Oscar Niemeyer para a nova sede do Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC-USP)<sup>1001</sup> e da restauração do Cine Marabá, coordenada por Ruy Ohtake<sup>1002</sup>. Dos roteiros sobre trilhos que partem da estação da Luz para o interior, como se num “filme de época”<sup>1003</sup>.

Talvez sem o intuito deliberado de reforçar alguns estigmas, mas ainda assim colaborando para isso, sugeriam-se, geralmente no “guia da folha”, locais tidos como tipicamente paulistanos. A *Folha* recomendou, por exemplo, os “autênticos” botequins da capital paulista<sup>1004</sup>, os “clássicos”<sup>1005</sup>, aqueles “honrosos sobreviventes que atravessaram os anos e, apesar dos contratempos, permaneceram sempre de portas abertas”, destacando-se “pela tradição e simplicidade”. Como explicava a reportagem, “fora dos bairros da moda e sem ceder às novidades”, os 14 escolhidos “podem se orgulhar de ter envelhecido mantendo um componente essencial, o espírito boêmio”. A lista dividia-os de acordo com a década de sua fundação, de 1930 a 1980 e, num quadro didático, alardeava o que “você encontra” nos eleitos:

<sup>995</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Por R\$99, mosteiro de São Bento oferece a visitante brunch refinado após missa”. São Paulo, 30/11/2007, p. C9.

<sup>996</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Brunch transforma o mosteiro de São Bento em ‘templo da comilança’”. São Paulo, 03/12/2007, p. C5.

<sup>997</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Conheça a história do zôo de SP nos seus 50 anos”. São Paulo, 15/03/2008, p. A1.

<sup>998</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “foco - Butantan abre berçário de cobras e faz concurso para escolher o nome do filhote”. São Paulo, 25/09/2008, p. C3.

<sup>999</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Frequentadoras de bailes comentam ‘Chega de Saudade’, filme que estréia amanhã”. São Paulo, 20/03/2008, p. A1.

<sup>1000</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “José Celso encena disputa com Silvio Santos na celebração dos 50 anos do Oficina”. São Paulo, 17/09/2008, p. A1.

<sup>1001</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “SP desiste de projeto de Niemeyer para o MAC”. São Paulo, 04/12/2008, p. A1.

<sup>1002</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Cine Marabá, 64, reabre na sexta-feira”. São Paulo, 26/05/2009, p. A1.

<sup>1003</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Confira quatro opções de passeio sobre trilhos em SP”. São Paulo, 15/05/2009, p. A1.

<sup>1004</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Roteiro seleciona 14 autênticos botequins paulistanos”. São Paulo, 05/09/2008, p. A1.

<sup>1005</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “os clássicos”. São Paulo, 05/09/2008, p. - guia da folha - 1.

“atendimento atencioso - os garçons são ágeis e muitos estão há anos na casa”; “o olho do dono - a administração familiar é a alma do negócio”; “chope e cerveja - as bebidas costumam sair na medida, com colarinho e temperatura perfeitos”; “batidas e caipirinhas - drys e cosmopolitans estão fora do menu. os drinques oferecidos são simples, mas irresistíveis”; “petiscos tradicionais - a cozinha se notabiliza por bolinhos clássicos, como o de bacalhau ou o de carne, feitos à perfeição”. E, ao lado, também o que “você não encontra”: “hostess, barman, sommelier - e outros profissionais especializados estão fora. o amadorismo é um dos charmes”; “decoração sofisticada - projetos arquitetônicos arrojados passam longe. vale mais uma mesa de ferro do que uma palmeira”; “drinques elaborados - nada de misturas com frutas exóticas, bebidas importadas ou destilados novos”; “invencionices no cardápio - influência internacional, ingredientes da moda e apresentação requintada não entram na cozinha”; “endereço badalado - ficam fora do burburinho da Vila Madalena e Vila Olímpia”<sup>1006</sup>.

Sem um recorte tão específico, indicaram-se, entre as cerca de 4.800 padarias de São Paulo, vinte, separadas por zonas (Oeste, Sul, Norte e Leste), com o argumento da “mania de padaria” dos moradores da cidade<sup>1007</sup> e de que eram o “segundo lar” dos paulistanos<sup>1008</sup>. Segundo o texto, muitas padarias “viraram a extensão do escritório, ou da casa, abrigando reuniões ao redor de um café da manhã que vai além da média com prensado na chapa”, passando a diversificar opções também no almoço e jantar, vendendo “de um tudo”, só “o velho pão francês ainda é o item mais consumido”<sup>1009</sup>. Com o mesmo número de estabelecimentos, elencaram-se, em outra oportunidade, restaurantes de comida regional responsáveis por “colorir o cardápio da metrópole”<sup>1010</sup>. A justificativa, nesse caso, era a de que, “do ‘The New York Times’ à londrina ‘Wallpaper’, todos já teceram elogios à gastronomia internacional de São Paulo”, mas, em razão do aniversário da cidade, era bom lembrar que “nem só italianos, portugueses e japoneses imprimiram suas identidades aos nossos cardápios”. Por isso, diziam, valia “a pena mergulhar nos temperos, ingredientes e receitas que baianos, gaúchos, mineiros e tantos outros trouxeram ao maior e mais cosmopolita centro urbano”<sup>1011</sup>.

<sup>1006</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Roteiro seleciona 14 botequins tradicionais”. São Paulo, 05/09/2008, p. - guia da folha - 103-108.

<sup>1007</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Mania de padaria”. São Paulo, 13/09/2008, p. A1.

<sup>1008</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “segundo lar”. São Paulo, 13/09/2008, p. - vitrine - 1.

<sup>1009</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “o guia das ‘padocas’”. São Paulo, 13/09/2008, p. - vitrine - 4-5.

<sup>1010</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Roteiro traz 20 restaurantes de comida regional espalhados por SP”. São Paulo, 23/01/2009, p. A1.

<sup>1011</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Sabor brasileiro colore cardápio da metrópole”. São Paulo, 23/01/2009, p. - guia da folha - 70-75.

Até os não-lugares tinham espaço<sup>1012</sup>. Na reportagem “o vazio”, apresentou-se “o perfil de cinco prédios desocupados em São Paulo, em meio a especulação imobiliária, deslocamento dos centros comerciais e 2 milhões de paulistanos que vivem em condições precárias de habitação”. Inspirada na “Bienal do vazio”, a edição de 2008 da Bienal Internacional de Arte de São Paulo, a exposição de artes mais tradicional da cidade, assim apelidada em razão do andar livre que a curadoria deixou no prédio do Ibirapuera, a proposta do texto encontraria “paralelo em uma infinidade de imóveis ociosos que a cidade esconde”, que “perderam a função de abrigar pessoas e coisas”. Por isso, fizeram-se os retratos de “Edifício Dumont-Adams - Av. Paulista, 1.510”, “Prédio da CDHU, Rua do Ouvidor, 63”, “Edifício Prestes Maia - Av. Prestes Maia, 911”, “Galpões da Mooca” e “Antigo Hilton, Av. Ipiranga, 165”<sup>1013</sup>. Mais intrigante do que esses vazios, só a existência de um tour considerado “macabro”, levando curiosos a locais “de mau agouro da cidade”, como prédios de tragédias e cemitérios<sup>1014</sup>, ou a pontos inusitados, como a cobertura do Copan<sup>1015</sup>.

Esses exemplos, dos vazios aos macabros e aos icônicos ressignificados, mostravam, para além da visão do otimista, da criatividade da reportagem e dos moradores de São Paulo, certa ignorância quanto aos lugares da capital paulista. Tanto é assim que, em maio de 2009, a “revista” convidou em sua capa: “entre”<sup>1016</sup>. Chamava o leitor para “um passeio” por “patrimônios históricos”, mas, alertava, “grande parte desconhecida”. Nesse “culto à memória”, “não constam apenas cartões-postais, como o MASP”: Capela de São Miguel, no bairro de São Miguel Paulista, na Zona Leste; Sítio Morrinhos, no Jardim São Bento, na Zona Norte; Casa Modernista, na Vila Mariana, na Zona Sul; Capela da Venerável Ordem Terceira do Carmo, no Centro; Casa de Warchavchik, no Pacaembu, na Zona Oeste; Casa do Tatuapé, no bairro de mesmo nome, na Zona Leste<sup>1017</sup>.

As ruas mais conhecidas, para além da repaginação analisada acima, mereciam, eventualmente, destaques por circunstâncias específicas. Separei uma bastante sintomática. Afinal, numa cidade de tanto congestionamento, em que o trânsito colocava-se como uma questão central e um debate de todos, as vias eram, concomitantemente, espaços de

<sup>1012</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “revista - Vazios da metrópole”. São Paulo, 26/10/2008, p. A1.

<sup>1013</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “o vazio”. São Paulo, 26/10/2008, p. 10-17.

<sup>1014</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Tour ‘macabro’ em SP leva curiosos ao edifício Joelma e cemitérios”. São Paulo, 11/11/2008, p. C10.

<sup>1015</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Monges fazem do Copan um templo zen”. São Paulo, 22/11/2008, p. C3.

<sup>1016</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Conheça patrimônios históricos de SP em bom estado”. São Paulo, 19/04/2009, p. A1.

<sup>1017</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Culto à memória”. São Paulo, 19/04/2009, p. 10-16.

deslocamento, conexão e significados. Talvez poucos tenham percebido, mas, em janeiro de 2009, o grafiteiro Eduardo Kobra reproduziu fotos antigas de São Paulo na parte inferior do Viaduto Tutoia, na Avenida 23 de Maio, na Zona Sul. Ele fundiu “dez imagens [do Departamento de Patrimônio Histórico] no computador para construir um retrato do centro naquela época [década de 1920]”. A foto da reportagem mostrava o trabalho do artista, que ficaria pronto para o aniversário da cidade, dali a 15 dias, e os veículos em movimento na Avenida<sup>1018</sup>. Difícil imaginar muitos se atendo, até por ser praticamente impossível parar para admirar ou mesmo reduzir a velocidade para espiar, o que revelava, assim, um retrato paradoxal da cidade, da obra de arte que se produzia sobre ela mesma, improvável de se admirar pelos que por ali moram ou passam, de tão apressados que vivem.

A Avenida Paulista, por sua vez, mereceu pelo menos duas reportagens de fôlego no período recortado para esta dissertação. Na primeira, em dezembro de 2006, em razão de seus 115 anos<sup>1019</sup>, contaram-se histórias de personagens que arrancavam dali “seu ganha-pão”. De Eunice Sophia, que sonhava em ser artista e acabou, depois da carreira de professora, como museóloga e funcionária do MASP; de Lézio Sales, responsável pelas antenas do prédio da Gazeta, que via beleza no trânsito (“no chão pode ser feio, daqui, é lindo”) e até ninho de bem-te-vi tinha encontrado; de Plínio Tadeu Ranieri, o mais antigo jornalista da avenida, que contava de quando a Augusta ainda era a “brasa (mora), para usar termo da época”; de Mician Manoel da Silva, com 15 anos atrás do projetor dos cinema da Reserva Cultural; de Antônio Carlos Ribeiro, numa Paulista “mais embaixo”, a das linhas de metrô, pois há 16 anos na manutenção sempre a partir de uma da manhã, quando a corrente elétrica é desligada<sup>1020</sup>.

Na segunda reportagem, em janeiro de 2009, comemoravam-se os 455 anos de São Paulo e o centenário do asfalto na Avenida Paulista<sup>1021</sup> com a foto principal da edição do dia 25, uma imagem poética da faixa de pedestres em contraste com os faróis e umas poucas pessoas de pé, em preto e branco. Segundo a reportagem, a primeira via pavimentada da cidade substituiu os pedregulhos brancos que recobriam o leito por betume importado da Alemanha. Construída por Joaquim Eugênio de Lima, “tinha sido projetada para ser o último grito da modernidade - era larga, plana e arborizada (a primeira da cidade)” - “começou ali a

---

<sup>1018</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Grafiteiro reproduz fotos antigas de SP em mural na 23 de Maio”. São Paulo, 10/01/2009, p. C4.

<sup>1019</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Personagens recontam os 115 anos da av. Paulista”. São Paulo, 03/12/2006, p. A1.

<sup>1020</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “uma velha senhora”. São Paulo, 03/12/2006, p. - revista - 8-15.

<sup>1021</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “São Paulo, 455 - Asfalto na Paulista, 1º da cidade, faz 100 anos”. São Paulo, 25/01/2009, p. A1.

impermeabilização do solo paulistano”. Como resumia o subtítulo, “antigo reduto de imigrantes enriquecidos e, depois, de instituições financeiras, hoje atraía grandes escritórios de advocacia e *call centers*”, além de ver uma “invasão por essa população não-poluente” [pedestres, ciclistas, patinadores, deficientes físicos e skatistas], o que seria consequência “da reforma que civilizou o calçamento”<sup>1022</sup>. Três fotos acompanhavam esse texto, apresentando cenas singulares relacionadas à Paulista, de “uma pista para caminhada no terraço do Conjunto Nacional”, “uma sala de ordem maçônica” e de um homem olhando “através de uma luneta a partir do prédio do Sesc”<sup>1023</sup>. Nas páginas C14 e C15, formando uma só, a “Av. Paulista, 1,2 km de pedestres em 2,8 km” era detalhada em um infográfico gigante, no que a própria *Folha* chamou de “retrato minucioso da avenida símbolo da cidade”, informando “o que há em cada um dos seus prédios”. Dividindo essa página dupla em três faixas horizontais temos, no meio, o desenho da Paulista que “obedece [à] proporção real”, com seus cruzamentos e prédios mais famosos em destaque (Conjunto Nacional, Vila Fortunata, Residência Baronesa de Arary, Fiesp, Saint Honoré, Citibank, Residência Numa de Oliveira, Santa Catarina, Casa das Rosas, Paróquia São Luís Gonzaga, MASP, Mansão Matarazzo, Corso de carros); acima, número por número da avenida, numa lista, tudo o que há do “lado par” e, abaixo, tudo o que há do “lado ímpar”<sup>1024</sup>. No total, o assunto teve - ainda que dividindo espaço com propagandas - cinco páginas do “Cotidiano”.

O MASP, citado nessas duas reportagens, é, com certeza, o museu mais famoso da cidade, ainda que hoje, com a popularidade de outros, provavelmente não seja mais líder de público ou preferência. A *Folha*, não à toa, cobrou na comemoração dos 60 anos do MASP, a despeito da renovação na exposição do acervo, soluções para sair da crise<sup>1025</sup>. Inconformou-se com buracos no telhado e corte de luz, comprovados por foto aérea estampada na capa<sup>1026</sup>, e com a queda de jovem de uma mureta<sup>1027</sup>. E, indignou-se, como contamos neste capítulo, com o furto de obras de arte.

---

<sup>1022</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “São Paulo completa 100 anos de asfalto”. São Paulo, 25/01/2009, p. C9 - especial Cotidiano 2.

<sup>1023</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Paulistanas”. São Paulo, 25/01/2009, p. C10 - especial Cotidiano 2.

<sup>1024</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Av. Paulista, 1,2 mi de pedestres em 2,8 km”. São Paulo, 25/01/2009, p. C14-C15 - especial Cotidiano 2.

<sup>1025</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Aos 60, MASP renova exposição do acervo e busca saída para crise financeira”. São Paulo, 01/10/2007, p. A1.

<sup>1026</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Depois de luz cortada, MASP agora tem buracos no telhado”. São Paulo, 19/06/2007, p. A1.

<sup>1027</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Após morte de jovem, mureta de vão do MASP será periciada”. São Paulo, 20/09/2007, p. A1.



O Ibirapuera, próximo da avenida e do museu, completava, de certa maneira, a tríade de principais símbolos, principais lugares de São Paulo, pela frequência e forma como o jornal tratava cada um. O Ibirapuera é, de longe, o parque mais conhecido e frequentado da capital paulista. Virava notícia pelos eventos pontuais, como “imagens raras e sons” que festejaram os 50 anos da bossa nova em julho de 2008<sup>1028</sup>, por exposições no Museu de Arte Moderna (MAM), que comemoraram seus 60 anos, na mesma época, com Duchamp<sup>1029</sup>, e na Oca<sup>1030</sup>. A possibilidade de expansão, aproveitando área reservada do Exército<sup>1031</sup> ou da Assembleia Legislativa de São Paulo<sup>1032</sup>, também parecia empolgar a publicação. Por outro lado, a quantidade de notícias a respeito da zona azul<sup>1033</sup> nas áreas de estacionamento, principalmente em 2007, indica o incômodo com a medida. Sobre o parque em si, dos registros daqueles que se reúnem para observar pássaros<sup>1034</sup> aos praticantes de ioga<sup>1035</sup>, chamaram a atenção dois bastante polêmicos. Criou-se, em fevereiro de 2008, uma “cartilha” de “regras para quem corre”<sup>1036</sup>, tentando “disciplinar o uso do espaço por esportistas e outros usuários, evitar colisão e comércio irregular”, diante da “dificuldade de convivência entre esportistas e quem quer

---

<sup>1028</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Imagens raras e sons festejam 50 anos da bossa nova no Ibirapuera”. São Paulo, 07/07/2008, p. A1.

<sup>1029</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “MAM faz 60 anos”. São Paulo, 13/07/2008, p. A1.

<sup>1030</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Aos 60 anos, MAM expõe na Oca 500 obras de seu acervo”. São Paulo, 15/10/2008, p. A1.

<sup>1031</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Área do Exército perto do parque Ibirapuera é subaproveitada”. São Paulo, 19/08/2007, p. A1.

<sup>1032</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Ibirapuera pode ser expandido para terreno da Assembléia”. São Paulo, 13/11/2007, p. A1.

<sup>1033</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “cotidiano - Prefeitura cobrará zona azul no parque Ibirapuera”. São Paulo, 31/01/2007, p. A1.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Zona azul no Ibirapuera tem início no dia 26”. São Paulo, 02/02/2007, p. A1.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Zona Azul no Ibirapuera começa na 2ª”. São Paulo, 23/02/2007, p. C8.

FOLHA DE SÃO PAULO. “cotidiano - Cobrança de zona azul no Ibirapuera vai começar hoje”. São Paulo, 26/02/2007, p. A1.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Cobrança de zona azul no Ibirapuera deixa frequentadores confusos”. São Paulo, 27/02/2007, p. A1.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Prefeitura de SP quer implantar zona azul no entorno do parque Ibirapuera”. São Paulo, 12/05/2007, p. A1.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Ruas no entorno do Ibirapuera terão zona azul”. São Paulo, 24/08/2007, p. C7.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Zona azul no Ibirapuera”. São Paulo, 03/09/2007, p. C4.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Parque Ibirapuera terá 1.232 placas de sinalização”. São Paulo, 28/01/2008, p. C7.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Zona azul no parque Ibirapuera é prorrogada por mais seis meses”. São Paulo, 27/02/2008, p. C8.

<sup>1034</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Grupo se reúne no parque Ibirapuera para observar pássaros e seus ninhos”. São Paulo, 15/12/2008, p. C7.

<sup>1035</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Ioga no Ibirapuera”. São Paulo, 16/03/2009, p. C4.

<sup>1036</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Ibirapuera divulga novas regras para quem corre no parque”. São Paulo, 26/02/2008, p. A1.

apenas passear no local”<sup>1037</sup>. Em maio do mesmo ano, um dos candidatos a vaga no conselho gestor do Ibirapuera pretendia “criar áreas de exclusão em que relações sexuais seriam permitidas a céu aberto, nos arbustos ou sob a copa das árvores”. O que, a própria reportagem lembrou, já ocorria no portão 7, perto do estacionamento do MAM<sup>1038</sup>. A árvore de Natal do parque, por fim, era uma atração à parte. Criou-se o costume de, a cada ano, informar sua inauguração, cada vez com uma peculiaridade, como em 2006, quando se contaram “500 mil luzinhas”<sup>1039</sup>, em 2007, com neve<sup>1040</sup>, ou, em 2008, batendo o próprio recorde de altura (70 m)<sup>1041</sup>, o que parecia, pela leitura do jornal, sempre um “espetáculo”<sup>1042</sup>, merecendo a capa<sup>1043</sup>.

Dentre as diversas instalações localizadas no Parque do Ibirapuera, ao lado do MAM e da Oca, a que mais merecia os holofotes era a da Fundação Bienal de São Paulo, responsável pela Bienal Internacional de Arte de São Paulo, que, na opinião do colunista Marcos Augusto Gonçalves, em novembro de 2007, expunha a “face jeca da elite paulistana”, pela possibilidade de cancelamento da edição do ano que entraria<sup>1044</sup>. A Bienal de 2008, na verdade, viria a ser realizada. Conhecida como a “Bienal do Vazio”, como mencionado acima, por contar com um andar do prédio literalmente vazio, sem qualquer obra em exposição ou intervenção, aquela edição ainda viria a sofrer com corte de orçamento (40%)<sup>1045</sup> — a “Bienal do bolso vazio”<sup>1046</sup>. A melhor sacada saiu na edição de 22 de outubro daquele ano, quando artistas e curadores deram sugestões de como preencher o vazio<sup>1047</sup>. De “imaginação”, “ar”, “500 sofás” a “nada”<sup>1048</sup>. Seis dias depois, sob o título “Opiniões divididas”, registraram-se elogios à “idéia de deixar um andar vazio”, mas com críticas ao “tom conceitual e ‘aborrecido’ da mostra de

<sup>1037</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Esportista terá de seguir cartilha para se exercitar no Parque Ibirapuera”. São Paulo, 26/02/2008, p. C5.

<sup>1038</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “foco - Candidato ao conselho gestor do Ibirapuera propõe área de sexo livre no parque”. São Paulo, 17/05/2008, p. C8.

<sup>1039</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “500 mil luzinhas”. São Paulo, 04/12/2006, p. A1.

<sup>1040</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Árvore do Ibirapuera é inaugurada hoje à noite com neve”. São Paulo, 02/12/2007, p. C9.

<sup>1041</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Árvore de Natal bate recorde de altura”. São Paulo, 07/12/2008, p. C8. FOLHA DE SÃO PAULO. “Ibirapuera inaugura árvore de 70 m”. São Paulo, 08/12/2008, p. C5.

<sup>1042</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “foco - Espetáculos na fonte do Ibirapuera já começaram; árvore fica pronta dia 7”. São Paulo, 03/12/2008, p. C4.

<sup>1043</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Luzes da cidade”. São Paulo, 05/12/2008, p. A1.

<sup>1044</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Fiasco da Bienal expõe face jeca da elite paulistana”. São Paulo, 15/11/2007, p. A1.

<sup>1045</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Fundação solicita que Bienal de SP corte 40% de seu orçamento”. São Paulo, 26/09/2008, p. A1.

<sup>1046</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Bienal do bolso vazio”. São Paulo, 26/09/2008, p. E1.

<sup>1047</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Artistas e curadores dão sugestões de como preencher o andar vazio da Bienal de SP”. São Paulo, 22/10/2008, p. A1.

<sup>1048</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “[o que colocar no vazio?]”. São Paulo, 22/10/2008, p. E1.

arte”<sup>1049</sup>. Nada que impedisse a *Folha* de apresentar os destaques no “guia da folha”<sup>1050</sup> ou inibisse um grupo - o mesmo Centro Universitário Belas Artes - de pichar o andar, o que lhes rendeu “socos e pontapés” dos seguranças e aplausos de alguns visitantes<sup>1051</sup>.

A *Folha de S. Paulo* reconheceu certa inclinação, não só sua, mas de todos os moradores da cidade e dos paulistanos pelo Ibirapuera e, tentando mudar esse panorama, até sugeriu outras opções em junho de 2007. Lembrou que São Paulo tinha 32 parques municipais, “mas a maior parte, mesmo em boas condições” “era pouco frequentada”, enquanto o Ibirapuera estaria “no limite da capacidade” - entre 70 e 130 mil visitantes diários, contra, por exemplo, 300 do parque Alfredo Volpi, na Zona Sul. As sugestões foram além desse último: o parque Raposo Tavares, no Butantã, na Zona Oeste; o parque da Luz, no Bom Retiro, no Centro; o parque Severo Gomes, na Chácara Santo Antônio, e o parque Guarapiranga, no Campo Limpo, estes dois na Zona Sul<sup>1052</sup>. A publicação registrou as ampliações ou melhorias dos parques da Aclimação<sup>1053</sup>, do parque do Carmo<sup>1054</sup>, do parque do Povo, do parque Villa-Lobos<sup>1055</sup> e as inaugurações de um parque de skate em Perdizes<sup>1056</sup> e de uma praça em Pinheiros<sup>1057</sup>, ambas na Zona Oeste, mas não parecia suficiente. Dois anos depois, no que parecia mais uma tentativa de mostrar que o Ibirapuera não era o único parque da cidade, apontaram-se “os melhores e os piores parques paulistanos”, destacando na capa o Burle Marx<sup>1058</sup>, no Panamby, na Zona Sul. O ranking era,

---

<sup>1049</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Artistas e críticos elogiam andar vazio da Bienal, mas criticam tom conceitual”. São Paulo, 28/10/2008, p. A1.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Opiniões divididas”. São Paulo, 28/10/2008, p. E1.

<sup>1050</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Confira os destaques da Bienal do Vazio e da Paralela”. São Paulo, 24/10/2008, p. A1.

<sup>1051</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Grupo invade prédio da Bienal e picha ‘andar vazio’”. São Paulo, 27/10/2008, p. C4.

<sup>1052</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Além do Ibirapuera”. São Paulo, 03/06/2007, p. A1.

FOLHA DE SÃO PAULO. “SP tem parques que valem a pena, mas pouca gente usa”. São Paulo, 03/06/2007, p. C1.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Opções incluem ‘parque esportivo’ e ‘contemplativo’”. São Paulo, 03/06/2007, p. C14.

FOLHA DE SÃO PAULO. “SP perde para outras capitais em áreas verdes”. São Paulo, 03/06/2007, p. C14.

<sup>1053</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Prefeitura de São Paulo decide ampliar parque da Aclimação”. São Paulo, 29/04/2008, p. A1.

<sup>1054</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Parque do Carmo vai ganhar 800 mil m²”. São Paulo, 11/11/2008, p. C5.

FOLHA DE SÃO PAULO. “foco - Fechado há quase 2 anos, planetário do Carmo só terá obras iniciadas em dezembro”. São Paulo, 03/10/2008, p. C4.

<sup>1055</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “SP desiste de vender área e amplia Villa-Lobos”. São Paulo, 24/09/2008, p. C4.

<sup>1056</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Parque do skate em Perdizes será inaugurado amanhã”. São Paulo, 14/02/2009, p. C5.

<sup>1057</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Pinheiros ganha praça em terreno que ficou 20 anos sem uso público”. São Paulo, 04/11/2008, p. C3.

<sup>1058</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Levantamento aponta os melhores e os piores parques paulistanos”. São Paulo, 23/01/2009, p. A1.

na verdade, do Sindicato de Arquitetura e Engenharia (Sinaenco), que avaliou a estrutura e conservação de 41 parques estaduais e municipais observando oito itens (área verde, *playground*, quadras, equipamentos de ginástica, pista ou trilhas, acessibilidade, sanitários e bebedouros). De forma geral, “30% foram tidos como bons e ótimos; 50% regulares; e 20%, como ruins” e, entre os seis primeiros da lista, três estavam na Zona Oeste, dois na Zona Sul e um na Zona Norte - nenhum na Zona Leste, justamente a mais populosa<sup>1059</sup>.

- DNA Paulistano<sup>1060</sup>

Com nove cadernos intitulados “DNA Paulistano”, um por domingo ao longo de agosto e setembro de 2008, a *Folha de S.Paulo* publicou o que chamou à época de “maior levantamento já feito sobre as regiões da cidade de São Paulo”. Fruto de cinco meses de trabalho do Datafolha, instituto de pesquisas do mesmo grupo do jornal, que comemorava 25 anos de existência na ocasião, constituiu-se em “um estudo inédito sobre a população paulistana e como se vive na metrópole”<sup>1061</sup>. Fora o último caderno, o de 28 de setembro, um apanhado do que pensam os moradores dos 96 distritos, a capital paulista foi dividida, nesta ordem de aparição no jornal, por regiões: Zona Norte (3 de agosto), Zona Sul (10 de agosto), área central (17 de agosto), Extremo Leste (24 de agosto), Zona Oeste (31 de agosto), Extremo Sul (7 de setembro), Zona Noroeste (14 de setembro) e Zona Leste (21 de setembro). Todos os nove cadernos foram destaque de capa em suas respectivas edições, o primeiro, da Zona Norte, foi o único com foto principal, uma imagem bucólica de um casal passeando no Horto Florestal. Seis tiveram de se contentar com chamadas com foto, ainda que os das Zonas Sul, Leste, Extremo Leste, Extremo Sul e Noroeste tenham sido grafites e apenas a Zona Oeste tenha ostentado uma foto de verdade. A área central, num dia de forte concorrência com o noticiário<sup>1062</sup>, ficou com a menor das chamadas e sem imagem.

Todos os cadernos tinham dez páginas, a mesma organização e eram ornados com grafites de um artista da região. Começavam por uma capa exclusiva do caderno, com uma foto cobrindo praticamente toda a página e algumas chamadas destacando os principais assuntos

<sup>1059</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Burle Marx é o melhor parque de SP, diz estudo”. São Paulo, 23/01/2009, p. C4.

<sup>1060</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “DNA paulistano - Último caderno da série compara o que pensam os moradores dos 96 distritos”. São Paulo, 28/09/2008, p. A1.

<sup>1061</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “DNA paulistano - Datafolha traz pesquisa inédita dos distritos de SP - Na zona norte, ar é aprovado por moradores; segundo a Cetesb, ele é poluído”. São Paulo, 03/08/2008, p. A1.

<sup>1062</sup> A capa de 17 de agosto de 2008 da *Folha de S.Paulo* destacava os recordes do nadador americano Michael Phelps, que superou Mark Spitz com o maior número de medalhas conquistadas por um atleta numa Olimpíada, chegando a oito, e o do corredor jamaicano Usain Bolt, quebrando a própria marca na corrida de 100 metros, mantendo a fama de “mais rápido do mundo”. Além disso, homenageava-se o músico Dorival Caymmi, que falecera com 94 anos.

daquela zona. Da segunda à décima página, todas levavam numa faixa curta do alto, a opinião de algum morador da região acompanhada de seu nome completo, idade, bairro e foto. Na segunda, chamada no alto de “em casa” não importando quantos cadernos anteriores já tivessem sido publicados, explicava-se do que se tratava o projeto “DNA Paulistano”. Também nessa página, só que variando de acordo com a zona, localizava-se, num mapa menor, a região daquela edição em questão e, num mapa maior, demarcavam-se os bairros, identificavam-se, “ponto a ponto” as principais referências e informava-se a nota média dada pelos moradores à região, de zero a dez. A terceira página destacava o principal assunto, na opinião dos pesquisadores, geralmente alardeado na capa. A quarta e a quinta, sob um chapéu enorme, primeiro, “o que há de bom” e, em seguida, “o que há de ruim”. A sexta página era preenchida pelo “perfil em números”, traçando um perfil dos moradores daquela zona com dados como idade, escolaridade, renda familiar, classificação econômica, estado conjugal, religião, cor (autoatribuída), futebol [time por que torce] e índice de massa corporal (IMC) - divididos, numa grande tabela, inclusive por distritos. A sétima página, chamada de “daqui não saio”, trazia o “perfil do morador”, daquele que tem o perfil médio da zona e ama a região e que, como brinca o chapéu, dali não pretende se mudar. A oitava página ocupava-se do lazer. A nona, do “começo de tudo”, com lembrança histórica e fotos antigas, acompanhadas sempre de artigo das “origens”, de um convidado com relação umbilical com a região. A décima e última página, aquela do “futuro” e da “cidade dos sonhos”, apresentava ideia ou projeto interessante para a zona.

Esses nove cadernos, por si só, poderiam tornar-se alvo de uma tese sobre São Paulo, os moradores da capital paulista, os paulistanos e sua percepção da realidade, seus gostos e preferências. Como não há espaço para analisar em pormenores cada um deles, detenho-me nos principais pontos e, de forma resumida, elenco e, quando necessário, comento aqueles que também contribuem para a construção do mosaico de retratos da cidade.

Na Zona Norte, destacou-se que a qualidade do ar era aprovada pelos moradores, ainda que, segundo a Cetesb, o ar fosse considerado poluído<sup>1063</sup>. Os habitantes valorizavam a relação entre os vizinhos, sinal de segurança<sup>1064</sup>, o comércio, os serviços<sup>1065</sup> e o canteiro da Avenida

<sup>1063</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Poluído, ar da zona norte é aprovado por moradores”. São Paulo, 03/08/2008, p. 1.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Os olhos vêem uma coisa, mas os pulmões sentem outra”. São Paulo, 03/08/2008, p. 3.

<sup>1064</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Relação entre vizinhos é boa e dá sensação de segurança, dizem moradores”. São Paulo, 03/08/2008, p. 4.

<sup>1065</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Comércio e serviços são eleitos ponto forte”. São Paulo, 03/08/2008, p. 4.

Santana transformado em área de lazer<sup>1066</sup>. Por outro lado, incomodava a falta de luz, os buracos<sup>1067</sup>, as calçadas ruins<sup>1068</sup> e os acidentes causados por quem foge do trânsito por ruas pequenas<sup>1069</sup>. Curioso é que, numa região que tem seis estações, o metrô é o transporte menos usado<sup>1070</sup>. Lembrada pelo “Trem das Onze”, do sambista Adoniran Barbosa, a Zona Norte tem, no Museu do Jaçanã, um trecho dos trilhos que inspiraram a música<sup>1071</sup>. A região da Serra da Cantareira deixou de ter piscinões, previstos na retificação do rio Tietê<sup>1072</sup>, e propunham-se gôndolas do Anhembi ao Tietê<sup>1073</sup>.

A Zona Oeste, aquela com mais destaque na primeira página da *Folha* depois da estreia do caderno com a Zona Norte, teve, até pelo maior espaço, três informações destacadas: de que era o reduto das classes A e B, com universidades de ponta e escolas públicas ruins; de que Itaim, Pinheiros e Jd. Paulista valorizavam comércio e criticavam o trânsito; de que o Morumbi tinha mais homens, e Perdizes, mais viúvos; e de que a Lapa, enfim, era “o bairro palmeirense”. A imagem da chamada era a de dois estudantes risonhos da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU-USP)<sup>1074</sup>, e a da abertura do caderno, das rampas do prédio, no Butantã<sup>1075</sup>. Na região que mais se interessa por política<sup>1076</sup>, destacou-se que Raposo Tavares e Vila Leopoldina tinham melhorado de vida<sup>1077</sup> e Alto de Pinheiros e Jardins eram os “queridinhos”<sup>1078</sup>. Os ricos se queixavam dos carros, e a classe C, da

---

<sup>1066</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Canteiro de avenida em Santana vira área de lazer”. São Paulo, 03/08/2008, p. 4.

<sup>1067</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Falta de luz e buracos nas ruas são considerados o pior da região”. São Paulo, 03/08/2008, p. 5.

<sup>1068</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Calçadas ruins estão no pódio das queixas”. São Paulo, 03/08/2008, p. 5.

<sup>1069</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Fuga do trânsito por ruas pequenas causa acidentes”. São Paulo, 03/08/2008, p. 5.

<sup>1070</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Metrô é transporte menos usado em região que tem seis estações”. São Paulo, 03/08/2008, p. 8.

<sup>1071</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Linha do ‘Trem das Onze’ tem museu no Jaçanã”. São Paulo, 03/08/2008, p. 8.

<sup>1072</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Retificação do Tietê previa construção de piscinões”. São Paulo, 03/08/2008, p. 9.

<sup>1073</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Arquiteta propõe ir de gôndola ao Anhembi pelo Tietê”. São Paulo, 03/08/2008, p. 10.

<sup>1074</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “DNA paulistano - caderno traça perfil a zona oeste”. São Paulo, 31/08/2008, p. A1.

<sup>1075</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Reduto das classes A e B tem universidade de ponta e escolas públicas ruins”. São Paulo, 31/08/2008, p. 1.

<sup>1076</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Região é a que mais se interessa por política”. São Paulo, 31/08/2008, p. 4.

<sup>1077</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Vida melhorou em Raposo Tavares e Vila Leopoldina”. São Paulo, 31/08/2008, p. 4.

<sup>1078</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Alto de Pinheiros e Jardins são ‘queridinhos’”. São Paulo, 31/08/2008, p. 4.

sinalização<sup>1079</sup>. Pinheiros era recordista de barulho<sup>1080</sup>, na Lapa evitava-se andar à noite em áreas escuras<sup>1081</sup> e a Vila Sônia tinha os campeões de frequência em shopping<sup>1082</sup>. O autor convidado contava sobre a “vida na vila”, a Madalena, que tinha uma cara de dia, outra de noite<sup>1083</sup>. A Barra Funda teve a proposta de um “condomínio aberto”<sup>1084</sup>. E uma das promessas para a região era acabar com o mau cheiro do poluído rio Pinheiros<sup>1085</sup>. Mencionam-se ainda o estádio do Pacaembu e o Conjunto Nacional, na Avenida Paulista.

Entre a Zona Norte e a Zona Oeste, a Zona Noroeste, que se apresentou ao leitor na capa da *Folha* por suas estatísticas: “54% não se interessam por política”, “32% dizem que vão trabalhar a pé” e “18% preferem ouvir música sertaneja”<sup>1086</sup>. A capa do caderno dizia que, de forma geral, os moradores se queixavam de infraestrutura. A imagem mostrava praticamente a metade de cima de verde e a metade de baixo de casas simples, com a explicação, no subtítulo, de que “área de invasões, região Noroeste reclama da escassez de escolas, hospitais e transporte, mas 74% dizem que não se mudariam”<sup>1087</sup>. É que, assim como na Zona Norte, cerca de 73% viviam a realidade da casa própria<sup>1088</sup> e elogiavam a “boa relação” entre vizinhos<sup>1089</sup>. Os de São Domingos e Freguesia do Ó eram os moradores mais fiéis<sup>1090</sup>. Anhangüera era, por outro lado, a recordista em desemprego<sup>1091</sup>. Como um todo, o Noroeste tinha as piores notas para hospitais<sup>1092</sup> e o asfaltamento como principal reclamação<sup>1093</sup>. Reduto de escolas de samba<sup>1094</sup>,

---

<sup>1079</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Ricos se queixam dos carros; classe C, de sinalização”. São Paulo, 31/08/2008, p. 5.

<sup>1080</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Pinheiros é recordista em barulho”. São Paulo, 31/08/2008, p. 5.

<sup>1081</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Na Lapa, 62% evitam andar à noite em áreas escuras”. São Paulo, 31/08/2008, p. 5.

<sup>1082</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Vila Sônia é onde mais se vai ao shopping”. São Paulo, 31/08/2008, p. 8.

<sup>1083</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Vida na Vila”. São Paulo, 31/08/2008, p. 9.

<sup>1084</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Barra Funda teria ‘condomínio aberto’”. São Paulo, 31/08/2008, p. 10.

<sup>1085</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Tirar mau cheiro do rio é promessa para a região”. São Paulo, 31/08/2008, p. 10.

<sup>1086</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “DNA paulistano - Conheça os moradores da zona noroeste”. São Paulo, 14/09/2008, p. A1.

<sup>1087</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Morador se queixa da falta de infra-estrutura”. São Paulo, 14/09/2008, p. 1.

<sup>1088</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Casa própria é realidade para 73% dos moradores”. São Paulo, 14/09/2008, p. 4.

<sup>1089</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Região elogia boa relação entre vizinhos”. São Paulo, 14/09/2008, p. 4.

<sup>1090</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “São Domingos e Freguesia do Ó tem alta fidelidade”. São Paulo, 14/09/2008, p. 4.

<sup>1091</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Anhangüera é recordista de SP em desemprego”. São Paulo, 14/09/2008, p. 5.

<sup>1092</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Notas para hospitais estão entre as piores”. São Paulo, 14/09/2008, p. 5.

<sup>1093</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Asfaltamento é principal queixa do noroeste”. São Paulo, 14/09/2008, p. 5.

<sup>1094</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Reduto de escolas, região é inspiração para sambas”. São Paulo, 14/09/2008, p. 8.

do Pico do Jaraguá<sup>1095</sup> e das lajes da Brasilândia<sup>1096</sup>, teve como proposta um parque público para abrigar cultos religiosos<sup>1097</sup> e lembrou-se a possibilidade de Pirituba ganhar um centro de convenções maior do que o do Anhembi<sup>1098</sup>.

Na Zona Sul, diferentemente das demais, a capa da *Folha* procurava, já naquela primeira página, identificar quais bairros estavam dentro de seus domínios: Campo Belo, Cursino, Ipiranga, Jabaquara, Moema, Sacomã, Saúde e Vila Mariana. Ainda que a imagem seja um grafite, como de outras zonas, a escolhida era a de uma família, em preto e branco, com o pai de pé, mão esquerda apoiada no ombro do filho mais velho, e a mãe, agachada ou sentada, com um bebê no colo. Com flechas saindo dessa imagem, listam-se as principais características dos moradores da região: “47% são homens; 53% mulheres”, “60% são católicos”, “31% são corintianos”, “33% têm sobrepeso”, “67% moram em casa”, “38% têm cachorro”, “9% sofreram agressão no bairro no último ano”<sup>1099</sup>. Na capa do caderno, uma vista de quem está na rua, como que olhando para o céu, circundado por prédios, vislumbrando a passagem de um avião, leva título parecido com o da Zona Oeste: “Zona sul elogia comércio, mas reclama do trânsito que causa”<sup>1100</sup>. Como a reportagem explicava, o trânsito ruim era causado justamente pelo comércio tão elogiado<sup>1101</sup>. O trânsito, aliás, ao lado dos aviões, atormentava pelo barulho<sup>1102</sup>. Na Vila Mariana, que nasceu como um matadouro<sup>1103</sup>, concentravam-se opções de lazer e bens culturais<sup>1104</sup>, o que animava os solteiros, maioria na média da região<sup>1105</sup>. Os moradores do Sacomã estavam entre os que acreditavam que a vida melhorou<sup>1106</sup>, o que não valia tanto para o Campo Belo, recordista de casas invadidas<sup>1107</sup>, e o Ipiranga, que sofria com

<sup>1095</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Pico do Jaraguá tem vista a 1.135 metros”. São Paulo, 14/09/2008, p. 8.

<sup>1096</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “As lajes da Brasilândia”. São Paulo, 14/09/2008, p. 9.

<sup>1097</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Parque público abrigaria cultos religiosos”. São Paulo, 14/09/2008, p. 10.

<sup>1098</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Pirituba pode ganhar centro de convenções”. São Paulo, 14/09/2008, p. 10.

<sup>1099</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “especial DNA paulistano - quem são e o que pensam os moradores da zona sul”. São Paulo, 10/08/2008, p. A1.

<sup>1100</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Zona sul elogia comércio, mas reclama do trânsito que causa”. São Paulo, 10/08/2008, p. 1.

<sup>1101</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Principal reclamação, trânsito ruim é fruto de comércio elogiado”. São Paulo, 10/08/2008, p. 3.

<sup>1102</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Barulho de aviões e carros atormenta moradores”. São Paulo, 10/08/2008, p. 5.

<sup>1103</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Vila Mariana nasceu em um matadouro”. São Paulo, 10/08/2008, p. 9.

<sup>1104</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Vila Mariana concentra opções de lazer e bens culturais”. São Paulo, 10/08/2008, p. 4.

<sup>1105</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Solteiros são maioria na média da região”. São Paulo, 10/08/2008, p. 6.

<sup>1106</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Morador do Sacomã diz que vida melhorou”. São Paulo, 10/08/2008, p. 4.

<sup>1107</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Campo Belo é recordista em casas invadidas”. São Paulo, 10/08/2008, p. 5.



enchentes e sujeira<sup>1108</sup>. E se skate e história convivem no Museu Paulista, no Ipiranga<sup>1109</sup>, em outra área de lazer, o Ibirapuera, a proposta era resgatar o parque com a ideia original de Oscar Niemeyer, ligando Oca e Auditório por uma passarela<sup>1110</sup>. A região do entorno do Ibirapuera, aliás, tinha coberturas a R\$ 15 milhões<sup>1111</sup> e projetos de novas linhas sobre trilhos<sup>1112</sup>. Mencionam-se ainda a favela de Heliópolis, visitada por Zidane<sup>1113</sup>, Cinemateca e Praça da Árvore.

No Extremo Sul, “moradores da região mais pobre de São Paulo acham que a vida melhorou”<sup>1114</sup>, como parece ser uma sensação frequente, apesar da “violência e da pobreza”. A capa do caderno mostrava a imagem de uma cidade do interior: casa simples, homem de bicicleta no meio de estrada de terra e mato<sup>1115</sup>. E não era só a estrada de terra que os moradores tinham de enfrentar<sup>1116</sup>, o transporte ao Grajaú incluía até balsa<sup>1117</sup>. O sossego era motivo de elogio para quem vivia em Marsilac e Parelheiros<sup>1118</sup>, ainda que a maior parcela da região ganhasse até dois salários mínimos<sup>1119</sup>. Localidade com mais gatos de estimação<sup>1120</sup>, tinha também favela virando “bairro” e sofrendo com adensamento<sup>1121</sup>. No Capão Redondo, ONGs ajudavam a melhorar a relação com os vizinhos<sup>1122</sup> e um professor ensinava rap para combater a violência<sup>1123</sup>. Região do autódromo de Interlagos, do Largo 13 de Maio, do grupo Racionais

---

<sup>1108</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Ipiranga sofre com enchentes e sujeira”. São Paulo, 10/08/2008, p. 5.

<sup>1109</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Skate e história convivem no parque”. São Paulo, 10/08/2008, p. 8.

<sup>1110</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Arquiteto quer resgatar Ibirapuera de Niemeyer”. São Paulo, 10/08/2008, p. 10.

<sup>1111</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Cobertura vizinha ao parque custa R\$ 15 milhões”. São Paulo, 10/08/2008, p. 10.

<sup>1112</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Projetos prevêem novas linhas sobre trilhos”. São Paulo, 10/08/2008, p. 10.

<sup>1113</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Em visita a Heliópolis, Zidane lembra de sua origem na periferia”. São Paulo, 17/03/2008, p. A1.

<sup>1114</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “DNA paulistano - Extremo sul - Moradores da região mais pobre de São Paulo acham que a vida melhorou”. São Paulo, 07/09/2008, p. A1.

<sup>1115</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Morador diz que vida melhorou, apesar da violência e da pobreza”. São Paulo, 07/09/2008, p. 1.

<sup>1116</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Moradores enfrentam ruas de terra”. São Paulo, 07/09/2008, p. 5.

<sup>1117</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Transporte ao Grajaú inclui até balsa”. São Paulo, 07/09/2008, p. 5.

<sup>1118</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Marsilac e Parelheiros elogiam sossego”. São Paulo, 07/09/2008, p. 4.

<sup>1119</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Maior parcela (37%) ganha até 2 salários”. São Paulo, 07/09/2008, p. 6.

<sup>1120</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Região é a que mais tem gatos de estimação”. São Paulo, 07/09/2008, p. 8.

<sup>1121</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Favela vira ‘bairro’ e sofre adensamento”. São Paulo, 07/09/2008, p. 10.

<sup>1122</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “ONGs melhoram relações entre vizinhos”. São Paulo, 07/09/2008, p. 4.

<sup>1123</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Professor ensina rap para combater violência no Capão Redondo”. São Paulo, 07/09/2008, p. 8.

MC's e do escritor Ferréz, construía-se uma avenida contornando Paraisópolis<sup>1124</sup> e propunha-se um parque aquático na Guarapiranga<sup>1125</sup>.

Na Zona Leste, os moradores até reclamavam de insegurança, mas não queriam se mudar<sup>1126</sup>. É que, na região, 8%, acima da média de 5,6% de toda a cidade, colocavam a violência como o maior problema<sup>1127</sup>. Política e cultura não interessavam<sup>1128</sup>, e 41% iam trabalhar de metrô<sup>1129</sup>. E se Belém, Mooca e Tatuapé registravam altos índices de Ensino Superior, com estes dois, inclusive, se achando muito melhores do que outros distritos<sup>1130</sup>, a Vila Formosa era quem tinha mais boêmios<sup>1131</sup>. “Aquela zona”, a “mais antiga desta povoação” era famosa pela tradicional festa de São Genaro, padroeiro da Mooca<sup>1132</sup>. O bairro, aliás, tinha a proposta de “raia em trecho da linha férrea”<sup>1133</sup>,

No Extremo Leste, a chamada da capa dizia que “falta lazer”<sup>1134</sup>. O caderno explicava que, na verdade, faltava muito mais, pois os “moradores reclamam da falta do que fazer”, sem “áreas de lazer e equipamentos esportivos e culturais”. A imagem é a mais linda de toda a série, de um menino empinando pipa que, pela cor de quando a foto foi tirada, deixou o horizonte amarelo e fez do menino praticamente uma sombra<sup>1135</sup>. Quem vivia por lá dependia da criatividade para se divertir<sup>1136</sup>, o que fazia do parque do Carmo um “oásis”<sup>1137</sup>. Os moradores de Ermelino são daqueles que não querem se mudar<sup>1138</sup>, enquanto em Lajeado 41% adorariam respirar novos ares<sup>1139</sup>. Numa região em que as calçadas eram tão ruins a ponto de colocar os

<sup>1124</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Em obras, avenida contorna Paraisópolis”. São Paulo, 07/09/2008, p. 10.

<sup>1125</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Represa Guarapiranga teria parque aquático”. São Paulo, 07/09/2008, p. 10.

<sup>1126</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “DNA paulistano - Zona leste - Morador reclama de insegurança, mas não quer se mudar”. São Paulo, 21/09/2008, p. A1.

<sup>1127</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Nem violência espanta morador da zona leste”. São Paulo, 21/09/2008, p. 3.

<sup>1128</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Região não se interessa por política nem por cultura”. São Paulo, 21/09/2008, p. 5.

<sup>1129</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Em Arthur Alvim, 41% vão trabalhar de metrô”. São Paulo, 21/09/2008, p. 4.

<sup>1130</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Belém, Mooca e Tatuapé registram altos índices de ensino superior”. São Paulo, 21/09/2008, p. 4.

<sup>1131</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Vila Formosa é o que mais freqüenta bares”. São Paulo, 21/09/2008, p. 8.

<sup>1132</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Aquela zona”. São Paulo, 21/09/2008, p. 9.

<sup>1133</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Mooca teria raia em trecho da linha férrea”. São Paulo, 21/09/2008, p. 10.

<sup>1134</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “DNA paulistano - Falta lazer na região do extremo leste”. São Paulo, 24/08/2008, p. A1.

<sup>1135</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “DNA paulistano - Falta lazer na região do extremo leste”. São Paulo, 24/08/2008, p. A1.

<sup>1136</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Morador depende de criatividade para se divertir”. São Paulo, 24/08/2008, p. 3.

<sup>1137</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Parque do Carmo é oásis de lazer na região”. São Paulo, 24/08/2008, p. 4.

<sup>1138</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Quem vive em Ermelino não quer sair de lá”. São Paulo, 24/08/2008, p. 4.

<sup>1139</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Em Lajeado, 41% querem mudar de distrito”. São Paulo, 24/08/2008, p. 5.

pedestres em risco<sup>1140</sup>, algumas pessoas ainda chegavam a gastar quatro horas para ir ao Itaim Paulista e voltar<sup>1141</sup>, com o Expresso Tiradentes, originalmente chamado de Fura-Fila, por vezes, substituindo o metrô<sup>1142</sup>. Assim como o parque do Carmos, a USP Leste era um oásis, só que do Ensino Superior, pois, no seu distrito, só 6% tinham um diploma<sup>1143</sup>. Lembrou-se que o Extremo Leste era reduto de evangélicos<sup>1144</sup> e, mais precisamente em Iguatemi, onde mais se ouvia sertanejo<sup>1145</sup>. Mencionou-se também São Miguel Paulista e a igreja matriz do bairro. A proposta arquitetônica era, curiosamente, a de um estádio de futebol municipal, destinado ao Corinthians. De autoria do são-paulino Daniel Chang Yuan e fruto de seu trabalho de conclusão de graduação na Escola da Cidade, previa a construção no mesmo local em que hoje se encontra a Arena Corinthians. Não que fosse ideia do recém-formado utilizar a área. A própria reportagem lembrou que o local de treinos de categoria de base fora cogitado por Ícaro de Castro Mello na década de 1970. O estádio de Daniel teria 40 mil lugares, custaria R\$ 300 milhões e levaria cerca de três anos para ser concluído. Mais inclusivo do que o atual, seria na parte de baixo do terreno, economizando em custos e diminuindo a poluição sonora, e teria, na parte alta, um parque em volta, para quem não pudesse pagar assistir dali mesmo. Levaria o nome de “Pedra Dura”, traduzindo para o português o significado de “Itaquera” na língua dos índios guaianases<sup>1146</sup>.

Fora da série “DNA Paulistano”, mas também importante de registrar, aproveitando este trecho da dissertação, foi o caderno de “Turismo” de 24 de janeiro de 2008 que, por ocasião do aniversário de São Paulo, que seria no dia seguinte, dedicou suas páginas à Zona Leste, chamada na capa daquela edição de “protagonista na história da cidade”<sup>1147</sup>. O “Turismo” costuma sugerir aos leitores destinos interessantes, peculiares, econômicos, tradicionais, luxuosos e da moda. Todos, geralmente, fora da capital paulista, nem que seja uma cidade do interior. As duas edições anteriores do caderno apontaram Fernando de Noronha e Eslovênia, por exemplo. Depois da data em questão, Costa Rica e Países Bálticos. Apresentar uma zona da cidade,

---

<sup>1140</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Calçadas ruins põe pedestre em risco”. São Paulo, 24/08/2008, p. 5.

<sup>1141</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Almoxarife do Itaim Paulista gasta 4h para ir e voltar”. São Paulo, 24/08/2008, p. 8.

<sup>1142</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Expresso Tiradentes substitui metrô”. São Paulo, 24/08/2008, p. 10.

<sup>1143</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Distrito da USP Leste tem só 6% com ensino superior”. São Paulo, 24/08/2008, p. 5.

<sup>1144</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Extremo leste é reduto de evangélicos”. São Paulo, 24/08/2008, p. 6.

<sup>1145</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Iguatemi é onde mais se ouve sertanejo”. São Paulo, 24/08/2008, p. 8.

<sup>1146</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Itaquera teria estádio para Copa de 2014”. São Paulo, 24/08/2008, p. 10.

<sup>1147</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Zona leste de São Paulo é protagonista na história da cidade”. São Paulo, 24/01/2008, p. A1.

portanto, tem um significado especial e, inicialmente, pareceu se justificar pela comemoração do aniversário de São Paulo, como já dito. No entanto, aos poucos fica a sensação de que, assim como outros destinos, a Zona Leste era apresentada como mais um lugar (possivelmente) jamais visitado pelo leitor. A capa do “Turismo” estampava: “Visitamos a zona leste”. Embaixo, no subtítulo, o convite: “Comemore o aniversário da cidade num passeio histórico, afetivo e gastronômico por Penha, Brás, Tatuapé e Mooca”<sup>1148</sup>. A segunda página amenizava essa impressão falando em redescobrir a Zona Leste, recordando que foi “pouso de bandeirantes, recebeu imigrantes, abrigou operários, alimentou fábricas, abriu os braços aos migrantes e cedeu suas ruas ao comércio”. E “se São Paulo costumava ser associada a uma locomotiva, a zona leste é certamente a caldeira”. Em trecho que resumiu, de certa forma, o perímetro recomendado pelas reportagens sobre onde se deveria passear e o que observar, mencionavam-se o Brás, o Itaim Paulista, a Mooca e a Penha, com a recomendação de não se ir além deste último, porque, “como em qualquer região de São Paulo, o extremo, onde os moradores sentem a ausência de equipamentos de lazer e cultura, não é um bom passeio”<sup>1149</sup>. As dicas vão de compras de produtos árabes no Brás<sup>1150</sup>, visitas ao Memorial do Imigrante<sup>1151</sup>, a experimentar os churros da Mooca<sup>1152</sup> e conhecer a praça que reúne bolivianos aos fins de semana<sup>1153</sup>. Contou-se como Ernesto Paulelli virou aquele do “Samba do Arnesto”, de Adoniran Barbosa<sup>1154</sup>; comentou-se a gastronomia<sup>1155</sup>; e dedicaram-se textos a Bresser<sup>1156</sup>, Penha<sup>1157</sup>, Tatuapé<sup>1158</sup> e Carrão<sup>1159</sup>.

---

<sup>1148</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Visitamos a zona leste”. São Paulo, 24/01/2008, p. F1.

<sup>1149</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “No aniversário da cidade, redescubra a zona leste”. São Paulo, 24/01/2008, p. F2.

<sup>1150</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Sabor árabe toma conta de pequena rua do Brás”. São Paulo, 24/01/2008, p. F4.

<sup>1151</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “foco - Memorial preserva as histórias dos imigrantes”. São Paulo, 24/01/2008, p. F4.

<sup>1152</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Nos fins de semana, churros leva à Mooca”. São Paulo, 24/01/2008, p. F4.

<sup>1153</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Praça reúne bolivianos e faz festa neste final de semana”. São Paulo, 24/01/2008, p. F4.

<sup>1154</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Ernesto conta como o nome virou samba”. São Paulo, 24/01/2008, p. F5.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Música feita em duas gerações fala dos “bons tempos” no Brás”. São Paulo, 24/01/2008, p. F5.

<sup>1155</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “De portuguesa a armênia, a gastronomia bomba na ZL”. São Paulo, 24/01/2008, p. F6.

<sup>1156</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Aos 92, Diva Bresser refaz a história de sua família”. São Paulo, 24/01/2008, p. F7.

<sup>1157</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Penhenses e passado pontuam ida à Penha”. São Paulo, 24/01/2008, p. F8.

<sup>1158</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Verticalizado, bairro do Tatuapé guarda pequenos tesouros”. São Paulo, 24/01/2008, p. F9.

<sup>1159</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Música de morador vira hino do Carrão”. São Paulo, 24/01/2008, p. F9.

Aquele primeiro semestre de 2008 — antes, portanto, da série “DNA paulistano” — ainda teve outros dois destaques da Zona Leste na capa da *Folha*. De uma forma curiosa, era como se houvesse uma tentativa de incluir (ou até aceitar) aquela região da cidade naquela outra entendida pela publicação e seus leitores como a cidade de São Paulo que realmente interessava. Primeiro, soube-se que o Tatuapé ganharia o sexto maior parque da cidade, em razão de irregularidades da Fundação Centro Educativo, Recreativo e Esportivo do Trabalhador (Ceret), que perdeu os direitos sobre o local, repassado à Prefeitura e, antes restrito a sindicalistas e associados, até hoje aberto a todos<sup>1160</sup>. Em seguida, que também sabia ser fina, com o título “zona leste chique”. A imagem tinha Beatriz Morillo, de 59 anos, “em seu novo apartamento, de 370 m<sup>2</sup>, no Alto Tatuapé [‘o Alto de Pinheiros da zona leste’]” que, pelo que indicava a legenda, seria um exemplo concreto de que “a região vem atraindo classe emergente em busca de condomínios de luxo”<sup>1161</sup>. A capa da “revista” ainda brincava dizendo ter feito um “mergulho nos ‘jardins’ da zelê”, pois, tratava-se, na verdade, da porção rica, das classes A e B da região<sup>1162</sup>. E mais tarde, já em 2009, depois do “DNA Paulistano”, o “guia da folha” sugeriu o Tatuapé, que virava “opção de circuito gourmet em SP”<sup>1163</sup>.

Na área central, no Centro, enfim, retomando a série dos cadernos do “DNA Paulistano”, com essa região relegada à menor das chamadas de capa da *Folha*, sem foto, destacou-se inicialmente que “38% têm medo de andar à noite”<sup>1164</sup>. A primeira página do caderno explicava que os moradores até iam a pé ao trabalho, mas não se arriscavam após o cair do sol e evitavam certos locais<sup>1165</sup>. O lixo nas ruas era a principal reclamação<sup>1166</sup>, mas para o Cambuci, as enchentes<sup>1167</sup>. Local dos cinéfilos da Rua da Consolação<sup>1168</sup>, do Mercado

<sup>1160</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Zona leste de SP vai abrigar novo parque municipal”. São Paulo, 20/05/2008, p. A1.

<sup>1161</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Zona leste chique”. São Paulo, 01/06/2008, p. A1.

<sup>1162</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “gente fina da zona leste”. São Paulo, 01/06/2008, p. 12-18.

<sup>1163</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Com 30 novas casas, Tatuapé é opção de circuito gourmet em SP”. São Paulo, 08/05/2009, p. A1.

<sup>1164</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “DNA paulistano - Caderno revela perfil, gostos e desgostos dos moradores da área central”. São Paulo, 17/08/2008, p. A1.

<sup>1165</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Morador do centro vai a pé ao trabalho, mas não se arrisca à noite”. São Paulo, 17/08/2008, p. 1.

<sup>1166</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Lixo pelas ruas é a principal reclamação da região”. São Paulo, 17/08/2008, p. 5.

<sup>1167</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Enchente é a maior queixa do Cambuci”. São Paulo, 17/08/2008, p. 5.

<sup>1168</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Consolação é reduto dos cinéfilos da cidade”. São Paulo, 17/08/2008, p. 4.

Municipal e das confecções<sup>1169</sup>, dos saudosos do antigo Copan<sup>1170</sup>, era também da recordista em mulheres Santa Cecília<sup>1171</sup>, dos habitantes da Sé que gostariam de se mudar<sup>1172</sup>, do Anhangabaú, da Liberdade<sup>1173</sup> e da Pinacoteca<sup>1174</sup>. Com muitos projetos de revitalização e pouco resultado<sup>1175</sup>, outro seria o de transformar o Minhocão em parque suspenso<sup>1176</sup>. O autor convidado, o músico Tom Zé, lembrou o “centro mitológico”<sup>1177</sup>, junto com uma reportagem sobre como a metrópole nasceu entre rios, num casebre sobre a colina<sup>1178</sup>.

Assim como a Zona Leste, o Centro, representado pelo Bom Retiro, também acabou recomendado pelo “Turismo” na capa do jornal<sup>1179</sup>. Como era dezembro de 2008, a capa do caderno explicava que “tomado por 100 mil pessoas a cada dia em busca de presentes de Natal, bairro paulistano popular pelas pechinchas deve ser visitado com calma; explore os patrimônios arquitetônico, gastronômico e cultural dessa região que sempre acolheu imigrantes”<sup>1180</sup>. As compras, como brincava um dos textos, em mercearias coreanas<sup>1181</sup>, por exemplo, eram só o começo<sup>1182</sup>, pois as sugestões de comidas iam de bureka na Casa Búlgara<sup>1183</sup>, beigale na Casa Menorah<sup>1184</sup>, falafel na Malka<sup>1185</sup> a pudim na Shoshi Delishop<sup>1186</sup>, bulgogi no Seok Joung<sup>1187</sup>,

---

<sup>1169</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Área abriga Mercado e confecções”. São Paulo, 17/08/2008, p. 4.

<sup>1170</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Secretária do Copan tem saudade do centro antigo”. São Paulo, 17/08/2008, p. 7.

<sup>1171</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Santa Cecília é recordista em mulheres”. São Paulo, 17/08/2008, p. 6.

<sup>1172</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Sé tem mais gente que quer se mudar”. São Paulo, 17/08/2008, p. 7.

<sup>1173</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Traços de Titi Freak vêm da Liberdade”. São Paulo, 17/08/2008, p. 8.

<sup>1174</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Pinacoteca e galerias são atrações”. São Paulo, 17/08/2008, p. 8.

<sup>1175</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Projetos de revitalização têm pouco resultado”. São Paulo, 17/08/2008, p. 10.

<sup>1176</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Minhocão viraria parque suspenso”. São Paulo, 17/08/2008, p. 10.

<sup>1177</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “São Paulo, um centro mitológico”. São Paulo, 17/08/2008, p. 9.

<sup>1178</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Metrópole nasceu entre rios, em um casebre sobre a colina”. São Paulo, 17/08/2008, p. 9.

<sup>1179</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Roteiro explora arquitetura, comida e cultura do Bom Retiro”. São Paulo, 18/12/2008, p. A1.

<sup>1180</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Bom Retiro”. São Paulo, 18/12/2008, p. F1.

<sup>1181</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Mercearias coreanas têm bons presentes, como chá e panela”. São Paulo, 18/12/2008, p. F4.

<sup>1182</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Compras são só o começo do Bom Retiro”. São Paulo, 18/12/2008, p. F2.

<sup>1183</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Casa guarda preparo centenário e segredo de salgado búlgaro”. São Paulo, 18/12/2008, p. F7.

<sup>1184</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Casa Menorah preserva clientela com gentilezas e fornadas de beigale”. São Paulo, 18/12/2008, p. F7.

<sup>1185</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Em mezanino de galeria, Malka vende falafel que fia na memória”. São Paulo, 18/12/2008, p. F5.

<sup>1186</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Pratos do Shoshi saem dos livros de receitas da vovó”. São Paulo, 18/12/2008, p. F6.

<sup>1187</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Seok Joung atrai brasileiros e coreanos fãs de pratos picantes”. São Paulo, 18/12/2008, p. F9.

moussaka no Acrópolis e até chope no Bom Ra<sup>1188</sup>. Reportagens ainda lembravam que numa esquina do bairro nasceu o Corinthians<sup>1189</sup>; que a região serviu de set e inspiração para o filme *O Ano em que Meus Pais Saíram de Férias*<sup>1190</sup>; que era o quartel-genera! do beisebol da cidade, mais precisamente no estádio municipal Mie Nichi<sup>1191</sup>, aquele mesmo do *rascunho de respostas*; e que abrigava prédios históricos<sup>1192</sup>. Cinco meses depois, em maio de 2009, também repetindo o que sucedeu com a Zona Leste, outra reportagem sobre o Bom Retiro, agora para falar que contava com 215 expressões culturais candidatas a virar patrimônio nacional [“tudo o que não é palpável e que tem importância histórica, como festas, técnicas e receitas culinárias”]<sup>1193</sup>. Uma lista indicava “os bons do Bom Retiro” e um grego do bairro dizia que “quem chega não sai mais”<sup>1194</sup>.

A última edição do “DNA Paulistano”, de 28 de setembro de 2008, comparava “o que pensam moradores dos 96 distritos”<sup>1195</sup>. A conclusão principal, estampada na capa do caderno e esmiuçada na primeira e mais importante reportagem do caderno, era a de que “trânsito e poluição sonora incomodam os distritos mais ricos de São Paulo. Buracos nas ruas e falta de iluminação pública são os principais problemas nos locais mais pobres”<sup>1196</sup>. O paulistano médio, por sua vez, “sofre e sonha com vida melhor”. Como seria o caso de Maria de Lourdes Clemente Novaes, de 42 anos, manicure e moradora de Guaianases, na Zona Leste, “que enfrenta o dia a dia da periferia (onde vive a maioria de São Paulo), com trânsito e violência demais; lazer, saúde, cultura de menos”, ou, como se descreve mais adiante, “que vive na periferia torcendo a cada dia para que tudo dê certo; mas que, enquanto não dá, aproveita os pequenos luxos da vida [os dela são os celulares - dois, um deles novo]”<sup>1197</sup>. Em dados, o “perfil do paulistano”, com “as características mais comuns de quem vive em São Paulo”, segundo o Datafolha, seria: mulher (52%), de 35 a 40 anos (37,8 anos em média), que cursou até o ensino

<sup>1188</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Bar Bom Ra sintetiza miscelânea do bairro”. São Paulo, 18/12/2008, p. F8.

<sup>1189</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Corinthians nasceu em uma esquina do bairro”. São Paulo, 18/12/2008, p. F2.

<sup>1190</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Personagem de filme evoca infância de roteirista no bairro”. São Paulo, 18/12/2008, p. F5.

<sup>1191</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Estádio é quartel-general do beisebol em SP”. São Paulo, 18/12/2008, p. F10.

<sup>1192</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Edifícios históricos se intercalam a vitrines”. São Paulo, 18/12/2008, p. F11.

<sup>1193</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Multicultural, Bom Retiro tem 215 opções de patrimônio”. São Paulo, 16/05/2009, p. C4.

<sup>1194</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Quem chega não sai mais, diz grego”. São Paulo, 16/05/2009, p. C4.

<sup>1195</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “DNA Paulistano”. São Paulo, 28/09/2008, p. A1.

<sup>1196</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Ricos reclamam de trânsito e barulho; pobres, de buracos e iluminação”. São Paulo, 28/09/2008, p. 1.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Trânsito e barulho incomodam mais os ricos; buracos e iluminação, os pobres”. São Paulo, 28/09/2008, p. 2.

<sup>1197</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Paulistano sofre e sonha com vida melhor”. São Paulo, 28/09/2008, p. 3.

médio (44%), ganhava até R\$ 2.075 (5 salários mínimos) (69%), pertencente à classe C (53%), casado (46%), católico (56%), branco (46%), torcedor do Corinthians (33%), que ia trabalhar de ônibus (36%), acessava a Internet (51%), ouvia sertanejo (15,5%), morava em casa própria (67%) e assistia à TV aberta (95%). Como opinou Maria Arminda do Nascimento Arruda, professora de sociologia da USP no alto da mesma página, “o morador de São Paulo é um lutador. Primeiro, porque é geralmente migrante, quando não imigrante; segundo, porque vive na periferia. Apesar de a cidade ter muitos encantos, eles raramente lhe são acessíveis. Ele enfrenta a cidade, seu trânsito, a busca por emprego e ainda tem que se enraizar em uma cidade que não é sua”. Na seção “São Paulo na lupa”, que ocupa boa parte de duas páginas, apresentou-se aquilo “no que seu distrito se destaca”, elencando “em quais aspectos o distrito onde você mora sobressai em relação aos outros da cidade e qual a posição de cada um deles no ranking total de satisfação dos moradores”, de “a” a “z”. Entre todos os bairros, “Alto de Pinheiros e Jardim Paulista são os melhores para se viver”. A reportagem explicava o abismo: “cerca de 20 km separam uma região da outra. Mas é como se fossem dois países diferentes. Nos vizinhos Alto de Pinheiros e Jardim Paulista (zona oeste), os moradores são os mais satisfeitos com o próprio bairro, com média 7. Na Brasilândia (noroeste), impera a maior insatisfação: média 4,1”. Os contrastes são descritos ao longo do texto, em que, por exemplo, de um lado reclama-se da falta de ônibus; do outro, dos veículos barulhentos passando pelas ruas do bairro; de um lado, teme-se até a polícia e só resta contar com o vizinho para alguma segurança; do outro, o problema é não conhecer os moradores ao lado, que sequer ajudam a “vigiar” as casas alheias diante de qualquer suspeita<sup>1198</sup>. O convidado da vez, o escritor Luiz Ruffato, pede em seu artigo, diante do dado de pouco engajamento social da maioria (64% não participam de qualquer movimento), para todos “tietarem” a pauliceia:

Decorre daí uma estranha percepção, a de que estamos precariamente acampados em São Paulo: provisórios são os edifícios, provisória a paisagem, provisórias as amizades, provisória a vida... E, acossados por uma terrível catástrofe que não conseguimos identificar, abandonamos a cidade a cada feriado prolongado, a cada período de férias, carros e ônibus em uma marcha alucinada pelo marvermelho das estradas em busca da terra prometida de leite e mel, que está sempre além, no litoral, no interior, nas montanhas... Rejeitamos São Paulo, porque a identificamos com o trabalho, o ‘mal’ para o qual o homem foi condenado desde o início dos tempos... O que necessitamos, na minha opinião, é reconstruir nossa visão de cidadania. Temos de aprender a amar a cidade, aceitá-la como ela é, com suas qualidades e defeitos. Amar é alimentar as coisas boas e ajudar na superação das ruínas.

<sup>1198</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Alto de Pinheiros e Jardim Paulista são os melhores para se viver”. São Paulo, 28/09/2008, p. 4.



Para isso, precisamos, antes de mais nada, mudar nossa compreensão de ‘bem público’. Hoje entendemos ‘aquilo que é de todo mundo’ como ‘aquilo que não é de ninguém’ - quando deveríamos traduzir por ‘aquilo que é de cada um de nós’. Se nos dedicássemos um pouquinho a São Paulo, a nossa cidade seria melhor para todos. Deveríamos lutar para que cada bairro fosse um núcleo urbano integral, com praças, coretos, cinemas, teatro, e que cada paulistano, nativo ou adotado, usufruísse de sua felicidade aqui e agora.

Uma vez, um motorista de táxi me disse que o irritava profundamente que os políticos só se lembravam dele de quatro em quatro anos. Eu perguntei: mas não é assim também com você? Você só se lembra deles de quatro em quatro anos. A minha utopia é transformar São Paulo de terra de ninguém para cidade de todo mundo.<sup>1199</sup>

#### - Percepções e retratos

O perfil da série “DNA Paulistano” não foi o único produzido ou divulgado pela *Folha de S.Paulo* a respeito de São Paulo, dos paulistanos, de seus moradores e de seus visitantes e turistas ao longo dos 30 meses do recorte desta tese, entre dezembro de 2006 e maio de 2009. Ainda que menos abrangentes, com olhares diferentes e/ou partindo de outras propostas e perspectivas, de qualquer maneira contribuíram como retratos daquele enorme mosaico. Traçou-se, por exemplo, o perfil cultural do paulistano (“65% aprovam o cinema, 84% não costumam ir ao teatro, 68% já compraram CD pirata e 44% preferem música sertaneja”)<sup>1200</sup>; percebeu-se que a classe média paulistana gastava mais do que a de Nova Iorque<sup>1201</sup> e que ultrapassaria aquela capital em termos populacionais em 2025<sup>1202</sup>; notou-se uma queda do índice dos que sairiam da capital paulista, ainda que possa estar relacionada com um otimismo de época de campanha eleitoral<sup>1203</sup>, já que os extremos da cidade tinham mudado pouco em dez anos<sup>1204</sup> e a cidade estava entre as piores para idosos<sup>1205</sup>; deu-se um espaço considerável aos animais da cidade, dos selvagens, em seus momentos trágicos<sup>1206</sup>, como no parque da

<sup>1199</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Vamos tietar a paulicéia”. São Paulo, 28/09/2008, p. 10.

<sup>1200</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Datafolha revela perfil cultural do paulistano”. São Paulo, 08/06/2008, p. A1.

<sup>1201</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Classe média paulistana tem gasto maior que a de Nova York”. São Paulo, 20/07/2008, p. A1.

<sup>1202</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “SP será mais populosa que Nova York em 2025, diz ONU”. São Paulo, 23/10/2008, p. C6.

<sup>1203</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Cai índice dos que sairiam de São Paulo se tivessem chance”. São Paulo, 23/01/2009, p. A1.

<sup>1204</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Extremo de SP mudam pouco em 10 anos”. São Paulo, 28/12/2008, p. C1.

<sup>1205</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “SP está entre as piores cidades para idoso”. São Paulo, 29/05/2009, p. A1.

<sup>1206</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Animais em extinção somem de centro em SP”. São Paulo, 08/02/2008, p. A1.

Aclimação<sup>1207</sup>, aos domésticos, principalmente os cachorros, com média de três anos<sup>1208</sup> e em maior quantidade por habitante na Zona Sul<sup>1209</sup>; soube-se da mudança do perfil do migrante, que pela primeira vez deixou de ter os nordestinos como a maior parcela, com mais pessoas vindo do interior e de outros países<sup>1210</sup>; registrou-se uma consolidação, se assim se pode dizer, oficial, da cidade como “grande metrópole nacional”, a mais influente das capitais brasileiras<sup>1211</sup> e como novo centro de locações para comerciais no país, superando o Rio de Janeiro<sup>1212</sup>; detalhou-se a “SP controlada por computadores”<sup>1213</sup> e, por fim, lançou-se a ideia de um índice que avaliaria a qualidade de vida<sup>1214</sup> e sugeriram-se iniciativas para tornar “SP menos árida e mais habitável”<sup>1215</sup> [horta na escola, passarela verde, ônibus a etanol, edifício certificado, ecobairro, casa do futuro, um show de reciclagem e academia sustentável]<sup>1216</sup>.

Algumas reportagens maiores, melhor trabalhadas, faziam tentativas ousadas e criativas para entender o que se passava em São Paulo. Durante as férias de janeiro de 2009, a “revista” propôs-se a entender quais seriam os “10 mandamentos paulistanos para a praia”<sup>1217</sup>. Visitaram-se “seis das praias mais procuradas” [Maresias, Camburi, Boiçucanga, Enseada, Pitangueiras, Riviera de São Lourenço] e investigaram-se “as divertidas leis que regem os sortudos, que, no verão, trocam o asfalto pela areia, o guarda-chuva pelo guarda-sol e o estresse do trabalho por sombra, suor e cerveja”: “1 levar o máximo de tranqueiras possível”; “2 reclamar dos turistas acidentais”; “3 fazer feira em São Paulo e sentir falta do comércio”; “4 exercitar-se ao ar livre

<sup>1207</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Acidente seca lado do parque da Aclimação e mata animais”. São Paulo, 24/02/2009, p. A1.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Lago no parque da Aclimação está há 70 anos sem reforma”. São Paulo, 25/02/2009, p. A1.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Separado pelo lago que secou em SP, casal de cisnes se reencontra no Ibirapuera”. São Paulo, 26/02/2009, p. A1.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Com lago vazio, Aclimação tem parque reaberto”. São Paulo, 27/02/2009, p. A1.

FOLHA DE SÃO PAULO. “foco - Limpeza de lodo no lago do parque da Aclimação deve demorar ao menos um ano”. São Paulo, 02/03/2009, p. C6.

<sup>1208</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “vida de cachorro”. São Paulo, 20/01/2008, p. A1.

<sup>1209</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Conheça os bairros paulistanos que têm mais cachorros por habitante”. São Paulo, 29/03/2009, p. A1.

<sup>1210</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Perfil do migrante muda na Grande SP”. São Paulo, 28/09/2008, p. C1.

<sup>1211</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Influência de São Paulo é a maior do país e vai até o Norte”. São Paulo, 11/10/2008, p. A1.

<sup>1212</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “SP bate Rio como locação para comerciais”. São Paulo, 03/05/2009, p. A1.

<sup>1213</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Conheça a SP controlada por computadores”. São Paulo, 21/01/2009, p. A1.

<sup>1214</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “ONG lança indicador para medir qualidade de vida do paulistano”. São Paulo, 16/05/2009, p. C5.

<sup>1215</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Confira oito iniciativas para tornar SP menos árida e mais habitável”. São Paulo, 07/12/2008, p. A1.

<sup>1216</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “plantando o futuro”. São Paulo, 07/12/2008, p. - revista - 10-20.

<sup>1217</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “10 mandamentos paulistanos para a praia”. São Paulo, 18/01/2009, p. A1.

para compensar a comilança”; “5 fazer amizade com os vizinhos como nunca fez em São Paulo”; “6 voltar para resolver uns probleminhas”; “7 não se desconectar e não abrir mão da mordomia”; “8 andar em bandos”; “9 ter criatividade para os momentos de chuva”; “10 sofrer de tensão pré-são paulo”<sup>1218</sup>.

Em março de 2009, a “revista” reuniu cinco histórias, um “punhado de impressões” com “pessoas que deixaram a cidade e, depois de viverem experiências diversas em terras distantes, voltaram com o olhar modificado”<sup>1219</sup>. A reportagem resumiu assim, de forma geral, as impressões: “Em São Paulo, as pessoas se olham nas ruas. Em seus rostos, a sombra do cansaço. É uma gente calorosa comparada aos japoneses, embora não tão gentil quanto os americanos de Nevada. O metrô atende poucas regiões, mas é bem-cuidado. As raízes das árvores arrebentam calçadas cheias de desníveis”. No fim, concluiu-se que revelavam “uma metrópole que se modifica ininterruptamente, sempre pronta a reintegrar quem, um dia, partiu, com ou sem data para voltar”<sup>1220</sup>.

Com a ajuda dos paulistanos que nunca deixaram a cidade, a “revista” apresentou uma “metrópole enquadrada”, com fotos do concurso “A minha São Paulo”, que “revela a São Paulo dos leitores”<sup>1221</sup>. Nessa “São Paulo particular”, “o resultado é um mosaico de imagens”: de uma moça bebendo água na Avenida Paulista, com as cores do entardecer e captada no reflexo de uma poça d’água na calçada de pedras portuguesas; a vista da cidade de quem está contemplativo no mirante do pico do Jaraguá; de dentro do carro de uma motorista parada na avenida Paulista, com o velocímetro marcando zero, congestionamento e luzes da noite paulistana; de cinco cavaleiros na avenida Paulista, em frente ao Conjunto Nacional, montados, aguardando para atravessar, lado a lado; dos reflexos de um prédio espelhado sobre o outro na Avenida Luís Carlos Berrini, na Zona Sul; de dois pés e três baldes por trás de uma janela de escritório, em edifício na Conceição, na Zona Sul; de estruturas de metal da árvore de Natal do parque Ibirapuera sendo erguidas; do fim de tarde do Minhocão, no Centro, num fim de semana, quando fechado para carros e transformado em área de lazer, com pessoas em movimento; das três placas “Luz” no mesmo enquadramento na estação da Luz, em preto e branco, logo depois de a plataforma se esvaziar, com apenas uma mulher aguardando; dos traços do Viaduto

---

<sup>1218</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “a lei da praia”. São Paulo, 18/01/2009, p. 10-17.

<sup>1219</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Paulistanos repatriados falam sobre a readaptação à cidade”. São Paulo, 01/03/2009, p. A1.

<sup>1220</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “um novo olhar sobre a cidade”. São Paulo, 01/03/2009, p. 8-16.

<sup>1221</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Confira fotos selecionadas no concurso que revela a São Paulo dos leitores”. São Paulo, 27/01/2008, p. A1.

Professor Bernardino Tranchesi, sobre o túnel Nove de Julho, e dos contrastes da avenida, lá embaixo, com os colchões de moradores de rua guardados no alto<sup>1222</sup>.

O olhar dos brasileiros que moravam em São Paulo e dos próprios paulistanos, porém, não era o único contemplado nas páginas da *Folha de S.Paulo*. O dos forasteiros também. Afinal, a adaptação ao Brasil não parecia moleza. Para executivos “expatriados”, segundo pesquisa da GMAC Global Relocation Services entre 110 países, seria a quarta mais difícil do mundo, atrás apenas de China, Índia e Rússia. Por isso, contou-se em reportagem de uma consultora que ensinava aos estrangeiros “a malandragem e o “jeitinho brasileiro”<sup>1223</sup>. Por conta do ano da França no Brasil, a “revista” decidiu ouvir como os franceses que moravam na capital paulista encaravam a realidade<sup>1224</sup>. Entre os turistas, reclamava-se, segundo estudo da SPTuris, divulgado em fevereiro de 2009, da violência e da sujeira. Os principais elogios iam para hospedagem e gastronomia<sup>1225</sup>. A cidade, aliás, não era vista como destino turístico. Em janeiro de 2008, a colunista Cecilia Gianetti brincou que, “segundo meus amigos do Rio, sou a primeira carioca a optar por férias em São Paulo quando boa parte da metrópole costuma fazer o contrário, ou ruma a outros balneários mais interessantes do que a cidade de onde vim”<sup>1226</sup>. Um mês antes, porém, reportagem da “revista” destacou que, “enquanto o paulistano não vê a hora de dar uma trégua às desavenças com o ar poluído e o trânsito caótico - e se entender com a maresia em outras paragens -, turistas do interior e de outros estados desembarcam na metrópole decididos a disputar com os locais os corredores de compras e o melhor ângulo para as fotos das decorações natalinas”<sup>1227</sup>. O próprio presidente da SPTuris reconheceu essa vocação turística pouco óbvia: “Ninguém atribui fama turística à cidade. Mas ela é a mais turística do país. A nossa praia é a cultura”. Segundo a mesma reportagem, “comércio e festejos de fim de ano respondem pelo terceiro maior período turístico da cidade - perdem apenas para Parada Gay e a Fórmula 1”. Um infográfico da cidade, intitulado “aonde eles vão?”, destacou no mapa a Vila Madalena (dois homens tomando cerveja numa mesa de bar), Pinheiros e Moema (uma

---

<sup>1222</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Uma São Paulo particular”. São Paulo, 27/01/2008, p. 28-36.

<sup>1223</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Estrangeiros fazem aula de ‘jeitinho’ para se adaptar ao país”. São Paulo, 18/01/2009, p. C2.

<sup>1224</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Franceses que moram em SP dizem como encaram a realidade”. São Paulo, 05/04/2009, p. A1.

<sup>1225</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Turista reclama de violência e sujeira em SP”. São Paulo, 02/02/2009, p. C5.

<sup>1226</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “cotidiano - cecilia gianetti - Sou a primeira carioca a optar por férias em SP”. São Paulo, 15/01/2008, p. A1.

FOLHA DE SÃO PAULO. “cecilia gianetti - Fuga para São Paulo”. São Paulo, 15/01/2008, p. C2.

<sup>1227</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Turistas natalinos invadem SP em busca de diversão e boas compras”. São Paulo, 16/12/2007, p. A1.

mulher sorridente carregando sacolas de compras, acima, e o desenho do shopping Iguatemi, abaixo), a Vila Olímpia (a casa de shows Tom Brasil, o teatro Alfa), o centro (com os museu da Língua Portuguesa e de Arte Sacra e a Pinacoteca), os Jardins (com o parque Trianon-MASP, o MASP, o Teatro Cultura Artística e, no Ibirapuera, o MAM e o Auditório), a maioria bairros da Zona Oeste, Sul e região da Avenida Paulista e do Centro. A Zona Leste e a a Zona Sul, não localizadas textualmente, foram representadas por, respectivamente, Museu do Imigrante e Zoológico e Jardim Botânico<sup>1228</sup>. Nada da Zona Norte. Em outro mapa, por outro lado, sem ilustrações, apenas identificavam-se os “principais alvos do mau cheiro” no centro da cidade. O infográfico, que até distinguia, entre dez pontos, aqueles com “cheiro fraco” e “cheiro forte”, fazia parte da reportagem de outubro de 2008 que, sem evidência na capa daquela edição, falava em “tour do xixi” para os turistas. De acordo com o texto, dos dez pontos, “nove têm um cheiro, no mínimo, marcante de urina”<sup>1229</sup>. O incômodo foi retratado, por exemplo, pelos próprios guias turísticos tentando “desviar do cheiro”<sup>1230</sup>, o que, reclamavam, poderia inibir os visitantes<sup>1231</sup>.

As edições que comemoravam o aniversário de São Paulo, em 25 de janeiro, também ajudavam a entender aspectos da cidade e, por vezes, o humor daquele ano.

Em 2008, logo abaixo do cabeçalho do jornal, uma faixa em formato de “I” encavalava cinco chamadas a respeito da capital paulista, com uma tira pequena da vista do horizonte de arranha-céus e o selo “SP 454”. A maior chamada, “Proteção não preserva patrimônio paulistano”, em sete páginas do “Cotidiano 3”, repercutia levantamento inédito da *Folha*, que foi a todos os prédios tombados pelo patrimônio público estadual e federal da cidade e notou que 38% sofreram algum tipo de dano e 8% estão abandonados<sup>1232</sup>. A segunda maior estampava o dado de que “55% dos moradores sairiam da capital se pudessem”, segundo levantamento do Movimento Nossa São Paulo,<sup>1233</sup>. As demais se equivaliam para registrar, outro ponto da pesquisa, de que Pinheiros era a melhor região para ser viver<sup>1234</sup>; o plano da prefeitura de

---

<sup>1228</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Bem na foto”. São Paulo, 16/12/2007, p. 44-51.

<sup>1229</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Turistas fazem ‘tour do xixi’ no centro de SP”. São Paulo, 19/10/2008, p. C14.

<sup>1230</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Guia tenta ‘desviar’ do cheiro em local histórico”. São Paulo, 19/10/2008, p. C15.

<sup>1231</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Para sindicato dos guias, sujeira também pode inibir turismo”. São Paulo, 19/10/2008, p. C15.

<sup>1232</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Proteção não preserva patrimônio paulistano”. São Paulo, 25/01/2008, p. A1.

<sup>1233</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “55% dos moradores sairiam da capital se pudessem, afirma pesquisa”. São Paulo, 25/01/2008, p. A1.

<sup>1234</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Pinheiros é a melhor região para viver em São Paulo; Parelheiros é a pior”. São Paulo, 25/01/2008, p. A1.

instalar 12 mil câmeras para vigiar ruas e prédios públicos<sup>1235</sup>; e as dicas do “guia da folha” para dez passeios improváveis na “paulicéia revelada”<sup>1236</sup>. Esse último tópico, inclusive, destoava de qualquer roteiro turístico tradicional ou dos cartões-postais que se quer propagar como representativos da cidade: “trilha com vista para o mar”, em Marsilac, na Zona Sul, no marco divisório de São Paulo com Itanhaém e Juquitiba, em que se vê “um belo pedaço do mar de Mongaguá”; “cafezal na Vila Mariana”, ao lado do parque Ibirapuera, na Zona Sul, numa área de 10 mil m<sup>2</sup> que garante até amostra grátis de café aos visitantes; “ilhas da Guarapiranga”, em Interlagos, na Zona Sul, com passeios de barco e escuna pela represa até as ilhas do reservatório; “cavalgada noturna” nas trilhas de terra batida da Serra da Cantareira, na Zona Norte; “terreiro axé ilê obá”, o primeiro do estado, tombado e com explicações sobre religião e cultura afro-brasileira, na Vila Facchini, na Zona Sul; “solo sagrado”, com esse nome por causa da dona da propriedade, a Igreja Messiânica, mas aberta a todos e com vista para a Guarapiranga, em Parelheiros, na Zona Sul; “farol do Jaguaré”, um mirante de onde se pode ver a Cidade Universitária, o parque Villa-Lobos, a marginal Pinheiros e os bairros da Lapa e de Pinheiros, na Zona Oeste; “pesqueiro aquarium”, interessante para quem gosta de pescar, mas também pelo aspecto de “cidadezinha do interior”, cercado por chácaras e sítios, em Parelheiros, Zona Sul; “pedalinho e caiaque na prainha da Billings”, para pedalar e remar na água, não para mergulho, no Riacho Grande, na Anchieta; “senzala do Morumbi”, do século 19, “na mesma área que sediou a primeira fazenda de chá do país”, num restaurante do bairro, na Zona Sul<sup>1237</sup>.

Em 2009, como no ano anterior, logo abaixo do cabeçalho, cinco chamadas faziam menção à comemoração dos então 455 anos da cidade, dessa vez dispostos de uma forma diferente e ocupando um espaço e uma posição de maior destaque na capa. A imagem, agora, sim, a principal da primeira página, é uma já comentada, poética, da Avenida Paulista em preto e branco, informando que o asfalto da via completava 100 anos de vida<sup>1238</sup>. Acoplada a essa, a notícia de que São Paulo iria trocar a flora “migrante” por 800 mil árvores nativas<sup>1239</sup> e a de que

<sup>1235</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Prefeitura planeja instalar 12 mil câmeras para vigiar ruas e prédios públicos”. São Paulo, 25/01/2008, p. A1.

<sup>1236</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Roteiro especial de aniversário da cidade reúne dez passeios improváveis”. São Paulo, 25/01/2008, p. A1.

<sup>1237</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Cidade esconde tesouros improváveis”. São Paulo, 25/01/2008, p. - guia da folha - 6-8.

<sup>1238</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “São Paulo, 455 - Asfalto na Paulista, 1º da cidade, faz 100 anos”. São Paulo, 25/01/2009, p. A1.

<sup>1239</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “São Paulo, 455 - revista - SP vai trocar flora ‘migrante’ por 800 mil árvores nativas”. São Paulo, 25/01/2009, p. A1.

um DJ inglês criara um “roteiro paulistano para estrangeiros”<sup>1240</sup>, especialmente para os amigos que o visitavam com frequência, pois entendia que a cidade orientava mal os turistas, com muitos passeios a shoppings e lojas de grife, valorizando em vez disso o Mercado Municipal, ruas do Centro e a Teodoro Sampaio, por exemplo<sup>1241</sup>. As outras duas chamadas diziam respeito à revista “serafina”, uma de um paulistano em especial, o poeta e músico Arnaldo Antunes, ex-Titãs<sup>1242</sup>, e outra de mais 28 paulistanos “incluindo Ana Paula Arósio”, que ilustrava a chamada, exibindo “todas as caras da cidade”<sup>1243</sup>. A reportagem sobre Arnaldo tinha mais a dizer sobre seu próximo CD e outras questões do que propriamente sobre a capital paulista. Antes das “caras” da cidade, e essa menção será justificada logo adiante, um texto explicava que o Datafolha tentou, pelo quarto ano consecutivo, eleger uma personalidade que tivesse “a cara de São Paulo” e o resultado foi “semelhante ao obtido em anos anteriores”, com “respostas tão sortidas que ninguém conseguiu quórum suficiente para levar o título”. Destacaram-se, assim, abaixo da resposta “não sei”, representando 13% do total, alguns dos nomes citados, ilustrados por desenhos em preto e branco e uma breve descrição: Sílvio Santos (8%), Gilberto Kassab (5%), Gugu Liberato (4%), Ana Maria Braga (4%), Marta Suplicy (3%), Ana Hickmann (2%), José Serra (2%) e Paulo Maluf (2%)<sup>1244</sup> - quatro prefeitos e quatro apresentadores de TV, portanto. O especial propagandeado na primeira página da edição, tinha, logo a seguir - entremeado por uma análise esotérica da cidade<sup>1245</sup> -, um ensaio do fotógrafo Bob Wolfenson. O texto afirmava que “da cidade que a todos abriga, não poderia emergir outro rosto que não a mistura - e, por consequência, o da desigualdade” e, sem uma “cara de São Paulo”, como mostrado antes, buscava “iluminar 20 pessoas que, cada uma a seu modo, ajudam a compor o caleidoscópio da metrópole em seus 455 anos”. Seguiam-se, então, fotos de anônimos e famosos, nesta ordem: Cris Saddi, Thaíde, Eduardo Suplicy, Eliana Finkelstein, Antunes Filho, Rogério Fasano, Leon Cakoff e Renata de Almeida, Fernando Moraes, Paulo Skaf, Ana Paula Arósio, Raí, Alexandre Herchcovitch, Isay Weinfield, Mallu Magalhães, Fofão, Demônios da

<sup>1240</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “São Paulo, 455 - cotidiano - DJ inglês cria roteiro paulistano para estrangeiros”. São Paulo, 25/01/2009, p. A1.

<sup>1241</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “DJ inglês cria roteiro para recepcionar amigos estrangeiros”. São Paulo, 25/01/2009, p. C16 - especial Cotidiano 2.

<sup>1242</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Arnaldo Antunes”. São Paulo, 25/01/2009, p. A1.

<sup>1243</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “+ 28 paulistanos, incluindo Ana Paula Arósio, exibem todas as caras da cidade”. São Paulo, 25/01/2009, p. A1.

<sup>1244</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “figurinhas paulistanas”. São Paulo, 25/01/2009, p. - revista serafina - 20.

<sup>1245</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “São Paulo é uma caótica aquariana”. São Paulo, 25/01/2009, p. - revista serafina - 21.

Garoa, Danilo Santos de Miranda, Marcelona, Os Gêmeos, Lourenço Mutarelli<sup>1246</sup>. Ainda que indiretamente, uma sexta chamada comemorava, por tabela, os 75 anos da USP, que teria “mais alunos e menos produção”<sup>1247</sup>.

Aquela não foi a primeira vez que a *Folha* tentou definir “as caras de São Paulo”. Exatamente esse título, seis meses antes, em julho de 2008, aparecera na capa da edição que contaria “as histórias dos personagens fotográficos que enfeitam o metrô Sumaré”<sup>1248</sup>. Como “um rosto na multidão”, esses dos painéis que há uma década ilustravam a estação na Zona Oeste, passavam entre despercebidos e anônimos pela maioria dos 10 mil passageiros diários do local. Segundo o texto, os mais curiosos costumavam perguntar a funcionários do metrô quem seriam aqueles e especulavam se homenageavam pessoas mortas de forma trágica, se eram retratos falados de foragidos da polícia ou de famosos que não conseguiam reconhecer. Trata-se, na verdade, de “pessoas comuns, anônimas e de raças distintas, numa busca pela mixórdia que é São Paulo”. A obra do artista plástico Alex Flemming utilizou-se de 22 retratos no formato 3x4. Desses, cinco tiveram parte de suas histórias reveladas: o baiano José Luis da Silva, porteiro na Zona Leste, que, à época do retrato, era “orientador de público do MASP” e sonhava em apresentar a obra à filha; a fluminense Inês Nascimento, que era do café e passou para a recepção do MASP e só visitou duas vezes seu retrato; a descendente de japoneses Margareth Nishiyama, ex-colega de Flemming na faculdade, que trabalhava no Instituto Socioambiental (ISA) e guardava no celular uma foto dos filhos em frente ao seu painel; o paulistano de família mineira Alex Sandro de Souza, segurança da galeria Prestes Maia e que chegou a distribuir autógrafos na estação Sumaré; e o paulistano com traços indígenas e italianos, Baixo Ribeiro, “uma espécie de mecenas dos grafiteiros”, o dono da galeria Choque Cultural. Além das imagens, “o emaranhado de letras coloridas e borradas como se fossem produzidas por antigas máquinas de escrever forma outro enigma”, do jeito que estão, ininteligíveis, revelam poemas de Gregório de Matos, Tomás Antônio Gonzaga, Manuel Bandeira, Cecília Meirelles e Vinícius de Moraes, entre outros poetas<sup>1249</sup>. Quem melhor sintetizou a essência da obra foi Fábio Magalhães, no catálogo de lançamento: “os personagens sem nome de Flemming são documentos de nós mesmos, que chegamos e partimos, que esperamos o trem. Eles perpetuam nossa passagem fugaz. Cada personagem possui uma história

<sup>1246</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “cara a cara”. São Paulo, 25/01/2009, p. - revista serafina - 24-31.

<sup>1247</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Aos 75, USP tem mais alunos e menos produção”. São Paulo, 25/01/2009, p. A1.

<sup>1248</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “revista – As caras de São Paulo”. São Paulo, 13/07/2008, p. A1.

<sup>1249</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Retratos da metrópole”. São Paulo, 13/07/2008, p. 12 - 17.



particular que desconhecemos. Nós também carregamos nossa história no anonimato da multidão”<sup>1250</sup>.

Esses dois exemplos das caras de São Paulo são emblemáticos. No primeiro, elegeram-se alguns exemplos, em desenhos e ensaios fotográficos, pois os paulistanos não conseguiram, nem uma parcela considerável, escolher apenas um. No segundo, revelaram-se cinco dos 22 personagens desconhecidos dos retratos de uma obra de arte localizada na estação de metrô Sumaré. Não há, portanto, consenso algum. Nem de uma cara nem de algumas caras de São Paulo. Ideia que se reforça ao longo do recorte, assim como seria de se imaginar se analisado outro período, de que, entre anônimos, como os imigrantes que vêm para cá tentar a vida<sup>1251</sup>, inclusive de bolivianos em situação análoga à escravidão<sup>1252</sup>, dos carroceiros<sup>1253</sup>, das garotas que viram “belas da tarde” para atrair engravatados na Sé<sup>1254</sup>, da atriz de Guaianases que levou o “Oscar da pornografia”<sup>1255</sup>, de quem ganha a vida debaixo da água ou da terra<sup>1256</sup>, da pichadora da Bienal<sup>1257</sup>, de “banhista” da Avenida Paulista<sup>1258</sup>, da mulher de classe média que chegou à favela após fugir do marido<sup>1259</sup>, de fãs de todos os gostos musicais, frequentadores da noite paulistana<sup>1260</sup>; de que entre famosos, ou relativamente famosos, como o arquiteto David Libeskind, que projetou o Conjunto Nacional<sup>1261</sup>, o cineasta José Mojica Marins, o Zé do

---

<sup>1250</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Flemming no lambe-lambe”. São Paulo, 13/07/2008, p. 14.

<sup>1251</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Trabalho em troca de casa e comida”. São Paulo, 16/12/2007, p. A1.

<sup>1252</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Blitz flagra em SP bolivianos em trabalho degradante”. São Paulo, 30/09/2007, p. A1.

<sup>1253</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Vida de carroceiro”. São Paulo, 27/04/2008, p. A1.

<sup>1254</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Garotas viram ‘belas da tarde’ para atrair engravatados na Sé”. São Paulo, 02/03/2008, p. C6.

<sup>1255</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “foco - Atriz de Guaianazes ganha, em Las Vegas, o ‘Oscar’ da pornografia”. São Paulo, 16/03/2008, p. C14.

<sup>1256</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Conheça gente que trabalha debaixo d’água e da terra em São Paulo”. São Paulo, 31/08/2008, p. A1.

<sup>1257</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Conheça gente que trabalha debaixo d’água e da terra em São Paulo”. São Paulo, 31/08/2008, p. A1.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Libertada após 54 dias, pichadora da Bienal critica quem picha muros brancos”. São Paulo, 20/12/2008, p. A1.

<sup>1258</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “foco - Em dia de praia na av. Paulista, ‘banhista’ é chamado de ‘vagabundo’”. São Paulo, 07/03/2009, p. C5.

<sup>1259</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Ex-classe média, mulher chega à favela após fugir do marido”. São Paulo, 22/10/2008, p. C9.

<sup>1260</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Conheça figurino e gostos musicais dos frequentadores da noite de SP”. São Paulo, 08/02/2009, p. A1.

<sup>1261</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Livro faz tributo a arquiteto que projetou o Conjunto Nacional”. São Paulo, 01/03/2008, p. A1.

Caixão<sup>1262</sup>, o pianista João Carlos Martins<sup>1263</sup>, o palhaço, ex-doutor da Alegria, Nando Bolognesi<sup>1264</sup>, os principais candidatos a prefeito de 2008, Marta Suplicy, Gilberto Kassab, Geraldo Alckmin e Paulo Maluf<sup>1265</sup>; de que de episódios como o da primeira turma de formandos da Unipalmarens, que reservava 50% das vagas para negros<sup>1266</sup>, dos cem anos da umbanda, que “se revitalizava nos grandes centros”<sup>1267</sup>, da celebração do centenário japonês<sup>1268</sup>, de pichadores destruindo marcos do grafite<sup>1269</sup>, de sócios do clube Paulistano rejeitando um show do sambista Zeca Pagodinho<sup>1270</sup>, de pessoas se estapeando para comprar bens de megatraficante preso em bazar<sup>1271</sup>, no saldão de uma grife italiana<sup>1272</sup> e nas liquidações de janeiro<sup>1273</sup>, de uma guerra de travesseiros no Obelisco<sup>1274</sup>, da distribuição de um roteiro de banheiros da cidade<sup>1275</sup>, da prefeitura apagando grafite dos Gêmeos e encomendando um novo<sup>1276</sup>; de casos como o do shopping virando “outlet de luxo”<sup>1277</sup>, bosques virando atrativo de condomínio de alto padrão<sup>1278</sup>, pagando-se até R\$ 2 milhões para “morar em shoppings”<sup>1279</sup>,

---

<sup>1262</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Criador do Zé do Caixão lança filme e apadrinha cineasta”. São Paulo, 08/08/2008, p. A1.

<sup>1263</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Martelando a dor”. São Paulo, 21/12/2008, p. A1.

<sup>1264</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “o palhaço sai de cena por uns tempos”. São Paulo, 04/01/2009, p. A1.

<sup>1265</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “retratos da juventude”. São Paulo, 28/09/2008, p. A1.

<sup>1266</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Ao mestre, com carinho”. São Paulo, 14/03/2008, p. A1.

<sup>1267</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Umbanda faz 100 anos”. São Paulo, 30/03/2008, p. A1.

<sup>1268</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Liberdade, século 2” São Paulo, 10/11/2007, p. A1.

<sup>1269</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Pichadores agora destroem marcos do grafite em São Paulo”. São Paulo, 28/10/2008, p. C4.

<sup>1270</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Zeca Pagodinha leva polêmica ao Paulistano”. São Paulo, 18/11/2008, p. C5.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Deviam ver o show antes, afirma Zeca”. São Paulo, 18/11/2008, p. C5.

<sup>1271</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Bazar vai vender bens apreendidos de megatraficante”. São Paulo, 08/04/2008, p. A1.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Foto – Pechincas do tráfico”. São Paulo, 09/04/2008, p. A1.

<sup>1272</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “foco - 40 esperam em fila para comprar calça por R\$ 300 em ‘saldão’ de grife italiana”. São Paulo, 11/10/2008, p. C7.

<sup>1273</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Confira 50 dicas de liquidações em todas as regiões de SP”. São Paulo, 10/01/2009, p. A1.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Queima de estoque gera filas de madrugada e tumulto”. São Paulo, 10/01/2009, p. A1.

<sup>1274</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Obelisco será palco hoje para guerra de travesseiros”. São Paulo, 04/04/2009, p. C8.

<sup>1275</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Hospital das Clínicas distribui roteiro dos banheiros de SP”. São Paulo, 17/03/2009, p. A1.

<sup>1276</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Depois de apagar grafite, prefeitura encomenda novo grafite de os gêmeos”. São Paulo, 27/07/2008, p. A1.

<sup>1277</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Novo shopping vira outlet de luxo”. São Paulo, 28/03/2009, p. A1.

<sup>1278</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Em SP, bosques viram atrativo de condomínio de alto padrão”. São Paulo, 10/05/2009, p. A1.

<sup>1279</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Paulistanos endinheirados pagam R\$ 2 mi para morar em shoppings”. São Paulo, 06/07/2008, p. A1.

da classe C ditando “novos valores de consumo” na cidade<sup>1280</sup> e lotando o feirão da casa própria<sup>1281</sup>, de famosos atraídos por lugares sem luxo “em busca de simplicidade”<sup>1282</sup>, de descarrego no centro<sup>1283</sup>, do “Solário do Sesc Vila Mariana” recebendo todos os tipos de acalorados paulistanos para tomar sol “nas alturas”<sup>1284</sup>, do encontro de múmias nas paredes do Mosteiro da Luz<sup>1285</sup>, do dia em que sentiu-se um terremoto em São Paulo<sup>1286</sup>, da fila para o passaporte ser tamanha que havia quem vendesse sua “vaga” por R\$ 800<sup>1287</sup>, sem falar naquela para cidadania italiana<sup>1288</sup>, da Santa Ifigênia vender o novo iPhone antes mesmo do lançamento oficial<sup>1289</sup>; de modas como a dança do poste<sup>1290</sup>, de roupas usadas por prostitutas e transgêneros<sup>1291</sup>, da Rua Augusta voltando a cair nas graças dos jovens<sup>1292</sup>, de jovens nem tão jovens apostando em novos artistas<sup>1293</sup>, dos musicais animando fãs a buscarem aulas de canto e dança<sup>1294</sup>, de homens “pilotando” o fogão para atrair as mulheres<sup>1295</sup>, do arraial do prazer<sup>1296</sup>

---

<sup>1280</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Classe C dita novos valores de consumo em São Paulo”. São Paulo, 31/05/2009, p. A1.

<sup>1281</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Feirão da Casa Própria oferece 110 mil imóveis”. São Paulo, 21/05/2009, p. A1.  
FOLHA DE SÃO PAULO. “Quero teto”. São Paulo, 22/05/2009, p. A1.

<sup>1282</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Lugares sem luxo atraem paulistanos famosos em busca de simplicidade”. São Paulo, 12/04/2009, p. A1.

<sup>1283</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Descarrego a jato”. São Paulo, 13/07/2008, p. A1.

<sup>1284</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Praia de paulista”. São Paulo, 24/02/2007, p. A1.

<sup>1285</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Escavação encontra 2 múmias em parede do Mosteiro da Luz”. São Paulo, 27/02/2008, p. A1.

<sup>1286</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Terremoto assusta São Paulo”. São Paulo, 23/04/2008, p. A1.  
FOLHA DE SÃO PAULO. “A cama se move; não é bobagem. Será que bebi?”. São Paulo, 23/04/2008, p. A1.  
FOLHA DE SÃO PAULO. “Para cientista, não existe risco de um tsunami”. São Paulo, 23/04/2008, p. A1.  
FOLHA DE SÃO PAULO. “José Simão – Balança, São Paulo! Foi o ronco do Kassab!”. São Paulo, 24/04/2008, p. A1.

<sup>1287</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Despachante cobra R\$ 800 para furar fila do passaporte”. São Paulo, 20/04/2008, p. A1.

<sup>1288</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Fila por cidadania italiana já têm 380 mil pessoas”. São Paulo, 20/09/2008, p. A1.

<sup>1289</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Antes da chegada oficial ao país, iPhone já está à venda em SP”. São Paulo, 14/05/2008, p. A1.

<sup>1290</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “dança do poste”. São Paulo, 02/12/2007, p. A1.

<sup>1291</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “moda sexy”. São Paulo, 25/05/2008, p. A1.

<sup>1292</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Novas casas atraem cada vez mais jovens para a Rua Augusta”. São Paulo, 21/07/2008, p. A1.

<sup>1293</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Jovens colecionadores apostam em novos artistas”. São Paulo, 17/05/2009, p. A1.

<sup>1294</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Musicais atraem paulistanos para aulas de canto e dança”. São Paulo, 15/03/2009, p. A1.

<sup>1295</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Homem ‘pilota fogão’ para seduzir mulheres”. São Paulo, 12/10/2008, p. C1.

<sup>1296</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Arraial do prazer reúne atores e atrizes pornôs, exibicionista e voyeur”. São Paulo, 26/07/2008, p. C4.

e encontros de solteirões<sup>1297</sup>, do beijaço na USP<sup>1298</sup>, do encontro de uma urna eletrônica no meio da Marginal Tietê<sup>1299</sup>, do aumento das gambiarras por metro quadrado na cidade<sup>1300</sup>; da preocupação com taxas e impostos, geralmente com aumentos<sup>1301</sup>, cobranças indevidas<sup>1302</sup>, prorrogações<sup>1303</sup>, suspensões<sup>1304</sup> ou ainda algum tipo de restituição<sup>1305</sup> ou desconto<sup>1306</sup>; da obsessão pelas compras e pelo consumo, fossem dicas avulsas na Vila Madalena<sup>1307</sup>, na rua João Cachoeira, no Itaim Bibi<sup>1308</sup>, nas galerias da região do centro e da rua Augusta<sup>1309</sup>, em brechós<sup>1310</sup> ou nas lojas consideradas de luxo<sup>1311</sup>, como a Daslu<sup>1312</sup>, ou fossem para datas

---

<sup>1297</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “foco - Busca pelo par ideal anima ‘avulsos’ na comemoração do Dia do Solteiro”. São Paulo, 15/08/2008, p. C7.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Encontro de solteirões reúne 3.000 no Ibirapuera”. São Paulo, 18/05/2009, p. C6.

<sup>1298</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Beijaço reúne 300 pessoas na Cidade Universitária e faz USP ter dia de Parada Gay”. São Paulo, 01/11/2008, p. C5.

<sup>1299</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Urnas que seriam usadas na eleição deste ano são achadas na rua em SP”. São Paulo, 08/08/2008, p. A1.

<sup>1300</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Demanda por m<sup>2</sup> cria gambiarras na cidade”. São Paulo, 26/04/2009, p. C9.

<sup>1301</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “IPTU aumentará 4% em São Paulo no ano que vem”. São Paulo, 22/12/2007, p. A1.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Gás domiciliar sobe até 17,8% a partir de hoje em São Paulo”. São Paulo, 31/05/2008, p. A1.

<sup>1302</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Governo de SP cobra IPVA de quem nunca possuiu carro”. São Paulo, 08/01/2009, p. A1.

<sup>1303</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Após problema, SP prorroga vencimento do IPVA neste mês”. São Paulo, 24/01/2009, p. A1.

FOLHA DE SÃO PAULO. “42% perderam prazo de inspeção veicular em SP”. São Paulo, 05/05/2009, p. A1.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Após problema, SP prorroga vencimento do IPVA neste mês”. São Paulo, 24/01/2009, p. A1.

<sup>1304</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Prefeitura de SP suspende multas por falta de Habite-se”. São Paulo, 09/01/2009, p. A1.

<sup>1305</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “SP restituirá IPVA a quem foi vítima de roubo de carro”. São Paulo, 07/12/2007, p. A1.

<sup>1306</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Governo de SP dá desconto a devedores de IPVA e ICMS”. São Paulo, 04/09/2008, p. A1.

<sup>1307</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Explore endereços clássicos e lojas novas da Vila Madalena”. São Paulo, 02/02/2008, p. A1.

<sup>1308</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Comércio da João Cachoeira, no Itaim Bibi, atrai com boas ofertas e clima de bairro”. São Paulo, 23/02/2008, p. A1.

<sup>1309</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “as 18 melhores galerias do centro e da rua augusta”. São Paulo, 14/03/2008, p. A1.

<sup>1310</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Brechós ganham força com a onda do consumo consciente”. São Paulo, 09/02/2008, p. A1.

<sup>1311</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Novos centros mudam o comércio de luxo na cidade”. São Paulo, 22/01/2008, p. C10.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Em busca do luxo”. São Paulo, 01/06/2008, p. A1.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Novo shopping em SP promete acirrar disputa por ‘cliente premium’”. São Paulo, 02/03/2008, p. A1.

<sup>1312</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Natal na Daslu tem ‘consumo consciente’ e aspirantes a celebridades”. São Paulo, 26/12/2007, p. A1.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Promoção congestionada Daslu”. São Paulo, 12/01/2008, p. A1.

festivas, como Natal e Ano Novo, em hotéis<sup>1313</sup> ou na rua 25 de Março<sup>1314</sup>; de que a cidade, enfim, compõe mesmo seu mosaico de imagens com retratos contínuos, infinitos, diversos, brigando por atenção, dividindo holofotes, beirando o difuso. À parte de rótulos, como muitas cidades e suas complexidades, São Paulo é capaz de abrigar sob o mesmo teto “Evangélicos orando no térreo enquanto casais fazem sexo no primeiro andar”, com sinalização, embaixo, da Igreja Mundial do Poder de Deus e, em cima, de um motel<sup>1315</sup>; de ter entre os seus moradores, aqui nascidos, migrantes ou imigrantes, cinderelas nem tão fracassadas assim<sup>1316</sup>, kamikazes sobreviventes<sup>1317</sup> e heróis quase anônimos<sup>1318</sup>, fã de padarias<sup>1319</sup> e pãozinho fresco<sup>1320</sup>, de grafite<sup>1321</sup> e de uma fila<sup>1322</sup>. São Paulo é assim, insuficiente para o mosaico de um parágrafo gigante, demais para as páginas de um jornal e dura de rotular - para um prefeito, uma dissertação ou qualquer um. A sua imagem e as imagens a seu respeito são partes, são escolhas, são recortes - nenhuma em vão ou à toa, todas paulistanas.

---

<sup>1313</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “os cardápios e os preços das ceias em hotéis de SP e do Rio”. São Paulo, 13/12/2007, p. A1.

<sup>1314</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Sufoco”. São Paulo, 23/12/2007, p. A1.

<sup>1315</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “foco - Separados por um andar, motel e igreja convivem em paz na zona sul de SP”. São Paulo, 06/09/2007, p. C4.

<sup>1316</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Ex-cinderela do lixão”. São Paulo, 10/06/2007, p. A1. FOLHA DE SÃO PAULO. “‘Cinderela do Lixão’ não virou princesa”. São Paulo, 10/06/2007, p. C12.

<sup>1317</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “A volta dos kamikazes”. São Paulo, 10/12/2006, p. A1. FOLHA DE SÃO PAULO. “‘Traídos’ pelo fim da guerra, kamikazes vivem em SP”. São Paulo, 10/12/2006, p. C12.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Bomba atômica salvou a vida de Manabu Ashihara”. São Paulo, 10/12/2006, p. C12.

<sup>1318</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Pedestre furta moto para salvar mãe que pulou no rio com o filho”. São Paulo, 10/12/2006, p. A1.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Homem se joga no rio para salvar criança de três anos”. São Paulo, 10/12/2006, p. A22.

<sup>1319</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “foco - Em São Paulo, padarias são a referência”. São Paulo, 24/06/2007, p. C4 - especial Cotidiano 2.

<sup>1320</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “revista - Preparo dos pães em casa vira programa de famílias urbanas”. São Paulo, 19/08/2007, p. A1.

<sup>1321</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Grafite deixa gueto, seduz a classe média e vira moda”. São Paulo, 23/06/2007, p. C5.

<sup>1322</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “guia da folha - Atrasos são comuns na rotina cultural do paulistano”. São Paulo, 22/06/2007, p. A1.

### 3.4 Esporte em Sampa

*Só (porque é) aqui*

Como explicado no **Anexo 4**, a *tag esporte em sampa* diz respeito a “eventos esportivos, não importa a modalidade, realizados em São Paulo e, exatamente por isso, dignos de nota (e de matérias mais aprofundadas, estabelecendo algum vínculo com sua presença na cidade)”. Não entram “as notícias que dizem respeito à performance no campo esportivo”, ou seja, aquelas sobre o desempenho dos times ou atletas, antes ou depois da realização das disputas ou competições. Entram, por outro lado, “intervenções urbanas e administrativas (infraestrutura) relacionadas com instalações esportivas e questões políticas relacionadas especificamente ao esporte paulistano”. A partir desse ponto verifiquei, à parte a cobertura quase diária do sucesso ou fracasso dos clubes de futebol e, com menos frequência, de outros esportes, que o foco do caderno “Esporte” da *Folha de S.Paulo* está, primeiro, em eventos internacionais de grande porte que vêm para a cidade regularmente, como o anual Grande Prêmio de Interlagos, uma das etapas da Fórmula 1, de automobilismo, ou pontualmente, caso de etapas, edições ou torneios de diversas modalidades (atletismo, basquete, ciclismo, ginástica artística, hipismo, natação, skate, tênis, vôlei e xadrez); em eventos tradicionais sediados na capital paulista, como a São Silvestre, no último dia do ano; e nos eventos realizados em aparelhos esportivos com história e de propriedade da Prefeitura Municipal ou do Governo Estadual, como o Conjunto Desportivo Constância Vaz Guimarães, o complexo esportivo do Ibirapuera e o autódromo José Carlos Pace, o autódromo de Interlagos, da Zona Sul, e o Estádio Municipal Paulo Machado de Carvalho, o estádio do Pacaembu, da Zona Oeste.

O GP de Interlagos estava entre os eventos esportivos que mais mereciam a atenção da *Folha de S.Paulo*. Talvez por ser realizado na capital paulista e reunir astros do automobilismo mundialmente famosos ano após ano<sup>1323</sup>. A cobertura passava pelo “jornalismo de serviço”, com detalhes sobre a venda de ingressos, seja da quantidade e dos preços<sup>1324</sup> — até da atuação

---

<sup>1323</sup> O autódromo de Interlagos recebeu etapas da Fórmula 1 entre 1972 e 1977. Teve um intervalo em 1978 e voltou a sediar as provas de 1979 e 1980. Depois disso, as corridas retornaram em 1990 e, desde então, seguem na pista.

<sup>1324</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Entradas para o GP Brasil de F-1 estão quase esgotadas”. São Paulo, 09/10/2007, p. A1.

FOLHA DE SÃO PAULO. “GP Brasil-2008: ingressos começam a ser vendidos no site da corrida”. São Paulo, 18/03/2008, p. D5.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Vendas para GP Brasil começam amanhã em site”. São Paulo, 14/12/2008, p. D4.

dos cambistas, que chegavam a pedir R\$ 10 mil<sup>1325</sup> —, e por eventuais problemas na organização, como na inédita numeração dos assentos<sup>1326</sup>, seja de questões de bastidores, como a discussão entre Formula One Management (FOM) e Rede Globo pelo horário da largada<sup>1327</sup>. A expectativa pela corrida fazia com que a chegada dos carros e equipamentos de cada uma das escuderias em São Paulo se transformasse em notícia<sup>1328</sup> — o que dificilmente era noticiado quando de um GP em outro país —, assim como a previsão do tempo para o dia da corrida<sup>1329</sup>. E os dias que antecediam a disputa ensejavam análises e críticas a respeito das condições do autódromo de Interlagos — pois, aparentemente, pelo posicionamento do jornal, era também uma forma de apresentar a cidade para o mundo. Depois da edição de 2006, em que a capital paulista sofreu com ameaças de perder a condição de sede da prova<sup>1330</sup>, em 2007, a Prefeitura implementou algumas melhorias e prometeu outras para as próximas edições<sup>1331</sup>. Ainda sofreu com as reclamações de uma mancha amarela no S do Senna, parte do traçado da pista<sup>1332</sup>, e o novo asfalto acabou aprovado “com ressalvas”<sup>1333</sup>. Em 2008, finalmente, o asfalto “deixou de ser motivo de bronca geral como já era quase tradição” e o humor entre aqueles que trabalhavam no circuito e na competição pareceu ter mudado atendendo-se a uma antiga reivindicação e reformando o *paddock* (“mais amplo, os times ganharam escritórios mais espaçosos e as áreas reservadas aos VIPs agora são permanentes”). Como explicava uma reportagem, o “tipo de coisa que passa longe do grande público e da TV”, mas que melhorava “o tom das críticas”,

---

<sup>1325</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Cambista VIP invade GP Brasil”. São Paulo, 29/10/2008, p. D4.

<sup>1326</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “GP Brasil já prevê pane com bilhetes numerados”. São Paulo, 14/10/2007, p. D7.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Compra: ainda restam ingressos em 2 setores para a corrida do dia 21”. São Paulo, 14/10/2007, p. D7.

<sup>1327</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “GP Brasil: TV tenta mudar horário da prova”. São Paulo, 11/09/2008, p. D4.

FOLHA DE SÃO PAULO. “FOM confirma largada do GP Brasil para 15h”. São Paulo, 18/09/2008, p. D3.

<sup>1328</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Preparação”. São Paulo, 12/10/2007, p. D4.

<sup>1329</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Pista molhada: previsão do tempo diz que corrida em SP deve ter chuva”. São Paulo, 30/10/2008, p. D2.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Listrado”. São Paulo, 29/10/2008, p. D4.

<sup>1330</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Interlagos atinge limite de remendos”. São Paulo, 16/10/2006, p. D4.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Prefeitura, de novo, reduz gasto com GP”. São Paulo, 16/10/2006, p. D4.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Massa defende F-1 fora de Interlagos”. São Paulo, 25/10/2006, p. D4.

FOLHA DE SÃO PAULO. “análise - Ameaça a GP é só parte do negócio”. São Paulo, 25/10/2006, p. D4.

FOLHA DE SÃO PAULO. “São Paulo fecha com F-1 até 2014”. São Paulo, 16/09/2007, p. D7.

<sup>1331</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Interlagos rejeita fórmula do Pan”. São Paulo, 16/10/2007, p. D4.

<sup>1332</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Asfalto: pista segue com mancha amarela”. São Paulo, 17/10/2007, p. D4.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Mancha é removida do S do Senna”. São Paulo, 18/10/2007, p. D2.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Dicas: prefeitura terá cartilha para conservar novo asfalto”. São Paulo, 18/10/2007, p. D2.

<sup>1333</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Novo asfalto é aprovado com ressalvas”. São Paulo, 20/10/2007, p. D6.

que vinham sendo “pesadas no caso do circuito paulistano até há alguns anos”. É interessante notar como se descreve o clima de Interlagos na comparação com outros circuitos:

A cena é rara. Kimi Raikkonen pega um pratinho de plástico e entra na fila do “bandejão” da Ferrari. No outro canto da sala, a família de Felipe Massa almoça com amigos. Na mesa ao lado, fotógrafos e jornalistas comem animados.

(...)

O clima “aconchegante” permanece, bastante diferente dos paddocks europeus, onde motorhomes fazem as vezes de escritórios e abrigo e separam pilotos e equipes dos demais freqüentadores do ambiente.

Em outros países, por exemplo, é difícil que os pilotos dividam instalações como banheiros com convidados, jornalistas e voluntários do autódromo, cena freqüente em Interlagos.

Mordomias para chegar e sair do estacionamento também não existem em São Paulo. Os pilotos são obrigados a subir quatro lances de escada. E geralmente fazem o percurso sozinhos, sem a companhia de seguranças - no máximo seus assessores ou preparadores.

Apesar das dificuldades, o GP Brasil sempre acaba sendo visto com simpatia por membros das escuderias, ainda mais depois que passou a encerrar o calendário e se tornar ponto de partida para folgas e férias.

A temporada extra de sol e caipirinha em território brasileiro, porém, acaba neste ano. Pelo calendário divulgado pela FIA para 2009, o campeonato será encerrado em Abu Dhabi.<sup>1334</sup>

As reportagens especiais “esquentavam” o GP de Interlagos apresentando algum personagem em momentos de intimidade ou histórias de bastidores, como aconteceu, em 2007, em texto sobre o alemão Michael Schumacher, no primeiro ano no autódromo como aposentado e os “vestígios” que teria deixado pelas passagens anteriores em São Paulo<sup>1335</sup>. Em 2008, com os rastros do maior campeão da história da F1 (sete vezes) um pouco mais dissipados, revelavam-se os últimos passos dos postulantes ao título. O inglês Lewis Hamilton, que se tornaria o mais jovem vencedor da F1, fugia dos holofotes, dias antes da prova decisiva, com jogos de golfe em Itupeva, perto de Campinas, no interior paulista. O brasileiro Felipe Massa, até pela possibilidade de que o país reconquistasse a taça — o que não acontece desde 1991, com Ayrton Senna — apareceu nas páginas do “Esporte” por mais dias. Falou-se da réplica do primeiro carro de sua carreira, com que seria presenteado em caso de vitória<sup>1336</sup> e da

<sup>1334</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Paddock reformado vira o jogo para pista paulista”. São Paulo, 01/11/2008, p. D2.

<sup>1335</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Em SP, Schumacher é só vestígios”. São Paulo, 21/10/2007, p. D4. FOLHA DE SÃO PAULO. “Alemão veste pijama até achar rumo”. São Paulo, 21/10/2007, p. D4.

<sup>1336</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Primeiro carro vira troféu para conquista de massa”. São Paulo, 26/10/2008, p. D6.



“maratona” de compromissos que teria de cumprir antes de entrar no *cockpit*<sup>1337</sup>, como, por exemplo, participar de uma campanha de incentivo à leitura da Unicef em uma escola estadual do Campo Limpo, na Zona Sul<sup>1338</sup>. Hamilton, que esperava encontrar torcida a seu favor, chocou-se com os pedidos para que outro brasileiro, Rubens Barrichello, causasse um acidente para beneficiar Massa — além de vaias e gritos de “vai perder”<sup>1339</sup>. Com seu triunfo, alcançando a posição de que precisava nos minutos finais da última volta, apesar da vitória de Massa na corrida, a publicação falou em “Interlagazo” — “só uma metáfora futebolística é capaz de dimensionar, neste país da bola, o clima que tomou conta do autódromo”<sup>1340</sup>.

A cobertura da F1 incluía ainda as novidades tecnológicas, tanto para pilotos como para torcedores<sup>1341</sup> e saldos finais<sup>1342</sup>. Como no período recortado para esta dissertação — entre dezembro de 2006 e maio de 2009 — o GP de Interlagos foi, em 2007 e 2008, a última etapa, tornou-se também o local das comemorações de títulos. Era recorrente — e não só nas celebrações — o registro das incursões de pilotos e funcionários das escuderias pela noite paulistana. Noticiou-se, por exemplo, que o campeão de 2007, o finlandês Kimi Räikkönen virou barman na sua festa<sup>1343</sup>. Passado o “circo da F1”, como costuma ser chamado, por ser assim mesmo, de caráter itinerante, rodando cidades de todo o mundo, as informações concentraram-se principalmente nos aspectos esportivos e nesses aqui citados quando a respeito do GP de Interlagos e do autódromo paulistano.

Em 2008, cerca de um mês depois do título de Lewis Hamilton, Kassab ainda se envolveu numa polêmica próxima, de certa forma, da F1, ao recapear apenas “meia” Avenida Pedro Álvares Cabral, na Zona Sul, para uma exibição da escuderia Renault<sup>1344</sup>, o que gerou críticas, por priorizar um trecho urbano que ajudaria a promover a marca. A Prefeitura rebateu dizendo que eram reclamações elitistas, pois estaria ajudando a levar o automobilismo para

<sup>1337</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Maratona: ferraria tem agenda cheia”. São Paulo, 27/10/2008, p. D6.

<sup>1338</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “foco - Piloto admite que não é de ler e doa livros iguais em evento pró-leitura”. São Paulo, 28/10/2008, p. D1.

<sup>1339</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Hostilizado, Hamilton não encontra em Interlagos torcida que esperava”. São Paulo, 02/11/2008, p. D2.

<sup>1340</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Torcida local testemunha 'Interlagazo'”. São Paulo, 03/11/2008, p. D3.

<sup>1341</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “TV alugada vira centro de dados de torcedores”. São Paulo, 21/10/2007, p. D4. FOLHA DE SÃO PAULO. “Teste: pista terá painéis eletrônicos”. São Paulo, 29/10/2008, p. D4.

<sup>1342</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Numeração de assentos falha nas arquibancadas”. São Paulo, 22/10/2007, p. D8. FOLHA DE SÃO PAULO. “Em seu 1º GP, estação e trem são elogiados”. São Paulo, 22/10/2007, p. D8.

<sup>1343</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Raikkonen comemora título da F-1 varando a noite em SP”. São Paulo, 23/10/2007, p. A1.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Raikkonen vira barman para festejar”. São Paulo, 23/10/2007, p. D4.

<sup>1344</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Kassab asfalta 'meia rua' para desfile da F1”. São Paulo, 29/11/2008, p. esp. C9.

perto de todos<sup>1345</sup>. O autódromo de Interlagos também teve seu momento de repercussão, à parte a disputa da F1, mas por um momento trágico. Em dezembro de 2007, Rafael Sperafico, de 27 anos, morreu em um acidente da Stock Car Light<sup>1346</sup>, o segundo de que se tinha registro na pista<sup>1347</sup>. O piloto paranaense saiu da pista da curva do Café e bateu na proteção de pneus ao redor do traçado. O impacto jogou seu carro de volta à pista, rodando, sem controle, até bater em outro e se despedaçar em segundos. Como se mostrou um problema dos veículos da categoria, pela pouca proteção, com os pilotos defendendo reforço nessas áreas, o caso pouco respingou no tema da segurança para a F1<sup>1348</sup>. No ano seguinte, implementaram-se medidas e foi criada uma comissão dos pilotos para vistoriar as pistas<sup>1349</sup>.

A Corrida de São Silvestre também recebia atenção especial da *Folha de S.Paulo*, principalmente, como dito acima, por se tratar de um evento realizado na cidade e por sua tradição, sempre no último dia do ano — desde 1924. Até se noticiava a abertura das inscrições<sup>1350</sup>, entregas dos kits<sup>1351</sup> e mudança no trânsito das ruas paulistanas<sup>1352</sup> — pois, diferentemente da F1, está aberta a qualquer um que pague a taxa e acontece nas vias que os carros costumavam dominar —, mas a cobertura anterior à realização mostrava-se inferior. Poderia se dizer, inclusive, que, graças ao noticiário escasso nesse período do ano, entre Natal e Ano Novo, é que conseguia preencher mais páginas. Como agravante, no período do recorte, entrava, ao contrário da prova de automobilismo, em decadência. Em 2006, lamentou-se um certo esvaziamento, sem nenhum ex-campeão na prova masculina, a falta de dinheiro para pagar a premiação<sup>1353</sup> e aplicar os exames antidoping<sup>1354</sup> — até a “concorrência” de uma versão noturna, como acontecia nas seis primeiras décadas<sup>1355</sup>. Em 2007, com a decisão da

---

<sup>1345</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “outro lado – Críticas aos gastos com o evento são elitistas, afirma secretário de Esportes”. São Paulo, 29/11/2008, p. esp. C9.

<sup>1346</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Morte na pista”. São Paulo, 01/12/2007, p. A1.

<sup>1347</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “memória: Rafael é o 2º a morrer em pista paulista”. São Paulo, 10/12/2007, p. D5.

<sup>1348</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Piloto da Stock morre em Interlagos”. São Paulo, 10/12/2007, p. D5.

<sup>1349</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Categoria age para ampliar segurança”. São Paulo, 13/02/2008, p. D3.

<sup>1350</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Abertas inscrições para a São Silvestre”. São Paulo, 06/08/2008, p. D6.

<sup>1351</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Kit: entrega começa hoje, no Ibirapuera”. São Paulo, 27/12/2007, p. D2.

FOLHA DE SÃO PAULO. “SS: entrega dos kits vai até amanhã”. São Paulo, 29/12/2008, p. D3.

<sup>1352</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “CET isola ruas do percurso a partir das 10h”. São Paulo, 31/12/2007, p. D1.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Corrida de São Silvestre muda tráfego na região da Paulista”. São Paulo, 31/12/2008, p. C4.

<sup>1353</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Prêmio cai, e elite fala em boicote à S.Silvestre”. São Paulo, 15/12/2006, p. D3.

<sup>1354</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “São Silvestre economiza até no teste antidoping”. São Paulo, 28/12/2006, p. D2.

<sup>1355</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “De noite, sem taxas e com velha rota, São Silvestre ‘romântica’ larga hoje”. São Paulo, 30/12/2006, p. D1.

International Association of Athletics Federations (Iaaf) de estabelecer um novo circuito de corridas de rua, selecionaram-se 52 eventos, sem nenhum brasileiro nessa lista<sup>1356</sup>. A São Silvestre, portanto, perdia também em status. Mesmo o recorde de atletas com deficiência naquela edição foi ofuscado pela pouca preocupação e inclusão da categoria<sup>1357</sup>. Outro recorde, o de inscritos, mais de 20 mil<sup>1358</sup>, também ficou em segundo plano diante da “economia” na premiação<sup>1359</sup>. Ainda foram apontadas falhas na largada com divisão por ritmo<sup>1360</sup> e, apesar dos casais, reclamou-se da mistura entre homens e mulheres<sup>1361</sup> — que antes iniciavam a corrida em momentos separados. Em 2008, o dólar alto fez a premiação despencar<sup>1362</sup> e duas favoritas desistiram<sup>1363</sup>. Parecia que o cenário ruim se aprofundava, mas, em compensação, a corrida viu aumentar a participação feminina, ultrapassando o percentual de 30%<sup>1364</sup>, e recebeu um reconhecimento importante da Prefeitura, ao lado de mais três provas de rua (o Troféu Cidade de São Paulo, a Maratona de São Paulo e o Troféu da Independência do Brasil), para tornar-se “exclusiva” em sua data. Por sua “tradição ou devido a serem realizados em datas cívicas importantes”, pretendia-se, assim, protegê-las da “sanha do mercado”<sup>1365</sup>.

Entre aquelas reportagens consideradas “especiais”, a *Folha* explicou que beber água em excesso podia “derrubar” o corredor<sup>1366</sup> e, num infográfico de página inteira, detalhou características dos principais trechos da corrida<sup>1367</sup>. Duas outras reportagens, porém, sobressaíram-se, exatamente por privilegiar, cada uma na sua proposta, um olhar específico sobre São Paulo. Na 82ª edição, o autor “decidiu peregrinar andando, sem pressa, os 15 km da corrida de hoje e conhecer como é a São Paulo silvestrina num dia qualquer”. A descrição da paisagem e dos personagens paulistanos, sincera e sem filtros, é também um retrato da cidade, de suas peculiaridades e contrastes:

---

<sup>1356</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “São Silvestre fica fora de circuito de elite da rua”. São Paulo, 27/12/2007, p. D2.

<sup>1357</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “São Silvestre vê recorde, mas isola os deficientes”. São Paulo, 28/12/2007, p. D2.

<sup>1358</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “São Silvestre-07, com 20 mil atletas, será a mais inchada”. São Paulo, 14/09/2007, p. D1.

<sup>1359</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “São Silvestre com 20 mil economiza nas premiações”. São Paulo, 29/12/2007, p. D2.

<sup>1360</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Largada com divisão por ritmo falha”. São Paulo, 01/01/2008, p. D2.

<sup>1361</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Corrida ‘unissex’ junta e forma casais”. São Paulo, 01/01/2008, p. D2.

<sup>1362</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Dólar alto faz prêmio da São Silvestre despencar”. São Paulo, 19/12/2008, p. D2.

<sup>1363</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Desfalques: duas favoritas desistem da SS”. São Paulo, 30/12/2008, p. D1.

<sup>1364</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Participação feminina em provas de rua em São Paulo já ultrapassa os 30%”. São Paulo, 30/12/2008, p. A1.

<sup>1365</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “SP quer datas exclusivas para provas preferidas”. São Paulo, 27/12/2008, p. D3.

<sup>1366</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Água demais pode derrubar corredor”. São Paulo, 30/12/2007, p. D2.

<sup>1367</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Idade não pesa para quem corre na São Silvestre”. São Paulo, 31/12/2007, p. D4.

Tudo começa às 14h, num reduto de gente que corre contra o tempo: a avenida Paulista, que encontra a Consolação onde o jornalista Pedro de Moraes, 79, trabalhará até as 22h.

“Não sou de ver a corrida. É sempre a mesma coisa, um monte de gente faminta, maltratada, correndo”, diz Moraes, que trabalha há 33 anos ali.

Na descida da Consolação, o monótono domínio dos carros não chama mais a atenção do que alguns cartazes mais politizados, como o do MNN (Movimento Negação da Negação, socialista), e outro sobre o retorno do integralismo. Aquele mesmo, dos anos 30.

Nos 364 dias do ano, no trecho da Ipiranga entre a praça da República e a São João, outro esporte nacional de velocidade urbana se notabiliza: o rapa contra os ambulantes ilegais.

“Corro umas dez vezes por dia”, diz Octavio, que vende óculos “de marca” em frente à praça. “Às vezes os guardas vêm atrás da gente até a igreja da Consolação”, conta o ambulante, atento à ação das fardas.

Na esquina da Ipiranga com a São João, ao lado dos cinemas pornôns que exibem filmes de Alexandre Frota, está o cabelo mais legal do centro: o de Cláudio Ribeiro, 49, o ‘Cotonete’, camelô de cartões telefônicos e sem-teto famoso por presenciar as Copas nos anos 80 e 90.

“Não fui na última porque quem ia me patrocinar morreu”, explica Cotonete, meio metro de puro cabelo.

Depois de atravessar a rua durante a passagem da Guarda Civil, conta suas memórias de 32 anos de São Silvestre e Réveillons na esquina de Caetano.

“Tentei correr uma, mas foi muito cansativo. Numa outra, teve um pessoal que caiu bem aqui na frente. Eu fui ajudar, caiu mais gente sobre mim, levei pancada no rosto. Depois dessa eu só fico assistindo”

A São Silvestre dobra a São João do Bar Brahma, das seis reuniões diárias da Igreja Internacional da Graça de Deus (para 1.150 fiéis), dos shows eróticos de baixo orçamento e se prepara para subir o elevado Costa e Silva. A pé não pode. Táxi até a Barra Funda.

Já não é mais centro. O número de pessoas nas calçadas cai nas ruas do bairro. A sensação de aridez do Memorial da América Latina se aguça com o pouco movimento.

Sobe-se a Norma Gianotti, a avenida Rudge, até que a Rio Branco novamente anuncia o centro. Pontos de ônibus lotados. São 17h30, os mendigos tomam sol na praça Princesa Isabel. A “cracolândia” está a nu.

Próximo ao largo do Paissandu, a Rio Branco ouve o sotaque dos nigerianos. Homens em vistosas roupas afro, falando em modernos celulares. Não fazem outra coisa. São mais de dez numa esquina.

A peregrinação se aproxima do Anhangabaú. Nas escadas do Teatro Municipal, templo da música clássica, grupos de metaleiros da Galeria do Rock conversam. Alguns trocam beijos sinfônicos, que ficam para trás ao surgir o Viaduto do Chá.

No viaduto, o peregrino pode comprar DVDs piratas – “doirreau, doirreau”, grita o vendedor - ou conhecer sua sorte pela leitura da cigana ou pelos búzios; vale a versão que o freguês preferir. Altivo, ao lado, está o edifício Matarazzo, que encaixota a prefeitura.

Num “s”, sai-se da Líbero Badaró, passa-se pelo largo de São Francisco e está alcançado o viaduto Maria Paula. Ao lado direito, o peregrino vê prédios abandonados à mercê das cores vivas dos pichadores. Num deles, cada andar recebe uma letra da palavra “Exorcistas”.

É quando começa a famosa subida da Brigadeiro. Após 13 km, a inclinação que separa crianças de adultos. Faltam dois km. O peregrino põe as mãos nas cadeiras, compra uma água. Agora vai, Brasil.

E sobe, passando por letreiros em japonês e português, por mais prédios abandonados, como o do Hotel Bela Vista, cuja entrada foi cimentada. As costas do caminhante doem. A vista não ajuda. E sobe.

No último km, a paisagem fica menos decadente. Prédios cada vez mais altos, a Paulista é o topo. Resta virar à direita.

São quase 20h. Na curva, um rapaz entrega um folheto: “astróloga vidente”. Por

R\$ 10 a consulta, anuncia o papel, ela resolve impotência e afasta inimigos e olho gordo. No sprint final, São Silvestre, vale tudo.<sup>1368</sup>

A segunda captou as “imagens que talvez os corredores pudessem ver se os olhos não estivessem pregados na nuca do adversário, colados nos dígitos do relógio, fixos no asfalto como parte de uma máquina em movimento, exigindo sempre mais de si”. Diferentemente do anterior, com mais comentários e observações de quem participa de corridas de rua, suprimi partes:

Da largada, poucos conseguem divisar a grandiosidade do prédio do MASP. Menos ainda se dão conta da estátua que homenageia o bandeirante Bartolomeu Bueno da Silva, o Anhanguera, instalada do outro lado da avenida, diante do parque Trianon. (...)

Seguindo pela Paulista, cartão-postal da riqueza do Estado, os corredores dão adeusinho para as câmeras e ouvem ruídos de espectadores que se acotovelam nas calçadas. Mas nem notam outra multidão, por trás dos torcedores: vendedor, morador de rua, guarda, gari...

(...)

Uns e outros, porém, mal divisam o prédio dos bombeiros e nem se dão conta dos degraus na entrada do cemitério da Consolação, muitas vezes usado como poltrona por moradores de rua.

A igreja da Consolação saúda os atletas, pouco antes de dobrar para a Ipiranga, passando quase sem ver as desgraciosas instalações do bar que ocupa o espaço do Redondo, ponto de encontro de foliões. Os corredores nem notam a boate Love Story, que recebe noctívagos e mantém a festa até a manhã alta, como no domingo em que fotografei o percurso ontem retrçado por milhares de pés. A praça da República esconde segredos que, a depender do não-olhar veloz dos corredores, continuarão protegidos. O lago de águas sujas ganha brilho especial quando recebe o sol, e a estátua de Mercúrio, o mensageiro dos deuses, abençoa os atletas. “Impossível não notar a gloriosa esquina da Ipiranga com a São João, uma boa hora para reavaliar o corpo, pensar sobre o que já foi e calcular o que vem pela frente. Logo se chega à alça de aceso ao elevado, primeira subidinha do percurso, para ganhar o Minhocão, o elevado Costa e Silva.

Os mais cansados já não tiram o olhar do chão; os inteiraços também fecham o olhar para o mundo, preocupados em correr melhor. Perdem a chance de bisbilhotar os apartamentos que o Minhocão invade; pelo menos, espionar uma varanda, uma cozinha, um jardinzinho, isso o fotógrafo-corredor não deixa de fazer.

Do elevado também se veem as árvores da av. Pacaembu. E basta, pois chegamos ao km 6 e partimos para uma série de voltinhas por ruelas estreitas e curtas, feiosas, onde não há nada para olhar, a não ser o retrato do medo na cidade: o muro alto encimado

<sup>1368</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “São Paulo descortina seu caminho de São Silvestre”. São Paulo, 31/12/2006, p. D2.

por arame farpado, tal qual em presídio. E o aviso: a cerca está eletrificada, o choque pode ser mortal.  
O corredor sobe o viaduto Antártica, metade da prova já foi; pode pedir forças aos trens que circulam por baixo.  
(...) <sup>1369</sup>

Outras corridas de rua também mereceram o registro na *Folha*, como o Circuito das Estações<sup>1370</sup> e a Meia Maratona de São Paulo<sup>1371</sup>. A única a se aproximar em relevância era a Maratona de São Paulo, que bateu o próprio recorde de inscritos na edição de 2008, superando os 12 mil, mas, ainda assim, atrás, à época, da Nike 10K (25 mil) e da própria São Silvestre (20 mil)<sup>1372</sup>. A repercussão da corrida mereceu a foto principal da capa de 2 de junho, mostrando trecho em que os participantes passavam pela ponte estaiada, na Zona Sul<sup>1373</sup>. Só a localização, um viaduto que leva o nome do ex-dono do jornal, Octavio Frias de Oliveira, para justificar a disputa em tamanho e destaque com outra imagem, a do jamaicano Usain Bolt cruzando a linha de chegada em prova de Nova Iorque, com quebra de recorde mundial nos 100 metros (9s72) — até porque, na cobertura do “Esporte”, apenas uma nota curta comentava a Maratona, graças ao desempenho dos brasileiros<sup>1374</sup>.

Uma prova em especial, porém, ainda merece ser comentada: a do Circuito Popular de Corridas. No dia de sua realização, a publicação estava empolgada, principalmente pela peculiaridade, aos seus olhos, do local: a favela de Paraisópolis, na Zona Sul. O texto começava dizendo que “corridas de rua em São Paulo, cada vez mais badaladas e freqüentes, atraem os mais abastados locais como Ibirapuera, USP ou parque Villa-Lobos”, só que, lá era uma história “um pouco diferente”. Falou-se em jogo de várzea remarcado e vagas esgotadas<sup>1375</sup>. A repercussão, em outro tom, revelou-se também um olhar sobre aquele pedaço da cidade:

As ruas já estavam interditadas. Faltavam duas horas para a primeira prova do Circuito Popular de Corridas, mas o som ainda bombava na boate Batucão, em Paraisópolis (zona sul de São Paulo).

<sup>1369</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “‘Povão’ e metas ocultam a São Paulo da São Silvestre”. São Paulo, 01/01/2009, p. D2.

<sup>1370</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Desafio”. São Paulo, 30/03/2009, p. C3.

<sup>1371</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Meia maratona é treino para a elite”. São Paulo, 09/03/2008, p. D7.  
FOLHA DE SÃO PAULO. “Aos poucos”. São Paulo, 10/03/2008, p. D4.

<sup>1372</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Maratona de São Paulo tem número recorde de corredores”. São Paulo, 31/05/2008, p. D7.

<sup>1373</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Brasileiros dominam a 14ª maratona de São Paulo”. São Paulo, 02/06/2008, p. A1.

<sup>1374</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Brasileiros fazem dobradinha na Maratona de São Paulo”. São Paulo, 02/06/2008, p. D6.

<sup>1375</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Corrida para futebol em Paraisópolis”. São Paulo, 30/11/2008, p. D6.

Os primeiros corredores chegavam e se misturavam aos últimos baladeiros. Muitos tomavam a saideira e estranhavam a aglomeração.

O campo do Palmeirinha, local da largada, era tomado pela geração saúde. Bem, nem tão saúde. “Ontem tomei umas garrafas de vinho na minha namorada”, dizia um.

O evento atraiu uma multidão de crianças ao redor da largada, todas com coletes das Casas Bahia, aberta há duas semanas na favela.

A chegada de forasteiros, porém, tirou dos anfitriões a esperança de vitória. “O da perna fina corre muito.”

“E aquele lá atrás, de boné vermelho? Parece queniano.”

Inédita na favela, a prova pegou o povo desprevenido. As 500 vagas não foram preenchidas e, minutos antes da largada, era possível conseguir número de peito menor que 200 para participar.

“Foram ao colégio e puseram a gente na hora”, contou um aluno, que nem precisou doar 1 kg de alimento não-perecível, valor da inscrição.

Juracy Almeida, que montou uma equipe de garotos, lamentava a deserção de seus pupilos. “Não veio ninguém.”

Sem o costume de correr, cada um usava o que tinha em casa: bermudas e camisas de algodão, tênis pesadões.

A vantagem dos autóctones era conhecer o percurso. Não é fácil dosar o esforço diante do sobe e desce da favela.<sup>1376</sup>

O estádio do Pacaembu, saudosos da concha acústica<sup>1377</sup>, especulado para ser repassado à Federação Paulista de Futebol (FPF)<sup>1378</sup>, acabou descartado como sede para a Copa do Mundo de 2014 — extraoficialmente em março de 2007<sup>1379</sup> e, como vimos em “3.1 Documentos”, oficialmente, no *Bid Book de São Paulo*, em outubro do mesmo ano. E como no período recortado para esta dissertação, entre dezembro de 2006 e maio de 2009, o Corinthians ainda não havia sequer anunciado a construção de sua arena, o clube era frequentemente cotado para arrendar o Pacaembu. O destino, por assim dizer, portanto, de quem receberia e administraria um dos maiores palcos do futebol brasileiro foi o principal ponto de discussão a seu respeito. Apesar de o Parque São Jorge ser, na verdade, o Estádio Alfredo Schürig, com estrutura para receber até 18.500 pessoas, cumpria o papel de centro de treinamento corintiano. Os jogos da equipe profissional aconteciam, invariavelmente, no Pacaembu, considerado a casa do clube — o Morumbi era utilizado para jogos decisivos, principalmente finais, até o fim de 2008<sup>1380</sup>. Por

<sup>1376</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “foco - Corrida em Paraisópolis espanta moradores com atletas, tempo e desmaios”. São Paulo, 01/12/2008, p. D7.

<sup>1377</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Painel FC - Demolição”. São Paulo, 29/01/2007, p. D2. FOLHA DE SÃO PAULO. “Painel FC - Demolidor”. São Paulo, 13/02/2007, p. D2.

<sup>1378</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Painel FC - Quase privatizado”. São Paulo, 12/01/2007, p. D2.

<sup>1379</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Serra obedece à CBF, que satisfaz SP pela metade”. São Paulo, 29/03/2007, p. D2.

<sup>1380</sup> Reeleito para a presidência do Corinthians, Andrés Sanchez anunciou que não levaria mais o time para atuar no Morumbi. Era uma “retaliação” à atitude do São Paulo de disponibilizar apenas 10% do total da carga de ingressos para um confronto entre os clubes em fevereiro de 2009. Apesar de a quantidade estar de acordo com o previsto em lei, era comum, até pela frequência com que os são-paulinos alugavam o estádio para os “coirmãos”

isso, ao longo das últimas três décadas sempre se especulou o Corinthians como virtual candidato a receber a concessão de administração do aparelho municipal — assim como sempre se especulava a respeito das possibilidades de novos estádios alvinegros. Assim foi no começo deste recorte, que coincidiu aproximadamente com o início da gestão de Walter Feldman na secretaria de Esportes<sup>1381</sup>, em janeiro de 2007.

O tema voltou em janeiro de 2009, quando, segundo a *Folha*, o Corinthians se via como dono do estádio municipal. O clube dava “como quase fechado um acordo com a prefeitura para obter a concessão do Pacaembu”. Faltava “concluir o plano e aprová-lo na Câmara, além de dinheiro”, mas, se tudo desse certo, estaria remodelado para receber os alvinegros em 2010<sup>1382</sup>. Animada, a diretoria até gastou com algumas melhorias pontuais naquele mês<sup>1383</sup>. Em abril, pouco antes do fim do recorte deste período, o legislativo de São Paulo criou uma comissão de estudos. Feldman queria um plebiscito para que a população aprovasse a concessão, mas reconhecia que, em todos os eventos em que se pedia opinião sobre o assunto, a maioria posicionava-se contra. A ONG Viva Pacaembu, de moradores do bairro da Zona Oeste, também. O principal argumento do político era o prejuízo da manutenção, em R\$ 200 mil só naquele primeiro trimestre<sup>1384</sup>. O sonho corintiano, porém, esbarraria mesmo em Gilberto Kassab. O prefeito teria comentado que seria como privatizar o Parque do Ibirapuera. Para ele, o estádio “não deve ser encarado como fonte de receita para a prefeitura, mas como um bem público para proporcionar lazer e entretenimento à população”<sup>1385</sup>. A ideia foi enterrada em agosto de 2010, quando Andrés Sanchez anunciou a construção da arena<sup>1386</sup>.

Independentemente da concessão, a administração do Pacaembu manteve o plano de construção do Museu do Futebol — que por pouco não foi instalado no Maracanã, no Rio de

---

— ou seja, seus clientes — dividir o estádio em meio a meio quando tratava-se de um clássico. A informação é do site *globoesporte.com*:

<http://globoesporte.globo.com/Esportes/Noticias/Times/Corinthians/0,,MUL1002427-9862,00-ANDRES+AVISA+ENQUANTO+EU+FOR+PRESIDENTE+O+CORINTHIANS+NAO+JOGA+MAIS+NO+MORU.html>

<sup>1381</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Painel FC - Mais despesa”. São Paulo, 17/01/2007, p. D2.

<sup>1382</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Corinthians se vê dono do Pacaembu e cutuca rivais”. São Paulo, 09/01/2009, p. D2.

<sup>1383</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Painel FC - Dono do pedaço”. São Paulo, 17/01/2009, p. D2.

<sup>1384</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Câmara abre debate sobre Pacaembu”. São Paulo, 29/04/2009, p. D6.

<sup>1385</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Painel FC - Não vendo”. São Paulo, 13/01/2009, p. D2.

<sup>1386</sup> Segundo informação da reportagem “Presidente do Corinthians anuncia construção do estádio”, do *Estado*: <http://esportes.estadao.com.br/noticias/futebol,presidente-do-corinthians-anuncia-construcao-do-estadio,594548>



Janeiro<sup>1387</sup> —, anunciado em dezembro de 2006<sup>1388</sup>. As obras atrasaram, mas, ao custo de R\$ 37,5 milhões, o espaço, um dos destacados na capa do *relatório da cidade*, foi inaugurado em setembro de 2008. Como explicava reportagem da época, era um “museu sem relíquias, que aposta na diversão e na interatividade, com objetos ‘antigos’ recém-envelhecidos”. Segundo seus curadores, da Fundação Roberto Marinho, do Grupo Globo, havia dificuldade em conseguir itens históricos, pois colecionadores não pretendiam se desfazer de nada — a mostra da inauguração, “Marcas do Rei”, supria, temporariamente, a “falta de raridades”, com objetos importantes na carreira de Pelé, tricampeão mundial com a seleção brasileira (1958, 1962 e 1970), como a bola do milésimo gol<sup>1389</sup>. Ainda de acordo com o texto, refletia “uma tendência mundial que, no Brasil, tem no Museu da Língua Portuguesa seu maior expoente: interação com vídeos e áudios, envoltos em ambiente cenográfico, e com diversos equipamentos (como aparelhos de TV e rádios) via de regra operados pelos próprios visitantes - a sensação, em vários momentos, é a de estar num videogame”:

No aspecto audiovisual, o Museu do Futebol possui 1.442 fotos e seis horas de vídeos, além de gravações de narrações de gols célebres por locutores históricos como Ary Barroso, Geraldo José de Almeida e Oduvaldo Cozzi. Entre esse material, pouca coisa é inédita ou considerada rara.

O registro visual não se prende ao jogo em si. A idéia é exibir a trajetória da sociedade brasileira entrelaçada com a bola.

O que muda com relação a um museu convencional é a apresentação - a expografia é assinada por Daniela Thomas, uma das mais conhecidas cenógrafas brasileiras.

É de Daniela a atração mais original exposta no local: um conjunto de pebolins que mostra a evolução dos esquemas táticos do futebol mundial.

Ela não é a única grife presente. Celebridades como Nelson Motta e Lima Duarte também estão lá, na Sala dos Gols, narrando tentos marcantes de seus clubes do coração.

(...)

A cenografia e o viés teatral estão espalhados pelo museu. Daí a idéia, diante da dificuldade de conseguir originais, de fabricar bolas e chuteiras de época, que estarão expostas numa das instalações dos 6.900 m<sup>2</sup> que o espaço ocupa no estádio.

O museu também teve como objetivo resgatar o projeto arquitetônico do Pacaembu - de responsabilidade do escritório de Ramos de Azevedo, o estádio foi inaugurado em abril de 1940 e é tombado pelo patrimônio histórico de São Paulo.

<sup>1387</sup> Segundo Hugo Barreto, secretário-geral da Fundação Roberto Marinho, que administrou o projeto do Museu do Futebol, “faltaram pequenos detalhes”: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/fk2109200821.htm>

<sup>1388</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Pacaembu abrigará em 2008 projeto orçado em R\$ 25 mi”. São Paulo, 21/12/2006, p. D1.

<sup>1389</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Mostra de Pelé supre a falta de raridades”. São Paulo, 21/09/2008, p. D5.

A casa de exposições ocupa área embaixo das arquibancadas no setor do portão principal, em frente à praça Charles Miller. Um passadiço envidraçado permite sua vista.

Ali, funcionavam uma churrascaria e alojamentos para equipes amadoras que disputam jogos na cidade.<sup>1390</sup>

Dias depois de analisar o Museu do Futebol, prestes a ser aberto ao público, a *Folha de S.Paulo* retornou ao espaço para descobrir o que os primeiros visitantes acharam. A proposta interativa, inicialmente, decepcionou. O australiano Jordan Vieira, de 10 anos de idade, queria ver Pelé, que só compareceu ao evento de abertura para VIPs, e troféus, que não faziam parte do acervo. O primeiro brasileiro, Fábio Santana, queria camisas antigas e mais relíquias<sup>1391</sup>. Em menos de sete meses de funcionamento, porém, impulsionado por bar e café temáticos instalados ao lado, na Praça Charles Miller, estava entre os “campeões de visitação”, merecendo, finalmente, uma chamada com foto na capa<sup>1392</sup>. Só atrás do Museu da Língua Portuguesa em média de visitantes diários, acima de “endereço tradicionais”, como Pinacoteca, MAM e MASP<sup>1393</sup>.

Para além de F1, São Silvestre e Pacaembu, as notícias a respeito de esporte em São Paulo, que não de futebol e do desempenho esportivo, como assinalado acima, concentraram-se em notas curtas, com uma ou outra exceção. Do atletismo, registrou-se a realização de um Sul-Americano<sup>1394</sup>, mas era o Troféu Brasil, o mais importante evento da modalidade realizado no país, que realmente interessava. A *Folha* pareceu comemorar o anúncio da construção da segunda pista “classe 1” na cidade, daquelas aptas a receber eventos olímpicos — só havia mais duas, no Rio de Janeiro e em Uberlândia<sup>1395</sup>. Só que, como já estava desgastada e a licitação atrasou, pareceu, então, desaproveitar, lamentando que São Paulo perdesse “um dos principais eventos de seu calendário esportivo”<sup>1396</sup>. A demora dessa reforma ainda atrapalharia os treinos de atletas de alto rendimento que treinavam no Ibirapuera, como Maurren Maggi<sup>1397</sup>. A campeã

<sup>1390</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Futebol ganha museu sem relíquias”. São Paulo, 21/09/2008, p. D5.

<sup>1391</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “foco - Interatividade deslumbra garoto australiano, o 1º a visitar o Museu do Futebol”. São Paulo, 02/10/2008, p. D4.

<sup>1392</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Campeões de visitação”. São Paulo, 20/05/2009, p. A1.

<sup>1393</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Museu do futebol é o segundo mais visitado da cidade”. São Paulo, 20/05/2009, p. C4.

<sup>1394</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Sul-Americano começa hoje, em São Paulo”. São Paulo, 07/06/2007, p. D4.

<sup>1395</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Capital terá 2 das 4 pistas de elite do país”. São Paulo, 25/06/2008, p. D3.

<sup>1396</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Por Rio-2016, São Paulo perde Troféu Brasil de atletismo”. São Paulo, 15/01/2009, p. D2.

<sup>1397</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Atletismo fica a pé em SP perto do Mundial”. São Paulo, 19/05/2009, p. D3.

olímpica de salto em distância, aliás, foi prova de que, para além do esporte, a cultura era (e é) a de valorizar o vitorioso em seu “dia de estrela”:

Em menos de 24 horas, ela participou de desfile, conheceu atrizes globais, falou com a primeira-dama, deu autógrafos, posou para flashes, dividiu o palco com o prefeito de São Paulo, foi a dois programas de TV e arrumou tempo para mimar a filha, Sophia, 3, nos intervalos entre um evento e outro. Não, não se trata da rotina de uma vencedora do “Big Brother”. Esse foi um dia atribulado de Maurren Higa Maggi, a “Michael Phelps do Brasil”, segundo o secretário municipal de Esportes, Walter Feldman.”<sup>1398</sup>

O basquete, por sua vez, mereceu texto apenas por desembarcar na capital paulista<sup>1399</sup>. O ciclismo por sediar uma Copa América<sup>1400</sup> e pela tradicional Prova Ciclística Internacional 9 de Julho<sup>1401</sup>. A ginástica artística sofreu para vender ingressos da etapa da Copa do Mundo no ginásio do Ibirapuera<sup>1402</sup>, que, famoso pelas goteiras, parte do fiasco no Mundial de basquete feminino em setembro de 2006<sup>1403</sup>, também foi motivo de preocupação entre os ginastas em dezembro do mesmo ano<sup>1404</sup>. A natação teve o Sul-Americano valorizado pela chance de se conquistarem vagas na Olimpíada de Pequim, em agosto de 2008<sup>1405</sup>. Com foto e legenda, geralmente, noticiavam-se os nadadores mais famosos e conhecidos — como Allan do Carmo<sup>1406</sup>, Guilherme Guido<sup>1407</sup>, Joana Maranhão<sup>1408</sup> e Fabíola Molina<sup>1409</sup> —, independente de sucesso esportivo ou não, como se fosse importante lembrar daquela competição dia após dias só por ser realizada na cidade. O skate, que gerou algumas celeumas entre praticantes,

<sup>1398</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Maurren curte dia de estrela”. São Paulo, 01/09/2008, p. D6.

<sup>1399</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Seleção chega a SP, e treinador viaja à Europa”. São Paulo, 03/10/2007, p. D3.

<sup>1400</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Interlagos é sede de Copa América”. São Paulo, 07/01/2007, p. D2. FOLHA DE SÃO PAULO. “Primeiro do ano”. São Paulo, 08/01/2007, p. A1.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Abertura do ano”. São Paulo, 08/01/2007, p. D2.

<sup>1401</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Pedaladas”. São Paulo, 10/07/2008, p. D1.

<sup>1402</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Público: CBG espera que prévia hoje impulse as vendas de ingressos”. São Paulo, 15/12/2006, p. D2.

<sup>1403</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Brasil falha na organização do Mundial de basquete, diz Fiba”. São Paulo, 25/09/2006, p. D6.

<sup>1404</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Caso antigo: organizadores temem chuva sobre o ginásio do Ibirapuera”. São Paulo, 14/12/2006, p. D2.

<sup>1405</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Limpa”. São Paulo, 08/03/2008, p. D1.

<sup>1406</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Allan do Carmo leva ouro na raia da USP”. São Paulo, 10/03/2008, p. D4.

<sup>1407</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Mais um”. São Paulo, 14/03/2008, p. D4.

<sup>1408</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Não foi desta vez”. São Paulo, 15/03/2008, p. D5.

<sup>1409</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Absoluta”. São Paulo, 17/03/2008, p. D4.

moradores de Perdizes, na Zona Oeste, e a Prefeitura<sup>1410</sup>, era bem visto apenas em contexto institucionalizado, de competição, como naquela que é considerada a olimpíada dos esportes radicais, os X-Games. Mereceu a capa de 21 de abril de 2008, ainda que locada no caderno “folhateen”<sup>1411</sup>, e chegou-se a dizer que, com isso, São Paulo assumia sua “identidade radical”<sup>1412</sup>. Campeonato de tênis de segunda linha, o Aberto de São Paulo ganhava seu espaço apenas, mais uma vez, por ser na cidade<sup>1413</sup>, já que até os jogos entre veteranos, com o americano Pete Sampras<sup>1414</sup> em quadra, por exemplo, eram mais noticiados<sup>1415</sup>. A seleção masculina de vôlei, há muitos anos disputando e ganhando diversos títulos, ao contrário de outro esporte popular, o basquete, definindo há décadas, recebeu algum espaço quando atuou em território paulistano<sup>1416</sup>. E até o xadrez teve sua chance, lembrado por agonizar, longe dos “anos dourados”<sup>1417</sup>.

Chamou a atenção, porém, a cobertura do Concurso de Saltos Athina Onassis, organizado por Álvaro Affonso de Miranda Neto, o Doda, e sua esposa à época, a grega que empresta o nome ao torneio. A disputa realizada na Hípica Paulista, na Zona Sul, mereceu destaque já durante os Jogos Pan-Americanos de 2007, quando teria ofuscado o hipismo no Rio de Janeiro, atraindo os melhores ginetes do mundo<sup>1418</sup>. Assim como na F1, a expectativa começou na chegada dos cavalos à capital paulista<sup>1419</sup>. O primeiro dia de provas, ainda que as nacionais, explicava que “entrava para a lista dos mais caros eventos esportivos do país”, com

<sup>1410</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Paralelepípedo em ladeira aumenta embate entre skatistas e prefeitura”. São Paulo, 01/11/2007, p. C6.

<sup>1411</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “folhateen – X GAMES Maior evento de esportes radicais chega a São Paulo”. São Paulo, 21/04/2008, p. A1.

<sup>1412</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “SP assume identidade radical”. São Paulo, 25/04/2008, p. D4.

<sup>1413</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Chuva leva definição de final para hoje”. São Paulo, 07/01/2007, p. D2.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Thiago Alves ganha o Aberto de São Paulo”. São Paulo, 07/01/2008, p. D2.

<sup>1414</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Pete Sampras atua pela 1ª vez em SP”. São Paulo, 16/04/2008, p. D3.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Aos 36, Sampras se sente competitivo”. São Paulo, 18/06/2008, p. D4.

<sup>1415</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Quero mais: veteranos possuem circuito”. São Paulo, 18/05/2008, p. D5.

FOLHA DE SÃO PAULO. “bilhete: setor dos fundos está esgotado”. São Paulo, 18/06/2008, p. D4.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Média”. São Paulo, 23/06/2008, p. D5.

FOLHA DE SÃO PAULO. “SP abriga torneio de veteranos da ATP”. São Paulo, 21/05/2009, p. D2

<sup>1416</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Bernardinho ganha time completo em SP”. São Paulo, 04/06/2007, p. D2.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Vôlei - Jogos do Brasil têm ingressos esgotados”. São Paulo, 06/06/2007, p. D3.

FOLHA DE SÃO PAULO. “São Paulo recebe a seleção ‘CDF’”. São Paulo, 08/06/2007, p. D3.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Torcida: Portões do Ibirapuera serão abertos 2 horas antes do jogo”. São Paulo, 08/06/2007, p. D3.

<sup>1417</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Xadrez agoniza em São Paulo”. São Paulo, 25/12/2008, p. D2.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Porteiro do clube relembra anos dourados”. São Paulo, 25/12/2008, p. D2.

<sup>1418</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Evento em SP ofusca ainda mais o já esvaziado torneio de saltos”. São Paulo, 26/07/2007, p. D2.

<sup>1419</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Cavalos passam por inspeção em São Paulo”. São Paulo, 31/07/2007, p. D1.

gastos estimados em R\$ 11 milhões<sup>1420</sup>. No segundo dia geral, o primeiro das provas internacionais, as mais aguardadas, com ingressos esgotados, explicava-se a fascinação pelo fato de um concurso cinco estrelas de saltos no Brasil ser inédito<sup>1421</sup>. Para a *Folha*, mais do que a competição, interessou o glamour de um “evento para a alta sociedade”, com direito a loja da Daslu na praça de alimentação (“quase um shopping center”, “desde itens para montaria até jatinhos e jóias”)<sup>1422</sup>, e o desfile de clãs de famílias tradicionais e poderosas da elite brasileira (“como Rodrigo Marinho, das Organizações Globo, ou Luciana Diniz, do Grupo Pão de Açúcar” e “César Almeida, ouro no Pan”, que “montou Singular Joter II, de Gerdau”)<sup>1423</sup>.

Em um especial de junho sobre o Pan, intitulado “O esporte de um país”, às vésperas do início das disputas, a *Folha* propõe-se a discutir o “cenário esportivo de um país”, em que “na ausência de uma política pública, o esporte local sobrevivia apoiado em alguns pilares: clubes, ídolos, TV e investidores”, e novamente ressaltava-se o papel central dos clubes de São Paulo<sup>1424</sup>. O Esporte Clube Pinheiros, localizado no bairro de mesmo nome, na Zona Oeste, foi mencionado em uma das reportagens principais, “O novo papel dos clubes”, sobre a distribuição de verbas ao esporte pela Lei Piva, como uma “associação paulistana com 42 atletas já garantidos no Pan e que deve ter mais representantes que países como a Bolívia”. Abria o texto uma foto enorme, dividida em duas páginas, da sua piscina<sup>1425</sup> — e ainda voltaria a ser destaque na capa do jornal por seus investimentos para se tornar uma potência olímpica<sup>1426</sup>, atraindo “um décimo dos brasileiros na Olimpíada com salários, estrutura e agrados”<sup>1427</sup>. Em texto secundário sobre o Clube de Regatas Tietê, clube próximo às margens do Rio e da Marginal Tietê, na Zona Norte, lamentava-se que um espaço tão importante, onde treinaram a nadadora Maria Lenk, a tenista Maria Esther Bueno e o piloto Ayrton Senna, estivesse praticamente abandonado. A

---

<sup>1420</sup> A reportagem “Maior torneio de hipismo do país começa hoje em São Paulo”, de 1 de agosto de 2007, publicada na página D2 do caderno “Esporte”, esclarece: “Para servir de comparação, o Mundial feminino de basquete, realizado no ano passado, também em São Paulo, consumiu cerca de R\$ 3 milhões para 11 dias de disputas. O valor também é superior ao que a Caixa Econômica Federal vai destinar à Confederação Brasileira de Atletismo neste ano. Pelo patrocínio, o atletismo embolsará R\$ 10,5 milhões”.

<sup>1421</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Torneio encanta cavaleiros do Brasil”. São Paulo, 02/08/2007, p. D2.

<sup>1422</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Comida cara e jatinhos dão tom do evento”. São Paulo, 02/08/2007, p. D2.

<sup>1423</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Clãs desfilam suas gerações e montarias no Athina Onassis”. São Paulo, 03/08/2007, p. D2.

<sup>1424</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Pan Rio 2007 - O esporte de um país”. São Paulo, 17/06/2007, p. A1.

<sup>1425</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “O novo papel dos clubes”. São Paulo, 17/06/2007, p. 2-3.

<sup>1426</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Pinheiros investe para ser potência olímpica”. São Paulo, 28/06/2008, p. A1.

<sup>1427</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Pinheiros mima atletas para ser potência olímpica”. São Paulo, 28/06/2008, p. D5 - especial Esporte 2.

agremiação também mereceu uma foto grande, dividida nas mesmas duas páginas do Pinheiros, na faixa de baixo, da pista de corrida<sup>1428</sup>.

Em outra das reportagens principais desse caderno especial, “Monopólio estatal”, sobre o papel do Estado e da iniciativa privada quanto aos investimentos no esporte olímpico, lembrou-se o Clube de Atletismo BM&F, ligado à Bolsa de Valores de São Paulo, e o Centro Rexona que, apesar de iniciado no Paraná, era destaque — com uma foto enorme, mais uma dividida em duas páginas, de crianças e um professor na escolinha de vôlei do projeto em Heliópolis, na Zona Sul<sup>1429</sup>. A BM&F, assim como o Tietê, ganhou um texto secundário, “Longevo, apoio concentra nata do atletismo”, para melhor explicar a história da iniciativa, “uma das mais longas parcerias do esporte brasileiro reúne duas realidades distintas: o atletismo, a modalidade que melhor reflete a situação social do país, e a Bolsa de Mercadorias & Futuros, que desde a Olimpíada de Seul, em 1988, premia medalhistas com barras de ouro”, que, “em duas décadas, de fato virou um clube, o mais poderoso do país na modalidade. Seu diretor, Sérgio Coutinho, é um dos homens fortes do atletismo nacional. Na prática, comanda a equipe olímpica do país no complexo do Ibirapuera, em convênio com o governo paulista e equipamentos da confederação brasileira”<sup>1430</sup>.

### *O Corinthians contra o resto*

#### *- Aqui é Corinthians*

Esporte e futebol costumam, sim, fazer parte da capa da *Folha de S.Paulo*, assim como de outros jornais. Com mais frequência, para registrar placares e resultados do dia anterior, as conquistas ou fracassos de clubes e atletas. A cobertura do desempenho esportivo é amplamente maior do que a dos outros aspectos ao redor de cada modalidade. Portanto, chegar à primeira página da publicação sem a justificativa de uma vitória em clássico de domingo, um título conquistado a suor e lágrimas, e mesmo uma frustrante eliminação no último minuto, não costuma ser coisa boa.

---

<sup>1428</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “estudo de caso - Pioneiro, Tietê aguarda morte no centenário”. São Paulo, 17/06/2007, p. 3.

<sup>1429</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Monopólio estatal”. São Paulo, 17/06/2007, p. 10.

<sup>1430</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “estudo de caso - Longevo, apoio concentra nata do atletismo”. São Paulo, 17/06/2007, p. 11.

O Corinthians soube disso. O clube esteve entre as chamadas da capa da *Folha* em 13 de julho de 2007 por causa do decreto de prisão preventiva do iraniano Kia Joorabchian, presidente da Media Sports Investment (MSI), parceira do clube à época, e do russo Boris Berezovsky, “apontado como investidor da empresa”<sup>1431</sup>, ambos acusados de “crimes de lavagem de dinheiro e formação de quadrilha”. A Justiça ainda acatou a denúncia de lavagem de dinheiro contra o presidente corintiano, Alberto Dualib. Segundo reportagem que também mereceu a primeira página de “Esporte”, “Os procuradores da República Rodrigo de Grandis e Silvio Martins de Oliveira concluíram que US\$ 32,5 milhões (cerca de R\$ 61 milhões) injetados na parceria pela MSI são ilícitos”<sup>1432</sup>.

No dia seguinte, 14 de julho, nova chamada na capa do jornal: “Justiça Desportiva apurará suspeita contra Corinthians”. Aprofundava-se notícia de “supostos acertos financeiros para evitar a queda do Corinthians no Campeonato Brasileiro de 2006”<sup>1433</sup>, mais pela movimentação do Tribunal em solicitar os áudios grampeados pela Polícia Federal do que por qualquer novidade em relação ao caso<sup>1434</sup> - e que acabaria ali, já que não se encontraram evidências para instaurar um processo formal<sup>1435</sup>. Ainda assim, foram dois dias seguidos do escândalo Corinthians-MSI na primeira página. Os desdobramentos no mês de julho concentraram-se, sem o mesmo destaque, em como o clube debateu internamente a questão até seus conselheiros votarem pelo fim da parceria e nos primeiros passos do que levaria à saída de Alberto Dualib e comparsas da presidência do clube<sup>1436</sup>.

A cobertura naquele mês era apenas um prenúncio. Em setembro de 2007 foram seis destaques para o assunto na capa da *Folha de S.Paulo*. No dia 5, a chamada explicava que “Corinthians é alvo de operação do Ministério Público”<sup>1437</sup>. Na primeira página de “Esporte”, uma foto, ainda que não a principal, mostrava dois símbolos que não costumam estar assim, tão próximos: uma viatura, com a palavra “polícia” no capô em evidência, estacionada em frente

---

<sup>1431</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “esporte – Justiça manda prender Kia e acata denúncia contra Dualib, do Corinthians”. São Paulo, 13/07/2007, p. A1.

<sup>1432</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Justiça acata denúncia contra Dualib e pede prisão de Kia, da MSI”. São Paulo, 13/07/2007, p. D1.

<sup>1433</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Justiça Desportiva apurará suspeita contra Corinthians”. São Paulo, 14/07/2007, p. A1.

<sup>1434</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “STJD põe Corinthians em xeque”. São Paulo, 14/07/2007, p. D10.

<sup>1435</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “STJD ouve grampos e não vê indícios de ajuda ao Corinthians”. São Paulo, 27/07/2007, p. D8.

<sup>1436</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Corinthians expulsa MSI e votará saída de Dualib”. São Paulo, 25/07/2007, p. D8.

<sup>1437</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Corinthians é alvo de operação do Ministério Público”. São Paulo, 05/09/2007, p. A1.

ao prédio administrativo com inscrição, no alto, “Sport Club Corinthians Paulista”, e o símbolo do clube, amarrados pela manchete: “Corinthians volta a ser caso de polícia”. Favala-se, na ocasião, da apreensão de “notas fiscais que dizem ser frias”, “usadas em esquema de desvio de dinheiro do clube chefiado por Alberto Dualib e Nesi Curi, presidente e vice afastados e que são réus em processo na Justiça Federal por lavagem de dinheiro e formação de quadrilha”<sup>1438</sup>. Quatro dias depois, um furo jornalístico do columnista Juca Kfoury garantiu uma manchete secundária na capa<sup>1439</sup>, apresentando detalhes do “relatório de 72 páginas da PF” sobre o escândalo Corinthians-MSI:

Interceptações telefônicas feitas pela Polícia Federal, com autorização judicial, revelam que Berezovski não só participava da MSI como era o grande financiador da parceria.

Esse é o ponto central de um relatório de 72 páginas da PF ao qual a Folha teve acesso. Resumem 14 meses de diálogos entre os principais personagens dessa novela. Revelam um Kia “laranja”, subserviente a Berezovski; mostram atletas negociando com a parceria para receber dinheiro fora do país; atestam a tentativa de trazer o russo ao Brasil, sem pudores, até aos corredores da Presidência da República.

Os detalhes da operação da PF, batizada Perestroika, ainda revelam os cartolas corintianos negociando o pagamento de R\$ 150 mil a um fiscal da Receita Federal para não autuar o clube, um crime. Ou um deles.<sup>1440</sup>

A repercussão acelerou mudanças no próprio Corinthians. Preparava-se um novo estatuto para evitar que outros dirigentes se perpetuassem, como acontecera com Dualib, por 14 anos no poder<sup>1441</sup>; organizava-se a deposição do já afastado presidente, que “não soube parar”<sup>1442</sup>, que reconheceu que o Brasileiro de 2005 foi “roubado”<sup>1443</sup> e que acabou renunciando<sup>1444</sup>; levantavam-se suspeitas envolvendo os candidatos no novo pleito<sup>1445</sup>, inclusive do eleito, Andrés Sanchez, estampado na capa da *Folha* no dia seguinte à vitória como

<sup>1438</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Corinthians volta a ser caso de polícia”. São Paulo, 05/09/2007, p. D1.

<sup>1439</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “PF comprova fraudes no Corinthians”. São Paulo, 09/09/2007, p. A1.

<sup>1440</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Roupa suja - Gravações da PF revelam o Corinthians da era MSI”. São Paulo, 09/09/2007, p. D1.

<sup>1441</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “esporte - Corinthians faz estatuto para que dirigente não se perpetue”. São Paulo, 11/09/2007, p. A1.

<sup>1442</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Dualib não soube parar, declara vice”. São Paulo, 21/09/2007, p. D1.

<sup>1443</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “esporte - Em grampo, Dualib diz que Brasileiro de 2005 foi ‘roubado’”. São Paulo, 25/09/2007, p. A1.

<sup>1444</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Dualib renuncia à presidência do Corinthians após 14 anos”. São Paulo, 22/09/2007, p. A1.

<sup>1445</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Escutas implicam candidatos corintianos”. São Paulo, 15/09/2007, p. D3. FOLHA DE SÃO PAULO. “Outro lado - Conselheiros não se vêem envolvidos”. São Paulo, 15/09/2007, p. D3.



“ex-aliado da MSI”<sup>1446</sup> e, depois, como “alvo de outro inquérito da PF”<sup>1447</sup>; e, por fim, tentou-se criar uma CPI no Congresso<sup>1448</sup>, ainda que debatida mais em torno do quanto poderia afetar a candidatura brasileira a sede da Copa<sup>1449</sup>, e que acabaria “esvaziada” com “o lobby do presidente da CBF, Ricardo Teixeira”<sup>1450</sup>.

O segundo semestre do Corinthians foi um verdadeiro turbilhão. A situação só foi amenizada em 2008, com os desdobramentos e reflexos do escândalo Corinthians-MSI. Em entrevista exclusiva ao jornal, Alberto Dualib disse temer agressão da torcida, aquela que, segundo ele, “nunca teve tanta alegria como nos 14 anos da minha administração”<sup>1451</sup>. Ao lado de um dos seus vice-presidentes, Nesi Curi, respondeu pela única condenação até hoje do escândalo Corinthians-MSI. Por causa das suspeitas sobre o uso de dinheiro de origem ilícita na montagem da equipe campeã brasileira de 2005, o Superior Tribunal de Justiça Desportiva (STJD) suspendeu a dupla por três anos — o que os proibia de exercer cargos em entidades esportivas. Andrés Sanchez, outro ex-vice presidente e antigo defensor da parceria, passou nervoso, segundo a reportagem, e ameaçou “explodir tudo”, mas no voto de desempate saiu ileso — assim como o Corinthians<sup>1452</sup>.

O resto acabou em pizza. Dualib, Curi, Sanchez, Joorabchian e Berezovski, todos os figurões, conseguiram a absolvição da acusação de lavagem de dinheiro e formação de quadrilha. Sem conseguir “rastrear” o montante desviado pela parceria, provando que dinheiro ilícito fora usado no Corinthians, inclusive para lavagem de dinheiro, a Justiça Federal encerrou

---

<sup>1446</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “esporte - Andrés Sanchez, ex-aliado da MSI, é novo presidente do Corinthians”. São Paulo, 10/10/2007, p. A1.

<sup>1447</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Novo presidente do Corinthians é alvo de outro inquérito da PF”. São Paulo, 11/10/2007, p. A1.

<sup>1448</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Corinthians faz Câmara querer investigar futebol”. São Paulo, 14/09/2007, p. D2.

<sup>1449</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Teixeira faz lobby no Senado contra CPI do Corinthians”. São Paulo, 04/10/2007, p. D4.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Relatório da FIFA já ameaça o apoio político pró-CBF”. São Paulo, 27/10/2007, p. D3.

FOLHA DE SÃO PAULO. “CBF esvazia a CPI do Corinthians”. São Paulo, 02/11/2007, p. D1.

FOLHA DE SÃO PAULO. “esporte – Por falta de três assinaturas, CPI do Corinthians é arquivada”. São Paulo, 09/11/2007, p. A1.

<sup>1450</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “CBF esvazia a CPI do Corinthians”. São Paulo, 02/11/2007, p. D1.

<sup>1451</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Ex-presidente do Corinthians teme agressão”. São Paulo, 05/12/2007, p. A1.

FOLHA DE SÃO PAULO. “‘Posso apanhar no clube’, diz Dualib”. São Paulo, 05/12/2007, p. D1

<sup>1452</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Ex-dirigentes do Corinthians são suspensos por três anos”. São Paulo, 13/11/2007, p. A1.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Dualib e vice são afastados do futebol”. São Paulo, 13/11/2007, p. D1.

o processo em abril de 2014<sup>1453</sup>. O episódio, de qualquer jeito, foi tão marcante que, em comunicado de março de 2008, a respeito da proposta de nova legislação regulando diversos aspectos do futebol, a FIFA, sem citar, deu a parceria como exemplo do que buscava combater em termos de crime organizado<sup>1454</sup>.

Fora a parceira, o Corinthians teve de conviver ainda no período recortado para esta dissertação, entre dezembro de 2006 e maio de 2009, com esqueletos da gestão Dualib que não paravam de sair do armário. Em dezembro de 2007, no dia seguinte à notificação enviada à MSI formalizando o fim da parceria, ratificando a decisão de julho de seu Conselho Deliberativo, a Promotoria começava nova investigação no clube, sobre desvio de dinheiro em vale-refeições<sup>1455</sup>. Em fevereiro de 2009, notou-se um “sumiço” de R\$ 17 milhões da contabilidade, relativo ainda à gestão encerrada dois anos antes<sup>1456</sup>. Já com Andrés Sanchez — justo ele, ex-aliado de Dualib e sobre quem pairaram suspeitas por um tempo<sup>1457</sup> — como presidente, em setembro de 2008, algumas práticas polêmicas ainda eram adotadas. O representante do técnico Mano Menezes, Carlos Leite, emprestou R\$ 600 mil ao clube para contratar dois jogadores de quem também se tornou, automaticamente, representante — e ainda tinha outros três jogadores no grupo corintiano<sup>1458</sup>. O episódio, de qualquer maneira, motivou o Conselho de Orientação a recomendar uma “auditoria mensal” no clube<sup>1459</sup>. Um diretor de futebol amador ainda foi acusado de assediar sexualmente menores de idade nas categorias de base do clube<sup>1460</sup> e suspeitou-se de irregularidades na eleição<sup>1461</sup>.

Um caso em especial também ganhou destaque na capa e acompanhamento mais prolongado no “Esporte”. Uma das estrelas do time considerado de “galácticos”, contratado no início da parceria, Nilmar alegava junto a seus advogados não ter recebido os valores combinados em contrato e, por isso, exigia a rescisão. Em 21 de agosto de 2007, diante de

---

<sup>1453</sup> Segundo notícia do portal UOL, do mesmo grupo da *Folha de S.Paulo*. Disponível em: <http://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas-noticias/2014/04/04/justica-nao-liga-crime-de-chefao-da-msi-ao-corinthians-e-livra-kia-e-dualib.htm>

<sup>1454</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Entidade firma regras contra as ‘MSIs’”. São Paulo, 13/03/2008, p. D1.

<sup>1455</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “De novo, Corinthians é alvo da Promotoria”. São Paulo, 22/12/2007, p. D3.

<sup>1456</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Relatório faz ‘sumir’ R\$ 17 mi no Corinthians”. São Paulo, 10/02/2009, p. D2.

<sup>1457</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Neta de Dualib diz que Andrés ainda quer euros de Kia”. São Paulo, 25/11/2007, p. D4.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Cartola alega que houve distorção”. São Paulo, 25/11/2007, p. D4.

<sup>1458</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Agente de Mano financia Corinthians”. São Paulo, 17/09/2008, p. D1.

<sup>1459</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Cori recomenda ao Corinthians que implante auditoria mensal”. São Paulo, 19/09/2008, p. D2.

<sup>1460</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “‘Alguns pais inventam histórias’, diz Nesi Curi”. São Paulo, 10/11/2007, p. D4.

<sup>1461</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “‘Resgate de sócio’ põe sob suspeita pleito corintiano”. São Paulo, 03/02/2009, p. D2.

decisão favorável ao jogador, a primeira página anotou, no meio da confusão política do clube e do escândalo da MSI, a chamada de que: “Justiça anula contrato e libera Nilmar para deixar o Corinthians”<sup>1462</sup>. Comentou-se ainda sobre o possível destino do atacante<sup>1463</sup> e o acordo do clube paulista para ressarcir o Lyon, da França, e o Internacional, pela transação — o que custou, no total, 8 milhões de euros<sup>1464</sup>.

O ano de 2007, portanto, fora suficientemente atribulado para o Corinthians. Em campo, o cenário também foi desolador. A equipe terminou em 17º lugar no Campeonato Brasileiro e, com isso, acabou rebaixada para a Série B. Uma vergonha esportiva, munição para rivais fazerem troça por pelo menos um ano, o que detonou toda a ira da torcida:

A trégua acabou. Horas após o Corinthians ter sacramentado sua queda para a segunda divisão do Brasileiro, torcedores agrediram atletas, fizeram ameaças ao elenco e até colocaram o dedo em riste na cara do presidente Andrés Sanches, que fizera discurso contra atos violentos em Porto Alegre.

O primeiro entrevero ocorreu ainda na capital gaúcha, no ônibus que levava a delegação corintiana ao aeroporto Salgado Filho. O membro e ex-presidente da torcida organizada Gaviões da Fiel Douglas Deungaro, conhecido como Metaleiro, furou a segurança e se escondeu no banheiro do veículo.

Minutos depois de ter deixado o estádio Olímpico, Metaleiro escancarou a porta do banheiro e fez ameaça aos atletas. “Eu falei que, se caísse, todos iriam apanhar”, afirmou ele, que agrediu o lateral-esquerdo Everton Ribeiro e os atacantes Clodoaldo e Wilson.

(...)

A confusão na aeronave, porém, prosseguiu. Minutos antes do pouso, um grupo de torcedores ordenou aos atletas que cantassem o hino do clube. Quem não o fizesse, disseram, iria apanhar. Ninguém cantou.

Um torcedor, então, ameaçou Lulinha, chamando-o de “bebezão”. Outros ameaçaram fazer um “corredor polonês” para os atletas na chegada à capital. O técnico Nelsinho Baptista também foi ofendido.

A delegação embarcou em um ônibus na pista do aeroporto de Cumbica.

Ontem foi a vez de Andrés ser cobrado. Cerca de 50 integrantes de organizadas foram ao Parque São Jorge protestar.

Exigiram também falar com o presidente do clube, que aceitou o pedido e os recebeu nas arquibancadas da Fazendinha.

Cercado pelos torcedores, Andrés ouviu cobranças pela queda. Um membro do protesto, mais exaltado, tomou a palavra, logo após Andrés dizer que, ‘antes de ser presidente, era torcedor’ e que havia “feito de tudo, mas não deu”.

O torcedor, com a camisa da Gaviões da Fiel e identificado apenas pelo apelido, Monga, disse para o cartola, com o dedo em riste: “Você é um lixo, você rebaixou o Corinthians, você deveria renunciar. Foi o seu grupo de conselheiros que fez a parceria ser aprovada”.

<sup>1462</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “esporte - Justiça anula contrato e libera Nilmar para deixar o Corinthians”. São Paulo, 21/08/2007, p. A1.

<sup>1463</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Empresário decide hoje futuro de Nilmar”. São Paulo, 14/09/2007, p. D2.

<sup>1464</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Corinthians faz acerto para pagar Lyon e Inter”. São Paulo, 27/10/2007, p. D1.  
FOLHA DE SÃO PAULO. “Nilmar: Lyon aceita acordo de pagamento”. São Paulo, 15/12/2007, p. D1.

Andrés, cabisbaixo, assentia com a cabeça enquanto ouvia o desabafo do corintiano.

Antes de se retirar do encontro, o presidente cantou o hino do clube alvinegro junto com os torcedores e abraçou alguns manifestantes.<sup>1465</sup>

Apenas um fenômeno seria capaz de mudar esse noticiário negativo do Corinthians. Foi o que aconteceu, após uma temporada de reestruturação, recuperação e retorno à Série A do Campeonato Brasileiro sacramentado, em dezembro de 2008, com “a contratação mais badalada do futebol brasileiro nos últimos tempos”<sup>1466</sup>. Ronaldo, bicampeão mundial pela seleção brasileira (1994 e 2002) e astro internacional, recolocou o clube nas capas da *Folha de S. Paulo*, só que agora de maneira positiva. A apresentação do atacante, “digna da envergadura de uma estrela internacional”, com “toque de sirene, 500 litros de champanhe e a presença de cerca de 6 mil torcedores”, mereceu a foto principal da edição de 13 de dezembro de 2008. A manchete anunciava: “Apresentação de Ronaldo atrai multidão ao Parque São Jorge” — com “Ronaldo” maior do que as outras palavras<sup>1467</sup>. O “Esporte” reservou três páginas ao assunto. Utilizando um recurso comum na “Ilustrada”, deixou-se apenas uma faixa horizontal de cerca de um quarto da página para o cabeçalho, título e subtítulo da reportagem principal, que seria realmente iniciada nas duas páginas seguintes, e o restante para uma peça publicitária. Na “Ilustrada”, mulheres lindas valorizando marcas de roupas, acessórios, sapatos e perfumes. No caso do caderno esportivo, uma campanha da Nike, fornecedora de material do time paulista e da CBF e patrocinadora do jogador. A imagem era a das costas da camisa alvinegra e o número, o “9”, até hoje associado a Ronaldo — que é dono de uma agência de comunicação voltada para esporte e entretenimento, a *Gine Sports and Entertainment*. A frase da propaganda, uma campanha da empresa americana, aludia a mais uma do craque que “deu tantos dribles na adversidade” (Máximo & De Castro, 2011- p. 422): “Volta por cima Ronaldo. Rala que rola.”. De certa forma, valia para os corintianos, que tinham acabado de vencer a Série B, retornando, portanto, à elite do futebol brasileiro, e recolocando-se em outro patamar com um fenômeno em campo. Isso ficaria nítido ao longo de sua passagem.

Ronaldo virou alvo, ainda naquele dia da apresentação, do colunista de humor da *Folha*, José Simão, por causa de seu sobrepeso (“Ueba! Portugal lança camisola do Ronaldo!”<sup>1468</sup>) e

<sup>1465</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Após queda, torcida agride, ameaça e cobra”. São Paulo, 04/12/2007, p. D2.

<sup>1466</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Com champanhe, astro vive dia de ‘príncipe Charles’”. São Paulo, 13/12/2008, p. D3.

<sup>1467</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Apresentação de Ronaldo atrai multidão ao Parque São Jorge”. São Paulo, 13/12/2008, p. A1.

<sup>1468</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Ueba! Portugal lança camisola do Ronaldo!”. São Paulo, 13/12/2008, p. E16.

do episódio mal-explicado em que envolveu-se com transgêneros que trabalhariam com prostituição e possível venda de drogas (“Ronaveca pensa que traveco é mulher e que o Corinthians é time”<sup>1469</sup>). Até essas piadas, porém, indicavam a importância do assunto, inicialmente, de sua contratação e, em seguida, de sua presença no Corinthians, para o noticiário. Na véspera da apresentação do atacante, por exemplo, o jornal mostrou-se curioso em saber em que bairro decidira morar. Era como se estivesse ávido por ver São Paulo pelo olhar de uma estrela internacional, como se suas escolhas tivessem poder de validar ou recriar símbolos e espaços — como ajudaria, de fato, o Corinthians nesse sentido. Dizia a reportagem que, apesar de “dono de uma série de apartamentos nos Jardins”, buscava um apartamento para alugar em Higienópolis, região nobre do Centro, onde moravam “os principais amigos do atleta na cidade”, “longe do Parque São Jorge, que fica na zona leste”<sup>1470</sup>. O atacante reforçava, assim, a separação da cidade, pois, ainda que representante de uma parcela de menor poder aquisitivo e/ou da região de seu clube, a Zona Leste, preferia atender às suas necessidades e desejos para viver numa região mais luxuosa da metrópole.

Como poucos, Ronaldo soube usar o carisma em favor próprio, dos clubes que defendeu, da seleção brasileira e, claro, de seus parceiros comerciais e patrocinadores, como a Nike. Com sua presença, o Corinthians justificou ingressos mais caros a partir de 2009. O aumento nos preços sofreu resistência<sup>1471</sup>, mas rapidamente a procura cresceu e registraram-se filas enormes<sup>1472</sup>. Graças também ao atacante, o presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, apaixonado por futebol e pelo clube alvinegro, recebeu o presidente corintiano, Andrés Sanchez, e o técnico Mano Menezes. Na foto principal da edição de 13 de maio de 2009, Ronaldo e Lula “batiam bola” no escritório da presidência em São Paulo<sup>1473</sup>. E a própria *Folha* concedeu ao craque um espaço dedicado a poucos, geralmente a grandes personalidades e/ou celebridades, o de sua sabatina. A capa de 16 de maio de 2009 era mais uma vez do Fenômeno, rindo e coçando a cabeça antes de responder a uma das perguntas da plateia, aberta aos leitores.

---

<sup>1469</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Ronaveca pensa que traveco é mulher e que o Corinthians é time”. São Paulo, 13/12/2008, p. A1.

<sup>1470</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Atacante escolhe casa longe de clube”. São Paulo, 12/12/2008, p. D1.

<sup>1471</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Corinthians cobra mais caro por Ronaldo no Paulista”. São Paulo, 15/12/2008, p. D3.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Ingresso caro afasta público dos jogos do Corinthians”. São Paulo, 06/02/2009, p. A1.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Ingresso para pagar Ronaldo encalha”. São Paulo, 06/02/2009, p. D1.

<sup>1472</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Fila fenomenal”. São Paulo, 10/03/2009, p. D2.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Time terá camisa limpa e arquibancadas lotadas”. São Paulo, 11/03/2009, p. D1.

<sup>1473</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Papo-cabeça”. São Paulo, 13/05/2009, p. A1.  
FOLHA DE SÃO PAULO. “Todo poderoso”. São Paulo, 13/05/2009, p. A6.

Na ocasião, a manchete foi sua crítica a Ricardo Teixeira, presidente da CBF, chamando-o de “duplo caráter”<sup>1474</sup> — o que não o impediria, um ano e meio depois, de aceitar cargo de dirigente no Comitê Organizador Local (COL) da Copa do Mundo de 2014 a convite do desafeto, a quem serviria de “escudo”<sup>1475</sup>. Ainda assim, como com qualquer ser mundano, previu-se, ainda em dezembro de 2008, perto da data de sua apresentação, que não conseguiria escapar de certas coisas. O “folclore corintiano”, segundo uma reportagem, passava pelas críticas dos antigos associados do clube, nas alamedas do Parque São Jorge, pelas eventuais pressões, por vezes violentas, de grupos de torcedores, a “palpites, pedidos e convites” de caciques políticos<sup>1476</sup>. O próprio Ronaldo, com alguns meses de casa, mostrou-se inserido, tornando-se “consultor” na construção do atual Centro de Treinamento corintiano, em área do Parque Ecológico do Tietê, na Zona Leste<sup>1477</sup> — inaugurado, mais precisamente, em setembro de 2010.

- O resto

Os rivais dentro da capital paulista viveram situações em que ficaram em evidência como o Corinthians, mas nenhuma a ponto de repercutir tantos dias na capa da *Folha de S.Paulo*, algo que só Ronaldo proporcionava, nem capaz de ameaçar a candidatura brasileira ou paulistana à sede da Copa do Mundo de 2014, como realmente aconteceu em razão do escândalo Corinthians-MSI.

O Palmeiras apareceu na primeira página do caderno “Esporte”, ao lado do Guarani, de Campinas, ao entrar na mira da Comissão de Valores Imobiliários (CVM) por ter captado “dinheiro dos torcedores sem autorização”. E, assim como Corinthians, por protagonizar seu “esquema de emissão de notas frias”, este entre 2001 e 2004. Segundo a reportagem, nos dois casos, a suspeita principal era a de que esse tipo de emissão “serviria para remunerar dirigentes que, em tese, se dedicam aos clubes voluntariamente” — ou seja, tratava-se de uma prática de enriquecimento ilícito. O Ministério Público paulista falava em empresas fantasmas e queria saber o tamanho do rombo no caixa. Os depoentes mencionaram compras de dólares e de

---

<sup>1474</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Chefe da CBF tem ‘duplo caráter’, afirma Ronaldo”. São Paulo, 16/05/2009, p. A1.

<sup>1475</sup> Segundo informações da reportagem “Ronaldo assume COL sem saber o que fazer”, do jornal *Estadão*. Disponível em: <http://esportes.estadao.com.br/noticias/geral,ronaldo-assume-col-sem-saber-o-que-fazer-imp-805654>

<sup>1476</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Folclore corintiano aguarda Ronaldo”. São Paulo, 21/12/2008, p. D3.

<sup>1477</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Corinthians tira CT do papel e usa Ronaldo como ‘consultor’”. São Paulo, 29/05/2009, p. D2.

árbitros de futebol<sup>1478</sup>. Dias depois, soube-se que a promotoria apurava outra fraude, esta da gestão em curso, do presidente Affonso Della Monica, que teria ocorrido em 2006<sup>1479</sup>. Sinceros, os palmeirenses admitiram total “falta de controle”<sup>1480</sup>.

O que se estendia também à Mancha Verde, que, sozinha, causava mais estragos do que as torcidas organizadas dos clubes rivais. Para começar, sua sede, na Barra Funda, na Zona Oeste, estava ilegal. Seus membros já tinham sido desalojados, mas voltaram a ocupar um galpão sem autorização da Prefeitura de São Paulo<sup>1481</sup> — onde a polícia encontraria munição (“oito cartuchos de pistola calibre 38”) oito meses depois<sup>1482</sup>. A Mancha ainda invadiu a sede da FPF em abril de 2008 para acompanhar o sorteio dos árbitros para as semifinais do Campeonato Paulista. Não era algo normal e nem se deu de forma tranquila. De acordo com o relato, “após discutirem e trocarem empurrões com os seguranças, eles pularam as catracas e entraram no local da reunião”. Com os ânimos mais calmos, foram convidados a tirar uma das bolinhas dos sorteios para verem que não havia escolha premeditada, suspeita que motivara a presença<sup>1483</sup>. Em maio do mesmo ano, na comemoração do título paulista, ainda durante o jogo (goleada de 5 a 0 sobre a Ponte Preta), membros da organizada sem ingresso forçaram a entrada no Parque Antarctica, fazendo da rua Turiassú um “barril de pólvora”, com cadeiras, garrafas e pedras arremessadas e tiros de bala de borracha<sup>1484</sup>. E se havia confusão até em momentos de festa, a situação se agravava naqueles de crise. Em novembro, o técnico Vanderlei Luxemburgo foi agredido no Aeroporto de Congonhas e o clube reforçou a segurança contra a própria torcida<sup>1485</sup>.

À parte o sucesso esportivo, o São Paulo passou praticamente despercebido no noticiário de 2007. Contestou decisão da Justiça que determinava a penhora de 20% da renda de seus jogos no Campeonato Brasileiro<sup>1486</sup> — problema resolvido em quatro dias<sup>1487</sup>, digno de duas notas pequenas — e foi alvo de reportagem sobre excursão infantil pelo estádio do Morumbi,

---

<sup>1478</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Promotoria apura fraude no Palmeiras”. São Paulo, 18/10/2008, p. D1.

<sup>1479</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Promotoria apura outra fraude no Palmeiras”. São Paulo, 21/10/2008, p. D2.

<sup>1480</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Investigado, Palmeiras admite falta de controle”. São Paulo, 22/10/2008, p. D2.

<sup>1481</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Mancha volta a ocupar galpão em terreno da Prefeitura”. São Paulo, 09/10/2007, p. D3.

<sup>1482</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Polícia acha munição na sede da Mancha”. São Paulo, 02/07/2008, p. D4.

<sup>1483</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “FPF torna invasão da Mancha caso de polícia”. São Paulo, 19/04/2008, p. D2.

<sup>1484</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “foco - ‘Barril de pólvora’ explode, e Mancha tem passe livre no Parque Antarctica”. São Paulo, 05/05/2008, p. D4.

<sup>1485</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Em meio a crise, Palmeiras reforça segurança contra própria torcida”. São Paulo, 18/11/2008, p. A1.

<sup>1486</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Clube contesta penhora por dívida com INSS”. São Paulo, 12/10/2007, p. D2.

<sup>1487</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Na Justiça, clube volta a ter 100% das rendas”. São Paulo, 16/10/2007, p. D2.

uma de suas tentativas de atrair mais torcedores<sup>1488</sup>. Aquele era o segundo ano seguido em que se sagrava campeão nacional com antecedência. Em 2008, ainda que alcançando o terceiro Brasileirão, um tricampeonato legítimo, o único na história do futebol nacional — e o seu sexto, no total —, sofreu. A taça veio apenas na última rodada e cercada de suspeitas. Como se a sorte estivesse prestes a mudar de lado.

Nesse jogo derradeiro, São Paulo x Goiás, soube-se de uma “suposta tentativa de manipulação de resultado”<sup>1489</sup> e, agindo para preservar o campeonato, a CBF tirou o árbitro Wagner Tardelli da escala. O São Paulo precisava de uma vitória para garantir o troféu sem depender do resultado do Grêmio e, pelo noticiário apresentado em 7 de dezembro de 2008, poderia vir a ser beneficiado por meios escusos. A história apresentada naquela edição era a de que uma secretária do clube paulista “telefonou para a secretária de [Marco Polo] Del Nero [presidente da FPF] a fim de entregar ingressos do show da cantora Madonna para convidados da FPF. Reinaldo Carneiro Bastos, vice da entidade, teria pedido um convite para Tardelli. A secretária não sabia do pedido e teria dito ao presidente apenas que tinha um envelope do São Paulo para entregar ao juiz. Del Nero, então, ligou para [Ricardo] Teixeira [presidente da CBF]”. Ou seja, a suspeita era a de que o árbitro seria “comprado” com ingressos para um show. Essa versão, a única naquele momento, era “tida como fantasiosa”<sup>1490</sup>. Tardelli disse estar tranquilo, que alguém estaria usando seu nome para negociar essa suposta manipulação de resultado: “O que aconteceu nesse caso é a chamada bola nas costas”<sup>1491</sup>. O São Paulo se sentiu prejudicado, queixando-se de que teria sido uma notícia “plantada”<sup>1492</sup>. O Goiás, por sua vez, queixou-se dos poucos detalhes da CBF para tomar a decisão<sup>1493</sup>. O Grêmio, candidato ao título, falou que o episódio maculava o campeonato e, por isso, queria o adiamento da rodada decisiva<sup>1494</sup>.

As equipes entraram em campo e, por 1 a 0, com um gol impedido de Borges, o São Paulo venceu o Goiás e sagrou-se campeão<sup>1495</sup>. O Grêmio, que precisava ganhar e torcer pela derrota são-paulina, também triunfou e deu uma volta olímpica, comemoração comum aos campeões, por entender-se injustiçado. Em 8 de dezembro, repercutindo eventuais

<sup>1488</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Morumbi foca torcedor mirim”. São Paulo, 19/08/2007, p. D5.

<sup>1489</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Troca de juiz tumultua decisão do Brasileiro”. São Paulo, 07/12/2008, p. A1.

<sup>1490</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “CBF coloca campeonato sob suspeita”. São Paulo, 07/12/2008, p. D1.

<sup>1491</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “entrevista - Tardelli diz que decisão foi correta”. São Paulo, 07/12/2008, p. D1.

<sup>1492</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Para São Paulo, novo árbitro ajudou rival”. São Paulo, 07/12/2008, p. D1.

<sup>1493</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Para Goiás, vetado já fora alvo de críticas”. São Paulo, 07/12/2008, p. D1.

<sup>1494</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Isso macula todo o torneio, diz Grêmio”. São Paulo, 07/12/2008, p. D1.

<sup>1495</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “O iluminado”. São Paulo, 08/12/2008, p. A1.



desdobramentos ou relatos dos dirigentes, a *Folha* registrou que Del Nero, informante da suspeita, “calou-se” e não havia ainda “nenhuma prova concreta”<sup>1496</sup>. Irritado, o São Paulo rompeu relações e, “em seguida, escancarou sua mágoa, que passa pela certeza de que a federação não quer o Morumbi na Copa-14 e por suposta simpatia da entidade com o Palmeiras, do qual Del Nero é conselheiro”<sup>1497</sup>. Em 9 de dezembro, pela segunda vez na capa do caderno “Esporte”, destacou-se que já se trabalhava para esfriar o caso. O STJD declarou sigilo sobre o processo. A CBF proibiu Wagner Tardelli de dar entrevistas. E a Federação e Del Nero mudaram de discurso, passando a isentar o São Paulo (“O campeonato terminou bem, houve um legítimo campeão e não há suspeita sobre ele”) e colocando o vice-presidente (Reinaldo Carneiro Bastos) na berlinda (“Ele que se explique”)<sup>1498</sup>. O São Paulo ameaçava disputar o Campeonato Paulista, organizado pela FPF, com reservas<sup>1499</sup>.

Pelo quarto dia seguido acompanhando o assunto, a publicação informou, em 10 de dezembro, dois aspectos curiosos a respeito da investigação do episódio. O primeiro que, “em ato inédito, o STJD reivindicou dados telefônicos dos envolvidos”, o que seria prerrogativa apenas da Justiça comum<sup>1500</sup>. O segundo, que o despacho com esse pedido era de Rubens Approbatto, amigo de Del Nero, um dos investigados no processo<sup>1501</sup>. Depois de dois dias de pausa no tema, em 13 de dezembro, por causa dos depoimentos no STJD<sup>1502</sup>, surgiu outra suspeita, a da incoerência quanto à denúncia de Del Nero. Os ingressos enviados pela secretária do São Paulo estavam protocolados com a data de 1º de dezembro. O sorteio dos árbitros que apitariam na rodada fora em 3 de dezembro<sup>1503</sup>. Dessa forma, não havia como o clube ter enviado ingressos para agradar a Wagner Tardelli sem nem saber se seria ele quem estaria apitando sua partida decisiva. Ainda naquele fim de 2008, o Tribunal acabou por absolvê-lo<sup>1504</sup> e, de medida concreta, a Comissão de Arbitragem da FPF proibiu os árbitros de receberem

<sup>1496</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Federação detona crise e se cala”. São Paulo, 08/12/2008, p. D6.

<sup>1497</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Caso expõe rixa São Paulo x FPF”. São Paulo, 08/12/2008, p. D7.

<sup>1498</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “STJD, CBF e federação já arrefecem caso Tardelli”. São Paulo, 09/12/2008, p. D1.

<sup>1499</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “São Paulo ameaça disputar Paulista com time reserva”. São Paulo, 09/12/2008, p. D2.

<sup>1500</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “STJD ‘quebra’ sigilo telefônico”. São Paulo, 10/12/2008, p. D5.

<sup>1501</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Laços: presidente de tribunal tem amizade com um dos investigados”. São Paulo, 10/12/2008, p. D5.

<sup>1502</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Caso Tardelli: Juvenal Juvêncio deve depor hoje no Rio de Janeiro”. São Paulo, 17/12/2008, p. D2.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Confiança: Juvenal tece elogios ao STJD”. São Paulo, 18/12/2008, p. D7

<sup>1503</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Vice e São Paulo desmentem Del Nero”. São Paulo, 13/12/2008, p. D6.

<sup>1504</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Absolvido: Tardelli não sofrerá denúncia em inquérito do STJD”. São Paulo, 19/12/2008, p. D1.

qualquer presente e de concederem entrevistas<sup>1505</sup>. Del Nero, por sua vez, em decisão unânime, acabou condenado, em março de 2009, à pena mínima por queixa infundada: 90 dias de suspensão e multa de R\$ 10 mil<sup>1506</sup> — e teve recurso negado<sup>1507</sup>. O título são-paulino ainda teve outra mancha. Um rapaz morreu por conta de disparo de um policial durante repressão aos festejos em Brasília<sup>1508</sup>, e outro, na Zona Leste da capital paulista, acabou na UTI após ser atingido por um tiro nas costas de um suposto corintiano<sup>1509</sup>. Uma verdadeira “festa frustrada”<sup>1510</sup>.

Os demais clubes paulistas só conseguiram rivalizar com o Corinthians quando estiveram envolvidos numa mesma polêmica. O momento em que Palmeiras e São Paulo chegaram mais perto foi quando totalizaram quatro chamadas na capa da *Folha de S. Paulo*. “Jogador do São Paulo vai processar diretor palmeirense por dizer que ele é homossexual” foi a primeira, em 28 de junho de 2007<sup>1511</sup>. Richarlyson entrou na Justiça contra José Cyrillo Jr, que, ao falar sobre a possibilidade de um homossexual no grupo palmeirense, no programa “Debate Bola”, da TV Record, respondeu: “O Richarlyson quase foi do Palmeiras”<sup>1512</sup>. Textos curtos nos dois dias seguintes reiteraram o desejo de Richarlyson de entrar na Justiça<sup>1513</sup> e confirmaram o processo. O assunto ganhou maiores proporções, retornando à primeira página da publicação, em 3 de agosto, quando o juiz Manoel Maximiliano Junqueira Filho decidiu arquivar o caso, classificando na sentença o futebol como “jogo viril, varonil, não homossexual” e sugerindo que, se Richarlyson fosse gay, para o são-paulino “melhor seria que abandonasse os gramados”. O advogado entrou com uma apelação contra a decisão e acusou o juiz de homofobia<sup>1514</sup>. No dia seguinte, o ministro da Secretaria Especial dos Direitos Humanos da Presidência da

<sup>1505</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Federação paulista veta mimos para árbitros”. São Paulo, 18/12/2008, p. D7.

<sup>1506</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Presidente da FPF é condenado por queixa infundada”. São Paulo, 05/03/2009, p. D2.

<sup>1507</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Del Nero tem recurso negado por tribunal”. São Paulo, 17/03/2009, p. D3.

<sup>1508</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Torcedor são-paulino morre no DF; coronhada foi causa, diz médico”. São Paulo, 12/12/2008, p. A1.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Disparo matou são-paulino, afirma IML”. São Paulo, 18/12/2008, p. D7.

<sup>1509</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Fora da UTI: fã baleado em SP melhora”. São Paulo, 12/12/2008, p. D4.

<sup>1510</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Festa frustrada: polícia entra em conflito com torcida na Paulista”. São Paulo, 08/12/2008, p. D4.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Rodada deixa dois feridos com gravidade”. São Paulo, 09/12/2008, p. D2.

<sup>1511</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Jogador do São Paulo vai processar diretor palmeirense por dizer que ele é homossexual”. São Paulo, 28/06/2007, p. A1.

<sup>1512</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “São-paulino deve mover ação contra cartola rival”. São Paulo, 28/06/2007, p. D2.

<sup>1513</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Richarlyson: atleta vai mesmo à Justiça”. São Paulo, 29/06/2007, p. D2.

<sup>1514</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Futebol é varonil, não homossexual”. São Paulo, 03/08/2007, p. D2.

República, Paulo Vannuchi, e os ministros do Supremo Tribunal Federal (STF) Celso de Mello e Marco Aurélio de Mello criticaram o juiz do caso<sup>1515</sup> e organizações de homossexuais, chocadas, preparavam-se para mover processo contra o magistrado<sup>1516</sup>. Richarlyson só veio a público falar sobre o tema na véspera de uma partida, quando selecionado para a entrevista coletiva do dia no São Paulo. Em 8 de agosto, o jornal registrou as críticas do jogador<sup>1517</sup>, sintetizadas no título de “Esporte”: “O preconceito denigre o Brasil”<sup>1518</sup>.

No ano seguinte, com a defesa rejeitada<sup>1519</sup>, o juiz recebeu, em dezembro de 2008, a pena de censura “por improbidade absoluta de linguagem em sentença”<sup>1520</sup>. O Juizado Especial Criminal (Jecrim), por sua vez, rejeitou a queixa-crime de Richarlyson contra Cyrillo Jr., acatando “o entendimento do Ministério Público, que viu apenas um ato falho por parte do dirigente palmeirense, em vez de real intenção de ofensa”<sup>1521</sup>. O jogador decidiu não apelar<sup>1522</sup> e, já que pedia indenização de R\$ 300 mil por danos morais, propôs ao dirigente um acordo judicial em que pagaria “dez cestas básicas a uma entidade beneficente” e, assim, encerrou a ação cível<sup>1523</sup>. O estrago, porém, estava feito. Em junho de 2008, em clássico entre Santos e São Paulo na Vila Belmiro, no litoral, os torcedores da casa estenderam faixa que dizia: “Sampaulinos (sic), o Ricky não é gay, ele faz tipo para agradar vocês” — retirada pela Polícia Militar antes de a bola rolar<sup>1524</sup>.

Entre os outros clubes paulistanos, convém destacar o espaço dedicado à Portuguesa, que por décadas até foi considerada um clube grande como Corinthians, Palmeiras e São Paulo. A Lusa, como também é conhecida, viveu uma verdadeira gangorra no período recortado para esta dissertação, entre dezembro de 2006 e maio de 2009. Uma reportagem de janeiro de 2008 tentava desvendar a causa da recuperação do time, que acabara de retornar à Série A-1 do

<sup>1515</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Governo e ministros do Supremo criticam juiz do caso Richarlyson por homofobia”. São Paulo, 04/08/2007, p. A1.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Ministros atacam discriminação no caso Richarlyson”. São Paulo, 04/08/2007, p. D1.

<sup>1516</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Organizações gays querem processar juiz”. São Paulo, 04/08/2007, p. D1.

<sup>1517</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Richarlyson critica juiz e afirma que preconceito tem de acabar”. São Paulo, 08/08/2007, p. A1.

<sup>1518</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “‘O preconceito denigre o Brasil’, diz Richarlyson”. São Paulo, 08/08/2007, p. D2.

<sup>1519</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Magistrado pode perder cargo”. São Paulo, 01/11/2007, p. D5.

<sup>1520</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Juiz que pregou futebol viril e varonil é punido”. São Paulo, 16/12/2008, p. D3.

<sup>1521</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Justiça não vê ofensa contra Richarlyson”. São Paulo, 07/11/2007, p. D2.

<sup>1522</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Richarlyson abre mão de queixa-crime” São Paulo, 09/11/2007, p. D3.

<sup>1523</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Em acordo, Richarlyson encerra ação cível contra palmeirense”. São Paulo, 13/05/2008, p. D3.

<sup>1524</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Preconceito: polícia retira na Vila faixa santista contra Richarlyson”. São Paulo, 02/06/2008, p. D1.

Campeonato Paulista, a elite do futebol do estado — o que motivou até a produção de um DVD sobre o feito, ainda que um tanto quanto mambembe<sup>1525</sup>. O texto apontava o patrocinador como o principal responsável tanto pela recuperação financeira como esportiva. Reforçando e, ao mesmo tempo, afastando o estereótipo de fãs originários majoritariamente da colônia portuguesa, o texto dizia que “um torcedor que nada tem a ver com o clichê do dono de padaria apaixonado pela Portuguesa foi um dos protagonistas do retorno do time à elite”. Tratava-se de Júlio Rodrigues, presidente do Banco Banif do Brasil, que emprestou dinheiro ao clube, “organizou suas contas e, em troca, estampou o nome da empresa na camisa do time”. As dívidas eram tão grandes que até o carrinho da maca de seu estádio, o Doutor Oswaldo Teixeira Duarte, o Canindé, chegou a ser alvo de penhoras<sup>1526</sup>. Naquele momento, os dirigentes falavam até de conversas com um possível investidor alemão. Da euforia, passar-se-ia à depressão. No fim de 2008, a Portuguesa repetiu o desempenho do Corinthians e acabou rebaixada para a Série B do Campeonato Brasileiro. Fanática, a torcida “ficou revoltada”. Teve de ser contida pela polícia para não pular o alambrado do Canindé. O mais criticado era Gottardi, “goleiro de várzea”, e o presidente do clube, Manuel da Lupa, ameaçado de morte<sup>1527</sup>.

O Juventus, um dos times mais tradicionais da capital, ligado aos italianos do bairro da Mooca, na Zona Leste, surgiu como exemplo de precariedade. O seu Conde Rodolfo Crespi, popularmente chamado de Rua Javari, era o “único estádio ‘sem luz’” da competição, já que não havia torres de iluminação, impedindo a realização de jogos noturnos, e capaz de “assar” quem sentava no banco de reservas, diante do forte calor nos horários permitidos (11h e 15h)<sup>1528</sup>. O Clube Atlético São Paulo, antigo São Paulo Athletic Club, que nem profissionalmente mais atuava, foi lembrado em maio de 2008 pela comemoração de seus 120 anos. A agremiação, que teve entre seus sócios mais ilustres Charles Miller, responsável por trazer o futebol ao país, colecionava “marcos históricos”. Foi “o primeiro clube esportivo de São Paulo, o primeiro campeão paulista de futebol e o primeiro tetracampeão no esporte”. Com cerca de 3 mil sócios, a maioria britânicos, ainda praticava rúgbi, bowls (“espécie de bocha jogada na grama”) e cricket<sup>1529</sup>.

<sup>1525</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “foco - Impróprio até 12 anos e com ‘Brando de Osasco’, filme da Lusa vai crescer”. São Paulo, 25/09/2007, p. D2.

<sup>1526</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Português dono de banco tira Lusa do buraco”. São Paulo, 13/01/2008, p. D4. FOLHA DE SÃO PAULO. “entrevista - ‘A Portuguesa não poderia desaparecer’”. São Paulo, 13/01/2008, p. D4. FOLHA DE SÃO PAULO. “foco - Em ano de retorno à elite, clube celebra união da nova e da velha-guarda”. São Paulo, 13/01/2008, p. D4.

<sup>1527</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Portuguesa cai, e torcida se revolta no Canindé”. São Paulo, 01/12/2008, p. D4.

<sup>1528</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Palco da 1ª partida, Javari assa até reservas”. São Paulo, 16/01/2008, p. D3.

<sup>1529</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “foco - Clube Atlético São Paulo, 1º campeão paulista de futebol, faz 120 anos”. São Paulo, 06/05/2008, p. C5.

Longe dos holofotes dos grandes clubes e mesmo desses menores, o jornal buscou ainda mostrar duas vezes, de maneira mais detalhada, a realidade de jogadores que, mais do que a ascensão na carreira, buscavam, primeiro, um time onde jogar. Em dezembro de 2006, a *Folha* descreveu o programa “Talentos do Esporte”, “programa organizado pelo clube Nacional, da capital paulista, para facilitar a jornada de profissionais desempregados ou jovens talentos rumo a um contrato no futebol. Os atletas inscritos possuem entre 16 e 25 anos e pagam R\$ 350 mensais para participar de sessões diárias de treinamentos. Enquanto isso, dirigentes tentam agendar duelos amistosos dos atletas ‘sem time’ contra clubes de todos os estados e divisões do Brasil”<sup>1530</sup>. Em iniciativa parecida, só que sem pagamento dessa mensalidade, o Sindicato dos Atletas Profissionais de São Paulo (Sapesp) tentava ajudar os estimados 15% de “sindicalizados sem contrato”, segundo texto de janeiro de 2007, realizando treinos no parque da Aclimação, na Zona Sul, orientando na assinatura de contrato - até para aqueles em quem não se notasse talento<sup>1531</sup>. Apesar de interessantes, as duas reportagens não mereceram a capa, apenas essa segunda levou a do “Esporte”. Chamada com direito a foto era privilégio dos clubes grandes, como em 7 de outubro de 2007: “São Paulo invade reduto do Corinthians em busca de talentos; times jogam hoje às 16h”, indicando uma história especial para “esquentar” o clássico daquele mesmo dia<sup>1532</sup>. A imagem mostrava dois meninos disputando a bola num campo de terra batida, remetendo à disputa entre os dois por crianças e jovens capazes de serem aproveitados nas categorias de base e, quem sabe, mais tarde, no time profissional. O São Paulo tinha acabado de firmar acordo com um clube de várzea da Zona Leste, reduto do Corinthians<sup>1533</sup>.

A Copa São Paulo de Futebol Júnior, organizada pela FPF e tradicional por revelar jogadores, já que se trata de um torneio com equipes de todo o país com garotos amadores, também era alvo das tais reportagens “especiais”. Realizada todo mês de janeiro, com a decisão sempre no aniversário da capital paulista, dia 25, no Pacaembu, atraía os holofotes por aproveitar um período escasso de notícias dos clubes profissionais, em pré-temporada e ainda nas primeiras partidas do ano. Todo o romantismo que cercava a Copinha, como carinhosamente era chamada, dos meninos que poderiam vir a despontar no futebol brasileiro, ia, aos poucos, desvanecendo. O período de recorte da dissertação, entre dezembro de 2006 e maio de 2009, mostrava como o dinheiro passava a importar mais do que qualquer coisa. Em

<sup>1530</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “foco - Futebol esfria no Brasil e reacende sonho de atletas do clube dos ‘sem-equipe’”. São Paulo, 02/12/2006, p. D2.

<sup>1531</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “No território, SP enfrenta o desemprego”. São Paulo, 23/01/2007, p. D1.

<sup>1532</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. São Paulo invade reduto do Corinthians em busca de talentos; times jogam hoje às 16h”. São Paulo, 07/10/2007, p. A1.

<sup>1533</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “São Paulo invade reduto corintiano por talentos”. São Paulo, 07/10/2007, p. D2.

2008, soube-se que “o critério financeiro valeu mais do que o técnico para a composição das chaves”. A cidade do estado de São Paulo que topasse gastar R\$ 70 mil para arcar “o custo médio com hospedagem, alimentação, transporte, segurança e assistência médica dos quatro clubes” de uma chave, estava dentro do mapa do torneio e podia indicar “um participante, mesmo que ele não seja do próprio município”. A regra deixava equipes de categorias de base campeãs e de melhor desempenho em competições fora da Copinha, preteridas pelas indicadas dos “investidores”<sup>1534</sup>. Em 2009, revelou-se que as placas de publicidade do estádio de Taubaté eram comercializados pela empresa do vice-presidente da FPF, Reinaldo Carneiro Bastos, e as partidas na cidade do interior aquelas com mais transmissões televisivas - sendo que oito chaves nem entravam na programação e o Palmeiras, por exemplo, apareceria menos do que o Taubaté<sup>1535</sup>. Naquele ano, ainda notou-se o aumento do número de “representantes de clubes europeus e asiáticos”, “olheiros das mais diversas nacionalidades” fazendo anotações e escolhendo “possíveis negócios e futuras contratações para seus clubes”<sup>1536</sup>.

#### - A praga de todos

A violência era o grande ponto comum entre o “trio-de-ferro”, como são conhecidos os três grandes clubes da capital paulista (Corinthians, Palmeiras e São Paulo), tanto dentro quanto fora dos estádios. A *Folha de S.Paulo* demonstrava preocupação frequente com as torcidas organizadas. Principalmente em jogos entre esses times, os chamados “clássicos” (termo que também designa os confrontos contra a Portuguesa e o Santos), e quando atuavam no mesmo dia, ainda que contra equipes do interior ou de outros estados, em duelos na capital paulista ou região metropolitana, o que poderia facilitar brigas na cidade ou nas rodovias, aquelas dos trajetos aos locais das partidas. Os responsáveis pela organização das competições ignoravam as recomendações para evitar esses confrontos casuais - e que, por vezes, chegavam a ser marcados por redes sociais. A polícia, por sua vez, mostrava-se incapaz de controlar os arruaceiros e mesmo de evitar os encontros.

Em março de 2007, dias depois de um incidente na Vila Belmiro, em Santos, em que até privada foi arremessada em briga de torcedores, a FPF, por exemplo, não viu problema em alterar a tabela para colocar, num mesmo domingo, um jogo do clube do litoral no Parque

<sup>1534</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Dinheiro vale mais que taça na Copa SP”. São Paulo, 05/01/2008, p. D3.

<sup>1535</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Copa SP vira vitrine para empresa de vices da FPF”. São Paulo, 07/01/2009, p. D1.

<sup>1536</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Empresários vasculham Copa SP por revelações”. São Paulo, 20/01/2009, p. D2.

Antarctica, estádio do Palmeiras, com a sede da Mancha nos arredores e, “a menos de três quilômetros”, o Corinthians atuando no Pacaembu, tudo na Zona Oeste de São Paulo. O São Paulo ainda iria a São Caetano do Sul enfrentar a equipe da cidade, criando outra oportunidade de confusão pela proximidade e a chance de cruzamento com santistas nas rodovias<sup>1537</sup>. O Ministério Público Estadual já havia alertado para que não se mandassem clássicos ao Parque Antarctica depois de uma briga no início daquele ano<sup>1538</sup>. Del Nero deu de ombros e, diante do comentário da reportagem dos embates na região, saiu-se com “certamente o policiamento saberá atuar”. O policiamento que, um mês antes, em fevereiro de 2007, agrediu “três jovens, com tapas, spray de pimenta e cassetetes”, obrigando um deles a “engolir um cigarro de maconha” e tomando seus ingressos<sup>1539</sup>.

Nada aconteceu naquela oportunidade, mas quatro meses depois, em julho de 2007, “pancadaria e correria envolvendo torcedores corintianos e são-paulinos” “nas proximidades do Parque São Jorge provocaram um clima de terror para os moradores do local e deixaram um corintiano gravemente ferido”. Na hora de intervir, “de acordo com depoimentos de ambulantes, os policiais, que chegaram disparando balas de borracha para dispersar os torcedores envolvidos na briga, aumentaram ainda mais o clima de medo e pavor”. No fim, “o saldo da briga generalizada estava nas ruas com poças de sangue manchando o asfalto, além de pedaços de paus, pedras e barras de ferro”. Foram 50 presos e um ferido<sup>1540</sup>, com “traumatismo encefálico”, ficou em “coma induzido”<sup>1541</sup> - seu agressor foi processado pela Promotoria<sup>1542</sup>.

Para Palmeiras x São Paulo, agora pelo Campeonato Brasileiro, mais uma vez ignorou-se a recomendação de se evitarem clássicos no Parque Antarctica. Até a estreia do uso de *palmtops* entre os policiais, para identificar eventuais suspeitos, o que daria agilidade ao processo, ficou em segundo plano<sup>1543</sup>. A polícia tratou o duelo como um “evento de alto

---

<sup>1537</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “FPF muda jogo e mistura quatro torcidas na cidade”. São Paulo, 22/03/2007, p. D1.

<sup>1538</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “memória: Briga perto de estádio fez promotoria pedir veto ao local”. São Paulo, 22/03/2007, p. D1.

<sup>1539</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Violência: TV capta abuso da Guarda Civil Metropolitana no Pacaembu”. São Paulo, 13/02/2007, p. D2.

<sup>1540</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Confronto de torcidas provoca terror e correria”. São Paulo, 15/07/2007, p. D11.

<sup>1541</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Torcedor está em coma, e PM já teme pelo próximo clássico”. São Paulo, 16/07/2007, p. D9

<sup>1542</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Promotor oferece denúncia contra torcedor são-paulino”. São Paulo, 31/07/2007, p. D2.

<sup>1543</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Clássico de risco terá teste na segurança”. São Paulo, 28/08/2007, p. D1.

risco”<sup>1544</sup> e àqueles que não faziam parte de torcidas organizadas, aconselhou que se “descaracterizassem de torcedor - substituindo a camisa do clube ou cobrindo-a com outra peça - até adentrar”<sup>1545</sup>. O relato do dia seguinte à partida classificou aquela noite como “calma”, diante de confusões anteriores, mesmo com três detenções por incitação à violência e mais três por porte de drogas. O goleiro Bosco, reserva do São Paulo, disse ter sido agredido por um grupo de 15 “quando se encaminhava para o ônibus do clube”<sup>1546</sup>, o que a diretoria palmeirense negou com imagens gravadas no dia seguinte<sup>1547</sup>.

Em 2007, a *Folha* ainda registrou confusões em dois clássicos no Morumbi: São Paulo x Santos, em setembro, com três ocorrências, a mais grave a de um torcedor que sofreu ferimentos com uma bomba caseira<sup>1548</sup>; e São Paulo x Corinthians, em outubro, em que torcedores corintianos tentaram romper o cordão de isolamento na arquibancada e “os policiais lançaram bombas de efeito moral nos briguentos, que responderam atirando pedras, paus e garrafas”<sup>1549</sup>. Ainda houve o episódio em que o presidente de honra da Mancha Alviverde, torcida organizada do Palmeiras, Paulo Serdan, agrediu Márcio Vicente, técnico da divisão de base do clube, “por substituir seu filho [Caíque]”<sup>1550</sup>. Como também era sócio do Palmeiras e a diretoria do clube soube do caso, esta suspendeu Serdan por 90 dias<sup>1551</sup>. O técnico largou o emprego com medo “de novamente ter de lidar com seu agressor”<sup>1552</sup>. Para também mostrar que não são apenas membros de organizadas os responsáveis por cenas de violência, a publicação contou ainda naquele ano do “bate-boca que acabou em agressão” nas numeradas do Morumbi entre um dirigente palmeirense e o filho de um dirigente são-paulino<sup>1553</sup>.

---

<sup>1544</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Riscos do clássico vão da tabela às arquibancadas”. São Paulo, 29/08/2007, p. D1.

<sup>1545</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “PM recomenda ‘disfarce’ e torce por frio e chuva”. São Paulo, 29/08/2007, p. D1.

<sup>1546</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Torcedores atacam Bosco na saída”. São Paulo, 30/08/2007, p. D2.

<sup>1547</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Palmeirenses se defendem de acusação que não existe”. São Paulo, 31/08/2007, p. D1.

<sup>1548</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Polícia: torcedor sofre ferimento com bomba caseira e é internado”. São Paulo, 16/09/2007, p. D4.

<sup>1549</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Confronto entre torcida corintiana e Polícia Militar precede clássico”. São Paulo, 08/10/2007, p. D3.

<sup>1550</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Membro de organizada agride técnico da base do Palmeiras”. São Paulo, 02/10/2007, p. D2.

<sup>1551</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Diretoria pune Serdan por agressão”. São Paulo, 03/10/2007, p. D3.

<sup>1552</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Apavorado, técnico foge de líder de organizada”. São Paulo, 05/10/2007, p. D3.

<sup>1553</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Cartolas ignoram ‘fair play’ e trocam socos no estádio”. São Paulo, 02/04/2007, p. D2.



Em 2008, o clássico Palmeiras x São Paulo talvez tenha sido, no período recortado para a dissertação, entre dezembro de 2006 e maio de 2009, aquele de tensão prolongada por mais tempo. Os clubes envolveram-se num episódio “condenável” no Parque Antarctica, em abril, quando “um gás que provoca irritação nos olhos e narinas” saiu pela tubulação que dava no vestiário dos são-paulinos<sup>1554</sup>. No dia seguinte, com a notícia de que o Tribunal de Justiça Desportiva de São Paulo (TJD-SP) poderia vetar o estádio palmeirense para a final do Campeonato Paulista por causa do incidente, o assunto mereceu chamada na capa<sup>1555</sup>. O clube acabou denunciado — para responder por “uma falha na segurança” —, mas conseguiu “alvará” para receber a decisão, numa dessas bizarrices dos regulamentos esportivos brasileiros<sup>1556</sup>. Entre idas e vindas, adiamentos e recursos, o caso teve “seu último capítulo” em setembro de 2008, quando o Superior Tribunal de Justiça Desportiva (STJD) decidiu, por unanimidade, manter a decisão da instância paulista de perda de um mando de campo e pagamento de multa de R\$ 10 mil<sup>1557</sup>. A decisão arrastada por seis meses fez com que as duas diretorias trocassem farpas e, em compromisso pelo Campeonato Brasileiro, em outubro, o Palmeiras duplicou a segurança particular no estádio para receber o São Paulo<sup>1558</sup>. As principais torcidas organizadas dos dois times (Mancha Alviverde e Independente) já haviam sido suspensas por um princípio de confusão em clássico realizado em Ribeirão Preto, no interior paulista, quando forçaram o portão de uma área vazia que as separava nas arquibancadas<sup>1559</sup>.

Violência e futebol estavam tão entrelaçados que as notícias de qualquer tipo de confronto, entre os torcedores, dos torcedores com os policiais, envolvendo ou não artefatos, como bombas, pau, pedra ou barras de ferro, e/ou armas de fogo, como revólveres, dentro ou fora do estádio, num bar, no metrô, perto ou longe, acabavam em notas curtas, como se pela obrigação jornalística de registrar - e o enfado de, novamente, ter de reportar esses incidentes, como uma praga interminável. Não importavam as cores. Era assim quando jogavam o Derby

---

<sup>1554</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Gás, grama, pêra e apagão colocam Parque em xeque”. São Paulo, 21/04/2008, p. D5.

<sup>1555</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Tribunal da federação paulista estuda veto a estádio do Palmeiras”. São Paulo, 22/04/2008, p. A1.

<sup>1556</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Denunciado, Palmeiras receberá final”. São Paulo, 25/04/2008, p. D1.

<sup>1557</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Gás de pimenta: tribunal mantém multa e perda de mando ao palmeiras”. São Paulo, 12/09/2008, p. D2.

<sup>1558</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Palmeiras duplica a segurança no clássico”. São Paulo, 18/10/2008, p. D3.

<sup>1559</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Federação bane Mancha e Independente”. São Paulo, 19/03/2008, p. D2.

(Corinthians x Palmeiras)<sup>1560</sup>, o Choque-Rei (Palmeiras e São Paulo)<sup>1561</sup> ou o Majestoso (São Paulo x Corinthians). Era preciso algo realmente sanguinolento para merecer destaque na capa do jornal, no “Esporte” ou mesmo espaço em uma das páginas do caderno. Em 2009, o alerta ligaria de vez.

A foto principal da capa de 16 de fevereiro mostrava um corintiano sem camisa, com uma atadura improvisada na perna direita, à espera de socorro, com sangue ao seu redor e dois outros torcedores amparando-o. Era o resultado de um clássico que, segundo a *Folha de S.Paulo*, terminava em “pancadaria”, “uma tragédia anunciada, após uma semana marcada pela troca de ofensas entre dirigentes dos clubes” — pela carga de ingressos destinada aos corintianos no Morumbi, aquele mesmo episódio que fez os alvinegros romperem com os tricolores. Depois de são-paulinos lançarem uma bomba caseira no setor em que estavam os corintianos no Morumbi, encurralados por muros e uma divisória de vidro para isolá-los, uma “área improvisada”, alguns entraram em confronto com a PM e pelo menos 30 ficaram feridos<sup>1562</sup>. A primeira página do “Esporte” também estampava a confusão na arquibancada, com o duelo esportivo em segundo plano<sup>1563</sup>, e, na cobertura do clássico, uma página apenas para o tema<sup>1564</sup>. No dia seguinte, com mais uma foto na capa do jornal, falava-se do “rescaldo” da guerra, apresentando ténis perdidos na hora do tumulto, empilhados no canto de um dos acessos à arquibancada. O número de feridos fora atualizado para 49<sup>1565</sup>. Enquanto investigava-

---

<sup>1560</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Fora de campo: jogo tem briga e maior público”. São Paulo, 03/03/2008, p. D1.

<sup>1561</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Organizadas ensaiam confronto”. São Paulo, 17/03/2008, p. D2.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Segurança: polícia militar diz não haver brigas de torcida no estádio”. São Paulo, 29/03/2009, p. D4.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Confusão leva 150 torcedores à delegacia”. São Paulo, 25/05/2009, p. D1.

<sup>1562</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Confronto após clássico fere mais de 30 torcedores”. São Paulo, 16/02/2009, p. A1.

<sup>1563</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Pancadaria encerra jogo no Morumbi”. São Paulo, 16/02/2009, p. D1.

<sup>1564</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Conflito ocorre em área improvisada”. São Paulo, 16/02/2009, p. D6.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Torcida canta violência desde a manhã do jogo”. São Paulo, 16/02/2009, p. D6.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Assentos inferiores tem clima tranquilo”. São Paulo, 16/02/2009, p. D6.

<sup>1565</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Rescaldo”. São Paulo, 17/02/2009, p. A1.

se a origem da confusão<sup>1566</sup>, debatia-se sobre a adoção de torcida única<sup>1567</sup> — o que viria a se concretizar em 2016<sup>1568</sup> — e a sensação de impunidade<sup>1569</sup>.

Cerca de um mês depois, em 23 de março, a violência numa partida de futebol novamente mereceu a foto principal. Thom Yorke, vocalista do Radiohead, banda que se apresentara no dia anterior num festival, cantava aos berros, como se horrorizado com a imagem ao lado, de torcedores santistas brigando com policiais em seguida à vitória corintiana no clássico<sup>1570</sup>. Mais uma vez, a confusão não se restringia aos membros de organizadas. O presidente do Santos, Marcelo Teixeira, “da janela do camarote que ocupava”, fez, ao lado de seus acompanhantes, gestos obscenos e xingou os corintianos, que, irritados, começaram a arremessar objetos e tentar invadir o setor. Teixeira saiu da área VIP escoltado por seguranças<sup>1571</sup>. No dia seguinte, o colunista José Roberto Torero, santista, contou como foi assistir “ao jogo com o inimigo”<sup>1572</sup> de uma forma divertida, mostrando, ao mesmo tempo, o comportamento *nonsense* das torcidas e a cegueira dos torcedores:

Neste fim de semana fiz um programa diferente: assisti ao jogo Corinthians e Santos. Não pela televisão, mas no estádio. E não do lado da torcida santista, mas entre os corintianos. Assisti ao jogo com o inimigo.

Queria saber como era a sensação de ver uma partida cercado por torcedores de outro time. E conhecer como é a torcida adversária. Eles são mais gritalhães, mais selvagens, mais amáveis? Prudentemente, fui com uma camisa preta, que tanto serviria para um time quanto para outro. Era um jeito de não ser tão infiel. Ou de ser um pouco Fiel. Na chegada, tive a impressão de que seria descoberto a qualquer hora e alguém fosse gritar: “Esse aí torce pelo Santos! Vamos linchá-lo!”.

Mas não teve nada disso. Sentei-me nas cadeiras descobertas, separado só por alguns metros dos santistas. É como se minha turma estivesse do outro lado da grade. Escolhi lugar entre um garoto de 13 anos usando camisa roxa e um gordinho um pouco calvo. O garoto ficou o jogo todo pulando. O gordinho, esfregando as mãos e sofrendo. Comprei um saquinho de amendoim (R\$ 4!)

<sup>1566</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “PM divulga versões conflitantes sobre caos”. São Paulo, 18/02/2009, p. D2.

<sup>1567</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Governo quer torcida única em São Paulo”. São Paulo, 19/02/2009, p. D2.

<sup>1568</sup> Por conta de uma morte em São Miguel Paulista, na Zona Leste de São Paulo, durante briga entre torcedores de Corinthians e Palmeiras, e detenção de 60 membros de torcidas organizadas dos dois clubes, em abril de 2016, o governo e o Ministério Público estaduais e a FPF anunciaram que os clássicos dos paulistas dali até o fim do ano teriam apenas a torcida do mandante. Proibiu-se ainda que as organizadas entrassem no estádio, ao menos caracterizadas com camisas, bonés, faixas e instrumentos. As informações são do site [globoesporte.com: http://globoesporte.globo.com/sp/futebol/noticia/2016/04/classicos-em-sao-paulo-terao-torcida-unica-ate-o-fim-deste-ano.html](http://globoesporte.globo.com/sp/futebol/noticia/2016/04/classicos-em-sao-paulo-terao-torcida-unica-ate-o-fim-deste-ano.html).

<sup>1569</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “No futebol, sensação de violência impune permanece intacta”. São Paulo, 22/02/2009, p. A1.

<sup>1570</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Com gol de Dentinho, Corinthians vence Santos em clássico que teve briga entre torcidas e policiais”. São Paulo, 23/03/2009, p. A1.

<sup>1571</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Santistas comuns e VIPs causam tumulto no fim”. São Paulo, 23/03/2009, p. D2.

<sup>1572</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Assisti ao clássico com o inimigo e vi que torcedores são todos iguais”. São Paulo, 24/03/2009, p. A1.

ofereci aos vizinhos e logo éramos amigos. Em nenhum momento falei que era corintiano ou santista. A ideia não era mentir e me passar por corintiano, só sentar ao lado dos torcedores do outro time.

O jogo começou. E aí veio a parte mais estranha. Era como se eu estivesse no País dos Espelhos. Tudo estava ao contrário. Quando o Santos atacava, os corintianos gritavam “Tira, tira!”. Quando atacavam, levantavam e vibravam. Eu, num exercício zen-budista, não me manifestava jamais. No máximo, fazia uns muxoxos com a boca quando o Santos errava algum lance.

Mesmo assim, ainda deu para fazer comentários com o gordinho do lado, que, sofrendo com mais um passe errado de seu meia, disse: “Esse Douglas me mata...”. Ao que comentei: “Ele deve ter feito uma aposta com o Lúcio Flávio para ver quem erra mais passes”.

O gordinho riu tanto que quase acreditei que a piada fosse boa. De repente, após um ataque santista, alguns torcedores viraram para os santistas e gritam “Viados!”, “Filhos da puta!”. No fim das contas, os caras estavam me xingando. Mas sem nenhum motivo. Só porque meu time atacou o deles.

Aliás, devo dizer os torcedores santistas batucaram um bocado. Ficaram o tempo todo fazendo barulho, mesmo com o time perdendo. Na Vila Belmiro, sempre fico impressionado com a Gaviões, porque ela jamais esmorece. Mas os 5% de santistas no estádio fizeram o mesmo papel. Provavelmente só vão para estes jogos os mais fanáticos, e estar em minoria lhes dá um sentido de união mais forte.

No segundo tempo, fui dar uma volta pelo setor VIP do Corinthians (onde as guloseimas eram ainda mais caras) e saí um minuto antes do fim do jogo para não ter que escutar os gritos corintianos de vitória. Por conta disso, perdi a briga, que aconteceu bem onde eu estava sentado. No fim das contas, fiquei com a impressão de que santistas, corintianos, palmeirenses e são-paulinos são todos iguais. Todos acham que são únicos, especiais e que torcem para o melhor time. Mas, na verdade, só muda a camisa.<sup>1573</sup>

No mesmo dia da coluna de Torero iniciava-se uma ofensiva de três dias seguidos na capa de “Esporte” sobre pontos nevrálgicos da violência no futebol. Todos direcionavam o foco para as torcidas organizadas, indicando, consequentemente, quem a *Folha de S.Paulo* via como culpada - ainda que com a colaboração de uma polícia ineficaz e dirigentes esportivos permissivos. Dia 24, o cadastro de torcedores foi chamado de “inócuo”, pois reunia dados de aproximadamente 22 mil membros de organizadas e sequer era consultado pela polícia. Como forma de, sutilmente, mostrar que o trabalho de identificação de quem se envolvia nas confusões era mais do que possível, montou na primeira página do caderno daquela edição um mosaico com fotos enquadrando o rosto de oito santistas<sup>1574</sup>. Dia 25, revelou-se que os grandes do estado “terceirizam a bilheteria às organizadas”<sup>1575</sup> e, dia 26, dirigentes negaram os benefícios<sup>1576</sup>.

<sup>1573</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Assistindo ao jogo com o inimigo”. São Paulo, 24/03/2009, p. D4.

<sup>1574</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Cadastro de torcedor em SP é inócuo”. São Paulo, 24/03/2009, p. D1.

<sup>1575</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Grandes de SP terceirizam bilheteria às organizadas”. São Paulo, 25/03/2009, p. D1.

<sup>1576</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Cartolas se contradizem em inquérito”. São Paulo, 26/03/2009, p. D1.

No começo de junho de 2009, fora do escopo desta dissertação, mas em seguida à oficialização de São Paulo como cidade-sede da Copa do Mundo de 2014 e, por isso, dignos de registro, ocorreram dois novos episódio de brigas de torcida. Exatamente no mesmo dia do anúncio da FIFA, em 31 de maio, houve confronto entre cerca de 350 torcedores de Santos e Corinthians. A informação, publicada apenas em 2 de junho, era de dois feridos e ao menos 110 presos:

Por volta das 19h10, depois da vitória do time litorâneo por 3 a 1, na Vila Belmiro, 50 torcedores corintianos, que se dirigiam ao estacionamento do supermercado acompanhados por viaturas policiais, foram cercados por 300 santistas nas ruas próximas ao estabelecimento, localizado a dois quilômetros do estádio.

Os agressores, armados com pedaços de pau com pregos, pedras e rojões, estavam uniformizados e foram identificados como integrantes da Torcida Jovem e da Torcida Sangue Jovem. De acordo com a polícia, a ação foi premeditada.

O confronto generalizado continuou dentro do estabelecimento e gerou pânico entre as pessoas que faziam compras. Segundo testemunhas, produtos à venda e carrinhos de supermercado foram arremessados. A polícia conteve o quebra-quebra com tiros de borracha.

Dois dos torcedores envolvidos na briga, com ferimentos leves, foram atendidos em um hospital da cidade e liberados.<sup>1577</sup>

A edição de 4 de junho, por sua vez, apresentou a foto de bombeiros apagando as chamas do que já era a carcaça de um ônibus nos arredores do estádio do Pacaembu, onde Corinthians e Vasco jogaram por uma vaga na decisão da Copa do Brasil<sup>1578</sup>. Corintianos armaram uma emboscada para os vascaínos na Marginal Tietê, entre as pontes das Bandeiras e da Casa Verde, na Zona Norte, que acabou com um morto e 32 detidos. Soube-se por informações do dia seguinte que o duelo envolveu até 450 pessoas e era mesmo um cenário de guerra, com “barras de ferro, fogos de artifício, pedras, facas e pelo menos duas armas de fogo - uma espingarda calibre 12 e uma pistola”<sup>1579</sup>. A vítima fatal fora encontrada “sem camisa de time, apenas de cueca, às margens da via, muito ferido por pauladas e facadas”. O ônibus queimado ficava na entrada dos torcedores vascaínos e fora incendiado com a partida em andamento. Três carros que estavam próximos foram consumidos pelo fogo e, segundo a reportagem, “as labaredas eram visíveis das tribunas do estádio”. Na Praça Charles Miller, em frente ao portão principal,

<sup>1577</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “No dia da Copa, briga envolve 350 em Santos”. São Paulo, 02/06/2009, p. D2.

<sup>1578</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Choque de torcidas deixa um morto e ônibus queimado”. São Paulo, 04/06/2009, p. A1.

<sup>1579</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Morte expõe impotência do país da Copa”. São Paulo, 05/06/2009, p. D1.

um carro da Rota foi atacado por corintianos que tentaram, sem sucesso, livrar companheiros detidos<sup>1580</sup>.

Assim como em março daquele ano, a *Folha* voltou-se para a discussão da violência no futebol e novamente apontando as torcidas organizadas como foco causador do problema. Dessa vez, explicitando na reportagem de capa do “Esporte” do dia seguinte sua posição:

Um dia após a maior batalha campal dos últimos dois anos entre torcedores em São Paulo, autoridades e até membros de organizadas reconheceram que a violência em dias de jogos de futebol é quase incontrolável.

E que uma das poucas soluções viáveis para contornar o problema seria a realização de partidas para uma só torcida.

“Estamos aumentando o efetivo há anos. O problema dessas torcidas organizadas é que elas sentem satisfação em brigar. Reforçamos o policiamento e, ainda assim, temos problemas”, afirmou o major José Balestiero Filho, subcomandante do 2º Batalhão de Choque da PM e que se diz favorável à adoção do plano de torcida única.

Ele sustentou que não houve falha da polícia, citando que o efetivo usado na escolta dos ônibus de vascaínos - 20 motocicletas e dois carros policiais - foi o dobro do normal.

O promotor Paulo de Castilho mostrou-se contrário ao remanejamento de um número excessivo de policiais para controle específico de violência relacionada a torcidas de futebol. Ele admitiu que não há um efetivo suficientemente grande para contornar esse problema.

“Não podemos desguarnecer a população. Quantos policiais serão necessários para escoltar torcedores que venham de outros Estados? Não tem policial sobrando. A sociedade quer pagar esse preço [de perder segurança em outros locais] para escoltar apenas 500 torcedores de organizadas?”, questionou.

Devido à falta de segurança, o promotor, de novo, fez campanha pela adoção de torcida única em jogos de “alto risco”.

Até as torcidas admitem a impotência. As quatro maiores organizadas de SP, Mancha Alviverde, Gaviões da Fiel, Independente e Torcida Jovem, afirmaram que é impossível manter 100% de controle sobre seus associados e que as brigas, invariavelmente, acontecem.<sup>1581</sup> [grifo nosso]

Munida de mais informações, a cobertura de 5 de março relatava o “confronto de torcidas na Marginal Tietê” da mesma maneira que relatava, passo a passo, indicando a hora dos acontecimentos, notícias de cunho policial do “Cotidiano” — como, nesta dissertação, observamos no caso Isabella. Um quadro indicava “as últimas brigas envolvendo torcedores”. De nove, quatro envolviam Corinthians, Palmeiras ou São Paulo “fev. 2009 - Após Corinthians x São Paulo, corintiano lança bomba no Morumbi e gera pânico. Cerca de 50 torcedores se feriram durante a correria para sair do estádio”; “jul. 2007 - Corintianos e são-paulinos entraram em confronto nas proximidades do Parque São Jorge. Torcedor do Corinthians sofreu

<sup>1580</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Conflito de torcidas faz um morto”. São Paulo, 04/06/2009, p. D1.

<sup>1581</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Morte expõe impotência do país da Copa”. São Paulo, 05/06/2009, p. D1.

traumatismo craniano”; “out. 2005 - Antes de Corinthians x Palmeiras, o palmeirense Diogo Borges foi baleado na estação Tatuapé, e o corintiano Wellington Martins levou um tiro na cabeça em Santo Amaro”; “set. 2004 - O são-paulino André Silva, 17, foi morto a tiros após corintianos cercarem um ônibus com torcedores da torcida Independente, na marginal Tietê”<sup>1582</sup>. O ministro do Esporte, Orlando Silva Jr., comentou vandalismo entre corintianos e vascaínos dizendo que o incidente não afetava em nada a realização da Copa do Mundo no Brasil. O promotor Paulo Castilho disse que o torneio entre seleções era “um outro tipo de evento, que atrai outro tipo de público”<sup>1583</sup> e aproveitou para cobrar legislação mais dura para punir os brigões. A *Folha*, por sua vez, mostrava, logo pelo título da primeira página do “Esporte”, entender que não, pelo contrário: “Morte expõe impotência do país da Copa”<sup>1584</sup>. O que seria endossado por estudo do sociólogo Maurício Murad, segundo o qual ao menos 42 pessoas morreram em conflitos dentro e fora dos estádios brasileiros entre 1999 e 2008<sup>1585</sup>.

Essa mortalidade no futebol refletia na assiduidade dos torcedores do trio-de-ferro. Uma pesquisa nacional do Datafolha — realizada em novembro de 2007 e divulgada em janeiro de 2008 — mostrou que “assistir a um jogo de futebol no estádio não é um programa típico do torcedor paulistano”. Naquela amostragem, eram os “menos dispostos a torcer por seu clube nas arquibancadas”, com apenas 15% topando o programa “mesmo sendo só de vez em quando”<sup>1586</sup>. Outro levantamento, apresentado em dezembro de 2008, provava o quanto os brasileiros queriam a Copa no Brasil, inclusive em São Paulo. No entanto, os moradores da capital paulista estavam entre aqueles com os maiores índices de rejeição: “17% dos paulistanos não estão de acordo que o Brasil organize a competição mundial”<sup>1587</sup>. Enquanto isso, a FPF parecia mais preocupada com outros detalhes, como aplicar a lei que obriga a execução do hino nacional antes dos jogos. Reportagem de março de 2009 contava que, como os atrasos eram comuns, o TJD-SP “transformou a demora para o hino em uma verdadeira indústria da multa”. O dinheiro arrecadado ia justamente para o tribunal e a federação<sup>1588</sup>.

<sup>1582</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Morte expõe impotência do país da Copa”. São Paulo, 05/06/2009, p. D1.

<sup>1583</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Para ministro do Esporte, morte não afeta Copa-14”. São Paulo, 05/06/2009, p. D3.

<sup>1584</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Morte expõe impotência do país da Copa”. São Paulo, 05/06/2009, p. D1.

<sup>1585</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Mortes no futebol dobram, diz estudo”. São Paulo, 07/06/2009, p. D4.

<sup>1586</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Paulistano é quem menos vai ao estádio”. São Paulo, 13/01/2008, p. D1.

<sup>1587</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Só 10% desaprovam a Copa no Brasil”. São Paulo, 15/12/2008, p. D1.

<sup>1588</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Tribunal fatura com ‘multa do hino’”. São Paulo, 15/03/2009, p. D1.

### *Concorrer em tudo*

A Copa do Mundo de 2014 era pouco para uma cidade como São Paulo. A capital paulista também tinha todas as condições para sediar a Olimpíada de 2012. Era assim que pensava, nos primeiros meses de janeiro, o Secretário Municipal de Esportes, Lazer e Recreação, Walter Feldman, a quem a *Folha de S.Paulo* abriu espaço considerável para opiniões, negociações e ações, no “Painel FC”, seção do “Esporte” sobre bastidores, ou em entrevista exclusiva.

Com a ajuda do jornal, o político deixou no ar, ao menos por um tempo, a ideia não só da capacidade paulistana como da possibilidade concreta de sediar as Olimpíadas. Em 8 de janeiro de 2007, Feldman disse que a cidade tinha de “concorrer em tudo”, afinal, para ele, “não estamos atrás em nada, pelo contrário, temos condições muito melhores do que as do Rio. (...) São Paulo não pode ser humilde, tem que ser mais ousada, mais valente”<sup>1589</sup>. Era de animar uma ferocidade desse porte para a disputa por megaeventos esportivos. No entanto, se nem a oferta das represas de Guarapiranga e Billings para os Jogos Pan-Americanos do Rio de Janeiro<sup>1590</sup> daquele ano animaram o Comitê Olímpico Brasileiro (COB)<sup>1591</sup>, imagine dividir ou preterir a candidatura carioca em curso<sup>1592</sup>. Antes do acerto entre os governadores de que apoiariam um ao outro para ficarem com abertura e encerramento da Copa, o paulistano ainda teve de ouvir gozação do secretário municipal de Esporte, Lazer e Turismo da capital fluminense, Eduardo Paes, pela ousadia: “Podemos levar um dos jogos dos times do Rio para São Paulo. É um jeito de os paulistanos verem um bom futebol”<sup>1593</sup>.

Por mais que Walter Feldman tenha apostado alto na tentativa de colar a imagem de São Paulo também à de candidata à Olimpíada, sua estratégia e opinião, de certa forma, refletiam o pensamento de outros paulistanos ou moradores da cidade. Tanto que a própria publicação deu destaque às suas ideias e, em outros momentos, sem necessariamente estabelecer uma relação direta com a entrevista, lembrou o protagonismo da capital paulista. Cerca de um mês depois de suas declarações, em fevereiro de 2007, pela ocasião de uma reportagem, “Iniciativa privada fecha olhos e bolso para o Pan”, sobre a (considerada) baixa participação em termos de investimentos e patrocínio desse setor no Pan, um texto secundário, “SP, em 63, usou mais

---

<sup>1589</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Secretário de Esportes de SP quer disputa com Rio”. São Paulo, 08/01/2007, p. D2.

<sup>1590</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Painel FC - Praia de paulista”. São Paulo, 17/01/2007, p. D2.

<sup>1591</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Painel FC - Água salgada”. São Paulo, 18/01/2007, p. D2.

<sup>1592</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Painel FC - Água fria”. São Paulo, 18/01/2007, p. D2.

<sup>1593</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Painel FC - Dividida”. São Paulo, 12/02/2007, p. D2.



arenas particulares”, discorre sobre como foi a outra edição da competição do continente americano realizada no Brasil, em que “os clubes privados tiveram um peso muito maior, com o estádio do Pacaembu sediando “disputas por medalhas em atletismo, boxe, futebol, judô, lutas, natação e parte das provas de hipismo”. Além disso, “vários eventos atraentes ocorreram em fechados clubes de elite. Foi o caso de esgrima (Paulistano), ginástica (Tênis Clube Paulista), tênis (Pinheiros e Harmonia), pólo aquático e saltos ornamentais (Palmeiras), vela (Iate Clube Santo Amaro) e vôlei (Palmeiras e Paulistano)”<sup>1594</sup>.

Esse era, porém, um recorte do passado. O do presente, sem megaeventos, e com algumas iniciativas interessantes, como a Virada Esportiva, que teve em 2007 sua primeira edição e, apesar da brincadeira de Xico Sá, de que dava é “vontade de dormir”<sup>1595</sup>, contou com mais de 400 eventos<sup>1596</sup> e, em 24 horas, reuniu mais de 1 milhão de pessoas<sup>1597</sup>. Em 2008, passou a 700 atividades<sup>1598</sup>, 2 milhões de participantes<sup>1599</sup> e ganhou uma chamada na capa<sup>1600</sup>.

### 3.5 As nossas Copas

#### *O crescimento gradativo da cobertura*

Diante dessa espécie de lobby paulistano por maior participação na organização e recepção de eventos na cena esportiva nacional e internacional, como mostramos acima com as falas de Walter Feldman a respeito de sediar Pan e Olimpíadas e o espaço de repercussão aberto pela *Folha de S.Paulo*, era de se cogitar se haveria ou não uma cobertura do processo de candidatura brasileira sede da Copa do Mundo de 2014 voltado principalmente para a participação de São Paulo. O jornal, porém, puxou o assunto para o contexto e/ou aspectos da capital paulista em momentos oportunos e pontuais. A **tag copa do mundo**, de forma geral,

<sup>1594</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “SP, em 63, usou mais arenas particulares”. São Paulo, 20/02/2007, p. D2.

<sup>1595</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Xico Sá - Virada Esportiva que acontece em São Paulo, dá vontade de dormir”. São Paulo, 21/09/2007, p. A1.

<sup>1596</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “SP terá 400 eventos nas 24h de Virada Esportiva”. São Paulo, 22/09/2007, p. C4 - especial Cotidiano 2.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Virada Esportiva termina às 14h de hoje”. São Paulo, 23/09/2007, p. C4.

<sup>1597</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Em 24h, Virada Esportiva reúne 1 milhão”. São Paulo, 24/09/2007, p. C4.

<sup>1598</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Virada Esportiva terá 700 atividades”. São Paulo, 12/11/2008, p. C8.

<sup>1599</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Prefeitura estima 2 milhões na Virada”. São Paulo, 15/11/2008, p. esp. C4.

<sup>1600</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Virada Esportiva começa hoje em SP; confira os destaques”. São Paulo, 15/11/2008, p. A1.

apareceu em abordagens frequentemente sob um espectro amplo, do conjunto nacional, até mais adequado ao momento, por se tratar ainda da candidatura brasileira, lançando por vezes questões relacionadas e/ou exclusivas da cidade.

O meu recorte determina como início desse processo da candidatura brasileira, enquanto São Paulo esteve como *candidata coadjuvante*, dezembro de 2006, exatamente o momento quando a CBF formalizou a candidatura brasileira perante a Fifa. Foi também neste mês um dos picos de registros da *tag copa do mundo* (37), patamar que só seria superado em agosto (45). Mais do que o registro dessa formalização, bastante discreto, em nota curta de 14 de dezembro<sup>1601</sup>, demonstrou-se uma preocupação da *Folha* quanto aos gastos com essa candidatura, que estaria estimada em R\$ 35 milhões<sup>1602</sup>, baseado nos R\$ 30 milhões da sede anterior, a África do Sul, que teria “esbanjado” com prêmios e “mordomias a cartolas”<sup>1603</sup>. Essas reportagens foram as primeiras a que se pode chamar realmente de reportagens, com pesquisa, investigação, entrevistas e comparações a respeito do processo de candidatura brasileira. Antes, apenas uma nota de Joseph Blatter, presidente da Fifa, retirada de agências de notícias descartando “tesourada” chinesa<sup>1604</sup>. O jornal retomou o interesse pelo tema, ainda em dezembro, quatro dias depois da formalização da CBF, ao se tomar conhecimento da concorrência colombiana a sede da Copa. A primeira informação, proveniente de uma entrevista no exterior, registrada, primeiro, em nota curta, falando da intenção do país<sup>1605</sup>, foi melhor trabalhada como reportagem no dia seguinte, principalmente em razão da repercussão nos bastidores, de que teria irritado dirigentes brasileiros e sul-americanos pela quebra do acerto para que o Brasil fosse o candidato único do continente<sup>1606</sup> - lembrando, inclusive, de quando a Colômbia, mesmo escolhida para sede, desistiu de ser a anfitriã, em 1986<sup>1607</sup> - e da confirmação, acalmando os ânimos, de que a Conmebol só reconhecia e apoiava os brasileiros<sup>1608</sup>.

O ano de 2007 começou com uma controvérsia a respeito do Morumbi, entendido pelo seu proprietário, o São Paulo Futebol Clube, como indicado e virtual palco de Copa do Mundo, por conta de críticas do presidente da CBF ao estádio: “Num encontro no Palácio dos Despachos

<sup>1601</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Prazo: FIFA dá as exigências em sete semanas”. São Paulo, 14/12/2006, p. D3.

<sup>1602</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Conta da Copa já começa com R\$ 35 mi”. São Paulo, 13/12/2006, p. D4.

<sup>1603</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Molde para 2014, África esbanja em campanha”. São Paulo, 14/12/2006, p. D3.

<sup>1604</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Blatter descarta ‘tesourada’ chinesa”. São Paulo, 02/12/2006, p. D8.

<sup>1605</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Colômbia lança hoje candidatura a 2014”. São Paulo, 18/12/2006, p. D5.

<sup>1606</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Colômbia busca 2014 e irrita cartolas”. São Paulo, 19/12/2006, p. D3.

<sup>1607</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Fracasso: Escolhido pela FIFA, país desistiu de organizar Mundial de 86”. São Paulo, 19/12/2006, p. D3.

<sup>1608</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Brasil é único candidato para 2014, diz Conmebol”. São Paulo, 21/12/2006, p. D2.

com o governador de Minas, Aécio Neves (PSDB), [Ricardo] Teixeira disse que via o Morumbi como um problema, já que não tinha estacionamento no local. Por outro lado, fez elogios à estrutura do Mineirão, que é administrado por órgão do governo estadual”<sup>1609</sup>. O dirigente apagou o incêndio criticando também o Maracanã, como forma de dizer que os estádios brasileiros, de forma geral, não estariam preparados para o torneio<sup>1610</sup> e confirmando, pela primeira vez, o desejo de ter a cidade como sede: “São Paulo, é óbvio, será uma das sedes da Copa do Mundo”<sup>1611</sup>. As duas notícias, de 10 e 18 de janeiro, são, inclusive, as primeiras do período recortado que dizem respeito diretamente à candidatura da cidade - e não do país. Em fevereiro, assim como em dezembro de 2006, tratou-se de mais uma etapa burocrática do processo de candidatura de forma protocolar, cumprindo apenas a função editorial de registrar que Brasil e Colômbia tinham recebido o que se convencionou chamar de “caderno de encargos”<sup>1612</sup>. No mesmo mês especulou-se pela primeira vez sobre a possibilidade de uma nova arena, já que o governo estadual passou a buscar um terreno<sup>1613</sup>; sobre as parcerias para a construção de estádios<sup>1614</sup>; sobre a possibilidade de Pelé participar da organização<sup>1615</sup>; e sobre os EUA se oferecerem como salvaguarda em caso de problemas dos sul-americanos<sup>1616</sup> - notas curtas.

A partir de março é que a Copa do Mundo começou a ganhar maior visibilidade, com alguma posição de destaque do jornal, ao menos uma vez na capa do caderno “Esporte” em todos os meses até outubro - a exceção foi julho, quando os esforços de cobertura estiveram voltados para a disputa do Pan. Em março, a Colômbia deu os primeiros sinais de que abandonaria a candidatura, o que parece ter empolgado a *Folha* no que viria a ser a retomada da candidatura única – e, logo, da maior chance de sucesso nacional - a ponto de transformar a notícia em primeira página do “Esporte”<sup>1617</sup>, fazendo da **tag copa do mundo** a capa de seu

<sup>1609</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “São Paulo acha exagero tirar Morumbi de 2014”. São Paulo, 10/01/2007, p. D3.

<sup>1610</sup> O que Ricardo Teixeira faria mais vezes:

FOLHA DE SÃO PAULO. “FIFA critica centro de imprensa do Maracanã”. São Paulo, 06/03/2007, p. D3.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Para CBF, nenhum estádio do Brasil tem padrão de Mundial”. São Paulo, 14/03/2007, p. D1.

<sup>1611</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “São Paulo vai ser uma das sedes da Copa, diz Teixeira”. São Paulo, 18/01/2007, p. D1.

<sup>1612</sup> Os “cadernos de encargos” da imprensa acabaram por oscilar entre uma reunião de documentos, em que, mais do que encargos de como receber e estruturar-se para uma Copa do Mundo entrariam os acordos/contratos a serem submetidos às autoridades públicas, e apenas o Bid Book. Para entender melhor, leia o Capítulo 2.

<sup>1613</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Copa-14: Estado busca local para erguer arena”. São Paulo, 05/02/2007, p. D5.

<sup>1614</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Para a Copa, Lula pede parcerias”. São Paulo, 07/02/2007, p. D4.

<sup>1615</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Pelé acerta encontro com a CBF sobre a organização”. São Paulo, 15/02/2007, p. D4.

<sup>1616</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “EUA admite sediar o Mundial de 2014”. São Paulo, 22/02/2007, p. D1.

<sup>1617</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Colômbia admite abrir mão de Copa”. São Paulo, 02/03/2007, p. D1.

caderno pela primeira vez. Ainda nesse mês, a agência MPM, contratada da CBF, promoveu a candidatura brasileira divulgando o logo em amistoso da seleção contra Gana<sup>1618</sup>. E, mesmo sem ganhar a capa de “Esporte”, o mais importante em março talvez tenha sido a preocupação com a visita de Teixeira à capital paulista, para encontro com o governador José Serra: “Ao chegar a São Paulo, hoje, a caravana da CBF para escolher sedes da Copa do Mundo de 2014 deixa de lado o Morumbi, maior praça esportiva do estado. Dados do estádio e atitudes da confederação mostram que a decisão é política”<sup>1619</sup>. A publicação ressaltou, aparentemente num tom de defesa da cidade, que “Pela quantidade de planos, o Estado de São Paulo poderia até imaginar abrigar uma Copa do Mundo sozinho”<sup>1620</sup>. Após a reunião, nem a segunda afirmação do desejo de Teixeira de contar com São Paulo como sede da Copa ou de que estaria inclinado a colocar a cidade para abertura ou encerramento do torneio animaram o jornal. O foco do texto voltou-se para a ineficiência de Serra e seus pares em comprovar a capacidade de anfitriã, a ponto de emplacar dois estádios, como sonhava a cúpula política municipal e estadual: “Em sua visita a São Paulo, Ricardo Teixeira ouviu o que queria. Para participar do projeto da Copa de 2014, o governo do estado fará o que o presidente da Confederação Brasileira de Futebol achar melhor. Porém os paulistas não ouviram o que esperavam. Não terão dois estádios nos planos”<sup>1621</sup>.

Abril marcou o primeiro mês com destaque na capa do jornal, em razão, primeiro, da desistência oficial da candidatura colombiana, em 12 de abril, em tom de comemoração na chamada (“Colômbia desiste e só Brasil quer sediar a Copa-2014”<sup>1622</sup>) e de cobrança nas páginas de “Esporte” (“o Brasil tem a maior moleza das últimas décadas na luta para sediar um dos dois maiores eventos do esporte”<sup>1623</sup>); e, em 27 de abril, da descoberta de que quem pagaria as contas da organização do torneio seria o Brasil, não a Fifa (“Fifa obriga Brasil a arcar com quase todas as despesas da Copa”<sup>1624</sup>), baseada no acesso dos repórteres aos documentos, principalmente os acordos que teriam de ser assinados<sup>1625</sup> - a despeito do silêncio da CBF e da

<sup>1618</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Camisas são tema de festa e de irritação”. São Paulo, 27/03/2007, p. D1.

<sup>1619</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Critério político afasta Morumbi da Copa-2014”. São Paulo, 28/03/2007, p. D2.

<sup>1620</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “No papel, SP poderia até ser sede única”. São Paulo, 28/03/2007, p. D2.

<sup>1621</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Serra obedece à CBF, que satisfaz SP pela metade”. São Paulo, 29/03/2007, p. D2.

<sup>1622</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “esporte - Colômbia desiste e só Brasil quer sediar a Copa-2014”. São Paulo, 12/04/2007, p. A1.

<sup>1623</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Colômbia desiste, e só Brasil quer Copa-2014”. São Paulo, 12/04/2007, p. D4.

<sup>1624</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “FIFA... ..obriga Brasil a arcar com quase todas as despesas da Copa”. São Paulo, 27/04/2007, p. A1.

<sup>1625</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “O preço da Copa”. São Paulo, 27/04/2007, p. D1.

Fifa quando questionados pela reportagem da *Folha de S.Paulo*<sup>1626</sup>. Este último ainda ocupou por inteiro a primeira página de “Esporte”, no que pode se considerar o primeiro especial do nosso recorte a respeito de **copa do mundo**. Além da discussão do “preço da copa”, um infográfico tentou didatizar “quem vai pagar” e “quem vai ganhar”, mostrando um desequilíbrio prejudicial ao país organizador; da comparação com as condições e gastos da última edição do torneio, na Alemanha, em 2006<sup>1627</sup>; e, numa segunda página inteira de “Esporte” (descontada a seção “Painel FC”, que regularmente ocupa a coluna da esquerda da página D2), sobre o duelo que seria travado no Congresso pela aprovação de leis exigidas nos contratos da Fifa<sup>1628</sup> e pela definição do número de cidades-sede, entre 10 e 12<sup>1629</sup>, e do périplo de Teixeira pelo país para falar sobre a candidatura com governadores, rivalizando até com a agenda do presidente Lula - uma sequência de sete fotos pequenas com diferentes políticos tenta dar a medida da quantidade de visitas, numa disposição que lembra a de quando se tiram fotos 3x4<sup>1630</sup>. O quarto mês daquele ano ainda abriu espaço para a empolgação de Juvenal Juvêncio, presidente do São Paulo, com a promessa de Teixeira de incluir o Morumbi no material a ser entregue à Fifa<sup>1631</sup> e de Pelé, que chegou até a falar como membro do comitê organizador<sup>1632</sup> - o que nunca viria a acontecer. Por fim, como nos outros dois momentos burocráticos do processo, notas curtas registraram a oficialização da candidatura brasileira<sup>1633</sup>, em 14 de abril, quando Lula recebeu Teixeira e os dois posaram para foto com o cartaz e logo oficiais da candidatura brasileira<sup>1634</sup>.

Em maio, com o ensaio da CBF para enquadrar e acostumar os estádios e seus proprietários ou mantenedores com o chamado “Padrão Fifa”, a *Folha* analisou as condições e infraestrutura dos locais de partida do Campeonato Brasileiro, prestes a começar naquele momento, considerando a competição “o 1º evento-teste para a Copa” na reportagem que foi capa do caderno “Esporte”. A opinião da publicação surgiu logo nas primeiras linhas, quando

<sup>1626</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “outro lado: CBF não fala sobre contratos”. São Paulo, 27/04/2007, p. D1

<sup>1627</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Última edição custou R\$ 27,8 bi”. São Paulo, 27/04/2007, p. D1.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Alemanha peitou FIFA e obteve mudanças em acordo”. São Paulo, 27/04/2007, p. D1.

<sup>1628</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “País se arma para negar leis exigidas em Mundial”. São Paulo, 27/04/2007, p. D2.

<sup>1629</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Acordo prevê dez sedes, e CBF, até 12”. São Paulo, 27/04/2007, p. D2.

<sup>1630</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Agenda de cartola rivaliza com a de Lula neste ano”. São Paulo, 27/04/2007, p. D2.

<sup>1631</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Eliminatórias - Brasil x Uruguai será no Morumbi”. São Paulo, 11/04/2007, p. D4.

FOLHA DE SÃO PAULO. “São Paulo se diz certo de receber jogos”. São Paulo, 12/04/2007, p. D4.

<sup>1632</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Me chama: Pelé espera contato da CBF”. São Paulo, 12/04/2007, p. D4.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Pelé já fala como cartola da Copa e diz temer pelo Pan”. São Paulo, 26/04/2007, p. D5.

<sup>1633</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “CBF entrega caderno com antecedência”. São Paulo, 14/04/2007, p. D4.

<sup>1634</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “FOTO - Promessa”. São Paulo, 14/04/2007, p. D4.

se escreveu que dificilmente “a CBF, os estádios e os torcedores passarão no teste”<sup>1635</sup>. A comparação com a Bundesliga, o campeonato nacional alemão no sistema de pontos corridos, equivalente ao Campeonato Brasileiro, em uma segunda matéria, reiterava essa visão logo no título: “Nacionais expõem a distância entre Brasil e Alemanha”. No texto, reforçavam essa tese o descaso de parceiros importantes na organização e divulgação do Campeonato Brasileiro, o Clube dos 13, que congregava os principais clubes brasileiros, responsáveis por negociar os direitos de transmissão, e a Globo, canal de televisão com esses direitos de transmissão, bem como as médias de público, em torno de 12 mil no ano anterior, abaixo dos mais de 38 mil da Bundesliga, rivalizando “com a segunda divisão alemã, que leva 12.020 pagantes por jogo”<sup>1636</sup>. Nesse mesmo mês registrou-se a tentativa da FPF de “fazer bonito” na festa e no jogo do título estadual, no Morumbi<sup>1637</sup> utilizando o logo da candidatura brasileira no pódio de comemoração do campeão paulista, o Santos<sup>1638</sup>. O seminário com representantes das cidades candidatas a cidades-sede da Copa, em que se explicaria a confecção do *Bid Book*, serviu para veicular a notícia de que o governo federal estaria disposto a investir no torneio mundial<sup>1639</sup> - em vez de mais detalhes do que, segundo o meu recorte, pesquisa e estudo, seria o mais importante, o próprio seminário - reforçada cerca de um mês depois, em reportagem de junho que ganhou a capa de “Esporte”, em que “Lula fala em gastar mais com Copa que com Pan” e contraria Teixeira quanto à ideia de Copa privada. Os dois encontraram-se na assinatura de garantias do governo federal para viabilizar a candidatura<sup>1640</sup>.

Em julho, duas especulações, três notas curtas e uma prévia. A Venezuela acreditou que a Fifa abriria uma exceção para participar da concorrência<sup>1641</sup>, mas não obteve êxito<sup>1642</sup>, e Teixeira “acertou detalhes do plano de gestão público-privada” do Maracanã com o governador carioca, Sérgio Cabral<sup>1643</sup>. O mais importante, porém, foi a expectativa, na véspera de uma etapa crucial do processo de candidatura, da entrega de garantias, apresentações e propostas como sede. Em 31 de julho, a *Folha de S.Paulo* falou mais da “pressão” do governo federal,

<sup>1635</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Brasileiro torna-se o 1º evento-teste para Copa”. São Paulo, 13/05/2007, p. D1.

<sup>1636</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Nacionais expõem a distância entre Brasil e Alemanha”. São Paulo, 13/05/2007, p. D2.

<sup>1637</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “análise - Novato marca e alivia FPF na final ‘errada’”. São Paulo, 07/05/2007, p. D2.

<sup>1638</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Painel FC - Agrado”. São Paulo, 07/05/2007, p. D2.

<sup>1639</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Governo admite abrir cofre para Copa”. São Paulo, 10/05/2007, p. D3.

<sup>1640</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Lula fala em gastar mais com Copa que com Pan”. São Paulo, 16/06/2007, p. D1.

<sup>1641</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Venezuela pedirá para concorrer a sede da Copa-2014”. São Paulo, 17/07/2007, p. D7.

<sup>1642</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Venezuela não será sede, afirma FIFA”. São Paulo, 19/07/2007, p. D9.

<sup>1643</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “CBF anuncia plano para o Maracanã”. São Paulo, 20/07/2007, p. D11.

pois o material não apresentaria custos, e da preocupação da CBF em impressionar a Fifa já no ato de entrega, que estaria ganhando “ares de festa com as presenças de Paulo Coelho e Romário”<sup>1644</sup>. O mesmo assunto virou capa do “Esporte” em 1º de agosto para registrar o ato de entrega. A reportagem concentrou-se na fala do presidente da FIFA, destacada no título: “Copa-14 ainda não é do Brasil, diz Fifa”. Discutiu-se o tom de gravidade dessa declaração, se ameaçador ou protocolar, e comentou-se o quanto lembrava a postura de Teixeira com governadores. Sobre o cerimonial, foi dito apenas que Teixeira, “acompanhado do atacante Romário e do escritor Paulo Coelho, amigo de Blatter, apresentou o calhamaço de 900 páginas que detalha o projeto da Copa do Mundo de 2014” - e nada mais nesse sentido, além da foto com esses quatro na mesma mesa, com imagem projetada ao fundo do Rio de Janeiro com o Cristo Redentor em primeiro plano<sup>1645</sup>. Em um quadro, apresentaram-se “as 18 cidades candidatas”, listando todas, destacadas por seus estados num mapa do Brasil e, em outro quadro, aparecia pela primeira vez uma espécie de agenda do processo de candidatura, com os três “próximos passos”: início das vistorias, decisão (anúncio oficial) da Fifa e da escolha das sedes.

No mesmo mês, a CBF realizou novo seminário para explicar “procedimentos para recepcionar” os inspetores da Fifa. Esse encontro foi registrado como uma reportagem secundária, com falas vazias dos participantes e quase nenhum detalhamento do que se ensinou<sup>1646</sup>, mas motivou uma capa do caderno “Esporte” discutindo, como o “chapéu” da reportagem brincou, o que poderia ser para as seleções nacionais uma “corrida maluca” ou, segundo o infográfico, ao menos uma “Copa diferente” e, como registrou-se no texto em si, “a mais complicada da história em termos de logística e adaptação ao clima”, de “extremos”, com delegações sofrendo para atravessar o território brasileiro, sujeitos a diferentes temperaturas e climas e à “precariedade da malha aérea nacional”<sup>1647</sup>. Em seguida, mais precisamente a partir do dia 23 de agosto, iniciou-se a cobertura da “turnê pelo país” dos inspetores, sendo que, como esclareceu a reportagem daquela edição, “de amanhã a domingo, os inspetores irão permanecer no Rio e receberão 13 representantes - de Fortaleza, Recife/Olinda, Salvador, Maceió, Natal, Florianópolis, Curitiba, Cuiabá, Campo Grande, Goiânia, Manaus, Rio Branco e Belém. Cada cidade fará uma apresentação aos comissários. No domingo, eles visitarão o Maracanã, onde

---

<sup>1644</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Sob pressão, CBF entrega à FIFA o projeto de 2014”. São Paulo, 31/07/2007, p. D2.

**FOLHA DE SÃO PAULO.** “Inspetores virão ao Brasil para vistoriar cidades”. São Paulo, 31/07/2007, p. D2.

<sup>1645</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Copa-14 ainda não é do Brasil, diz FIFA”. São Paulo, 01/08/2007, p. D1.

<sup>1646</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “CBF ensina candidatas a tratar a FIFA nas inspeções”. São Paulo, 18/08/2007, p. D1.

<sup>1647</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Cidades disputam Copa de extremos”. São Paulo, 18/08/2007, p. D1.

verão Flamengo x Goiás, pelo Brasileiro. Na segunda-feira, começarão a percorrer o país. Brasília será a primeira cidade visitada. Além de conhecerem o projeto, eles irão se encontrar com o governador José Roberto Arruda (DEM). Até o dia 2, irão a Belo Horizonte, Porto Alegre e São Paulo e voltarão ao Rio”<sup>1648</sup>. A publicação procurou acompanhar as viagens dos inspetores, permeadas por promessas<sup>1649</sup>, frases de efeito<sup>1650</sup>, disputas entre clubes rivais<sup>1651</sup> e apresentações das cidades que não receberam a tal visita dos inspetores - em que “sobraram referências folclóricas, de belezas naturais, políticos e depoimentos de técnicos e artistas”<sup>1652</sup>. No mesmo dia em que os inspetores passariam pela capital paulista, como se alertasse de antemão sobre uma vergonha por que poderia passar, o jornal destacou que o clássico entre Palmeiras e São Paulo, no Parque Antarctica, seria em estádio que “não tem padrão da Fifa para segurança” por “desrespeitar normas de segurança”, com “pelo menos oito pontos que contrariam o documento da Fifa sobre estádios”<sup>1653</sup>. Por outro lado, pareceu comemorar em reportagem secundária que “Aécio e Serra viram trunfo para Copa-14”, já que os governadores mineiro e paulista do PSDB eram “possíveis futuros candidatos a presidente da República” e “tiveram seus apoios à Copa-14 exaltados pela Fifa”<sup>1654</sup>. No dia seguinte à visita dos inspetores à capital paulista, em 30 de agosto, o relato focou em como o “Morumbi ganha força para o Mundial”, pois “o governo paulista reforçou seu apoio à indicação do estádio, inspetores da entidade o elogiaram, e a oposição da CBF foi, por ora, neutralizada”. A contracapa apresentava apenas este assunto, com a foto de um helicóptero pousando e, no gramado do estádio, um séquito em que, à frente, estava Ricardo Teixeira, seguido de Juvenal Juvêncio e José Serra em algum papo, imagina-se, animado, com o primeiro da dupla sorrindo. Dessa vez detalhou-se a visita, com dados como quanto tempo durou (“pouco mais de uma hora”), a que aspectos atentou (“A Folha apurou que os questionamentos dos inspetores foram sobre estrutura para dirigentes, jogadores e imprensa e o calendário de reformas.”), criando um quadro relativamente amplo, mesmo sem entrevista por parte dos inspetores (“Eles não falaram com

---

<sup>1648</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Comissão da FIFA chega hoje ao país”. São Paulo, 23/08/2007, p. D2.

<sup>1649</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Sem saber o preço, Rio promete à FIFA que custeará a Copa-2014”. São Paulo, 24/08/2007, p. D2.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Lula e governador prometem à FIFA esforço por Mundial”. São Paulo, 28/08/2007, p. D1.

<sup>1650</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Copa-14 terá jeito brasileiro, diz CBF”. São Paulo, 01/09/2007, p. D6.

<sup>1651</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Em visita de cartolas da FIFA, Sul expõe lobby de preteridos”. São Paulo, 31/08/2007, p. D1.

<sup>1652</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Cidades apelam a folclore em apresentações feitas à FIFA”. São Paulo, 27/08/2007, p. D3.

<sup>1653</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Estádio não tem padrão da FIFA para segurança”. São Paulo, 29/08/2007, p. D2.

<sup>1654</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Aécio e Serra viram trunfo para Copa-14”. São Paulo, 29/08/2007, p. D2.



jornalistas”)<sup>1655</sup>, e valorizou-se a tática de Serra de abrir mão da final pela abertura da Copa, o que “gerou satisfação da CBF”<sup>1656</sup>.

Em 26 de agosto, um furo de reportagem pouco alardeado, contendo revelações sobre o conteúdo do *Bid Book* de algumas cidades candidatas a cidade-sede, mostrou que “até hotel flutuante é opção para Copa”, entre outras propostas e partes das apresentações dessas capitais brasileiras. O texto não é assinado por repórter algum, provavelmente, por publicar informações de conteúdo sigiloso, preservando assim a identidade do autor e evitando o rastreamento da(s) fonte(s) que forneceu(ram) o documento<sup>1657</sup>. Registrou-se também, em texto secundário, o “escuro” em que viviam essas cidades candidatas a cidade-sede, sem certeza alguma sobre os critérios de escolha de CBF e Fifa<sup>1658</sup>. Em setembro, no primeiro dia do mês concluiu-se a visita dos inspetores com a manchete “Copa-14 terá jeito brasileiro, diz CBF”, em que se privilegiou a declaração de Teixeira de que “o Brasil está pronto para realizar uma Copa que ‘não será alemã, nem sul-africana ou coreana, mas com o nosso jeito. Com muito samba, no bom sentido’”<sup>1659</sup>. Setembro, aliás, mostrou uma queda no acompanhamento dos assuntos relacionados à **copa do mundo** (13). Depois das visitas, o destaque foi a possibilidade de a FPF ressuscitar “sua arena da Copa-14” com o Corinthians, o que, como assunto relacionado diretamente à **copa em sampa**, significou sua primeira capa de “Esporte”<sup>1660</sup>.

### *O aquecimento antes do anúncio oficial*

Outubro, finalmente, é o mês em que a tag **copa do mundo** tem mais menções (145) e destaques na capa do caderno “Esporte” e na primeira página da *Folha de S.Paulo* (11). O motivo, claro, é a proximidade do anúncio oficial da FIFA de que o Brasil seria o país-sede da Copa do Mundo de 2014. Nesse mês, em razão do escândalo envolvendo Corinthians-MSI, até surgiu a possibilidade de uma CPI para “tornar pública a investigação sobre o clube do Parque São Jorge, que ocorre em segredo de Justiça” e “investigar crimes de sonegação fiscal, lavagem

<sup>1655</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Morumbi ganha força para Mundial”. São Paulo, 30/08/2007, p. D5.

<sup>1656</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Serra desiste de final para ter abertura”. São Paulo, 30/08/2007, p. D5.

<sup>1657</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Até hotel flutuante é opção para Copa”. São Paulo, 26/08/2007, p. D6.

<sup>1658</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Escuro: governos especulam sobre critérios de escolhas das sedes”. São Paulo, 26/08/2007, p. D6.

<sup>1659</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Copa-14 terá jeito brasileiro, diz CBF”. São Paulo, 01/09/2007, p. D6.

<sup>1660</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Com Corinthians, FPF ressuscita sua arena da Copa-14”. São Paulo, 07/09/2007, p. D1.

FOLHA DE SÃO PAULO. “FPF propõe estádio plano B a corintianos”. São Paulo, 18/09/2007, p. D2.

de dinheiro e evasão de divisas envolvendo clubes, dirigentes e jogadores”. Teixeira, inclusive, fez lobby no Senado contra a Comissão com o argumento de que “pode prejudicar a escolha do Brasil”<sup>1661</sup>. A CPI acabou protocolada no mesmo dia da oficialização do país como anfitrião do Mundial<sup>1662</sup>, mas acabaria arquivada pouco tempo depois. E ainda preocupou-se com o duelo entre a seleção brasileira e a equatoriana pelas Eliminatórias da Copa do Mundo de 2010, no Maracanã, de como poderia afetar a candidatura. Com medo do “caos” se as pessoas chegassem em cima da hora do pontapé inicial, determinou-se a abertura dos portões do estádio quatro horas antes de a bola rolar<sup>1663</sup>. Para dar mais “glamour”, convidaram-se artistas para serem fotografados nos camarotes<sup>1664</sup>.

O “esquenta”, como costumam ser chamados os dias prévios a um evento importante, variando a quantidade de dias de acordo com o grau de importância e o interesse do veículo de comunicação, começou na *Folha* em 25 de outubro, quando um furo de reportagem ganhou a capa do caderno “Esporte” detalhando “uma associação civil sem fins econômicos” criada em junho daquele ano pela CBF para gerenciar o comitê de candidatura brasileira. Naquele momento da publicação, ainda com o Brasil como candidato, a situação dessa associação era “similar à de entidades esportivas, autônomas pela Constituição”, mas intrigou o jornal justamente por vedar “a interferência do governo federal”, com “plenos poderes ao presidente da CBF, Ricardo Teixeira, como diretor-presidente e sócio”, tudo segundo dado “do estatuto da Associação Brasil 2014, obtido pela Folha no registro civil do Rio de Janeiro”<sup>1665</sup>. A reportagem que ocupou toda a capa do caderno “Esporte” reforçou sua preocupação com dois textos secundários, um que falava sobre a decisão da FIFA “para atuar”<sup>1666</sup> e um sobre o fato de três dos quatro diretores serem do Rio de Janeiro, o que demonstraria “poder” da cidade<sup>1667</sup> - concorrente paulista a outras posições de destaque na recepção da Copa, vale lembrar.

No dia seguinte, 26 de outubro, por ocasião da divulgação do *relatório dos inspetores*, o jornal decidiu, ainda que em uma chamada discreta, destacar a avaliação positiva a respeito

---

<sup>1661</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Teixeira faz lobby no Senado contra CPI do Corinthians”. São Paulo, 04/10/2007, p. D4.

<sup>1662</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “CPI sobre o Corinthians é protocolada no Congresso”. São Paulo, 31/10/2007, p. D12.

<sup>1663</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Rio prevê caos se torcida chegar depois das 21h”. São Paulo, 17/10/2007, p. D2.

<sup>1664</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Glamour: CBF dá camarotes para artistas”. São Paulo, 17/10/2007, p. D2.

<sup>1665</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “CBF veta governo no comitê da Copa”. São Paulo, 25/10/2007, p. D1.

<sup>1666</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Política: União espera a FIFA para atuar”. São Paulo, 25/10/2007, p. D1.

<sup>1667</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Com 3 dos 4 diretores, Rio mostra poder”. São Paulo, 25/10/2007, p. D1.

da candidatura brasileira: “Brasil pode promover Copa ‘excepcional’, avalia Fifa”<sup>1668</sup>. Em mais uma capa do caderno “Esporte”, o texto ressaltou que “o resultado do relatório praticamente sela o Brasil como sede da Copa”, afinal, “os inspetores da entidade enxergaram de forma positiva até itens em que o país tem apresentado grandes falhas”<sup>1669</sup>. Entre as três reportagens secundárias, repercutiu-se a “reação” das possíveis cidades eliminadas da concorrência a cidade-sede - baseando-se nas avaliações do *relatório* - ameaçando, por meio de seus representantes no Congresso, apoiar a CPI Corinthians/MSI<sup>1670</sup>; mas ainda comentou-se a respeito do orçamento estimado para a construção ou reforma de estádios, o que a *Folha* cobrava muito<sup>1671</sup>, e a necessidade da Fifa “de rever receita de ingressos”, apesar de a CBF já ter cedido bastante nesse ponto<sup>1672</sup>. Em um infográfico intitulado “Como a Fifa vê o Brasil”, listaram-se seis pontos do relatório considerados mais importantes e/ou interessantes sobre o panorama geral da candidatura brasileira e, logo abaixo, em um mapa do país, assinalam-se quatro cidades com comentários curtos e específicos (Belo Horizonte, Brasília, Rio de Janeiro e São Paulo) e marcam-se, entre as 18, as “cidades que não atendem aos requisitos de transporte da Fifa” e as “cidades que atendem”. No segundo dos seis itens, diz-se que “Projetos dos estádios atendem aos requisitos da Fifa, com **ressalvas a alguns, como o Maracanã e o Morumbi**” (grifos originais do texto). Em outra peça da página, de frases extraídas do relatório a respeito de quatro estádios (Morumbi, Maracanã, Mineirão e Arena da Floresta), o estádio paulistano é, mais uma vez ao lado do carioca, motivo de “ressalva” pelo “menor número de assentos VIPs”. O Morumbi apareceu, portanto, duas vezes como um possível problema da candidatura da capital paulista. Por outro lado, como uma das quatro cidades com comentários no infográfico, registrou-se a estrutura de transporte de São Paulo valorizada no *relatório*: “O sistema de transporte público consiste em trem e extensa rede de metrô, além de 15 mil ônibus e 30 mil táxis. Na saúde, o Hospital Albert Einstein é ressaltado pela importância na América Latina” - as outras três cidades basearam-se mais em “planos” e “projetos” a serem implementados com a vinda do torneio.

Em 27 de outubro, numa espécie de “rescaldo” (outro termo jornalístico, este para o aproveitamento de material que, por uma nova revisão ou falta de espaço acaba, reaproveitado

<sup>1668</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “esporte - Brasil pode promover Copa “excepcional”, avalia FIFA”. São Paulo, 26/10/2007, p. A1.

<sup>1669</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “FIFA aprova até pontos fracos do Brasil”. São Paulo, 26/10/2007, p. D1.

<sup>1670</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Indicação de eliminadas gera reação”. São Paulo, 26/10/2007, p. D1.

<sup>1671</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Projeto prevê gasto de R\$ 2,8 bilhões com estádios”. São Paulo, 26/10/2007, p. D1.

<sup>1672</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Entradas: FIFA vê necessidade de rever receita de ingressos”. São Paulo, 26/10/2007, p. D1.

em uma segunda ou terceira edições) do *relatório*, sustentou-se a tese de que as críticas a certas cidades candidatas a cidade-sede no documento poderiam ser encaradas como sentenças finais de que estão fora do páreo. O que já fora feito na edição anterior, repercutindo o *relatório* com políticos das cidades avaliadas de forma pouco favorável, foi aprofundado, evidenciando, de qualquer forma, o mesmo padrão de comportamento, de retaliação: “Relatório da Fifa já ameaça o apoio político pró-CBF”<sup>1673</sup>. Talvez por não apresentar uma novidade, como no dia anterior, o assunto não ganhou chamada na capa do jornal e tampouco destaque no “Esporte”, sendo relegado à terceira página.

O cuidado protocolar em esclarecer na maioria das reportagens que o Brasil era, sim, candidato único a sede da Copa do Mundo de 2014, mas não necessária e automaticamente o anfitrião do torneio, pois tinha de aguardar a oficialização por parte da Fifa, acabou ignorado em 28 de outubro, quando, pela primeira vez, a *tag* ganhou as manchetes da capa da *Folha de S.Paulo*. Sem meias palavras, a primeira faixa de chamadas abaixo do cabeçalho, disposição comum aos domingos, o que era o caso naquela data, destacou, no centro, com uma foto em preto e branco do momento em que a bola do uruguaio Schiaffino entrava na meta do brasileiro Barbosa, na última partida do quadrangular final da Copa do Mundo de 1950, realizada no país: “Nova Copa no Brasil”<sup>1674</sup>. Aproveitou-se, aparentemente, um espaço maior da edição dominical para discutir, como avisava o título da capa do caderno “Esporte”, que “Copa-2014 transforma CBF em midas da política”<sup>1675</sup>, sendo que “o iminente anúncio da Copa do Mundo de 2014 no Brasil tornou refém da CBF a cúpula do mundo político brasileiro”, permitindo “a formação de uma aliança heterodoxa, que reúne o presidente petista Luiz Inácio Lula da Silva, os governadores tucanos Aécio Neves (Minas) e José Serra (São Paulo) e o deputado Ciro Gomes (PSB), trio sempre lembrado para a sucessão no Planalto”. As outras reportagens do dia, ocupando quatro páginas de “Esporte”, a metade do caderno, algo até então inédito para o assunto, explicavam o porquê dessa disputa política (“receber o evento é troféu político antes mesmo de o jogo começar”<sup>1676</sup>), inclusive com exemplos na única edição brasileira até aquele momento, como já assinalado, a de 1950 (“o resultado nas urnas após a competição não foi

---

<sup>1673</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Relatório da FIFA já ameaça o apoio político pró-CBF”. São Paulo, 27/10/2007, p. D3.

<sup>1674</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Nova Copa no Brasil”. São Paulo, 28/10/2007, p. A1.

<sup>1675</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Copa-2014 transforma CBF em midas da política”. São Paulo, 28/10/2007, p. D1.

<sup>1676</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Copa redesenha política dos países que a recebem”. São Paulo, 28/10/2007, p. D2.

uniforme”<sup>1677</sup>); a “reabilitação” de Ricardo Teixeira<sup>1678</sup>; a tentativa de Lula de capitalizar-se como “patrono” da Copa<sup>1679</sup>; e, por fim, a exposição da rixa entre os estados pelos “eventos simbólicos” e “os de maior rentabilidade” do torneio<sup>1680</sup>. Um encarte especial dentro do caderno “Esporte” daquele 28 de outubro, com quatro páginas, também destacado como chamada na capa do jornal, repassou “histórias e relatos de quem viveu o primeiro Mundial do país muito além do Maracanazo”<sup>1681</sup> - algo trazido à tona também, supõe-se, pela linha de pensamento de que já estava praticamente certa uma “nova Copa no Brasil”. Uma das seis sedes da Copa de 50, São Paulo recebeu um enfoque negativo, como se tivesse sido “pé-frio” ou o resultado da partida da seleção brasileira na cidade, um empate com a Suíça, com gol de empate sofrido nos minutos finais, diante da expectativa de goleada, indicasse mau agouro ou cobrança excessiva da população local.

**A grande decepção seria 18 dias mais tarde. Mas os torcedores que estiveram na única apresentação do Brasil no Pacaembu naquela Copa sentiram antecipadamente o amargor de um fracasso no final.**

Na tarde de 28 de junho de 1950, a equipe nacional vencia a Suíça por 2 a 1 até os 43min do segundo tempo, quando os visitantes empataram com Fatton. “Esperávamos uma goleada, que nunca aconteceu. O Brasil vinha de uma série de resultados bons nos amistosos preparatórios e estreara com goleada [4 a 0, sobre o México] no Rio. Mas emperrou na Suíça”, lembra Rubens Ribeiro, 80, jornalista aposentado e organizador do museu da Federação Paulista de Futebol.

**Ele narra que aquele frustrante empate serviu como combustível nas discussões bairristas entre paulistas e cariocas. “Ficou a impressão de que São Paulo tinha secado a seleção brasileira. Porque no Rio era só festa, um festival de goleadas, e aqui o time parou”.**

**No fim do jogo, os torcedores demonstraram a insatisfação. Um grupo mais exaltado chegou até a queimar a bandeira da CBD (Confederação Brasileira de Desportos), a antecessora da CBF, nas tribunas. ‘Claro que não foi como a frustração da perda do título, mas foi quase’, diz Ribeiro, um dos 42 mil pagantes que assistiram ao empate com os suíços no Pacaembu.**

<sup>1677</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “No Brasil, anfitriões viveram extremos”. São Paulo, 28/10/2007, p. D2.

<sup>1678</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Suíça coroa reabilitação de cartola”. São Paulo, 28/10/2007, p. D3.

<sup>1679</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Lula move plano para capitalizar como ‘patrono’”. São Paulo, 28/10/2007, p. D4.

<sup>1680</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Disputa pela Copa expõe rixas entre os Estados”. São Paulo, 28/10/2007, p. D4.

<sup>1681</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Olhar perdido”. São Paulo, 28/10/2007, p. D5.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Além do Maracanã - São Paulo”. São Paulo, 28/10/2007, p. D6.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Além do Maracanã - Belo Horizonte”. São Paulo, 28/10/2007, p. D6.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Além do Maracanã - Porto Alegre”. São Paulo, 28/10/2007, p. D7.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Além do Maracanã - Recife”. São Paulo, 28/10/2007, p. D7.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Além do Maracanã - Curitiba”. São Paulo, 28/10/2007, p. D7.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Além da derrota”. São Paulo, 28/10/2007, p. D8.

FOLHA DE SÃO PAULO. “‘Pela 1ª vez senti o que era tristeza’”. São Paulo, 28/10/2007, p. D8.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Fantasma apavorou por duas décadas”. São Paulo, 28/10/2007, p. D8.

A rigor, não foi o único resultado no estádio que contrariou a maioria dos torcedores.

Três dias antes, a Itália, então campeã mundial, estreara no Mundial no mesmo palco.

Apesar de ter reformulado o elenco às pressas - em razão da queda do avião com a delegação do Torino, clube que cedia atletas à Azzurra, um ano antes - e apoiada pela grande colônia estabelecida na capital paulista, a equipe frustrou o público.

Abriu o placar, mas levou três gols da Suécia, que acabou vencedora por 3 a 2.

Mesmo com os italianos eliminados, 26 mil pessoas foram ver sua partida de despedida no Pacaembu (uma vitória por 2 a 0 sobre o Paraguai).

O estádio ainda seria usado em três confrontos da fase final - nenhum deles envolvendo a seleção brasileira -, incluindo uma 'partida fantasma'.

Enquanto Brasil e Uruguai se enfrentavam diante de 200 mil torcedores no Rio, suecos e espanhóis jogaram em São Paulo, em partida iniciada no mesmo horário da decisão e que definiu o terceiro colocado da Copa.

Nova zebra sueca, que fez 3 a 1 no jogo que teve 11 mil pagantes (menos de 25% de ocupação do estádio à época).<sup>1682</sup> [grifo nosso]

Em 29 de outubro, pelo segundo dia seguido, a **tag copa do mundo** apareceu na capa da *Folha de S.Paulo*, mais uma vez na faixa logo abaixo do cabeçalho, só que não mais como o centro das atenções, e sim numa chamada curta, sem foto: “Projeto da Copa omite violência em estádios”<sup>1683</sup> - o destaque, de qualquer maneira, ficou com o futebol, em imagens de jogadores de Corinthians (Lulinha) e São Paulo (Rogério Ceni), e explicações sobre o que o primeiro precisava na luta contra o rebaixamento e o que faltava ao segundo para conquistar o título do Campeonato Brasileiro. A reportagem sobre o Mundial era, de certa forma, uma continuação de outra, publicada em 26 de agosto, supracitada, revelando detalhes do *Bid Book* de algumas cidades candidatas a cidade-sede que compunham o *Bid Book* da candidatura brasileira - que, é sempre bom lembrar, trata-se de um documento sigiloso. A diferença é que, em agosto, não era possível comparar informações do *livro* de cada cidade com a percepção da Fifa, o alvo e, ao mesmo tempo, avaliador daqueles dados e, no fim de outubro, com a divulgação do *relatório*, uma análise oficial dos inspetores produzida em nome da entidade, sim. Dois meses antes, destacaram-se as apresentações das cidades, que se venderam alardeando eventos que comprovariam sua infraestrutura e capacidade de organização, bem como propostas peculiares - uma delas, destacada no título, de hotéis flutuantes para diminuir a defasagem de leitos de hotel<sup>1684</sup>. Dessa vez, ainda que sem merecer a capa de “Esporte”, apenas a contracapa, atacou-se talvez um dos pontos mais frágeis das cidades brasileiras, a

<sup>1682</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Além da derrota - Pacaembu antecipa Maracanazo em empate do Brasil com a Suíça”. São Paulo, 28/10/2007, p. D8.

<sup>1683</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Projeto da Copa omite violência em estádios”. São Paulo, 29/10/2007, p. A1.

<sup>1684</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Até hotel flutuante é opção para Copa”. São Paulo, 26/08/2007, p. D6.

questão da segurança e da violência, das contradições entre as informações impressas no *livro* e a realidade nessa área, de que “à Fifa quase todos os Estados brasileiros relatam não ter havido incidentes em eventos esportivos na última década”, apesar de que “em dez anos, há registros na Folha de 71 confrontos de torcida, com várias mortes, a maioria delas dentro das arenas ou em seu entorno”. O texto é carregado de um certo inconformismo diante da cara-de-pau dos produtores dos *Bid Books* de cada cidade a que o jornal teve acesso. Além dessa impressão inicial que registrei, lembram-se “três assassinatos em menos de 24 horas em brigas de torcidas paulistas”, em 2005, a “massa de torcedores corintianos” que “tentou invadir o gramado do Pacaembu para agredir jogadores, após derrota para o River Plate”, “enfrentados por soldados da PM”, em 2006 e que, “em março último, no Paulista, santistas e são-paulinos se enfrentaram na Vila Belmiro”, em que “até vaso sanitário foi atirado”. Ao redor da matéria, ocupando a página inteira, seis fotos, três de cada lado, evidenciando momentos de brigas de torcidas e/ou confrontos com policiais em São Paulo (Morumbi, Pacaembu e Vila Belmiro), Rio de Janeiro (São Januário) e Belo Horizonte (Mineirão). A conclusão, como se quisesse evidenciar o cinismo ou a ignorância do *relatório*, diz que: “Diante dessas informações, a Fifa dedicou só uma página a segurança no seu relatório sobre o Brasil.”<sup>1685</sup> Disse que “havia uma preocupação, mas que ‘a percepção geral do público era, talvez, pior que a realidade’”<sup>1686</sup>.

Ainda no mesmo dia, 29 de outubro, a *Folha* destacou a “guerra civil” entre as cidades para se garantir como cidades-sede da Copa do Mundo, “seja para fazer a partida de abertura ou de encerramento, cerejas do bolo de qualquer grande torneio”. Uma ênfase que já vinha sendo ensaiada pela publicação, mas elaborava-se nessa edição de uma forma esclarecedora para os leitores, explicando, por exemplo, por que poderia ser mais vantajoso receber a abertura, como queria São Paulo, em vez do encerramento. E, coincidentemente, o defensor dessa tese, a fonte da reportagem, era Caio de Carvalho, presidente da SPTuris e da “comissão que prepara o Estado para a Copa”. “Não se trata de uma escolha pela honra, mas pelos negócios”, resumiu. Mencionavam-se ainda os governadores que já estavam em Zurique para a cerimônia do anúncio oficial na Fifa e o luxo da hospedagem, em que “a diária mais barata do hotel custa o equivalente a R\$ 800”<sup>1687</sup>. Reportagem complementar a essa comentou que receber jogos de Eliminatórias da Copa seria “mimo” para quem não se tornasse cidade-sede da Copa do Mundo

<sup>1685</sup> A ausência do “que” nesse trecho justifica-se por ser uma reprodução fiel do original.

<sup>1686</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Projeto da Copa vê estádios como ilhas de segurança”. São Paulo, 29/10/2007, p. D8.

<sup>1687</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Começa ‘guerra civil’ pela Copa-2014”. São Paulo, 29/10/2007, p. D6.

de 2014<sup>1688</sup>. Outras reportagens secundárias, atreladas às que analisei, ocuparam praticamente três páginas do caderno “Esporte”, porém, diferentemente do dia 28, dividindo espaço com notas curtas de outros assuntos, como Stock Car.

Em 30 de outubro, pelo terceiro dia seguido, a **tag copa do mundo** ganhou a capa da *Folha de S.Paulo*. Como se tratava de publicação exatamente no dia do anúncio oficial, mereceu a foto principal da primeira página e a manchete secundária, acompanhada de um acréscimo de chamada. Como se acalmasse seus leitores, a manchete secundária dizia: “Para Fifa, CPI não ameaça Copa do país”<sup>1689</sup> - a respeito da CPI sobre o escândalo Corinthians-MSI, sua extensão aos clubes brasileiros e a tese de Ricardo Teixeira, presidente da CBF, de que prejudicaria a candidatura brasileira. O resumo da capa explicou que “a possível instalação de CPI sobre lavagem de dinheiro no futebol brasileiro não ameaça a Copa-2014 no Brasil, segundo a Fifa, que deve aprovar o torneio hoje, com a presença de Lula. O presidente da entidade, Joseph Blatter, diz que o evento só correria risco se a CPI impedisse o futebol no país”. A chamada, remetendo à coluna de Janio de Freitas, um dos articulistas da *Folha*, intitulada “Imagens expõem bonde dos irresponsáveis”<sup>1690</sup>, por sua vez, alertou os leitores para uma “conquista” que talvez não valesse assim tanto a pena como parecia. No resumo do artigo na primeira página, Janio falou dos governadores que viajaram a Zurique, na Suíça, para a cerimônia com “olho duplo no objetivo de agradar a Lula e de explorar entusiasmos ingênuos dos seus eleitores. Eles contribuem ao propósito irresponsável de desviar bilhões de necessidades prementes para a festa, que não faz falta ao Brasil”. Como se conversasse com o que apontou em texto, a foto mostrava o técnico da seleção brasileira, Dunga, e o governador de Minas Gerais, Aécio Neves, possível candidato à presidência em 2010, saindo do hotel para almoçar.

Indicando um momento realmente especial, a capa do caderno “Esporte” foi dedicada exclusivamente à **tag copa do mundo**, com uma foto de Blatter ao lado do título “Antes da festa, Fifa condena política”, em que, além de aprofundar o que já fora dito na primeira página do jornal, deu detalhes da cerimônia que se realizaria naquele mesmo dia: “Único país candidato a abrigar o Mundial de 2014, o Brasil fará hoje a última apresentação de sua candidatura na sede da Fifa, às 12h30 (9h30 de Brasília). Em seguida, a pretensão do Brasil será submetida a voto em reunião do Comitê Executivo. E, às 15h (12h), a aprovação deve ser anunciada”. Apesar do cuidado em não dar o sucesso brasileiro como favas contadas (apesar do deslize na

<sup>1688</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Eliminatórias são mimo de quem ficar sem jogos”. São Paulo, 29/10/2007, p. D7.

<sup>1689</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Para FIFA, CPI não ameaça Copa no país”. São Paulo, 30/10/2007, p. A1.

<sup>1690</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Imagens expõem bonde dos irresponsáveis”. São Paulo, 30/10/2007, p. A1.



edição dominical de 28 de outubro), afirmava-se que “Blatter evitou fazer mistério. ‘Não vejo como o Brasil pode sair perdedor, já que ninguém está disputando com ele’, disse o presidente da Fifa, que lamentou o fato de haver uma única candidatura”. O presidente da Fifa ainda “ressaltou a importância do relatório de inspetores da Fifa sobre o Brasil, que aprovou até pontos fracos como o sistema aéreo e a segurança”<sup>1691</sup> e que a *Folha* tratou de contradizer pelo segundo dia seguido, estendendo a reportagem da véspera na segunda página de “Esporte”, com “Gargalos da economia real desafiam o Mundial”, dizendo que os organizadores teriam de enfrentar “os gargalos que travam o crescimento do país”, já que “cimento, segurança elétrica, espaço nos aeroportos e transporte, tudo que, com ou sem a competição, é um problema nacional para os próximos anos”; e “Estatísticas contestam inspetores”, artigo mais específico sobre transporte urbano<sup>1692</sup>. A “guerra civil” entre as cidades-sede do dia anterior é personalizada na disputa entre os nomes mais cotados do principal partido da oposição ao governo federal naquele momento, o PSDB, dos governadores mineiro e paulista, Aécio Neves e José Serra. Nas palavras do jornal, “a Copa de 2014, que será no Brasil, acabou funcionando como uma espécie de motor de arranque para a ‘Copa de 2010’ também no Brasil, ou seja, a eleição presidencial”. Os dois passam ilesos a críticas. Aécio é tido como “rápido” na resposta diante da provocação de um repórter, em que de bate-pronto teria se colocado como cabo-eleitoral de Serra. E este, por sua vez, não escrito, mas implícito, como “estudioso”, pois “veio lendo no avião trabalhos acadêmicos sobre o tema [os benefícios econômicos que organizar uma Copa traz para o país-sede] e terminou convencido de que ‘os impactos econômicos são geralmente superestimados’”<sup>1693</sup>. Como em 29 de outubro, o dia 30 ocupou-se com praticamente três páginas do caderno “Esporte”.

Abro espaço para destacar aqui a coluna de Soninha (Sonia Francine), que, apesar de não entrar no escopo do levantamento de *tags* desta pesquisa, chamou a atenção, inicialmente, pelo título, “!?!”, que mais lembrava exclamações de revistas em quadrinhos infantis, e segundo pela crítica contundente ao trabalho dos inspetores e, conseqüentemente, ao *relatório* que produziram. Por mais que seja uma opinião particular e, tratando-se de uma coluna regular, não publicada especialmente pela ocasião ou a convite da *Folha*, o texto retratou incoerências do *relatório* e o inconformismo de quem acompanhou as notícias a respeito da “turnê” dos inspetores e das bases para sua avaliação:

<sup>1691</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “copa 2014 - Antes da festa, FIFA condena política”. São Paulo, 30/10/2007, p. D1.

<sup>1692</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Estatísticas contestam inspetores”. São Paulo, 30/10/2007, p. D2.

<sup>1693</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Copa-14 antecipa ‘Copa-10’, a eleição”. São Paulo, 30/10/2007, p. D3.

EIS QUE o Brasil será novamente sede de uma Copa, vencendo por W.O. “O grupo de inspeção opina que o Brasil está em condições de organizar uma Copa do Mundo excepcional”, informa o relatório de avaliação da candidatura. O país “possui o potencial necessário e demonstrou que é muito capaz de organizar uma Copa excepcional”, reitera. **“Demonstrou” como, caras-pálidas?**

**Um relatório objetivo, baseado na inspeção das condições atuais e na análise de promessas e projeções para o futuro distante, não deveria jamais se aventurar no território dos adjetivos. “Excepcional”?**

**Isto porque, apesar de o Brasil poder orgulhar-se de uma vasta tradição como anfitrião de eventos esportivos (!) e de outra natureza, as normas e exigências da Fifa excedem consideravelmente as de qualquer outro evento organizado na história do país. É verdade. Mas o rigor das normas em si não parece ser o mesmo dos autores do relatório.**

**Para começar, eles verificaram pessoalmente 5 das 18 cidades candidatas. E em visitas breves. Foram nove dias no total. Diante de evento de tamanha ‘magnitude e complexidade, como dizem, não seria recomendável assistir ao menos a um jogo de futebol em cada cidade? Não seria mais útil do que almoçar nos palácios de governo? Há lugares em que nem pisaram. As 13 outras candidatas fizeram apresentações “profissionais e apaixonadas” aos inspetores enquanto estavam no Rio de Janeiro. Foi o suficiente para “se darem conta perfeitamente (!) do potencial de cada uma”.**

Isso porque era candidatura única... Se fossem vários os concorrentes, eles teriam tempo para inúmeras viagens internacionais. Que gastassem sola de sapato por aqui!

**O relatório é contraditório em si mesmo. A conclusão final é a de que temos “boa infra hoteleira e em número suficiente nas possíveis cidades anfitriãs”. Mas o capítulo específico sobre estadia diz que “é preciso se esforçar para fazer frente ao déficit que ainda existe” e identifica uma insuficiência ‘em particular, no caso de São Paulo’ (!). Mais adiante, diz que as cifras estão abaixo do requerido ‘nas cidades-chaves de Rio de Janeiro e São Paulo’ (!!).**

**Em compensação, depois de “revisar esta informação exaustiva com absoluta objetividade”, o grupo de inspeção concluiu que “a atual (!!!) infra-estrutura de transporte permitiria ao Brasil organizar uma excelente (!) Copa em 2014”.**

“As 18 possíveis anfitriãs têm bons aeroportos”. Ao prever grandes deslocamentos em função de determinadas partidas, o grupo “pode confirmar com confiança (!!!) que a infra-estrutura de aeroportos poderia receber numerosos passageiros em viagens de ida e volta em um único dia”. Quanto ao transporte urbano, temos “boas infra-estruturas para dar conta dos espectadores de uma partida”. Incrível. Devem ter ido ao Maracanã de helicóptero.

Se ao menos dissessem que ‘os investimentos anunciados proporcionarão estrutura... **O Brasil tem o direito de querer sediar uma Copa. Mas podíamos fazer mais por merecer o evento... Mais que só amar e jogar bem o futebol. Nesse jogo, não se pode perder nem cogitar ganhar jogando feio.**

<sup>1694</sup> Reprodução do texto da colunista Soninha, no jornal *Folha de S.Paulo*, na edição de 30 de outubro de 2007, na página D3 do caderno de Esporte.

*A cobertura, de fato (candidata coadjuvante)*

Finalmente, em 31 de outubro, dia seguinte à oficialização do Brasil como país-sede da Copa do Mundo de 2014, a **tag copa do mundo** alcançou a manchete principal da *Folha de S.Paulo*: “Copa do Mundo de 2014 será no Brasil” - e ainda consagrou uma sequência de quatro destaques da *tag* na capa do jornal. O título estendia-se de uma ponta à outra da primeira página e era acompanhado, logo abaixo, por foto do tamanho de cinco de seis colunas, como descreve a legenda: “Da esq. para a dir., os ministros Marta Suplicy e Orlando Silva, Paulo Coelho, Dunga, o presidente Lula, Romário, Ricardo Teixeira e Joseph Blatter (Fifa) na cerimônia”. Acrescentando que, ao centro, Lula provavelmente discursava e recebia aplausos, já que estava com o microfone nas mãos e os demais citados batiam palmas, com exceção de Romário, segurando a taça da Copa do Mundo, e Teixeira, aparentemente alheio aos demais, olhando para baixo, com a mão esquerda segurando a direita, ambas caída em frente ao corpo. O resumo da manchete dizia: “A Fifa confirmou o Brasil como sede da Copa de 2014. Será o segundo Mundial no país - em 1950, a seleção foi vice ao perder do Uruguai. O Brasil era candidato único, mas o anúncio foi cercado de ufanismo. Da fala de abertura de Ricardo Teixeira, presidente da CBF, ao agradecimento de Lula, as promessas foram que a Copa ajudará o país. A comitiva brasileira tinha 12 governadores e três ministros. Segundo Lula, será um Mundial ‘pra argentino nenhum colocar defeito’”<sup>1695</sup>. Curioso é que, apesar de ser uma concorrência visando à recepção de um evento de grande magnitude, capaz de render dividendos simbólicos na geopolítica mundial ou na disputa por vaga entre os países e cidades considerados globais, de maior relevância no planeta de acordo com alguns critérios, a *Folha* preocupou-se em lembrar da parte esportiva, de que na primeira Copa no país, em 1950, “a seleção foi vice ao perder do Uruguai”<sup>1696</sup>. Impossível dizer, porém, se por ser entendida como uma cicatriz eterna, que deve ser sempre lembrada por todos os torcedores; se uma mera lembrança corriqueira e despretensiosa; ou se munida de um sentimento de reviver a história e/ou, de certa forma, consertá-la nessa nova oportunidade. Abaixo da foto, uma chamada para a coluna de Tostão (“País pode fazer bela Copa; outra coisa é resolver problemas”<sup>1697</sup>), duas manchetes secundárias, chamando a atenção para uma ausência bastante sentida (“Pelé não comparece à

<sup>1695</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Copa do Mundo de 2014 será no Brasil”. São Paulo, 31/10/2007, p. A1.

<sup>1696</sup> Na página D2, acompanhando o selo “copa 2014”, relembrou-se “quem ganhou a copa em casa - Uruguai-1930 - Itália-1934 - Inglaterra-1966 - Alemanha-1974 - Argentina-1978 - França-1998” e “grandes derrotas em casa - BRASIL, para o Uruguai, em 1950 - Suécia, para o BRASIL, em 1958 - Alemanha, para a Itália, em 2006”.

<sup>1697</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Tostão - País pode fazer bela Copa; outra coisa é resolver problemas”. São Paulo, 31/10/2007, p. A1.

cerimônia”<sup>1698</sup>) e a irritação do presidente da CBF (“Menção a violência irrita Teixeira”<sup>1699</sup>), e um destaque de fala de Paulo Coelho (“Já vi discussões de cinco horas sobre um jogo e nunca vi ninguém discutir 5 horas sobre uma relação sexual. Pelo menos a emoção dura mais”<sup>1700</sup>).

A cobertura nas páginas do caderno “Esporte” era, como esperado, a maior desde que o assunto entrou na pauta da *Folha* e de outros veículos de comunicação, com direito, pelo segundo dia seguido, a selo especial identificando o tema (“copa 2014”) nas oito páginas de reportagens (superando as quatro páginas da edição dominical de 28 de outubro). A capa de “Esporte” registrou o momento da cerimônia em que Blatter tirou o nome do vencedor do envelope, segurando e apresentando o cartão com a inscrição “2014 FIFA World Cup - Brazil” para as câmeras e os presentes na sede da entidade máxima do futebol, em Zurique. Os editores aproveitaram para brincar com a palavra em letras garrafais, a do país, e, em cima dessa foto, dispuseram um primeiro título em que, diagramado propositadamente, dá para ler: “made in Brazil”. Logo abaixo, como antecipara a capa do jornal, a reportagem que apresentava a vitoriosa candidatura brasileira optou por destacar: “Nacionalismo marca volta da Copa ao país após 57 anos”. Em quantidade e qualidade acima das de outros momentos do processo de candidatura, esse texto detalha a cerimônia, como, por exemplo, quando diz que “Marcada pela Fifa para as 12h30 (9h30 de Brasília), a apresentação brasileira começou 26 minutos após o previsto, por atraso do presidente Lula”, ou que “os discursos foram entremeados de dois vídeos, dominados por depoimentos de artistas da TV Globo e de imagens da emissora, com cenas de paisagens naturais, jogadas e uma narração em inglês que repetia as promessas de que a Copa será um grande investimento para o Brasil. Ao fundo, samba. Depois de um intervalo de duas horas, chegou o momento mais esperado”<sup>1701</sup>.

Entre as várias reportagens ao longo das oito páginas, destaco a forma como se aprofundaram as manchetes da capa do jornal, como a supracitada sobre o anúncio oficial. Na segunda página de “Esporte”, a irritação do presidente da CBF “com uma pergunta da agência Associated Press sobre a segurança no Brasil”, em que “antes de responder, Teixeira, agitado, quis saber a que meio de comunicação pertencia a jornalista” e “a nacionalidade dela (Erica Bouman é canadense), o que é inusitado em entrevistas coletivas internacionais”, revelou (ou reforçou), de certa maneira, um aspecto da personalidade do dirigente, a intolerância para, diante de uma pergunta pertinente, uma contradição apontada pela própria *Folha*, receber

<sup>1698</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Pelé não comparece à cerimônia”. São Paulo, 31/10/2007, p. A1.

<sup>1699</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Menção a violência irrita Teixeira”. São Paulo, 31/10/2007, p. A1.

<sup>1700</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Paulo Coelho coteja sexo e futebol”. São Paulo, 31/10/2007, p. D2.

<sup>1701</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “made in [Brazil \*foto\*] - Nacionalismo marca volta da Copa ao país após 57 anos”. São Paulo, 31/10/2007, p. D1.

eventuais críticas ou aceitar o comportamento da imprensa que beira a cobrança e/ou a desconfiança. Tanto é assim que a publicação buscou explicar aos leitores o porquê de Teixeira perguntar qual o veículo de comunicação e a nacionalidade da interlocutora (que não teria sido só para desqualificá-la, desviá-la, afinal, uma prática incomum e, logo, desrespeitosa, intimidatória): “para Teixeira, a nacionalidade era relevante porque sua resposta enveredou pelos problemas de violência nos EUA (‘vejo nos EUA garotos atirando em escolas’), no Reino Unido (‘há países supostamente muito seguros onde a polícia assassina inocentes’, óbvia referência ao caso do brasileiro Jean Charles de Menezes, morto no metrô londrino), até chegar ao próprio Canadá”. Para a reportagem, era tudo parte da construção (e também de uma vitimização) de uma “teoria da conspiração”, pois “o Canadá estaria interessado em assumir a Copa de 2014 caso o Brasil não consiga cumprir todas as exigências feitas pela Fifa”. A publicação provocou Teixeira, dizendo que ele “esqueceu-se de que o Brasil ocupa hoje o quarto lugar no ranking dos 84 países com maior número de homicídios, conforme dados da Organização Mundial de Saúde”. Entre os três governadores interpelados para responder sobre o mesmo tema, o paulista, José Serra, procurou se defender alegando “queda nos índices de homicídios” e que não via ““(...) nenhum problema em termos de segurança [para a Copa de 2014]”, até porque ‘providências especiais’ são tomadas nessas ocasiões, como aconteceu no Rio, durante o Pan”<sup>1702</sup>. Ainda nessa segunda página, detalhes do discurso e da comparação futebol/sexo de Paulo Coelho, que “conseguiu fugir do script em geral burocrático”, evidenciam que, apesar do respeito pela ousadia, o escritor teve de aceitar da plateia “tímidos risos” e rapidamente evitar “uma eventual interpretação livre: ‘Não estou dizendo se é melhor ou pior [futebol ou sexo]; só que dura mais [a discussão sobre futebol]’”. Entendida pela reportagem como “tese polêmica”, o texto preferiu dar voz ao governador mineiro, Aécio Neves, a quem classificou como alguém “com fama de grande namorador”, o que, se não uma colocação misógina, irrelevante em qualquer medida (no contexto do discurso desastroso, de seu papel como político e chefe de estado, ou em relação à organização da Copa ou à questão esportiva) e deselegantemente irônica por dizer, nas entrelinhas, que era essa a fala que publicava pela ausência de uma melhor, a de um especialista, como “a ministra Marta Suplicy, que, como sexóloga, seria a pessoa indicada para comentar a teoria de Coelho”, mas que “não se aproximou dos jornalistas o suficiente para ser consultada sobre o assunto”<sup>1703</sup>.

---

<sup>1702</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Pergunta sobre violência irrita Teixeira”. São Paulo, 31/10/2007, p. D2.

<sup>1703</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Paulo Coelho coteja sexo e futebol”. São Paulo, 31/10/2007, p. D2.

Na terceira página de “Esporte”, a *Folha de S.Paulo* comprovou que “a informação não só derruba a argumentação do estafe de Pelé, de que ele estaria ontem na feira, cumprindo compromissos com uma empresa de grama sintética. Escancara, também, falta de entendimento entre o ex-jogador e Ricardo Teixeira, presidente da CBF”. Mais do que a ausência física do Rei do Futebol e da ausência sentida, por exemplo, por Franz Beckenbuar, o jornal detalhou outra ausência, a simbólica, até nos vídeos de apresentação, em que “não apareceu fazendo um gol. O único lance selecionado pela CBF foi o do seu passe para o gol de Jairzinho, contra a Inglaterra, na Copa do México, em 1970”. Essa comprovação de que, de certa forma, a candidatura brasileira e, ao que tudo indicava naquele momento, também a organização brasileira para a Copa do Mundo, tinham “apagado” a necessidade de Pelé, seja como garoto-propaganda ou um verdadeiro diretor executivo, foi reforçada pela própria publicação, que reconheceu, na mesma página, a invisibilidade do craque num organograma intitulado “quem é quem na copa do mundo-2014”, tentando dar ordem à hierarquia das “peças” daquele jogo político envolvendo Fifa, CBF e poder público<sup>1704</sup>.

Na quarta página, listaram-se jovens jogadores das principais seleções nacionais que, dali a sete anos, poderiam ser os astros da Copa do Mundo de 2014<sup>1705</sup> e o apoio de dirigentes de outros esportes à realização do torneio no país, descartando um eventual “conflito de patrocinadores”<sup>1706</sup>. Na quinta página, apresentaram-se as medidas ambientalmente sustentáveis do COI e das Olimpíadas, mais amplas, adotadas e exigidas há mais tempo do que por FIFA e Copa<sup>1707</sup>. Na sexta e sétima páginas, como a *Folha* insistentemente relatou, ressaltou-se que “Cidades têm planos sem orçamento para a Copa” e que “Projeto inclui estádios ociosos após o Mundial”. O mais interessante, porém, estava no infográfico dividido entre essas duas páginas, intitulado “O Brasil atual e o da copa 2014”, em que, a partir do mapa do território brasileiro, destacaram-se as cidades candidatas a cidades-sede do torneio com nome, estádio, “projetos”, “situação” e um dos três selos que avaliava as condições (amarelo para “tem de passar por reformas”; vermelho para “tem de passar por uma ampla renovação”; e azul para “tem de ser construído”). Ao redor desse mesmo mapa, ilustrações de promessas, como de um estádio, representando os “4 estádios novos” previstos; de um avião aterrissando, acerca da “ampliação de aeroporto” prometida por Manaus; de um ônibus diferente, que seria o “metrô de superfície” de Campo Grande; e de um viaduto ou ponte sinuosa, para referir-se à

<sup>1704</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Pelé não comparece à cerimônia”. São Paulo, 31/10/2007, p. A1.

<sup>1705</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Candidatos a astros de 2014 são imigrantes”. São Paulo, 31/10/2007, p. D4.

<sup>1706</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Oímpicos não temem perda de patrocínio”. São Paulo, 31/10/2007, p. D4.

<sup>1707</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Vedete, onda verde é marola na FIFA”. São Paulo, 31/10/2007, p. D5.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Preservação: questão ambiental dá o tom na solenidade em Zurique”. São Paulo, 31/10/2007, p. D5.

“duplicação de acesso viário” a ser feita em Belo Horizonte. A única relacionada à capital paulista, ainda que assinalada na “seção” do Rio de Janeiro, foi a “do trem bala ligando a cidade a São Paulo”. Para São Paulo especificamente, registrou-se que, entre os “projetos”, está a “extensão do metrô na cidade até 2012 e reformas de avenidas” e, na “situação”, de que “governo lista hotelaria, hospitais e aeroportos como suficientes”. O Morumbi, que recebeu a maior e principal foto dessas duas páginas, mais precisamente de seu portão de entrada, é classificado como “tem de passar por reformas”, a melhor avaliação no índice proposto pelo jornal<sup>1708</sup>.

Entre a oitava e a décima-primeira página, a *Folha* retira o selo especial (“copa 2014”) para abrir espaço à típica cobertura do caderno “Esporte”, focado no futebol e nas disputas esportivas. Reservou-se, ainda assim, a décima segunda e última página, a da contracapa, para o comportamento do presidente da República que, enquanto estadista numa cerimônia oficial, pareceu pouco aprovada pelo jornal, ainda que contada em tom de anedota pelos momentos peculiares: “Com direito a bola e taça, Lula vira torcedor”<sup>1709</sup>. Uma pequena nota fez questão do registro de que a CBF falseou a “euforia de torcida em vídeo exibido na Suíça”<sup>1710</sup> e outra, um pouco maior, de que a “CPI sobre o Corinthians é protocolada no Congresso”<sup>1711</sup>. Com a coluna “Dom Ricardo leva séquito e esquece Rei”, de Juca Kfoury, concluiu a cobertura e resumiu a candidatura brasileira:

Viva! Temos Imperador! Dom Ricardo, Primeiro e Único, o Renascido. Ele pôs aos seus pés um presidente da República e nada menos que 12 governadores, quase o número da sorte de Zagallo, que, desta vez, não estava lá.

Não fez mal. Lá estava Dunga, o anão do reino, que, como nenhum outro na função de pajem, reproduz exclusivamente a voz do dono e não fala com críticos de Sua Majestade.

**A festa foi um show nunca visto na Fifa. O séquito era numeroso para uma cerimônia que não anunciaria nada não sabido: confirmaria o Brasil como sede da Copa-2014!**

Mas não faltaram nem a arrogância e a má educação que caracterizam o Imperador nem as gafes históricas tão comuns ao presidente da República.

Violência há aqui como no Canadá, nos EUA e na Inglaterra, asseverou o Imperador. E faremos uma Copa tão boa que nem os argentinos acharão defeito, garantiu o presidente plebeu, para não falar do gol de pênalti de

<sup>1708</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Cidades têm planos sem orçamento para a Copa”. São Paulo, 31/10/2007, p. D6.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Projeto inclui estádios ociosos após o Mundial”. São Paulo, 31/10/2007, p. D7.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Para Blatter, Maracanã só serve renovado”. São Paulo, 31/10/2007, p. D7.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Arena da Floresta não emplaca, mas Acre já planeja uma nova investida”. São Paulo, 31/10/2007, p. D7.

<sup>1709</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Com direito a bola e taça, Lula vira torcedor”. São Paulo, 31/10/2007, p. D12.

<sup>1710</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “simulação: CBF falseia euforia de torcida em vídeo exibido na Suíça”. São Paulo, 31/10/2007, p. D12.

<sup>1711</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “CPI sobre o Corinthians é protocolada no Congresso”. São Paulo, 31/10/2007, p. D12.

Michel Platini, na Copa de 1986, nada demais para quem já enfiou outro francês em enrascada, Napoleão Bonaparte na China.

**Tucanos e outros bichos faziam a corte, na disputa por um lugar ao sol, perto do trono, quem sabe no braço direito do monarca.**

**Por mais que todos saibam que o todo-poderoso até hoje responde na Justiça pelo que se descobriu na CPI do Futebol, há sete anos, quando alguns dos governadores eram parlamentares com destaque nas denúncias, como o do condado de Pernambuco.**

O show só está começando. Nos próximos sete anos teremos mais. Em breve, virão arenas, quanto mais suntuosas melhor.

Novos palcos para o esporte bretão e, quem sabe, para que o Imperador solte seus leões para devorar aqueles, cada vez em número menor, que ousam criticá-lo, bobos da corte sem graça. Ou até mesmo aqueles burocratas do Ministério Público que insistem em mostrar a nudez real, afronta cada vez mais insuportável e que precisa encontrar seu paradeiro.

Já há até entre os súditos mais céticos os que avaliam que, se tudo correr dentro de taxas normais de corrupção, o reino estará salvo. Sim, porque, argumentam, a corrupção existe desde que alguém inventou de pôr o homem no planeta Terra. E esta Terra é dos espertos.

**Que os derrotistas se aquietem, os antipatriotas se calem, pois um valor mais alto se levanta.**

**A candidatura única brasileira é tão avassaladora que enterrou o rodízio de continentes, tal a força do acordo com outras famílias reais da Sul-América, lembrando que o Rei da Conmebol tem cargo vitalício, para admiração de índios e europeus.**

**Impossível, à guisa de finalizar esta ode ao Imperador, não lembrar que o que de melhor há em nossa intelectualidade também se fez presente e, espirituoso como sempre, lembrou que neste reino paradisíaco se fala mais de futebol do que de sexo.**

**Perfeito! Ou quase. Só faltou um detalhe, menor sem dúvida, mas que espantou o futebol: o verdadeiro Rei não estava no séquito do Imperador. O tal do Rei Pelé.<sup>1712</sup>**

Como assinalei acima, as *tags* **copa do mundo** e **copa em sampa** adquirem maior visibilidade a partir de março e, por isso, listei e comentei principalmente quando ganharam destaque na capa do jornal, quando foram capa do caderno “Esporte” ou por algum aspecto por mim considerado importante na análise da criação do cenário a respeito do assunto pelas páginas da *Folha de S.Paulo*. A partir desse terceiro mês de 2007, as duas *tags* também estabeleceram certa regularidade de menções no caderno “Esporte”, com uma média de 35 *tags* (somando **copa do mundo** e **copa em sampa**) por dia até julho; agosto registra um salto de menções, quase dobrando a média do período anterior (69), em razão da visita dos inspetores da Fifa; em setembro, as menções caem, aproximando-se daquela média anterior, provavelmente pela concorrência, no noticiário, com o escândalo envolvendo o Corinthians e seu parceiro, a MSI (30); e, finalmente, outubro registra novo salto, dobrando as menções de agosto (141), por ser o mês da oficialização do Brasil como sede da Copa do Mundo de 2014,

<sup>1712</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “análise: Dom Ricardo leva séquito e esquece Rei”. São Paulo, 31/10/2007, p. D12.



alcançando exatamente no dia seguinte ao anúncio da Fifa a primeira e única manchete do jornal no período recortado, além de mais três destaques na primeira página e a longa sequência de aparições entre os dias 16 e 31. Outubro, de certa forma, é um retrato não só da *Folha*, mas dos outros veículos brasileiros: reporta os acontecimentos da cobertura de um determinado assunto dentro do possível, do espaço e da concorrência com outros temas; privilegiam-se “furos”, as descobertas exclusivas, que, como é de se esperar, não são tão frequentes, valorizando o esforço da publicação e de sua equipe de reportagem; e aumentam-se os esforços, o espaço e o tratamento quando dizem respeito à cidade em que estão localizados, onde têm maior capacidade de cobertura, em termos de pessoal, conhecimento e deslocamento, e/ou pela dimensão do acontecimento, reconhecidamente importante para a cidade, o estado, o país, o mundo e/ou veículo, o que, no caso da Copa do Mundo, com São Paulo como participante do processo de candidatura do torneio, diz respeito a todas essas circunstâncias pelo anúncio oficial.

#### *A cobertura repetida (candidatura protagonista)*

Em seguida a essa repercussão da oficialização do Brasil como país-sede da Copa do Mundo de 2014, em 31 de outubro de 2007, como acabamos de apresentar e analisar, encerrando, portanto, o momento de São Paulo enquanto *candidata coadjuvante* a cidade-sede do torneio, iniciado em dezembro de 2006, segue-se aquele em que a capital paulista comportou-se como *candidata protagonista*, entre 1º de novembro de 2007, exatamente o dia seguinte, e 31 de maio de 2009. O que se percebe nesse período é, inicialmente, um rescaldo da decisão anunciada pela FIFA e, em seguida, queda no interesse pelo tema. O foco voltou-se, principalmente, para o estádio do Morumbi e as alternativas. Só próximo da data de definição das cidades-sedes do Mundial é que, como observamos acima, a *Folha de S. Paulo* intensificou a cobertura sobre o assunto.

Ainda que sem destaque na capa, restrito ao caderno “Esporte”, o jornal continuou a repercussão, como frisado, já em 1º de novembro de 2007. Naquela edição, revisitou-se a “pergunta da agência Associated Press sobre a segurança no Brasil” que tanto incomodou o presidente da CBF, Ricardo Teixeira, insinuando conspiração, para apresentar novos argumentos que corroboravam a pertinência da questão e desmentiam o dirigente. Segundo a reportagem, os índices de violência das cidades que disputavam a condição de cidades-sede

igualavam-se aos dos palcos dos jogos da África do Sul, anfitriã da Copa do Mundo de 2010<sup>1713</sup>. No mesmo dia, acompanhado de uma foto de Pelé recebendo um beijo em cada bochecha de modelos alemãs da feira internacional de pisos esportivos em que estava, outro texto reportava como o craque minimizou sua ausência na cerimônia em Zurique. Comemorou o Mundial no Brasil (“É fantástico”) e sua assessoria informou que declinara o convite da CBF “por uma questão de tradição”, pois participaria todo ano dessa feira - o que os organizadores desmentiram, dizendo que estivera, antes, apenas em 2005<sup>1714</sup>.

Se nesses dois pontos a *Folha* venceu, por assim dizer, as batalhas contra Teixeira e sua incoerência, perdeu no dia seguinte, em 2 de novembro, para o seu capital político. Uma nota reconhecia que a Confederação tinha esvaziado a CPI sobre o escândalo Corinthians-MSI graças ao lobby do presidente, que pediu aos governadores estaduais que “agissem em seus partidos contra a investigação”. Sem precisar, a reportagem assinala que “vários deles estavam com Teixeira na sede da Fifa para o anúncio do Brasil como sede do Mundial”. Certo é que, “após a articulação do cartola”, 75 deputados federais e 3 senadores retiraram o apoio à Comissão<sup>1715</sup>. Uma semana mais tarde, a “pressão” surtiu efeito e, com destaque na capa<sup>1716</sup>, noticiou-se o arquivamento<sup>1717</sup>.

A atenção, então, voltou-se para o que seria considerado um teste para as cidades candidatas a cidade-sede da Copa do Mundo de 2014: os jogos da seleção brasileira nas Eliminatórias da Copa do Mundo de 2010. A constatação veio logo em novembro daquele ano, quando brasileiros e uruguaios duelaram no estádio do Morumbi. De acordo com o texto, transformaram-se “em verdadeiras disputas veladas de lobby por vantagens”. A capital paulista tinha acordo com a CBF para receber a partida de abertura do Mundial, mas, como salientou o texto, tudo podia mudar diante de um “fiasco” no confronto internacional, ainda mais “aliado ao status ganho pelo governador mineiro Aécio Neves após ter sido vital para desarticular a CPI de Corinthians e MSI”. O Rio de Janeiro seria outra ameaça, já que as autoridades paulistas “estabeleceram como meta demonstrar uma organização melhor do que a dos cariocas contra o Equador [em compromisso passado]”. Sem falar nas outras cidades que, com seis partidas das

---

<sup>1713</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Copa-14 iguala violência sul-africana”. São Paulo, 01/11/2007, p. D6.

<sup>1714</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Em feira, Pelé diz que Mundial ‘é fantástico’”. São Paulo, 01/11/2007, p. D6.

<sup>1715</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “CBF esvazia a CPI do Corinthians”. São Paulo, 02/11/2007, p. D1.

<sup>1716</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Por falta de três assinaturas, CPI do Corinthians é arquivada”. São Paulo, 09/11/2007, p. A1.

<sup>1717</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Pressão de governadores e CBF barra CPI corintiana”. São Paulo, 09/11/2007, p. D2.

Eliminatórias sem local definido, articulavam “pedidos” pois viam ali “o primeiro passo para estar no Mundial”.

A diretoria são-paulina tentou compensar o número reduzido de assentos VIP, umas das críticas dos inspetores impressas no *relatório*, “com a cessão de seus camarotes à entidade e outros agrados”, mas, por outro lado, sequer conseguia controlar a venda de ingressos. A preços acima da média nacional — o que renderia recorde de arrecadação<sup>1718</sup> — e da dos jogos do clube<sup>1719</sup>, a comercialização começou 11 dias antes<sup>1720</sup>, acabou em seis horas e causou “revolta” em quem estava na fila do Parque Antarctica e entre cambistas e torcedores de organizadas no Morumbi<sup>1721</sup>. Alguns ainda sofreram com o erro de informação de que haveria comercialização na Arena Barueri, quando seria, na verdade, no ginásio municipal da cidade. E, o mais curioso, no dia do duelo, ressurgiram bilhetes nos guichês<sup>1722</sup>. O Ministério Público e a Polícia Militar trabalharam para impedir a ação dos cambistas<sup>1723</sup>. Prenderam dois<sup>1724</sup>, mas os vendedores “agiram livremente” no estádio são-paulino, com alguns até distribuindo “telefones”<sup>1725</sup>. Prefeitura e Governo do estado mudaram os horários de trem e metrô, que fecharam “mais tarde para suportar o fluxo de passageiros”, no que seria, segundo a PM, um “laboratório para a Copa de 2014”<sup>1726</sup>. “O prefeito Gilberto Kassab deixou o Morumbi aos 38 min do segundo tempo, evitando o trânsito”<sup>1727</sup>.

A maior preocupação, porém, estava nas arquibancadas: “Os organizadores do jogo do Brasil, amanhã, dizem estar prontos para não fazer feio na primeira visita da seleção ao país após o anúncio da sede do Mundial de 2014. Mas não bolaram nenhuma estratégia para evitar protestos da torcida no Morumbi, contra o Uruguai”. A lembrança era a de quando, descontente com a seleção no duelo contra a Colômbia, no mesmo Morumbi, os fãs arremessaram bandeiras no campo<sup>1728</sup>. A *Folha de S.Paulo* chegou a cogitar que a presença de ex-jogadores dos principais clubes da cidade na seleção brasileira ajudaria a “blindar” o time das vaias<sup>1729</sup>. O que

<sup>1718</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Jogo bate recorde de arrecadação”. São Paulo, 22/11/2007, p. D3.

<sup>1719</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Seleção em São Paulo custa mais caro”. São Paulo, 10/11/2007, p. D13.

<sup>1720</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Venda começa às 10h de amanhã”. São Paulo, 09/11/2007, p. D2.

<sup>1721</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Confusão e fim de ingressos marcam venda”. São Paulo, 11/11/2007, p. D2.

<sup>1722</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Ingressos esgotados ressurgem nos guichês”. São Paulo, 21/11/2007, p. D6.

<sup>1723</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Painel FC – Guarda baixa”. São Paulo, 13/11/2007, p. D1.

<sup>1724</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Cambistas são detidos com cheque”. São Paulo, 14/11/2007, p. D1.

<sup>1725</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Caos marca bilheteria para eliminatórias”. São Paulo, 12/11/2007, p. D4.

<sup>1726</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Jogo vai mudar horários de trem e metrô”. São Paulo, 10/11/2007, p. D13.

<sup>1727</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Painel FC – Fuga”. São Paulo, 22/11/2007, p. D2.

<sup>1728</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Organização não crê em vaias”. São Paulo, 20/11/2007, p. D4.

<sup>1729</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Paulistas 'blindam' Brasil contra vaias”. São Paulo, 21/11/2007, p. D3.

esperar, contudo, de uma equipe que sequer permite à torcida com “fama de ser fria com a equipe nacional”<sup>1730</sup> assistir aos treinos? No reconhecimento do gramado, na véspera, um grupo pequeno xingou alguns jogadores, pediu a presença do ídolo são-paulino Rogério Ceni e acabou retirado pela polícia<sup>1731</sup>. Como se imaginava, os apupos vieram. A crítica de Dunga a esse comportamento virou destaque da capa de 23 de novembro. O técnico disse ter se sentido “na Colômbia”<sup>1732</sup> e fez do episódio a “primeira discórdia” do Mundial no Brasil, merecendo também a primeira página do “Esporte”:

Primeiro, indiferença. Depois, reclamação. Foi assim que Dunga reagiu às vaias e às críticas da torcida paulista à apresentação da seleção brasileira no Morumbi.

**Depois de declarar que os apupos do público em São Paulo são normais e que sempre acontecem** -chegou a dizer que ‘até Parreira e Telê foram vaiados’ -, o técnico do Brasil se queixou, minutos depois, da falta de receptividade dos torcedores.

**“Me pareceu que estávamos jogando fora de casa, na Colômbia”, disse Dunga, que cobrou apoio incondicional.**

“Eu posso até não concordar com quem está ali [jogando], mas é o meu país. É a seleção que está em jogo. Na Argentina, quando eles tomam um gol, aí é que a torcida torce mais ainda”.

O treinador admitiu a má atuação do time nacional, sobretudo no primeiro tempo. Mas, segundo ele, as vaias vindas das arquibancadas contribuíram para isso. “Houve jogadores que a atmosfera em si não colaborou para eles jogarem.”<sup>1733</sup>

A *Folha* aproveitou o teste para também analisar alguns aspectos, como mencionamos, o da segurança, sendo que no dia da partida prenderam-se 11 cambistas, 30 flanelinhas e 10 vendedores ambulantes<sup>1734</sup> e, principalmente, o clima do estádio. A impressão foi a de que teve um caráter “muito mais elitizado [do] que costumam ser as partidas de futebol no país” e de que, “ainda que minimizados, alguns tradicionais contratempos se repetiram”. De forma geral, menos cambistas e estacionamento clandestinos, mais mulheres, crianças e camisas oficiais, opções de comida simples e regulares para o torcedor “comum”, e sofisticada e chique para os camarotes e espaços VIPs:

<sup>1730</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Em treino, torcedores são afastados da equipe de Dunga”. São Paulo, 20/11/2007, p. D4.

<sup>1731</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Torcida xinga, pede Rogério e é expulsa”. São Paulo, 21/11/2007, p. D3.

<sup>1732</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Dunga critica torcida paulista e afirma que se sentiu ‘na Colômbia’”. São Paulo, 23/11/2007, p. A1.

<sup>1733</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Copa-14 tem sua primeira discórdia”. São Paulo, 23/11/2007, p. D1.

FOLHA DE SÃO PAULO. “‘Parecia jogo fora de casa, na Colômbia’”. São Paulo, 23/11/2007, p. D1.

<sup>1734</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “PM faz prisões antes do jogo”. São Paulo, 22/11/2007, p. D3.

A chegada dos 65.379 pagantes lembrava a chegada do público a um show musical, como os que o Morumbi também recebe eventualmente. O número de mulheres e crianças era bem maior que o habitual nos estádios paulistas. E grande parte do público atendeu ao pedido da CBF, comparecendo com camisas amarelas e da seleção brasileira.

Retrato de um grupo de espectadores mais elitizado, o número de camisas oficiais exibidas nas arquibancadas era aparentemente maior que o de uniformes piratas.

Outro reflexo disso eram os preços praticados nos estacionamento: R\$ 100, em parte decorrentes também da operação da prefeitura paulistana para combater o comércio informal nos arredores do Morumbi. Inúmeros estacionamento no entorno do estádio, que operavam sem alvará de funcionamento, foram lacrados.

Nas ruas que circundam o estádio são-paulino, apenas três estacionamento estavam abertos. E um deles havia firmado convênio para atender com exclusividade os freqüentadores de um dos camarotes - assim, acabou vetado para torcedores que o procuravam.

Outra dificuldade encontrada pelo torcedores, como reflexo da ação da prefeitura, foi a restrição para comer na porta do estádio. No bolsão em que costumam funcionar barraquinhas de lanches, havia só duas tendas da prefeitura.

O problema é que, dentro do estádio, não houve reforço na alimentação oferecida ao torcedor “comum”. O cardápio apresentado nos espaços mais populares foi o de sempre no Morumbi: kits do Habib's, biscoitos e amendoim.

Para quem foi aos camarotes, porém, a fome não foi problema. Na falta de sanduíches de pernil e cachorros-quentes antes de entrar no Morumbi, os ocupantes daqueles setores tiveram à disposição um bufê, com as mesmas iguarias.

Em alguns setores, além dos sanduíches tradicionais de estádios, havia à disposição também sopa e risoto, fornecidos por uma empresa que costuma servir a um luxuoso espaço de eventos na capital paulista.

Além dos quitutes, os felizardos freqüentadores de alguns camarotes tinham ainda atrativos extracampo, como máquinas de videogame.

Bebidas alcóolicas também foram consumidas pelo público. Mais uma vez, quem esteve nos setores mais exclusivos teve maior tranquilidade. Em alguns camarotes, garçons serviam os torcedores.

Já o torcedor “comum” continuou sem autorização para beber cerveja dentro do estádio. E teve mais problemas que de costume para fazê-lo fora.

Com maior rigor do policiamento, os ambulantes não negociavam seus produtos em caixas de isopor, mas andavam com sacolas e anunciavam cerveja de forma discreta, para não chamar a atenção da PM, que posicionou cerca de 2.000 homens nos principais corredores de acesso ao Morumbi.<sup>1735</sup>

Os torcedores não foram os únicos a acabar com a expectativa (de imprensa, dirigentes e autoridades públicas) criada em torno daquele jogo das Eliminatórias. Os organizadores da partida também ignoraram “diversas normas” da FIFA “para aumentar sua renda e agradar a

<sup>1735</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Ensaio de 2014 prevê Copa elitizada”. São Paulo, 22/11/2007, p. D3.

parceiros”, prejudicando o acesso de jornalistas à zona de entrevistas, errando ao permitir que os ônibus de arbitragem e equipes chegassem juntos e, por fim, lançando mão de cadeiras plásticas em camarotes. Segundo a reportagem, porém, “o problema maior foi com os camarotes VIPs e locais corporativos, negociados com empresas”, onde havia de boates a outros centros de entretenimento ocupando o anel inferior, “atrapalhando torcedores, jornalistas e atletas”, deixando “impossível o trânsito por todo o piso térreo do estádio, a não ser para quem tivesse credencial com poderes ilimitados”<sup>1736</sup>. Um mosaico de imagens na mesma página dessas duas últimas reportagens mencionadas mostrava torcedoras sorridentes mais preocupadas em tirar fotos, policiais armados revistando torcedores, VIPs fazendo pose em camarote com DJ e um garoto com a camisa da seleção brasileira, nome de “Ronaldinho” e número “10” nas costas, mostrando o dedo do meio.

O olhar mais acurado sobre o Morumbi, com a lupa de críticas calibrada pelos padrões da FIFA, viria, paulatinamente, evidenciar as limitações do estádio. O São Paulo podia se gabar de um nível de organização e eficiência superior ao dos rivais nacionais, alcançando, por exemplo, a “maior receita de clube brasileiro na história” em um ano (2007)<sup>1737</sup>, ou por saber manejar o Morumbi para manter o superávit, negociando, por um período, o anel inferior para que empresas explorassem o espaço<sup>1738</sup>. Nada disso, porém, escondia a realidade das inadequações técnicas do estádio. Como parte da cobertura do jogo das Eliminatórias, uma reportagem explicou que o clube investiu “R\$ 300 mil em pequenas redormas no setor VIP e na estrutura utilizada pelos jogadores”, mas esqueceu dos torcedores: “lugares cegos nas arquibancadas, problemas de evacuação, estacionamento escasso e distância do público em relação ao gramado são os principais problemas apontados por especialistas em arenas esportivas consultados pela Folha”. Carlos de La Corte, que viria a ser contratado como consultor técnico da CBF<sup>1739</sup> e que, na época, tinha acabado de concluir sua tese de doutorado sobre estádios brasileiros na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU-USP), era um desses especialistas e seu trabalho foi a referência para a elaboração de um infográfico premonitório, intitulado “Morumbi longe de 2014”, em que, detalhadamente,

---

<sup>1736</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Por renda e para fazer média, CBF ignora regras da FIFA”. São Paulo, 22/11/2007, p. D3.

<sup>1737</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “São Paulo tem maior receita de clube brasileiro na história”. São Paulo, 09/02/2008, p. A1.

FOLHA DE SÃO PAULO. “No bolso, São Paulo ensina ao Santos”. São Paulo, 09/02/2008, p. D1.

<sup>1738</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Na crise, Morumbi tira São Paulo do vermelho”. São Paulo, 10/02/2009, p. D2.

<sup>1739</sup> Segundo a nota “Engordou”, publicada na seção “Painel FC”, no caderno “Esporte” de 25 de janeiro de 2009 da *Folha de S.Paulo*: “O comitê organizador da Copa de 2014 ganhou um consultor de estádios. É o arquiteto Carlos La Corte. Ele acompanhará os membros da FIFA na visita que farão às arenas brasileiras candidatas ao Mundial.”

apresentava-se onde estavam os pontos cegos do estádio e quantos eram em cada nível (térreo, intermediário e superior). No total, 8.820 lugares tinham a visibilidade prejudicada “por placas de publicidade, banco de reservas, guarda-corpos ou grades de separação”, o equivalente a 13% da capacidade total dos 67.500 lugares.

**“De que adianta colocar as cadeirinhas só para atender à Fifa se o Morumbi tem problemas de visibilidade e a tendência é que as pessoas acabem ficando em pé para ver melhor? Temos que estar atentos à demanda do público”**

(...)

O levantamento do arquiteto indica que o setor mais prejudicado é o térreo, pois conta com uma inclinação de 9, considerada baixa se comparada às arquibancadas dos estádios europeus modernos, que têm entre 25 e 30.

A presença da pista de atletismo também é encarada como ponto negativo. As distâncias entre a primeira fileira da arquibancada e o gramado variam de 36,40 m (setor azul) a 48,90 m (amarelo). Nos estádios modernos europeus, essa distância vai de 6 m a 15 m.<sup>1740</sup> [grifo nosso]

A entrevista do arquiteto responsável pelo projeto do Morumbi, Ruy Ohtake, era a de alguém que parecia alheio a essas observações. Quando questionado sobre o que seria priorizado na reforma do Morumbi, falou num “centro de imprensa respeitável” e uma cobertura para deixar o estádio “com uma cara mais moderna”. A reportagem pontuou que a cobertura não era uma exigência da FIFA. O arquiteto respondeu entender que essa novidade poderia ser decisiva para determinar a sede da abertura da Copa<sup>1741</sup>. Suas declarações corroboravam as interpretações de alguns entrevistados para esta dissertação de que os são-paulinos pensavam na “perfumaria”, na estética, e esqueciam o concreto, as demandas técnicas tão caras à FIFA e seus especialistas<sup>1742</sup>. Cinco meses depois, colocou-se até o Morumbi no patamar de “estádios acanhados”<sup>1743</sup>.

Enquanto isso, seus maiores rivais na capital paulista movimentavam-se para viabilizar suas arenas. Nem a crise financeira vivida pelo Palmeiras, nem o atraso em 14 dias dos salários de jogadores impediram os membros do Conselho de Orientação Fiscal (COF), em junho de 2008, de referendar o negócio com a construtora WTorre, assinando um acordo que previa a

<sup>1740</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Morumbi 'esquece' torcedores”. São Paulo, 21/11/2007, p. D6.

<sup>1741</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “entrevista - Projeto não prevê melhora de visibilidade”. São Paulo, 21/11/2007, p. D6.

<sup>1742</sup> Segundo a nota “Obstáculos”, publicada na seção “Painel FC” do caderno Esporte” de 29 de maio de 2009: “Gente ligada à CBF diz que o principal problema do Morumbi é técnico, e não político. A alegação é a de que o projeto do estádio tem problemas, e que a FIFA promete cobrá-los em reunião do dia 8 de junho, no Rio.”

<sup>1743</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Morumbi repete falhas de estádios acanhados”. São Paulo, 13/04/2008, p. D3.

obra<sup>1744</sup>. O Conselho Deliberativo acompanhou a decisão, um mês depois<sup>1745</sup>. Faltava a palavra final dos cerca de 8.500 sócios<sup>1746</sup>. Mesmo assim, o negócio era dado como certo, aguardando apenas uma confirmação protocolar. Dias antes da votação, a *Folha de S.Paulo* já comentava que “segundo o cronograma previsto pela diretoria, no dia 20 de setembro daquele ano seria lançada a pedra fundamental do projeto”<sup>1747</sup>. Em 30 de agosto, os sócios disseram “sim”<sup>1748</sup>. O curioso é que o presidente da construtora, Walter Torre Jr., admitiu ter negociado antes com o Corinthians, com quem, por pouco, não fechou — a MSI ainda era a parceira, tinha prioridade no tema, e vetou<sup>1749</sup>.

O clube alviverde tinha tudo para entrar no páreo com Corinthians e São Paulo, mas antes de acertar a construção de seu novo estádio, protagonizou algumas trapalhadas. A *Folha* registrou a reabertura do Parque Antarctica, em fevereiro de 2008, em que a diretoria do clube fez questão de mostrar “as melhorias nos vestiários e na sala de imprensa”. Fechado desde o fim do ano anterior, aumentaram-se as dimensões do gramado, “agora, 109,3 x 75 m, próximo das medidas máximas permitidas pela Fifa para jogos internacionais”. O que, sutilmente, o jornal registrou como uma ação visando às semifinais da Copa. No entanto, tratava-se de “um estádio reformado com o gramado desarrumado”, com “algumas falhas e buracos”, o que “chamou a atenção mesmo” — e justamente o mais importante para receber qualquer partida de futebol: o campo<sup>1750</sup>.

Se comparado a São Paulo e Palmeiras, o Corinthians tinha uma relação diferente com o seu estádio. Ou melhor, com a possibilidade de construir seu próprio estádio. A Fazendinha, como já comentado, não era sequer considerada para receber os jogos do clube. Era como se o time não tivesse uma casa e, por isso, ter uma para chamar de sua era uma verdadeira obsessão.

---

<sup>1744</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Arena dribla crise no Palmeiras”. São Paulo, 28/06/2008, p. D3.

<sup>1745</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Sócios vão definir obra do estádio”. São Paulo, 23/07/2008, p. D1

<sup>1746</sup> Segundo a reportagem “Palmeiras define hoje futuro de seu estádio”, publicada em 30 de agosto de 2008 na *Folha de S.Paulo*, na página D4 do caderno “Esporte”:

“Os associados terão duas questões para responder na urna eletrônica. Primeiro, se aceitam a mudança no estatuto palmeirense. Depois, se concordam em ceder o espaço do clube para a realização do projeto.

“Em 21 de julho, o Conselho Deliberativo aprovou a alteração estatutária que inclui o chamado direito de superfície -quando o proprietário concede a terceiros o direito de construir ou de plantar em seu terreno por tempo determinado.

“A atualização do estatuto é fundamental para que, depois, o acordo com a WTorre não seja contestado juridicamente.”

<sup>1747</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Sócios definem nesta semana rumo da Arena”. São Paulo, 24/08/2008, p. D11.

<sup>1749</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Após Palmeiras, construtora quer 5 arenas na Copa-14”. São Paulo, 05/07/2008, p. D2.

<sup>1750</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Palmeiras reabre casa com falhas”. São Paulo, 23/02/2008, p. D4.



Em novembro de 2007, Andrés Sanchez, recém eleito presidente, “ficou convencido de que sua agremiação precisa construir uma arena após palestra sobre gestão dada por dirigentes do Barcelona [da Espanha]”. A reportagem registrou que os corintianos tinham “recentemente” assumido o projeto da FPF, “com investidores estrangeiros” e que a construção “deve ficar próxima à marginal Tietê” — o que lembrava a descrição da “nova praça”, no Bom Retiro, presente no *rascunho* — e ainda tinham outras duas opções<sup>1751</sup>. Em dezembro, “longe de qualquer iniciativa mais concreta”, como salientou o texto, Sanchez já pensava “em entrar numa briga direta com um dos arqui-rivais do clube”:

Ele [Sanchez] pretende tomar o lugar do Morumbi, o estádio do São Paulo, como sede paulista de jogos do Mundial-14. “Com certeza, se o Corinthians fizer o estádio que quer fazer, ele será o estádio da Copa”, provoca.<sup>1752</sup>

O ano seguinte foi de mais especulações. Com destaque na capa de 20 de fevereiro, noticiou-se um “estádio ‘popular’ para o Corinthians na zona leste”<sup>1753</sup> e, como era frequente, reforçou-se a dificuldade histórica nessa empreitada. Acompanhando a reportagem dos detalhes do projeto do consórcio Egesa/Seebra<sup>1754</sup>, um texto aludia aos “planos frustrados há meio século”:

Desde a década de 60 o Corinthians sonha com um estádio próprio. Em quase 50 anos de cobiça por uma arena corintiana, uma série de projetos foi apresentada pelos cartolas que comandaram o clube. Vários chegaram às maquetes e aos esboços. Nenhum, porém, esteve perto de vingar. Entre os mais notórios está o proposto pelo ex-presidente Vicente Matheus. Na década de 80, o folclórico cartola vislumbrou a construção de uma arena no bairro de Itaquera (zona leste) para 200 mil torcedores. Chegou a lançar a pedra fundamental, mas a construção não avançou mais que isso. Os parceiros corintianos também fizeram suas promessas de estádio. O HMTF chegou a comprar um terreno na cidade de Cotia, mas o projeto empacou, e o fundo norte-americano deixou o clube antes de concretizar o sonho dos corintianos. A MSI também chegou ao Parque São Jorge prometendo a construção de uma arena moderna, mas nunca passou disso. Outras opções já foram cogitadas, como o arrendamento do Pacaembu, considerado por torcedores a “casa” do Corinthians. Nunca houve, entretanto, acordo com o poder público paulistano.

<sup>1751</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Corinthians quer fazer seu estádio para a elite”. São Paulo, 23/11/2007, p. D2.

<sup>1752</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Nem na B Corinthians esquece estádio”. São Paulo, 09/12/2007, p. D2.

<sup>1753</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “esporte – Projeto prevê estádio ‘popular’ para o Corinthians na zona leste”. São Paulo, 20/02/2008, p. A1.

<sup>1754</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Arena corintiana ganha benção estatal”. São Paulo, 20/02/2008, p. D1.

Mais recentemente, torcedores fundaram uma cooperativa para arrecadar dinheiro para construir um estádio. Depois de juntarem pouco mais de R\$ 20 mil, desistiram do projeto.<sup>1755</sup>

Esse projeto não iria adiante. Apesar da pressão para que se resolvesse logo a questão<sup>1756</sup> e da manobra corintiana para ganhar tempo<sup>1757</sup>, o negócio começou a estacionar um mês depois, em março de 2008. Diante da possibilidade de construção do estádio, os donos do terreno queriam vendê-lo por R\$ 100 milhões — segundo avaliadores ouvidos pela *Folha*, valeria R\$ 65 milhões<sup>1758</sup>. A Prefeitura, que temia perder seu “principal inquilino”<sup>1759</sup>, voltou a oferecer o Pacaembu<sup>1760</sup>. Mas, como quem repetia uma notícia velha, o jornal avisou, em 28 de agosto, que “sem local, Corinthians fica de novo sem estádio”, pois o consórcio anunciara sua desistência<sup>1761</sup>. No dia seguinte, soube-se que Sanchez “já negociava com outro grupo” e avisava que o sonho não tinha acabado<sup>1762</sup>.

O São Paulo recebeu sinais de que receberia as partidas do Mundial. Em setembro de 2008, o Comitê Olímpico Brasileiro “oficializou à diretoria são-paulina” que colocaria o Morumbi “entre as prováveis escolhas para o torneio do futebol” na proposta de candidatura brasileira à Olimpíada de 2016<sup>1763</sup>. Era um reconhecimento do *status* de “palco da Copa”. No mês seguinte, o Morumbi foi o único estádio paulistano incluído em documento apresentado ao comitê organizador. Segundo a reportagem, “o Pacaembu e o Parque Antarctica foram citados como arenas para abrigar os treinos das seleções que jogarem na cidade” — assim como os centros de treinamento dos dois clubes. O Corinthians sequer foi mencionado<sup>1764</sup>. Acabava a esperança de dois estádios na cidade<sup>1765</sup>. Os são-paulinos sentiam-se confiantes em “ajustar o Morumbi às exigências da Fifa” e, de acordo com a *Folha*, propagandeavam que seria “o único

<sup>1755</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Time vê planos frustrados há meio século”. São Paulo, 20/02/2008, p. D1.

<sup>1756</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Estádio pode ser votado sem parecer”. São Paulo, 21/02/2008, p. D4.

<sup>1757</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Corinthians ganha tempo em empreitada por arena”. São Paulo, 22/02/2008, p. D2.

<sup>1758</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Estádio infla preço de terreno”. São Paulo, 30/03/2008, p. D4.

<sup>1759</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Prefeitura já imagina estádio sem Corinthians”. São Paulo, 11/03/2008, p. D2.

<sup>1760</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Plano B: prefeitura diz que só cede Pacaembu com projeto de R\$ 200 mi”. São Paulo, 25/06/2008, p. D2.

<sup>1761</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Sem local, Corinthians fica de novo sem estádio”. São Paulo, 28/08/2008, p. D2.

<sup>1762</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Sem alarde, Andres já negocia outra arena corintiana”. São Paulo, 29/08/2008, p. D2.

<sup>1763</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Após Copa, Morumbi entra na rota olímpica”. São Paulo, 13/09/2008, p. D6.

<sup>1764</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Só Morumbi é incluído no projeto de SP”. São Paulo, 01/10/2008, p. D1.

<sup>1765</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “CBF veta 2ª arena em São Paulo para a Copa”. São Paulo, 18/10/2008, p. D3.

elogiado pela entidade”<sup>1766</sup>. Até o valor da reforma, estimado em R\$ 135 milhões no *relatório da cidade*, chamou a atenção da publicação<sup>1767</sup>, pois “não pagaria meio Maracanã”<sup>1768</sup>. E se o estádio era “visto pela CBF como estádio obsoleto e que precisaria ser demolido” no início da candidatura brasileira, naquele janeiro de 2009 o comitê paulista apontava a “casa são-paulina como trunfo em relação à maioria dos concorrentes” porque “o investimento exigido para reformá-lo é menor do que para construir um estádio”<sup>1769</sup>. A soberba era tanta que, duas semanas antes do anúncio oficial das cidades-sede da Copa, em 31 de maio de 2009, a diretoria já organizava uma festa para a ocasião. Segundo nota do “Painel FC”, seção de bastidores do jornal, “o clube tem certeza de que o estádio abrigará a partida de abertura”<sup>1770</sup>.

Ainda em setembro de 2008, assim como no momento de São Paulo enquanto *candidata coadjuvante*, o jornal abriu espaço para as visitas de representantes da FIFA. O diretor de Execução e Eventos da Fifa, Alexander Klosterkemper, que insistiu em apresentação no Rio de Janeiro na importância da segurança pública e dos transportes (“precisa ser confiável”), principal motivo de sua visita ao país e outro seminário de orientação às cidades candidatas, aproveitaria para checar propostas em “reuniões fechadas”<sup>1771</sup>. Quatro meses mais tarde, em janeiro de 2009, porém, é que aconteceria o equivalente àquela inspeção do momento anterior da candidatura, “decisiva na escolha dos locais que receberão os jogos do Mundial”. Ao menos em tese. Pois, de acordo com reportagem da *Folha de S.Paulo*, dava-se “pouca importância ao estágio atual da infraestrutura de cidades e estádios candidatos à Copa-2014”, com a prioridade na “análise de projetos e vídeos”.

Pela programação da Fifa, o objetivo é que cada cidade apresente o detalhamento do projeto do estádio. A entidade não fazia questão de visitas às arenas, o que só ocorre quando há um pedido do comitê local e espaço na apertada agenda.

Foi o que ocorreu na capital paulista. **Ficaram uma hora e 30 minutos reunidos com autoridades municipais e estaduais e representantes do São Paulo, dono do Morumbi. Detalhe: o encontro foi no Pacaembu.**

**Na reunião, os inspetores questionaram acessos e a circulação de imprensa, autoridades da Fifa e público no Morumbi, além do setor de vestiários.**

<sup>1766</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Painel FC - Visão”. São Paulo, 17/05/2009, p. D2.

<sup>1767</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “No papel, Morumbi-14 vale R\$ 135 mi”. São Paulo, 23/01/2009, p. D3.

<sup>1768</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “saiba mais - Dinheiro não pagaria meio Maracanã”. São Paulo, 23/01/2009, p. D3.

<sup>1769</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Líder: Comitê paulista considera custo de reforma como vantagem”. São Paulo, 23/01/2009, p. D3.

<sup>1770</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Painel FC - Na frente dos bois?”. São Paulo, 17/05/2009, p. D2.

<sup>1771</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “FIFA pede atenção à segurança de 2014”. São Paulo, 28/09/2008, p. D5.

**Abordaram ainda a visibilidade do campo pelo público, preocupados com pontos cegos, hoje comuns no estádio.**

“Vamos analisar as cidades por critérios técnicos”, explicou o diretor de marketing da Fifa, Thierry Weil, um dos três membros do grupo, que não responderam a perguntas.

**Depois, fizeram um sobrevoo de helicóptero por São Paulo no qual passaram por pontos sem relação com a Copa, como o parque Ibirapuera e a Pinacoteca. Na reunião com autoridades, não fizeram perguntas sobre a infraestrutura da cidade.** “Nenhum comentário”, explicou o secretário de Esporte paulista, Walter Feldman.

**Durante o sobrevoo, houve rápido pouso no Morumbi, que só ocorreu por insistência do São Paulo. Depois, reuniram-se com representantes da Infraero no aeroporto de Congonhas.**

Nas outras candidatas, as visitas serão mais rápidas e restritas à exibição dos projetos, pois são 16 cidades em oito dias. Na sexta-feira, passarão por três cidades em um dia: Salvador, Recife e Natal.

O Comitê Organizador da Copa informou que os inspetores já tinham visitado as cidades em setembro, quando passaram um mês no Brasil. Outra visita ocorrera antes a cinco capitais -Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre, Brasília e Belo Horizonte. Na ocasião, os estádios foram visitados.

**Mas a base da análise dos inspetores será feita em cima dos projetos enviados pelas cidades sobre sua infraestrutura e os estádios. Desses dados virtuais, sai o relatório do grupo para o Comitê Executivo da Fifa, que escolhe as 12 sedes do Mundial.**

Depois, a entidade inicia vistorias físicas para acompanhar as obras. Se houver atrasos, as cidades podem acabar excluídas e o Brasil ter menos sedes.<sup>1772</sup>

Dois dias antes, o governador José Serra “levantou a bola para o [presidente] são-paulino Juvenal Juvêncio falar dos projetos do Morumbi para a Copa de 2014” em encontro com Joseph Blatter, presidente da Fifa, no Palácio do Bandeirantes. O dirigente “respondeu que não era o momento para isso”<sup>1773</sup>. Apesar da gafe, na mesma ocasião, o suíço afirmou que era “praticamente certo” a abertura na capital paulista e Serra, empolgado, “deixou o protocolo de lado e assegurou o Morumbi como o estádio que abrirá o Mundial-14”. Juvêncio acompanhou o otimismo, mas lembrou que não havia ainda nada formal. E Teixeira saiu pela tangente: “À medida em que as coisas ocorrerem, o comitê, preposto da Fifa, decidirá o que for mais conveniente. Vocês conhecem São Paulo e seu poderio. Deve ser uma das sedes, mas não há nada sobre a abertura”<sup>1774</sup>. A inspeção encerrou com pedidos de aumento do nível do piso em

<sup>1772</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “FIFA vem ao Brasil para assistir a vídeos”. São Paulo, 31/01/2009, p. D1.

<sup>1773</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Painel FC - Cortada”. São Paulo, 29/01/2009, p. D2.

<sup>1774</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Serra declara ser quase certa a abertura da Copa-2014 em SP”. São Paulo, 29/01/2009, p. D3.

que ficam as cadeiras térreas do Morumbi “para melhorar a visibilidade”<sup>1775</sup>, Kassab anunciando um investimento conjunto de Prefeitura e Governo do estado de R\$ 10 bilhões — apesar de, como frisou a *Folha*, tratar-se de quantia “prevista mesmo sem o evento”<sup>1776</sup>, e camisas tricolores distribuídas aos membros da FIFA<sup>1777</sup>.

Depois desse episódio, a definição das cidades-sede do torneio só voltou a ser assunto, ao menos com um destaque maior no “Esporte” que não apenas em notas do “Painel FC”, seção de bastidores do caderno, uma semana antes do anúncio oficial, a partir de 25 de maio. Naquela edição, por exemplo, ainda que em matéria reclusa à quarta página, registrou-se o lobby de “governadores, prefeitos, senadores e deputados” nas últimas semanas para influenciar a escolha<sup>1778</sup>, com políticos, inclusive, indo até a sede da CBF, no Rio de Janeiro, para conversar com Ricardo Teixeira<sup>1779</sup>. Nos quatro dias seguintes (26, 27, 28 e 29), o tema mereceu chamada no topo da capa de “Esporte”. Falou-se sobre os cinco maiores desafios do Brasil<sup>1780</sup>, principalmente na questão aeroportuária<sup>1781</sup>; o crescimento do custo das arenas, acima da estimativa inicial da CBF<sup>1782</sup>; a preocupação com o setor hoteleiro, que avisava precisar de ajuda do governo federal<sup>1783</sup>; e as cidades que investiram em “maquiagem ecológica” para agradar à FIFA<sup>1784</sup>.

Como acontecera em outubro de 2007, a cobertura crescia em evidência e aumentava a quantidade de páginas à medida que se aproximava o grande dia. Em 30 de maio, na véspera,

---

<sup>1775</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Painel FC - Ponto cego”. São Paulo, 31/01/2009, p. D2.

<sup>1776</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Sem dinheiro novo, Copa terá R\$ 10 bi, diz Kassab”. São Paulo, 31/01/2009, p. D1.

<sup>1777</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Painel FC - Uniformizada”. São Paulo, 31/01/2009, p. D2.

<sup>1778</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Políticos reforçam lobby de cidades no Mundial de 2014”. São Paulo, 25/05/2009, p. D4.

<sup>1779</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Peregrinação: políticos vão à sede da CBF no Rio”. São Paulo, 25/05/2009, p. D4.

<sup>1780</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Conheça 5 desafios do Brasil para o Mundial”. São Paulo, 26/05/2009, p. D1.

<sup>1781</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Brasil aéreo é um grande pinga-pinga”. São Paulo, 26/05/2009, p. D1.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Aeroportos terão R\$ 5 bi, diz Infraero”. São Paulo, 26/05/2009, p. D1.

<sup>1782</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Estádios para o Mundial são mais caros do que a estimativa inicial da CBF”. São Paulo, 27/05/2009, p. D1.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Na média, custo de arenas cresce 67%”. São Paulo, 27/05/2009, p. D6.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Por Mundial, Manaus quer gastar R\$ 6 bi”. São Paulo, 27/05/2009, p. D6.

<sup>1783</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Copa 2014 - Hotéis dizem que vão precisar de ajuda do governo”. São Paulo, 28/05/2009, p. D1.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Por Copa, hotéis recorrem ao governo”. São Paulo, 28/05/2009, p. D5.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Centro-Oeste e Norte apelam para ‘jeitinho’”. São Paulo, 28/05/2009, p. D5.

<sup>1784</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Copa-2014 - Cidades investem em maquiagem ecológica para agradar à FIFA”. São Paulo, 29/05/2009, p. D1.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Candidatas usam maquiagem verde”. São Paulo, 29/05/2009, p. D4.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Eventos pode expor ferida amazônica”. São Paulo, 29/05/2009, p. D4.

portanto, alcançou a capa do “Esporte” para acabar com a surpresa do anúncio oficial. Sob o “chapéu” de “Carnaval” e o título “Roteiro de festas indica as 12 sedes da Copa-2014”, o subtítulo antecipava corretamente as 12 escolhidas<sup>1785</sup>. Na reportagem, explicava-se que, das 18 candidatas, seis disputavam três vagas. Pela apuração da publicação, Natal, Cuiabá e Manaus seriam as escolhidas — em detrimento de Florianópolis, Campo Grande e Belém. A pista principal eram os governos estaduais e municipais das favoritas, que agiam “como se já tivessem recebido a informação oficial de que foram escolhidas pela Fifa”. Em Manaus, a Coca-Cola, com sede na cidade e patrocinadora maior da FIFA, contratou a banda Jota Quest. Cuiabá organizou “12 pontos de concentração, cinco telões espalhados e ainda shows pirotécnicos nas 33 maiores cidades”. Natal planejava uma “grande festa”, com a “presença de DJs”. Os preteridos “optavam pela discrição”<sup>1786</sup>. Insistente quanto ao dinheiro investido no megaevento, o jornal comentou que a “Gastança já começa na celebração”<sup>1787</sup>. Na capital paulista, o São Paulo e os rivais (Corinthians, Palmeiras e Santos) entraram em campo na data do anúncio com a logomarca criada para o Mundial<sup>1788</sup>.

Em 31 de maio, sem sinal de ufanismo e em tom crítico, a *Folha de S. Paulo* reservou uma chamada sem foto no pé e no canto esquerdo da capa para alertar: “Copa traz risco de estádio virar ‘elefante branco’”. Na primeira página do “Esporte”: “Fifa anuncia hoje sedes e futuros elefantes brancos”. O texto previa “um cenário com várias cidades de pouca representatividade no futebol”. Afinal, “com a elite dos clubes concentrada no Sul e no Sudeste, haverá seis ou sete arenas caras erguidas em outras regiões do país”. E, “sem times fortes economicamente, essas capitais devem ver problemas no futuro” — enquanto azarões morreriam na praia ostentando projetos “mais viáveis a investidores”<sup>1789</sup>. A tese baseava-se na PricewaterhouseCoopers, consultoria contratada pela Associação Brasileira de Infraestrutura e Indústria de Base (Abdid), que não acreditava na possibilidade de arenas rentáveis simplesmente por serem multiuso. De acordo com o consultor Maurício Girardello, para a maioria das candidatas “não foi analisado se há potencial econômico na população para explorar

---

<sup>1785</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Roteiro de festas indica as 12 sedes da Copa-2014”. São Paulo, 30/05/2009, p. D1.

<sup>1786</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Cuiabá, Natal e Manaus lideram disputas finais”. São Paulo, 30/05/2009, p. D4.

<sup>1787</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Gastança já começa na celebração”. São Paulo, 30/05/2009, p. D4.

<sup>1788</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Painel FC - Comemoração”. São Paulo, 30/05/2009, p. D2.

<sup>1789</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Fora do páreo?: azarões ostentam projetos mais viáveis e investidores”. São Paulo, 31/05/2009, p. D3.

os espaços comerciais, para shows e para o futebol”<sup>1790</sup>. Além desse aparente desprezo ou ignorância quanto à funcionalidade dos aparelhos esportivos, destacou-se que a escolha, depois de passar pelo grupo técnico da FIFA e a CBF, tinha de ser ratificada por 25 membros do Comitê Executivo da entidade internacional. Personalidades sob as quais recaíam suspeitas de corrupção e irregularidades. Teixeira também era membro do Comitê e fora alvo de duas CPIs<sup>1791</sup>. No comitê, vários “já sofreram acusações de ilegalidades financeiras ou políticas”<sup>1792</sup>.

Em 1º de junho, dia seguinte ao anúncio oficial da FIFA, o assunto mereceu a foto principal da capa e, bem no centro, o título “Anunciadas as CIDADES-SEDES da Copa de 2014” — com “CIDADES-SEDES” realmente escrito assim, todas as letras maiúsculas — e a foto de uma bandeira do Brasil tremulando no alto, acima de uma multidão (“mais de 15 mil”) que comemorava a inclusão de Manaus em frente ao Vivaldão, que seria demolido. Acima da imagem, uma tarja apresentava as 12 cidades-sede e os respectivos estádios. Número “11”, São Paulo e Morumbi foram destacados e acompanhados de um desenho pequeno do projeto do estádio reformado, com a legenda indicando o custo estimado de R\$ 300 milhões<sup>1793</sup>. O resumo informava que “disputas políticas pesaram na escolha” e a primeira página do “Esporte”, seguindo a mesma linha, que “‘Escolha técnica’ não valeu para 3 sedes”, numa cerimônia em Nassau, nas Bahamas, “sem surpresas” e em que “deslumbre de cartolas, erros das campanhas e política influenciaram seleção de Manaus, Natal e Cuiabá em detrimento de outras cinco”. O texto, além disso, trazia evidências do parco conhecimento de quem decidiu. O próprio Blatter, em entrevista coletiva, “chegou a achar que Belém era uma cidade do Nordeste, após a pergunta de um repórter”. Na reunião do Comitê Executivo, os cartolas só falavam na floresta amazônica, “identificando-a com o Amazonas”, fazendo de Manaus a candidata “mais simbólica” e apoiada pelo lobby de empresas com seda na cidade, caso das multinacionais Fifa, Coca-Cola e Sony<sup>1794</sup>. Um infográfico bem-humorado, “Na Copa, mas...”, mencionava o “orçamento da prefeitura” e contestava pontos da candidatura de cada cidade-sede. Em São Paulo, com o desenho de um ônibus lotado, e verba de R\$ 29,4 bilhões, dizia-se que “O trânsito da maior cidade do país é caótico. A CET registra com certa frequência mais de 200 km de vias congestionadas - ela monitora apenas as principais áreas”.

<sup>1790</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “FIFA anuncia hoje sedes e futuros elefantes brancos”. São Paulo, 31/05/2009, p. D1.

<sup>1791</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Saiba mais - Presidente da CBF foi alvo de duas CPIs”. São Paulo, 31/05/2009, p. D2.

<sup>1792</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Cartolas marcados por escândalos escolheram sedes”. São Paulo, 31/05/2009, p. D2.

<sup>1793</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Anunciadas as cidades-sedes da Copa de 2014”. São Paulo, 01/06/2009, p. A1.

<sup>1794</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “‘Escolha técnica’ não valeu para 3 sedes”. São Paulo, 01/06/2009, p. D1.



Nas duas páginas seguintes, de um total de três no caderno, seguiam-se uma página dupla de imagens que mostravam as comemorações nas futuras cidades-sede da competição (Rio de Janeiro, Manaus e Campo Grande), um mapa do país sinalizando a localização de cada uma e, numa faixa horizontal superior ocupando cerca de 1/3 de ambas, o nome de cada capital, população; Produto Interno Bruto (PIB); Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDH-M); croquis de cada estádio após construção ou reforma; nome do estádio, se seria construído do zero ou reformado; custo estimado das obras; capacidade futura; número de vagas de estacionamento para carro; principais obras e custo relacionados a infraestrutura; capacidade de passageiros por ano do aeroporto e de leitos hoteleiros. Não havia uma análise específica, apenas os dados separados. A festa no Morumbi foi relatada no meio da crônica de São Paulo 3 x 0 Cruzeiro, pelo Campeonato Brasileiro, com a vitória creditada à “Copa-14”. Um ingresso e “uma camisa festiva foi dada a cada torcedor que levasse um quilo de alimento não perecível e mais R\$ 1”, alavancando o público para pouco mais de 50 mil num domingo à tarde. Ainda que amarelo, diferente do vermelho-preto-e-branco do clube, o Morumbi “foi montado para servir de cenário ao mundo com a escolha da capital paulista”<sup>1795</sup>. A vibraçãosão-paulina duraria pouco, apenas dois dias. Em 3 de junho, a *Folha* anunciava que “Copa-14 experimenta sua primeira crise, em SP”, justamente por causa do Morumbi:

Os problemas técnicos viraram munição para desencadear duas disputas políticas. Uma, mais ampla, que diz respeito à corrida de São Paulo, Belo Horizonte e Brasília para abrigar o jogo de abertura do Mundial e o Congresso da Fifa. Outra, doméstica, em que há pressão para que se construa uma nova arena na capital paulista.<sup>1796</sup>

A polêmica seguiria, mas esta dissertação para por aqui. Extrapolar alguns dias dentro do escopo, até o fim de maio de 2009, ajudou a indicar alguns desdobramentos, como esse de que o Morumbi estava em queda livre. O foco da pesquisa, porém, acaba no ponto final do processo de candidatura das cidades a cidade-sede da Copa do Mundo de 2014. A alteração do estádio ou mesmo a atualização de um projeto arquitetônico ou a adequação de outros pontos de organização e infraestrutura já fazem parte do momento em que a cidade pode ser entendida como futura sede, com baixo risco de perder a condição adquirida durante o processo a que se submeteu — justamente o período que, como ressaltado no começo do trabalho, é um alvo mais frequente dos estudiosos.

<sup>1795</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Copa-14 empurra São Paulo à 1ª vitória”. São Paulo, 01/06/2009, p. D1.

<sup>1796</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. “Copa-2014 experimenta sua primeira crise, em SP”. São Paulo, 03/06/2009, p. D2.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação poderia terminar com o pesquisador valorizando o conteúdo que foi aqui apresentado, resumindo e reunindo destaques do processo de candidatura de São Paulo a cidade-sede da Copa do Mundo de 2014, entre dezembro de 2006 e maio de 2009. Seja por pontos específicos da trajetória paulistana, relacionados, principalmente, às etapas a serem cumpridas, aos bastidores da organização e à produção da candidatura; seja pelo conteúdo de documentos oficiais da candidatura ligados diretamente à forma como se vendeu institucionalmente a capital paulista numa concorrência a megavento; seja pelos temas mais recorrentes detectados na pesquisa em jornais, indicando outro olhar da cidade e um contraponto à visão oficial dos documentos, todo esse material tem seu valor, acredito fortemente nisso. Afinal, a partir desses documentos, jornais e dessas entrevistas é que foram feitas as análises, revelaram-se os detalhes e melhor se compreendeu o processo de candidatura de uma cidade a cidade-sede de uma Copa a partir do caso de São Paulo.

No entanto, por mais lamentável que seja, a primeira observação a ser feita é a de que esse processo de candidatura aqui analisado parece não ter sido encarado com a mesma seriedade justamente por quem por ele deveria primar, a FIFA. A entidade atenta para todas as garantias legais, as assinaturas dos documentos confeccionados minuciosamente para garantirem defesas, direitos, lucro e privilégios, mas, por outro lado, menospreza a importância da transparência quanto aos critérios de avaliação dos candidatos a país-sede ou cidade-sede; avalia superficialmente o conteúdo dos documentos de candidatura, como se só pudesse se basear no que dizem os candidatos, limitando-se a fontes primárias; desperdiça as oportunidades de inspeção *in loco*, contemplando alguns locais, preterindo outros sem justificativa e, principalmente, observando rapidamente os estádios; e, por fim, adota um discurso vazio, seja nos documentos de avaliação, como no *relatórios dos inspetores*, sem a mesma abrangência, precisão e conteúdo que demanda, seja nas declarações e decisões de seus principais dirigentes, geralmente pouco esclarecedoras, confusas mesmo.

A forma como as candidaturas brasileira e paulistana encararam o processo também beira o pouco caso<sup>1797</sup>: atrasando o início da organização e da produção dos documentos,

---

<sup>1797</sup> Mais uma vez, segundo os entrevistados: “São Paulo é muito maior do que um evento. O que São Paulo promove é maior do que uma Copa do Mundo. Pode receber o evento e tudo mais, mas você vê, passou, e a cidade continua sendo a mesma, crescendo em termos de eventos, sendo essa capital forte culturalmente. (Claury

preparando documentos de qualidade, no mínimo, razoáveis, como os envolvidos admitem<sup>1798</sup>, e tergiversando sobre problemas, as questões mais sensíveis, principalmente de segurança, esquecendo oportunamente de detalhar informações essenciais e custos.

Lembra a frase de Vampeta, figura folclórica do futebol brasileiro, campeão mundial em 2002, quando do atraso de salários em sua passagem pelo Flamengo, em 2001: “Eles fingem que pagam e eu finjo que jogo”. No caso do processo de candidatura, era como se a FIFA fingisse que avaliava, e as candidaturas brasileira e paulistana fingssem que estavam levando a sério o processo de seleção.

Como, então, uma dissertação que analisa os documentos oficiais de uma candidatura como essa, com a aparência de um jogo de cartas marcadas entre seus principais atores, única hipótese para entender tamanho desprezo com o próprio processo — a não ser que queiramos rotulá-los como verdadeiros ignorantes, incapazes e/ou preguiçosos — pode deixar sua contribuição depois de tantos meses e páginas gastas garimpando e interpretando ponto a ponto todo esse material?

A primeira contribuição é justamente essa, por mais maluca que pareça. Desnudar esse processo particular de candidatura, da capital paulista a palco do Mundial e, neste recorte proposto, num momento anterior à sua oficialização como cidade-sede. A percepção inicial é a de que talvez sirva como uma cortina de fumaça, em que há, sim, atores empenhados, pensando em conceitos e estratégias, como os membros da SPTuris, mas que poderia, diante de conluios, que pouco me aproximei de desvelar ou comprovar, ainda assim cruciais, validar as decisões e escolhas não importa qual material de candidatura fosse apresentado — daria na mesma. Pesquisar o processo de candidatura fez com que, ao mesmo tempo, fosse possível entender as etapas desse processo, inclusive a falta de transparência para compreendê-las e as falhas e/ou incoerências que carrega.

A segunda contribuição é trazer à tona a São Paulo que costuma ser vendida aos olhos de quem decide o destino de um evento internacional de grande porte. Capitaneado pela SPTuris, o material da candidatura paulista revela os conceitos empreendidos com frequência pela autarquia, os predicativos que costumam ser valorizados (o tripé eventos, negócio e turismo/cultura) e os pontos destacados especialmente para atender às expectativas e exigências de uma avaliadora estrangeira, de um megaevento esportivo como a Copa. Isso foi possível

---

Alves); “Era uma bobagem, não era importante, porque pouca gente se lembra aonde foi abertura de uma Copa do Mundo” (Caio de Carvalho).

<sup>1798</sup> Nas palavras dos próprios entrevistados: “O que foi produzido, não foi com a qualidade necessária justamente por conta da inexperiência e da encomenda que era feita” (Luiz Sales); “Todas as partes técnicas estavam lá, mas, infelizmente, ficou muito aquém do esperado” (João Novaes).

graças aos entrevistados que participaram da produção da candidatura paulistana, contando e cedendo documentos inéditos.

A terceira contribuição, aquela proveniente da longa análise de jornais, construindo um mosaico de símbolos e ideias que giram em torno da capital paulista, mediados pelo que se convencionou chamar de “opinião pública”, no nosso caso, o jornal *Folha de S.Paulo*, sustenta-se na segunda contribuição, exatamente por escancarar incoerências do material de candidatura e revelar pontos falhos e/ou vergonhosos noticiados dia após dia. Não é necessário sequer pontuar uma a uma aqui, nessas páginas finais, basta ter lido o **Capítulo 3** para assimilar os principais aspectos da cidade, visivelmente distantes daqueles delineados nos documentos. De um lado, o excesso de otimismo, atrações e glamour vendidos pelo agente oficial, a SPTuris; do outro, a ênfase dada ao sangue, às mazelas e a todo tipo de problema, alertando a probabilidade do desastre, prevendo a desgraça, no papel de oráculo de que a imprensa se reveste, representada pelo jornal *Folha de S.Paulo*.

Ao entendermos esse processo de candidatura a megaevento esportivo, em particular a Copa do Mundo de 2014, como, no mínimo, dispensável, confuso e incoerente, em que as imagens de São Paulo promovidas enquanto candidata a cidade-sede não se mostram compatíveis com o noticiário, só podemos concluir que o sucesso paulistano na concorrência deve-se não à qualidade do material ou ao seu desempenho nas etapas, e sim a uma das alternativas (separadas ou em conjunto): o cartaz da cidade, anterior à própria candidatura; as predileções e ou articulações dos principais atores do processo; a flexibilidade e/ou inexistência de rigor nas avaliações; a incompetência dos rivais.

O maior ponto de interrogação da candidatura paulistana era mesmo o Morumbi. Alguns atores, os entrevistados para esta dissertação aí inclusos, chegaram a imaginar que descartar o estádio significaria, automaticamente, sair do páreo também da concorrência a cidade-sede da Copa do Mundo de 2014. Uma preocupação entre exagerada, desmedida e de aparências, conveniente. Afinal, se a MPM já considerava a casa são-paulina como praticamente excluída e Walter Feldman ouviu de Ricardo Teixeira o mesmo, como supor que era uma informação que não circulara entre esses principais atores, sendo apenas uma questão de tempo ser oficializada e, portanto, indigna de preocupação?

Se o processo de seleção a um megaevento esportivo tinha a chance de ser especulado também como um filtro, mais uma prova a ser vencida pelos postulantes ao status de *cidade global*, o melhor seria repensar essa hipótese. Visto de longe, sem profundidade, o triunfo nessa empreitada pode parecer algo glorioso, digno de inserção em *rankings* de cidades globais a serem atualizados. E talvez pelos critérios de alguns, baseados em “títulos” como o de anfitrião

de um Mundial e toda sorte de dados financeiros, isso realmente aconteça com São Paulo em um futuro próximo. Quem se interessar pelos detalhes da candidatura paulistana, porém, poderá verificar que o processo não é um exemplo de avaliação de cidades estritamente técnico, cuidadoso ou mesmo exato - distante de um filtro acurado para o *status*. A capital paulista pode alavancar sua cotação, mas é importante que se saiba que muito mais pelas aparências, com o trabalho da SPTuris, por exemplo, como aconteceu na candidatura, e por “títulos”, do que pela veracidade e checagem dos predicativos com que se vende.

A produção de São Paulo como cidade-sede é, afinal, uma exibição do que se quer exhibir, de como se pretende definir a si mesma de acordo com predicativos construídos ao longo de um processo histórico e de gostos reconhecidos como sendo da moda ou de padrão de excelência internacional. A definição de uma cidade-sede de Copa do Mundo, por sua vez, mostra-se uma representação do que se quer ver, de para quem e para onde voltar o olhar — só aquilo que interessa. E isso só poderia ser constatado com uma dissertação como a que foi aqui apresentada, mesmo com suas limitações.

Quando iniciei a pesquisa em jornais para esta dissertação, não tinha a dimensão do tamanho dessa empreitada e muito menos do tempo que teria de ser reservado apenas a essa tarefa. Também por criar padrões e regras de organização ao longo dessa tarefa, refinando aos poucos que critérios seguir (e como esclarecê-los de forma didática para qualquer leitor), tive de refazer a pesquisa de praticamente todos os 30 meses do escopo estudado duas vezes. O momento de tabular as *tags* em planilhas, para, enfim, detectar os principais assuntos, apresentar esses números e nortear a descrição e a análise desses principais assuntos, também durou muito mais do que meu otimismo supunha. Não fosse isso, gostaria de ter feito um novo filtro para análise da cobertura jornalística, por zonas da cidade, ou mesmo aperfeiçoar ou subdividir a divisão de *tags*. No início, inclusive, a ideia proposta era a de comparar a São Paulo criada nas páginas de jornais no momento anterior à oficialização como cidade-sede da Copa com a São Paulo em seguida a essa oficialização, para que se pudesse avaliar possíveis mudanças de abordagem e das imagens em torno da capital paulista.

Acredito, de qualquer maneira, ter deixado aqui uma contribuição valiosa para o campo de pesquisa e estudos a respeito de candidaturas a megaeventos esportivos e, em particular, de candidaturas a cidade-sede de uma Copa do Mundo. No futuro, seria interessante aprofundar como se deram outras candidaturas paulistanas a megaeventos e megaeventos esportivos (ou o mais próximo que se teve disso), como se configurou o processo capitaneado pela FIFA ao longo dos anos e o quanto e em que se assemelha com o seu equivalente das Olimpíadas, traçando uma verdadeira linha do tempo da cidade e da entidade. Talvez, em alguns anos, isso

ajude a entender o ápice dessas concorrências, nas últimas duas décadas, e os primeiros sinais de decadência, dos últimos anos, com pressão da opinião pública e a negativa de algumas cidades para participar do pleito, indicando um novo movimento ou uma nova tendência - e, quem sabe, outros processos e exigências.

## BIBLIOGRAFIA

- ARANTES, O. (2012) Berlim e Barcelona: duas imagens estratégicas. São Paulo, Annablume.
- ARANTES, O., VAINER, C. e MARICATO, E. (orgs.) (2012) A cidade do pensamento único: desmanchando consensos. Petrópolis, RJ, Vozes.
- AZENHA, L. C., CHASTINET, T., CIPOLONI, L. & RIBEIRO JR., A. (2014) O lado sujo do futebol. São Paulo, Planeta.
- BORJA, J. & CASTELLS, M. (1996) “As cidades como atores políticos”. Novos Estudos - Cebrap, nº 45, julho, p. 152-166.
- CARVALHO, M. de, e GAGLIARDI, C. M. R. (orgs.) (2015). Megaprojetos, megaeventos, megalópole: a produção de uma nova centralidade em São Paulo. São Paulo, Olho d’Água.
- FERREIRA, J. S. W. (2007) O mito da cidade-global: o papel da ideologia na produção do espaço urbano. Petrópolis, RJ, Vozes.
- FILHO, M. (2003) O negro no futebol brasileiro. Rio de Janeiro, Mauad.
- FIX, M. (2007) São Paulo cidade global: fundamentos financeiros de uma miragem. São Paulo, Boitempo.
- FIX, M. (2001) Parceiros da exclusão. São Paulo, Boitempo.
- FOER, F. (2005) Como o futebol explica o mundo. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
- FRANCO JÚNIOR, H. (2007) A dança dos deuses: futebol, sociedade e cultura. São Paulo, Companhia das Letras.
- OLIVEIRA JR., R.C.G. de (2015) “Megaeventos esportivos: aspectos econômicos, urbanísticos e simbólicos”. Textos para discussão FEE, Porto Alegre, texto nº 132.
- JENNINGS, A. (2011) Jogo Sujo - O mundo secreto da FIFA: compra de votos e escândalo de ingressos. São Paulo, Panda Books.
- JENNINGS, A. (2011) Um jogo cada vez mais sujo - O padrão FIFA de fazer negócios e manter tudo em silêncio. São Paulo, Panda Books.
- JENNINGS, A., ROLNIK, R. [et al] (2014) Brasil em jogo - O que fica da Copa e das Olimpíadas. São Paulo, Boitempo.
- KISTNER, T. (2013) FIFA Máfia - O livro negro dos negócios do futebol. São Paulo, Marcador.
- LYNCH, K. (2006) A imagem da cidade. São Paulo, Martins Fontes.
- MARICATO, E. [et al] (2013) Cidades rebeldes: Passe Livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil. São Paulo, Bomtempo.
- PILAGALLO, O. (2012) História da Imprensa Paulista. São Paulo, Três Estrelas.

- POYNTER, G. (2008) “Regeneração Urbana e Legado Olímpico de Londres”. Legados de megaeventos esportivos. Brasília, Ministério do Esporte.
- RODRIGUES, R. P. (org.) (2008) Legados de megaeventos esportivos. Brasília, Ministério do Esporte.
- SÁNCHEZ, F. (2010) A reinvenção das cidades para um mercado mundial. Chapecó, SC, Argos.
- SASSEN, S. (1998) As cidades na Economia Mundial. São Paulo, Studio Nobel.
- SHORT, J. (1999) "The Urban Growth Machine: critical perspectives two decades later", New York: State University of New York Press.
- SODRÉ, N. W. (2004) História da imprensa no Brasil. Rio de Janeiro, Mauad.
- TAVARES, O. (2011). “Megaeventos esportivos”. Movimento, Porto Alegre, v. 17, n. 3, p. 11-35.
- TOLEDO, L. H. de. (2000) Lógicas no futebol. FFLCH-USP, São Paulo, Tese de doutorado.
- WEBER, M. (2004) A ética protestante e o espírito do capitalismo. São Paulo, Companhia das Letras.

Documentos, leis e decretos:

- a) “Contrato de Cidade Sede”, estabelecido entre a Fifa, o Comitê Organizador Local e a cidade de São Paulo:
  - a1. original, de fevereiro de 2009
  - a2. alteração, de março de 2011
- b) Decreto nº 53.697, de 16 de janeiro de 2013, da Prefeitura de São Paulo, que cria o “Comitê Integrado de Gestão Governamental Especial para a Copa do Mundo de Futebol de 2014 – SPCOPA”
- c) "Fifa Competitions and Olympic Football Tournaments 1908-2015", da Fifa, que elenca todas as competições oficiais organizadas pela Fifa
- d) Lei Geral da Copa, a Lei federal nº 12.663, de 5 de junho de 2012, que estabelece adequações da lei brasileira em benefício da Fifa a respeito do período de organização e realização do evento
- e) Lei da Secretaria de Relações Internacionais, a Lei municipal nº 13.165, de 5 de julho de 2001, que cria a Secretaria Municipal de Relações Internacionais (SRMI)
- f) Plano Diretor:
  - e1. vigente, desde 2002
  - e2. revisão em curso, de 2013

- g) “GLOBAL CITIES, PRESENT AND FUTURE”, da consultoria A.T. KEARNEY:  
<http://www.atkearney.com/documents/10192/4461492/Global+Cities+Present+and+Future-GCI+2014.pdf/3628fd7d-70be-41bf-99d6-4c8eaf984cd5>
- h) “BRAZIL BID INSPECTION REPORT FOR THE 2014 FIFA WORLD CUP”, de 2007, da FIFA
- i) “BIDDING AGREEMENT regarding the submission of bids for the right to host and stage the 2018 FIFA WORLD CUP or 2022 FIFA WORLD CUP”, sem data, da FIFA  
[http://www.transparencyinsport.org/The\\_documents\\_that\\_FIFA\\_does\\_not\\_want\\_fans\\_to\\_read/PDF-documents/\(11\)FIFA-Bidding-agreement.pdf](http://www.transparencyinsport.org/The_documents_that_FIFA_does_not_want_fans_to_read/PDF-documents/(11)FIFA-Bidding-agreement.pdf)

Jornais, revistas e páginas de internet:

- a) “Revista da Copa do Mundo da FIFA”, da Fifa, um guia rápido da Copa do Mundo de 2014 que apresenta o Brasil e suas cidades-sedes para o mundo  
([http://pt.fifa.com/mm/document/tournament/destination/02/13/75/02/fwc\\_pt\\_new\\_portuguese.pdf](http://pt.fifa.com/mm/document/tournament/destination/02/13/75/02/fwc_pt_new_portuguese.pdf))
- b) 2006 World Cup – Final Report by the Federal Government - relatório final do Comitê Organizador Local da Copa do Mundo da Alemanha: 2006
- c) Acervo on-line do jornal *Folha de S.Paulo*:  
<http://acervo.folha.uol.com.br/>

Sites oficiais de:

- a) Confederação Brasileira de Futebol (CBF): <http://www.cbf.com.br/>
- b) Federação Paulista de Futebol: <http://www.futebolpaulista.com.br/>
- c) Fédération Internationale de Football Association (FIFA): <http://www.fifa.com/>
- d) governo do estado de São Paulo: <http://www.saopaulo.sp.gov.br/>
- e) governo federal do Brasil: <http://www.brasil.gov.br/>
- f) prefeitura de São Paulo: <http://www.capital.sp.gov.br/portalmmsp/homec.jsp>



## ANEXO 1 - BÚSSOLA

### Principais siglas, significados e sinônimos da dissertação

#### Esfera esportiva/futebolística

##### **FIFA**

significado: *Fédération Internationale de Football Association*, geralmente traduzida no Brasil para Federação Internacional de Futebol

sinônimo: Entidade

##### **Copa do Mundo**

sinônimos: Copa e Mundial

##### **Conmebol**

significado: Confederação Sul-Americana de Futebol  
s/ sinônimo

##### **Copa Libertadores da América**

sinônimos: Copa Libertadores e Libertadores

##### **CBF**

significado: Confederação Brasileira de Futebol  
sinônimo: Confederação

##### **Campeonato Brasileiro**

sinônimos: Brasileiro e campeonato/competição nacional

##### **FPF**

significado: Federação Paulista de Futebol  
sinônimo: Federação

##### **Campeonato Paulista**

sinônimos: Paulista e campeonato/competição estadual

### Esfera político-institucional

#### *Poder Executivo*

#### **Governo do estado de São Paulo**

sinônimos: Governo do estado e Governo Estadual

#### **Prefeitura Municipal de São Paulo**

sinônimos: Prefeitura de São Paulo e Prefeitura

#### **São Paulo Turismo**

sinônimos: SPTuris e autarquia

#### *Partidos políticos*

**DEM:** Democratas.

**PCdoB:** Partido Comunista do Brasil.

**PSB:** Partido Socialista Brasileiro

**PSD:** Partido Social Democrático

**PSDB:** Partido da Social Democracia Brasileira.

**PT:** Partido dos Trabalhadores.

### Esfera privada

#### **MPM**

significado: Mafuz, Petrônio e Macedo

sinônimo: agência de publicidade e agência

## ANEXO 2 - BÚSSOLA

### Principais atores

[\* para identificar aqueles entrevistados exclusivamente para esta dissertação]

#### Esfera esportiva/futebolística

##### **FIFA**

Joseph Blatter: o suíço de 80 anos ocupou o cargo de presidente da entidade entre 1998 e 2015.

Jérôme Valcke: na entidade de 2003 a 2016, o francês de 55 anos trabalhava como secretário-geral.

##### **CBF**

Ricardo Teixeira: o mineiro de 69 anos presidiu a Confederação de 1989 a 2012.

Carlos de La Corte: arquiteto especialista em estádio e contratado como consultor técnico pela CBF em 2009 para atuar no Comitê Organizador Local (COL) da Copa do Mundo de 2014.

##### **FPF**

Marco Polo Del Nero: o paulista de 75 anos atuou como presidente da Federação de 2003 a 2015.

##### **Corinthians**

Alberto Dualib: presidente do clube de 1993 a setembro de 2007.

Andrés Sanchez: presidente do clube de outubro entre 2007 a 2011.

Kia Joorabchian: o iraniano de 45 anos presidiu a MSI, parceira corintiana entre 2004 e 2007.

Boris Berezovsky: russo de 67 anos que seria o investidor por trás da MSI, a parceira corintiana.

##### **Palmeiras**

Affonso Della Monica: presidente do clube de 2005 a 2009.

José Cyrillo Jr.: diretor do clube de 2007 e 2010.

##### **São Paulo**

Juvenal Juvêncio: presidente do clube entre 2006 e 2014.

Ruy Ohtake: arquiteto responsável pelo projeto de reforma do Morumbi.

## Esfera político-institucional

### **Governo Federal**

Luiz Inácio Lula da Silva: presidente da República entre 2003 e 2010, filiado ao PT.

Orlando Silva Jr.: ministro do Esporte entre 2006 e 2011, filiado ao PC do B.

### **Congresso**

Sílvio Torres: deputado federal desde 1995, filiado ao PSDB.

### **Governo do estado de São Paulo**

José Serra: governador paulista de 2007 a 2010, filiado ao PSDB.

Claury Alves\*: secretário de Esporte, Lazer e Turismo do Governo Estadual de 2007 a 2010.

[entrevistado em 28 de novembro de 2015, na sala de sua empresa, num prédio na Avenida Brigadeiro Luiz Antônio, região dos Jardins, São Paulo]

### **Prefeitura Municipal de São Paulo**

Gilberto Kassab: prefeito paulistano de 2006 a 2012, filiado na época ao DEM e hoje ao PSD.

Walter Feldman\*: secretário de Esportes Lazer e Recreação Municipal de 2007 a 2010, filiado PSDB na época e hoje ao PSB.

[entrevistado em 14 de novembro de 2015, no café do Hotel Grand Mercure, na Rua Sena Madureira, bairro do Ibirapuera, na Zona Sul de São Paulo]

### **São Paulo Turismo - SPTuris**

Caio de Carvalho\*: presidente da SPTuris de 2005 a 2011 e coordenador do Grupo de Trabalho criado pelo governo estadual para cuidar da candidatura de São Paulo à Copa entre 2007 e 2011

[entrevistado em 27 de novembro de 2015, em sua sala na Rede Bandeirantes, no bairro do Morumbi, na Zona Sul de São Paulo]

Luiz Sales\*: assessor de projetos estratégicos da SPTuris de 2005 a 2010 e um dos principais responsáveis pela produção do *Bid Book de São Paulo* como um dos dois coordenadores

[entrevistado em 17 de dezembro de 2015, em sua sala na sede do Metrô, no Centro de São Paulo]

Raquel Verdenacci\*: diretora de eventos e de projetos estratégicos da SPTuris de 2005 a 2010

[entrevistada em 7 de dezembro de 2015, em sua sala na sede do Metrô, no centro de São Paulo]

## Esfera privada

### **MPM**

João Novaes\*: colaborador da agência durante todo o ano de 2007 e um dos responsáveis pela produção da candidatura brasileira a sede da Copa do Mundo de 2014.

[entrevistado em 20 de janeiro de 2016, em seu escritório, na Rua Padre João Manuel, na região dos Jardins, em São Paulo]

## ANEXO 3 - DOCUMENTOS

### Breve explicação dos principais documentos

#### *Questionário*

- autor (es): MPM (com participação de CBF e FIFA)
- fonte: Luiz Sales, ex-assessor de projetos estratégicos da SPTuris
- disponibilidade: confidencial
- originalmente no formato digital como: “01\_questionario\_de\_informacoes\_basicas.pdf”
- relevância: perguntas e pedidos de informação em que cada cidade candidata a cidade-sede da Copa do Mundo de 2014 deveria se basear para produzir material a seu respeito a ser incorporado ao *Bid Book* brasileiro, principal documento da candidatura nacional para sediar o torneio

Oficialmente intitulado, no próprio documento digital, como “Questionário de informações para a Copa do Mundo de 2014”, a que convencionei chamar apenas de *questionário*, é um documento importante, pois, por meio de suas perguntas e pedidos de informações, ajuda a entender o que MPM, CBF e FIFA esperavam e gostariam de saber das cidades candidatas a cidade-sede durante o processo de candidatura do Mundial e ainda de que forma essas cidades poderiam se vender e por meio de quais dados teriam de se apresentar. O *questionário* revela, portanto, em que as cidades candidatas a cidade-sede deveriam se basear para produzir o *Bid Book*, o principal documento da candidatura de cada uma. Nesta dissertação, pelo acesso também ao *Bid Book de São Paulo*, estabelece uma base de comparação com o livro — como abordado na análise completa do **CAPÍTULO 2**.

#### *Rascunho de respostas*

- autor(es): SPTuris (com participação de governo estadual e prefeitura municipal de São Paulo)
- fonte: Luiz Sales, ex-assessor de projetos estratégicos da SPTuris

- disponibilidade: confidencial
- originalmente em formato digital como: “RESPOSTAS QUESTIONARIO - Copa 2014\_1.doc”
- relevância: rascunho das respostas organizadas de acordo com as perguntas e pedidos de informação do *questionário* que viria a ser o material de São Paulo incorporado ao *Bid Book* brasileiro, principal documento da candidatura nacional para sediar o torneio

Ainda que um documento de circulação interna, importante para a organização da produção do *Bid Book de São Paulo* entre os funcionários da SPTuris, e sem qualquer registro de datas, soubemos por pesquisa em jornais e entrevistas realizadas para esta dissertação que uma *carta-convite* de 23 de abril de 2007 deu início ao processo de organização do material de candidatura de São Paulo e, como o prazo final para a entrega era 31 de maio, supõe-se que esse *rascunho de respostas* seja um dos rascunhos — já que, entre os documentos de Luiz Sales há outro, praticamente igual, com o mesmo título e o número “2” — e, portanto, de abril ou maio.

O propósito do *rascunho de respostas* foi o de centralizar e organizar as informações e os dados originários de diferentes órgãos municipais e estaduais e de outras instituições, como o próprio São Paulo, proprietário do estádio do Morumbi, para a futura consolidação, formatação e diagramação dessas mesmas informações e dados que se transformariam no *Bid Book de São Paulo*.

O *rascunho de respostas* foi tabulado, dividindo-se em duas colunas, uma menor à esquerda, e outra maior, à direita. À esquerda, ficaram as siglas ou abreviações dos encarregados das respostas, como, por exemplo, CET ou a SPTuris. À direita, as perguntas, em subitens (a, b, c, etc), numa linha, e as respostas, numa outra linha. Algumas perguntas aparecem com mais de uma resposta, provenientes de diferentes órgãos; outras, até aquele momento, com nenhuma resposta. Não sabemos se a SPTuris repassou o questionário inteiro para todos e, então, selecionou as respostas de alguns para cada pergunta, ou se designou as perguntas diretamente para os que aparecem respondendo. Certas perguntas parecem ter resposta do órgão mais apropriado, como a Cetesb para a qualidade do ar; outras, nem tanto, como a Secretaria do Verde e do Meio Ambiente para água, dando o “crédito” à Sabesp. Não tive a oportunidade de questionar Luiz Sales a esse respeito, pois os documentos foram entregues no fim do nosso encontro e, portanto, analisados depois disso, sem tempo hábil para uma nova entrevista.

O que mais chama a atenção, de qualquer forma, é o protagonismo da SPTuris, respondendo às perguntas não só de sua alçada, da parte de “atrações turísticas”, da recepção de megaeventos, os chamados “eventos de envergadura internacional”, como também de outras que dão margem a mais um espaço de venda de cidade, como o resumo da história da capital paulista, utilizado, inclusive, para reforçar um lado mais cultural. Anoto aqui estas observações porque, diferentemente de outros documentos presentes na dissertação, esse faz um papel de suporte, intermediário para algumas questões entre *questionário* e *livro*, como foi melhor abordado no **CAPÍTULO 2**.

### ***Bid Book de São Paulo ou livro***

- autor (es): SPTuris (com participação de governo estadual e prefeitura municipal de São Paulo)
- fonte: Raquel Verdenacci, ex-diretora de eventos e de projetos estratégicos da SPTuris
- disponibilidade: confidencial
- originalmente no formato digital como: “Dossiê Cidade São Paulo.pdf”
- relevância: apresentação da cidade de São Paulo baseada nas perguntas e pedidos de informação do *questionário*, intitulada em sua capa como “Dossiê Cidade de São Paulo”, entregue à MPM, agência contratada da CBF, como material a ser incorporado ao *Bid Book* brasileiro e, portanto, documento mais importante a respeito da venda institucional e oficial da capital paulista perante os avaliadores da FIFA no contexto do processo de candidatura brasileira e da cidade
- secundário (s): ampara sua organização no *questionário*, baseia suas ideias e formatos de apresentação nos testes do *rascunho de respostas* e torna-se parte do documento de referência para a avaliação da candidatura brasileira no *relatório dos inspetores* [explicado logo abaixo]

Raquel Verdenacci, ex-funcionária da SPTuris responsável por fornecer o documento, disse, em entrevista, tratar-se da versão final do *Bid Book de São Paulo*, exatamente como foi entregue à MPM. João Novaes, outro entrevistado para esta dissertação, porém, esclareceu que “foi posteriormente adaptado para o padrão do *Bid Book* [brasileiro], e tinha de ser assim, todas



as cidades com o mesmo número de página, mesmas informações, na mesma ordem etc.”. Existe a possibilidade, portanto, de pequenas alterações em relação à versão aqui analisada, mas, segundo Novaes, enquadrando o conteúdo em certos padrões, em busca de homogeneidade, ou mesmo resumindo informações, para garantir isonomia entre os concorrentes. O *Bid Book* brasileiro, aquele com o *Bid Book de São Paulo* como uma de suas partes, é um documento confidencial a que tive acesso oficialmente negado. Assim, para efeitos de análise, essa versão adquirida será considerada, entendida e avaliada como sendo o verdadeiro e último *Bid Book de São Paulo*.

A produção do *livro* tem a assinatura da SPTuris, como confirmado em seu expediente, na penúltima página, com dois funcionários (Fabíola Bemfeito e Luiz Sales) como responsáveis pela “Coordenação” do documento. Ficam abaixo, em ordem e, supõe-se, em importância, apenas dos então Governadores do estado de São Paulo (José Serra) e Prefeito da Cidade de São Paulo (Gilberto Kassab) e dos membros do “Comitê da Candidatura de São Paulo à COPA 2014”.

A dupla esteve encarregada, para além de funções editoriais, como supervisão do texto, escolha de imagens e diagramação, de organizar todas as seções em que divide-se o documento. Diversas instituições aparecem no item “Colaboração”, do expediente, ao mesmo tempo referendando e responsabilizando-se por informações ali fornecidas: “SPTuris, Secretaria Municipal do Verde e Meio Ambiente, Secretaria Municipal de Esportes, Secretaria de Estado de Esportes, Secretaria Municipal da Saúde, Secretaria do Estado da Saúde, Secretaria Municipal de Transportes, Secretaria do Estado de Transportes, Secretaria de Governo Municipal/CGE, Secretaria Municipal de Infra-estrutura Urbana, Secretaria do Estado de Segurança Pública, SPTrans, CET-SP, Condephaat, INPE, Infraero, ANTT, Cetesb, DERSA, São Paulo Futebol Clube e Sabesp”.

O *livro* trata-se do mais importante documento do processo de candidatura de São Paulo a cidade-sede da Copa do Mundo de 2014 pois é a referência oficial, em texto, e não em eventos, encontros ou apresentações com plateia, de como o poder público, neste caso, numa parceria entre Prefeitura e Governo do estado, representados por aquele encarregado de sua produção, a SPTuris, decidiram por apresentar e, conseqüentemente, vender a capital paulista diante da FIFA.

### ***Bid Inspection Report ou relatório dos inspetores***

- autor (es): FIFA
- fonte: site oficial da FIFA<sup>1799</sup>
- disponibilidade: de domínio público
- originalmente no formato digital como: “inspectionreport\_e\_24841.pdf”
- relevância: avaliação da candidatura brasileira que, ainda que baseada no *Bid Book* brasileiro e nas visitas da equipe de inspeção, proporcionando uma análise geral, dão a medida de como foi assimilada a tentativa de venda da capital paulista por meio do *Bid Book de São Paulo*

O *Bid Inspection Report* é a principal fonte para avaliar de que forma a produção documental da candidatura brasileira, o *Bid Book* brasileiro, e, para o caso deste trabalho, da candidatura de São Paulo, o *Bid Book de São Paulo*, foi assimilada e assim documentada pelos encarregados dessa avaliação pela FIFA, os inspetores ou membros de inspeção da entidade.

### ***relatório da cidade (relatório final da candidata a cidade-sede)***

- autor (es): SPTuris (com participação de governo estadual e prefeitura municipal de São Paulo)
- fonte: Luiz Sales, ex-assessor de projetos estratégicos da SPTuris
- disponibilidade: confidencial
- originalmente no formato digital como: “fifa2009\_sp.pdf”
- relevância: último documento oficial da candidatura de São Paulo antes da escolha das cidades-sede da Copa do Mundo de 2014 e, logo, o mais importante depois da oficialização do Brasil como anfitrião para o seu sucesso nesta candidatura e o principal produzido enquanto *candidata protagonista*; baseado em pedidos de informações técnicas da FIFA, a quem foi entregue com o título de “Copa do Mundo Fifa Brasil 2014 - São Paulo - Cidade

---

<sup>1799</sup> Disponível no link:

[http://www.fifa.com/mm/document/affederation/mission/62/24/78/inspectionreport\\_e\\_24841.pdf](http://www.fifa.com/mm/document/affederation/mission/62/24/78/inspectionreport_e_24841.pdf)

Candidata à Copa do Mundo da Fifa”, tendo o estádio do Morumbi e detalhes de sua infraestrutura como foco

- secundário (s): diferentemente do *livro*, leva muito mais informações técnicas, densas, reservadas à análise de especialistas de áreas de engenharia, elétrica, hidráulica, TI, entre outras; e não possui um documento de avaliação respectivo, como foi o *relatório dos inspetores*

O *relatório da cidade* mostrou-se o principal documento oficial produzido por São Paulo enquanto esteve como *candidata protagonista*, entre novembro de 2007 e maio de 2009. Neste segundo momento da candidatura, a capital paulista não teve mais de vender uma imagem a seu respeito, ainda que tenha tido uma pequena margem para isso. Diante das novas demandas da FIFA, técnicas, focadas na infraestrutura do estádio do Morumbi, produziu um relatório, tratado pelos jornais como “relatório” ou “relatório final”, detalhando informações de pouco ou nenhum apelo em avaliadores como os do momento anterior. Os dados seriam agora submetidos a especialistas de cada área. No momento da entrevista e da entrega deste documento ao pesquisador, Luiz Sales não soube precisar se este era o último *relatório da cidade* — já que disse ter feito “alguns” depois da oficialização do Brasil como cidade-sede da Copa do Mundo de 2014. Ainda que sem uma confirmação, tudo leva a crer que este, foi, sim, o último. De acordo com os registros em jornais de janeiro de 2009, teria sido entregue no dia 15 do mês e com papel central na decisão da FIFA <sup>1800</sup>.

---

<sup>1800</sup> Segundo a reportagem “De olho na Copa, cidades abrem cofre”, publicada na edição de 18 de janeiro de 2009 na página D1 da *Folha de S.Paulo*, “Na última quinta, as candidatas [a cidade-sede da Copa do Mundo de 2014] entregaram relatório básico à FIFA”. A última quinta, em relação à data dessa publicação, seria o dia 15 de janeiro de 2009. Outra reportagem, “saiba mais - Dinheiro não pagaria meio Maracanã”, publicada em 23 de janeiro de 2009 na página D3 da mesma publicação, também fala que “O relatório final dos municípios interessados em hospedar partidas do Mundial foi entregue na semana passada à FIFA”, só não precisa em que data. E, por fim, a reportagem “FIFA vem ao Brasil para assistir a vídeos”, capa do caderno “Cotidiano” da *Folha* em 31 de janeiro de 2009, garante que “a base da análise dos inspetores será feita em cima dos projetos enviados pelas cidades sobre sua infraestrutura e os estádios”.

## ANEXO 4 - JORNAIS

### Regras para a pesquisa, seleção e catalogação de notícias

A pesquisa em jornais diários (restrito às edições da *Folha de S.Paulo*, disponíveis em <http://acervo.folha.com.br/>) e a respectiva documentação (num documento de Word para cada mês, entre dezembro de 2006 e maio de 2009, indicando o levantamento) foram assim desenvolvidos:

- 1) inicialmente, decidi selecionar apenas notícias diárias que, de alguma forma, relacionavam-se à construção da imagem da cidade de São Paulo, ou seja, toda e qualquer notícia relacionada à capital paulista, não importando o teor ou tamanho, esperando a partir daí também encontrar notícias que estabelecessem o elo entre São Paulo e a Copa do Mundo de 2014;
- 2) durante a pesquisa, ao notar a importância de uma comparação entre as notícias relacionadas a São Paulo e às notícias que estabeleciam esse elo entre a capital paulista e a Copa do Mundo de 2014, decidi também contabilizar as notícias de uma forma geral da Copa do Mundo de 2014 e, assim, abrir mais essa possibilidade de comparação.

Para melhor atingir o objetivo de mensurar o quanto e como se tratou, portanto, a cidade de São Paulo no período interessado, bem de como se tratou da Copa do Mundo de 2014 com São Paulo como candidata a cidade-sede, defini e segui os princípios abaixo:

- a) avaliar, primeiro, a capa (primeira página) do jornal e, entre suas manchetes (destaques), não importa de que editoria ou de que assunto, selecionar aquelas que, de alguma forma relacionam-se à construção da imagem de São Paulo (a cidade pode estar citada nominalmente ou presente implicitamente, desde que parte importante e/ou central do que se noticia, representada por um personagem, local ou assunto notório e caso mencionada, num contexto mais geral, logo no subtítulo - obs.: entram até mesmo os TLs, que, no jargão jornalístico, referem-se às notícias compostas tão somente por foto, título da foto e legenda da foto);

- b) em seguida, avaliar por inteiro, todas as páginas, sem exceção, os cadernos que tratam majoritariamente do assunto de cidades (“Cotidiano”) e esportes (“Esporte”) e selecionar aquelas notícias que, de alguma forma relacionam-se à construção da imagem de São Paulo;
- c) as notícias encontradas nos cadernos que tratam majoritariamente em “Cotidiano” e “Esporte” devem ser listadas em um documento de Word, sendo um documento para cada mês, com os dias separados e em ordem cronológica (a formatação está disponível no final);
- d) na organização da lista do documento, caso a notícia selecionada já tenha sido listada por aparecer, primeiro, na capa (primeira página) do jornal, as duas devem ser acopladas por um sinal positivo (“+”) para que não se conte repetidamente;
- e) na organização da lista do documento, caso exista mais de uma notícia sobre o assunto, listar uma a uma e acoplá-las com um sinal de maior (“>”), para melhor mensurar o peso daquele tema por sua quantidade de secundárias (notícias derivadas da principal, complementares);
- f) quando a capa (primeira página) do jornal destacar uma notícia que não faz parte dos cadernos que tratam majoritariamente de cidades (“Cotidiano”) e esportes (“Esporte”), avaliar o caderno que “abriga” a notícia em questão (e tão somente nesses casos), com a meta clara de apenas encontrar a notícia respectiva e as suas secundárias (notícias derivadas da principal, complementares);
- g) quando tratarem-se de TLs (que, no jargão jornalístico, referem-se às notícias compostas tão somente por foto, título da foto e legenda da foto), contar apenas aqueles em que o fato de ter ocorrido na cidade de São Paulo é que justificam a publicação (nunca para aqueles em que o fato de ter ocorrido na cidade é só um detalhe, uma circunstância desprezível do noticiado);
- h) mais especificamente no caderno que trata majoritariamente de cidades (“Cotidiano”): h1. não selecionar notícias que dizem respeito a outras cidades, nem vizinhas da região metropolitana (como Osasco ou Guarulhos), nem as mais famosas do interior (como Ribeirão Preto ou Bragança Paulista); h2. não selecionar notícias que tratam do estado de São Paulo, seja numa avaliação, por exemplo, generalista do estado estabelecida pela própria notícia ou a alguma medida tomada pelos poderes estaduais (executivo, legislativo ou judiciário); h3. não selecionar notícias que mostram-se apenas informes, notificações ou avisos (geralmente notas

curtas, que só informam uma mudança de sinalização de rua, ou um debate corporativo/temático, ou o começo/encerramento de inscrições de algum curso ou prova, ou falecimento); h4. as exceções às duas primeiras regras são as notícias que, não importa o tema, dizem respeito, de alguma forma e de maneira decisiva, à cidade de São Paulo, como centro ou parte da notícia (como, por exemplo, de uma fuga de prisioneiros da Febem/Fundação Casa, quando de uma unidade da capital paulista, mas jamais quando de outra unidade, no interior ou região metropolitana, ou num avaliação generalista da instituição).

Para atender às duas primeiras regras e manter-me fiel aos princípios listados de “a” a “h”, estabeleci os seguintes padrões:

*- de como listar cada uma das notícias, como nos exemplos que seguem:*

. primeira notícia do dia, presente na capa (primeira página)

**NOME DO JORNAL.** “o título”. Cidade de origem da publicação, **dd/mm/aaaa**, p. **X1**.

tags: tag

. notícia presente na capa (primeira página)

**NOME DO JORNAL.** “o título”. Cidade de origem da publicação, **dd/mm/aaaa**, p. **X1**.

tags: tag

. primeira notícia do dia, sem destaque na capa (primeira página)

**NOME DO JORNAL.** “o título”. Cidade de origem da publicação, **dd/mm/aaaa**, p. **X1**.

tags: tag

. notícia

**NOME DO JORNAL.** “o título”. Cidade de origem da publicação, **dd/mm/aaaa**, p. **X1**.

tags: tag

. notícia de esporte

**NOME DO JORNAL.** “o título”. Cidade de origem da publicação, **dd/mm/aaaa**, p. **X1**.

tags: tag

. notícia de capa (primeira página) acoplada à respectiva notícia

**NOME DO JORNAL.** “o título”. Cidade de origem da publicação, dd/mm/aaaa, p. **X1**.

tags: tag

+

**NOME DO JORNAL.** “o título”. Cidade de origem da publicação, dd/mm/aaaa, p. X1.

tags: tag

. notícia principal acoplada a uma secundária, do mesmo assunto

**NOME DO JORNAL.** “o título”. Cidade de origem da publicação, dd/mm/aaaa, p. X1.

tags: tag

> **NOME DO JORNAL.** “o título”. Cidade de origem da publicação, dd/mm/aaaa, p. X1.

tags: tag

. notícia com mais de duas tags

**NOME DO JORNAL.** “o título”. Cidade de origem da publicação, dd/mm/aaaa, p. **X1**.

tags: **duplo** tag 1; tag2

. notícia com três ou mais tags

**NOME DO JORNAL.** “o título”. Cidade de origem da publicação, dd/mm/aaaa, p. **X1**.

tags: **triplo** tag 1; tag2; tag3

[em **vermelho e negrito**, a indicação de notícia presente na capa (primeira página)]

[em **azul e negrito**, a indicação da data na primeira reportagem identificada]

[em **laranja e negrito**, a indicação de reportagens do caderno de Esporte]

- *de como classificar as notícias (tags):*

*em Cidades*

ACIDENTE: qualquer tipo de acidente, não importa se na terra, na água ou no ar (quando mais impactantes, entram em TRAGÉDIA):

. aéreo;

. automobilístico;

. estrutural;

. marítimo;

. trabalhista.

ADMINISTRAÇÃO: decisões tomadas (ou em via de ser tomadas) pela administração municipal, como aumento de impostos, cálculo do orçamento ou realização de megaobras:

- . gestão (decisões tomadas pela administração municipal, de uma forma geral);
- . impostos (IPTU, IPVA...);
- . infraestrutura (obras grandes e importantes para os paulistanos);
- . limpeza urbana;
- . política (disputas institucionais e trocas de cargos).

ÁGUA: relacionada a problemas de falta de água, de problemas na rede de abastecimento e de acidentes causados em alguma medida pelo sistema operado pela Sabesp.

CAOS AÉREO: problemas e situações peculiares (geralmente decorrentes dos momentos de caos aéreo em todo o país) relacionadas a Congonhas (Cumbica, em Guarulhos, está descartado); não entram notícias generalistas, a não ser que mencionem a cidade ou o aeroporto no subtítulo.

CIDADE: curiosidades que, de alguma forma, contam um pouco sobre a cidade de São Paulo; pode ser a lembrança ou o aniversário ou a análise de um ponto específico; o relato de um fenômeno, uma moda ou um comportamento recente; um personagem ou um grupo peculiar que atua ou atuou particularmente na cidade; a novidade de um espaço ou serviço interessante:

- . personagem;
- . lugar.

CIDADE LIMPA: sobre a polêmica relacionada à extinção de outdoors em São Paulo.

CONSUMO: dicas de compras (lugares, horários e produtos) para qualquer época festiva do ano ou situação peculiar, desde que voltadas especialmente para o público paulistano; melhorias, problemas, mudanças ou questões de toda ordem exclusivas e que afetam ou afetaram diretamente famosos pontos de comércio (de luxo ou popular) da cidade.

CHUVA: todo tipo de notícias decorrentes das chuvas em São Paulo, como alagamentos, engarrafamentos, queda de árvore e mesmo apagão na cidade ou alguma de suas regiões.



**CLIMA:** quando não na seção específica para esse fim, e, por isso, merecedor de catalogação, não importa se para falar da chegada de uma frente fria ou do clima seco na cidade.

**CORRUPÇÃO:** qualquer notícia que levante a suspeita, denuncie, rejeite ou confirme um caso de corrupção relacionado à cidade, seja por ser da administração municipal ou de alguma famosa instituição sediada na cidade ou de algum personagem conhecido da cidade.

**CULTURA:** qualquer tipo de registro sobre cultura que não indique um EVENTO próximo à data de publicação; algum programa cultural que especula-se, planeja-se ou tem um distanciamento maior do que o hoje, amanhã ou ontem; pode ser um museu recém inaugurado, mudanças políticas e administrativas relacionadas a instituições culturais; uma obra de arte recuperada, ou mesmo uma casa de teatro restaurada; o resultado de um concurso cultural.

**ECONOMIA:** indicadores econômicos, pesquisas ou situação do mercado financeiro, geralmente quando a Bovespa, instituição famosa da cidade, aparece no noticiário.

**EDUCAÇÃO:** sobre a qualidade do ensino, o método, a frequência ou a instalação de novos pontos de ensino na rede municipal; ou sobre a situação de escolas e faculdades famosas da cidade, seja por novidades ou problemas; não entram avisos de prova ou resolução de prova:

- . escola;
- . universidade.

**EVENTO:** qualquer manifestação cultural que, de tão destacada, mereceu chamada na capa do jornal e só está lá por ser algo como um privilégio/acontecimento na cidade; pode ser bienal de artes, show musical ou teatro (os esportes entram na categoria ESPORTE EM SAMPA); pode ser um evento que vai acontecer em breve ou que aconteceu há pouco tempo; dicas de fim de semana ou de programa noturno (baladas mesmo):

- . balada;
- . cinema;
- . exposição;
- . gastronomia;
- . missa;
- . show.

FESTAS: alterações na configuração da cidade e do comportamento do paulistano em razão de uma data comemorativa:

- . carnaval;
- . páscoa;
- . dia das crianças;
- . natal;
- . ano novo.

INTERVENÇÃO URBANA: ações que, de alguma maneira, interferem na configuração espacial da cidade, retirando (demolindo um prédio velho), acrescentando (construindo uma nova estrutura), remodelando (alterando, reformando qualquer local) ou até consertando (um buraco, que seja). Não confundir com obras de infraestrutura, de piscinões, metrô, aquelas de importância estrutural e estratégica para o funcionamento da cidade (que são: “ADMINISTRAÇÃO, infraestrutura”).

LEGISLATIVO: decisões tomadas pela Câmara Municipal ou relativa a um de seus membros.

LUZ: falta de luz ou manutenção de rede elétrica.

MEIO AMBIENTE: qualquer notícia em que o foco apresente como consequência problemas ambientais, como o despejo de lixo em local inadequado ou a poluição de um córrego, e relacionadas à cultura, de alguma forma, de práticas sustentáveis.

PATRIMÔNIO: pedido, processo, rejeição ou confirmação de preservação e/ou tombamento de algum ponto de São Paulo, oficialmente ou não considerado um patrimônio da cidade; análise, lembrança ou medida relacionada a esse patrimônio reconhecido da cidade.

POLÍTICA: para marcar o noticiário político que, em geral, acaba surgindo em momentos de eleição e como resultado de pesquisas eleitorais.

PROTESTO: qualquer tipo de manifestação, não importa o tamanho, a origem, o grupo ou o tema.

**QUESTÃO IMOBILIÁRIA:** todo assunto relacionado ao uso da terra, de condições de moradia (sejam estas já estabelecidas, em processo de ou como parte de reivindicação), de ocupações de prédios abandonados a definições de zoneamento e favorecimentos à especulação imobiliária.

**RELIGIÃO:** missas especiais (como as do popstar padre Marcelo), definições religiosas (como canonizações de santos com alguma relação com a cidade) e casos peculiares (como assaltos).

**SAÚDE:** doenças, surtos ou epidemias que atingem especificamente a população de São Paulo ou que, depois de se espalhar pelo Brasil, agora chegam à cidade; alterações nas políticas públicas relacionadas ao atendimento de saúde (de medicamentos oferecidos a hospitais abertos ou fechados); entram notícias sobre hospitais e instituições particulares famosos, como o Einstein; entram assuntos de hospitais do estado de São Paulo, desde que famosos e na capital:

- . hospital;
- . medicamento.

**TRAGÉDIA:** acidente de qualquer tipo de grande repercussão e comoção.

**TRÂNSITO:** relatos sobre engarrafamento (quando decorrentes de chuva, entram também em CHUVA), mudanças maiores e mais complicadas nas vias de São Paulo (por causa de obras ou acidentes), implementação de novas políticas (como redução de velocidade ou colocação de radares) ou análise da fluidez do tráfego (inclusive antes, durante ou depois de feriados e festas):

- . alteração de vias;
- . bicicleta;
- . engarrafamento;
- . equipamento;
- . novas políticas;
- . tráfego.

**TRANSPORTE:** tudo o que diz respeito à mobilidade urbana, seja a seu funcionamento, ao seu preço e/ou ao desenvolvimento de sua malha (de problemas à ampliação):

- . cptm;
- . metrô;
- . ônibus;
- . táxi;

. trem.

**VIOLÊNCIA:** casos pequenos, corriqueiros, que dão a noção do dia a dia da violência em São Paulo; casos de crimes famosos, desde que realmente conhecidos e acontecidos na cidade; casos relacionados a outras cidades só se a prisão for efetuada em Sampa e à medida que continuar dizendo respeito à cidade; nada de casos gerais do estado ou de outras cidades:

- . assassinato;
- . chacina;
- . crimes famosos;
- . comércio;
- . drogas;
- . erro;
- . ilegal;
- . infantil;
- . jogos de azar;
- . roubo;
- . pichação;
- . preconceito;
- . policial;
- . segurança privada;
- . sequestro;
- . verbal.

### *Em Esporte*

**COPA DO MUNDO:** qualquer notícia sobre Copa do Mundo de 2014, que não especificamente sobre São Paulo.

**COPA EM SAMPA:** notícias sobre a Copa do Mundo relacionadas especificamente a São Paulo ou a instituições e personagens que, de alguma forma, estabelecem o diálogo entre evento e cidade:

- . estádio (sobre a definição e/ou a construção dos estádios);
- . jogo (relacionado ao campo esportivo, ao jogo de futebol em si);
- . obras (obras de infraestrutura nas cidades-sedes, que não dos estádios);

- . organização (medidas administrativas de qualquer ordem);
- . política (disputas e conchavos em torno da realização do torneio).

ESPORTE EM SAMPA (eventos anteriores): eventos esportivos, não importa a modalidade, realizados em São Paulo e, exatamente por isso, dignos de nota (e de matérias mais aprofundadas, estabelecendo algum vínculo com sua presença na cidade). As notícias que dizem respeito à performance no campo esportivo não interessam, mesmo que realizadas na capital paulista. Intervenções urbanas e administrativas (infraestrutura) relacionadas com instalações esportivas e questões políticas relacionadas especificamente ao esporte paulistano. Casos de escândalo, violência e corrupção ligados aos clubes da capital paulista entram, como o da parceria entre Corinthians e MSI.

## ANEXO 5 - JORNAIS

### Exemplo de pesquisa em jornais

a) Exemplo de levantamento em um dia (3 de dezembro de 2006)

**FOLHA DE SÃO PAULO.** “revista - Personagens recontam os 115 anos da av. Paulista”.  
São Paulo, **03/12/2006**, p. **A1**.

tags: **duplo** cidade

+

**FOLHA DE SÃO PAULO.** “uma velha senhora”. São Paulo, 03/12/2006, revista da folha -  
p.8.

tags: **duplo** cidade

> **FOLHA DE SÃO PAULO.** “sonho de menina”. São Paulo, 03/12/2006, revista da folha -  
p.10.

tags: **duplo** cidade

> **FOLHA DE SÃO PAULO.** “o céu de Sales”. São Paulo, 03/12/2006, revista da folha -  
p.11.

tags: **duplo** cidade

> **FOLHA DE SÃO PAULO.** “ele botou banca”. São Paulo, 03/12/2006, revista da folha -  
p.12.

tags: **duplo** cidade

> **FOLHA DE SÃO PAULO.** “no escuro”. São Paulo, 03/12/2006, revista da folha - p.13.

tags: **duplo** cidade

> **FOLHA DE SÃO PAULO.** “artéria ardente”. São Paulo, 03/12/2006, revista da folha -  
p.14.

tags: **duplo** cidade

**FOLHA DE SÃO PAULO.** “Jovens acusam seguranças de agredi-los em festa na Daslu”.  
São Paulo, 03/12/2006, p. C1.

tags: violência

> **FOLHA DE SÃO PAULO.** “outro lado - Daslu diz que só cedeu espaço para festa”. São

Paulo, 03/12/2006, p. C3.

tags: violência

**FOLHA DE SÃO PAULO.** “Kassab prepara obras para justificar tarifa”. São Paulo, 03/12/2006, p. C4.

tags: **duplo** administração, infraestrutura; transporte, ônibus

> **FOLHA DE SÃO PAULO.** “Empresas tem cenário ideal para negocias”. São Paulo, 03/12/2006, p. C4.

tags: transporte, ônibus

> **FOLHA DE SÃO PAULO.** “Administração simula cortes no bilhete único”. São Paulo, 03/12/2006, p. C4.

tags: transporte, ônibus

**FOLHA DE SÃO PAULO.** “SP inaugura hoje a árvore de Natal do Ibirapuera”. São Paulo, 03/12/2006, p. C6.

tags: **duplo** cidade; festas

**FOLHA DE SÃO PAULO.** “Para atrair estudantes, universidades oferecem serviços de shopping”. São Paulo, 03/12/2006, p. C8.

tags: educação

**FOLHA DE SÃO PAULO.** “Painel FC - Do lar”. São Paulo, 03/12/2006, p. **D2**.

tags: **duplo** consumo, Esporte em Sampa (Casa Pelé)

saldo

administração: 1

cidade: 7

consumo: 1

educação: 1

festas: 1

Esporte em Sampa: 1

transporte: 3

violência: 2

total: 17

b) Breve explicação para o uso desse levantamento

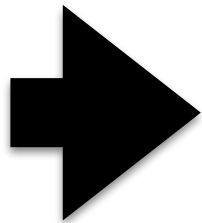
Os números finais de uma *tag* em um dia (por exemplo, na data acima - transporte: 3) foram tabulados numa planilha de modo a se saber os números finais de uma *tag* em um mês (neste caso, em dezembro de 2006) e tabulados para se saber os números finais de uma *tag* em três períodos específicos (enquanto *candidata coadjuvante*; *candidata protagonista* e durante todo o recorte). Dessa maneira, foi possível aferir quais as *tags* e, conseqüentemente, quais assuntos foram os mais frequentes nos períodos interessados, aferir imagens relacionadas à cidade de São Paulo, partir para análises baseadas nesses dados e desses dados partir para entender e comentar outros padrões.



## ANEXO 6 - JORNAIS

### Os tipos de destaques na capa dos jornais

FIGURA 1 - MANCHETE PRINCIPAL



UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL ★ ★ ★ WWW.FOLHA.COM.BR

# FOLHA DE S. PAULO

DIRETOR DE REDAÇÃO: OTÁVIO FRASS FARIAS SEXTA-FEIRA, 2º DE DEZEMBRO DE 2006 300 mil exemplares EDIÇÃO SÃO PAULO DE, CONCLUÍDA ÀS 23H30

**entrevistas**

**JOSE DIRCEU**

**NÃO TEMO A JUSTIÇA. QUERO SER JULGADO O MAIS RÁPIDO POSSÍVEL**

Ex-ministro, casado há um ano no topo do escalão da mensalidade, ele que confia em sua absolvição pela OJ. Pág. 10

**HUGO CHAVEZ**

**COMECEI A DISCUTIR A REELEIÇÃO INDEFINIDA, MAS NÃO QUERO SER REI**

O presidente venezuelano, que no domingo tenta novo mandato, diz que a regra é adotada em outros países. Pág. 10

**MARINA SILVA**

**AMBIENTE NÃO É O VILÃO DO DESENVOLVIMENTO**

Para ministra do Meio Ambiente, só preservando recursos naturais o país crescerá em bases sustentáveis. Pág. 10

## Câmbio faz economia crescer só 0,5%

Resultado do PIB no 3º trimestre torna improvável expansão de 3,2% prevista pelo governo para todo o ano

**EVOLUÇÃO DO PIB**

Comparação com o mesmo trimestre do ano anterior

A economia brasileira cresceu 0,5% no terceiro trimestre, tornando muito difícil a expansão de 3,2% em 2006, estimada pelo governo. Para se chegar a isso, a taxa precisaria ser de 5,2% no quarto trimestre. Mas, se o ritmo for mantido, o PIB fechará 2006 em 3,2%.

O câmbio valorizado inibiu o setor externo, afetando o resultado do PIB. As importações subiram muito mais (20%) ante igual período de 2005 do que as exportações (7,2%). Os destaques positivos foram os investimentos (3,8% de alta) e a agropecuária (0,1%).

O consumo das famílias subiu 0,3%, na 12ª alta trimestral seguida, fato isolado na série histórica do PIB. Especialistas dizem acreditar numa expansão mais acelerada da economia no quarto trimestre, mas suficiente para um crescimento anual de no máximo 3%.

O ministro Guido Mantega (Fazenda) considera a alta do PIB "decepcionante". "Esperava melhor. Infelizmente não houve crescimento robusto da indústria". Em visita à Nigéria, o presidente Lula disse que já está pensando nos próximos quatro anos. Pág. 11

**3.500 sem-terra invadem porto de Maceió para pressionar Incra**

Cerca de 3.500 sem-terra invadiram o porto de Maceió para pressionar o Incra a acabar a desapropriação de 22 mil hectares no Estado. Os sem-terra se acotovelaram no porto depois que o Instituto concordou em pedir à Justiça autorização para que sejam criados assentamentos rurais no local.

No Paraná, integrantes do MST entraram em confronto com fazendeiros. Seis sem-terra e três mandatos ficaram forçados. Pág. 12

**Droga poderá prevenir câncer de mama, diz estudo dos EUA**

A portadora de uma mutação que aumenta o risco de câncer de mama poderia em alguns anos se tratar com drogas para prevenir a doença. É o que sugere um estudo feito por pesquisadores da Universidade da Califórnia em Irvine (UCI) publicado na revista "Science".

Experimentos com camundongos mostraram que fármacos sem defeitos no gene BRCA1 se beneficiam de uma droga que suprime o efeito do hormônio progesterona. Pág. 13

**Chuvas deixam três mortos no Sudeste**

As chuvas mataram uma pessoa em Minas Gerais e duas no Rio. Em Sobradinho, na região metropolitana de Belo Horizonte, a vítima foi um garoto de 13 anos.

Uma menina de três anos e um rapaz de 17 morreram em Nova Iguaçu, na Baixada Fluminense, onde mais de um tempo da chuva de novembro caiu nesta semana.

Em São Paulo, o nível de chuva em novembro é o maior dos últimos 28 anos. Campos do Jordão, Ubatuba e Foz de Iguaçu também tiveram chuva acima da média.

Acharam em SP o resultado de altas temperaturas e umidade. Já uma frente fria no litoral de RJ e ES gera áreas de instabilidade que atingem Minas. Pág. 14-15

**Ilustrada**

**Estilista inglesa cria looks inspirados nos videogames**

Gracia de Carl Mundane

**guia da folha**

**Roteiro traz 15 opções de baladas para os domingos**

Pág. 16

**esporte**

**Estádio do Pan custa quase 5 vezes o valor previsto**

Obra no estádio João Havelange, no Rio

**guia dos estágios**

**Coluna especial: 100 as 10 melhores empresas para estágio**

1º 2º 3º 4º 5º

Deloitte Touche Tohmatsu

Agência Nacional de Defesa

Banco Itaú

ENX Brasil

Brasil e

Brasil e

**Coletânea Folha**

**Coletânea País a País**

**Próximo domingo:**

**Folha + R\$ 5,80 = Argentina**



FIGURA 2 - MANCHETE SECUNDÁRIA

UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL ★ ★ ★ WWW.FOLHA.COM.BR

# FOLHA DE S. PAULO

DIRETOR DE REDAÇÃO: OTÁVIO FRASS FILLARDI  
SEXTA-FEIRA, 2º DE DEZEMBRO DE 2006  
JORNAL: 37.300  
EDIÇÃO SÃO PAULO DE, CONCLUÍDA ÀS 23H32

entrevistas



**JOSE DIRCEU**

**NÃO TEMO A JUSTIÇA. QUERO SER JULGADO O MAIS RÁPIDO POSSÍVEL**  
Ex-ministro, casado há um ano no centro do escândalo da mensalão, diz que confia em sua absolvição pela OJ. **pag. 48**



**HUGO CHAVEZ**

**COMEÇEI A DISCUTIR A REELEIÇÃO INDEFINIDA, MAS NÃO QUERO SER REI**  
O presidente venezuelano, que no domingo tenta novo mandato, diz que a regra é adotada em outros países. **pag. 49**



**MARINA SILVA**

**AMBIENTE NÃO É O VILÃO DO DESENVOLVIMENTO**  
Para ministra do Meio Ambiente, só preservando recursos naturais o país crescerá em bases sustentáveis. **pag. 50**

## Câmbio faz economia crescer só 0,5%

Resultado do PIB no 3º trimestre torna improvável expansão de 3,2% prevista pelo governo para todo o ano

**EVOLUÇÃO DO PIB**



Comparação com o mesmo trimestre do ano anterior

A economia brasileira cresceu 0,5% no terceiro trimestre, tornando muito difícil a expansão de 3,2% em 2006, estimada pelo governo. Para se chegar a isso, a taxa precisaria ser de 5,2% no quarto trimestre. Mas, se o ritmo for mantido, o PIB fechará 2006 em 3,2%.

O câmbio valorizado inibiu o setor externo, afetando o resultado do PIB. As importações subiram muito mais (20%) ante igual período de 2005 do que as exportações (7,2%). Os destaques positivos foram os investimentos (3,8% de alta) e a agropecuária (3,1%).

O consumo das famílias subiu 0,3%, na 12ª alta trimestral seguida, fato isolado na série histórica do PIB. Especialistas dizem acreditar numa expansão mais acelerada da economia no quarto trimestre, mas suficiente para um crescimento anual de no máximo 3%.

O ministro Guido Mantega (Fazenda) considera a alta do PIB "decepcionante". "Esperava melhor. Infelizmente não houve crescimento robusto da indústria." Em visita à Nigéria, o presidente Lula disse que já está pensando nos próximos quatro anos. **pag. 41**

**3.500 sem-terra invadem porto de Maceió para pressionar Incra**

Cerca de 3.500 sem-terra invadiram o porto de Maceió para pressionar o Incra a acabar a desapropriação de 22 mil hectares no Estado. Os sem-terra já acamparam no lado do porto depois que o Instituto concordou em pedir à Justiça autorização para que sejam criados assentamentos rurais na área.

No Paraná, integrantes do MST entraram em confronto com fazendeiros. Seis sem-terra e três marabotas ficaram feridos. **pag. 42**



Área a uma quilômetro da Avenida Jornalista Roberto Marinho, na zona sul de São Paulo, vista de cima fica inundada após chuva.

**Chuvas deixam três mortos no Sudeste**

As chuvas mataram uma pessoa em Minas Gerais e duas no Rio. Em Sobradinho, na região metropolitana de Belo Horizonte, a vítima foi um menino de 13 anos.

Uma menina de três anos e um rapaz de 17 morreram em Nova Iguaçu, na Baixada Fluminense, onde mais de um tempo da chuva de novembro caiu nesta semana.

Em São Paulo, o nível de chuva em novembro é o maior dos últimos 28 anos. Campos do Jordão, Ubatuba e Pinheiros também tiveram chuva acima da média.

Achova em SP é resultado de altas temperaturas e umidade. Já uma frente fria no litoral de RJ e ES gera áreas de instabilidade que atingem Minas. **pag. 43**

**Eleição neste ano custou 49,4% a mais que em 2002**

As campanhas para presidente, governador, senador e deputados federais e estaduais custaram pelo menos 49,4% a mais neste ano do que em 2002, já descontada a inflação. O gasto total ficou entre R\$ 1,3 bilhão e R\$ 1,6 bilhão, segundo dados declarados à Justiça Eleitoral.

Para o presidente do Tribunal Superior Eleitoral, ministro Marco Aurélio Mello, o aumento "temo periculosidade". **pag. 47**

**Droga poderá prevenir câncer de mama, diz estudo dos EUA**

As portadoras de uma mutação que aumenta o risco de câncer de mama poderão em alguns anos se tratar com drogas para prevenir a doença. É o que sugere um estudo feito por pesquisadores da Universidade da Califórnia em Irvine (UCI), publicado na revista "Science".

Experimentos com camundongos mostraram que fêmeas com defeito no gene BRCA1 se beneficiam de uma droga que suprime o efeito do hormônio progesterona. **pag. 49**

**Universidades abrem vagas para cursos à distância**

A Ufscar (Universidade Federal de São Carlos) e a Unesp (Universidade Estadual Paulista) vão oferecer cursos de graduação à distância em 2007. Em ambos os casos haverá vestibular.

O processo de seleção da Ufscar, com 1.950 vagas, ocorre em fevereiro. Serão oferecidos cursos de engenharia ambiental e geologia, entre outros. Na Unesp, não haverá vestibular. **pag. 51**

**ilustrada**

Estilista inglesa cria looks inspirados nos videogames

Gracia de Carl Mundane

**guia da folha**

Roteiro traz 15 opções de baladas para os domingos

**esporte**

Estádio do Pan custa quase 5 vezes o valor previsto

Para o estádio João Havelange, no Rio

**guia dos estúdios**

Coluna especial traz as 10 melhores empresas para estagiar

AS 10 MELHORES

|          |               |     |          |          |
|----------|---------------|-----|----------|----------|
| 1º       | 2º            | 3º  | 4º       | 5º       |
| Deloitte | Ernst & Young | BDO | Deloitte | Deloitte |
| Deloitte | Ernst & Young | BDO | Deloitte | Deloitte |

**9.0**

**Atmosfera**

Temperatura máxima: 27°C  
Temperatura mínima: 17°C  
Precipitação: 100%

**Editoriais**

Lula "Alongopereira" sobe resultados do PIB? "O Brasil de hoje é o Brasil de ontem."

**Rodízio em SP**

9.0

**Coleção Folha**

Coleção Pais a Pais

Próximo domingo:

Folha + R\$ 5,80 = Argentina



FIGURA 3 - CHAMADAS

UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL ★ ★ ★ WWW.FOLHA.COM.BR

# FOLHA DE S. PAULO

DIRETOR DE REDAÇÃO: OTÁVIO FRASS FILHO SEXTA-FEIRA, 2º DE DEZEMBRO DE 2006 JORNAL 37 36.000 EDIÇÃO SÃO PAULO DE, CONCLUÍDA ÀS 23H32 R\$ 2,50

**entrevistas**

**JOSE DIRCEU**

**NÃO TEMO A JUSTIÇA. QUERO SER JULGADO O MAIS RÁPIDO POSSÍVEL**

Ex-ministro, casado há um ano no topo do escândalo da mensuração, diz que confia em sua absolvição pela OJ. **pag. 38**

**HUGO CHAVEZ**

**COMECEI A DISCUTIR A REELEIÇÃO INDEFINIDA, MAS NÃO QUERO SER REI**

O presidente venezuelano, que no domingo tenta novo mandato, diz que a regra é adotada em outros países. **pag. 39**

**MARINA SILVA**

**AMBIENTE NÃO É O VILÃO DO DESENVOLVIMENTO**

Para ministra do Meio Ambiente, só preservando recursos naturais o país crescerá em bases sustentáveis. **pag. 40**

## Câmbio faz economia crescer só 0,5%

Resultado do PIB no 3º trimestre torna improvável expansão de 3,2% prevista pelo governo para todo o ano

**EVOLUÇÃO DO PIB**

Comparação com o crescimento médio dos últimos anos (1997-2005): 2,2%.

A economia brasileira cresceu 0,5% no terceiro trimestre, tornando muito difícil a expansão de 3,2% em 2006, estimada pelo governo. Para se chegar a isso, a taxa precisaria ser de 5,2% no quarto trimestre. Mas, se o ritmo for mantido, o PIB fechará 2006 em 3,2%.

O câmbio valorizado inibiu o setor externo, afetando o resultado do PIB. As importações subiram muito mais (20%) neste período do que as exportações (7,3%). Os destaques positivos foram os investimentos (3,8% de alta) e a agropecuária (3,1%).

O consumo das famílias subiu 0,3%, na 12ª alta trimestral seguida, fato isolado na série histórica do PIB. Especialistas dizem acreditar numa expansão mais acelerada da economia no quarto trimestre, mas suficiente para um crescimento anual de no máximo 3%.

O ministro Guido Mantega (Fazenda) considera a alta do PIB "decepcionante". "Esperava maior. Infelizmente não houve crescimento robusto da indústria." Em visita à Nigéria, o presidente Lula disse que já está pensando nos próximos quatro anos. **pag. 31**

**3.500 sem-terra invadem porto de Maceió para pressionar Incra**

Cerca de 3.500 sem-terra invadiram o porto de Maceió para pressionar o Incra a acelerar a desapropriação de 22 mil hectares no Estado. Os sem-terra se acotovelaram sobre o porto depois que o Instituto concordou em pedir à Justiça autorização para que sejam criados assentamentos rurais na área.

No Paraná, integrantes do MST entraram em confronto com fazendeiros. Seis sem-terra e três moradores ficaram feridos. **pag. 42**

**Droga poderá prevenir câncer de mama, diz estudo dos EUA**

As portadoras de uma mutação que aumenta o risco de câncer de mama poderão em alguns anos se tratar com drogas para prevenir a doença. É o que sugere um estudo feito por pesquisadores da Universidade da Califórnia em Irvine (UCI), publicado na revista "Science".

Experimentando com camundongos transgênicos que tiveram com defeito no gene BRCA1 se beneficiaram de uma droga que suprime o efeito do hormônio progesterona. **pag. 43**

**Universidades abrem vagas para cursos à distância**

A Ufscar (Universidade Federal de São Carlos) e a Unesp (Universidade Estadual Paulista) vão oferecer cursos de graduação à distância em 2007. Em ambos os casos haverá vestibular.

O processo de seleção da Ufscar, com 1.950 vagas, ocorre em fevereiro. Serão oferecidos cursos de engenharia ambiental e pedagogia, entre outros. Na Unesp, não haverá vestibular. **pag. 44**

**Chuvvas deixam três mortos no Sudeste**

As chuvas mataram uma pessoa em Minas Gerais e duas no Rio. Em São Paulo, na região metropolitana de Belo Horizonte, a vítima foi um garoto de 13 anos.

Uma menina de três anos e um rapaz de 17 morreram em Nova Iguaçu, na Baixada Fluminense, onde mais de um tempo da chuva de novembro caiu nesta semana.

Em São Paulo, o nível de chuva em novembro é o maior dos últimos 28 anos. Campos do Jordão, Ubatuba e Foz de Iguaçu também tiveram chuva acima da média.

Acharam em SP o resultado de altas temperaturas e umidade. Já uma frente fria no litoral de RJ e ES gera áreas de instabilidade que atingem Minas. **pag. 45 e 46**

**Indústria é o setor que mais sofre com valorização do real**

Era mesmo o câmbio e não há mais o que discutir. O grosso dos motivos de curto prazo que têm levado a economia brasileira a embicar para o brejo está mesmo no comércio exterior, composto quase todo de produtos do PIB.

O real forte, o dólar baixo, encarece o produto nacional no mercado externo e barateia importações. Quem pensa mais devoto a esse cenário é a indústria. **pag. 48**

**Eleição neste ano custou 49,4% a mais que em 2002**

As campanhas para presidente, governador, senador e deputados federais e estaduais custaram pelo menos 49,4% a mais neste ano do que em 2002, já descontada a inflação. O gasto total ficou entre R\$ 1,3 bilhão e R\$ 1,6 bilhão, segundo dados declarados à Justiça Eleitoral.

Para o presidente do Tribunal Superior Eleitoral, ministro Marco Aurélio Mello, o aumento "tema perplexidade". **pag. 47**

**ilustrada**

**Estilista inglesa cria looks inspirados nos videogames**

Criação de Carl Mundane **pag. 50**

**guia da folha**

**Roteiro traz 15 opções de baladas para os domingos**

**pag. 52**

**esporte**

**Estádio do Pan custa quase 5 vezes o valor previsto**

Obra no estádio João Havelange, no Rio **pag. 54**

**guia dos estúdios**

**Coluna especial traz as 50 melhores empresas para estágio**

| 1º MELHORES | 2º         | 3º       | 4º          | 5º        |
|-------------|------------|----------|-------------|-----------|
| Deloitte    | IBM        | Boleto   | SPC Brasil  | Walmart   |
| atendimento | tecnologia | comércio | informática | alimentos |

**pag. 55**

**EDITORIAIS**

**Lula "Alonga o prazo" sobre resultado do PIB**

O "discurso de insubordinação" contra o chefe do executivo no J. J. **pag. 42**

**RODÍO EM SP**

**9.0**

**pag. 43**

**Atmosfera**

**pag. 42**

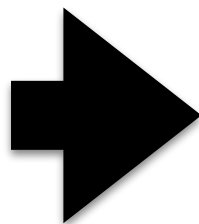
Atmosfera: 12°C, 14°C, 16°C, 18°C, 20°C, 22°C, 24°C, 26°C, 28°C, 30°C, 32°C, 34°C, 36°C, 38°C, 40°C, 42°C, 44°C, 46°C, 48°C, 50°C, 52°C, 54°C, 56°C, 58°C, 60°C, 62°C, 64°C, 66°C, 68°C, 70°C, 72°C, 74°C, 76°C, 78°C, 80°C, 82°C, 84°C, 86°C, 88°C, 90°C, 92°C, 94°C, 96°C, 98°C, 100°C.







FIGURA 6 - CHAMADA COM A FOTO PRINCIPAL

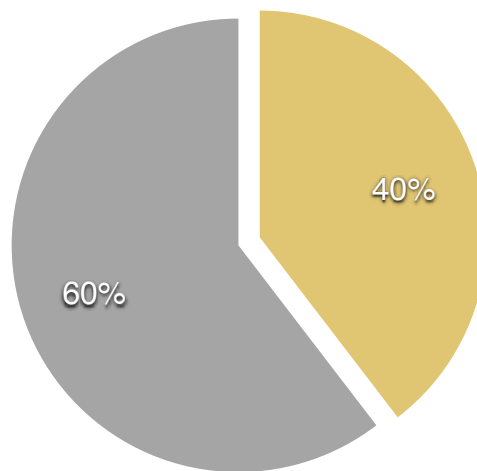
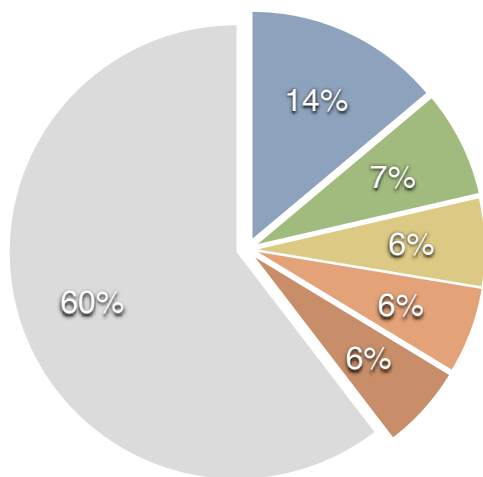


## ANEXO 7 - JORNAIS

### Gráficos: resultados dos levantamentos em jornais

TOP 5 da candidatura

| TAGS             | totais |
|------------------|--------|
| violência        | 2990   |
| cidade           | 1612   |
| esporte em sampa | 1337   |
| administração    | 1306   |
| acidente         | 1273   |
| outros           | 12997  |



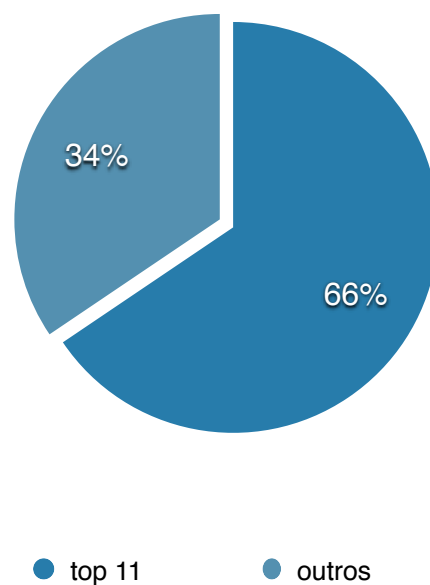
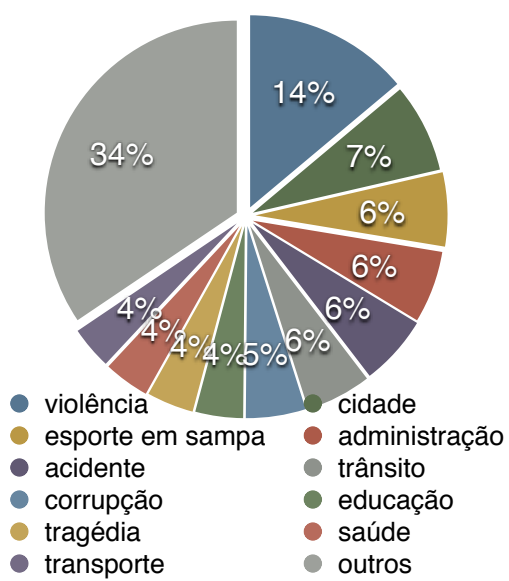
● violência    ● cidade    ● esporte em sampa  
● administração    ● acidente    ● outros

● top 5

● outros

### TOP 11 da candidatura

| TAGS             | totais |
|------------------|--------|
| violência        | 2990   |
| cidade           | 1612   |
| esporte em sampa | 1337   |
| administração    | 1306   |
| acidente         | 1273   |
| trânsito         | 1186   |
| corrupção        | 1083   |
| educação         | 864    |
| tragédia         | 851    |
| saúde            | 827    |
| transporte       | 774    |
| outros           | 7412   |



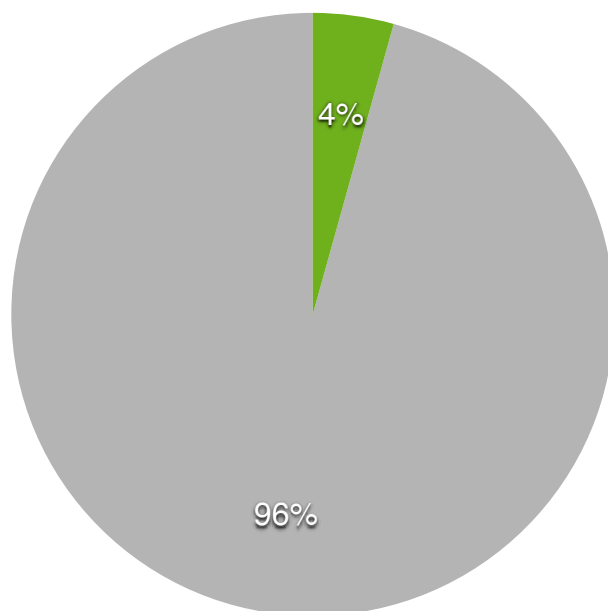
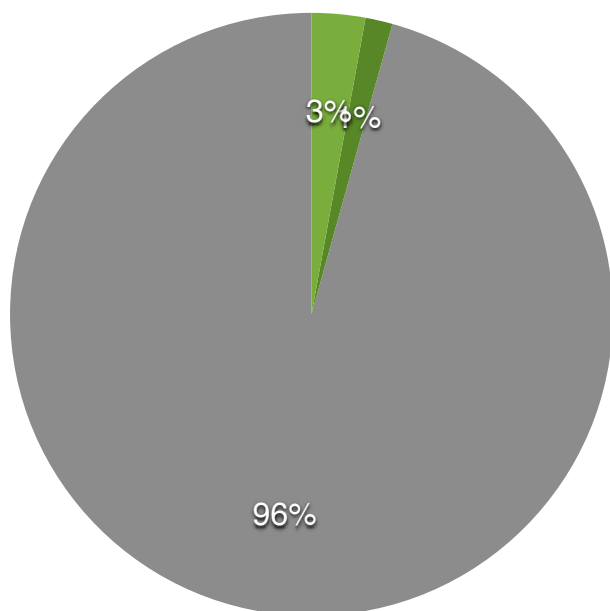


as tags de COPA separadas

| TAGS          | totais parciais |
|---------------|-----------------|
| copa do mundo | 618             |
| copa em sampa | 313             |
| o resto       | 20584           |
| TOTAL geral   | 21515           |

as tags de COPA unificadas

| TAGS        | totais parciais |
|-------------|-----------------|
| copa        | 931             |
| o resto     | 20584           |
| TOTAL geral | 21515           |

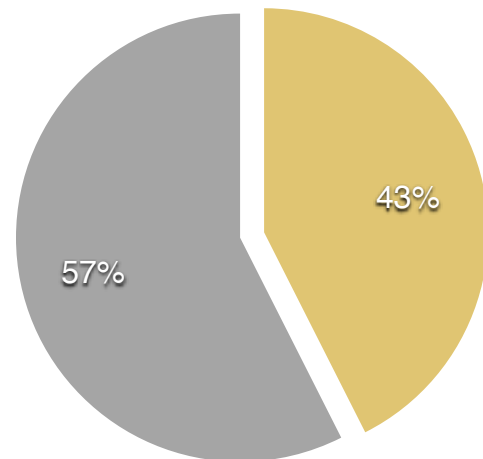
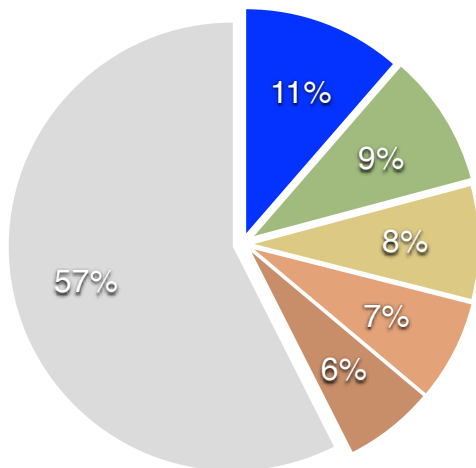


● copa do mundo ● copa em sampa ● outros

● copa ● o resto

### TOP 5 da candidatura coadjuvante

| TAGS          | totais |
|---------------|--------|
| violência     | 970    |
| acidente      | 808    |
| tragédia      | 692    |
| caos aéreo    | 611    |
| administração | 549    |
| outros        | 4902   |



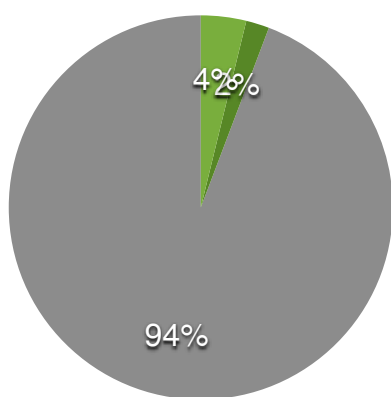
● violência    ● acidente    ● tragédia  
● caos aéreo    ● administração    ● outros

● top 5

● outros

as tags separadas coadjuvante

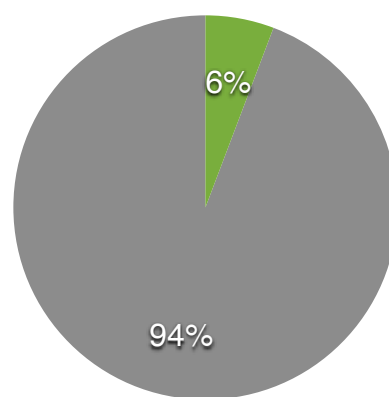
| TAGS               | totais parciais |
|--------------------|-----------------|
| copa do mundo      | 325             |
| copa em sampa      | 167             |
| o resto            | 8040            |
| <b>TOTAL geral</b> | <b>8532</b>     |



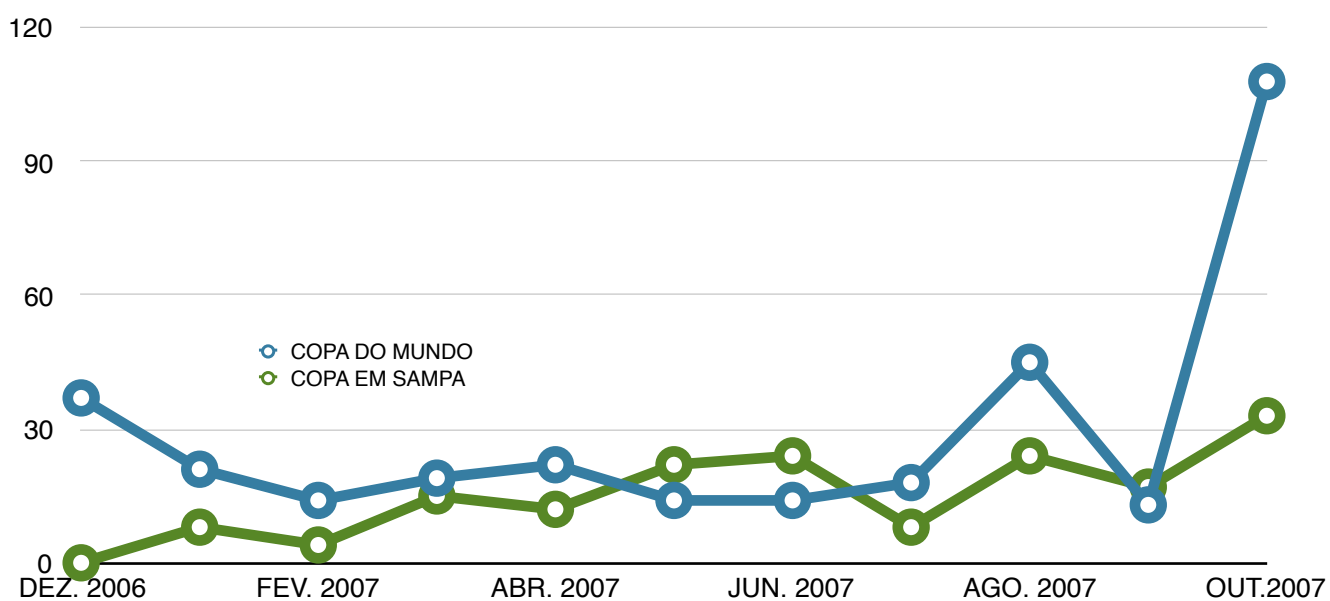
● copa do mundo ● copa em sampa  
● o resto

as tags unificadas coadjuvante

| TAGS               | totais parciais |
|--------------------|-----------------|
| copa               | 492             |
| o resto            | 8040            |
| <b>TOTAL geral</b> | <b>8532</b>     |

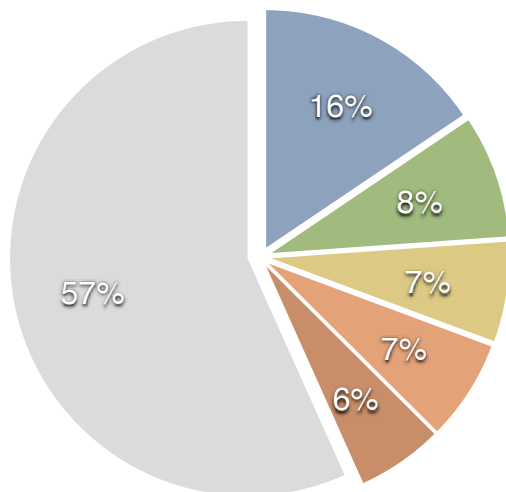


● copa ● o resto

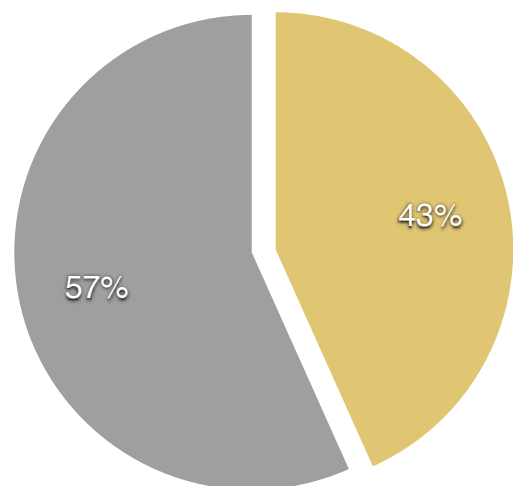


TOP 5 cand. prot.

| TAGS             | totais |
|------------------|--------|
| violência        | 2020   |
| cidade           | 1080   |
| esporte em sampa | 882    |
| trânsito         | 882    |
| administração    | 757    |
| outros           | 7362   |



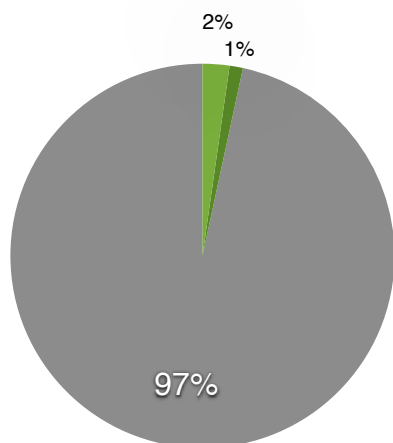
● violência  
● esporte em sampa  
● administração  
● cidade  
● trânsito  
● outros



● top 5  
● outros

as tags separadas protagonista

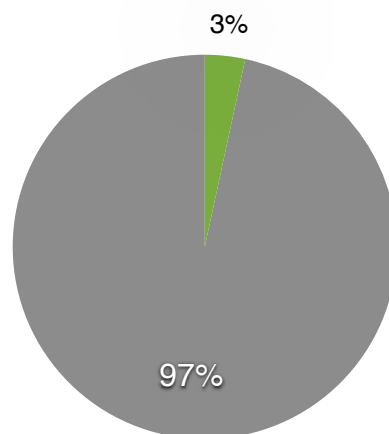
| TAGS               | totais parciais |
|--------------------|-----------------|
| copa do mundo      | 293             |
| copa em sampa      | 146             |
| o resto            | 12544           |
| <b>TOTAL geral</b> | <b>12983</b>    |



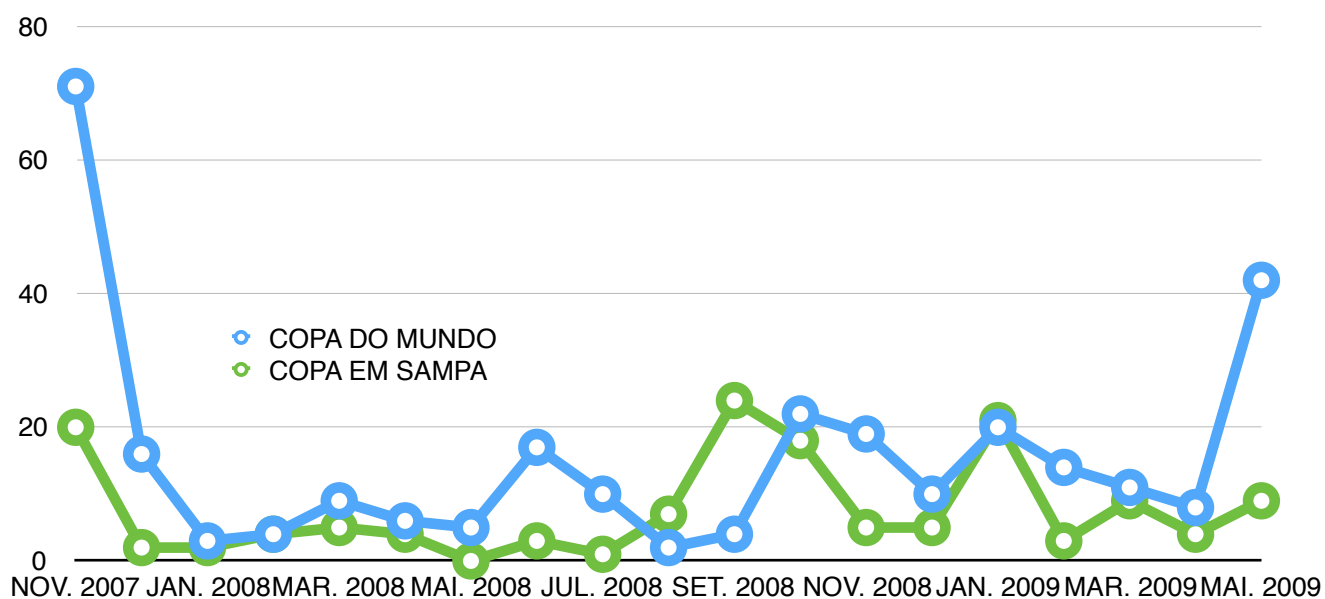
● copa do mundo ● copa em sampa  
● o resto

as tags unificadas protagonista

| TAGS               | totais parciais |
|--------------------|-----------------|
| copa               | 439             |
| o resto            | 12544           |
| <b>TOTAL geral</b> | <b>12983</b>    |



● copa ● o resto



# ranking de tags geral

| TAGS             | totais |
|------------------|--------|
| violência        | 2990   |
| cidade           | 1612   |
| esporte em sampa | 1337   |
| administração    | 1306   |
| acidente         | 1273   |
| trânsito         | 1186   |
| corrupção        | 1083   |
| educação         | 864    |
| tragédia         | 851    |
| saúde            | 827    |
| transporte       | 774    |
| evento           | 744    |
| caos aéreo       | 694    |
| consumo          | 636    |
| política         | 624    |
| copa do mundo    | 618    |
| protesto         | 608    |
| cultura          | 537    |
| meio ambiente    | 405    |
| questão imob.    | 314    |
| copa em sampa    | 313    |
| festas           | 308    |
| interv. urbana   | 272    |
| economia         | 241    |
| religião         | 215    |
| chuva            | 191    |
| legislativo      | 189    |
| patrimônio       | 161    |
| cidade limpa     | 124    |
| clima            | 109    |
| água             | 67     |
| luz              | 30     |
| plano diretor    | 12     |
| TOTAL            | 21515  |

ranking de tags coadjuvante

| TAGS             | cand. coadjuvante |
|------------------|-------------------|
| violência        | 970               |
| acidente         | 808               |
| tragédia         | 692               |
| caos aéreo       | 611               |
| administração    | 549               |
| cidade           | 532               |
| esporte em sampa | 455               |
| corrupção        | 432               |
| transporte       | 406               |
| copa do mundo    | 325               |
| trânsito         | 304               |
| educação         | 295               |
| protesto         | 275               |
| saúde            | 212               |
| evento           | 208               |
| copa em sampa    | 167               |
| cultura          | 160               |
| consumo          | 134               |
| festas           | 126               |
| questão imob.    | 119               |
| religião         | 101               |
| meio ambiente    | 97                |
| patrimônio       | 97                |
| cidade limpa     | 94                |
| legislativo      | 82                |
| chuva            | 80                |
| economia         | 66                |
| interv. urbana   | 62                |
| clima            | 31                |
| água             | 21                |
| política         | 11                |
| plano diretor    | 6                 |
| luz              | 4                 |
| TOTAL            | 8532              |

ranking de tags protagonista

| TAGS            | cand. protagonista |
|-----------------|--------------------|
| violência**     | 2020               |
| cidade**        | 1080               |
| esporte em sp** | 882                |
| trânsito**      | 882                |
| administração** | 757                |
| corrupção**     | 651                |
| saúde           | 615                |
| política        | 613                |
| educação        | 569                |
| evento          | 536                |
| consumo         | 502                |
| acidente        | 465                |
| cultura         | 377                |
| transporte      | 368                |
| protesto        | 333                |
| meio ambiente   | 308                |
| copa do mundo   | 293                |
| interv. urbana  | 210                |
| questão imob.   | 195                |
| festas          | 182                |
| economia        | 175                |
| tragédia        | 159                |
| copa em sampa   | 146                |
| religião        | 114                |
| chuva           | 111                |
| legislativo     | 107                |
| caos aéreo      | 83                 |
| clima           | 78                 |
| patrimônio      | 64                 |
| água            | 46                 |
| cidade limpa    | 30                 |
| luz             | 26                 |
| plano diretor   | 6                  |
| TOTAL           | 12983              |